José Benedito de Almeida Gomes
Padre Julio César Fernandes



Onde a Igreja resplandece

Arquidiocese de Sorocaba, 100 anos de evangelização



EDUNISO

Onde a Igreja resplandece

Arquidiocese de Sorocaba, 100 anos de evangelização

Reitor: Rogério Augusto Profeta

Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis – Prograd: Fernando de Sá Del Fiol

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação – Propein: José Martins de Oliveira Jr.

Direção Editorial: Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editoras Assistentes: Silmara Pereira da Silva Martins; Vilma Franzoni

Conselho Editorial

Adilson Rocha

Daniel Bertoli Gonçalves

Denise Lemos Gomes Luz

Filipe Moreira Vasconcelos

José Ferreira Neto

José Martins de Oliveira Junior

Marcos Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editora da Universidade de Sorocaba - Eduniso
Biblioteca "Aluísio de Almeida"
Rodovia Raposo Tavares KM 92,5
18023-000 – Jardim Novo Eldorado
Sorocaba | SP | Brasil
Fone: 15 – 21017018
E-mail: eduniso@uniso.br
Site: https://editora.uniso.br

José Benedito de Almeida Gomes
Padre Julio César Fernandes

Onde a Igreja resplandece

Arquidiocese de Sorocaba, 100 anos de evangelização

Sorocaba/SP
Eduniso
2024

© 2024 Onde a Igreja resplandece: Arquidiocese de Sorocaba, 100 anos de evangelização.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

O conteúdo publicado nesta obra é de total e exclusiva responsabilidade do autor, que mantêm os respectivos direitos autorais, mas atribui o direito da primeira publicação para a Editora da Universidade de Sorocaba (Eduniso). O autor é responsável pela revisão do texto e por quaisquer violações a direitos autorais (ou outros direitos) de terceiros.

Ficha técnica

Capa, projeto gráfico e diagramação: Eliezer Silva Proença
Ilustrações: Júlio Durski; Camillo Lellis; Francisco Scardigno; Dom José Carlos de Aguirre; Acervo Arquidiocesano; Museu Histórico Sorocabano; Pastoral da Comunicação (PasCom) Arquidiocesana; jornal 'Diário de Sorocaba' (Fernando Rezende, no último período); Fernando Celso Negrão Duarte, Maurício de Luca, Silvio Rosa Santos Martins e acervo pessoal do autor.
Foto da capa: Cícero Antônio de Souza
Normalização: Vilma Franzoni
Produção Editorial: Silmara Pereira da Silva Martins

Ficha Catalográfica

Gomes, José Benedito de Almeida.

Onde a Igreja resplandece: Arquidiocese de Sorocaba, 100 anos de evangelização / José Benedito de Almeida Gomes, Julio César Fernandes. – Sorocaba, SP : Eduniso, 2024.

672p.

ISBN: 978-65-89550-22-8 (impresso)

ISBN: 978-65-89550-21-1 (digital)

1. Igreja Católica. Arquidiocese de Sorocaba (SP) - História. 2. Evangelização – Igreja Católica – Sorocaba (SP). 3. Aguirre, José Carlos de, 1880-1973. 4. Campos, José Melhado, 1909-1996. 5. Lambert, José, 1929 – 2007. 6. Rodrigues, Eduardo Benes de Sales, 1941 - - 7. Akamine, Julio Endi, 1962 - - I. Fernandes, Julio César. II. Título.

Elaborada por Vilma Franzoni – CRB 8/4485

AGRADECIMENTOS

É com alegria e gratidão que apresentamos este livro em comemoração aos cem anos da Arquidiocese de Sorocaba. É uma obra que celebra não apenas um século de história e tradição, mas também a fé e devoção que têm sustentado nossa comunidade ao longo dos anos.

Em especial, gostaríamos de prestar uma homenagem aos padres Marivaldo de Oliveira e Tadeu Rocha Moraes, cuja contribuição a organização deste livro foi valiosa e exemplar. Também a todos os outros presbíteros, diáconos, religiosas e religiosos, consagradas e consagrados, leigas e leigos, cuja dedicação e amor pela Igreja foram fundamentais para agregar crescimento à publicação.

Aos Bispos, suas vidas são verdadeiros testemunhos do poder transformador da fé e do serviço abnegado. Seus ensinamentos, orientações e, exemplos de vida cristã, deixaram uma marca indelével em todos aqueles que tiveram a bênção de conhecê-los e serem guiados por suas palavras. Agradecemos pela dedicação pastoral, por serem faróis de luz em tempos de escuridão e por compartilharem conosco a jornada de fé, alicerçada na Palavra de Deus e no amor ao próximo. Que este livro seja um tributo singelo, sincero a missão e legado que deixaram em nossa Arquidiocese. Que as próximas gerações possam se inspirar em suas vidas e continuar o trabalho de construir uma comunidade baseada nos princípios do Evangelho.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 13

Livro do Centenário 13

APRESENTAÇÃO 17

O centenário da Arquidiocese e a ação evangelizadora 17

INTRODUÇÃO 25

À guisa de um centenário 25

À SOMBRA DA CRUZ E PROTEÇÃO DA VIRGEM DA PONTE .. 29

Os beneditinos e seu Mosteiro 33

Presença da Igreja em Sorocaba nos séculos XVIII e XIX 37

Mosteiro de Santa Clara e as Concepcionistas 39

Paroquiato edificante de Monsenhor João Soares em meio à epidemia 40

Presença das Beneditinas Missionárias de Tutzing, uma história à parte 46

NECESSIDADE DE UMA NOVA DIOCESE 51

Monsenhor Domingos Magaldi, também um fundador 55

"Mais cedo do que esperais tereis o vosso bispo" 58

SURGE A DIOCESE, DOM AGUIRRE É O PRIMEIRO BISPO .. 63

Sagração episcopal 67

A chegada e posse 69

A nova Diocese de Sorocaba 71

DOM JOSÉ CARLOS DE AGUIRRE, O FUNDADOR 73

Um Pastor no meio do povo 76

Vocações sacerdotais no centro das orações e coração do Bispo .. 78

Início de um episcopado. Uma sede para a Diocese 82
A segunda paróquia de Sorocaba 87
As ordens e congregações religiosas 94
Os Monges Cistercienses 101
Raízes e amor por Sorocaba 102
Congressos Eucarísticos, Ano Santo, Assunção de Nossa Senhora . 105
O Cabido Diocesano 110
O apostolado católico; a Padroeira da Diocese 111
Precursor do Ensino Universitário e das faculdades 115
Bispos mais jovens ao lado do Pastor 120
Muitas igrejas e o novo Mosteiro de Santa Clara 127
Consagrante de um bispo especial, o primeiro sorocabano a alcançar o Episcopado 130
'Dom Aguirre encontrou a vida. Está vivo!' 132

DOM JOSÉ MELHADO CAMPOS, O BISPO DO CONCÍLIO VATICANO II 139

O Juca se faz padre e chega ao Episcopado 143
Ministério fecundo e gratificante, mas também de desolação 145
Ecos do Concílio 150
Padres para a Diocese, novas paróquias e diáconos permanentes .. 152
Primavera dos movimentos eclesiais 157
O amigo e irmão de seus padres e diocesanos 161
Júbilo no cinquentenário 164
Novos sacerdotes como fruto jubilar 168
Em Dom Amaury Castanho, bispo auxiliar, um cirineu 170
O afastamento de Dom José Melhado 176
Em Tatuí, mas sem se esquecer de Sorocaba 179

DOM JOSÉ LAMBERT, BISPO E PRIMEIRO METROPOLITA . . . 181

Ação pastoral em cinco pontos 185

Primeira '*ad limina*' a João Paulo II 189

Busca por uma pastoral urbana, de conjunto e de unidade presbiteral 191

Expansão urbana, novas igrejas e paróquias 193

Alegria pela canonização de São Gaspar Bertoni e novas visitas '*ad limina*' 198

Primeiro arcebispo metropolitano 200

Uma Universidade para Sorocaba 202

Os Camilianos e a Pastoral da Saúde 204

Centro de Pastoral e Instituto de Teologia 206

Rumo ao Terceiro Milênio 207

2004, ano de gratidão a Dom José Lambert 209

Jubileu dos 80 anos da Arquidiocese e coroamento de um episcopado 211

Sorocaba chora a partida de João Paulo II, alegra-se com Bento XVI e espera pelo novo arcebispo 212

Arquidiocese despede-se de Dom Lambert 215

DOM EDUARDO BENES DE SALES RODRIGUES, O ARCEBISPO DA CATEQUESE, DA FÉ E DA MISERICÓRDIA 217

Um mineiro na Arquidiocese de Sorocaba 222

Somar à ação evangelizadora e missionária da Igreja de Sorocaba . 228

Na caminhada, Dom Eduardo vai se fazendo sorocabano 232

Dom Eduardo, comunicador da Boa Nova na TV e na mídia 234

Duas visitas históricas a Roma: '*ad limina*' a Bento XVI e reconhecimento pontifício da Comunidade Canção Nova 237

Os Teatinos e os Redentoristas em Sorocaba 241

Mosteiros de Sorocaba: dois jubileus gratificantes 244

Sorocaba recebe o Núncio Apostólico 246
Caminhada pastoral que segue... 248
Capela da Beata Chiara Luce, primazia mundial 254
'Doutor honoris causa' e a defesa da fé e da moral 256
'Ano da Fé' em 2012/2013; Ano Santo da Misericórdia em 2015/2016 261
Novos jubileus em 2014 a caminho do Centenário 268
Amoris Laetitia', a alegria do Amor 271
Aos 75 anos, à espera do sucessor 271
Novas paróquias e novos padres 274
Dom Eduardo Benes despede-se da Arquidiocese 276
Jubileu de Prata Episcopal 278

DOM JULIO ENDI AKAMINE, SAC, O ARCEBISPO DO CENTENÁRIO 281

Primeiro bispo nipo-brasileiro 284
A posse de Dom Julio em Sorocaba 291
'Fazer a Vontade de Deus' como programa 298
Tempos novos de evangelização 299
Dom Julio recebe o pálio arquiepiscopal 304
Ensinar, santificar e governar na caminhada do Arcebispo 311
Missão episcopal que segue 317
Chega a pandemia e Igreja adapta-se 320
Três meses depois, igrejas reabrem, mas com precauções 327
Catedral reabre na festa da Padroeira, com lançamento das celebrações jubilares de 100 anos 331
Restrições por conta da pandemia continuaram 334
Tempo de sinodalidade 338

Arcebispo vai à Ilha Marajó, retomando projeto de 'Igrejas Irmãs' com Ponta de Pedras 345

Dom Julio realiza primeira visita '*ad limina*' a Roma 349

Unidade dos Cristãos 354

Presidente do Regional Sul-1 da CNBB 356

Novos padres 359

A IGREJA DE SOROCABA RUMO AO CENTENÁRIO 361

Brasão da Arquidiocese é atualizado a caminho do Jubileu 365

Eventos marcam abertura do Ano do Centenário 371

Os Jubileus 374

Histórico Seminário é revitalizado no Centenário 376

O monumento do Centenário 378

Época de centenários à vista 379

REFERÊNCIAS 383

APÊNDICE A – A CATEDRAL METROPOLITANA DE NOSSA SENHORA DA PONTE 385

APÊNDICE B – SEMINÁRIO SÃO CARLOS BORROMEU, A `MENINA DOS OLHOS´ DE DOM AGUIRRE ... 439

APÊNDICE C – DE DIOCESE À ARQUIDIOCESE DE SOROCABA 473

APÊNDICE D – NOSSA SENHORA DA PIEDADE – PRIMEIRA BASÍLICA MENOR É PRESENTE PAPAL NO CENTENÁRIO DA ARQUIDIOCESE 485

APÊNDICE E – OS SANTUÁRIOS ARQUIDIOCESANOS 497

APÊNDICE F – SANTA CASA É MISERICÓRDIA 527

APÊNDICE G – A NOSSA ARTE SACRA 541

APÊNDICE H – PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE EM SEU CENTENÁRIO 547



Papa Pio XI (1922-1939)**,**
Instituidor da Diocese de Sorocaba pela Bula '*Ubi Praesules*' (4 de julho de 1924).



Dom José Carlos de Aguirre,
1º Bispo Diocesano de Sorocaba (1924-1973).



Dom José Melhado Campos,
Coadjutor e Administrador Apostólico (1965-1973) e 2º Bispo Diocesano de Sorocaba (1973-1981).

Dom José Lambert, CSS,
Coadjutor e Administrador Apostólico (1980-1981), 3º Bispo Diocesano (1981-1992) e 1º Arcebispo Metropolitano de Sorocaba (1992-2005).





Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues,
2º Arcebispo Metropolitano de Sorocaba (2005-2016).

Dom Julio Endi Akamine, SAC,
3º Arcebispo Metropolitano de Sorocaba (2017).





Papa São João Paulo II (1978-2005),
erigiu a Arquidiocese de Sorocaba a 29 de abril de 1992, pela Bula 'Brasiliensis Fidelis'.

Papa Francisco preside na caridade a Igreja no ano do centenário de instituição da (Arqui)Diocese de Sorocaba.



PREFÁCIO

Livro do Centenário

Querida leitora, caro leitor. Esta obra foi preparada com muito trabalho e carinho. O trabalho de pesquisa foi rigoroso no recurso às fontes e levantamento dos dados. O carinho decorreu do grande amor à Igreja Particular de Sorocaba.

Algumas perguntas iniciais nos ajudam a encontrar o fio condutor da elaboração deste livro. Na pesquisa histórica, o que foi estudado? As mudanças ocorridas na Igreja de Sorocaba sempre foram positivas? É possível avaliar essas mudanças como deformação ou como progresso daquilo que a Igreja é e deveria ser? Qual é o critério para discernir entre evolução positiva e negativa?

Para que um estudo histórico seja significativo, é preciso não ficar somente na classificação cronológica das formas históricas que a Igreja assumiu. Não se estuda a História somente para acumular informações e por simples erudição, mas para fazer uma leitura de fé dos dados históricos. A pesquisa histórica, sem desrespeitar o seu próprio método, procura ser, ao mesmo tempo, reflexão teológica, pois procura interpretar os resultados de sua investigação à luz da Palavra de Deus, visto que, pela fé, constatamos que Deus age e está presente na História.

O que o leitor(a) encontrará nesta obra não é, portanto, uma leitura neutra das mudanças da Igreja de Sorocaba através do tempo. Pelo contrário, trata-se de uma leitura de fé do seu passado. Esta leitura engajada exige, em consequência, o discernimento entre a

fidelidade criadora das deformações, entre os aspectos essenciais da Igreja nas suas formas contingentes e entre os elementos eclesiais imutáveis das suas manifestações históricas.

Qual é o critério que permite fazer esse discernimento? O critério só pode ser um, o modelo originário da Igreja Primitiva do Novo Testamento, com particular atenção aos seus elementos constitutivos, que devem continuar no tempo. Esperamos que o leitor (a) possa perceber, na exposição histórica, que a Igreja do Novo Testamento permanece critério de discernimento das mudanças históricas também da Igreja de Sorocaba.

Além de fazer recurso ao modelo da Igreja Primitiva como critério de discernimento, a presente obra parte de uma aceitação positiva da renovação promovida pelo Concílio Vaticano II. Trata-se de uma aceitação da opção fundamental do Concílio: a Igreja só permanece fiel às suas origens ao se renovar para responder aos desafios das novas situações.

Nesse sentido, é iluminador reler um extrato do discurso do papa João XXIII que abriu a Primeira Sessão do Concílio, no dia 11 de outubro de 1962. Mais do que uma mera formalidade, esse discurso representa a atitude da Igreja que valeu não somente durante o Concílio, mas também para os dias atuais:

> O *punctum saliens* deste Concílio não é a discussão de um ou outro artigo, da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, pois este supõe-se bem presente e familiar ao nosso espírito. Para isto, não haveria necessidade de um Concílio. Mas (sic) da renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão, como brilha

> nos Atos Conciliares, desde Trento até ao Vaticano I, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências, em correspondência mais perfeita com a fidelidade à doutrina autêntica; mas (sic) também que esta seja estudada e exposta por meio de formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno. Uma é a substância da antiga doutrina do *depositum fidei* e outra é formulação que a reveste: e é disto que se deve – com paciência, se necessário – ter grande conta, medindo tudo nas formas e proporções do magistério prevalentemente pastoral... Sempre a Igreja se opôs aos erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Nos nossos dias, porém, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade: julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validez da sua doutrina que condenando erros... A Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio, o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade para com os filhos dela separados (João XXIII, 1962 *apud* Kloppenburg, 1968, p. 8).

A renovação conciliar emerge da autocompreensão da Igreja, que se reconhece sempre necessitada de reforma (*ecclesia semper reformanda*). Para que haja verdadeira e profunda renovação da Igreja, não bastam mudanças superficiais e, muito menos, oportunistas. Nesse sentido, o Concílio postulou a reforma autêntica, que só pode ser realizada mediante o retorno às fontes bíblicas e patrísticas e a atenção aos sinais dos tempos. Do caráter pastoral do Concílio emerge explicitamente a vontade de renovação da Igreja Particular de Sorocaba.

Dessa forma, esperamos que o leitor(a) possa intuir na história da Igreja de Sorocaba a inspiração dos grandes textos do Vaticano II que abordam, cada um a sua maneira, as dimensões fundamentais da Igreja: seu mistério na *Lumen Gentium*, a função dos bispos

em *Christus Dominus*, a dos sacerdotes em *Presbyterorum Ordinis*, a dimensão missionária em *Ad Gentes*, o ecumenismo em *Unitatis Redintegratio*, a relação com a sociedade em *Gaudium et Spes*, a unidade entre Escritura, Tradição e Magistério em *Dei Verbum*, a defesa da liberdade religiosa na declaração *Dignitatis humanae* e o respeito pelas religiões não cristãs em *Nostra Aetate*.

É preciso repetir e reforçar que a Igreja Particular de Sorocaba, nestes cem anos de história, teve como rumo orientador de seu desenvolvimento a Igreja do Novo Testamento e, como seu modo fiel de aplicação aos tempos atuais, o Concílio Vaticano II. A essas duas referências, a Igreja de Sorocaba se manterá fiel.

Dom Julio Endi Akamine, SAC

Arcebispo Metropolitano de Sorocaba

APRESENTAÇÃO

O centenário da Arquidiocese e a ação evangelizadora

Desde 2020, iniciamos uma caminhada que se estendeu nestes últimos cinco anos em nossas comunidades, até chegarmos a este momento histórico para a Igreja Particular de Sorocaba. Celebramos o primeiro centenário de criação da Diocese de Sorocaba. São 100 anos de evangelização e caminhada de fé. Para recordar esta caminhada, houve uma preparação prévia e cuidadosa, para que esta data fosse lembrada com profunda reverência. Com muita presteza, unimos nossa preparação ao Centenário com as urgências pastorais próprias de nosso tempo. A Igreja tem nos convidados a um novo passo em nossa ação evangelizadora, e não podemos fazer isso sem trazer o dinamismo da missão e a urgência do Evangelho às nossas ações pastorais.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 (DGAE, Documento da CNBB, 109) iluminaram esta nossa caminhada, recordando que é imprescindível nos colocarmos nos passos da missão, para que, cada vez mais, sejamos a Igreja-Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária, que acolhe e nos envia em missão para edificar um novo Reino, a 'Civilização do Amor'. As Diretrizes partem de um objetivo geral que deve ser o fio condutor de toda ação evangelizadora: "Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude". Neste sentido, estruturadas a partir da comunidade eclesial missionária, as Diretrizes, propõem compreendermos a Igreja como 'casa',

‘construção de Deus’ (1Cor 3,9). A casa, entendida como ‘lar’ para os seus habitantes, acentua a personalização da evangelização e da pastoral, voltando um olhar cuidador sobre a pessoa em sua individualidade, atenta às alegrias e tristezas, esperanças e angústias que clamam por ética e sentido da vida nesta mudança de época.

Em nosso tempo, diante da complexidade da sociedade, recordamos a indicação de Aparecida sobre as pequenas comunidades eclesiais, consideradas um ambiente propício para escuta da Palavra de Deus, para viver a fraternidade, animar a oração, aprofundar processos de formação na fé e fortalecer o firme compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje (DAp, 308). É na força da Palavra de Deus que devemos formar verdadeiras comunidades de discípulos missionários (At 2,42-47; 4,32-37), que sejam casa da Palavra, casa do Pão, casa da Caridade e casa da Missão, sendo ‘sal da terra e luz do mundo’ (Mt 5,13-14), propiciadoras da iniciação à vida cristã, anunciadoras do Evangelho da família, abertas aos jovens, comprometidas com os pobres e de portas abertas para acolher a todos.

Enquanto Igreja Particular de Sorocaba, caminhando rumo ao nosso Centenário, somos convidados a animar nossas comunidades, vivenciando um contínuo estado de missão evangelizadora. É preciso que nos tornemos uma Igreja-Casa acolhedora como a mãe que cuida de seus filhos indistintamente; uma Igreja-Arquidiocese que sabe olhar sua própria história e dela tirar os preciosos tesouros para usá-los a seu tempo (Mt 13,52). Celebrando nossa história e, ao mesmo tempo, anunciando, vivendo e construindo o projeto de Deus, o seu Reino. Nesta nossa caminhada histórica, recordamos tantas iniciativas, nas quais percebemos como o Senhor foi bondoso para conosco, como foram bons os projetos realizados e as ações

pastorais acontecidas. Todas elas são motivo de louvor e gratidão a Deus de nossa parte. Interpelados por um mundo em mudança, somos chamados a dar continuidade em nossa ação evangelizadora, deixando-nos conduzir pelo Senhor que renova todas as coisas (Ap 21,5), para uma autêntica ação sempre nova.

Sabemos que as mudanças sociais são grandes desafios à evangelização. A atualização da mensagem cristã nas diversas realidades e em diferentes tempos fez surgir esta iniciativa evangelizadora e missionária em nossas comunidades, a qual denominamos 'pastoral'. E para, de fato, compreendermos a 'pastoral', é preciso voltar às nossas origens. A experiência de ver Jesus Ressuscitado e ouvir suas palavras: "Como o Pai me enviou, Eu também os envio" (Jó 20,21), "Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os..." (Mt. 28,19) ecoou na vida dos discípulos e, a partir deles, na vida de tantos outros que se fizeram discípulos, permitindo que a Boa Nova fosse anunciada em todos os tempos e lugares.

A Igreja, nascida do mandato de Jesus e do testemunho dos seus discípulos, conheceu grandes e inúmeros Pastores em sua caminhada. Pedro e Paulo são, juntos, protagonistas dessa missão dada pelo Senhor. Por sua fidelidade, souberam, como Ele, dar a vida pelo rebanho. Pedro recebeu de Cristo a missão de apascentar a Igreja nascente; Paulo, com inigualável dinamismo, levou a Igreja nascente a abrir-se aos pagãos e despertar seguidores de Jesus além da Judéia, da Samaria e dos confins da Terra, até chegar a nós.

Através da História, vemos que a Igreja, assistida pelo Espírito Santo, sempre revelou preocupação pastoral, como forma de responder aos desafios que se apresentaram à vivência da proposta cristã. Assim, a 'pastoral' foi se fazendo em cada tempo e lugar, com atitudes

e respostas pastorais suscitadas pelo Espírito, sempre a partir das urgências e necessidades de cada situação e época. O Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa São João XXIII, com explícita orientação pastoral, abriu novos horizontes à compreensão da pastoral. O Concílio trouxe à pastoral um grande desafio, que foi o ideal de 'diálogo' com o mundo e com os leigos. Esse novo conceito de pastoral foi explicitado através da palavra: 'aggiornamento', que implica necessariamente numa permanente atitude pastoral, mais que as atividades a serem realizadas em algum momento ou realidade.

A Igreja é sacramento, é sinal de que o Reino de Deus está presente no mundo. Não há distância entre as tarefas espirituais e temporais. No dizer do Papa São Paulo VI, "entre evangelização e promoção humana existem laços profundos". A preocupação histórica e o discernimento dos 'sinais dos tempos' são levados a sério em nossa realidade a partir de Medellín e Puebla, indicando o caminho que as Igrejas locais e comunidades cristãs deveriam percorrer na busca de atuação adequada a sua realidade social, política e econômica. Se em Medellín houve para a Igreja da América Latina o incentivo para uma pastoral de conjunto, em Puebla foram palavras de ordem, convocando todos a serem corresponsáveis pela Igreja e pela ação transformadora em defesa da vida.

Nossa caminhada nos faz perceber que a reflexão pastoral se desenvolve sempre a partir do tempo, da realidade da pessoa e de sua situação concreta, por isso a resposta pastoral sempre está se refazendo. A Igreja toma consciência da inadequação às novas situações históricas da pastoral do passado e profeticamente projeta o futuro. A ação do cristão e da Igreja sempre terá, porém, um aspecto de risco, que vem da escolha de uma entre outras tantas possibilidades.

É com a força do mandato de Jesus, contudo, que a Igreja se coloca em saída, "para que haja vida em plenitude para todos" (Jo 10,10). Da urgência de uma pastoral sempre atual, dando respostas aos desafios próprios de cada tempo, vemos a resposta da Igreja que, aberta ao Espírito Santo, suscita sempre novas iniciativas para uma 'Igreja em saída'. É preciso acolhermos, com solicitude, os anseios propostos a nós, seja pelas ações pastorais concretas que movem e dinamizam nossas comunidades, seja pelas iniciativas propostas pela Igreja em seu olhar de cuidado e presença profética por meio de iniciativas como as DGAE, que pretendem ser luz para orientar nossa pastoral de maneira organizada e eficaz diante do tempo que vivemos.

Pastoral é o 'presente da Igreja' enquanto decide a própria atualização. A cada um, segundo sua condição, é confiada a missão de ser 'bons pastores' na família, na comunidade e na sociedade e de participar na transformação da realidade onde vivemos. Pastoral é uma ação evangelizadora organizada da Igreja para o mundo. Seu objetivo é evangelizar, anunciar o reino de Deus, integrando as ações evangelizadoras que florescem em nossas comunidades como verdadeiras comunidades eclesiais missionárias em estado permanente de missão (DGAE 2019-2023, 186-188).

A história nos mostra que a ação pastoral da Igreja está dentro de circunstâncias. Surgem em um determinado período ou diante de uma necessidade e, por isso, podem terminar ou decididamente reconfigurarem-se. Esta é a dinâmica do Espírito que, recordo, faz nova todas as coisas. O importante é estarmos abertos ao novo de Deus (DAp, 513). Escutemos mais uma vez o clamor do Senhor e saiamos em missão, pois o Senhor nos envia para continuarmos construindo a história de nossa amada Igreja na Arquidiocese de Sorocaba e faremos isso ao passo que fizermos uma pastoral decididamente evangelizadora e missionária.

A expressão 'Igreja em saída', apresentada pelo Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, é de grande importância em nosso tempo. A Igreja, embora seja a mesma, se concretiza no tempo e no espaço diante das transformações de uma sociedade em mudança. Uma 'Igreja em saída' é aquela que toma consciência da necessidade de unir suas forças pastorais para anunciar Cristo e ir ao encontro das situações periféricas na sociedade, ao mesmo tempo que se coloca como local do encontro para aqueles que buscam a pessoa de Jesus. Seremos uma Igreja que evangeliza se formos uma 'Igreja em saída' daquilo que se está acostumado a fazer. Sair dos espaços onde estamos instalados e irmos onde as pessoas estão. Sermos uma Igreja com coragem de se despojar. Hoje, não podemos considerar tranquila, nem automática a transmissão e a vivência da fé às gerações. Precisamos retomar o anúncio explícito do Querigma. A Conferência de Aparecida (2007) também nos interpelou para a urgência da conversão pastoral, deixando de lado algumas estruturas ultrapassadas que já não favorecem a evangelização, assumindo uma ação pastoral evangelizadora de modo eficaz, vivencial e decididamente missionária.

É preciso anunciar a fé, redescobrindo a identidade do ser cristão, do ser Igreja, em todo ambiente e cultura, mas sempre à luz do Evangelho. Devemos estar no mundo sem se identificar plenamente com o mundo, anunciando-lhe a Boa Nova, fortalecendo aquilo que faz parte do Reino de Deus e questionando aquilo que não faz. Para ser uma Igreja próxima das pessoas, é preciso ir às realidades territoriais e ambientais, adequar-se aos horários e ritmo de vida, proporcionar uma vivência religiosa como processo contínuo de Iniciação à Vida Cristã e marcar presença nos meios de comunicação com conteúdo efetivamente cristão e com qualidade de serviço.

Uma 'Igreja em saída' é, essencialmente, uma comunidade que gera comunhão, participação e missão. Neste sentido, é preciso trabalhar o senso de pertença e comunhão em nossa evangelização. Isso implica aprofundar a sinodalidade em nossa ação evangelizadora. Percebemos que nossa sociedade não é uma realidade que se deixa iluminar tão facilmente pelo Evangelho. As contínuas mudanças que ocorrem em nossa época produzem um fascínio que tanto fortalece, quanto fragiliza a existência humana e a vida comunitária e social. Novas tecnologias aproximam e distanciam, conectam e isolam. Se antes a inteligência artificial parecia algo distante da nossa realidade, agora ela se faz cada vez mais presente, alterando nossa rotina e gerando questionamentos sobre o futuro da tecnologia e também da Humanidade. O ser humano se acha autossuficiente, rompe com o transcendente e a tradição, descuida do senso de pertença à religião, à comunidade e à família. Nesse contexto, se altera a nossa percepção da realidade, incidindo diretamente sobre a transmissão da fé às novas gerações.

Vivemos, hoje, numa sociedade laica, plural e secularizada que, de fato, não é antirreligiosa, mas que situa todas as suas convicções no terreno da livre-adesão. Recordando o que nos propõe a eclesiologia do Concílio Vaticano II e escutando mais o que o processo sinodal tem oferecido, cresce a necessidade de valorizarmos mais nossa Igreja, renovando o senso de pertença à diocese e à paróquia, nossa diocesaneidade. E, cientes de que a evangelização é sempre comunitária, desperta-se o senso de sinodalidade, de caminhar juntos. Na sinodalidade, são imprescindíveis a participação e a corresponsabilidade de todos os batizados nos processos pastorais empreendidos pela comunidade, que mantém uma profunda comunhão afetiva e efetiva com a diocese ou arquidiocese e, dessa forma, com a Igreja de Roma.

Somente nesse movimento de comunhão com o Bispo e o Papa é que cada comunidade pode se dizer católica e apostólica. Essa comunhão nos faz partir de um fundamento comum: a mesma fé e ter o olhar voltado na mesma direção, respeitando a pluralidade de cada local, mas sempre caminhando na unidade. Na comunidade se manifesta o mistério da Igreja, chamada constantemente a ser missionária da obra salvífica que Cristo realiza. Os fiéis de cada paróquia se empenham na evangelização e na pastoral, para que a comunidade seja sinal visível de Cristo onde está inserida.

Nesta obra, apresentamos um pouco da caminhada histórica da Arquidiocese de Sorocaba. São 100 anos proclamando a Palavra de Deus, celebrando os Sacramentos, testemunhando a ação de Deus, evangelizando com ardor missionário. Trilhando os caminhos de nossa história nestas páginas, você percorrerá um caminho feito por muitas pessoas – clérigos, religiosos e religiosas, consagrados e consagradas, leigos e leigas – todos no mesmo caminho, mas com passos distintos, não pela missão que é sempre a mesma - anunciar a Cristo e seu Reino -, mas pela função, cada um com sua resposta ao chamado de Deus.

Todos fomos e somos chamados a retomar a vocação fundamental de nosso Batismo, enfatizando nossa vocação universal à santidade. Deste modo, tomamos consciência de que todas as vocações, carismas e ministérios são fundamentais para a edificação da comunidade na comunhão, participação e missão, envolvendo todos os cristãos como protagonistas da ação evangelizadora da Igreja, em perspectiva de um caminho sinodal para uma 'Igreja em saída'.

Padre Julio César Fernandes
Coordenação Arquidiocesana de Pastoral
Comissão Arquidiocesana Pró-Centenário

INTRODUÇÃO

À guisa de um centenário

Aproximando-nos cada vez mais das celebrações do centenário da Arquidiocese de Sorocaba, com sua data magna a 4 de julho de 2024, lançamo-nos à gratificante tarefa de coligir os principais fatos e acontecimentos que forjaram sua caminhada histórica, pastoral, evangelizadora e missionária até aqui. Outro objetivo não nos animou neste desiderato senão o afã de oferecer a todos quantos chegarem a presente obra uma síntese daquilo que se construiu ao longo dos anos de existência desta Igreja Particular, é certo não superior a um século, mas com raízes fincadas bem lá trás, ainda no século XVII, quando por aqui chegaram as primeiras famílias colonizadoras e, à sombra da Cruz e bênçãos e proteção da Virgem Santíssima, o bandeirante Baltazar Fernandes fundou, em fins de 1654, o Povoado e, logo depois, Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba.

Em si, a centenária Arquidiocese de Sorocaba é fruto da vertiginosa expansão geográfica e populacional, assim como do grande desenvolvimento social e econômico que todo o Estado de São Paulo experimentou no pós-proclamação da República e anos iniciais do século XX, levando a Santa Sé logo a acolher insistentes apelos de suas lideranças eclesiásticas de então por uma redivisão territorial, com a criação de dioceses e nomeação de novos bispos. Já em 1908 o primeiro passo é dado e o Papa Pio X acolhe proposta do então bispo da Diocese de São Paulo (à época, única em território paulista e também com jurisdição alcançando muitas paróquias do Paraná e de Minas Gerais), Dom Duarte Leopoldo e Silva, alçando-a à dignidade de arcebispo metropolitano, concomitantemente

com o surgimento de cinco novas dioceses sufragâneas cobrindo todo o interior do Estado (Botucatu, Ribeirão Preto, Campinas, São Carlos e Taubaté).

Foram anos mais tarde, a 4 de julho de 1924 então, que pela bula pontifícia intitulada '*Ubi Praesules*' ('Onde os bispos') o Papa Pio XI, elevado ao Trono de Pedro dois anos antes, em 1922, estabelecia a criação de duas outras circunscrições eclesiásticas dentro do território paulista, as dioceses-irmãs de Santos e Sorocaba, ao mesmo tempo em que pela bula *'Comissum humilitati'* designava como primeiro bispo de Sorocaba o cônego José Carlos de Aguirre, do clero paulistano e pároco da Matriz de Bragança Paulista.

Buscamos dar forma jornalística ao nosso trabalho, conscientes de que para historiar toda essa caminhada seriam necessárias, porém, páginas e mais páginas, milhares de páginas, muitos volumes. De comum acordo com os padres Julio César Fernandes e Marivaldo de Oliveira, indicados pelo Sr. Arcebispo Dom Julio Endi Akamine, SAC, para orientar, traçar linhas e conduzir este trabalho histórico-literário, optamos por, após um breve aceno ao surgimento do Povoado e Vila Nova de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba e à caminhada histórica da Igreja ao longo de quase 250 anos de sua existência e ainda do contexto que desembocaria na criação canônica das centenária (Arqui)Diocese, resgatar acontecimentos, fatos e personagens que alicerçaram esse século de trajetória da Igreja Particular de Sorocaba, enfeixando-os por períodos de governo eclesial de cada um de seus cinco bispos titulares: Dom José Carlos de Aguirre (inclusive, com um capítulo especial dedicado ao Seminário Diocesano 'São Carlos Borromeu'), Dom José Melhado Campos, Dom José Lambert CSS, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues e Dom Julio Endi Akamine, SAC.

Por mérito e justiça, é preciso deixar registrado também que para nossos escritos, além de pesquisas em publicações jornalísticas, presentes em nossa hemeroteca que fomos formando ao longo de mais de cinquenta anos de atuação na Imprensa sorocabana, memórias pessoais e outras fontes primárias, para particularmente os episcopados de Dom José Carlos de Aguirre e de Dom José Melhado Campos nos servimos também de três livros básicos para tais pesquisas publicados em diferentes épocas e realidades eclesiais e que se constituem hoje em ricas obras literárias de resgate da história da Igreja em Sorocaba: "A Diocese de Sorocaba e seu Primeiro Bispo", de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida (Aluísio de Almeida), edição comemorativa ao cinquentenário da Diocese, organizada por Monsenhor José Ribeiro Viana (Obra Filial da Pontifícia Obras das Vocações Sacerdotais/Diocese de Sorocaba, 1974), "Dom Aguirre, Vida e Obra", do professor Aldo Vannucchi (Eduniso, 2013), e "Memórias da Diocese de Sorocaba", de autoria de Dom José Melhado Campos (Editora Salesiana Dom Bosco, de São Paulo, 1988).

Recordar é, assim, "viver a História e é ver a confirmação de Deus a nossa ação evangelizadora" (recente homilia de Dom Julio Akamine, a propósito da aproximação do centenário da Igreja Particular de Sorocaba).

Boa leitura a todos!

José Benedito de Almeida Gomes

À SOMBRA DA CRUZ E PROTEÇÃO DA VIRGEM DA PONTE



Virgem da Ponte. Invocação única no Brasil e em toda América, foi o fundador Baltazar Fernandes que trouxe a Sorocaba a devoção a Nossa Senhora da Ponte. Aqui, a segunda imagem da Virgem da Ponte, vinda do Porto, Portugal, e que chegou em 1771.

O território que hoje constitui a centenária Arquidiocese de Sorocaba tem suas bases históricas e geográficas assentadas a partir da segunda metade do século XVII, com a chegada do capitão Baltazar Fernandes às terras que lhe pertenciam por herança familiar. Bandeirante, integrava tradicional família de povoadores que deixaram o Ibirapuera, nas cercanias da nascente Vila de São Paulo de Piratininga, liderados pela matriarca Suzana Dias e pelo irmão mais velho André Fernandes, para se estabelecerem em Santana do Parnaíba primeiramente. Em 1610, seu irmão Domingos Fernandes já liderara a fundação de Itu em suas terras, colocando-a sob a proteção de Nossa Senhora da Candelária.

Anteriormente, até quase o final do século XVI, tudo é mistério acerca da região, "a não ser que por aqui passava o célebre `peabiru´, o lendário caminho em linha imaginária que os indígenas utilizavam em suas andanças entre o litoral e o sertão", chegando ao outro extremo continental, onde estava o Oceano Pacífico, como relata em seus escritos o historiador sorocabano Monsenhor Luiz Castanho de Almeida (Aluísio de Almeida)[1]. Também segundo Aluísio de Almeida, entre os anos de 1589 e 1597 Afonso Sardinha, pai e filho, exploraram metais preciosos e ferro no Morro do Araçoyaba (popularmente conhecido hoje como Ipanema), para onde veio em

[1] Citações a Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, que em seus livros e escritos dos mais variados estilos não relacionados à Igreja e à história eclesiástica optara por assinar utilizando-se do pseudônimo Aluísio de Almeida (inicialmente simplesmente Arnobius), permeiam boa parte dos capítulos deste trabalho, com destaque a dois de seus livros mais antológicos: 'História de Sorocaba', editado em 1969 pelo Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, e 'A Diocese de Sorocaba e Seu Primeiro Bispo', editado em 1974, no ano do cinquentenário de criação da Diocese, pela Filial da Catedral de Sorocaba da Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais e impresso pela Editora dos Padres Salesianos, de São Paulo. Inclusive, ao decorrer do livro outros aspectos de sua vida, vocação e obra aparecerão, tanto nos textos, como em notas anexas a cada capítulo, norteando a centenária caminhada da Arquidiocese.

pessoa o governador geral do Brasil, Dom Francisco de Souza, em 1599, fundando ali uma Vila sob a proteção de Nossa Senhora do Montserrat. Porém, não havendo ouro ou outros materiais preciosos, não prosperou. Em 1611, então governador do Sul, o mesmo Dom Francisco de Souza aprovou a transferência do pelourinho[2] da Vila do Araçoyaba para o Itavuvu, a algumas léguas do local, desta vez sob a invocação de São Felipe – em homenagem ao rei da Espanha, que reinava igualmente sobre Portugal e suas Colônias. Também ela não teve futuro, aqui por causas dos frequentes ataques dos índios à lavoura que formavam.

O povoamento se firmou quando Baltazar Fernandes em fins de 1654, já tendo construído casa-grande e capela (alguns registros apontam, aliás, o ano de 1646 como época em que o fundador começara a lançar as bases para estabelecer-se nas terras que lhe pertenciam por herança familiar), vindo de Santana de Parnaíba, com sua numerosa família, incluindo filhos, genros e netos, outros agregados e mais quatrocentos índios escravizados, para cá se transferiu, dando início ao Povoado de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba, que nascia, assim,

[2] Pelourinho, uma coluna de pedra ou menos frequentemente de madeira, erigida em lugar público, era o símbolo máximo de governança de uma comunidade, inclusive servindo em muitos casos, também durante o Brasil Colônia, para o castigo a escravos desobedientes ou foragidos e a contraventores condenados. Suas origens remontam a Roma Antiga, porém aqui aparece citado como mais comumente passou a fazer-se presente, a partir do final do século XV, em Portugal e em suas colônias ultramarinas, como símbolo da autonomia dada pelo Poder central para aquele novo povoamento que surgia poder-se governar e disciplinar seu desenvolvimento, elegendo principalmente sua câmara de vereadores, com amplos poderes legislativos, executivos e também judiciários. Antes da elevação do Povoado de Nossa Senhora da Ponte à categoria de Vila a 3 de março de 1661, o pelourinho que o governador-geral Salvador Corrêa de Sá y Benevides mandava para aqui ser transferido já estivera, assim, em dois outros povoamentos surgidos na região da futura Sorocaba, porém mesmo com essa autonomia administrativa nenhum deles conseguiu prosperar, com as poucas famílias remanescentes logo preferindo migrar para as novas aglomerações que iam aparecendo ao redor.

à sombra da Cruz e de Maria Santíssima. A Capela construiu no alto da colina, à esquerda do rio Sorocaba, onde provavelmente em 21 de novembro do mesmo ano, quando a Igreja celebra em sua liturgia a Festa da Apresentação de Nossa Senhora, deve ter sido oficiada a primeira missa em Sorocaba – aliás, antes da reforma litúrgica do início do século XX era neste dia que se celebrava grande parte das invocações marianas sem data própria, incluindo a Virgem da Ponte; depois que Nossa Senhora da Ponte[3] passou a ser homenageada a 15 de agosto, na solenidade da Assunção de Maria Santíssima, já no início dos anos 30, por determinação do primeiro bispo, Dom José Carlos de Aguirre.

Invocação única no Brasil e muito provavelmente em todo o continente americano, a devoção a Nossa Senhora da Ponte para Sorocaba trazida por Baltazar Fernandes e, certamente, grada a toda família, com destaque à mãe Suzana Dias, tem suas origens em terras lusitanas, na região de Ponte de Lima, mais ao norte de Lisboa, próximo à fronteira com a Espanha, onde comprovadamente existia uma capela em honra à Virgem da Ponte junto ao rio Minho. Aluísio de Almeida, inclusive, assinala em seus estudos que a primitiva imagem da Padroeira de Sorocaba teria sido oferecida em presente à matriarca pelo sobrinho, sacerdote que exercia o ministério em Ponte de Lima e ainda pouco antes da empreitada colonizadora rumo a Sorocaba visitara a família em Santana do Parnaíba. Padre Tadeu Rocha Moraes, cura da Catedral Metropolitana nestes tempos de centenário da Arquidiocese, opta por sintetizar as origens da devoção à Virgem da Ponte nestes termos: "Não se tem clareza quanto à origem do título dado à Padroeira. Uma das hipóteses considera a existência de

[3] A devoção a Nossa Senhora da Ponte presente em Sorocaba desde os primórdios da fundação também merece considerações mais aprofundadas no Apêndice A específico sobre a Catedral Metropolitana.

uma pequena capela na cidade de Ponte de Lima, em Portugal; outra teoria seria a sua origem na cidade de Barcelos, também em Portugal, e que a mesma seria uma devoção pessoal do fundador de cidade, Baltazar Fernandes, que consigo a trouxe, bem como sua imagem que não é a que hoje é venerada. Mais que isso, importa a consciência de que Maria Santíssima é a ponte que nos trouxe Jesus e nos ensina a mesma vocação de ser ponte, isto é, unir o que está separado... aproximar o que está distante e essa tem sido a dura árdua desta Igreja presente nesta terra desde seus primórdios, adaptando-se às realidades e aos tempos".

Os beneditinos e seu Mosteiro



A primitiva Capela de Nossa Senhora da Ponte, pronta em fins de 1654, e o Mosteiro de São Bento, construção iniciada pouco depois, com a chegada dos Padres Beneditinos. Tela de Ettore Marangoni (Baar, Suíça, 1907 – Sorocaba, 1992), criada com base em estudos supositícios de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida.

A expansão bandeirante e depois ainda o desenvolvimento do ciclo tropeirista, com as célebres 'Feiras de Muares', estendendo as divisas de Sorocaba, à época, até os campos de Curitiba, forjaram, então, aquele que seria o futuro território eclesiástico da Diocese que o papa

Pio XI criaria em 1924, mais de dois séculos depois, por aqui. Foi, porém, o próprio capitão Baltazar Fernandes quem a 21 de abril de 1660, buscando a consolidação da fundação do Povoado de Sorocaba, retorna a Santana do Parnaíba e na fazenda de seu genro Manoel Bicudo Bezerano, no Apotribu, assina junto aos monges do Mosteiro local termo de compromisso com a Ordem de São Bento, doando aos beneditinos uma terça de suas terras, incluindo a primitiva Capela, escravos índios, doze vacas e um touro, com a condição de que os religiosos aqui se estabelecessem, construíssem um Mosteiro, dissessem missas diárias, oferecessem assistência espiritual e cuidassem tanto da instrução catequética, como da alfabetização dos moradores do Povoado de Nossa Senhora da Ponte, sobretudo as crianças, inclusive com aulas de Latim e Cantochão. Outros pedidos de Baltazar Fernandes aos beneditinos eram dar-lhe sepultura digna junto à primitiva Capela e celebrar, para todo o sempre, treze missas anuais em sufrágio de sua alma, uma a cada mês e uma décima-terceira por ocasião da Festa de Nossa Senhora da Ponte. Receberam a doação em nome dos beneditinos o frei Tomé Batista, presidente do Convento de Parnaíba, e frei Anselmo da Anunciação. Foram testemunhas padre Francisco Fernandes de Oliveira, sobrinho do doador; Jacinto Moreira Cabral, Claudio Furquim e André de Zuñega.

Os primeiros Padres Beneditinos para iniciar a construção do Mosteiro de São Bento, contudo, só chegariam à agora já Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba (conforme lei assinada a 3 de março de 1661 pelo governador -geral do Rio de Janeiro e das Capitanias do Sul, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, então presente em São Paulo, para se proteger da amotinada comunidade fluminense) depois de 1665, mais provavelmente no início de 1667, quando aqui esteve Dom Francisco da Visitação, provincial da Ordem de São Bento no Brasil, para assinar novo acordo definindo os limites

das terras dos beneditinos com a Câmara de Vereadores e trazendo consigo frei Anselmo, que seria o primeiro responsável pelo Mosteiro local. Isto transformou Sorocaba, aliás, na única cidade das Américas, a exemplo das cidades europeias, a crescer e a se desenvolver, consolidando sua fundação, ao redor de um Mosteiro beneditino!

Paralelamente à expectativa de chegada dos filhos de São Bento, o próprio Baltazar ordenava que fossem iniciadas as obras de construção da primeira Igreja Matriz de Sorocaba, no mesmo local onde hoje está a Catedral Metropolitana[4]. O historiador Aluísio de Almeida ressalta que os registros são conflitantes e não incisivos, mas provavelmente a primeira Matriz, terminada antes da morte de Baltazar Fernandes (1667), estava pronta entre 1665 e 1666, de quando também data a criação da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, de Sorocaba, provavelmente em ato do prelado padre Manuel de Souza e Almada, que de 1661 a 1670 respondia pela Prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro, sob a administração do Bispado de São Salvador da Bahia – a Diocese do Rio de Janeiro foi criada em 1676, Na época, registre-se, não havia livros do Tombo nas paróquias de São Paulo, senão papéis avulsos (os primeiros assentamentos da Paróquia de Sorocaba encontrados na Cúria do Rio de Janeiro, mas depois nunca mais vistos, datavam de 1679, inclusive trazendo as primeiras anotações de óbitos, batizados e casamentos e também a nomeação do primeiro vigário, sacerdote secular, ainda de acordo com Aluísio de Almeida), por isso a falta de precisão em torno das datas da construção

[4] Aluísio de Almeida chegou a ver tais papéis nas pesquisas infindáveis que chegou a realizar em arquivos oficiais no Rio de Janeiro presencialmente, até quando a saúde lhe permitiu, e deixou registrado esse pormenor no trabalho "Sorocaba de Nossa Senhora", publicado na revista 'Vesper', editada em Sorocaba nos anos 30/40. Foi um dos primeiros artigos de autoria de Monsenhor Castanho em que ele se identifica simplesmente como Aluísio de Almeida, 'do Centro Sorocabano de Letras'...

da primeira Matriz e instalação da paróquia-mãe da Arquidiocese de Sorocaba. Foi só com a criação da Diocese de São Paulo, em 1745, que o primeiro bispo ordenou que os párocos organizassem melhor os arquivos da Igreja.

Também com a construção da nova Matriz, em 1667 a primitiva Capela de Sorocaba, dedicada à Virgem da Ponte, passou a ter como patrona Nossa Senhora da Visitação (em homenagem ao frei Francisco da Visitação, então provincial dos beneditinos no Brasil) e bem depois Sant´Ana, como até hoje e, certamente, reforçando os vínculos da gente de Sorocaba com a 'cidade-mãe' de Santana de Parnaíba. Além do que era forte a devoção entre os bandeirantes paulistas à mãe de Nossa Senhora e avó do Menino-Jesus.



Mosteiro de São Bento. Os beneditinos acompanham o desenvolvimento de Sorocaba e de sua caminhada como Igreja há mais de 350 anos. O Mosteiro de São Bento é hoje o único edifício remanescente da época da fundação.

Até 13 de janeiro de 1694, por sinal, o Mosteiro de São Bento, de Sorocaba, esteve subordinado ao de Parnaíba, até que nesta data foi elevado à 'presidência autônoma', confirmada pela Bula Papal 'Inter Gravíssima', de 1º de julho de 1827. O primeiro que exerceu o cargo de

presidente do Mosteiro de Sorocaba, já a partir de 13 de janeiro de 1694, foi frei Ruperto da Conceição, até 18 de fevereiro de 1697. Muitos outros foram se sucedendo no posto ao longo dos séculos XVIII e XIX. A 7 de maio de 1863, por exemplo, tomava posse, em substituição ao frei Joaquim de São Carlos Oliveira, o frei Joviano de Santa Delfina Baraúna, que permanece como presidente do Mosteiro até 1869, retornando depois para um segundo mandato em 1878. Muito estimado na cidade, facilitou bastante a cessão de áreas de propriedade da Ordem de São Bento ao Poder Público para a expansão urbana de Sorocaba, como a abertura da praça que leva seu nome (Frei Baraúna) aos fundos do Mosteiro. Foi, porém, o último beneditino que Sorocaba recebeu no século XIX. Com sua morte a 9 de dezembro de 1893[5], o Mosteiro foi fechado, para só reabrir na segunda década do século passado, com a vinda a São Paulo e, por conseguinte, a Sorocaba dos beneditinos alemães.

Presença da Igreja em Sorocaba nos séculos XVIII e XIX

Algum tempo depois da morte de Baltazar Fernandes, a 4 de junho de 1667 seu filho, Manoel Fernandes de Abreu, passa a questionar juridicamente a doação de terras feitas pelo pai à Igreja, através da Ordem de São Bento (Padres Beneditinos), alegando fazerem elas parte de sua herança. O impasse continuou por um longo tempo, com ameaças dos beneditinos deixarem Sorocaba, até que a 2 de julho de 1728 é assinado finalmente, entre a Ordem de São Bento e a Câmara de Vereadores, o "Termo de Santa Cruz da Composição" (perpetuado hoje pelo monumento da Santa Cruz da Composição

[5] Frei Baraúna foi também sepultado junto à capela-mor da igreja de Sant'Ana, do Mosteiro de São Bento, em Sorocaba, junto de outras ilustres personalidades da história local, como o próprio fundador Baltazar Fernandes.

existente no largo Santa Cruz, entre as ruas Santa Clara e Dr. Nogueira Martins, próximo à Rodoviária, e também pela igreja de Santa Cruz, um pouco mais acima, junto ao antigo Asilo São Vicente de Paulo, agregada à Paróquia da Catedral), definindo os limites das propriedades imobiliárias das partes envolvidas no impasse.

Na primeira metade do século XVIII, conforme um levantamento datado de 1733, além da igreja do Mosteiro de São Bento e da Matriz de Nossa Senhora da Ponte, a Vila de Sorocaba contava apenas com capelas das fazendas mais afastadas – Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora del Popolo, no alto da Serra de São Francisco, e Nossa Senhora da Conceição (Rio Abaixo). No Centro, surgiria, no final deste século, a igreja de Santo Antônio, na região do atual Mercado Municipal.

Já a Capela de Aparecidinha data de 1785, para agasalhar a pequenina imagem esculpida em madeira de Nossa Senhora Aparecida – comprovadamente a primeira cópia feita por um dos próprios pescadores que encontraram, em 1717, aquela venerada junto à Basílica Nacional, em Aparecida, precedendo pesca milagrosa no rio Parnaíba -, trazida para Sorocaba pelos tropeiros procedentes das Minas Gerais alguns anos antes (1782). Deste final de século XVIII ainda, a decisão do ilustre Salvador de Oliveira Lemos, o Sarutaiá, depois capitão-mór de Itapetininga, de terminar a construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que ficava defronte à sua casa, nos altos da rua de São Bento. Deu 50 mil réis aos Pretos, que nunca conseguiam terminar aquela sua igreja, para que fossem começar outra, ficando provisoriamente a Irmandade também na Matriz, onde já havia outra Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, dos homens brancos. Os Pretos ficaram na Matriz até 1797, quando começaram a pilar as taipas da nova igreja do Rosário, no então pátio dos Lopes,

no mesmo local onde estão desde 1908 as beneditinas e o Colégio de Santa Escolástica. (Esta igreja foi demolida já pelas Beneditinas nos anos 1950/1960, para dar lugar à moderníssima igreja do Rosário.)

Mosteiro de Santa Clara e as Concepcionistas



Mosteiro de Santa Clara. Instalado neste edifício na rua de São Bento, esquina com a atual Padre Luiz em 1811, como Recolhimento Feminino de vida contemplativa, aproveitando-se das estruturas da igreja que ali deixara inacabada a Irmandade de N. S. do Rosário dos Homens Pretos.

A igreja terminada por Sarutaiá na rua de São Bento (esquina com as atuais ruas Padre Luiz e Santa Clara), mais tarde, no início do século XIX, viria a servir para duas de suas netas (Manoela e Rita) darem início à fundação, em anexo, de um Recolhimento Feminino em Sorocaba, que inclusive traria à então ainda Vila o futuro primeiro Santo brasileiro a ser canonizado pela Igreja, frei Antônio Sant´Ana Galvão, para em 1810/1811 lançar as bases espirituais e materiais (conta-se que o Santo ali, inclusive, trabalhou como pedreiro) do Mosteiro de Santa Clara, seguindo a regra de Santa Beatriz, fundadora da Ordem da Imaculada Conceição (Monjas Concepcionistas Franciscanas).



Frei Santo Antônio Galvão, venerado pelas monjas concepcionistas do Mosteiro de Santa Clara, no Jardim Vera Cruz.

Paroquiato edificante de Monsenhor João Soares em meio à epidemia

Sorocaba teve ao longo dos anos, entre os séculos XVIII e XIX e início dos anos 1900, párocos notáveis[6], como o padre Pedro Domingues Pais (1716/1750), padre Antônio Ferreira Prestes, padre Antônio Joaquim de Andrade e padre Antônio Augusto Lessa, porém foi a figura do ilustre sorocabano Monsenhor João Soares do Amaral (aqui nascido a 8 de março de 1844 e ordenado sacerdote no Rio de Janeiro, em 1869) que mais se sobressaiu, inclusive passandoà História como o `mártir da febre amarela´. Sucessor do chamado `vigarinho´, outro pároco ilustre do final do século XIX, padre João Evangelista Ferreira Barros, que por aqui fez ressurgir a piedade popular,

[6] Registre-se que até a proclamação da República em 1889, quando houve também a separação da Igreja e do Estado no Brasil, também para Sorocaba, com a Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, vigorava o chamado 'regime do padroado', cabendo ao Império poder sobre a organização eclesiástica em Portugal e em territórios sob o seu domínio, inclusive quanto à nomeação e substituição dos vigários, igualmente remunerados pela Coroa.

fundando a Associação das Filhas de Maria e se esmerando nas cerimônias litúrgicas do mês de maio em honra de Nossa Senhora, depois vigário-geral da Arquidiocese de São Paulo, Monsenhor João Soares viera da Paróquia de Santa Cruz do Rio Pardo, depois de passar por paróquias próximas, como Porto Feliz, Sarapuí e Itapetininga e de ter sido o reitor do Seminário Episcopal de São Paulo, entre 1889 e 1895, com a missão de também fundar o Colégio Diocesano, em dois sobradões comprados da família dos Lopes de Oliveira pela Diocese de São Paulo junto à igreja do Rosário, na atual rua Souza Pereira. Foi um marco na caminhada da Igreja em Sorocaba, apesar de só ter funcionado de 6 de abril de 1896, após ter sido solenemente inaugurado no dia 22 de janeiro em meio a solene Te Deum cantado na igreja do Rosário pelo então bispo diocesano de São Paulo, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, o futuro primeiro Cardeal brasileiro (Cardeal Arcoverde), a 6 de março de 1897, quando um grande incêndio o destruiu por completo, obrigando à noite Monsenhor João Soares lançar pelas janelas os colchões "e pelas portas do fundo os alunos...". "O povo correu com latas e baldes de água, lutando por algumas horas, até a madrugada seguinte, mas o fogo dominou tudo...", registrou a crônica jornalística da época. Significativo, contudo, é que nas férias do verão 1896/1897 o Colégio Diocesano de Sorocaba serviria para proporcionar lazer e veraneio aos seminaristas menores e maiores de São Paulo, entre os quais estavam futuras ilustres personalidades eclesiásticas brasileiras, como o Cardeal Leme, o bispo Dom Barreto, padre Regattieri e ninguém menos que o jovem José Carlos de Aguirre, que retornaria à cidade a 31 de dezembro de 1924, para tomar posse como primeiro bispo diocesano de Sorocaba. Além do incêndio, porém, também a chegada do primeiro surto da epidemia de febre amarela contribuiu, decisivamente, para que o Colégio Diocesano não mais reabrisse suas portas.



Monsenhor João Soares. Mereceu destaque na vida da Igreja de Sorocaba, como pároco da Matriz na virada dos séculos XIX e XX, passando à história como 'mártir da febre amarela'.

Tornando-se vigário, Monsenhor João Soares fez grandes reformas na Igreja Matriz em 1899/1900, período em que a cidade passou a ser abatida por terrível epidemia de febre amarela, que dizimou significativa parcela da população sorocabana e ainda provocou o êxodo de muita gente, sobretudo das famílias mais abastadas. Monsenhor João Soares buscou desdobrar-se como podia no atendimento aos doentes, inclusive mandando vir do bairro do Piragibu do Meio, hoje Aparecidinha, a veneranda imagem de Nossa Senhora Aparecida em 1899 e fixando, então, as datas das romarias que eram realizadas provavelmente já desde o final do século XVIII, mas sem qualquer regularidade, em 1º de janeiro para sua vinda à Matriz (depois Catedral e, mais recentemente, Sé Metropolitana) e o segundo domingo do mês de julho, para seu

retorno à Capela de origem, hoje Santuário Arquidiocesano. No ano seguinte, porém, registra também a crônica da época, "o povo sorocabano, ainda rudemente golpeado pela epidemia de febre amarela e que deixara de buscar a Santa no dia 1º deste mês", em vista, sobretudo, de sua retomada e um novo segundo perigoso surto", "vai buscá-la neste dia (23 de janeiro de 1900) "e lhe faz piedosa recepção". "Por estar a epidemia cada vez mais violenta, trazem-na debaixo de um temporal, sendo recebida no pedral da Matriz por Monsenhor João Soares do Amaral, que pronuncia patética oração, intercedendo a Nossa Senhora Aparecida por nosso sofrido povo e que afaste esse flagelo de nossa cidade". A epidemia foi debelada e vencida com o passar das semanas, mas Monsenhor João Soares também acabou contraindo a moléstia. Sua família tinha posses e queria abrigá-lo em São Paulo, porém ele optou por ficar para cuidar dos enfermos. Faleceu no dia 21 de fevereiro de 1900, assistido na casa paroquial da Matriz, na rua de São Bento, por Dom Antônio Alvarenga, que há pouco havia tomado posse como novo bispo diocesano de São Paulo.

Aliás, muitos fatos marcaram a vida desse sacerdote, considerado até hoje pelo povo sorocabano como 'mártir da febre amarela', em solo sorocabano. No dia 18 de março de 1899, numa chácara da rua Boa Vista, que mais tarde passou a ser rua Dr. Nogueira Martins e avenida Comendador Pereira Ignácio, a partir da Rodoviária, uma menina de 7 anos, Julieta Chaves, foi encontrada morta, abusada por seu assassino. A população queria linchar um italiano chamado Paschoal, que morava nas proximidades. Porém, Monsenhor João Soares interveio e fez um veemente discurso em praça pública, impedindo o segundo crime. Um professor, João Vieira Pinto, ajoelhou-se e beijou a sua mão. As autoridades da época estranharam o fato, mas após investigação obtiveram a confissão do professor. O túmulo de Julieta atrai, até hoje, grande número de visitantes ao Cemitério da Saudade.

Monsenhor João Soares foi sucedido no paroquiato da Matriz pelo padre José Raimundo por um ano e depois pelos Padres Agostinianos (espanhóis), expulsos de sua pátria por problemas políticos, de 1901 a 1907 (o pároco da Matriz, por provisão episcopal dada pelo bispo de São Paulo a 18 de fevereiro de 1901, era o padre Cândido de São Miguel). Chegaram ainda a manter nesse período uma escola para meninos, o Colégio 'Nossa Senhora da Conceição', com cursos primário, preparatório e ginasial, no casarão que abrigara o Colégio Diocesano e fora restaurado após o fatídico incêndio, ao lado da igreja do Rosário. Em seguida, o mesmo sobradão seria adquirido da Mitra de São Paulo pela Congregação das Missionárias Beneditinas de Tutzing, para a implantação do Colégio Santa Escolástica. Chegaram elas a Sorocaba a 28 de setembro de 1905, indo residir inicialmente na praça Frei Baraúna, dando aulas no Mosteiro de São Bento, fechado desde 1893, com a morte do próprio Frei Baraúna – o último a ali residir no século XIX -, embora em 1900 Dom Miguel Kruse tenha tentado reabri-lo, assumindo o priorado local de Sant'Ana por orientação de seus superiores, aqui permanecendo até 2 de junho de 1903. Em 1910, com a chegada ao Brasil dos primeiros beneditinos de origem alemã, para a reabertura do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, também o de Sorocaba seria revitalizado, inclusive funcionando até 1929 como noviciado para toda a Ordem de São Bento. Sucedeu os agostinianos na Matriz de Nossa Senhora da Ponte o cônego Antônio da Costa Bueno (1907-1913).

Por outro lado, impossível não se dedicar, nestas achegas condutoras à história da fundação da centenária Arquidiocese de Sorocaba, pelo menos três ou quatro linhas à figura ilustre do sorocabano João Batista de Melo[7], para muitos talvez um ilustre desconhecido,

[7] Frei Paulo Maria de Sorocaba (1873-1955). Nasceu João Batista de Melo a 24 de junho de 1873, daí ter recebido na pia batismal o nome do 'percursor', na rua Santa

porém de capital importância para nossa historicidade eclesiástica. Foi a 3 de agosto de 1900 que viu Sorocaba partir para São Paulo o filho do maestro da banda, João Batista de Melo, cultivado em sua vocação adolescente nos bancos da Matriz de Nossa Senhora da Ponte. Ingressando na Ordem dos Capuchinhos se transformou no lendário Frei Paulo Maria de Sorocaba, religiosos dos mais aclamados pelo Brasil afora, pela sua acentuada acética, espiritualidade e, sobretudo, aptidão para a arte sacra, deixando um belíssimo acervo espalhado por todo o País, presente, porém, em maior profusão em Piracicaba, em cujo convento viveu praticamente durante toda a sua vida religiosa.

Cruz, terceiro filho do casal Frutuosa da Rocha Pinho-Pedro Rodrigues de Melo, maestro-fundador da Banda '7 de Setembro', que décadas depois seria sucedida por corporação musical levando o nome de um de seus muitos irmãos, Francisco Dimas de Melo (antiga 'Santa Cecília'). Aprendidas as primeiras letras talvez com o cônego Antônio Augusto Lessa, logo passou a enamorar-se pela Música, a partir do violino do pai, e a rabiscar papéis, apaixonando-se pelo desenho e pintura. Logo órfão de mãe e pai, vocacionado foi bater às portas do Convento de São Francisco, em São Paulo, então sob os cuidados dos capuchinhos trentinos que haviam chegado ao Brasil em 1889 – na adolescência, já muito havia ouvido seu piedoso pai falar dos capuchinhos franceses, que dirigiam o Seminário Episcopal de São Paulo e eram capelães das religiosas concepcionistas do Convento de Santa Clara, de Sorocaba. Não sem várias dificuldades, sobretudo de saúde em tempos de febre amarela, acabou sendo aceito, ficando três dias no Convento de São Paulo e já no dia 6 de agosto de 1900 sendo levado pelo provincial ao Convento do Sagrado Coração de Jesus, em Piracicaba, recebendo o nome de Frei Paulo Maria de Sorocaba quando de sua vestição religiosa a 11 de agosto seguinte. Cozinheiro, porteiro, sacristão..., nas horas vagas dedicando-se à música e à pintura, passando por várias casas da Ordem, em 1912 é enviado a Trento por seu superior, ciente de seus talentos, para aprimorar-se, sob a orientação do célebre pintor Camilo Bernardi, da Escola de Munique. Depois dessa frutuosa experiência na Europa, retornou ao Brasil e, depois de circular por outras casas capuchinhas, em dezembro de 1928 retorna a Piracicaba, ao recém-fundado Seminário Capuchinho 'São Fidélis', onde residiria até o final da vida, em meio à expressiva produção artística.

Presença das Beneditinas Missionárias de Tutzing, uma história à parte



Igreja do Rosário e Diocese de São Paulo. A igreja do Rosário abrigou a Irmandade dos Homens Pretos e, a seu lado, a Diocese de São Paulo adquiriu dois sobradões para abrigar o Ginásio Diocesano. Depois passou, em 1908, às beneditinas, para a fundação do Colégio Sta. Escolástica.

Merece também este adendo na síntese da caminhada histórica da Igreja em Sorocaba, antecedendo a criação canônica em 1924 de seu Bispado, a chegada por aqui, no início dos anos 1900, das Beneditinas Missionárias de Tutzing. Sobretudo levando-se em conta o fato de ser Sorocaba o único município das três Américas a nascer e desenvolver-se em torno e a partir de um Mosteiro Beneditino, como vimos até aqui.

Nas raízes da Congregação, à qual pertenciam as religiosas alemãs madres Brígida Korff, prioreza geral; Afonsa Kellinberger e Lioba Sehledon que padre Luiz Siucluna, então capelão do Mosteiro de Santa Clara, das Monjas Concepcionistas, e guardião do Mosteiro de São Bento, recebera ao anoitecer de 28 de setembro de 1905 na estação local da Estrada de Ferro Sorocabana, ao lado do carisma de São Bento de Núrcia está um dos mosteiros beneditinos mais destacados da

Alemanha, o de Beuron, na pessoa do monge Dom André Armhein, OSB, que sentindo o chamado para trabalhar na África e em regiões necessitadas de evangelização, conseguiu ainda na segundas metade do século XIX, em 1885, fundar uma fraternidade masculina para missões estrangeiras na cidade de Reichenbach, o Mosteiro de Santa Otília. O ramo feminino do 'Santa Otília', então, também brotou logo, com quatro jovens na cidade de Tutzing, no sul da Alemanha, de onde a Congregação se espalhou rapidamente pela África, Estados Unidos, Filipinas, Coreia e também chegou a o Brasil, a pedido do abade-primaz da Congregação Beneditina Brasileira, indicando Sorocaba no pedido que enviara a Tutzing, endereçado à prioreza geral, madre Brígida Korff, que tanto se entusiasmou com a proposta que ela própria veio acompanhando as duas irmãs fundadoras da missão, também apoiada desde as primeiras tratativas por Dom Miguel Kruse, OSB, então prior e depois abade do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, que se incumbiu ele próprio, em primeira pessoa, de preparar a casa para recebê-las em Sorocaba, assim como providenciando a renovação de parte do então desativado Mosteiro de São Bento para que ali pudessem o quanto antes as aulas naquele que seria o embrião do Colégio 'Santa Escolástica'. A madre-prioresa logo retornou à Europa, mas pouco depois chegaram outras religiosas vindas do Convento de Olinda (PE), revezando-se elas em trabalhos domésticos, cultivo de horta para consumo, aulas particulares a bom número de alunas interessadas em aprender outras línguas, música e trabalhos manuais e que crescia sempre mais e ainda na confecção de paramentos para igrejas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Novo grupo de religiosas alemães veio a Sorocaba em 1906 e, a 1º de agosto seguinte, tem efetivo, então, o funcionamento do Colégio, primeiro com 10 alunas no total, atingindo a quinze até o final daquele ano letivo. Eleito Dom Miguel Kruse abade em junho de 1907, uma de suas primeiras iniciativas foi auxiliar as Beneditinas de Sorocaba a

encontrar sua residência definitiva na cidade, intermediando junto ao então bispo (depois primeiro arcebispo) Dom Duarte Leopoldo e Silva a aquisição por elas do antigo sobradão do largo do Rosário, o Solar dos Lopes, que desde o final do século anterior era de propriedade da Mitra de São Paulo e acolhera o Colégio Diocesano por algum tempo.

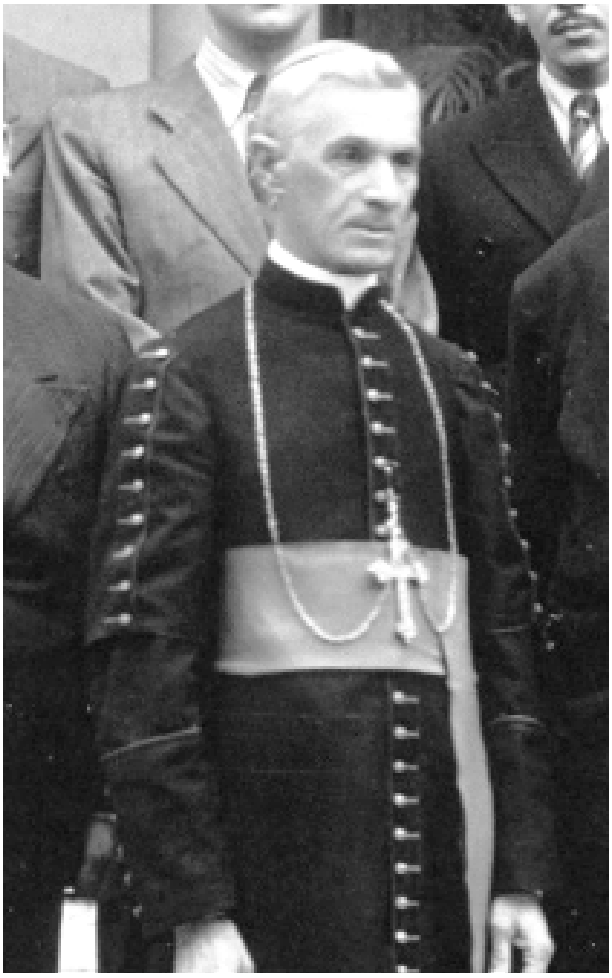
A 4 de julho de 1908, as Beneditinas Missionárias de Tutzing mudam-se para as instalações junto à igreja do Rosário[8], porém em 1910 o Colégio 'Santa Escolástica' é sacudido por difícil crise finaceira, chegando a ser publicizado a 25 de novembro daquele ano comunicado à população, anunciando a supressão do trabalho das religiosas alemães, dispostas a transferir-se para Botucatu, então já sede da nova diocese à qual agregara-se a Paróquia de Sorocaba. A pronta intervenção novamente de Dom Miguel Kruse, inclusive oferecendo auxílio

[8] Ao adquirir o Solar dos Lopes, depois transformado em Colégio Diocesano, da Mitra Episcopal de São Paulo, as Beneditinas Missionárias de Tutzing entraram também de posse da histórica igreja do Rosário, construída no século XVIII pela Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. E não perderam a oportunidade de estando presente na década de 20, em São Paulo, um grupo de monges artistas de Beuron, uma das mais famosas abadias beneditinas da Alemanha, para decorar a Basílica de Nossa Senhora da Assunção, do Mosteiro de São Bento, no centro da capital paulista, trazê-lo a Sorocaba, para decorar também sua pequena, mas aconchegante igreja do Rosário. Foram pintados cada um dos à época 15 mistérios do Rosário de Maria Santíssima (sem, é claro, os mistérios luminosos, só introduzidos quase na virada do milênio pelo Papa São João Paulo II), totalizando catorze quadros, uma vez que o mistério com a cena da Crucificação foi cancelado, porque o próprio Crucifixo em madeira existente junto ao altar-mor o substituía. Sob cada uma das telas, os monges pintaram ainda figuras do Antigo Testamento que precediam o episódio, como a expulsão de Adão e Eva do Paraíso abaixo da tela da Anunciação e assim por diante. Haviam também muitas figuras do Antigo e do Novo Testamentos e santos e santas ligados à difusão da devoção do Santo Rosário. Mas um dia todo esse monumento histórico-artístico-teológico desapareceu. A igreja estava completamente deteriorada e poderia vir abaixo a qualquer momento. Assim, a 8 de agosto de 1965, celebrou-se a última missa na antiga igreja do 'Santa Escolástica'. Uma comissão de artistas plásticos sorocabanos ainda tentou retirar alguma coisa das pinturas para preservação, mas não sobrou nada, a não ser algumas lascas insignificantes.

pecuniário, contribuiu eficazmente, contudo, para a permanência e continuidade dos trabalhos por aqui das beneditinas. Por essa época, a Madre Melania Wollmer, que viera ao Brasil como visitadora no lugar da Madre Geral, por aqui permanecera como prioreza em Sorocaba, nomeada a 8 de fevereiro de 1911, devendo-se a uma de suas primeiras ações a fundação, a 9 de setembro de 1912, do 'Externato São Miguel', homenagem ao abade beneditino Dom Miguel Kruse, para a formação intelectual das operárias das fábricas têxteis de Sorocaba, que exigiam de suas funcionárias, pelo menos, o curso primário. Daí em diante, a evolução da presença das beneditinas de Tutzing em Sorocaba foi ascendente (em 1922, todas as dívidas e pendências estavam quitadas), com o surgimento também da chamada 'Escola de Aplicação' em 1913, destinada à alfabetização de adultos e crianças pobres, com 19 crianças inaugurando já no ano seguinte o Jardim da Infância, havendo depois sucessivamente o registro de novos cursos e frentes educacionais, como o Curso Comercial (1925). Salvo o triste episódio em meio à 1ª Guerra Mundial (1914-1918), em que muitas escolas alemãs presentes no Brasil e praticamente em todo o mundo foram fechadas e um inspetor federal de Ensino chegou a ir ao Colégio no largo do Rosário, para verificar seus livros de registro, conduta pedagógica e condições gerais do estabelecimento. Enquanto os alunos permaneciam rezando de joelhos nas salas de aula, a prioreza do Convento, Madre Melania Wollmer, foi recebê-lo à porta, seguida da diretora do Colégio, por sinal uma brasileira (Madre Henriqueta). Verifica demoradamente livros e mais livros, até dar sua palavra final: "Pode continuar funcionando!".

Em outubro de 1920, Madre Melania viajou a Europa, indo diretamente a Tutzing, para participar do Capítulo Geral e ali é eleita prioreza geral da Congregação das Beneditinas Missionárias, só retornando a Sorocaba em 1927, ao final de seu mandato.

NECESSIDADE DE UMA NOVA DIOCESE



Dom Duarte Leopoldo e Silva. Foi o primeiro arcebispo de São Paulo, foi fundamental na reorganização eclesiástica no início do século XX, criou novas dioceses no interior paulista para atender melhor às necessidades pastorais da população. Sua visão profética resultou na elevação da Diocese de São Paulo à condição de Arquidiocese em 1908 e no abraçar a causa dos sorocabanos pela sua Diocese.

Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba a 3 de março de 1661, Município a 5 de fevereiro de 1842 e sede de Comarca a 30 de março de 1871, Sorocaba sonhava em ser sede de Bispado também. E esse sonho, na realidade, cresceu ao longo dos primeiros anos do século XX. Preterida em 1908 quando a Santa Sé, atendendo as necessidades pastorais do povo paulista e graças à visão profética do então bispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que um ano antes assumira a direção da vastíssima diocese, que então compreendia todo o Estado, resolveu criar cinco novas dioceses no interior paulista (Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Taubaté e Botucatu)[9], com o papa Pio X, ao mesmo tempo, elevando a Diocese de São Paulo à condição de Arquidiocese, a comunidade católica de Sorocaba não arrefeceu em sua meta de se ver elevada à dignidade episcopal. Afinal, a população de Botucatu, de pouco mais de 26 mil habitantes, era bem inferior a sorocabana, na época chegando a mais de 40 mil, e demarcada em 1720, a partir de uma fazenda jesuítica, até 1770 pertencera a Sorocaba, quando foi desmembrada junto com Itapetininga. No entanto, foi a posição geográfica do município de Botucatu, bem mais distante da Capital, boca dos sertões que começavam a experimentar o adensamento de suas povoações, sobretudo com a chegada do trem, favorecendo a expansão urbana pelos trilhos das estradas de ferro Sorocabana, Paulista e Noroeste, que motivara essa decisão canônica, descentralizando, então, a administração eclesiástica na região sudeste do Estado. Também porque Sorocaba estava muito próxima mesmo de São Paulo.

[9] A Bula 'Diocesum Nimiam Amplitudinem', do Papa São Pio X, foi publicada em Roma a 7 de junho de 1908, criando simultaneamente as dioceses de Botucatu, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos e Taubaté, as cinco como sufragâneas da Província Eclesiástica de São Paulo, com a Diocese paulistana pelo mesmo instrumento canônico alçada, então, à condição de Arquidiocese. A Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, de Sorocaba, por sua vez, desligava-se da antiga Diocese de São Paulo e teria seu território anexado à nova circunscrição eclesiástica de Botucatu



Dom Lúcio Antunes de Souza. Com a criação de novas dioceses em 1908, foi o primeiro bispo eleito para Botucatu e teve Sorocaba anexada a sua Diocese.

A posse em 1909 de Dom Lúcio Antunes de Souza[10] como primeiro bispo de Botucatu e suas frequentes vindas a Sorocaba, a maior paróquia da novíssima Diocese, não deixavam, porém, de

[10] O Papa São Pio X foi buscar em terras mineiras para pastorear a novíssima Diocese de Botucatu, como seu primeiro bispo, o cônego Lúcio Antunes de Souza, então desempenhando as funções de secretário do Bispado de Diamantina (MG) e professor do Seminário local. Nascera na Fazenda Brejo dos Mártires, na freguesia de Boa Vista do Tremedal, Província de Minas Gerais, a 13 de abril de 1923; ingressou no Seminário de Diamantina em 1880 e foi ordenado presbítero em 31 de maio de 1890, atuando por anos também como pároco de Montes Claros. Eleito para o Episcopado, dirigiu-se a Roma, onde foi sagrado por Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850-1930), arcebispo do Rio de Janeiro desde 1897, depois de por alguns anos ter sido bispo-auxiliar e titular de São Paulo – no Consistório de 1906, Pio X o criara Cardeal, o primeiro do Brasil e também da América Latina; dom Joaquim Silvério de Souza e Dom Francisco do Rego Maia na Capela do Colégio Pio Latino-Americano em 15 de novembro de 1908.

alimentar as esperanças dos sorocabanos em virem a ter igualmente o seu Bispo. "Sorocaba esperava o seu dia!", escreveu Monsenhor Luiz Castanho de Almeida em sua obra de referência "A Diocese de Sorocaba e seu Primeiro Bispo" (1974, edição da Obra das Vocações Sacerdotais da Paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Ponte), recordando-se que, paralelamente, crescia a comunidade católica local, que assistia ainda por essa época significativo revigoramento pastoral e espiritual, sobretudo diante da restauração da Ordem Beneditina no Brasil e o reflorescimento do próprio Mosteiro de São Bento local, por orientação de Dom Miguel Kruse, OSB, monge e abade restaurador do Mosteiro de São Bento de São Paulo e que optou por instalar, no Mosteiro de Sorocaba, o noviciado e o núcleo filosófico e teológico para a formação sacerdotal dos futuros clérigos beneditinos, contando, inclusive, com o auxílio de alguns jesuítas do grupo de 90 enviados ao Brasil pelo seu provincial de Portugal, quando da expulsão de 360 inacianos por ocasião da morte do rei Carlos I, que antecedeu a revolução republicana em Lisboa, repleta de perseguições ao clero e religiosos. Foi Dom Miguel Kruse quem ajudou a acolher esses jesuítas no Brasil.

Estava com 45 anos de idade e sua posse em Botucatu ocorreu a 20 de fevereiro de 1909. Dom Lúcio Antunes de Souza é, assim, outro nome significativo dentro da história da Igreja de Sorocaba, com a Paróquia de Nossa Senhora da Ponte desligando-se da Diocese de São Paulo e sendo, concomitantemente, agregada à circunscrição de Botucatu. Tomou posse de sua diocese a 20 de fevereiro de 1909 e dois anos depois, em 25 de março de 1911, inaugurava o Seminário 'São José', onde estudaram, inclusive, expressivos nomes do futuro Presbitério de Sorocaba, como Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, o historiador Aluísio de Almeida, e também aquele que viria a ser o segundo bispo titular da Diocese local, Dom José Melhado Campos. Esteve muitas vezes em visita pastoral a Sorocaba - visitou sua extensa diocese de 128.940 quilômetros quadrados, pelo menos, por três vezes -, porém faleceu antes da consolidação da fundação da Diocese de Sorocaba, em território desmembrado quase que por inteiro de sua Igreja Particular, vitimado por complicações de saúde, aos 60 anos de idade, a 19 de outubro de 1923. Aliás, registre-se ainda, seu sucessor viria a ser designado pela Santa Sé no mesmo dia 4 de julho de 1924, em que eram publicadas as bulas pontifícias criando as dioceses de Santos e de Sorocaba e nomeando seus primeiros bispos, Dom José Maria Parreira Lara e Dom José Carlos de Aguirre respectivamente.

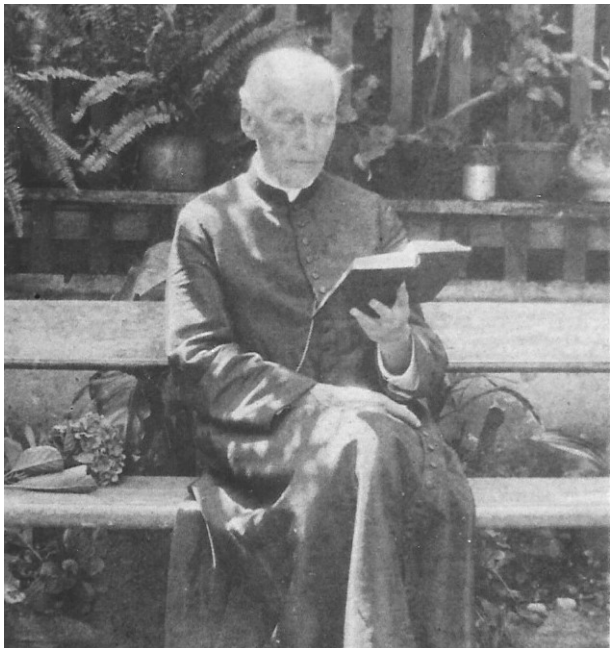
Desse período também, a chegada a Sorocaba, em 1905, das Missionárias Beneditinas de Tutzing, de origem alemã, que três anos depois, em 1908, já deixavam pequenas acomodações provisórias nos fundos do Mosteiro de São Bento, na praça Frei Baraúna, para a instalação do embrião daquele que é hoje o Colégio Santa Escolástica, no largo do Rosário, inclusive adquirindo da Mitra de São Paulo os velhos sobrados que, no final do século XIX, abrigaram o Ginásio Diocesano, dirigido por Monsenhor João Soares, nele instalando ainda, posteriormente, sua Casa Provincial no centro-sul do Brasil, hoje com ramificações também na Argentina.

Monsenhor Domingos Magaldi, também um fundador



Monsenhor Domingos Magaldi. Chegou em 1913, trabalhou com fervor pelo novo Bispado. Dom Aguirre o considerava 'fundador da Diocese'

Muito viria a contribuir também para a criação do futuro Bispado a chegada a Sorocaba como seu pároco, em 1913, do cônego e depois Monsenhor Domingos Magaldi, sacerdote de confiança do bispo de Botucatu e também de Dom Duarte Leopoldo e Silva, agora arcebispo. Era natural da vizinha Tatuí. A ponto de Dom José Carlos de Aguirre, nosso primeiro bispo, ao anotar posteriormente em seu diário seu falecimento, chamá-lo de `fundador da Diocese´. Isto depois de também ter escrito textualmente no 1º Anuário Diocesano, publicado no final de 1925: "Monsenhor Magaldi, tendo colhido os dados precisos, foi entender com S.Excia. Revma. o Sr. Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, a quem confiou o patrocínio da causa (da criação da Diocese), convidando-o, ao mesmo tempo, para uma visita a Sorocaba".



Padre Luiz Augusto Sicluna. Cooperador da Paróquia, como arquiteto projetou e administrou com Monsenhor Magaldi as obras, preparando a Matriz como Sé.

Também neste período de paroquiato de cônego Domingos Magaldi em Sorocaba, entre 1917 e 1918, iniciam-se significativas obras de reforma e ampliação da velha Igreja Matriz, também a preparando de acordo com os ditames canônicos para um dia vir a ser transformada em Sé Catedral. Foi, aliás, um trabalho dificílimo, como também assinala Aluísio de Almeida em seu livro "A Diocese de Sorocaba e seu Primeiro Bispo", pois os pedreiros tiveram que derrubar as taipas fortalecidas com pedregulho, a ponto de apenas adaptar pedaços da parede da nave central "e ninguém buliu na fachada de 1783, à qual se ligava uma torre inteiramente de pedra, iniciada em 1812". O arquiteto, ao lado do pároco, foi o padre Luiz Sicluna, ex-capelão das monjas concepcionistas do Mosteiro de Santa Clara[11].



Igreja de Santo Antônio. Registro de 1917 no largo do Mercado. Foi transformada em Matriz provisória.

[11] Merece capítulo à parte a igreja que, cem anos atrás, era também transformada na hoje Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Ponte.

Enquanto a velha Matriz passava por reformas profundas (ou seria reconstrução?), uma provisória Matriz de Nossa Senhora da Ponte foi instalada na antiga igreja de Santo Antônio, no largo do Mercado, demolida no final da década de 1950.

"Mais cedo do que esperais tereis o vosso bispo"



Procissão do Encontro da Virgem Dolorosa com o Cristo Ressuscitado, na madrugada de Páscoa em 1909, mostra a vitalidade da Igreja em Sorocaba. Foto atribuída a Camillo Lellis, de Itapetininga, numa das primeiras séries de cartões postais da cidade.

Janeiro de 1924 chegou com entusiasmadoras informações para Sorocaba, sobretudo diante da notícia que logo correu de que no dia 13 daquele mês estaria na cidade o arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que vinha a convite de Monsenhor Domingos Magaldi[12], que nesta época já desempenhava

[12] Monsenhor Domingos Magaldi a 23 de agosto de 1922, assim que comunicado pela Nunciatura Apostólica, deixara o paroquiato de Sorocaba para, no dia seguinte, assumir as funções de vigário-geral da Diocese de Botucatu, na ausência de seu titular, Dom Lúcio Antunes de Souza, que se afastaria do cargo momentaneamente para tratamento de saúde. Porém, mesmo de Botucatu, continuara a orientar as tratativas para a fundação de nova Diocese em Sorocaba.

as funções de governador da Diocese de Botucatu, sede vacante desde o ano anterior, com a morte de seu primeiro bispo, Dom Lúcio Antunes de Souza. Vinha para sagrar o altar-mor da nova Matriz de Nossa Senhora da Ponte, a esta altura com as obras de reforma e restauro iniciadas em 1918 concluídas[13]. Chegara na tarde do dia anterior, quando segundo crônica da época uma verdadeira multidão, cerca de 6 mil pessoas, foi à Estação Ferroviária para recebê-lo. Saudado pelo juiz de Direito da Comarca, Dr. José Thiago de Siqueira, dirigiu-se em seguida à Matriz e dali à casa paroquial.

Logo cedo no dia seguinte, o célebre 13 de janeiro de 1924, logo às 8 horas Dom Duarte presidiu solene pontifical na Matriz para a sagração do novo altar-mor – admirando sua beleza, deixou escapar um 'realmente mereceria ser Catedral'. À tarde, às 16 horas, o arcebispo de São Paulo dirigiu-se ao Gabinete de Leitura Sorocabano, na própria praça Cel. Fernando Prestes, para importante e memorável reunião em seu salão nobre com a "Comissão Pró-Diocese" que Monsenhor Domingos Magaldi havia constituído formalmente algum tempo antes, também para a constituição do patrimônio do futuro Bispado. Presidida pelo Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, entre outros integravam essa "Comissão Pró-Diocese" o juiz de Direito Dr. José Thiago de Siqueira, Oscar de Barros, major

[13] A título de curiosidade histórica, registre-se que a visita do arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva a Sorocaba em 13 janeiro vinha cercada de novas otimistas expectativas nos círculos eclesiásticos e sociais locais desde meados de dezembro de 1923, com informações oficiosas da iminente criação de novas dioceses dentro da Província Eclesiástica de São Paulo, corroboradas ainda mais com as falas do então vigário, cônego Aristides S. Leite, que substituíra Monsenhor Domingo Magaldi, em sua homilia na missa da Epifania na Matriz de N.S. da Ponte, transmitindo ao povo, "como esplêndido presente de Dia de Reis", que já está assentada a escolha de nossa cidade para sede de um novo Bispado, isto "em nome do virtuoso e estimado revmo. Monsenhor Domingos Magaldi, governador do Bispado de Botucatu" (Cruzeiro do Sul, 8 jan. 1924).

Abílio Soares, conde Francisco Matarazzo, Francisco José Speers, comendador Antônio Pereira Ignácio, Dr. Bráulio Guedes, comendador Nicolau Scarpa, padre Luiz Augusto Sicluna, Dr. Diogo Moreira Sales, Dr. Bráulio Mendonça Filho, Dr. José Augusto de Salles Gomes, Domingos Piccirillo, coronel José de Barros, coronel João Augusto da Silveira, capitão João Clímaco de Camargo Pires, capitão José Antão de Arruda, José de Oliveira, Felipe de Moysés Betti, capitão José Brasílio de Oliveira, major Januário Salerno, major Antônio Gambeta de Mesquita e os jornalistas Joaquim Silva, Joaquim Firmino de Camargo Pires e Dr. Achilles de Almeida. Como assistente eclesiástico junto à Comissão aparecia o cônego Aristides da Silveira Leite, pró-pároco de Sorocaba.

Recebido no Gabinete de Leitura sob calorosas salvas de palmas e vivas, Dom Duarte Leopoldo e Silva foi ali saudado efusivamente pelo presidente da "Comissão Pró-Diocese", Dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, que ao terminar suas colocações passou às mãos do arcebispo uma representação do povo sorocabano pedindo a instalação do Bispado. Levanta-se, então, Dom Duarte para falar, agradecendo a recepção que lhe fazia Sorocaba, "terra que por muitos títulos estimo bastante", "principalmente por ter sido o berço e guardar o túmulo de um sacerdote ilustre pelo saber e pelas virtudes, a quem devo os primeiros passos dentro da vida eclesiástica, o sábio organizador do Seminário de São Paulo, Monsenhor João Soares". Pôs-se primeiramente, então, a dissertar sobre o papel do Bispo como Pastor, amigo e pai dos seus diocesanos, para depois de lembrar, com saudade, a ação extraordinária do falecido bispo de Botucatu, Dom Lúcio Antunes de Souza, fazer ver aos presentes quanto o Episcopado brasileiro vinha concorrendo para a glória e prosperidade da Pátria "e quantos benefícios traz, assim, a multiplicação das dioceses".

Deu também Dom Duarte Leopoldo e Silva parabéns a Sorocaba pela justa aspiração e acrescentou que, como Metropolita, podia afirmar: "Mais cedo do que esperais, tereis o vosso Bispo. Espero dentro em breve trazer por minhas mãos um colega para presidir os destinos da Diocese de Sorocaba".

Um telegrama, por sugestão do próprio arcebispo de São Paulo, foi transmitido em nome do governador do Bispado de Botucatu, da Comissão Pró-Diocese e do povo sorocabano ao núncio apostólico no Brasil, Dom Henrique Gáspari, então residindo no Rio de Janeiro: "Apresentando nossas respeitosas homenagens ilustre representante Santo Padre, temos grande prazer comunicar V.Excia. que se acham reunidos elementos necessários criação nova diocese".

SURGE A DIOCESE, DOM AGUIRRE É O PRIMEIRO BISPO



Dom José Carlos de Aguirre, paramentado com as insígnias episcopais no dia de sua sagração em 8 de dezembro de 1924. Foi o primeiro bispo da Diocese de Sorocaba, nomeado em 1924. Desempenhou um papel crucial na organização e consolidação da nova diocese, liderando a comunidade católica local em um período de crescimento e mudança.

Apenas alguns meses se passaram desde a célebre reunião de 13 de janeiro, no Gabinete de Leitura Sorocabano, com a presença de Dom Duarte Leopoldo e Silva, primeiro arcebispo de São Paulo, e a 4 de julho de 1924, em Roma, o papa Pio XI já assinava as bulas "Ubi Praesules" – 'Onde os bispos...', na tradução literal do latim -, criando as dioceses de Santos e Sorocaba, no interior paulista, e "Comissum Humilitati", designando o então titular da Paróquia de Bragança Paulista, cônego José Carlos de Aguirre, como primeiro bispo da nova Diocese de Sorocaba – o Vaticano, porém, só viria a divulga-las publicamente a 21 de agosto. Naquele tempo de difíceis comunicações (nem se sonhava com as maravilhas da televisão e muito menos com as agilidades proporcionadas hoje pela Internet e o rádio, por sua vez, estava apenas engatinhando), as comunicações pontifícias também demoravam a chegar a seu destino, ainda mais quanto à criação naquele 4 de julho das duas novas dioceses paulistas, visto que já no dia seguinte, 5 de julho, eclodiria a Revolução de 1924 em São Paulo, também chamada de "Revolução do Isidoro", segunda revolta tenentista e maior conflito bélico até então ocorrido na Capital. Comandada pelo general reformado Isidoro Dias Lopes, a revolta ocupou a cidade por 23 dias, forçando, inclusive, o presidente do Estado, Dr. Carlos de Campos, a fugir para o Interior, depois de ter sido bombardeado o Palácio dos Campos Elíseos, no centro da Capital, sede do Governo Paulista na época[14].

[14] Em 5 de julho de 1924, São Paulo foi surpreendida pelo início desses combates que a deixariam sitiada por quase um mês. Em poucos dias, a disputa entre tropas que queriam derrubar o governo central e forças legalistas culminou no bombardeio da Capital por aviões enviados pelo presidente Arthur Bernardes. As bombas foram despejadas sobre bairros majoritariamente habitados por trabalhadores, como o Brás, Belenzinho e Mooca, entre 11 e 22 de julho. Mais de 200 mil pessoas, de uma população de 700 mil, deixaram a cidade às pressas, fugindo para arrabaldes ou municípios vizinhos como podiam, a pé, de carroça ou trens. Os bombardeios e combates de rua tiveram fim apenas em 28 de julho, com a retirada e rendição das tropas rebeldes, depois inclusive do governador Carlos de Campos, que abandonara a sede do governo para se refugiar na então distante região da Lapa, ainda ter se recusado a negociar a suspensão dos bombardeios com os emissários enviados pela Igreja Católica, o prefeito e a Associação Comercial.

Também no interior de São Paulo aconteceram rebeliões em várias cidades, com a tomada de muitas prefeituras pelas tropas revoltosas e deixando as comunicações ainda mais problemáticas. De modo que a Sorocaba a confirmação da criação da Diocese pela Santa Sé só chegaria no final de agosto. Cônego José Carlos de Aguirre também só fora comunicado formalmente de sua escolha pelo papa Pio XI um pouco antes, nos primeiros dias de de agosto, precisamente no dia 6, como deixou escrito (e 'sub sigilo Sancti Officci'). De Bragança Paulista, o arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva chama-o meio urgente a São Paulo: "Alguma bomba estourou na Casa Paroquial de Bragança Paulista, cônego José Carlos", vai logo perguntando Dom Duarte, ao que o pároco, espantado, desmente com veemência, acrescentando que em sua cidade a Revolução de 1924 deixava apenas muitos refugiados...

Dom Duarte Leopoldo e Silva não se dá por satisfeito, como recordou anos mais tarde Dom Aguirre a amigos: "Se não estourou, então vai estourar" – disse-lhe o grande Arcebispo. "O papa Pio XI está designando o sr. como bispo da nova Diocese de Sorocaba! O sr. Núncio manda-lhe perguntar se aceita". Dom Aguirre, então, pensou rapidamente, lembrou que nunca pedira cargos e retrucou: "Estou acostumado a obedecer. Aceito".

Pouco depois, alguns jornais chegaram a noticiar a eleição do cônego José Carlos de Aguirre ao Episcopado, trocando, contudo, Sorocaba por Botucatu, então `sede vacante´ pela morte de Dom Lúcio Antunes de Souza[15]. Muitos, até mesmo a mãe desconfiada,

Deixada à própria sorte, a população civil sofreu com falta de alimentos, água e assistência médica. Paróquias e entidades como a Cruz Vermelha se esforçavam para garantir atendimento. O caos interrompeu diversas atividades.

[15] Dom Lúcio Antunes de Souza, outro nome significativo dentro da história da Igreja de Sorocaba, é destaque em verbete apresentado no capítulo anterior, 'Sonho de uma Diocese'.

perguntavam ao pároco de Bragança se fora eleito bispo para Botucatu e mostravam os recortes de jornais. "Absolutamente não! Não de Botucatu", respondia o cônego José Carlos de Aguirre, conservando o segredo pontifício até que chegou a informação oficial. Para ele, "esta publicação veio colher-me em 21 de agosto, quando, na estação de Jundiaí, comprava passagem para Elias Fausto, onde morrera meu primo Euclides de Aguirre"[16].

[16] Em Sorocaba, a primeira notícia sobre a criação da Diocese e nomeação de seu primeiro bispo pelo Papa Pio XI a 4 de julho de 1924 veio publicada na edição de 22 de agosto pelo jornal 'Cruzeiro do Sul', um dia depois dos despachos oficiais da Santa Sé serem liberados no Rio de Janeiro pela Nunciatura Apostólica, porém com algumas imprecisões, certamente originadas em falhas de interpretação ou de comunicação mesmo, só corrigidas na edição seguinte (aliás, nessa edição de 22 de agosto de 1924, o jornal anunciava também que estava passando de bi a trissemanal). Informava essa edição do 'Cruzeiro do Sul', junto com a criação das novas dioceses de Sorocaba e de Santos e nomeação de seus primeiros bispos, a escolha do cônego José Carlos de Aguirre para a diocese vacante de Botucatu, pela morte de seu primeiro titular, Dom Lúcio Antunes de Souza. Para bispo de Sorocaba, aparecia o nome de Monsenhor Felisberto Marcondes Pedrosa, então vigário da Paróquia de Santa Cecília, no centro de São Paulo, "a quem o povo sorocabano já conhece das visitas à cidade do exmo. Arcebispo metropolitano e que, na sua carreira, se vem distinguindo pela mais perfeita compenetração de seu sagrado ministério", mas que jamais chegou ao Episcopado, e de Santos, Monsenhor Barata, então vigário-geral da Arquidiocese de Olinda e Recife (PE). Na realidade, cônego José Carlos de Aguirre fora designado para Sorocaba e, para Botucatu, Dom Carlos Duarte da Costa. Constava ainda das nomeações daquele 4 de julho ainda "um sacerdote baiano para bispo-auxiliar de São Paulo". Quanto à nova Diocese de Santos, a nomeação de Monsenhor Barata não se confirmou também, com a Santa Sé somente a 18 de dezembro seguinte referendando o nome do mineiro Dom José Maria Parreira Lara como seu primeiro bispo, empossado em fevereiro de 1925.

Sagração episcopal



No dia anterior à sagração episcopal, cônego Aguirre recebeu demonstrações de carinho do povo bragantino na Matriz de N.S. da Conceição, presenteado ao final da missa de ação de graças pelo seu paroquiato com significativa Cruz Peitoral.

A 8 de dezembro do mesmo ano de 1924, na Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, Monsenhor José Carlos de Aguirre, era, então, sagrado Bispo da Igreja, em cerimônia realizada pela manhã na Matriz de Bragança Paulista, inclusive na presença de uma expressiva representação de seus futuros diocesanos de Sorocaba. Eram cerca de 60 pessoas que embarcaram na noite anterior na Estação Ferroviária local, em carros especiais cedidos pela Estrada de Ferro Sorocabanba. Levavam como presentes de Sorocaba a Dom Aguirre um báculo pastoral de prata dourado e três mitras, confeccionadas pela já existente Obra dos Tabernáculos, instalada junto ao convento das religiosas beneditinas de Tutzing, mantenedoras do Educandário Santa Escolástica.

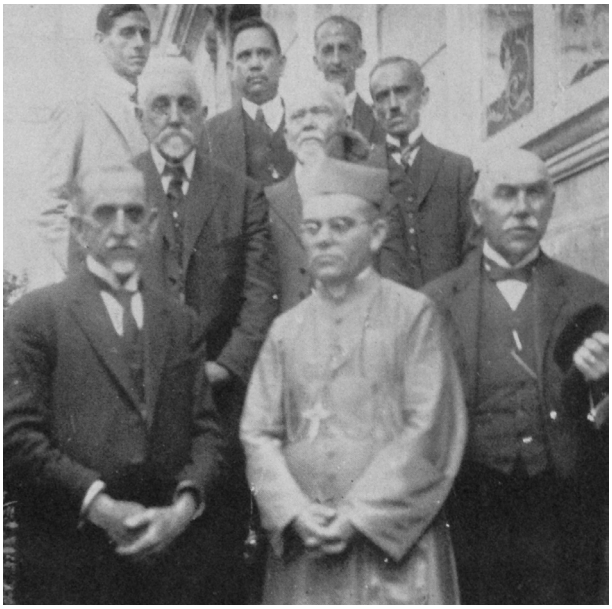
A cidade de Bragança Paulista, segundo crônicas da época em jornais locais, estava movimentadíssima, pois além da sagração episcopal do pároco, este chamara os Missionários Redentoristas para ali

pregar Missões Populares, marcando sua despedida. No dia anterior à sagração, 7 de dezembro de 1924, os paroquianos de Bragança reuniram-se também em missa de ação de graças na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, para despedir-se do seu pároco, eleito bispo de Sorocaba. Foi a ocasião em que entregaram ríquissimo presente do povo bragantino ao querido cônego José Carlos de Aguirre, pároco por 14 anos consecutivos, materializado em sua Cruz Peitoral[17], cravejada de diamantes, e ainda uma palmatória de prata[18].

Dom José Carlos de Aguirre teve como sagrante em sua ordenação episcopal o próprio arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, e como consagrantes os bispos de São Carlos de Pinhal, Dom José Marcondes Homem de Mello, e de Campinas, Dom Francisco de Campos Barreto.

[17] Um registro importante: a primeira Cruz Peitoral de Dom Aguirre, presente inestimável do povo bragantino e àquela altura já integrando o acervo do Museu Diocesano de Arte Sacra, foi em 1976 devolvida a Bragança Paulista pela Igreja Particular de Sorocaba, por decisão de seu segundo bispo, Dom José Melhado Campos, ouvido o Conselho de Presbíteros. Foi o presente dos sorocabanos a 10 de dezembro daquele ano a Monsenhor Antônio Pedro Misiara, quando de sua sagração episcopal, na Catedral de Nossa Senhora da Ponte. Natural de Tietê, Monsenhor Misiara, então desempenhando as funções de reitor do Seminário Central da Imaculada Conceição, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, e aos finais de semana atuando na coadjutoria da Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, em Votorantim, onde também fora pároco, foi coincidentemente eleito pelo Papa São Paulo VI como terceiro bispo daquela Diocese. Inclusive, essa bela Cruz Peitoral dada a Dom Aguirre pelos seus antigos paroquianos bragantinos é vista muitas vezes sendo utilizada em celebrações mais solenes pelos sucessores de Dom Antônio Pedro Misiara (falecido a 11 de maio de 2004), como o atual, Dom Sério Aparecido Colombo, sexto bispo da Diocese de Bragança Paulista.

[18] Palmatória de prata é uma espécie de castiçal que Dom Aguirre conservava, com extremado carinho, junto ao altar-mor da Capela de São José, que construiria ao lado do Palácio Episcopal, na rua XV de Novembro.



Comissão oficial de Sorocaba que foi a Bragança para a sagração de Dom Aguirre: Cel. Olegário da Silva Leme, Cel. Francisco de Assis, Elizeu de Moraes Leme, Dr. Valêncio do Prado Paulino, Cel. Teófilo da Silva Leme, capitão João Alves Bueno, jornalista Juvenal Guimarães e Cel. Ladislau da Silva Leme.

A chegada e posse

Os dias de dezembro passaram-se rapidamente e na tarde do dia 31, por volta das 17 horas, chegava à Estação Ferroviária de Sorocaba, em trem especial colocado à disposição da Igreja pelo governador do Estado, Dr. Carlos de Campos, o novo bispo. Partira da Capital às 14, sendo aqui recebido entusiasticamente pela multidão que tomava por completo o pátio da Estação e arredores. Ao desembarcar, Dom José Carlos de Aguirre recebe a saudação de boas-vindas proferida pelo juiz de Direito da Comarca, Dr. José Thiago de Silva, e, após agradecer emocionado e em poucas palavras a `esplendorosa´ recepção, dá ali mesmo pela primeira vez a bênção episcopal a seus

diocesanos de Sorocaba. Depois seguiu a pé mesmo, acompanhado da multidão, até a Residência Episcopal, situada quase defronte à nova Sé Catedral, no início da rua Cel. Benedito Pires. Às 19 horas, com a agora Catedral igualmente tomada e toda iluminada, aconteceu a cerimônia canônica de instalação da nova Diocese de Sorocaba, com a leitura da respectiva bula papal. Final de ano, em seguida foi ainda cantado solene "Te Deum", presidido por Monsenhor Domingos Magaldi, governador do Bispado de Botucatu desde a morte de Dom Lúcio.



As reformas na Matriz para se transformar em Catedral não tiveram impacto externo, a não ser a nova cúpula, porém internamente aconteceram mudanças significativas, sobretudo no Presbitério, ficando assim.

A posse de Dom José Carlos de Aguirre como primeiro bispo diocesano de Sorocaba aconteceu na manhã seguinte, dia de Ano Bom, 1º de janeiro de 1925, coincidindo com a chegada da secular romaria vinda do bairro de Aparecidinha, trazendo a veneranda imagem de Nossa Senhora Aparecida. Às 10 horas, Dom José Carlos de Aguirre saiu da Residência Episcopal sob o pálio e, revestido de alva e mitra e empunhando o báculo, entra na Catedral ao canto de "Ecce Sacerdos". Orou

na Capela do Santíssimo, sentou-se ao trono episcopal e ouviu Monsenhor Dr. João Batista Martins Ladeira, insígne sacerdote do clero paulistano, ler as bulas de nomeação do bispo diocesano e de sua apresentação ao povo, lavrando-se o respectivo termo de posse e seguindo-se missa cantada, com assistência pontifical, sermão gratulatório feito pelo padre Gasparino Dantas e os cumprimentos do clero local a seu novo Bispo!

A nova Diocese de Sorocaba

Pela bula "*Ubi Praesules*", de 4 de julho de 1924, do papa Pio XI, além da sede (Paróquia de Nossa Senhora da Ponte/1665-66), constituíam o território eclesiástico da nova Diocese de Sorocaba, totalizando uma população de 355.181 habitantes, outras 29 cidades-paróquias. A saber:

Sorocaba, Paróquia de Nossa Senhora da Ponte (1665/66);

Alambari, Paróquia do Bom Jesus (1846);

Angatuba, Paróquia do Divino Espírito Santo (1874);

Bofete, Paróquia de Nossa Senhora da Piedade (1866);

Boituva, Paróquia de São Roque (1916);

Bom Sucesso (Paranapanema), Paróquia de Nossa Senhora do Bom Sucesso (1859);

Buri, Paróquia de São Roque (1922);

Campo Largo (Araçoiaba da Serra), Paróquia de Nossa Senhora das Dores (1820);

Capão Bonito, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1746);

Cerquilho, Paróquia de São José (1914);

Cesário Lange, Paróquia de Santa Cruz (1914);

Conchas, Paróquia do Senhor Bom Jesus (1899);

Faxina (Itapeva), Paróquia de Sant'Ana (?);

Guareí, Paróquia de São João Batista (1872);

Itaberá, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1864);

Itapetininga, Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres (1771);

Itaporanga, Paróquia de São João Batista (1855);

Itararé, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1897);

Laranjal Paulista, Paróquia de São João Batista (1900);

Pereiras, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1876);

Piedade, Paróquia de Nossa Senhora da Piedade (1847);

Pilar do Sul, Paróquia do Senhor Bom Jesus do Bom Fim (1888);

Porangaba, Paróquia de Santo Antônio (1898);

Porto Feliz, Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens (1728);

Ribeirão Branco, Paróquia do Senhor Bom Jesus (1905);

Ribeirão Vermelho (Riversul), Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (1928);

São Miguel Arcanjo, Paróquia de São Miguel Arcanjo (1886);

Sarapuí, Paróquia de Nossa Senhora das Dores (1844);

Tatuí, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1822); e

Tietê, Paróquia da Santíssima Trindade (1811).

Só a cidade de Sorocaba tinha cerca de 25.000 habitantes, mas o território geográfico que faria parte da nova Diocese somava, assim, 30 municípios, estendendo-se até as áreas fronteiriças do Paraná, tendo como limites as dioceses de Ponta Grossa e Jacarezinho.

DOM JOSÉ CARLOS DE AGUIRRE, O FUNDADOR



Dom José Carlos de Aguirre, desde os primeiros dias de seu episcopado de quase meio século à frente da nova Diocese de Sorocaba, buscou, de um lado, a formação e o contínuo aprimoramento espiritual de seu clero e, de outro, favorecer a santificação de seus diocesanos pela devoção aos mistérios sagrados e encarnação do Evangelho na vivência familiar, na vida profissional e na sociedade.

Dom José Carlos de Aguirre fez questão de deixar registrados, de próprio punho como se dizia, seus traços biográficos, transcritos fielmente por sua orientação no primeiro Anuário Diocesano, dos muitos que fazia questão de ver impresso a cada ano historiando a caminhada pastoral da nascente Igreja Particular de Sorocaba, em tempos de fundação e organização – Anuário este que circulou logo ao final de 1925, início de 1926.

Eis como se apresentava Dom José Carlos de Aguirre: "Filho legítimo e primogênito de Francisco Leopoldo de Aguirre e Maria de Campos Aguirre, nasceu na Fazenda Paraíso, de propriedade de seu avô paterno, sita em Itaqueri da Serra, hoje distrito de Itirapina, município de Rio Claro, no Estado de São Paulo, a 28 de abril de 1880. Foi batizado na igreja matriz de São Carlos do Pinhal, pelo vigário Cônego Joaquim Botelho da Fonseca, aos 10 de agosto de 1880, servindo como padrinhos seu avô paterno, Cel. José Manoel de Aguirre, e sua avó materna, D. Maria Rosa Amélia de Aguirre Campos Pinto. Foi crismado na igreja matriz de São Carlos do Pinhal em 1886, pelo bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodriguez de Carvalho, servindo de padrinho seu tio Visconde de Cunha Bueno. Foram seus professores, em São Carlos do Pinhal, João Penteado do Amaral, Emílio Vasenfelder, Cornélio O´Connor de Camargo Dauntre e Dr. Matias da Gama e Silva. Foi alunos dos Salesianos do Liceu do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, de 1891 a 1895. Fez a 1ª Comunhão no Liceu do Sagrado Coração de Jesus a 1º de novembro de 1891. De 1896 a 1904, foi aluno do Seminário Episcopal de São Paulo, onde vestiu batina a 21 de junho de 1896. Recebeu a primeira tonsura clerical das mãos de Dom Antônio Cândido de Alvarenga, a 27 de maio de 1899. Foi por Dom Antônio Cândido de Alvarenga nomeado mestre de Cerimônias da Catedral de São Paulo a 6 de

fevereiro de 1901, exercendo esse cargo até a sua ordenação sacerdotal. Recebeu as quatro Ordens Menores das mãos de Dom Antônio Cândido de Alvarenga, a 21 de dezembro de 1901; o Subdiaconato, das mãos de Dom João Baptista Corrêa Ney, bispo de Pouso Alegre (MG), em trânsito por São Paulo, a 1º de fevereiro de 1903; o Diaconato, das mãos de Dom Júlio Tonti, Núncio Apostólico, a pedido de Dom Alvarenga, a 8 de novembro de 1903, e o Presbiterato das mãos de Dom José de Camargo Barros, bispo diocesano, a 8 de dezembro de 1904, Jubileu da Imaculada Conceição, na velha Catedral de São Paulo. Rezou a primeira missa no altar de Nossa Senhora de Lourdes, do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, a 9 de dezembro de 1904. Cantou a primeira missa na velha Matriz de Santa Ifigênia, em São Paulo, a 18 de dezembro de 1904, por ocasião do lançamento da primeira pedra da nova Matriz dessa Paróquia. Foi secretário e professor do Colégio Diocesano de São Paulo e capelão do Colégio das Damas de Sion, de 4 de fevereiro de 1905 a 31 de dezembro de 1907. Foi nomeado coadjutor da Paróquia de Santa Cecília, em São Paulo, e assistente eclesiástico da Legião de São Pedro, a 1º de janeiro de 1908. Foi nomeado vigário da Paróquia de São José do Belém, em São Paulo, a 9 de agosto de 1908. Foi agraciado com o título de cônego honorário, com assento e voto consultivo no Cabido de São Paulo, a 7 de fevereiro de 1910. Foi nomeado vigário de Bragança Paulista, a 5 de março de 1911. Foi eleito bispo de Sorocaba a 4 de julho de 1924. Foi sagrado Bispo em Bragança, por Dom Duarte Leopoldo e Silva, Dom José Marcondes Homem de Mello e Dom Francisco de Campos Barreto, a 8 de dezembro de 1924, 20º aniversário de sua ordenação sacerdotal. Foi proclamado no Consistório de 18 de dezembro de 1924. Tomou posse do Bispado de Sorocaba a 1º de janeiro de 1925. Celebrou o primeiro pontifical a 6 de janeiro de 1925. Ordenou seus primeiros sacerdotes a 7 de março de 1925."



Brasão de Dom José Carlos de Aguirre. Seu lema episcopal: "*Per Ipsum, et cum Ipso, et in Ipso*" ("Por Ele, com Ele e Nele").

Um Pastor no meio do povo

"Para que nossa missão no meio de vós não seja nula, nós vos suplicamos, caríssimos cooperadores e filhos diletíssimos, pelas entranhas da misericórdia divina, que nos assistais com vossas preces, comunhões e toda sorte de atos de piedade", escreveria Dom Aguirre em sua primeira Carta Pastoral, redigida ainda em Bragança Paulista, com data de 8 de dezembro de 1924, Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, 20º aniversário de sua ordenação sacerdotal e dia de sua sagração episcopal. Saudando seus futuros diocesanos e, ao mesmo tempo, registrando preito de gratidão aos paroquianos de Bragança, onde esteve por treze anos e oito meses, não deixa de registrar "o quanto nos acabrunha o pensamento de sermos nós o vosso

primeiro bispo", destacando ainda que "outra razão – e poderosa de nossa confusão – é o pensarmos que vamos substituir em porção notável de uma diocese o 'Pastor Bonus' Dom Lúcio Antunes de Souza, que assinalou sua passagem por ela em sulcos luminosos de doutrina e de obras inigualáveis. É justo que os seus ex-diocesanos, vendo-se agora nossos, lamentem ainda mais sua morte. Resta-nos, porém, o conforto de que, lá do Céu, ele não se desinteressará dos trabalhos que empreendeu por aqui e se constituirá valioso patrono da Diocese e do novo Pastor que, a medo, ensaia seguir-lhe as pegadas". "Quero ser princípio de Unidade da Igreja local".

Ainda quando a Comissão Pró-Diocese de Sorocaba fora formada oficialmente ao início dos anos 1920, foi logo informada pelo núncio apostólico no Brasil, Dom Henrique Gaspari, e pelo arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, da necessidade de se constituir um patrimônio inicial de 150 contos de réis, incluído nele o valor para o Palácio Episcopal. Para agilizar a criação da nova Diocese, optou a Comissão, ao invés de lançar-se numa demorada construção, pela aquisição com a aprovação do Arcebispo, por preço simbólico (35 contos de réis), de palacete de propriedade do major Abílio Soares, depois comendador por deferência papal pelos muitos serviços prestados à Igreja. Ficava quase defronte à então Igreja Matriz, no número 54 da rua Coronel Benedito Pires.

Casa de alvenaria, fachada de janelões e portão diretamente para a rua, com terraço coberto dando para três salas seguidas, corredor dando para os dormitórios, pequena sala de jantar, copa, cozinha e porão. Nela Dom José Carlos de Aguirre passou a residir assim que chegou a Sorocaba com a família (mãe e duas irmãs - uma terceira seguiu a vida religiosa) a 31 de dezembro de 1924, para tomar posse em sua sede episcopal. "Ninguém se lembrou, porém, de

cômodos para a Cúria", assinala Aluísio de Almeida, à época um dos três seminaristas sorocabanos que concluíam sua formação teológica no Seminário de Botucatu e estavam à espera da chegada do bispo para a ordenação sacerdotal. Provisoriamente, foi a Cúria instalada em salas aos fundos do Mosteiro de Santa Clara, na rua Padre Luiz, frente para a Carlos Gomes, cedidas pelas Monjas Concepcionistas.

Vocações sacerdotais no centro das orações e coração do Bispo



Os dois primeiros da coroa de sacerdotes ordenados por Dom Aguirre: padres João Alberto Baccilli e José Belloti (07/03/1925).

As vocações sacerdotais na Diocese recém-criada também eram presença constante nas orações e no coração do Bispo. No ano de 1925, encontrou Dom Aguirre em Sorocaba seis seminaristas que residiam nos seminários menor e maior de Botucatu. Ainda em 1925, no dia 7 de março, realizou, na Catedral, a ordenação sacerdotal de dois diáconos que, preparados para o sacerdócio, aguardavam a chegada do prelado da circunscrição eclesiástica que estava por surgir: eram eles Alberto Baccili e José Pedro Belloti. Foram, aliás, as duas primeiras das

exatas 278 ordenações sacerdotais que Dom José Carlos de Aguirre realizaria em Sorocaba e em tantas outras cidades e sedes episcopais pelo País afora, 52 seculares e 226 de religiosos, naquele que foi, certamente, o mais longo episcopado da história da Igreja do Brasil - foi ainda aquele que mais ordenou presbíteros brasileiros, grande parte religiosos redentoristas, em números exatos de 150 (a Congregação do Santíssimo Redentor tinha em Tietê sua principal casa de formação, o Seminário 'Santa Terezinha'), e seculares daqui e de outras dioceses, de 7 de março de 1925 a 8 de dezembro de 1966, meses depois de entregar o governo pastoral de sua primeira e única Diocese a Dom José Melhado Campos.

Uma outra significativa ordenação para o clero secular de Sorocaba, das muitas ocorridas logo ainda nos primeiros anos de seu episcopado, foi a do jovem guareiense Luiz Castanho de Almeida, a quem Dom Aguirre conferiu o Presbiterato na manhã de 8 de maio de 1927, na Catedral de Nossa Senhora da Ponte. Precisou-se, inclusive, de licença especial da Santa Sé, com dispensa papal, para sua ordenação antes da idade canônica. Nascido a 6 de novembro de 1904, já havia concluído seus estudos teológicos no Seminário de Botucatu no final de 1924, chegando a Sorocaba a tempo das solenidades de instalação do Bispado. Exerceu por algum tempo o ofício de secretário pessoal do novo bispo. Acometido após alguns anos de sacerdócio da chamada 'doença do tifo preto', quando pároco em sua terra natal (Guareí), trazendo como consequência degenerativa esclerose dos nervos, teve aos poucos que ir se retirando do trabalho pastoral, dedicando-se, porém, à intensa atividade intelectual, transformando-se no brilhante historiador, folclorista e literato sorocabano Aluísio de Almeida, que grande contributo daria à historiografia local, regional e nacional, até seu falecimento no dia 28 de fevereiro de 1981. Em tudo fazia questão de apresentar-se como 'filho e sacerdote da Santa Igreja' e celebrar a

missa todos os dias em sua capela particular, no sobradinho da rua Ruy Barbosa, 54, no bairro do Além-Ponte - construído por pedreiros contratados por ele no terreno que a família havia ajudado-o a adquirir e que, assim, logo pode acolhê-lo diante da chegada da enfermidade -, entre os penosos sacrifícios que a doença lhe impunha, inclusive autorizado pela Santa Sé, mais tarde, a oficiar sentado em sua cadeira de rodas o Santo Sacrifício (foi o último pároco secular do Bom Jesus, antes da paróquia, com a chegada dos franciscanos a Sorocaba no Natal do ano anterior, a eles ser confiada em 1937, e ainda professor e reitor do Seminário Diocesano "São Carlos Borromeu" até quando a doença o permitiu, no início dos anos 40, retirando-se, então, definitivamente para o sobradinho da Ruy Barbosa, bem próximo da Matriz do Bom Jesus, hoje patrimônio histórico da cidade como Casa 'Aluísio de Almeida', sede do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, e onde, diga-se de passagem, igualmente, se preserva intacta sua Capela). Aliás, também neste ano de 1927, rejubilou-se a nova Diocese com a ordenação sacerdotal do padre Antônio Bruneti, jovem sorocabano enviado a Roma para seus estudos no Seminário Pio Latino. Recebeu sua ordenação presbiteral na 'Cidade Eterna' no dia 28 de outubro, mas demorou ainda um bom tempo para retornar, permanecendo em Roma preparando sua tese de doutoramento em Teologia.

No fim de 1925, eram 51 sacerdotes na nova Diocese, sendo dez deles religiosos, entre monges beneditinos alemães e agostinianos recoletos espanhóis. Na sede do Bispado, Dom Aguirre inaugurou o costume de, em estando na cidade, crismar às quintas e domingos, às 15 horas, sempre na igreja da Catedral – e, um pouco depois, na Catedral só em dias de grande número de crismandos, como Páscoa, Natal e Ano Bom, e rotineiramente na Capela de São José, que fez construir junto ao novo Palácio Episcopal, na rua XV de Novembro.

Um fato pitoresco ainda desses primeiros meses (ou semanas!) de presença do primeiro bispo em Sorocaba e que merece ser registrado é que, entre seus trabalhos organizativos, administrativos e pastorais, visitas e contatos com autoridades civis de Sorocaba e dos demais municípios agregados à nova Diocese e principalmente reuniões de conhecimentos com seus padres, religiosas e também lideranças do laicato católico, sobretudo ligadas às irmandades, associações e entidades que hoje diríamos formadoras da Pastoral Social, Dom Aguirre recebeu também a agradabilíssima visita de uma expressiva caravana de ex-paroquianos de Bragança Paulista. Viera rever o estimado e já saudoso Pastor, porém com uma outra missão premente ao mesmo tempo: solicitava o empenho e o apoio de Dom Aguirre à causa que estavam abraçando no sentido de que Bragança estivesse entre as próximas sedes episcopais que a Santa Sé estudava criar dentro de seu projeto de descentralizar o governo da Igreja no interior de São Paulo e dos demais estados brasileiros, iniciada ainda no final do século XIX, com a proclamação da República no Brasil em 1889 e a consequente separação entre o Estado e a Igreja, vigente desde os tempos coloniais e que continuou durante todo o período imperial. No fundo, no fundo, também alimentavam os bragantinos a esperança de que, criada a nova Diocese, teriam de volta o pastoreio de Dom Aguirre. Não demorou muito e já a 24 de julho de 1925 o Papa Pio XI assinava decreto pontifício criando a Diocese de Bragança Paulista, formada por território desmembrado em parte da Arquidiocese de São Paulo e em parte da Diocese de Campinas. Como primeiro bispo da nova Diocese o Sumo Pontífice elegeu Dom José Maurício da Rocha, que teve ali um episcopado fecundo e tão longo como quase o de Dom José Carlos de Aguirre em Sorocaba. Governou a Diocese de Bragança Paulista entre 1927 e 1969.

Início de um episcopado. Uma sede para a Diocese

Dom Aguirre passou, assim, o primeiro ano de seu Episcopado entre providências administrativas e preocupações pastorais inerentes à fundação de um novo Bispado, chegando ainda a visitar a maioria das paróquias da Diocese, inicialmente num total de 29 paróquias-municípios - excetuando-se a Catedral de Sorocaba e, um ano depois, a do Bom Jesus dos Aflitos, instalada a 6 de agosto de 1926 no Além-Ponte -, na maioria das vezes sempre de trem pela linha da Estrada de Ferro Sorocabana, em companhia do beneditino Dom Bernardo Stocker, padre Joaquim Antônio do Canto e de seu secretário pessoal, padre Alberto Bacceli.

A reforma do antigo Mosteiro de Santa Clara, na esquina das ruas de São Bento e Padre Luiz, já bastante deteriorado pela ação do tempo, foi também uma de suas primeiras providências concretas, de um lado buscando dar um melhor acolhimento às monjas concepcionistas de vida contemplativa ali recolhidas em termos de dignidade habitacional e de outro, sobretudo, revendo e atualizando sua regra monástica à luz dos princípios canônicos, inclusive com revigoramento espiritual a devolver a todas o fervor conventual que marcara a fundação do Recolhimento no início do século XIX. Assim, a 6 de janeiro de 1928, como anotou Dom Aguirre em sua agenda, já era inaugurado um novo prédio dentro das estruturas do Mosteiro de Santa Clara edificado sob a orientação do franciscano Frei Santo Antônio Sant'Ana Galvão quando da organização do Recolhimento em 1810/1811, na realidade um sobrado fechando o quarto lado do velho claustro. Pouco antes, já tinham sido reformados os cômodos de 1811, com piso de cimento e outras melhorias.



Neste casarão, adquirido em 1926, instalou-se o Paço Episcopal de Dom Aguirre, na rua XV, construindo-se à esquerda a Capela de São José, onde até 1966 milhares de sorocabanos foram crismados.

Em 1926, por 80 contos de réis, Dom Aguirre adquiria o prédio da rua XV de Novembro (imóvel simples, de 1886, em alvenaria, casarão em estilo da época, com cinco janelões e porta também dando diretamente para a calçada), onde hoje está a sede regional do Banco do Brasil, para instalar o então chamado Palácio Episcopal (onde residiu até junho de 1966). Era bem maior que a provisória residência episcopal instalada no número 54 da rua Cel. Benedito Pires, construindo junto dele logo depois, em 1929, a Capela de São José à esquerda, em parte com as próprias economias pessoais e da família, sagrada a 1º de setembro, com missa ali celebrada por Dom Aguirre às 7h30, dentro de programa desenvolvido naqueles dias, com cerimônias litúrgicas de ação de graças pelo retorno do Sr. Bispo de sua primeira visita '*ad limina*' a Roma, e à direita, posteriormente, o edifício assobradado "*Sanctificatio Nostra*" ("Nossa Santificação"), para retiros do clero, recolhimentos, encontros e outras atividades pastorais da Igreja de Sorocaba, inaugurado a 6 de julho de 1936, e onde, inclusive, estabeleceu-se também, em março anterior, a Cúria Diocesana - que resistiu até os anos 80 do século passado. O '*Sanctificatio Nostra*' era dotado também de

39 pequenos quartos. Entre a sua residência e esse prédio, Dom Aguirre sempre manteve, aliás, quintal aprazível, cimentado em parte, com extensa parreira e um viveiro de lindos canários, sua paixão.



Prédio '*Sanctificatio Nostra*'. A casa de retiros da Diocese (e Cúria), também foi construído na XV de Novembro, ao lado direito da residência do Sr. Bispo.

Em 1929, como vimos, Dom Aguirre vai a Roma, na primeira visita '*ad limina*' ao túmulo de Pedro, sendo por duas vezes recebido em audiência privada pelo Papa Pio XI, entre o final de maio e agosto, e tendo também o privilégio neste período de participar, na Basílica de São Pedro, da cerimônia de beatificação de Dom Bosco, o Santo fundador da Congregação Salesiana, no dia 2 de junho (a canonização de São João Bosco ocorreria no Domingo de Páscoa de 1934). Em Roma, ficara hospedado no Colégio Pio Americano, onde fora, aliás, recebido com significativas homenagens principalmente pelos brasileiros, seminaristas e sacerdotes, que ali ficavam alojados durante o período de estudos na 'Cidade Eterna' – meses depois, por sinal, não deixou Dom Aguirre de perfilar-se ao lado de outros bispos, participando com entusiasmo de campanhas de arrecadação de

recursos para a construção do edifício em Roma que viria a sediar o Colégio Pio Brasileiro, iniciativa incentivada largamente, desde o início, pelo Papa Pio XI inclusive e inaugurado em 1934 (como anteriormente com o Pio Americano, acolhe, desde então, os seminaristas que se preparam para o sacerdócio e presbíteros brasileiros que vão para lá para seus estudos complementares representados por doutorados teológicos nas mais diferentes áreas em uma das seis universidades pontifícias espalhadas pela cidade de Roma, com não poucos enviados pela Igreja Particular de Sorocaba tendo passado também pelo Pio Brasileiro nestes últimos noventa anos). De volta a Sorocaba, com as forças espirituais e pastorais ainda mais revigoradas, segue em frente. A esta altura, as visitas pastorais realizadas a cada três anos a todas as paróquias da então vastíssima Diocese, como logo estabelecera, são marcadas por enorme piedade popular, inclusive quase sempre com a realização concomitante de concorridas e santas Missões, a cargo dos redentoristas.

Outra data significativa destes primeiros anos de episcopado de Dom Aguirre: no dia 23 de novembro de 1929, recebeu como doação do sr. Frank Josef Speers e de sua esposa, a senhora Rosália Oétterer Speers, o terreno da avenida Dr. Eugênio Salerno destinado à construção do Seminário Menor Diocesano 'São Carlos Borromeu'. 'Menina dos olhos' de Dom Aguirre em seus 49 anos de episcopado em Sorocaba, a crônica histórica do nosso Seminário deste período, até nossos dias, aparece aqui no Apêndice B à parte.

Paralelamente, o primeiro governo episcopal em Sorocaba vai avançando. Com acontecimentos corriqueiros dentro da caminhada canônica e pastoral de qualquer Igreja Particular de um lado e, de outro, significativos momentos e manifestações extraordinárias de vida eclesial e de ação evangelizadora e missionária. Um deles a fundação,

a 21 de outubro de 1929, da tão sonhada Congregação Mariana dos Moços, concretizando com seus esforços o beneditino Dom Francisco Empting aspiração latente no coração do Bispo.

Seguiram-se, porém, períodos de instabilidades sociais e políticas para Dom José Carlos de Aguirre, que no final de outubro de 1930 estava pessoalmente na Paróquia de Itararé, "procurando promover necessária assistência espiritual aos fiéis dali e às tropas em combate" em meio à deflagração da Revolução liderada pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, movimento armado que culminou com o golpe de Estado que depôs o presidente da República Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha. Para uma assistência contínua, Dom Aguirre levara consigo o monge beneditino Dom Bernardo, que com o retorno a Sorocaba de Dom Aguirre ali ainda permaneceu por mais algum tempo, "enquanto se fizerem necessários os socorros do sagrado sacerdócio".

Menos de dois anos depois, é a Revolução Constitucionalista que traz igual apreensão ao coração do Bispo, como veremos ao relembrar, em apêndice sobre os Santuários de Sorocaba, suas orientações quanto à suspensão da realização da tradicional romaria de Aparecidinha no domingo (10), o segundo do mês, com a eclosão no dia anterior, 9 de julho de 1932, do movimento armado dos paulistas pela redemocratização do País. Inclusive, no dia 17 seguinte todos os párocos do vasto território diocesano recebiam comunicado urgente de Dom Aguirre, pedindo que promovessem em todas as igrejas "momentos de preces pela paz e pelo término da Revolução iniciada no dia 9".

Em 10 de abril de 1932, pouco antes da eclosão da Revolução Paulista, portanto, Dom Aguirre registra no Livro de Tombo da Diocese, por outro lado, que a Santa Sé autorizara a permuta da Paróquia

de Bofete, então pertencente a Sorocaba, com a Diocese de Botucatu, ficando com a de Itaí, estrategicamente mais próxima a Itapeva. Bem mais para frente, já em 1964, bula papal de São Paulo VI, datada de 2 de agosto, também devolveria à Diocese de Botucatu as paróquias de Bom Jesus, de Conchas; Nossa Senhora do Bom Sucesso, da cidade de Paranapanema, e de Santo Antônio, de Itaí. Eram muito distantes da sede do Bispado de Sorocaba!

Ainda neste período, a chegada da chamada 'era do rádio' também repercute na vida pastoral da Igreja e, pela primeira vez, Sorocaba recebe uma missa irradiada. Transmitida pela PRD-9, a 'missa do galo', celebrada por Dom Aguirre na noite de 24 de dezembro de 1933, foi toda cantada na igreja do Mosteiro de São Bento, a cargo do maestro Vicente R. Silva e com o consagrado pianista sorocabano Norberto Amaral Bastos ao órgão.

Outro registro interessante deste período é a publicação de Ordem Diocesana nº 78, redigida a 13 de novembro de 1934 por Dom Aguirre, ordenando que todos os vigários, "em consonância com os dispositivos da lei 19.322, do dia 11 passado, que isenta de impostos as propriedades a Igreja, desde que sejam registradas na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro", enviassem as relações das propriedades da Diocese de Sorocaba, "a fim de ser providenciado o competente registro".

A segunda paróquia de Sorocaba

Também logo que tomou posse, Dom Aguirre se apercebeu que, embora com apenas 25 mil pessoas habitando o município-sede de seu Bispado, urgente se fazia necessária a criação de uma segunda paróquia em Sorocaba. E logo também que, como critério geográfico e pastoral, essa segunda paróquia deveria surgir na vastíssima região

já conhecida como Além-Ponte – também a mais antiga e mais densamente povoada (registros apontam que a primeira casa por aquelas bandas foi construída em 1695), com vários bairros a ela agregados.

Assim, em fins de 1925, o bispo entregou ao então cônego Francisco Antônio Cangro, a essa altura coadjutor da Catedral, a incumbência de fundar a nova paróquia, certamente com a recomendação implícita, aliás, de que fosse dedicada ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos, como que desejoso de que se prosseguisse na cidade essa devoção, presente desde o final do século XVIII em capelinha que já encontrara em ruína quando chegara na rua das Flores, hoje Monsenhor João Soares[19].

[19] A primitiva Capela do Bom Jesus dos Aflitos em Sorocaba foi construída em 1852 por Elias Ayres do Amaral junto ao sobradão da família na rua das Flores (Monsenhor João Soares), esquina com a rua Bom Jesus (atual rua Dom Antônio Alvarenga) e com frente em perpendicular para a rua José Bonifácio, então rua da Amargura, depois de obter licença especial do vigário capitular a 19 de setembro de 1851, cumprindo votos do pai Américo Antônio Ayres de edificar ao lado de sua residência uma ermida ou casa de orações em honra ao Bom Jesus do Aflitos e ali colocar a imagem que a família tinha em seu poder. Em seu livro "Cruzes e Capelinhas – Tradições sorocabanas que desaparecem" (1952), o historiador Antônio Francisco Gaspar acentua, inclusive, que para muita gente era a 'igreja de São Benedito', em vista de sua Irmandade ali realizar celebrações, momentos de orações e festas em honra ao Santo Negro, quando não faltavam, principalmente ainda no tempo do Império, o espocar de fogos de artifício. "Assim, também até 1925 o povo crismou esse templo de igreja de São Benedito, porque ali se reunia a Irmandade desse Santo, a qual também zelava por essa capela", escreveu Gaspar. Em estado de ruina, um violento temporal, nos primeiros dias de janeiro de 1925, fez ruir sua torre de madeira e pouco antes de 1926, também com a morte de seus protetores, a Capela teve de ser demolida por completo. Já em vias de criação da segunda paróquia de Sorocaba, suas imagens foram, então, transferidas para a Matriz provisória, incluindo a histórica imagem do Padroeiro (Bom Jesus dos Aflitos), pertencente à Família Ayres e até hoje venerada na Paróquia nos altos da Nogueira Padilha – imagem do século XVIII e que também servia às procissões da Semana Santa na Matriz de Nossa Senhora da Ponte, como a do Fogaréu ou do Senhor Preso, participada só pelos homens na noite da quinta-feira da Paixão, depois do Lavapés. A imagem de São Benedito com sua secular Irmandade, porém, ainda não foi desta vez que se deslocou para o bairro do Além-Ponte. Retornou à velha igreja de Santo Antônio, no largo do Mercado, onde continuaram tradicionais as festas anuais em louvor a São Benedito, celebradas no início do ano, em janeiro, no dia 6, como um prolongamento das festividades de Natal, quando os

Reunida a comunidade das cercanias, logo começou-se a construção de uma Matriz provisória, após amealhar-se a quantia de 'uns 30 ou 50 contos de reis', como escreveu Aluísio de Almeida, "em um pasto em frente à Chácara Amarela", onde hoje está o Ginásio Municipal de Esportes. São ainda de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida (que foi o último pároco secular da centenária Bom Jesus) estas anotações históricas: "É verdade que o sr. Alberto Kenworthy deu apenas 20 por 30 metros, mas esperava-se que a Prefeitura desapropriasse o largo, ao que parece. Além disso, o doador faleceu antes de passar a escritura e os herdeiros arrastavam o inventário... Em dezembro de 1925, o seminarista subdiácono, autor destas mal traçadas linhas, esteve substituindo o secretário do Bispado, à rua Cel. Benedito Pires. Pouco antes do Natal, o major Antônio Gambeta de Mesquita, um grande leigo católico, parou à frente do palacete com o seu Ford bigode e levou-nos, isto é, a Dom Aguirre e a mim, a ver as obras da Santa Casa. A Santa Casa estava sempre progredindo, com o major Abílio Soares, Felipe Betti e o Dr. Stilitano, mas havia irmãs, graças a Deus, para o conforto espiritual dos enfermos. Na volta, paramos na rua Ruy Barbosa, ao lado do salão em construção, mas Dom Aguirre não desceu, porque só havia quatro paredes, sem o teto".

A 6 de agosto de 1926, solenidade litúrgica do Patrono, estava pronta a Matriz provisória ("que ficou sempre com tijolos aparentes pelo lado de fora, mas bem acabada por dentro, com grandes janelas que a arejavam, uma sacristia atrás do único altar, pia batismal, confessionário e um púlpito baixinho, que não causava medo aos oradores novatos"...) e criou-se a segunda paróquia na cidade-sede do Bispado, a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, que aliviou a Paróquia da Catedral

devotos também tiravam pelas ruas da cidade não somente procissões com a imagem do Santo Negro, mas realizavam ainda suas congadas saudando a aproximação do Dia de Reis. Só com a demolição da igreja do largo do Mercado, no final dos anos 50, imagem e Irmandade foram acolhidas pelos franciscanos no Bom Jesus.

de toda a vasta região do Além-Ponte, em área territorial muitas vezes maior que a própria comunidade-mãe de Nossa Senhora da Ponte, indo à época até os lados de Votorantim e até as divisas com o município vizinho de Itu ou além delas, atingindo o leprosário de Pirapitingui – "De um modo geral – registrou ainda padre Castanho -, o limite com a Paróquia da Catedral era o rio, incluindo os arraiais e bairros até São Roque e Itu, mais o bairro de Santa Rosália e todo o distrito de Votorantim" -. Naquele dia festivo, foram abençoadas por Dom Aguirre as dependências da nova igreja e celebrada a primeira missa, assim como lavradas as provisões canônicas, incluindo a nomeação do primeiro pároco, na pessoa do cônego Francisco Antônio Cangro. "A cidade de Sorocaba está crescendo muito e os habitantes dos Além-Ponte, ou seja, além do rio Sorocaba têm dificuldade de ir à Catedral, devido à distância", aparece grafado na abertura do Livro I do Tombo da Paróquia do Bom Jesus, com data de 6 de agosto de 1926.

Durante os primeiros dez anos de sua existência, sacerdotes do clero secular se revezaram na assistência ao Bom Jesus, assumindo o paroquiato já no dia 16 de outubro seguinte o padre Alberto Baccili - padre Francisco Antônio Cangro, muito esgotado fisicamente, se viu forçado a se retirar por algum tempo para recobrar suas energias e, quando retornou à Diocese, reassumiu suas funções como coadjutor e depois titular da Paróquia da Catedral, após breve passagem pela Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, em Itapetininga. Na sequência, outro registro importante, padre Alberto Baccili não ficou muito tempo sozinho, recebendo como coadjutor, em dezembro, o padre José Zanola[20],

[20] Egresso da Congregação Salesiana, padre José Zanola imortalizou-se em Sorocaba também pela dedicação à música sacra na Diocese, além da passagem pelo Bom Jesus e, em seguida, o Curato de Votorantim, a ele confiado por Dom Aguirre, assim como por sua atuação como secretário do Bispado e capelão das concepcionistas do Mosteiro de Santa Clara. Procedente da Bélgica, onde foi ordenado sacerdote em 1914, em Grand-Bigard, acolhido por Dom Aguirre foi por aqui igualmente

a quem em maio de 1927 Dom Aguirre já confiava o Curato de Votorantim, começando a estreitar a Paróquia do Bom Jesus, que ao correr das décadas foi dando origem a outras novas comunidades e paróquias. Removido em 27 de julho seguinte por Dom Aguirre para a Paróquia de Sant'Ana, da cidade de Faxina, hoje Itapeva, padre Alberto Baccili foi ali sendo sucedido por alguns outros párocos (só no restante de 1927, foram três). O último pároco secular foi o também jovem padre Luiz Castanho de Almeida[21], empossado no domingo 7 de outubro de 1933.

Dom Aguirre, porém, tinha como outro sonho pastoral entregar a Paróquia do Bom Jesus aos cuidados de alguma ordem ou congregação religiosa, o que começa se concretizar em 1936, com a chegada dos Padres Franciscanos, atraídos para Sorocaba pela ação do primeiro Bispo, que também aos poucos foi conseguindo trazer para

o introdutor da música moderna polifônica, regendo com magnificência o grande coro misto e orquestra da Catedral. Foi ainda fundador do Centro Sinfônico, que várias vezes excursionou por cidades vizinhas inclusive, com concertos apreciadíssimos. Possuidor de bela voz, suas interpretações das mais belas páginas da música sacra de então impressionavam, colhendo por isso merecidos aplausos. Além de regente, era também compositor, tendo publicado um livro de música religiosa, impresso na Bélgica. Faleceu em Sorocaba a 15 de janeiro de 1949.

[21] Aqui outro dado histórico interessante: pároco do Bom Jesus, padre Luiz Castanho de Almeida foi inicialmente residir em pequena casa alugada em que alguns de seus antecessores moraram na rua Cel. Nogueira Padilha, bem próxima da Matriz provisória. Porém, desejoso de trazer de Guareí seus pais e dois irmãos para residirem consigo, isto em 1935, e não encontrando um imóvel mais adequado a suas necessidades para alugar, não podendo também pensar em Casa Paroquial antes de construir a Matriz definitiva, resolveu "reunir os seus 'cobrinhos' aos de sua família" e construir o sobradinho da rua Ruy Barbosa, onde com o avançar da doença que o acometeu ('tifo preto') morou até o final da vida a 28 de fevereiro de 1981, hoje Casa 'Aluísio de Almeida'. Padre Castanho começou a sentir e sofrer com sintomas mais intensos de esclerose múltipla em placas (inflamação nas pontas dos nervos), a partir de 1939 e, com seu recolhimento, intensificou ainda mais sua prática de pesquisador e historiador, realizando ainda nesse período não poucas pesquisas em São Paulo e no Rio de Janeiro, para onde viajava de trem ou ônibus, e manteve muitos contatos com centros de pesquisa, documentação e produção histórica, como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro, e o Arquivo Público de São Paulo e também do Rio.

sua Diocese outras famílias religiosas, masculinas e femininas. Os primeiros franciscanos a vir à cidade, já no Natal daquele ano (chegaram exatamente no dia 24 de dezembro de 1936), foram os freis Conrado Schiwiora e Zeno Kohr, OFM, indo residir junto à igreja de Santa Rita de Cássia, nos altos de Vila Santana, no Além-Linha. Dom Aguirre, contudo, não entregou de sopetão a Paróquia do Além-Ponte a eles; "buscou nobre e pacientemente esperar que o vigário pedisse demissão, com cada vez mais aumentando seus desconfortos com a doença degenerativa ('tifo preto') que o acometera" – padre Castanho mesmo deixou escrito este testemunho em um de seus artigos sobre a história da Igreja em Sorocaba, acrescentando que "na Quarta-Feira de Cinzas de 1937 já não consegui ajoelhar-me durante a Via-Sacra e depois comecei a sofrer dores e dificuldades em locomover-me". Assim, foi a 4 de novembro de 1937 que a Paróquia do Bom Jesus passou, então, aos franciscanos, que ainda ficavam responsáveis pela Capela de Santa Rita de Cássia e pelo Curato de Votorantim. Frei Eugênio Becker também foi um dos primeiros entre eles, como vigário do Bom Jesus e guardião do convento construído em anexo à nova Matriz que se erguia nos altos da rua Coronel Nogueira Padilha, já no início da década de 40, em substituição da antiga e acanhada capela existente na área desapropriada pela Prefeitura e onde se construiu, em tempo recorde para sediar os Jogos Abertos do Interior de 1950, o Ginásio Municipal de Esportes – a primeira reunião para entendimentos entre Dom Aguirre e o prefeito da época, Francisco de Paula Camargo, objetivando a desapropriação da área do então largo do Bom Jesus, ocorrera na Prefeitura a 26 de outubro de 1935. Dom José Carlos de Aguirre, acolitado pelo prefeito José Fernal e seu assessor Doraci Amaral, benzeu a nova Matriz, recém-construída e ainda inacabada, no dia 5 de agosto de 1944 e no dia seguinte (6), Transfiguração do Senhor e festa do Padroeiro Bom Jesus dos Aflitos, logo às 8 horas

celebrou-se a última missa na Matriz provisória do largo do Bom Jesus e, às 10 horas, houve o solene translado do Santíssimo Sacramento para a nova igreja, em grandiosa e comovente procissão, seguindo-se missa pontifical, presidida por Dom José Carlos de Aguirre, segundo a crônica da época. Neste mesmo 6 de agosto de 1944, à tarde, às 16 horas, outra concorrida procissão levou as imagens da antiga para a nova Matriz, incluindo a do Bom Jesus dos Aflitos, presente na vida religiosa de Sorocaba desde o século XVIII. Fora a 19 de abril de 1942 que Dom Aguirre estivera no terreno de nº 529 da antiga rua dos Morros para abençoar o lançamento da pedra fundamental para marcar o início da construção da nova Matriz, ato este precedido de missa campal presidida pelo próprio bispo, "assistida por grande massa popular e onde estava representado o mundo social e industrial de Sorocaba".

Retrocedendo um pouco na história, registre-se ainda que dois anos depois de chegarem a Sorocaba e de, inclusive, estarem provisoriamente residindo no local, em 1938 os frades assumem também, canonicamente agora, a capelania de Santa Rita de Cássia, nos altos de Vila Santana, paróquia em 19 de março de 1956, desmembrando-se da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos e tendo como primeiros titulares os freis Cuniberto Höerning e Florêncio Hannemann, OFM. Paralelamente, iam os frades ampliando a Capela de Santo Antônio, no bairro da Árvore Grande, e construindo a igreja dedicada a São José Operário, em Vila Progresso. Mais para frente, concorda a Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, com sede no largo de São Francisco, em São Paulo, em ir provendo novas comunidades agregadas ao Bom Jesus, na região de Além-Ponte, transformadas em paróquias, com a vertiginosa expansão urbana e populacional ali verificada, surgindo as Matrizes de São Francisco de Assis, em Vila Assis, em 1964; e Santo Antônio, no bairro da Ár-

vore Grande, em 1970, além da presença contínua dos frades na região de Brigadeiro Tobias, a partir da Comunidade de Nossa Senhora do Povo, transformada em paróquia em 1999.

As ordens e congregações religiosas

Quando chegara a Sorocaba, nos primeiros anos de seu episcopado, Dom Aguirre registra em seus apontamentos, referindo-se particularmente às ordens e congregações religiosas, masculinas e femininas, a presença histórica e secular dos Beneditinos (do primeiro contato, logo em 1925, ele narra a presença de quatro monges sacerdotes e três leigos, uma escola apostólica com cinco alunos e um noviciado com quatro noviços; em 1927, a escola crescera e alcançara 32 alunos e o noviciado já contava com 28 noviços – com o tempo, porém, apenas monges voltaram ali a residir, destacando-se ainda anotação de Dom Aguirre de que, a 26 de fevereiro de 1928, ordenara subdiácono Dom Engelberto Schnell e diácono Dom Tadeu Strunck[22] na igreja da Catedral, beneditinos com os quais haveria de residir, como 'simples monge', no nosso Mosteiro de São Bento, nos últimos meses de sua vida), das Monjas Concepcionistas do Convento de Santa Clara,

[22] Ambos eram alemães: Dom Engelberto Schnell, OSB, nasceu em 1903 e Dom Tadeu Strunck, OSB, em 1900, em Munster; ambos vieram para o Brasil como missionários beneditinos no início da década de 20, enviados diretamente para o Mosteiro de São Bento, de Sorocaba, onde então funcionava o Noviciado da Ordem. Foram ordenados sacerdotes na Abadia de São Paulo da Ordem de São Bento em 1929, no dia 27 de janeiro, e passaram a maior parte de seu ministério no Mosteiro de Sorocaba, com rápidas permanências em São Paulo. Dom Tadeu foi prior durante décadas, assumindo definitivamente o cargo em 1943, até sua morte, a 20 de julho de 1975, e Dom Engelberto, sub-prior, assumindo o Priorado por alguns anos durante uma das enfermidades de Dom Tadeu, faleceria em São Paulo, para onde fora levado com o agravamento de seu estado de saúde e idade avançada, a 4 de outubro de 1977. Foi também Dom Engelberto dedicado capelão das beneditinas junto ao Colégio de Santa Escolástica/igreja do Rosário e da então Capela de São Luiz Gonzaga, em Vila Barão.

das Missionárias Beneditinas de Tutzing, fundação alemã da Baviera, mantenedoras do centenário Colégio de Santa Escolástica, com casas depois também em Itapetininga e Araçoiaba da Serra, e das religiosas da Congregação das Franciscanas do Coração de Maria, que dirigiam a Santa Casa de Misericórdia antes da criação da Diocese e alguns anos depois, em 1936, a pedido de Dom Aguirre, assumiam também o Educandário Santo Agostinho, na região do Cerrado, e em 1950 conseguiu ele ainda que se responsabilizassem pela assistência ao Hospital Santa Lucinda e pela Faculdade de Enfermagem.

A determinação do primeiro Bispo, contudo, se fez presente desde o primeiro instante, buscando atrair para a nova Diocese outras ordens e congregações, para ajudá-lo na missão pastoral e evangelizadora. Ainda no ano de 1926, bem na fase inicial do governo pastoral do primeiro bispo de Sorocaba chegam a Laranjal Paulista as Irmãs Vicentinas, da Congregação de São Vicente de Paulo de Gysegem, com o intuito de exercerem sua missão junto à educação, ficando responsáveis pelo Colégio recém-construído, prova de que Dom Aguirre desde sua chegada tinha igualmente, na verdade, grande desejo de responder afirmativamente aos anseios também das demais cidades e paróquias da circunscrição diocesana a ele confiada, obtendo religiosos e religiosas para o apostolado nos hospitais, asilos, colégios e outros campos de missão que surgiam. Assim, foi pacientemente abrindo caminho e solicitando, com muita perseverança e confiança, que outras famílias religiosas viessem, como aconteceu logo com a Congregação da Divina Providência, ligada ao carisma do fundador Padre Luís Scrosoppi (proclamado Santo em 2001 pelo Papa São João Paulo II), que chegou em janeiro de 1927 na cidade de Tietê, assumindo a responsabilidade de administrar escola para meninas e o hospital local, posteriormente atendendo a novo apelo do Sr. Bispo para vir a Sorocaba administrar o Seminário Diocesano 'São Carlos Borromeu', isto a partir de 1946, com

suas religiosas passando ainda a realizar trabalhos também em Tatuí e Votorantim, até inclusive fixarem em Sorocaba, como até presentemente, sua sede provincial, no Jardim Novo Mundo, realizando ainda naquela região vários projetos catequéticos, missionários e sociais.

Já as Irmãs Filhas de São José chegam no ano de 1935 e se instalam na cidade de Porto Feliz, para cuidar do Colégio São José. Em 1950, seria a vez das Missionárias da Consolata, que substituiriam as Franciscanas do Coração de Maria na Santa Casa de Sorocaba e ainda trabalhariam no recém-inaugurado Hospital São Severino, no bairro de Santa Rosália, e na Santa Casa de Misericórdia de Votorantim; em 1953, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado e, um ano depois, das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundação da hoje Santa Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus, inicialmente para a Santa Casa de Itapetininga e até hoje presentes em Sorocaba, inclusive administrando com zelo apostólico a Casa de Retiros 'São José', no km 106 da Rodovia Raposo Tavares.

O ano de 1954, por sua vez, assinala a chegada das irmãs espanholas da Congregação das Missionárias de Ação Paroquial, estabelecendo-se inicialmente na cidade de Tietê, onde era titular da Paróquia da Santíssima Trindade Monsenhor Antônio Simon Sola, sacerdote de origem espanhola de Chirivel, Diocese de Almeria, que Dom Aguirre acolhera na Diocese alguns anos após sua ordenação a 2 de junho de 1928, na Catedral da Virgem del Mar - viera encontrar-se com a família que tinha imigrado diante da angustiante situação política espanhola, estabelecendo-se em Itaberá, município no extremo da Diocese, nas barrancas do rio Paraná, e intermediou a vinda das religiosas conterrâneas quase duas décadas depois. De Tietê, a Congregação das Missionárias de Ação Paroquial se espalhou pelo Brasil e outros países da América Latina, chegando a Sorocaba no início da década de 1960,

pouco depois da transferência de Monsenhor Sola para o paroquiato da Catedral, auxiliando-o na linha de frente na pioneira implantação de creches na cidade, com a constituição da OPAI (Obra Para Assistência à Infância). Os anais da história social de Sorocaba registram que, a 12 de março de 1966, as Irmãs da Ação Paroquial já iniciavam os cuidados com as primeiras 40 crianças da unidade pioneira da OPAI em Sorocaba, a Creche Sagrada Família, instalada a princípio no prédio da antiga creche da Fábrica Santo Antônio, em rua particular situada à direita no segundo quarteirão da rua Comendador Oétterer – ali, neste dia, à tarde, houve missa celebrada por Dom Aguirre e com seu coadjutor, Dom José Melhado Campos, procedendo a bênção das instalações. Pouco tempo depois, com a Congregação das Missionárias da Ação Paroquial construindo edifício no Jardim Santa Lucinda, no final da rua Major João Lício, para servir-lhe de sede provincial e funcionar também como pensionato para moças e lhe proporcionar algum rendimento para custear seus trabalhos evangelizadores e missionários, a Creche também foi para ele transferida, ocupando por bons anos todo o seu andar térreo, até a OPAI providenciar também a construção de sede própria, em terreno ao lado, na própria Major João Lício, esquina com a atual avenida Juscelino Kubistchek de Oliveira, onde se encontra até hoje – outras creches, aliás, a OPAI espalhou pela cidade com o passar das décadas.

Entre as congregações masculinas, a 9 de fevereiro de 1936 chega à Diocese, igualmente na cidade de Tietê, a Congregação do Santíssimo Redentor, os Padres Redentoristas. Dom Aguirre inaugura, neste dia, a Casa de Estudos, logo depois transformado no Seminário Santa Terezinha, de onde sairiam as dezenas de novos padres redentoristas ordenados por Dom Aguirre durante seu episcopado. Era a concretização de um projeto que ele também aspirava há anos, pois já havia a presença constante dos redentoristas na Diocese, por meio das missões que realizavam pelas paróquias da circunscrição eclesiástica. “Excelentes

missionários, frequentavam-na já há anos a seu convite, pregando memoráveis missões de evangelização e catequese intensivas em suas paróquias", testemunha o professor Aldo Vannucchi também em seu livro 'Dom Aguirre – Vida e Obra'. No final do mesmo ano de 1936, como vimos mais atrás, no dia 24 de dezembro, chegavam a Sorocaba os Frades Menores Conventuais, residindo inicialmente junto à Capela de Santa Rita de Cássia, em Vila Santana, assumindo no ano seguinte a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos. Em Vila Santana também, os Franciscanos muito contribuiriam, ao lado de Dom Aguirre, para abertura de outro colégio católico na cidade, inicialmente dirigido por anos pelas Irmãs Missionárias da Consolata, hoje o Colégio Véritas, sob a administração dos Irmãos da Ressurreição, uma Congregação recente constituída no Vale do Paraíba de fundação do padre Joaquim Ferreira Xavier Júnior.

Ainda em setembro de 1936, Dom José Carlos de Aguirre acolheu na Diocese, para trabalhar em Itapetininga, a Congregação dos Missionários do Coração de Jesus. Lá, eles foram incumbidos de formar uma comunidade religiosa e darem assistência à Paróquia e suas capelas, como também auxiliar os trabalhos na Santa Casa de Misericórdia. Também passaram igualmente por aqui durante o episcopado do primeiro bispo os Padres da Consolata, que chegaram em março de 1950, coroando entendimentos iniciados dois anos antes. Uma procissão levando a imagem de Nossa Senhora da Consolata da Catedral ao bairro de Santa Terezinha no dia 19, Solenidade de São José, Esposo de Maria, marcou, então, a inauguração do Noviciados dos Padres da Consolata em Sorocaba, instalado numa residência da própria rua Santa Terezinha, próxima à Capela. Assumiram vários encargos ministeriais em Sorocaba e na região. Além de aulas no Seminário 'São Carlos Borromeu' e na Faculdade de Filosofia e a coadjutoria da Paróquia da Catedral, auxiliando Monsenhor Francisco Antônio Cangro, já bastante adoentado, passaram a dirigir a nova Paróquia de São José do Cerrado, criada em 19

de março de 1954 por Dom Aguirre e provisoriamente também sediada na Capela de Santa Terezinha, ficando ainda os Padres da Consolata encarregados de construir a futura Matriz nos altos da avenida General Carneiro, em terreno então já adquirido próximo ao Hospital Evangélico.

A derradeira congregação masculina a lançar bases sólidas e permanentes em Sorocaba graças à persistência e ação episcopal de Dom Aguirre foi, já na segunda metade da década de 50, a Sociedade de São Francisco de Sales, os Padres Salesianos, tendo como percursor a figura do de padre Antônio Pazini, SDB, que chegara em 1956 com a difícil, mas vitoriosa disposição de instalar na cidade uma escola de inspiração cristã-católica, destinada primeiramente a meninos, embrião do frutuoso Colégio Salesiano "São José", no bairro do Mangal, e, posteriormente, a Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora (1968) (Dom Aguirre fora aluno dos Padres Salesianos em São Paulo e, desde os primeiros anos de episcopado, ansiara por ter a presença salesiana em Sorocaba, a ponto de durante sua primeira viagem a Roma em visita '*ad limina*', em 1929, dedicar boa parte de sua estadia na Europa a contatos com os filhos de São João Bosco em Turim, fazendo insistente apelo diretamente ao reitor-mór da Congregação[23].) As primeiras

[23] Em trabalho inédito publicado em sua Revista de Estudos Paulistas (edição de 1989) pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, apenas anos depois de seu falecimento (27 de fevereiro de 1981), Monsenhor Luiz Castanho de Almeida (Aluísio de Almeida) revela que, na realidade, Dom Aguirre desde que chegara a Sorocaba se sentia pressionado pela sociedade local a promover a implantação de um Colégio Diocesano, para acolher meninos para seus estudos fundamentais, visto que as meninas já contavam com o Colégio Santa Escolástica, das Missionárias Beneditinas. Porém, dos recursos reunidos para a instalação e funcionamento inicial da Diocese, além de serem insuficientes para tal empreitada, parte deles o Sr. Bispo já reservava para a edificação do Seminário. "Houve projetos – escreveu Aluísio de Almeida no trabalho "História da Instrução em Sorocaba (1660-1956) -, mas Dom José Carlos de Aguirre vendo logo a impossibilidade material, não tanto quanto a um prédio, mas quanto a professores padres, que tencionava reservar para o seu Seminário. S.Excia. entregou o problema aos Salesianos já então. Estes não puderam vir, mas guardaram

turmas do Colégio Salesiano também funcionaram em salas do Edifício '*Sanctificatio Nostra*', na rua XV, em seus cinco anos iniciais, com padre Pazini[24] residindo bom tempo com os Padres Beneditinos, no Mosteiro de São Bento, ao mesmo tempo em que se encaminhava a empreitada para se conseguir a área ideal para a localização e construção de complexo próprio. "Consideramos esta fundação como a maior conquista para a nossa Diocese, que não tinha nenhum colégio católico para meninos", escreveu em seu diário Dom Aguirre quando

o pedido. Agora (1956) podem, mas exigem, como é justo, para dar princípio a algo grandioso que falta em Sorocaba, pelo menos um terreno. O prefeito Gualberto Moreira solucionou o problema, com a unanimidade da Câmara de Vereadores". Era a doação da área no bairro do Mangal, onde os primeiros serviços de terraplenagem, aliás longos e árduos ('Tratava-se de um terreno totalmente irregular. Aqui era um morro', como sempre recordava padre Pazini), foram iniciados em outubro de 1957.

[24] Padre Antônio Pazini, SDB, estava em Lorena, no Vale do Paraíba, como prefeito do Colégio Salesiano 'São Joaquim', quando recebeu a incumbência a 23 de dezembro de 1955 do novo inspetor salesiano do sul do Brasil, padre Antônio Barbosa, SDB, de iniciar a caminhada rumo à concretização de compromisso assumido com Dom Aguirre em 1951 por seu antecessor, padre João Rezende Costa, SDB, futuro bispo de Ilhéus (BA) e arcebispo de Belo Horizonte (MG), de tratar da fundação de um novo Colégio Salesiano em Sorocaba. Padre Antônio Pazini era natural de Lorena mesmo, nascido a 12 de agosto de 1901. Foi em sua terra natal que manteve os primeiros contatos com a Congregação de Dom Bosco, realizando sua formação no Seminário Salesiano de Lavrinhas, iniciando o Noviciado a 28 de janeiro de 1921, com a primeira profissão religiosa exatamente um ano depois, o Curso de Filosofia em1922 e 1923 e a profissão perpétua a 28 de janeiro de 1924. Enviado à Itália, de 1926 a 1930 cursou Teologia em Turim, onde está a sede geral da Congregação Salesiana, berço do carisma de São João Bosco, sendo ali ordenado sacerdote a 6 de julho de 1930, no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, construído, aliás, pelo pai-fundador. Neo-sacerdote, ainda permaneceu por dois anos em Turim, como professor do Oratório Festivo. Já no Brasil, alternou-se por duas vezes entre a Comunidade Salesiana de sua terra natal e o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, antes de vir a Sorocaba lançar as bases do Carisma de Dom Bosco, exercendo ainda o professorado e seu ministério sacerdotal junto ao Colégio Salesiano de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Permaneceu em Sorocaba por quase quatro décadas, retirando-se por apenas um breve período de três ou quatro anos no final da década de 1960, chamado pela Inspetoria a exercer, em São Paulo, o cargo de procurador-geral da Congregação no Estado. Faleceu em Sorocaba no dia 12 de maio de 1991, domingo, com 89 anos de idade, 69 de vida religiosa salesiana e 61 de sacerdócio, sendo 40 anos dedicados ao Colégio Salesiano 'São José', de Sorocaba.

do início de seu funcionamento na abertura do ano letivo de 1957. Os primeiros 16 alunos de seu Curso Ginasial foram diplomados em 1966, na noite de 10 de dezembro, em cerimônia realizada no auditório do Seminário 'São Carlos Borromeu'. Foram paraninfos o prefeito Dr. Armando Pannunzio e o bispo coadjutor, Dom José Melhado Campos.

Os Monges Cistercienses



Mosteiro de Itaporanga. Uma das alegrias de Dom Aguirre foi receber os Monges Cistercienses na Diocese, que em 1936 iniciaram a construção da Abadia de Nossa Senhora da Santa Cruz, em Itaporanga, hoje Diocese de Itapeva.

Um registro especial merece ainda na historiografia centenária da (Arqui)Dioccese sorocabana os Monges Cirtercienses. Também no ano de 1936, Dom Aguirre recebeu a visita do abade da Ordem Cisterciense, Dom Carlos Münz, e seu secretário, Dom Atanásio Merkle, recém-chegados da Abadia de Himmerod, na Alemanha, para iniciar uma conversa que resultaria na realização de um outro sonho do bispo de Sorocaba, ou seja, de dotar no interior de sua Diocese de uma comunidade monástica masculina. No dia 5 de agosto daquele mesmo ano, na cidade de Itaporanga, localizada a 250 quilômetros da sede episcopal (hoje Diocese de Itapeva), dava-se início à fundação do Mosteiro

Cisterciense de Nossa Senhora da Santa Cruz, em gleba com um total de mil hectares de propriedade da Mitra Diocesana de Sorocaba, entregue àqueles monges com a proposta de instalação junto ao Mosteiro também de uma Escola Agrícola. Dom Atanásio viria a ser o primeiro prior e, com isso, os cistercienses assumiam igualmente o cuidado de duas paróquias, a de Itaporanga e outra em Ribeirão Vermelho. No mesmo ano, no dia 12 de dezembro, com a elevação do Priorado à Abadia, Dom Aguirre sagrou Dom Atanásio como seu primeiro Abade, na Catedral de Sorocaba. A 20 de agosto de 1943, Dom Aguirre preside solene missa pontifical e abençoa os primeiros prédios da nova Abadia.

Um laço estreito se criou, a partir de então, entre os dois prelados, a ponto de em 12 de dezembro de 1969, mesmo Itaporanga não pertencendo mais à jurisdição eclesiástica de Sorocaba, às portas de completar 90 anos de idade Dom Aguirre estar ali presente para a solene consagração da monumental igreja da Abadia edificada pelos cistercienses.

Raízes e amor por Sorocaba



Dom Aguirre em cerimônia religiosa na Catedral: era assíduo às cerimônias, exercendo da cátedra o múnus de ensinar e santificar.

Dom José Carlos de Aguirre criara raízes e amor filial por Sorocaba - desde, certamente, sua nomeação por Pio XI para este Bispado, a ponto segundo crônica da época de recusar insistentes convites da Santa Sé para suceder a Dom Duarte Leopoldo e Silva no Arcebispado de São Paulo, primeiramente como seu coadjutor com direito à sucessão cinco anos após sua chegada à Diocese e, depois de seu falecimento em 1938, como titular. Disso é testemunha a longa crônica de seu frutuoso episcopado também.

Como havia testemunhado em 1924 ao questionamento de seu Arcebispo se aceitava a indicação do Papa para, elevado à dignidade episcopal, dirigir a nova Diocese de Sorocaba - "Estou acostumado a obedecer. Aceito", embora destacasse nunca ter procurado honras ou distinções eclesiásticas para si -, não soube dizer `não´ quando chegou, via Nunciatura, nomeação expedida em Roma por Pio XI em 6 de outubro de 1937, designando-o administrador apostólico da Diocese de Botucatu, então imersa numa crise sem precedentes dentro da Igreja do Brasil. Dom Carlos Duarte Costa (1888-1961), sucessor do primeiro bispo Dom Lúcio Antunes de Souza, falecido em 1923, fora obrigado a renunciar pela Santa Sé, por conta de uma péssima administração pastoral e financeira, envolvendo dívidas fabulosas contraídas para a construção de uma suntuosa Catedral à época e de um novo e desnecessário Palácio Episcopal, somada a outras atitudes morais pouco recomendáveis – foi esse mesmo bispo, conhecido como `bispo de Maura´, a quem foi dada a titularidade dessa extinta diocese medieval africana pelo Vaticano depois de seu afastamento do Bispado de Botucatu, que pouco depois, já residindo no Rio de Janeiro, fundaria a Igreja Católica Brasileira, aumentando ainda mais seu cisma perante a Igreja de Roma e trazendo ainda mais dissabores à catolicidade no País.

Pesavam ainda contra ele, Dom Carlos Duarte Costa, como destaca também o professor Aldo Vannucchi em seu livro "Dom Aguirre – Vida e Obra", "suas posições pessoais a respeito do divórcio, infabilidade papal, confissão auricular e celibato eclesiástico".

Essa nomeação surpreendeu Dom Aguirre e "abalou seu coração". Ele e Dom Carlos, além de bispos vizinhos e amigos, foram alunos dos Padres Salesianos e ambos nomeados bispos em 1924. "Contudo, embora adoentado e em plena visita pastoral em Itaporanga, nosso Bispo sujeitou-se a essa missão sumamente espinhosa, com total empenho e não poucos sacrifícios. Cabia-lhe regularizar as contas daquela Diocese endividada, indo atrás dos seus credores principais, alguns deles com notória má vontade para eventuais entendimentos. Foi uma canseira de quase nove meses, que exigiu muito de Dom Aguirre. Afeito de cuidar de sua Igreja sem dívidas, sofreu demais com aquela missão".

"Como é possível tudo isso? A minha Diocese não deve um tostão", teria ouvido de Dom Aguirre Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, conforme testemunha em sua obra "A Diocese de Sorocaba e seu Primeiro Bispo". Aliás, a certa altura Dom Aguirre chegou a solicitar ao Núncio Apostólico dispensa desse duro encargo. Porém, não atendido, "agigantou-se e foi até o fim", enfrentando a penosa situação até 1938, quando da posse em 29 de junho de novo bispo para a Diocese de Botucatu, na pessoa de Dom frei Luís Maria de Santana.

Congressos Eucarísticos, Ano Santo, Assunção de Nossa Senhora



I Congresso Eucarístico Diocesano de Sorocaba. Aconteceu em 1941, sobre os alicerces do Fórum da praça Frei Baraúna.

De outro lado, a extremada devoção de Dom Aguirre a Jesus na Hóstia Consagrada, ainda na década de 40 leva-o a promover, em Sorocaba, dois monumentais Congressos Eucarísticos Diocesanos, com frutos espirituais e pastorais colhidos por décadas e até hoje percebidos no devotamento que os arquidiocesanos da centenária Igreja Particular presente nesta região sudeste do Estado têm pelo sublime Sacramento do Altar, venerando nele a presença real e transubstanciada de Nosso Senhor em Corpo, Sangue, Alma e Divindade. O primeiro em 1941, de 20 a 26 de outubro, com expressiva participação de fiéis oriundos de diversas regiões, preparatório ao IV Congresso Eucarístico Nacional que se realizaria em São Paulo no ano seguinte, com o tema 'Vinde a mim todos'. Durante todo o ano, foram muitas as iniciativas de encontros eucarísticos realizados em Sorocaba e nas demais cidades da Diocese. Na semana que o antecedeu, as pregações noturnas na igreja da Catedral se intensificaram ainda mais.

Foi realizado a céu aberto na praça Frei Baraúna, com seu Altar-Monumento instalado sobre as estruturas iniciais para a construção do primeiro prédio do Fórum da Comarca, na praça

Frei Baraúna. Na sessão magna de sua abertura, falaram o padre Armando Guerrazzi, sacerdote muito culto, natural de Jundiaí, que se radicara em Sorocaba, depois de atuar como professor e reitor interino do Seminário de São Paulo e vigário da Paróquia de Sabará (MG), discorrendo magistralmente sobre "A Eucaristia, semente de vocações sacerdotais" como representante da Escola Estadual "Dr. Júlio Prestes de Albuquerque", o 'Estadão', onde lecionava, como catedrático em Português, e o professor Jorge Moysés Betti, representando o corpo docente da Escola Normal, sob o tema "A influência da Eucaristia na Educação da Infância". O cortejo de encerramento com destino à igreja da Catedral contou com a participação de mais de 40 mil pessoas, incluindo representações vindas de várias outras dioceses do Estado e do País. O arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, também esteve presente, como legado pontifício, presidiu grande parte das sessões do Congresso, levou com Dom Aguirre o Ssmo. a visitar hospitais, asilos, indústrias, escolas, etc. e conduziu o cortejo triunfal de encerramento. Aliás, logo que chegara, em 1929, já promovera uma exitosa Semana Eucarística em toda a vastidão do território diocesano de então, até as barrancas do rio Paraná, em homenagem ao Papa Pio XI, que celebrava seu jubileu de ouro sacerdotal.

Já o 2º Congresso Eucarístico Diocesano, de 4 a 8 de dezembro de 1949, realizado também na praça Frei Baraúna, agora utilizando-se das escadarias do então novíssimo Fórum, marcava dois importantes jubileus de 25 anos: criação da Diocese e a sagração episcopal do primeiro bispo, Dom José Carlos de Aguirre, a 8 de dezembro de 1924, Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. O solene pontifical de encerramento no feriado de 8 de dezembro, à tarde, precedido de grandiosa procissão eucarística também, teve a presidi-lo

o cardeal Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, então arcebispo de São Paulo, que pela manhã participara do lançamento da pedra fundamental para a construção do prédio da Faculdade de Medicina, no bairro do Vergueiro. Oradores e teólogos conhecidíssimos se revezaram nas pregações durante os demais dias da jornada eucarística, como Dom Manoel da Silveira D'Elboux, bispo de Ribeirão Preto; Dom Atico Euzébio da Rocha, arcebispo de Curitiba (PR), e o jurista Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira, professor da Faculdade de Direito de São Paulo. A 6 de dezembro, 'Dia dos Homens' dentro do Congresso, falara o bispo de Bragança Paulista, Dom José Maurício da Rocha. Meses antes, fora, aliás, realizado disputado concurso para a escolha do Hino Oficial desse 2º Congresso Eucarístico Diocesano, saindo-se vencedora, entre as dezoito concorrentes, composição de autoria de José Tascari, do Conservatório Dramático e Musical de Araraquara, com letra do então seminarista sorocabano Aldo Vannucchi.

Por outro lado, ainda em 1941, já em meio aos preparativos para a realização do 1º Congresso Eucarístico Diocesano, no dia 15 de fevereiro vinha à luz decreto então assinado por Dom Aguirre dividindo a Diocese de Sorocaba em nove comarcas ou vigarias forâneas. A primeira era a Comarca de Cristo Rei, congregando as paróquias da Catedral, Bom Jesus dos Aflitos, Votorantim, Piedade e Campo Largo, atual Araçoiaba da Serra. Em 1946, por outro lado ainda, no 8 de dezembro, uma enorme concentração de congregados marianos em Sorocaba assinala a passagem do cinquentenário mariano do próprio Dom José Carlos de Aguirre, ao término de uma Semana Mariana realizada em todas paróquias da Diocese.

Em 1950, Ano Santo convocado pelo Sumo Pontífice para que toda a Igreja pudesse vivenciar um tempo de 'Grande Retorno e Grande Perdão', em um Ano Jubilar realizado em horizonte carregado de

tensões, com muitas feridas deixadas pela 2ª Guerra Mundial ainda não curadas, e tendo como objetivo central a celebração dos 1.950 anos da Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo, Dom José Carlos de Aguirre viaja novamente à Europa, como peregrino a Roma, presente a 1º de novembro junto à Basílica de São Pedro, para a cerimônia em que, ex-catedra, o Papa Pio XII proclamava solenemente o dogma da Assunção de Maria Santíssima em corpo e alma ao Céu. Ou seja, de acordo com a fórmula canônica, proclamou e definiu "ser dogma por Deus revelado que a Imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrena, foi assunta à glória celeste em corpo e alma".

Desta peregrinação, percorrendo ainda alguns santuários e locais italianos com alguma ligação afetiva com Sorocaba pela presença de congregações religiosas ali surgidas, retornou Dom Aguirre rapidamente, a tempo de estar em Porto Feliz, na igreja matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no dia 3 de dezembro, para conferir a ordenação sacerdotal a outro dos primeiros seminaristas saídos dos bancos de seu Seminário 'São Carlos Borromeu', o portofelicense Mauro Vallini, depois cônego e Monsenhor, vigário-geral da Arquidiocese e pároco da Catedral de Nossa Senhora da Ponte. Rapidamente porque houve atraso de dois ou três dias em Gênova para embarque no navio que o traria de volta, zarpando só a 19 de novembro. Deveria desembarcar em Santos, mas o fez no Rio de Janeiro a 3 de dezembro, dali retornando de avião a São Paulo e de carro a Porto Feliz, onde acolhido com festas chegou exatamente às 19 horas...

No último dia em Roma, 12 de novembro, foi recebido em audiência particular pelo papa Pio XII. Sobre esse momento, escreveu Dom Aguirre: "A sós com o Vigário de Cristo na Terra, a emoçãose apoderou de toda nossa pessoa. Pudemos conversar com desembaraço, interessando-se o Santo Padre pelo estado da Diocese e

confortando-nos com suas bênçãos. De modo especial, interessou-se pelo Seminário, apreciando a fotografia do prédio e, sobretudo, seu celestial Patrono, São Carlos".

Outro evento significativo do período foi, durante o transcorrer do ano de 1953, a presença da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, trazida de Portugal, por todas as paróquias da Diocese A 5 de outubro estava de volta Sorocaba, sendo recebida calorosamente na divisa com o município de Piedade, bem além do centro urbano do então distrito industrial de Votorantim. Ao chegar à Catedral, foi solenemente coroada por Dom Aguirre em comovente ato mariano em plena praça Cel. Fernando Prestes, sendo depois, no dia 13, entronizada na igreja de São Carlos Borromeu, junto ao Seminário Diocesano, onde é até hoje venerada.

Também no ano de 1954, em meio às comemorações do 3º centenário de fundação de Sorocaba, organizou-se na cidade um Congresso Mariano, entre 1º e 8 de dezembro, pela passagem do cinquentenário de ordenação sacerdotal e trinta anos de sagração episcopal de Dom Aguirre. Antes muitos outros eventos religiosos também foram realizados em alusão ao tricentenário de fundação da cidade, como aquele do feriado de 21 de abril na praça Coronel Fernando Prestes, reunindo perto de 5 mil crianças que frequentavam os centros catequéticos de preparação à 1ª Eucaristia espalhados pelos bairros da cidade, incluindo a Zona Rural. A concentração, aliás, começara a ser preparada meses antes, com muitas pequenas concentrações catequéticas motivadoras com as crianças nos próprios bairros e vilas.

Para a Igreja, em 15 de agosto de 1954, marco das celebrações dos 300 anos de fundação de Sorocaba e segundo ano em que tais comemorações ocorriam nesta data, coincidindo com a Festa da Pa-

droeira, o ponto de maior relevo de suas festividades religiosas, além das celebrações em honra de Nossa Senhora da Ponte, com a missa de ação de graças pelo tricentenário e também pelo cinquentenário de ordenação sacerdotal de Dom Aguirre, foi mesmo a inauguração oficial do Seminário Menor Diocesano 'São Carlos Borromeu', como veremos mais adiante, em apêndice à parte.

O Cabido Diocesano



Monsenhor Francisco Antônio Cangro, o 'padre Chiquinho', esteve por anos ao lado de Dom Aguirre, como vigário-geral da Diocese e cura da Catedral.

Cheio de visível alegria e satisfação, com autorização do papa Pio XII no domingo de Pentecostes de 1955, dia 29 de maio, na igreja da Catedral, Dom José Carlos de Aguirre procedeu à instalação canônica do Cabido Diocesano, depois de escolher os sacerdotes de seu clero secular que seriam elevados à dignidade eclesiástica de Cônegos. Como Arcediago, foi escolhido o próprio Monsenhor Francisco Antônio Cangro, vigário-geral da Diocese

e pároco da Catedral; Prioste, Monsenhor José Ribeiro Viana; Penitenciário, cônego Francisco Lyrio de Almeida; Teologal, cônego Lúcio Floro Graziosi; e Catedráticos, Monsenhor José Pires de Almeida. Monsenhor Antônio Pedro Misiara e os cônegos André Pieroni, Antônio Maria Mucciolo, Humberto Ghizzi, Pedro José Maria Vieira, Mauro Vallini e Aldo Vannucchi, este secretário.

O apostolado católico; a Padroeira da Diocese

Quando a Diocese foi criada, o laicato católico já tinha presença marcante na Igreja de Sorocaba, assim como nos dias de hoje, cem anos depois, distribuído pelas associações e irmandades de então, como os irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento, as irmandades do Rosário e de São Benedito, as Filhas de Maria, as células de Congregados Marianos e as zeladoras do incipiente Apostolado da Oração. Os vicentinos também já atuavam por aqui, seguindo o espírito fraterno e caritativo das Conferências Vicentinas inspiradas no exemplo e carisma de São Vicente de Paulo e fundadas no final da primeira metade do século XIX em Paris, na França, pelo Beato Antônio Frederico Ozanan, como resposta à exigência de 'ir aos pobres' como consequência da encarnação do Evangelho e fazer frente à mentalidade positivista da época – a Sociedade de São Vicente chegou ao Brasil (Rio de Janeiro) em 1872, a São Paulo em 1874 e a primeira Conferência Vicentina fundada em Sorocaba é aquela colocada sob o patronato de Nossa Senhora da Ponte, depois de algum meses de adotar o próprio São Vicente de Paulo como protetor. Sua fundação data de 7 de maio de 1893, quando na presença do padre Antônio Augusto Lessa foram lançadas suas bases, alicerçadas na assistência material e espiritual de famílias mais carentes. Logo depois,

passados alguns anos, já é lançada pelos vicentinos a semente para a criação de um local para acolhimento de idosos sem abrigo familiar. Transcorria-se o ano de 1896 e, para estimular ainda mais a proposta de implantação daquele que viria a se transformar no embrião do Asilo (hoje Lar) São Vicente de Paulo, um dos primeiros vicentinos de então, o confrade Antônio Guilherme da Silva, faz a doação de valiosa gleba de sua propriedade na rua Santa Cruz, contígua à histórica Capela de Santa Cruz[25], com frente para a rua Brigadeiro Tobias. Os engenheiros Carlos Schimidt e Roberto Kironpoltz se incumbiram de também oferecer graciosamente a planta do edifício, que logo se mostrou de uma beleza arquitetônica digna de registro para a época. Contudo, as obras, iniciadas ainda naquele ano, logo teriam que ser paralisadas, com a chegada da terrível epidemia de febre amarela. Só no início do século XX, debelada a epidemia, as obras puderam ser retomadas e em tempo recorde, a 1º de janeiro de 1902, o Asylo de Mendicância 'São Vicente de Paulo' era solenemente inaugurado e entrava em funcionamento. A 13 de fevereiro de 1927, com a criação da Diocese e a multiplicação das Conferências Vicentinas da cidade e demais paróquias da região, o próprio Dom Aguirre presidiu, na sede das associações então existente junto à Paróquia da Catedral, a instalação do Conselho Central de Sorocaba da Sociedade de São Vicente de Paulo. E em 8 de junho de 1933 instituiu Dom Aguirre, na Capela de Santa Cruz, a Adoração Noturna, realizada semanalmente

[25] Logo que apresentado ao vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, padre Antônio Augusto Lessa, projeto para a construção do Asilo São Vicente de Paulo em área recebida em doação na rua Santa Cruz, em 1896, o sacerdote já ofereceu aos vicentinos a Capela de Santa Cruz da Composição como ponto de referência para suas atividades litúrgico-religiosas, encontros e reuniões. Essa oficialização, porém, só viria a ocorrer durante Assembleia Geral Regulamentar dos vicentinos ali realizada a 25 de novembro de 1956, sob a presidência do cônego Lúcio Florio Graziosi, designado por Dom José Carlos de Aguirre para assistente espiritual da SSVP.

em sistema de revezamento pelas Conferências Vicentinas (tinha início no sábado, às 18 horas, encerrando-se às 7 horas do domingo, com a celebração da missa). Assim como mais tarde, o Sr. Bispo, juntamente com o pároco da Catedral, Monsenhor Francisco Antônio Cangro, intermediariam a vinda a Sorocaba de religiosas vicentinas (Congregação de São Vicente de Paulo) para prestar serviços de enfermagem e outras atividades correlatas no Asilo (chegaram a 12 de fevereiro de 1955). Em 1961, no dia 16 de abril, Domingo do Bom Pastor, Dom Aguirre procede à bênção do lançamento da pedra fundamental da nova igreja de Santa Cruz, construída pelos vicentinos ao lado do Lar, para atender os confrades em suas festas regulamentares, os asilados e a própria comunidade católica de Vila Amélia e adjacências, igreja esta consagrada pouco menos de dois depois por Dom Aguirre, a 23 de dezembro de 1962[26]. Foi assim ainda, diante destes acontecimentos, que os vicentinos ao buscarem junto a Dom Aguirre, em julho de 1964, autorização para demolição da antiga Capela de Santa Cruz, desativada e completamente deteriorada, correndo perigo de desabamento, dele também obtiveram a informação de que a Mitra nada tinha registrado sobre aquele imóvel, que então já contava com quase 200 anos. Foram orientados também pelo Bispo de que ninguém mais justo do que a Sociedade de São Vicente de Paulo a pleitear junto ao Judiciário a concessão de usucapião sobre a área da antiga Capela. No terreno, ainda em 1964 a diretoria da

[26] Com a transferência do Lar São Vicente de Paulo para os altos da avenida Ipanema, à entrada de Vila Bethânia, na Zona Norte, em modernas e amplas instalações inauguradas a 20 de maio de 1990 – a pedra fundamental fora lançada a 22 de fevereiro de 1981, na presença dos bispos Dom José Melhado Campos e Dom José Lambert -, e anos depois a construção, em anexo, da Capela de São Vicente de Paulo, sagrada em 26 de setembro de 1993, com as bênçãos do arcebispo Dom José Lambert, a igreja de Santa Cruz, na Vila Amélia, passou a ser administrada pela Arquidiocese/Paróquia da Catedral Metropolitana.

SSVP iniciou os trâmites para a construção de um edifício de oito andares de apartamentos, para auxiliar nas combalidas finanças e manutenção do Lar São Vicente de Paulo.



Capela e sede das Congregações Marianas, no bairro de Santa Rosália. O bispo, enfrentava longas caminhadas à noite, beirando o rio Sorocaba, para chegar até lá.

Nas décadas seguintes de 1940, 1950 e 1960, sobressaiam-se também os organismos da Ação Católica, como a Juventude Estudantil (JEC) e Juventude Operária (JOC), o Círculo Operário Católico e a Federação Diocesana das Famílias Católicas de Sorocaba. Teve, aliás, a Federação Diocesana das Famílias Católicas, à época sob a direção espiritual do cônego Mauro Vallini e presidência do casal Mariquita-professor Luiz de Almeida Marins, juntamente com a Federação Diocesana das Congregações Marianas, decisivo papel no encaminhamento de preito à Santa Sé que levou o Papa São João XXIII, no dia 1º de julho de 1960, a proclamar Nossa Senhora da Ponte excelsa Padroeira de toda a Diocese de Sorocaba. Na ocasião, Dom Aguirre dirigiu mensagem aos seus diocesanos, rejubilando-se com a iniciativa, pedindo aos seus padres que promovessem fervorosas atividades religiosas para comemorar tão feliz acontecimento.

Precursor do Ensino Universitário e das faculdades

O empenho de Dom José Carlos de Aguirre durante seu episcopado também se faz sentir bem presente na implantação de, pelo menos, quatro das primeiras faculdades de Sorocaba. Foi o primeiro bispo, na realidade, o grande responsável pela implantação de cursos universitários na cidade e em toda a região sudoeste do Estado de São Paulo. Já em 1946 estava presente em reuniões do Episcopado paulista quando tendo à frente o cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, decidiu-se pela criação da Universidade Católica de São Paulo, embrião da futura PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Em 1949, engajou-se prontamente em campanha lançada pelo prefeito Dr. Gualberto Moreira, médico por formação, e seu fiel colaborador, padre André Pieroni Sobrinho, pela instituição da Faculdade de Medicina de Sorocaba. "Seria uma batalha de gigantes", como escreveu o professor Aldo Vannucchi, também biógrafo do padre-construtor e edificador de faculdades. Porém, só depois de muitos desafios e obstáculos, obtiveram do presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, a sonhada autorização para seu funcionamento. No dia 8 de dezembro de 1949, data comemorativa de seu jubileu de prata episcopal, Dom Aguirre abençoa e lança na presença, inclusive, do cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, a pedra fundamental do futuro prédio da Faculdade de Medicina, no bairro do Vergueiro, concluído mais de cinco anos depois e inaugurado a 1º de setembro de 1955, e no início de 1950 participa, no dia 14 de abril, da fundação oficial dessa Faculdade, abençoando a 6 de janeiro do ano seguinte as instalações do recém-construído Hospital Santa Lucinda, presente à cidade da família do empresário José Ermírio de Moraes, do Grupo Votorantim, que funcionaria como hospital-escola. A abertura do ano letivo da pri-

meira turma, com um total de 51 alunos assistindo aulas teóricas em instalações improvisadas e com reitoria do Dr. Lineu Mattos Silveira, ocorreria no dia 10 de março seguinte, marcada por missa de ação de graças celebrada na Catedral, sob a presidência de Dom Aguirre.

Naquela época, existiam somente duas escolas de Medicina no Estado de São Paulo, ambas instaladas na Capital. Assim, a faculdade de Sorocaba foi a terceira no Estado e a primeira no interior do Brasil. Alguns anos mais tarde, em 1955, integra-se à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), junto com a Faculdade de Enfermagem, também implantada a partir do Hospital Santa Lucinda, sob a supervisão das religiosas da Congregação das Franciscanas do Sagrado Coração de Maria[27].



Faculdade de Filosofia. Embrião da Uniso, nas colinas do Trujillo, então gerida pela Fundação Scarpa, antes de surgir a Fundação Dom Aguirre.

[27] Os cursos da Escola de Enfermagem 'Coração de Maria' também implantados junto ao Hospital Santa Lucinda, praticamente concomitantemente à criação da Faculdade de Medicina, começaram a funcional oficialmente no dia 5 de agosto de 1950. Às 9 horas, Monsenhor José Salim, então vice-diretor da Fundação São Paulo, preside celebração de missa de ação de graças na Capela do Hospital e às 10 horas, já no anfiteatro do Santa Lucinda e com a presença do Cardeal Mota e de Dom Aguirre, acontece a aula-inaugural, ministrada pelo médico Dr. Lineu Matos Silveira.

A partir do grande apoio que recebeu para a criação da Faculdade de Medicina, Dom Aguirre empreita, quase que concomitantemente, um novo desafio. Agora, para a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi), outro sonho do Bispo para a Diocese, trazendo como cursos iniciais Filosofia, Pedagogia, Letras Neo-Latinas, Geografia e História. Na verdade, o ponta-pé decisivo também partira da Prefeitura, chefiada pelo prefito Dr. Gualberto Moreira, com os passos seguintes para a sua concretização de novo duramente trilhados pelo padre André Pieroni. Instituida oficialmente pela Municipalidade em 23 de agosto de 1951, só veio a funcionar, de fato, a partir de 7 de março de 1954, sob a administração da Diocese, pois a Prefeitura não tinha recursos financeiros para mantê-la (na fase inicial, as aulas foram ministradas em instalações do Colégio Municipal "Dr. Getúlio Vargas", na avenida Dr. Eugênio Salerno, emprestadas pela Prefeitura, até que fossem concluídas as obras de reforma e adaptação do prédio existente em área da antiga Chácara Trujillo, no início da futura avenida General Osório, antigo 'Caminho Fundo', também recebida em doação). Em seguida, logo passou, então, a ser conduzida por uma Fundação que precisou ser criada para geri-la e recebeu o nome de Fundação Scarpa, uma vez que a pedido de Dom Aguirre a tradicional família, proprietária de outra pioneira indústria têxtil da cidade, aquiesceu em encabeçar o trabalho. Aliás, pelo bem maior de Sorocaba, Dom Aguirre, inclusive, humildemente também superou várias questiúnculas político-partidárias levantadas pelos vereadores, principalmente quanto à indicação de nomes para dirigi-la e mesmo para atuar como professores, e acolheu o pedido do prefeito, porém com algumas ressalvas: 1. A Diocese ficará, na administração, alheia a qualquer injunção política ou vínculo de sujeição; e 2. A Diocese terá toda liberdade na escolha do corpo docente, discente e administrativo da Faculdade. "Não fora essa decisão providencial e corajosa, a Faculdade quedaria natimorta" (Aldo Vannucchi).

Registre-se ainda a grandeza de Dom Aguirre em superar impasses e embates. Como ao ter recebido, a 30 de setembro de 1953, vereadores que lhe pediam a nomeação de outro reitor e vice, rejeitando nomes 'intocáveis', como os de Monsenhor Francisco Antônio Cangro e do próprio padre André Pieroni Sobrinho, este ligado ao prefeito Gualberto Moreira. "Para salvar o ideal maior", Dom Aguirre procurou os monges beneditinos e os padres franciscanos em Sorocaba e em São Paulo, em busca de outros nomes. Dias depois, um consenso surgia, abrindo caminho para a designação dos padres Antônio Pedro Misiara e Francisco Lyrio de Almeida como diretor e vice-diretor respectivamente. O padre Antônio de Oliveira Godinho (1920-1992), sacerdote ligado ao clero secular de São Paulo, eleito deputado estadual e deputado federal por algumas vezes até ter seus direitos políticos cassados em 1969 pelo regime militar, também foi neste período inicial diretor da Faculdade de Filosofia de Sorocaba, a convite de Dom Aguirre.

Nesses primeiros temos ainda, as dificuldades financeiras foram muitas, bem além da necessidade de adaptação do prédio do Trujillo, inaugurado a 10 de setembro de 1955, visto que os gastos, inclusive salários de professores e funcionários, não vinham sendo cobertos por uma presumível verba municipal, conforme acordado inicialmente. Assim, a Faculdade teve que se socorrer também neste aspecto do patrocínio da Fundação Scarpa. Mesmo se o socorro veio por apenas dois anos, essa patronagem constituiu-se de extrema valia para o desenvolvimento inicial da Faculdade, possibilitando, ao lado da revitalização de seu primeiro prédio na antiga Chácara Trujillo, a aquisição de móveis e equipamentos e até de considerável acervo para a biblioteca, além de sua estabilização econômico-financeira como instituição. Posteriormente, sem a participação desta Funda-

ção, a Faculdade passou por novas dificuldades e percalços. Nos anos seguintes, através de convênio realizado com a Secretaria da Educação do Governo do Estado, que proporcionou ensino gratuito aos alunos, a Faculdade conseguiu manter sua estrutura administrativa entre 1958 e 1968, embora ainda com dificuldades e em meio a transtornos geradores de embates políticos e religiosos, de um lado aparecendo os que propunham a estadualização da Fafi e, de outro, aqueles que defendiam sua permanência sob a administração da Diocese.

No ano de 1963, em 26 de novembro, em cumprimento a uma recente legislação pertinente, obrigando a que todas as faculdades passassem a ter a tutela de uma entidade jurídica, foi criada a entidade mantenedora da Faculdade, sob forma de Fundação, que recebeu, então, o nome de Fundação Dom Aguirre, mesmo se sob a presidência do próprio bispo diocesano, como o é até hoje aliás, e à qual mais tarde seria acoplada a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas e, já no início dos anos 90, ambas alicerçariam a constituição da primeira universidade comunitária local, a Uniso (Universidade de Sorocaba). Conta-se que, de início, Dom Aguirre relutou bastante em aceitar seu nome para sinalizar a instituição, mas acabou sendo convencido pela argumentação de que seu patronato pesaria sempre em favor dos eventuais interesses da instituição em prol da sociedade sorocabana e regional, presidindo-a até junho de 1965, quando entregou o cargo a seu bispo coadjutor.

De outro lado, em 1955, começou igualmente a campanha para a fundação da Faculdade de Direito de Sorocaba. Dom Aguirre, mais uma vez, não deixa de hipotecar seu apoio, embora desde o início aparecesse como proposta de uma instituição plenamente laica, mas com as bênçãos e incentivo do Bispo. E ele não decepcionou. Representado nas tratativas pelo cônego André Pieroni Sobri-

nho, do clero diocesano, e pelo monge beneditino Dom Beda Kruse, então diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, encampou e acompanhou cada passo. Criada em abril de 1956, a Faculdade de Direito iria funcional, inicialmente, no prédio da própria Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no bairro do Trujillo, no período noturno, com a total anuência de Dom Aguirre.

Bispos mais jovens ao lado do Pastor

Nos seus quase cinquenta anos como bispo diocesano de Sorocaba, Dom José Carlos de Aguirre viria, por outro lado, a contar com a presença a seu lado de três bispos a lhe dar sustentação pastoral na caminhada evangelizadora do então extensíssimo território de sua Igreja Particular. Isto, porém, somente no final dos anos 50, após completar 75 anos de idade e mais de trinta de episcopado – e numa época bem anterior à renovação suscitada pelo Concílio Vaticano II também quanto ao ministério episcopal, estabelecendo a idade-limite de 75 anos para adentrar à emeritude, entregando o governo da Diocese a um sucessor.



Dom Almir Marques Ferreira, primeiro 'cirineu' de Dom Aguirre (6/10/1957 a 26/8/1961).

Foi ao meio-dia do Sábado de Aleluia de 1957, dia 9 de abril, que Dom Aguirre chama a seu escritório no Palácio Episcopal da rua XV de Novembro seu secretário particular, padre José Carlos Castanho de Almeida (sobrinho de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, também natural de Guareí, ordenado sacerdote a 8 de dezembro de 1953 e em 1982 elevado ao Episcopado pelo Papa São João Paulo II, como bispo-auxiliar de Santos e, mais tarde, titular das dioceses de Itumbiara/GO e de Araçatuba/SP) e pede que telefone a todos os párocos informando que naquela manhã, em Roma, o papa Pio XII assinara a nomeação de um bispo-auxiliar para Sorocaba, na pessoa do jovem Monsenhor mineiro Almir Marques Ferreira, vigário-geral da Diocese de Uberaba, nascido em Patrocínio a 18 de novembro de 1911 e falecido na passagem de ano (1983/1984) em Uberlândia, para onde

a 26 de agosto de 1961 fora transferido como primeiro titular da recém-criada Diocese e era o bispo emérito desde 1977. Sua sagração, na Catedral de Uberaba, ocorreu a 5 de agosto do ano de sua nomeação, sendo sagrante Dom Armando Lombardi, então núncio apostólico no Brasil, e consagrantes o bispo de Uberaba, Dom Alexandre de Amaral, e aquele que o acolheria como auxiliar em sua Diocese. Em Sorocaba, onde foi recebido na noite de 6 de outubro seguinte, saudado ainda nas escadarias da Catedral, em nome do laicato católico local, pelo professor Dr. Ruy Afonso da Costa Nunes, passou a residir à rua São Bento, em frente ao Mosteiro beneditino, num imóvel mobiliado que a Família Betti emprestou à Diocese por tempo indeterminado. Logo demonstrou o seu zelo e belo caráter, auxiliando Dom Aguirre em toda a Diocese. Simples e afável, deixaria em Sorocaba as melhores recordações ao ser designado para bispo residencial de Uberlândia pelo Papa São João XXIII. Num outro parêntesis aqui, um registro de que, apenas três dias depois de sua posse, na noite de 9 de outubro também a Câmara de Vereadores local podia saudar efusivamente o bispo-auxiliar recém-chegado, na mesma oportunidade em que, finalmente, conferia o título de 'Cidadão Sorocabano' a Dom José Carlos de Aguirre. Uma curiosidade também desta noite que entrou para a história do Legislativo sorocabano igualmente é de que, estando naquela época a Casa de Leis funcionando no histórico prédio assobradado conhecido como Palacete José Miguel, na rua XV de Novembro, e não podendo o Sr. Bispo subir escada, por estar em período de convalescença de uma cirurgia, subiu até o terceiro andar, onde estava o Salão Nobre, levado em uma cadeira, carregado pelos vereadores Santo Mantovani Filho, Florindo Sanches e Antônio Aidar...

Dom Almir, além de visitas pastorais, dedicou-se também incansavelmente à Filial da Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais na Diocese. "Dom Almir viajava constantemente, quase sempre de trem,

em companhia do jovem padre Emílio Grando, fazendo pregações e animando as seções paroquiais dessa grande Obra", deixou registrado Aluísio de Almeida em crônica sobre esse breve episcopado por aqui. Logo no primeiro ano de sua chegada também, Dom Almir assumiu ainda a presidência da Campanha Unificada para o Natal dos Pobres, idealizada pelo cônego Lúcio Floro Graziosi. "E saiu com um sacerdote pelas ruas, percorrendo as casas comerciais e indústrias em busca de donativos. E assim, antes mesmo do Concílio Vaticano II, já era praticado o Ecumenismo", pois participavam da Campanha diversas denominações e correntes religiosas, com suas obras sociais e filantrópicas.



Dom José Thurler, bispo coadjutor (27/3/1962 a 21/2/1965).

Dom Aguirre, contudo, com o retorno de Dom Almir para Minas Gerais, designado para a nova Diocese de Uberlândia no finalzinho de agosto de 1961, voltaria a ficar sozinho não mais que alguns meses, pois já a 27 de março de 1962 o papa João XXIII nomearia como seu bispo coadjutor com direito à sucessão o então bispo diocesano de Chapecó, no interior de Santa Catarina, Dom José Thurler, natural de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1913. Descendente pelo lado paterno de colonos alemães que se fixaram na região de Petrópolis na época do Império, transferiu-se ainda criança com a família para São Paulo, residindo no bairro da Penha de França, junto ao antigo Santuário erigido no local e onde sentiu o desabrochar da vocação sacerdotal, primeiro atuando como coroinha e depois como congregado mariano. Foi ordenado sacerdote em pleno desenrolar da II Guerra Mundial, a 5 de abril de 1942, em Roma, onde também ocorreu sua sagração episcopal a 5 de abril de 1959. Antes da nomeação episcopal, foi vigário-cooperador da Paróquia de São João Batista, no bairro do Brás, e cura da Catedral da Sé, além de professor e capelão da PUC (Pontifícia Universidade Católica). "Dom José Thurler veio para Sorocaba em boa hora - anotou Monsenhor Luiz Castanho de Almeida em seu livro sobre a história da Diocese em seu cinquentenário -. Tomou posse na igreja da Catedral a 10 de junho de 1962 e passou a residir com Dom Aguirre no velho Palácio Episcopal. Ao lado de Dom Aguirre, passou a governar a Diocese. Moço zeloso, estimado pelo clero e povo, a sua ação pastoral ia de vento em popa, na sede e em toda a Diocese, quando abriu-se, em Roma, a primeira sessão do Concílio Vaticano II em 1962 ainda e para lá se dirigiu, representando a Diocese. Dom Aguirre não se esforçou pessoalmente para realizar também essa viagem e trabalho, porque a Diocese estava bem representada".

Em meio à terceira sessão do Concílio, no final de 1964, reunião privada dos bispos brasileiros presentes em Roma resultaria, porém, nas primeiras medidas para a renovação da Igreja no País. E Dom José Thurler foi escolhido e aceitou assumir o cargo de secretário nacional da Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais. Assim, "não voltou mais a Sorocaba, a não ser a passeio". E Monsenhor Castanho ainda registra em seus escritos: "Lembro-me de haver visto um primeiro bispo em Sorocaba guiando o seu próprio Volks e era Dom José Thurler[28], dirigindo-se ao Seminário. Doutra vez, eu o vi ainda presidindo, no largo de São Bento, uma belíssima manifestação noturna em desagravo de Nossa Senhora Aparecida, então satirizada por um jornal paulistano. Os sorocabanos foram em seus carros buscar a sua querida Nossa Senhora Aparecida em sua capela..." - Dom José Thurler faleceu a 23 de abril de 1992, em São Paulo, onde com a desincompatibilização de seus vínculos episcopais com Sorocaba a 21 de fevereiro de 1965, para dirigir a Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais, também passou a exercer as funções de bispo-auxiliar da Arquidiocese, nos últimos anos dedicando-se principalmente ao trabalho de assistência eclesiástica às religiosas, por solicitação do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns.

[28] De Dom José Thuler, antes da atual configuração como Arquidiocese, a Diocese de Sorocaba também guardava uma relíquia muito especial da Santa Cruz, na Matriz da Paróquia de Cesário Lange, desde sempre colocada sob o padroado justamente da Santa Cruz. Fora presente do Papa São João XXIII ao então bispo coadjutor de Dom Aguirre em 1962, durante a primeira sessão do Concílio Vaticano II. Ainda não há uma catalogação de todas as relíquias da Vera Cruz existentes no Brasil - algumas já estavam esquecidas e foram redescobertas acidentalmente nos últimos tempos, como essa que Dom José Thuler entregou à Paróquia de Santa Cruz e em época recente de pandemia de Covid-19 foi levada pelo pároco local a sobrevoar de helicóptero o Município, abençoando seus moradores; outras permanecem lacradas no alto de importantes construções religiosas. Desde que devidamente atestadas pela autoridade eclesiástica competente, as relíquias da Santa Cruz remontam à descoberta feita por Santa Helena, ao lado de São Macário, há quase 1.700 anos em uma cisterna a leste do Gólgota.

Para Sorocaba, já no dia seguinte, 22 de fevereiro de 1965, a Santa Sé designa Dom José Melhado Campos, então titular da Diocese de Lorena, no Vale do Paraíba, como bispo coadjutor com direito à sucessão e logo depois, em 2 de fevereiro do ano seguinte, também administrador apostólico 'sede plena', com Dom Aguirre preservando, no entanto, o título de bispo diocesano. Dom Aguirre mesmo fez questão de elaborar mensagem coincidentemente naquela data da Festa da Purificação de Nossa Senhora, comunicando ao clero e a toda população que "prestes a completarmos 86 anos de idade e 42 de vosso bispo, sentimos diminuirem-se-nos as forças, em saúde precária e com enfermidades e preocupações" "aprouve ao Santo Padre, por decreto consistorial, investir nosso Bispo Coadjutor, Dom José Melhado Campos, em Administrador Apostólico *in spiritualibus et in temporalibus* (nas questões espirituais e temporais, aliviando-nos de qualquer responsabilidade no governo da Diocese, reservando-nos, todavia, o gozo de todos os privilégios próprios de um bispo diocesano, com expressa faculdade de administrar a sagrada Crisma e assistir a matrimônios no âmbito da Diocese", justificando-se ainda que "por outro lado, houve ainda o aumento demográfico da Diocese, com seus problemas, acrescidos ao Concílio Ecumênico, que está a exigir uma colaboração mais uniforme, esclarecida e eficaz".

Quase um ano antes, quando da partida de Dom José Thurler e chegada do novo coadjutor, Dom Aguirre já registrara: "O Santo Padre não me abandonou, dando-me novo cireneu na pessoa já conhecida, querida e amada em nossa Diocese de Dom José Melhado Campos".

Dom Aguirre também deixou anotado em suas agendas que realizou sua última Visita Pastoral entre os dias 26 e 31 de janeiro de 1966, à Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, na cidade de Itapetininga. As três últimas paróquias por ele criadas durante seu governo

foram as de São Benedito, em Vila Carvalho (1961), e de Nossa Senhora Aparecida, em Vila Angélica (1962), ambas na sede do Bispado, e a de Santa Catarina de Alexandria (1961), na cidade de Tapiraí.

Muitas igrejas e o novo Mosteiro de Santa Clara

Impossível enumerar, doutra feita, as obras civis executadas dentro da Diocese de Sorocaba durante as décadas de episcopado de Dom José Carlos de Aguirre. Algumas que podem ser citadas aqui, particularmente envolvendo as décadas de 40 e 50, são a igreja matriz de São Roque, em Boituva (1944); início das obras da igreja, hoje Catedral, de Nossa Senhora dos Prazeres, em Itapetininga, com projeto de Benedito Calixto de Jesus Neto, o mesmo da Basílica Nacional em Aparecida (1945); início das obras da igreja de São José do Cerrado e término das obras da igreja matriz do Bom Jesus dos Aflitos, em Vila Hortência (1957), estas duas na sede do Bispado. Também neste período iniciaram-se as obras das igrejas principais de Porangaba (Santo Antônio), Cesário Lange (Santa Cruz) e Paranapanema (Nossa Senhora do Bom Sucesso).



Mosteiro de Santa Clara, no Jardim Vera Cruz. A 15 de abril de 1963, com Dom Aguirre à frente, Sorocaba parou para acompanhar a mudança das Monjas Concepcionistas do velho edifício da São Bento para o moderno conjunto arquitetônico do Mosteiro de Santa Clara.

Importante registrar também que coube a Dom Aguirre, além de restaurar o hábito e a Ordem da Imaculada Conceição, as enclausuradas religiosas concepcionistas franciscanas, logo no ano seguinte a sua investidura como primeiro bispo de Sorocaba, inclusive procedendo diversas obras físicas no prédio já bastante deteriorado pela ação do tempo e novas exigências estruturais, sobretudo quanto a instalações sanitárias e elétricas, e conseguir ainda que o recolhimento fundado em 1811 por Frei Antônio de Sant'Ana Galvão, canonizado como o primeiro santo brasileiro pelo papa Bento XVI em 2007, se tornasse verdadeiramente um convento na acepção da palavra, como vimos anteriormente, liderar, quase trinta anos depois, sua transferência para instalações mais dignas. Isto porque o acelerado crescimento urbano da cidade tornava cada vez mais inviável a permanência das monjas no histórico Mosteiro de Santa Clara no Centro. O edifício oitocentista logo se viu cercado de novas construções e a clausura neste local de origem já não correspondia aos anseios da vida contemplativa e monástica, inclusive desaparecendo por completo o necessário silêncio diante do vai-e-vem de ônibus, automóveis e outros veículos, assim como do medonho barulho advindo da vida cotidiana pulsante fora das paredes do claustro, além de suas instalações apresentarem-se novamente em deplorável estado de deterioração, apesar daquelas melhorias ali realizadas logo quando da chegada de Dom Aguirre.

A construção do novo Mosteiro se deu "no sossegado subúrbio do Cerrado, que já está urbanizado, em terreno da chácara da Família Milego", relata Dom Aguirre em suas anotações. À frente das obras do novo Mosteiro, Monsenhor Antônio Simon Sola, então pároco da Catedral e que desde que chegara a Sorocaba anos antes passara a dedicar extremada assistência às Monjas Concepcionistas.

O lançamento da pedra fundamental, marcando o início da construção, ocorreu ao entardecer de 31 de março de 1962 E avançou celeremente, sob a supervisão de padre Sola e de um grupo de abnegados voluntários que dele se acercou para concretizar a empreitada.

Sorocaba praticamente parou na tarde de 15 de abril de 1963 quando Dom Aguirre, já octogenário, fez questão de estar à frente do cortejo que conduziu as religiosas ao novo Mosteiro de Santa Clara e da Imaculada Conceição no Jardim Vera Cruz, na rua Maria Domingas Milego. Centenas de pessoas, aliás, acorreram às cercanias do velho e deteriorado Mosteiro da confluência das ruas de São Bento e Padre Luiz, para acompanhar a saída das religiosas enclausuradas. O número de automóveis presentes para auxiliar no transporte das monjas excedeu todas as expectativas dos que preparavam a mudança histórica e, em comunicado nas missas, rádios e jornais, solicitavam a colaboração dos sorocabanos, visto que, na época, eram poucas as famílias a possuírem o seu próprio automóvel.

A nova igreja de Santa Clara, junto ao recém-construído Mosteiro das Monjas Concepcionistas, no Jardim Vera Cruz, contudo, só ficou pronta pouco mais de dois anos depois. Sua inauguração e consagração aconteceu em 1965, ao entardecer de 14 de agosto, dentro de uma concepção moderna, seguindo as linhas arquitetônicas sóbrias do próprio Mosteiro, projeto do arquiteto Otacílio Dias de Almeida e com as obras de construção acompanhadas de perto pelo engenheiro José Rui Ribeiro, ao lado de Monsenhor Sola. Do velho Mosteiro do século XIX no Centro, conservou-se a porta principal e o belo retábulo em madeira.

Consagrante de um bispo especial, o primeiro sorocabano a alcançar o Episcopado



Dom Paulo Rolim Loureiro, único bispo até hoje nascido em Sorocaba, teve em Dom Aguirre um de seus consagrantes, em 1948.

Dom José Carlos de Aguirre, durante suas mais de quatro décadas de serviço episcopal, ao lado das numerosíssimas ordenações sacerdotais que oficiou também participou da sagração de não poucos colegas, ora como sagrante principal, ora como consagrante, como ocorreu no início de agosto de 1957, quando viajou ao interior de Minas Gerais, para na Catedral de Uberaba participar como um dos consagrantes de seu primeiro bispo-auxiliar, Dom Almir Marques Ferreira. Menção especial deve ser feita, porém, a sua participação como consagrante de Dom Paulo Rolim Loureiro, primeiro sacerdote sorocabano a chegar ao Episcopado.

Filho de Maria Augusta Rolim e Josino Loureiro de Almeida, Dom Paulo Rolim Loureiro nasceu em Sorocaba a 10 de agosto de 1909. Seus primeiros estudos fez no Grupo Escolar "Antônio Padilha", antes de matricular-se no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo. Foi ordenado sacerdote na igreja de Santa Ifigênia, então Catedral provisória de São Paulo, pelo benemérito arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, a 15 de agosto de 1934 e, no dia 19 seguinte, rezou sua primeira missa na Catedral de Nossa Senhora da Ponte, em Sorocaba, sua terra natal. Seu ministério sacerdotal desenvolveu-o inteiramente dentro da Arquidiocese de São Paulo, inclusive presidindo em 1942 a comissão que organizou o IV Congresso Eucarístico Nacional, realizado na capital paulista.

Antes de ser eleito bispo, Dom Paulo foi enviado à Europa para estudos junto à Cúria Romana e também de Milão e Lion, nestas duas últimas arquidioceses incluindo as Universidades Católicas locais. Eleito bispo auxiliar de São Paulo pelo papa Pio XII, foi sagrado a 22 de maio de 1948 na Basílica do Carmo, também na Capital, pelo arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Mota, sendo um dos consagrantes, então, seu primo e bispo diocesano de Sorocaba, Dom José Carlos de Aguirre. Sua primeira missa pontifical Dom Paulo Rolim Loureiro também veio celebrar na Catedral de Sorocaba, onde fora batizado.

Depois de quase quinze anos servindo, agora como seu bispo auxiliar, a Arquidiocese de São Paulo, foi escolhido pelo papa João XXIII como bispo titular da nova Diocese de Mogi das Cruzes, que estava sendo criada na região da Grande São Paulo pela Santa Sé e onde tomou posse a 30 de dezembro de 1962. Um trágico acidente automobilístico na Capital, na tarde de 2 de agosto de 1975, tirou a vida de Dom Paulo Rolim Loureiro. Estava acompanhado do padre

Antônio Moya Balestero, que também morreu na colisão do Corcel em que viajavam com um ônibus, na esquina das ruas Sena Madureira e Domingos de Morais, na Vila Mariana.

'Dom Aguirre encontrou a vida. Está vivo!'

A frase partiu da eloquência de Monsenhor Antônio Pedro Misiara, que anos após (1976) viria a ser elevado ao Episcopado pelo Papa São Paulo VI e designado bispo de Bragança Paulista, justamente a terra em que a Santa Sé fora buscar em 1924 seu então pároco para ser o primeiro bispo de Sorocaba. Integra a histórica homilia da missa de réquiem celebrada na igreja da Catedral de Nossa Senhora da Ponte na tarde ensolarada de 10 de janeiro de 1973, sob a presidência do então núncio apostólico no Brasil, Dom Humberto Mazzoni, antecedendo ao sepultamento em sua capela mortuária[29] do corpo do santo primeiro bispo diocesano de Sorocaba, Dom José Carlos de Aguirre.

Detentor de um dos mais longos episcopados da história eclesiástica do País, Dom Aguirre faleceu às 3h40 de 8 de janeiro de 1973, com quase 93 anos de idade, no Hospital Santa Lucinda, onde estava internado. Muitos bispos de várias partes do Estado e do País e quase uma centena de presbíteros, entre padres seculares e religiosos, estiveram presentes às cerimônias fúnebres do então mais idoso prelado brasileiro, cerimônias estas que ainda não tiveram precedente dentro

[29] Fora o próprio Dom José Carlos de Aguirre quem, logo ao chegar a Sorocaba em 1925, constatando não ter a igreja cripta e nem a terem providenciado nas obras de reconstrução da Matriz iniciadas em 1917/1918, preparando-a para se transformar na Catedral de Nossa Senhora da Ponte, ordenou a construção de sua capela mortuária, à esquerda logo à entrada do templo, para servir de sepultura a seus bispos. Foram preparados seis túmulos na área junto ao batistério. A primeira dessas 'carneiras', abaixo das demais e também por ele escolhida, recebeu, em latim, os dados de seu futuro ocupante, o próprio Dom José Carlos Aguirre.

da história de mais de três séculos e meio da cidade. Sorocaba literalmente também parou naquela tarde para assistir aos funerais do querido bispo. Uma multidão inimaginável lotou durante horas a fio a própria igreja da Catedral, a praça Cel. Fernando Prestes, as ruas próximas, enfim, todo o Centro de Sorocaba.

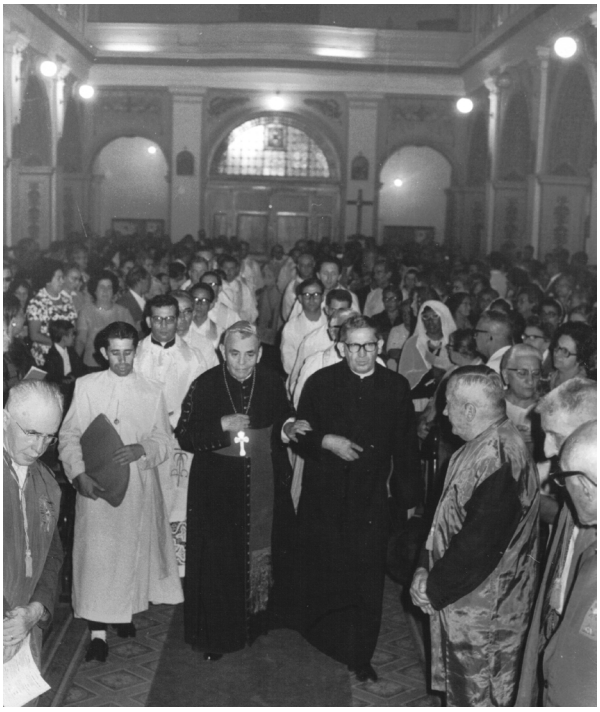
"Não se mede o jardim pelas pétalas que tombaram, mas pelas flores que nele se abriram. Não se mede a noite pelas trevas, mas pelas estrelas que no céu brilham. Não se conta a vida pelas horas de fracasso, mas pelas horas de louro. Não se contam os anos pelos dias e pelos meses, mas pelo amor que nesses dias e meses nos animou. Mede-se o homem por aquilo que ele amou e da maneira com que amou. A personalidade do homem vale tanto quanto o seu amor. Vivemos à altura daquilo que nós amamos. Quem ama o erro é pecador, mas quem ama a Deus e ao próximo é santo. Essa foi a vida de Dom Aguirre. Amor voltado a Deus e dedicação total ao próximo. Esta é a mais linda flor de sua vida, que embeleza sua morte", diria ainda Monsenhor Antônio Pedro Misiara durante as homenagens póstumas a Dom José Carlos de Aguirre, representando todo o clero local.

Dom Aguirre em 1º de junho de 1966, mudara-se do velho Palácio Episcopal da rua XV de Novembro, bastante deteriorado pela ação do tempo e sem condições de restauro, então vendido pela Mitra e demolido para dar lugar à modernas instalações do Banco do Brasil. Ali morara com a família por quatro décadas. Passa, então, a residir com seus seminaristas no Seminário 'São Carlos Borromeu', na avenida Dr. Eugênio Salerno, ali permanecendo até o início de 1970, quando a casa foi fechada atendendo às exigências que se impunham também à Igreja do Brasil quanto à busca de novos caminhos para a formação de seus futuros sacerdotes.



Recebido pelo prior Dom Tadeu e Dom Engelberto (com ele na foto), Dom Aguirre brincava que, na velhice, se tornara 'noviço', residindo no Mosteiro de São Bento.

Em meio a incertezas embaraçosas e opções várias para acolher o venerado bispo ancião, com possibilidade de recolher-se, inclusive, a uma casa destinada a sacerdotes idosos em São Paulo, chega o providencial convite do prior Dom Tadeu Strunck, OSB, amigo de longa data, a quem, aliás, lhe conferira o subdiaconato em fevereiro de 1928 na Catedral de Sorocaba, para passar Dom Aguirre a residir ao Mosteiro de São Bento, onde foi recebido a 23 de março de 1970, por Dom Tadeu e Dom Engelberto Schnell, OSB, a quem ordenara diácono o, repetindo sempre aos que o visitavam que se tornara depois de velho 'noviço beneditino'.



Dom Aguirre homenageado em missa de ação de graças na Catedral pelo seu 90º aniversário.

No dia 28 de abril seguinte, teve a alegria de assistir às 19 horas, na igreja da Catedral, missa de ação de graças pela passagem de seu 90º aniversário natalício, ao lado de numerosíssimos arcebispos, bispos e padres, sob a presidência do então arcebispo metropolitano de São Paulo, o cardeal Dom Agnello Rossi. A homilia gratulatória esteve e cargo da eloquência de Dom Benjamin de Souza Gomes, titular da Diocese de Paranavaí (PR), um dos seis dos quais Dom Aguirre fora consagrante e um dos muitos dos quais pode orgulhar-se de ter em seu Presbitério ao longo das décadas de múnus episcopal.

Foi no dia 12 de dezembro de 1972 que Dom José Carlos de Aguirre celebrou sua última missa na igreja do Mosteiro de São Bento, ainda em latim, pois embora tentasse principalmente a pou-

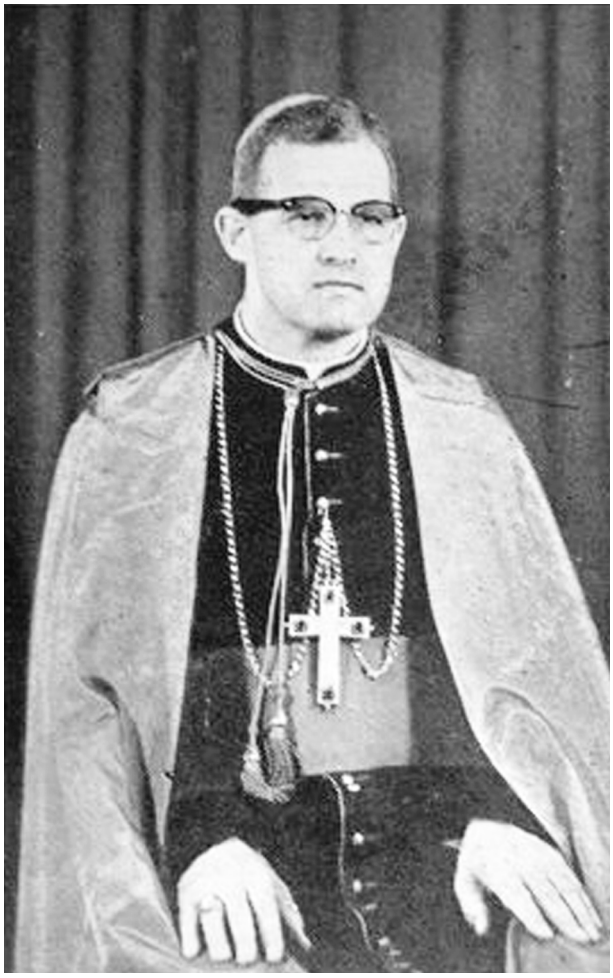
ca visão não lhe permitia seguir a nova liturgia na língua vernácula, também introduzida no pós-Concílio Vaticano II. Nesse dia, seguiu a São Paulo acompanhado de seu médico e amigo pessoal Dr. Aldemar de Castro, que residia na praça Dr. Carlos de Campos e muitas vezes o visitava, principalmente depois de residindo no vizinho Mosteiro, para internar-se no Hospital Santa Catarina, porque necessitava urgentemente de ser submetido a um delicado tratamento pelos médicos que o haviam atendido anteriormente. No dia 26 de dezembro, voltou a Sorocaba, transferido para o Hospital Santa Lucinda. Inclusive, insistiu para ser primeiro levado ao Mosteiro de São Bento, onde passou algumas horas, examinando sua correspondência acumulada.

Nos dias 1º, 2 e 6 de janeiro – agora é testemunho de seu sucessor, Dom José Melhado Campos, que o visitava diariamente, uma ou mais vezes, no Hospital Santa Lucinda -, "celebramos a Santa Missa em seu quarto; ouvimo-lo em confissão, administramos-lhe a unção dos enfermos e pernoitamos com ele várias vezes..." A última comunhão, no dia 7 de janeiro, foi lhe dada pela beneditina Irmã Praxedes, do Colégio Santa Escolástica.

Dom Aguirre entregou sua alma a Deus na madrugada do dia 8 de janeiro de 1973, por volta das 3 horas, "abraçado ao terço, que jamais abandonara, e ao Crucifixo, tradição de família"! "Estou certo de que hei de morrer. Não sabendo onde, quando, de que modo, só peço a Deus que minha morte não seja repentina e improvisa, aceitando a que Ele me destinar, com inteira resignação cristã, como homenagem de todo o meu seu à Sua divina majestade" – este é um dos trechos iniciais do longo testamento hológrafo escrito por Dom José Carlos de Aguirre a 25 de dezembro de 1960, principiando por sua profissão de fé católica, apostólica, romana, "que neste momento renovo perante Deus que em breve há de me julgar", seguindo-se um

verdadeiro tratado teológico manifestando sua firme adesão a todas as verdades reveladas pela Santa Igreja, a partir de reverência impar à Santíssima Trindade. "Peço perdão a todos meus irmãos, os Senhores Bispos e Sacerdotes, cuja classe deslustrei. Peço perdão a todos quantos haja ofendido de qualquer modo, ao mesmo tempo em que, com afeto cristão, perdôo a quem quer que seja que haja me ofendido ou me seja desafeto. Na hora minha suprema, quero achar-me bem com Deus e em paz com o próximo", escreveu também, enumerando ainda uma série de disposições para depois de seu passamento, como não ser embalsamado, "seja meu cadáver revestido de paramentos roxos como para missa pontifical, com mitra branca", reservando para esta sua mortalha "a batina roxa com que fui sagrado bispo em 1924, a sobrepeliz que vesti ao receber a tonsura em 1899 e as ordens menores em 1901, o amito e a alva com que recebi todas as ordens maiores, inclusive o episcopado"; "minhas mãos sejam forradas de quirotecas roxas sejam atadas com as faixas de linho com que o foram na ordenação sacerdotal e sagração episcopal", o caixão mortuário seja de terceira ou ínfima classe, "nada de coroas, nada de flores, nada de necrológicos", "missas sim, muitas missas; preces sim, muitas preces"...

DOM JOSÉ MELHADO CAMPOS, O BISPO DO CONCÍLIO VATICANO II



Dom José Melhado Campos. Bispo de Lorena, coadjutor, administrador apostólico 'sede plena' e terceiro bispo titular, preparou a Diocese de Sorocaba para adentrar a uma dinâmica pós-conciliar.

Dom José Melhado Campos, recepcionado festivamente na cidade na tarde do feriado consagrado ao Dia do Trabalhador de 1965 como bispo coadjutor de Dom José Carlos de Aguirre, viria com a morte deste, a 8 de janeiro de 1973, transformar-se no segundo bispo diocesano de Sorocaba. Em meio ainda ao desenvolvimento em Roma do Concílio Vaticano II, o Papa São Paulo VI foi buscar num Padre Conciliar o bispo para codividir as responsabilidades pelo governo pastoral da Diocese de Sorocaba com seu venerando titular, que a dirigia desde sua instalação a 31 de dezembro de 1924, por mandato apostólico de 4 de julho anterior do Papa Pio XI, e já beirava seus 85 anos de idade – dez a mais que a idade-limite hoje estabelecida pela Santa Sé para que os bispos apresentem sua renúncia.

Dom José Melhado Campos fora chamado ao Episcopado a 29 de maio de 1960, quando o Papa São João XXIII foi encontrá-lo na então Matriz do Divino Espírito Santo, hoje a Catedral de Bauru, para em concedendo a ele a dignidade de sucessor dos Apóstolos designá-lo bispo titular da Diocese de Lorena, próxima a Aparecida, no Vale do Paraíba. E foi como bispo de Lorena que Dom José Melhado participaria nos anos seguintes do Concílio Ecumênico Vaticano II na `Cidade Eterna´, integrando a delegação representativa do Episcopado brasileiro.

Data de 22 de fevereiro de 1965 o decreto pontifício publicado pela Santa Sé transferindo Dom José Melhado Campos da sede diocesana de Lorena para Sorocaba, nomeando-o para a sede titular de Óspita e designando-o, ao mesmo tempo, como coadjutor com direito à sucessão de Dom José Carlos de Aguirre. Sua posse ocorreria a 1º de maio seguinte, festa litúrgica do onomástico dos dois bispos, São José Operário, na igreja da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, depois de percorrer semanas antes todas as paróquias da Diocese de Lorena, despedindo-se de seus padres e quase ex-diocesanos. Naquele feriado do Dia do Trabalho,

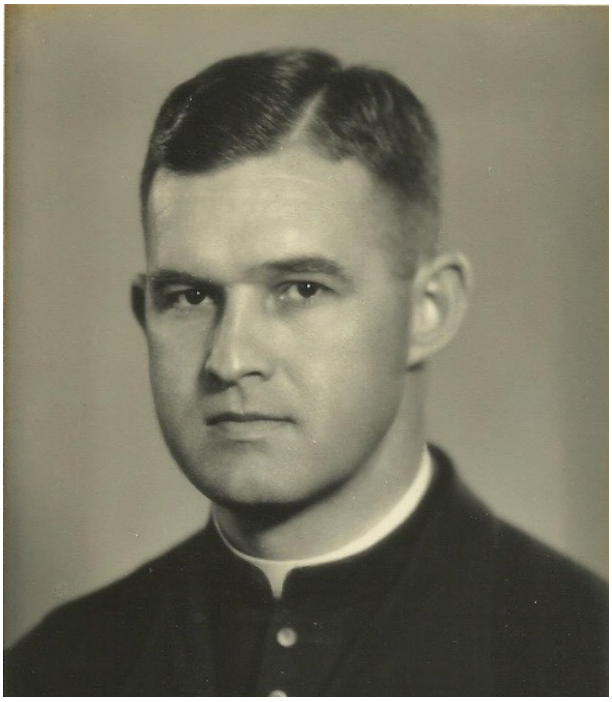
às 15 horas uma comissão de sorocabanos, tendo à frente o então vigário-geral da Diocese, Monsenhor Benjamin de Souza Gomes, Monsenhor Antônio Pedro Misiara e o cônego André Pieroni, foi buscar o novo bispo em São Paulo, que a aguardava junto ao Liceu Coração de Jesus, dos Padres Salesianos. Viajando pela Rodovia Raposo Tavares, chegando à antiga Variante, próxima à atual Cidade Universitária/Uniso, Dom José Melhado passou a carro aberto, acompanhado de batedores do 7º BPM, da então Força Pública do Estado de São Paulo, e grande acompanhamento de automóveis, como noticiou a imprensa – hoje se diria 'carreata'. Recepcionado por Dom Aguirre, significativo número de sorocabanos e expressiva caravana vinda de Lorena junto ao Palácio Episcopal, na rua XV de Novembro, paramentado seguiu a pé junto ao povo até a igreja da Catedral, para a missa de apresentação e posse. Recepcionado nas escadarias da Catedral, recebeu as saudações de boas-vindas proferidas pelo então prefeito municipal Dr. Armando Pannunzio e, em nome do clero, por Monsenhor Antônio Maria Mucciolo.



Dom José Melhado esteve em Roma, entre os delegados do Brasil, nas duas etapas do Concílio Vaticano II: como bispo de Lorena e, depois, como coadjutor de Sorocaba.

Porém, apenas algum tempo depois de sua presença em Sorocaba e de retornar de Roma, onde fora participar da terceira etapa e sessão de encerramento do Concílio, Dom José Melhado já era, a 16 de dezembro seguinte, nomeado pelo papa Paulo VI bispo coadjutor e administrador apostólico `sede plena´, com direito à sucessão. Ou seja, todas as atividades pastorais e responsabilidades administrativas da Diocese passavam exclusivamente a sua pessoa. "Do dia 1º de maio de 1965, dia de nossa chegada a Sorocaba, até o dia 16 de dezembro do mesmo ano, exercemos as funções de bispo coadjutor de Dom José Carlos de Aguirre, auxiliando-o e coadjuvando-o em todas as atividades pastorais da Diocese de Sorocaba. Nesta data, fomos nomeados Bispo Administrador Apostólico", escreveu anos depois Dom José Melhado Campos, ressalvando, porém, que a investidura oficial ocorreria a 2 de fevereiro de 1966, em solenidade presidida pelo bispo diocesano na igreja da Catedral. Passaria a ser o segundo bispo diocesano de Sorocaba a 8 de janeiro de 1973, com a morte do titular, Dom José Carlos de Aguirre, aos 93 anos de idade.

O Juca se faz padre e chega ao Episcopado



Dom José Melhado Campos. Natural de Limeira, pertencia ao clero secular de Botucatu, ordenado sacerdote no Santuário de Aparecida, em São Manuel.

Filho de Gabriel Melhado e Tereza Campos, Dom José Melhado Campos nasceu em Limeira, interior de São Paulo, a 29 de novembro de 1909. Fez seus estudos primários em Birigui. Cursou dois anos no Ginásio Diocesano e os demais no Seminário Menor de Botucatu. Filosofia e três anos de Teologia também foram realizados no Seminário Maior de Botucatu, concluindo a Teologia no Seminário Central de São Paulo, para onde já foi ordenado como diácono.

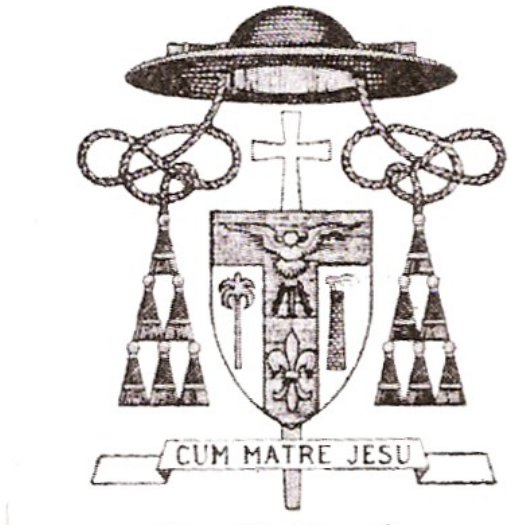
Sua ordenação sacerdotal ocorreu a 15 de agosto de 1934, pelas mãos do então bispo diocesano de Botucatu, Dom Carlos Duarte Costa, aliás de triste memória, pela situação problemática que

causou na Igreja do Brasil, forçado a renunciar pela Santa Sé, como já destacado anteriormente, no capítulo dedicado ao primeiro bispo, por ter Dom José Carlos de Aguirre sido chamado pelo Vaticano a acompanhar em Botucatu os desdobramentos do infortúnio, que ainda desembocaria na cismática fundação da Igreja Católica Brasileira. (Na década de 70, quando a Igreja Católica Brasileira esteve no seu auge, `canonizando´ seu fundador falecido há pouco, era espontâneo Dom José Melhado afirmar, embora evitasse sempre declinar o nome de seu bispo ordenante como padre, "conheço bem sua santidade, foi ele quem me ordenou".)

A ordenação aconteceu no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no bairro de Água da Rosa, às margens da Rodovia Marechal Rondon, no município de São Manoel. Foi o padre Juca, como era então conhecido, apelido familiar de infância, nomeado inicialmente vigário coadjutor da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, da cidade de Avaré. Transferido mais tarde para Lençóis Paulista e depois Piratininga, foi nomeado professor do Seminário Menor de Botucatu, onde se tornou reitor posteriormente, cargo que ocupou por dezessete anos.

Durante dois anos de vacância da então Diocese de Botucatu, com o falecimento de Dom frei Luiz Maria de Santana, foi ainda seu administrador apostólico, até a chegada do novo bispo, na pessoa de Dom Henrique Golland Trindade. Foi também por quatro anos vigário da Catedral de Sant´Ana, em Botucatu, e depois da Paróquia do Divino Espírito Santo, da cidade de Bauru, ainda não Catedral e sede diocesana, onde, porém, permaneceu menos de seis meses, escolhido para o Episcopado a 29 de março de 1960 pelo Papa São João XXIII, como terceiro bispo de Lorena.

Sua sagração episcopal, na Catedral de Botucatu, ocorreu a 17 de julho de 1960, sendo sagrante o então bispo da Diocese local, Dom Henrique Golland Trindade, e consagrantes Dom Manuel da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis (RJ), e Dom Rui Serra, bispo de São Carlos (SP).



Brasão de Dom José Melhado Campos. Seu lema episcopal: "Cum Mater Jesu' ('Com a Mãe de Jesus').

Ministério fecundo e gratificante, mas também de desolação

Logo no dia seguinte a sua chegada a Sorocaba, a 2 de maio de 1965 Dom José Melhado já viaja a Botucatu, para participar da sagração episcopal de Dom Sílvio Maria Dário, seu colega de Seminário e de Presbitério, eleito como auxiliar de Dom Henrique Golland Trindade na ainda Diocese de Botucatu (depois, em 1968, no dia 2 de março, pela Bula "Quantum Spei", de Paulo VI, Dom Sílvio seria nomeado primeiro bispo de Itapeva, que teve seu território desmembrado da então extensa Diocese de Sorocaba).

Passou Dom José Melhado a residir em casa construída pelas Monjas Concepcionistas ao lado do Mosteiro de Santa Clara, no Jardim Vera Cruz, para acolher seu capelão e que, concluída há pouco, ainda não fora ocupada. Vieram com ele sua mãe e a irmã Terezinha, que era viúva. Ficaram ali até a construção de nova Residência Episcopal, à avenida Dr. Eugênio Salerno, 55, em área contígua ao Seminário 'São Carlos Borromeu', junto à praça 9 de Julho. Ao longo dos meses de maio e junho daquele ano, ainda como bispo coadjutor, passou a visitar todas as paróquias da Diocese, celebrando missa em cada uma e saudando os fiéis. As autoridades constituídas, órgãos de imprensa e rádio e algumas repartições públicas também estiveram nessa sua agenda inicial. Numa mensagem pessoal estampada pelos jornais locais, em sua edição de 11 de maio, Dom José Melhado já externava, aliás, um primeiro agradecimento à comunidade sorocabana "pela acolhida nos tributa desde o dia 1º passado", ao mesmo tempo em que "envio a todos minha saudação fraterna e minha bênção". Ainda na tarde deste dia 11 de maio, o novo bispo coadjutor desloca-se até a Igreja Presbiteriana de Sorocaba, na rua Santa Clara, onde foi recebido calorosamente pelo reverendo Matheus Benevenuto, seu titular, pastores auxiliares e vários integrantes da Comunidade Evangélica local, num primeiro gesto de aproximação fraterna e ecumênica. Salientando a importância da unidade e da disposição de caminhar-se lado a lado no amor e na caridade, "que é a essência de Deus", manifestou ainda desejo ardente de "estarmos sempre juntos e, assim, trabalharmos para propagar a mensagem evangélica, indo ao encontro, sobretudo, dos mais distantes, os ateus, os pagãos e os materialistas". Foram também 125 visitas a escolas, hospitais, orfanatos e asilos, fábricas e repartições públicas. "Foi um trabalho penoso, mas muito consolador e gratificante para

o coração do bispo coadjutor", escreveu em suas "Memórias da Diocese de Sorocaba", que preparou junto com três outros livros – "Memórias do Juca", "Memórias da Diocese de Lorena" e "Memórias do Lar São Vicente de Paulo, de Tatuí" – na década de 80, após entregar o governo da Diocese a seu sucessor, Dom José Lambert, e passar a residir em Tatuí, no asilo vicentino local. Todas as paróquias foram visitadas quatro ou cinco vezes até o final de 1979, quando foi nomeado pelo Papa São João Paulo II seu sucessor. "Cada ano visitamos todas as paróquias de uma região pastoral (Sorocaba, Itapetininga e Tatuí). Em 1967, também Itapeva", registrou.

As visitas duravam de 3 a 6 dias, de acordo com as necessidades e o tamanho da paróquia. Atendendo ao próprio pedido de que não houvesse solenidade alguma, depois de algumas paróquias prepararem solenes recepções, Dom José Melhado presidia a celebração da Eucaristia na Matriz, examinava os livros paroquiais e participava de reuniões dos conselhos e associações paroquiais. "Nossas visitas tiveram um caráter essencialmente pastoral: `O Bom Pastor conhece suas ovelhas´. Apenas chegando a esta grande Sorocaba, fomos dominados pelo anseio de conhecer todas as nossas ovelhas e nos fazer conhecido por elas. [...] Que o mesmo Deus nos ajude a não desmerecer desta confiança e a não decepcionar a esta justa esperança" escreveu ainda em uma de suas primeiras mensagens publicadas nos jornais locais sobre essas visitas.



Dom José Melhado Campos, em um dos diversos eventos que participava. Estimado na Comunidade, era convidado para abençoar lançamento de pedras fundamentais e inaugurações, sempre respondendo afirmativamente aos convites.

Foram, assim, tempos de fecundo e gratificante episcopado os quase quinze anos em que Dom José Melhado Campos esteve à frente da Diocese de Sorocaba (8 anos, 4 meses e 12 dias se contados a partir de 8 de janeiro de 1973, quando passou a ser o segundo bispo titular), mas também de muita dor, sombras e sofrimentos pastorais, por administrar uma extensa e populosa circunscrição eclesiástica em anos tão difíceis para a Igreja em todo o mundo, particularmente no Brasil, em sua fase pós-conciliar e de implementação, às vezes não muito bem compreendidas e até doloridas, das orientações emanadas do Vaticano II e que ele, como Padre Conciliar, tinha bem presente no coração. A ponto de, já bispo diocesano, a 17 de julho de 1974, 14º aniversário de sua sagração episcopal e 8º de governo da Diocese, enviar a todos os membros do Conselho de Presbíteros "uma carta de abertura de alma acerca de certos problemas e angústias por que vínhamos passando". "Quando o coração do bispo sente a amargura

da incompreensão, da injustiça e da maldade, a quem haverá de se abrir, senão aos mais dedicados conselheiros e amigos do presbitério? Se conseguir ser compreendido, ficarei muito bem pago; senão o conseguir, terei, ao menos, revelado a verdade e só a verdade para o futuro da história desta Igreja Particular de Sorocaba", abre sua carta-desabafo Dom José Melhado Campos, referindo-se a muitos temas que machucavam a alma do Pastor, como o 'caso Dom Aguirre', em que certos setores da sociedade local, do laicato católico, imprensa e mesmo entre os consagrados insistiam em apontar divergências entre os dois bispos. "Não obstante, nada tenho a me queixar de Dom Aguirre durante os oito anos em que trabalhamos e vivemos juntos. Creio que também ele não levou queixas de mim, apesar de eu ter que tomar algumas decisões que não eram do seu agrado e, muitas vezes, nem do meu. As circunstâncias o exigiram. Entre nós, tudo em paz!", escreveu Dom José Melhado, enumerando ainda também o 'caso do Seminário', com o surgimento de constantes críticas que se ergueram contra a decisão que lhe era imputada, quando na realidade fora do Presbitério, de fechar as portas do Seminário Menor. "Infelizmente – o depoimento textual é de Dom José Melhado -, nossa transferência para Sorocaba coincidiu com o tempo mais explosivo do Concílio Vaticano II e da crise por que passou e ainda vai passando a Igreja toda. Nós mesmo nos vimos forçados a tomar decisões contrárias às nossas convicções íntimas e pessoais, pelas exigências do tempo", lamentando, de outro lado, que inclusive um órgão da imprensa local chegasse a estampar que "...e o velho bispo (Dom Aguirre) viu seu Seminário vazio.... Certamente, o velho Bispo chorou muito...". "Quem não vê aqui a intenção de nos transformar no causador das lágrimas de Dom Aguirre? Por detrás dessa romântica compaixão por um Bispo, se descobre o desejo de ferir o outro...".

Aliás, recém-chegado e antes de partir para Roma, para tomar parte da última etapa do Concílio, Dom José Melhado se sente unidíssimo a Dom José Carlos de Aguirre na promoção de expressivas e piedosas concentrações populares, na sede diocesana e em muitas paróquias de seu interior, atendendo a veemente apelo do papa Paulo VI, com pregações e orações dirigidas a Nossa Senhora de Fátima, para que se alcançassem os melhores frutos na concretude do Vaticano II e "para a promoção de uma paz justa e sólida entre todos os povos da Terra". Mensagem especial fora preparada por Dom Aguirre e dirigida a todos os diocesanos, para "se unirem e reunirem, em sacrifícios e orações, respondendo aos anseios do papa Paulo VI, manifestados na Encíclica 'Mense Maio'", onde dizia o Sumo Pontífice ser "esta hora particularmente grave e urge, mais do que nunca, um coro de orações de todo o povo cristão".

Ecos do Concílio

Nos primeiros dias de setembro de 1965 ainda, acompanhado de outros bispos conciliares brasileiros, de navio Dom José Melhado Campos novamente viajou a Roma, para participar da quarta sessão e encerramento solene do Concílio Vaticano II, que ocorreria a 8 de dezembro seguinte, na Solenidade da Imaculada Conceição. E praticamente duas vezes por semana, durante os quase três meses consecutivos que permaneceria na 'Cidade Eterna', enviava a seus diocesanos, em forma de 'carta aberta', crônicas pormenorizadas sobre o andamento dos trabalhos conciliares e comentários em torno dos principais documentos que iam sendo aprovados, assim como sobre encíclicas e decretos pontifícios que Paulo VI ia publicando no período. Da Encíclica '*Mysterium Fidei*', confirmando a Igreja sua salutar doutrina sobre a Santíssima Eucaristia' à carta intitulada 'Apostólica Solicitudo', criando

o Sínodo Episcopal, reconhecendo a colegialidade dos bispos com o Papa para o governo da Igreja, da liberdade religiosa às discussões sobre a presença da Igreja no mundo contemporâneo, tudo era tema das conversações transmitidas de Roma por Dom José e publicadas nas páginas do jornal 'Diário de Sorocaba' assim que chegavam pelo Correio à redação, aos cuidados dos jornalistas Vitor Cioffi de Luca e Thereza Conceição Grosso de Luca. Como aquela datada em Roma a 17 de outubro de 1965, em que Dom José Melhado lembrava que "na sessão de segunda-feira da Congregação conciliar, foi lida uma carta do Santo Padre ao Cardeal Tisserant, na qual o Papa Paulo VI comunicava ter tido conhecimento de que alguns Padres Conciliares tinham a intenção de falar no Concílio sobre o celibato eclesiástico da Igreja Latina. Sem impedir, abertamente, a liberdade dos Padres Conciliares, declarava 'não ser oportuno discutir, publicamente, sobre esse assunto que exige suma prudência e é de grande importância'. 'É nosso propósito – continua o Papa – não só conservar, com todas as nossas forças, esta lei antiga, sagrada e providencial, mas também revigorar sua observância, chamando a atenção dos sacerdotes da Igreja Latina para o conhecimento das causas e das razões que hoje fazem com que essa lei seja considerada muito apta, pois graças a ela os sacerdotes podem consagrar todo o seu amor somente a Cristo e dedicar-se inteira e generosamente ao serviço das almas e da Igreja'. Aplausos entusiastas acolheram as palavras do Papa. Confesso que senti uma das maiores alegrias do Concílio. Esta palavra estava sendo reclamada. Era necessária!".

Dom José Melhado, porém, não pode permanecer até o final do Concílio, vendo-se forçado a retornar ao Brasil no finalzinho de novembro, diante do agravamento do estado de saúde de sua mãe. Felizmente, quando chegou direto a Londrina, no interior do Paraná, onde se encontrava na casa de uma das filhas, já começava a se recuperar.

Padres para a Diocese, novas paróquias e diáconos permanentes

Das sete paróquias existentes quando da chegada de Dom José Melhado, em maio de 1965, à cidade-sede do Bispado – Catedral, Bom Jesus dos Aflitos, Santa Rita de Cássia, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida, São Francisco de Assis e São José do Cerrado -, várias outras foram sendo por ele criadas, à medida que a expansão urbana e demográfica principalmente assim o exigiam, surgindo logo as paróquias de São José Operário, em Vila Progresso (1966), Nossa Senhora Auxiliadora, dos Padres Salesianos (1968); São Carlos Borromeu (1968); São Lucas, no Vergueiro (1970); Santo Antônio, no bairro da Árvore Grande (1970); Santa Rosália (1973)[30] e Divino Espírito Santo (1974), com sede no largo do Divino, no Jardim São Paulo, e abrangendo vastíssima região em expansão na Zona Oeste, principalmente com os novos conjuntos habitacionais populares surgindo no Jardim Guadalajara e na região do bairro do Central Parque, além da Paróquia de São Luiz Gonzaga, erigida canonicamente em 1968, mas atravessando praticamente toda a década de 70 anexada oficiosamente como Capelania da Paróquia de São Benedito, de Vila Carvalho. Já noutras cidades, somente uma paróquia foi criada, a de Santo Antônio (1967), em Iperó.

[30] Pioneira entre os templos católicos de linhas arquitetônicas mais modernas e já construídos dentro das orientações litúrgicas emanadas do Concílio Vaticano II em Sorocaba, inclusive com o altar-mor posicionado no centro do Presbitério, a igreja de Santa Rosália, mesmo se só seria canonicamente elevada à Matriz em 1973, com a instalação da Paróquia por Dom José Melhado Campos a 18 de agosto de 1973, estava pronta em 1964 e foi inaugurada com as bênçãos de Dom José Carlos de Aguirre, o primeiro bispo, a 2 de agosto de 1964. Foi construída pela Família Pereira da Silva, grande benfeitora do bairro que ajudara a fundar no entorno de uma de suas indústrias têxteis localizadas na cidade, a Fábrica Santa Rosália, doando-a anos depois à então Diocese. Seu projeto é de autoria do engenheiro civil Dr. Roger Pereira Eguez e do arquiteto Dr. Alir de Biaggi, projeto de J. Portilho. Os quadros da Via-Sacra apresentando as pessoas quase em tamanho natural, as imagens e o painel central no Presbitério, com afrescos narrando a vida de Santa Rosália, foram executados artisticamente por Francisco Folhiano.

Nos dez primeiros anos de governo, Dom José Melhado não ordenou mais que um sacerdote, o padre Antônio Neris Meira, que pouco tempo depois deixou o ministério. A partir de 1975, contudo, com o reflorescimento das vocações e novos tempos para o Seminário 'São Carlos Borromeu', recomeçaram as ordenações. Foram seis nos cinco anos seguintes de seu episcopado: padre Serafim Petroski, ordenado em Roma, a 25 de janeiro de 1975; padre Isac Isaias Valle, ordenado diácono por Dom José Melhado na mesma data da ordenação sacerdotal de padre Serafim em Roma e sacerdote, a seu pedido, por Dom Lucas Moreira Neves, depois cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, também no Colégio Pio Brasileiro, na `Cidade Eterna´, a 5 de abril seguinte; padre Inácio Kriguer, padre Benedito de Jesus Halter, padre Tadeu Rocha Moraes e padre José Fernando Mietto. Do mesmo grupo, faz parte o padre João Carlos Orsi, ordenado em 2 de julho de 1980 no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, pelo Papa São João Paulo II, ao lado de 76 outros seminaristas provenientes de diferentes dioceses espalhadas por todas as regiões do Brasil. Sem contar outros ordenados nos anos subsequentes pelo seu sucessor, Dom José Lambert, mas frutos de seu paciencioso trabalho de animação e encaminhamento vocacional.

Por outro lado, a partir de 1968, dois sacerdotes são destaques ao lado de Dom José Melhado Campos na administração da Diocese, o então cônego e depois Monsenhor Sérvulo de Madureira, filho de tradicional família sorocabana, que com a criação da Diocese de Itapeva o bispo traz a Sorocaba, depois do paroquiato em várias cidades daquela região, para ser o chanceler do Bispado, e Monsenhor Antônio Simon Sola, pároco da Catedral até 1967, como administrador da Mitra Diocesana. Era também o capelão das monjas concepcionistas do Mosteiro de Santa Clara.

Outro destaque do episcopado de Dom José Melhado foi a pioneira introdução e valorização, em Sorocaba, do ministério do diaconato permanente, com a restauração pela Igreja, também como fruto do Concílio Vaticano II, da tradição apostólica de ordenação de homens casados chamados a servir ao povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade, em comunhão com o Bispo e seu Presbitério. Sorocaba esteve entre as primeiras dioceses do Brasil a restaurar o ministério que tem suas origens na Igreja Primitiva e que ficara esquecido durante séculos. Logo depois da ordenação dos quatro primeiros diáconos permanentes brasileiros pelo próprio Papa São Paulo VI no dia 22 de agosto de 1968, ao abrir a II Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam), em Medellín, na Colômbia, na Diocese de Sorocaba foram oito os primeiros diáconos permanentes ordenados pela imposição das mãos do segundo bispo titular em dezembro de 1969: Ângelo Carniel, Egydio Stefani, Francisco Lisboa, José Mazzucatto, José Pires Correia, José Raymundo Domingues, Lázaro Vieira de Souza e Noêmio Soares Dias. O primeiro - diácono Ângelo Carniel -, falecido em 27 de fevereiro de 1988, por dezenove anos serviu em seu ministério a Catedral de Nossa Senhora da Ponte, onde era o solícito sacristão desde o final dos anos 50, trazido de Tietê, sua terra natal, onde já exercia tais funções junto à Paróquia da Santíssima Trindade, por Monsenhor Sola.

Pouco antes, outro fruto imediato do Concílio Vaticano II, Dom José Melhado Campos já introduzira na Diocese os primeiros ministérios leigos. Aliás, em recente pesquisa histórica, tendo por base manuscrito deixado pelo diácono permanente Egídio Stefani, que integrava aquele primeiro grupo que depois viria a receber a ordenação diaconal, o diácono permanente José da Cruz, especialista também em História da Igreja, aponta que a primeira vez que

os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão distribuíram a Eucaristia em uma missa, em Sorocaba, foi no dia 12 de outubro de 1968, Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, e encerramento da Semana das Vocações, na igreja da Catedral. Nesse primeiro grupo, havia 30 pessoas, sendo onze leigos e 19 religiosas. Entre os leigos, a maioria era justamente formada por candidatos ao Diaconato, frequentadores do Curso Santo Estevão, que tivera início em fevereiro daquele ano no Seminário Diocesano 'São Carlos Borromeu'. Quanto às religiosas, eram de Ordens e Congregações atuantes em escolas e hospitais da Diocese. "O Ministério Leigo que se iniciou com os ministros extraordinários da Distribuição da Sagrada Comunhão – acrescenta José da Cruz -, com o tempo e com as necessidades pastorais, acabou se multiplicando e hoje temos, além dos ministros da Sagrada Comunhão, os ministros das Exéquias, dos Enfermos e também os ministros da Palavra. Em Votorantim, na Paróquia de São João Batista, com o apoio e a iniciativa do padre Tadeu Rocha Moraes, foram provisionados também os ministros do Batismo e as Testemunhas Qualificadas para o Matrimônio". Isto já no final dos anos 70, início dos anos 80.

No manuscrito, o diácono Egídio Stefani também relata detalhes da Celebração Histórica, registrando que "os leigos estavam paramentados de Alva, Cíngulo e Amito e as religiosas, com seus hábitos de costume". A missa, presidida por Dom José Melhado Campos e concelebrada por Monsenhor Antônio Maria Mucciolo e Monsenhor Antônio Pedro Misiara, acolheu, assim, os ministros leigos pioneiros que iniciaram essa bela história, tornando visível a Igreja Ministerial. Eram, além de Egídio Stefani, José Pires Correia, José Mazzucatto, Laurentino Leite, Luiz Lázaro Luchesi, Alípio Armando Ribeiro, Orsdini José Tozzi (Tietê), Antônio Ferreira e José Rai-

mundo Domingues (Itapetininga), Angelo Carniel e Noêmio Soares Dias. E as religiosas Maria Savina Basechiera, Dolores De La Cruz, Maria Gonzaga, Mirian José de Lourdes Keller, Firmata Asboch, Maria Gonzaga Epping, Maria Pereira Palo, Lídia Rafaelli, Maria Cloreta Cantarim, Maria Maristela, Mariaq Bernarda, Maria Agostinha, Maria José, Madalena do Sagrado Coração, Maria dos Anjos, Maria Colusso, Deliângela Franza, Afonsina Felipeto e Maria Agnes Koppel.

A 30 de novembro de 1967, já bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena', Dom José Melhado Campos também recebia solenemente, da Câmara Municipal, o honroso, como ele mesmo afirmava, título de 'Cidadão Sorocabano'. Aprovado por unanimidade pelo Legislativo local, então presidido pelo vereador Celidônio do Monte, o projeto de resolução estabelecendo a máxima honraria da cidade fora proposta ao Plenário pelo vereador Orlando Pereira.



Dom José Melhado, em uma das muitas celebrações na Catedral. Tornou-se Bispo titular, a partir de 08/01/1973.

Primavera dos movimentos eclesiais

Os frutos emanados do Concílio Vaticano II também foram lançando luzes cada vez mais claras sobre a inserção do próprio laicato na vida eclesial da Igreja e sua evangelização e missionariedade, sobretudo quanto à incidência do Evangelho nos mais variados campos das relações humanas. Foi, assim, que Dom José Melhado Campos, grande incentivador dos movimentos apostólicos leigos, logo depois de uma experiência pessoal do então cônego Mauro Vallini, não titubeou também ele, em primeira pessoa, a participar de encontro marcante do incipiente Movimento de Cursilhos de Cristandade (MCC), surgido na década de 40 na diocese espanhola de Palma de Maiorca, realizado na Arquidiocese de Campinas em setembro de 1966, ao lado de três destacados militantes do laicato católico da cidade: comendador Luiz de Almeida Marins (que seria depois um dos expoentes do Movimento no Brasil, como presidente de seu Secretariado Nacional), Dr. Arthur Fonseca e Marcos Zacariotto. E não demorou muito para se arregimentar outros candidatos entre as lideranças leigas locais e de cidades do interior da Diocese aos três dias de imersão ainda em Campinas a esse novo método de evangelização laical nascido na Espanha, tendo em vista a cristianização das realidades ambientais humanas e sociais, formando leigos conscientes de sua missão e vivência evangélica na Igreja e no mundo.

Não demorou muito para a constituição de um bom time sorocabano de cursilhistas e, a partir de 1967/1968, estes já passaram, então, a organizar e ministrar os inovadores cursos já em Sorocaba, tanto para homens, como para mulheres, que também seguiram o mesmo caminho. Como acontece até hoje, quando o Movimento de Cursilhos de Cristandade, sedimentado e arraigado, aparece como

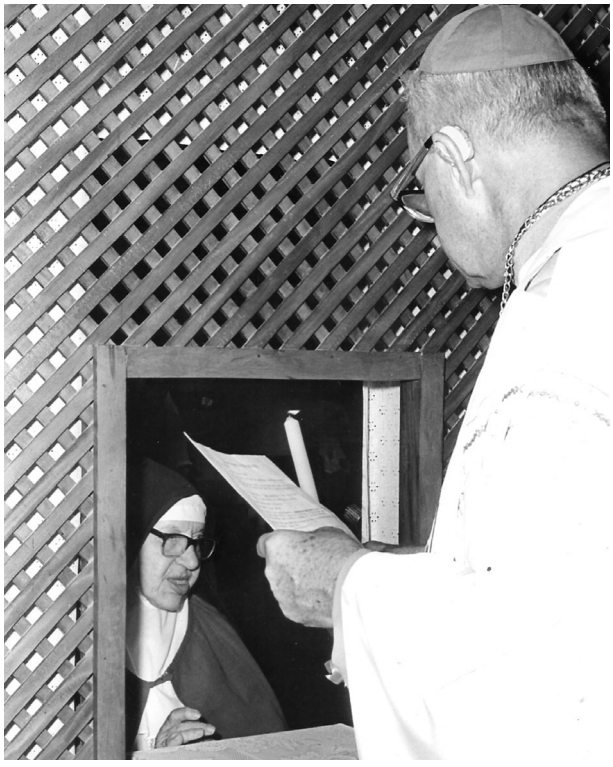
sentinela de uma Igreja pós-conciliar renovada, ao lado de tantos outros movimentos, associações, CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e demais células eclesiais de apostolado leigo dentro da Arquidiocese.

Foi, por outro lado, o estreito contato que manteve em Grottaferrata, nos arredores de Roma, durante os intervalos das sessões plenárias do Concílio, junto de muitos outros bispos do Brasil e do mundo inteiro, com o carisma de comunhão que suscitara, em meio aos violentos combates que se travavam durante a II Guerra Mundial na região de Trento, o ardente desejo de um primeiríssimo grupo de moças e, logo depois, também de rapazes de transformar em vida palavra por palavra do Evangelho, desembocando em novíssima espiritualidade cristã-católica plasmada na Unidade e na construção de um mundo mais unido e fraterno, impulsionando, assim, o surgimento do Movimento dos Focolares, que levou Dom José Melhado a se aproximar cada vez mais dos ideais propostos pela fundadora italiana Chiara Lubich (1920-2008) e de suas primeira(o)s companheira(o)s, como Ginetta Calliari (1918-2001), direcionada por Chiara para difundir a espiritualidade focolarina no Brasil, a pedido insistente, sobretudo, dos bispos do Nordeste, e hoje com seu processo de beatificação em adiantada fase de análise junto à Congregação Pontifícia para a Causa dos Santos, e Enzo Morandi (Volo). Tanto que a primeira e segunda Mariápolis, os congressos anuais do Movimento, no sul do País, aconteceram em 1964 em Lorena, Diocese onde estava Dom Melhado, e em julho do ano seguinte a segunda já foi em Sorocaba, onde ele chegara dois meses antes, junto ao Seminário 'São Carlos Borromeu', inclusive com a presença do então cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Agnello Rossi. Foi entre os dias 5 e 10 daquele mês, aproveitando-se do período de férias de meio de ano dos poucos seminaristas que ainda o frequentavam regularmente. "Para este ano, a Providência tinha preparado a cidade de Sorocaba, que nos acolheu com aquela típica

hospitalidade e abertura que caracterizam seu povo...", aparece estampado na reportagem que a revista 'Cidade Nova', dos Focolarinos, publicou noticiando o fato, recordando que tais manifestações eclesiais vinham sendo promovidas no Brasil desde o ano de 1960, no Estado do Pernambuco, "e que teve início no sul do País, pelo Estado de São Paulo, no ano passado, na graciosa cidade de Lorena". A missa de abertura na igreja de São Carlos Borromeu, 'literalmente lotada', fora presidida por Dom José Carlos de Aguirre, "que feliz deu as boas-vindas a todos os mariapolitas, tendo a seu lado Dom José Melhado Campos". Muitos outros bispos também passaram pela Mariápolis'1965 de Sorocaba, permanecendo, pelo menos, um dia entre os mariapolitas, como o de Botucatu, Dom Henrique Golland Trindade. "Estimulo a cada maripolita a dar ao mundo o testemunho de unidade e paz de que ele hoje tanto precisa", deixou também registrado o Cardeal Agnello Rossi na homilia da missa que presidiu na igreja de São Carlos Borromeu, num dos cinco dias de duração do congresso dos focolarinos, ao lado dos bispos presentes e de muitos sacerdotes locais e visitantes.

Igualmente foram surgindo outros movimentos pós-conciliares de espiritualidade e apostolado leigo, como o Movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) e seus grupos de oração multiplicando-se sempre mais pelas paróquias, o Serviço Escola do Encontro de Casais com Cristo (ECC), o Movimento de Espiritualidade Conjugal das Equipes de Nossa Senhora (ENS), as clausuras para os jovens e mais tarde um pouco, entre 1975 e 1976, com seu curso de três dias de aprofundamento de valores humanos e cristãos, o Movimento de Emaús, alicerçado em metodologia inovadora de evangelização e também presença missionária da Igreja em meio à juventude, criada sob inspiração e carisma de Monsenhor Benedito Mário Calazans, sacerdote do clero paulistano e senador da República nos anos 60.

Destaque ainda neste período foi o surgimento de vários cursos livres de Teologia para leigos, tanto a nível diocesano, ministrados nas dependências do Colégio Santa Escolástica, por iniciativa do Conselho Diocesano de Pastoral e trazendo em sua coordenação, entre outros, o padre Mário Donato Sampaio, como a nível paroquial, sobressaindo-se aquele das noites de segunda-feira no antigo prédio da Ação Católica, na praça Cel. Fernando Prestes, ao lado da Catedral, sob a orientação do então pároco da Sé, Monsenhor Antônio Maria Mucciolo, e com participação de expoentes do próprio laicato local e 'experts' em temas teológico-pastorais, como o professor Ruy Afonso da Costa Nunes, a professora Dirce Deleuse e o médico Dr. Milton Vieira de Souza.



Um dos vários jubileus de concepcionistas abençoados por Dom José Melhado no Mosteiro de Sta. Clara.

O amigo e irmão de seus padres e diocesanos

A turbulência dos anos em que Dom José Melhado Campos viveu seu episcopado em Sorocaba, de um lado com a efervescência da vida eclesial suscitada pela realização do Vaticano II e, de outro, pelos 'anos de chumbo' que se faziam presentes dentro das estruturas políticas do próprio Brasil, em meio à Revolução de 1964 e à sucessão de governos militares de exceção, também explica muito de seus sofrimentos e posicionamentos de Pastor zeloso para com seus padres, religiosos, religiosas e demais diocesanos, muitas vezes extremamente incompreendido e execrado. "Por que? Porque sempre procuramos defender os nossos padres, sobretudo os mais censurados em suas vidas e em suas ideias, direta ou indiretamente. Porque defendemos seus pontos de vista positivos sobre questão social, salário, trabalho aos domingos, sindicalização, etc... e, com eles, fomos considerados 'comunista' ou 'agitador' ou, ao menos, 'inocente útil'. Sabíamos que nem sempre estes padres eram edificantes em seu sacerdócio e, às vezes, se excediam em suas críticas e em suas ideias. Mas era preciso apoiar o que neles havia de bom e, de certo, ao menos para salvá-los, se possível, de uma revolta contra a hierarquia, já tão contestada, e mesmo do abandono do sacerdócio, como, infelizmente, tornou-se inevitável. Mas temos consciência de que fizemos tudo por salvá-los e, mesmo agora, podemos contar com a amizade de todos. Sabemos que esta 'tolerância' mereceu severas críticas mesmo de outros padres. Nisto, porém, procuramos seguir o que nos aconselha o Concílio Vaticano II: 'Com operosa compaixão, interessem-se (os Bispos) pelos sacerdotes que, de algum modo, se acham em perigo ou tropeçaram em algum ponto' (C.D. 16)".

Assinale-se ainda que um dos primeiros atos públicos de Dom José Melhado Campos como terceiro bispo diocesano de Sorocaba em 1973, logo após o desaparecimento de Dom Aguirre, vem narrado em

destaque no livro "Dom Angélico Sândalo Bernardino – Bispo Profeta dos Pobres e da Justiça", bispo-auxiliar do Cardeal Arns na Arquidiocese de São Paulo igualmente nos chamados 'anos de chumbo', nas décadas de 70 e 80 do século passado, editado pela Associação da Casa dos Deficientes de Ermelino Matarazzo, em parceria com a Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo: "Foi ele (Dom José Melhado) quem presidiu, ao lado do então arcebispo metropolitano de São Paulo, Cardeal Paulo Evaristo Arns, e de muitos outros bispos paulistas, na Catedral da Sé, no centro histórico da Capital, a missa de sétimo dia que alunos do curso de Geologia da USP (Universidade de São Paulo) agendaram em sufrágio pela alma do sorocabano Alexandre Vannuchi Leme, sobrinho do então padre Aldo Vannuchi, preso em março junto com 36 outros estudantes e morto na prisão. A missa ocorreu às 18h30 da sexta-feira, 30 de março de 1973. Na homilia, o Cardeal Arns ressaltou que a vida pertence a Deus e só Ele poderia dar fim a ela. Depois, fez uma analogia com o relacionamento entre Cristo e Sua Mãe, sobretudo na Sexta-feira da Paixão. A Mãe de Jesus receberia o corpo do filho. Dom Paulo quis mostrar que os tempos em que estavam vivendo eram piores do que no tempo de Jesus. A mãe de Alexandre, dona Egle, vinda de Sorocaba com Dom José Melhado, estava no primeiro banco, de onde o Sr. Cardeal não desviava o olho. Encerrada a missa, com mais de 3 mil participantes, entre eles muitos agentes da repressão infiltrados, o Cardeal ainda recomendou que todos tivessem muita calma ao deixar a igreja, não aceitando provocações – 'Peguem qualquer ônibus e vão para qualquer lado, mas longe daqui'. E a Catedral lotadíssima entoou a música de Geraldo Vandré, conhecida por 'Caminhando' ('Pra não dizer que não falei de flores'), enquanto o povo saia. Do lado de fora da Catedral, batalhões de policiais, cachorros, cassetetes; nos prédios que contornavam a Catedral, viam-se os paramilitares fotografando tudo das janelas".

Ainda quanto ao inserimento do episcopado de Dom José Melhado nas realidades sociais sorocabanas de então, merece registro igualmente, mais uma vez, o Movimento Ecumênico, que recebeu do segundo bispo contributo especialíssimo, sobretudo através dos gestos exteriores de apoio e participação plena na chamada Campanha Unificada de Natal de Sorocaba, que congregava em torno de si as obras sociais das diferentes denominações religiosas e filosóficas da cidade, na arrecadação de recursos financeiros, para muitas delas os únicos a custear seus trabalhos de benemerência durante o ano todo. Foi, porém, sua fidelidade ao Evangelho e à moral cristã que motivou, já no início dos anos 80, a extinção da Campanha Unificada de Natal, ao se opor ele à realização de um show em benefício das obras sociais no Ginásio Municipal de Esportes com o popular Chacrinha e suas 'chacretes', estrelas do cinema da 'boca do lixo', proposto por grupos alheios à fé cristã.

Antes disso, em 1977, Dom José Melhado Campos também não deixou de, em junho daquele ano, firmar posicionamento representando a Igreja Particular de Sorocaba frente à polêmica que se instalara no Brasil em torno de projeto de emenda constitucional que tramitava pelo Congresso Nacional, em Brasília, pela instituição do divórcio no País. "Estamos orando e pedindo a Deus para que não seja aprovado o projeto do divórcio no Congresso Nacional. Esperamos o total apoio dos cristãos nesse movimento", escreveu Dom José em circular divulgada no dia 8, conclamando a todos para que, nas solenidades de Corpus Christi que se avizinhava, se mobilizassem para mostrar suas convicções cristãs de que o divórcio aceleraria o desmantelamento da família brasileira...

Júbilo no cinquentenário

Caberia a Dom José Melhado Campos, pouco mais de um ano depois de, como coadjutor e administrador apostólico 'sede plena', automaticamente se ver investido nas funções de segundo bispo diocesano a 8 de janeiro de 1973, com a morte do venerando Dom José Carlos de Aguirre, conduzir, com júbilo e alegria, comemorações significativas pela passagem do cinquentenário de criação e também de instalação da Diocese de Sorocaba, assim como de chegada e posse de seu primeiro bispo. Uma histórica Carta Pastoral por ele publicada no 1º Domingo da Quaresma de 1974, dia 3 de março, manifestava a todos, então, o desejo de promover no decorrer de um ano não apenas algumas solenidades nesta ou naquela data, mas realizar nesse período "intenso trabalho pastoral em benefício de todos os caríssimos diocesanos. Será o Ano Jubilar da Diocese de Sorocaba. Terá como ponto de partida o dia 4 de julho do corrente ano, data da criação da Diocese, e seu encerramento no dia 15 de agosto de 1975, festa da Padroeira da Diocese, Nossa Senhora da Ponte". "A coincidência, durante esse mesmo tempo, da comemoração do Ano Santo para a Igreja Universal e do Ano da Família para a Igreja no Brasil, bem como do Ano da Evangelização e do Ano Eucarístico, vem facilitar extremamente nossos trabalhos de mentalização e de programação para o Ano Jubilar da Diocese", sublinhava ainda.

E assim se fez. A missa solene de ação de graças pela passagem do 50º aniversário de criação canônica da Diocese na noite de 4 de julho de 1974, na Catedral de Nossa Senhora da Ponte, teve a presidi-la, ao lado de numerosos bispos e sacerdotes, o então núncio apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, com homilia gratulatória realizada magistralmente pelo cardeal-arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns - também presente Dom David Picão, bispo

de Santos, diocese criada pelo Papa Pio XI juntamente com a de Sorocaba no histórico 4 de julho de 1924. A missa foi toda cantada, com a participação extraordinária do prestigioso coral da Paróquia de Nossa Senhora das Estrelas, da cidade de Itapetininga, sob a regência de seu pároco, exímio musicista, padre João Blóes Neto, e à entrada dos celebrantes entoou-se, por sinal, o Hino do Cinquentenário da Diocese, aqui sob a regência do padre capitão PM Luiz Marques, então capelão da Polícia Militar. No encerramento da cerimônia, Dom Carmine Rocco apresentou os cumprimentos à Diocese em seu nome e em nome do papa Paulo VI, que enviava a todos, sua bênção apostólica.

O 4 de julho de 1974, diga-se de passagem, foi um dia inteiro de festa e júbilo em Sorocaba. Logo pela manhã, a Prefeitura local organizou um pomposo desfile comemorativo, que percorreu as ruas de São Bento e XV de Novembro, com a participação de diversas escolas públicas e particulares da cidade, com suas bandas marciais e fanfarras, em meio ao espocar de rojões e o badalar festivo dos sinos da Catedral e das outras igrejas locais e dos demais municípios integrantes da ainda Diocese pontualmente ao meio-dia. No início da tarde, começaram a chegar os primeiros bispos, aqueles das dioceses mais próximas vinculadas à Província Eclesiástica de São Paulo, da qual a Diocese de Sorocaba fazia parte antes de ser elevada à condição de Arquidiocese, para participarem, a partir das 14h30, da reunião mensal do Episcopado da Província, sob a presidência do Cardeal Arns e com a presença, inclusive, de seus bispos-auxiliares, marcada para coincidir com as comemorações jubilares, realizada na Residência Episcopal, na avenida Dr. Eugênio Salerno.

Também horas antes da missa jubilar, Sorocaba, que logo depois de seu falecimento já tinha homenageado o primeiro bispo dando o nome de Dom Aguirre à primeira moderna avenida de seu

sistema viário e que margeia o rio que corta a cidade, prestava nova significativa homenagem a Dom José Carlos de Aguirre, inaugurando expressivo monumento perpetuando a carismática figura do insigne Pastor, chantando-o justamente na avenida Dom Aguirre, estrategicamente em seu ponto de confluência com a avenida São Francisco, na altura da entrada para o bairro de Santa Rosália. A estátua em tamanho original de Dom Aguirre fora executada em pedra-sabão pelo cinzel mágico do escultor sorocabano Oswaldo Saiane, autor de outros significativos trabalhos espalhados pela cidade, como aquele em homenagem à Mãe Preta, defronte à Rodoviária. Resultado de projeto e esforços gestados a partir de jovens universitários ligados ao Diretório Acadêmico 'Santo Tomás de Aquino' (DASTA), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi) de Sorocaba, num preito de gratidão e homenagem ao primeiro presidente da Fundação Dom Aguirre, sua mantenedora, e colaboração também do empresariado local, à inauguração acorreram, ao lado de significativo número de pessoas anônimas do povo ávidas em conhecer a obra artística de Saiane e reverenciar a figura do inesquecível Pastor, expressivas autoridades civis, militares e eclesiásticas sobretudo, incluindo os numerosíssimos bispos já presentes na cidade. Discursaram, na ocasião, o prefeito Dr. Armando Pannunzio, em nome da Municipalidade, e Dom José Melhado Campos, agradecendo em nome da Igreja o preito de gratidão ao venerando primeiro bispo de Sorocaba. Coube ao então jornalista Ricardo Dias Neto, da equipe redatorial do jornal 'Diário de Sorocaba', proceder com igualmente memorável e emotivo pronunciamento a entrega oficial do Monumento a Dom Aguirre à cidade, em nome de seus parceiros do Diretório Acadêmico 'Santo Tomás de Aquino' – nesta época, o futuro sacerdote também concluía seu curso de Letras/Português-Inglês-Francês frequentando os bancos da Fafi. "Nós, uni-

versitários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, que buscamos a consecução de seus ideais, ao fazermos a entrega do monumento do nosso primeiro bispo ao povo sorocabano, desejamos demonstrar que as grandes realizações no campo do saber e principalmente da vida se concretizam quando se busca a fé para o trabalho, quando se busca o progresso para a bondade e quando se busca a paz e, finalmente, a perseverança, para uma existência profícua e cheia de labor para se constituir fecunda", asseverou Ricardo, agradecendo ao empresariado local e a tantos quantos contribuíram para com a concretização da homenagem traduzida no Monumento a Dom Aguirre. Registre-se ainda que, em rumando todos em seguida às cerimônias na avenida Dom Aguirre para a missa jubilar na Catedral, postaram-se antes junto à praça Cel. Fernando Prestes, para minutos depois presenciarem a acolhida ao Sr. Núncio Apostólico, em meio a honras pontifícias a Dom Carmine Rocco como representante do papa Paulo VI no Brasil e decano do corpo diplomático mundial credenciado junto ao Governo Brasileiro, sediado em Brasília. Sua acolhida também foi igualmente das mais solenes e, ao mesmo tempo, festivas, inclusive com a presença das fanfarras e de representação de estudantes das duas escolas de confissão católica então presentes na cidade, o Instituto de Educação 'Santa Escolástica', da Congregação das Missionárias Beneditinas de Tutzing, e do Colégio Salesiano 'São José'. A Corporação Musical do Comando de Policiamento de Área (CPI-7), da Polícia Militar do Estado de São Paulo, executou o Hino Nacional Brasileiro e o Hino Pontifício e o prefeito Armando Pannunzio deu as boas-vindas em nome do Município ao representante papal.

Os eventos, comemorações e projetos pastorais, evangelizadores e missionários, bem como de cunho social-benemerente em alusão ao Jubileu Áureo da Diocese prosseguiram, como aqueles de incentivo

às vocações sacerdotais, com destaque à ocorrência a 4 de novembro seguinte do jubileu de prata de ordenação sacerdotal de Monsenhor Antônio Maria Mucciolo, então pároco da Catedral. Aliás, fora a primeira ordenação sacerdotal realizada por Dom Aguirre na igreja do seu Seminário 'São Carlos Borromeu', na festa do Patrono de 1949.

Já na passagem de ano, na noite de 31 de dezembro, outra missa solene na igreja da Catedral assinalava a passagem do Jubileu de Ouro da chegada de Dom Aguirre a Sorocaba e da instalação oficial da Diocese e, no dia seguinte (1º de janeiro de 1925), posse do primeiro Bispo, inclusive com o lançamento por parte dos Correios do Brasil de dois carimbos postais-filatélicos comemorativos aos 50 anos da Diocese, um reproduzindo a efígie de Dom Aguirre e outro, homenagem ao segundo bispo, Dom José Melhado Campos, mostrando seu brasão episcopal, com o lema '*Cum Mater Jesu*'.

Novos sacerdotes como fruto jubilar

Dom José Melhado Campos também conseguiu percorrer durante o ano jubilar da Diocese (1974/1975) praticamente a maior parte das paróquias das três regiões pastorais existentes - Sorocaba, Itapetininga e Tatuí -, 'em frutuosas visitas pastorais', como fazia regularmente.



Dom José Melhado em visita '*ad limina*' ao Papa São Paulo VI em 1975.

Outro importante acontecimento creditado a esse Jubileu Áureo dos 50 anos foi a ordenação dos quatro primeiros sacerdotes para a Diocese após a difícil decisão de fechamento temporário do Seminário Diocesano nos anos pós-Concílio: atendendo a pedido insistente do grupo, Dom José Melhado viajou a Roma para, também como peregrino em meio ao Ano Santo convocado por Paulo VI como 'Jubileu da Reconciliação', ordenar, a 25 de janeiro de 1975, o primeiro dos três vocacionados enviados à Cidade Eterna, para ali concluir seus estudos filosóficos e teológicos, o padre Serafim Petroski; o padre Isac Isaías Vale, ordenado diácono no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, por Dom José, na mesma ocasião da comemoração litúrgica da conversão de São Paulo Apóstolo em que padre Serafim galgava o sacerdócio, receberia sua ordenação presbiteral na capela do próprio Pio Brasileiro a 5 de abril seguinte, pelas mãos do futuro cardeal brasileiro Dom Lucas Moreira Neves, e o diácono Benedito de Jesus Halter que, retornando ao Brasil, é ordenado presbítero na igreja matriz de São João Batista e da Imaculada Conceição, em Votorantim, no dia 17 de junho de 1976.

Nesse interim, no fechamento do Ano Jubilar, a 15 de agosto de 1975, na igreja da Catedral, também era ordenado sacerdote o padre Inácio Kriguer. Cursou Filosofia e História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba e Teologia no Instituto Pio XI e na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Um sacerdote estimado e amado pela Igreja Particular de Sorocaba, teve grande atuação pelas paróquias por onde passou e na pastoral diocesana. Faleceu no dia 17 de junho de 2019, quando pároco de São Benedito, na Vila Carvalho.

Em Dom Amaury Castanho, bispo auxiliar, um cirineu



Dom Amaury Castanho. Bispo-auxiliar entre 1976 e 1979, que Dom José Melhado preferia apresentar como "meu cirineu".

No início de 1976, "sobrecarregado com o governo da Diocese de Sorocaba e sentindo que, sozinho, já não tínhamos mais condições de atender, satisfatoriamente, às exigências do rebanho, que aumentava sempre mais", como destacaria depois em suas memórias, Dom José Melhado Campos escreveu ao Papa São Paulo VI, pedindo que a Santa Sé lhe concedesse um bispo auxiliar. A resposta não tardou e a 21 de julho, pelas mãos do cardeal João Villot, secretário de Estado do Vaticano, era dado a conhecer a bula papal de Paulo VI designando o cônego Amaury Castanho, do clero secular de Campinas, como novo bispo auxiliar de Sorocaba.

Dom Amaury nascera em Souzas, distrito do município de Campinas, a 19 de setembro de 1927. Concluiu seus estudos teológicos em Roma, na Pontifícia Universidade Gregoriana. Ordenado sacerdote a 7 de outubro de 1951, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, ainda em Roma, por Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, então bispo auxiliar de São Paulo e que alguns anos depois viria a se tornar seu arcebispo em Campinas, teve brilhante atuação sacerdotal ali, passando por várias paróquias e com significativo desempenho também no meio universitário, inclusive como professor, secretário e diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas, depois transformada na PUC-Campinas, da qual chegou a ser vice-reitor. Jornalista profissional desde os tempos de Seminário, em 1968, nos 'anos de chumbo' da ditadura militar brasileira, foi chamado a São Paulo pelo então cardeal-arcebispo Dom Agnelo Rossi, seu conterrâneo de Souzas, para organizar o Centro de Informações 'Eclesia' e dirigir o semanário "O São Paulo", ambos ligados à Arquidiocese paulistana. Retornando a Campinas em 1974, reassumiu uma série de funções ministeriais na Arquidiocese, inclusive o paroquiato na Catedral Metropolitana, até ser elevado

ao Episcopado. Foi sagrado na Catedral de Campinas também na Festa de Nossa Senhora do Rosário em 1976, coincidentemente jubileu de prata (25 anos) de sua ordenação presbiteral e pelo mesmo bispo que o ordenou padre, Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, tendo a seu lado como consagrantes o então arcebispo coadjutor de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, e o bispo de Sorocaba, Dom José Melhado Campos. A posse em Sorocaba ocorreu ao anoitecer do domingo seguinte, 10 de outubro, recepcionado nas escadarias da igreja da Catedral, com palavras de boas-vindas e acolhimento fraterno proferidas pelo então prefeito Dr. Armando Pannunzio.

Vigário-Geral da Diocese e coordenador diocesano de Pastoral desde sua chegada, colocou logo todos os seus dons a serviço dos mais diferentes campos e setores onde se fazia presente nossa Igreja Particular, em perfeita sintonia e proximidade com o titular, Dom José Melhado Campos, que anos depois faria questão de deixar registrado para a História que "Dom Amaury dedicou-se com redobrado zelo e rara capacidade também à administração dos bens da Mitra Diocesana, na coordenação do Conselho de Presbíteros, na assistência aos vários organismos da Pastoral Diocesana. Além disso, coordenou diretamente várias equipes de Pastoral, como as da Família, da Juventude, da Catequese, das Mulheres Desamparadas. Foi em todo o tempo, como jornalista, o assíduo e ágil manejador da pena, ou melhor, de sua 'Olivetti', publicando artigos de assuntos palpitantes todos os domingos no 'Diário de Sorocaba', levando notícias religiosas à imprensa sorocabana, preparando, redigindo e montando também o nosso tão apreciado boletim `Notas e Notícias´".

Foi ainda Dom Amaury diretor do então Instituto de Pastoral/Curso de Teologia, professor do Seminário Filosófico 'São Carros Borromeu' e assistente eclesiástico dos mais diversos movimentos

eclesiais de leigos, como o Movimento de Cursilhos de Cristandade, Movimento de Emaús, Encontro de Casais com Cristo e Equipes de Nossa Senhora. Desdobrava-se ainda, ao lado de Dom José Melhado, nas visitas pastorais rotineiras às paróquias da então extensa Diocese, já que, além da Região Pastoral Sorocaba, abrangia ainda as regiões pastorais de Itapetininga e Tatuí. Teve também importante participação na administração das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi) e de Ciências Contábeis e Administrativas (Faccas), embrião da futura Universidade de Sorocaba (Uniso), como presidente de sua mantenedora, a Fundação Dom Aguirre, em substituição a Dom José Melhado, também com a saúde já bastante comprometida (fora, aliás, perdendo paulatinamente também a audição, o que o dificultava bastante em suas relações com o mundo exterior).

Várias experiências pastorais e significativos projetos eclesiais para a Diocese como um todo desse período fecundo de pouco mais de três anos de colegialidade episcopal do titular Dom José Melhado com o auxiliar, Dom Amaury Castanho, também devem ser destacados, como o das 'Irmãs Vigárias', diante da escassez ainda de sacerdotes e acelerada expansão urbana e demográfica de Sorocaba. Um piloto chegou a ser implantado junto à Paróquia do Divino Espírito Santo, que então abrangia toda a região dos altos do Cerrado, incluindo os novíssimos conglomerados habitacionais do Jardim Guadalajara, Central Parque e adjacências, com a posse canônica de um grupo de religiosas de Campinas, da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, durante missa campal no largo do Divino, a 18 de fevereiro de 1978. Outro seria o da implantação de centros comunitários na periferia, com mutirões junto às comunidades para a construção de edifícios que, ao mesmo tempo, servissem ao desenvolvimento de projetos sociais e pedagógicos e como locais de culto e encontros pastorais e catequéticos.

Um dos primeiros deles teve sua pedra fundamental lançada ainda em novembro de 1979 por Dom José Melhado e Dom Amaury e concluído meses depois, com a missa de ação de graças já presidida por Dom José Lambert, no Jardim São Marcos, na Zona Oeste, com a participação dos jovens ligados ao Movimento Gen (Geração Nova), ramificação da Obra de Maria (Focolarinos), dentro da proposta mundial de sua fundadora, hoje Serva de Deus Chiara Lubich, resumida na frase 'Morrer pela própria gente". Foi o embrião, junto com um outro edificado na mesma época no bairro do Mineirão, na Zona Norte, então dentro do território da Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, dirigida pelos Padres Franciscanos, de muitos outros que surgiriam nas décadas seguintes, muitos deles hoje sede de novas paróquias inclusive.

Dois registros significativos ainda de 1978: a 28 de outubro, o lançamento por Dom José Melhado e Dom Amaury da pedra fundamental da futura igreja de São Judas Tadeu, ponto de partida para a edificação, a partir dos anos 2000, do imponente Santuário Arquidiocesano em honra ao Apóstolo 'das causas impossíveis ou desesperadoras' no bairro do Central Parque. Três dias depois, na noite de 31 de outubro, Dom José Melhado Campos conferia a ordenação sacerdotal ao padre Tadeu Rocha Moraes, que desde maio de 1998 é cura da Catedral Metropolitana. Sua ordenação aconteceu na cidade de Votorantim, na igreja matriz de São João Batista e da Imaculada Conceição, onde atuava como diácono transitório e passaria a exercer as funções de vigário paroquial como neo-sacerdote e depois pároco por uma década, até ser transferido para Vila Santana, em Sorocaba, como pároco de Santa Rita de Cássia.

Durante os anos em Sorocaba como bispo auxiliar, esteve também Dom Amaury Castanho, acompanhado de alguns leigos, por três meses em visita missionária e pastoral à Ilha de Marajó, na região

norte do País, onde se encontra a Prelazia de Ponte de Pedras, escolhida como 'igreja-irmã'[31] da Diocese sorocabana dentro de projeto criado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) na década de 70, para que Igrejas mais desenvolvidas pudessem acolher e auxiliar aquelas mais precárias, como a então dirigida pelo missionário jesuíta italiano Dom Ângelo Maria Rivato, que antes também viera a Sorocaba expor a situação de miserabilidade e os problemas sociais presentes em sua Prelazia. No mês de julho de 1974, pouco depois das celebrações do cinquentenário de criação da Diocese, Dom José Melhado Campos igualmente já estivera por um mês em Ponta de Pedras, acompanhado de um grupo de lideranças do laicato católico de Sorocaba. Vários sacerdotes locais, em diferentes oportunidades, também foram enviados à Prelazia de Ponta de Pedras, na Ilha de Marajó, para auxiliar nos trabalhos pastorais e missionários.

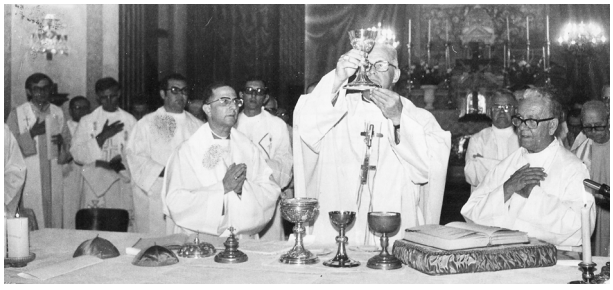
"Como dedicado, esclarecido e sacrificado Bispo Auxiliar, foi um amigo, um conselheiro, um Cirineu a toda prova e em todas as ocasiões. Sua presença ao meu lado e comigo tornou leve a minha cruz, que ele carregou sozinho muitas vezes, nas horas mais amargas. Nestes três anos e dois meses como Bispo Auxiliar, vivemos juntos na mesma casa, comendo à mesma mesa, em constante e permanente reunião, tratando de todos os assuntos de interesse para a Diocese, ao lado de tantos outros movimentos, associações e comunidades eclesiais de apostolado leigo", escreveu o bispo diocesano Dom José

[31] O projeto 'Igreja Irmã' foi criado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) mais exatamente no final do ano de 1972. No início de 1972, foi a Arquidiocese de Vitória que assumiu pela primeira vez projeto nesse modelo, com a Prelazia de Lábrea, como consta no livro tombo desta Prelazia. Os projetos missionários passaram, então, a ser desenvolvidos em toda a Amazônia, com o generoso apoio das Igrejas Irmãs, servindo de sinal, recordação e incentivo para que toda a Igreja no Brasil seja, de fato, missionária, 'em estado permanente de missão'. O objetivo do Projeto 'Igrejas-Irmãs' é partilhar a fé, os dons da graça, as experiências pastorais, pessoas e recursos financeiros como gestos de caridade cristã para com as Igrejas da Amazônia.

Melhado Campos na Carta Pastoral que publicou para anunciar, a 7 de dezembro de 1979, a nomeação de seu sucessor na pessoa de Dom José Lambert, então bispo de Itapeva, pelo Papa São João Paulo II, que na mesma ocasião nomeava Dom Amaury Castanho como bispo titular para a Diocese de Valença, no interior do Estado do Rio de Janeiro. De Valença, onde permaneceu até abril de 1989, veio para a Diocese de Jundiaí como bispo coadjutor, passando a titular, como terceiro bispo diocesano, a 2 de outubro de 1996, com a renúncia de Dom Roberto Pinarello por motivos de saúde - permaneceu como titular da Diocese de Jundiaí até pouco depois de completar a idade-limite de 75 anos em 2004, quando o sucedeu Dom Gil Antônio Moreira. Dom Amaury Castanho faleceu no dia 1º de junho de 2006, sendo sepultado na cripta da Catedral de Nossa Senhora do Desterro, em Jundiaí.

O lema episcopal de Dom Amaury Castanho era 'Fundamentum Christus Jesus' ('Cristo Jesus é o Fundamento').

O afastamento de Dom José Melhado



Dom José Melhado preside 'missa dos Santos Óleos', ao lado do bispo-auxiliar Dom Amaury e de Monsenhor Sérvulo Madureira, chanceler do Bispado, na Catedral, com renovação das promessas sacerdotais, na manhã da Quinta-Feira Santa de 1976 antecipando suas despedidas ao Presbitério, na iminência da nomeação de seu sucessor pelo Papa João Paulo II.

A 31 de julho de 1978, Dom José Melhado Campos escrevera ao Papa São Paulo VI, dias antes de seu falecimento, pedindo que nomeasse um bispo administrador apostólico para Sorocaba. Ainda não tinha completado 70 anos de idade, mas, como justificou à Santa Sé, "sinto que já não tenho condições de saúde, de força e de espírito para dirigir e governar, de acordo com as necessidades da hora e do local presentes, esta Diocese de Sorocaba que, já sendo bastante grande e complexa, vem crescendo e se desenvolvendo extraordinariamente nestes últimos anos. Sinto isto não apenas pela idade, mas também pela saúde que vem se debilitando com os anos e apresentando os sintomas de uma velhice talvez antecipada. Acompanhando esta situação, a memória e o raciocínio vão se tornando falhos e morosos, com alguns achaques de enfermidades e, sobretudo, com a idade já avançada (70 anos), que nos impedem de atender, satisfatoriamente, aos trabalhos, principalmente as pessoas e as visitas pastorais".

A morte de Paulo VI e inesperada de seu sucessor, João Paulo I, apenas semanas depois de sua eleição e investidura no Trono de Pedro, retardaram as providências da Santa Sé, mas a 7 de dezembro de 1979, na Vigília da Solenidade da Imaculada Conceição, Dom José Lambert, estigmatino desde 1975 segundo bispo da vizinha Diocese de Itapeva, é nomeado pelo papa João Paulo II como bispo coadjutor com direito à sucessão e administrador apostólico `sede plena´ da Diocese de Sorocaba. A posse aconteceu em 20 de janeiro de 1980.

Julgando desnecessária sua permanência na cidade, apesar do desejo de Dom José Lambert de que continuasse morando consigo na Residência Episcopal, depois de alguns meses no Lar Sacerdotal da rua Pernambuco, ao lado do antigo Seminário "São Carlos Borromeu", Dom José Melhado mudou-se para o Lar São Vicente de Paulo, em Tatuí, não sem antes encaminhar pedido de renúncia também ao

título de Bispo Diocesano à Santa Sé, aceito pelo Papa São João Paulo II a 20 de maio de 1981, com o que passou a ser o Bispo Emérito de Sorocaba e Dom José Lambert seu terceiro bispo diocesano.

"Aqui (no Lar São Vicente de Paulo, acolhido pelas Irmãs da Providência) poderemos viver tranquilo, longe dos problemas da Diocese, rezando e trabalhando. [...] Aqui desejamos continuar os nossos últimos dias, servindo a Deus e aos homens, até o chamado do Juiz que é Pai: Vem, bendito de meu Pai, ocupar o Reino que te está preparado...", deixou escrito ele num dos muitos trabalhos literários que foram sendo publicados no período como fruto de sua produção durante a emeritude. Como "Puebla em Versos", transpondo para melódicos versos de fácil compreensão e assimilação todo o conteúdo teológico-pastoral do documento final da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada no início de 1979 na cidade de Puebla, no México, com a presença de João Paulo II, e ainda, em tempo recorde, quatro livros autobiográficos: "Histórias do Juquinha" (com narrativas de sua infância e da vida em família), "Memórias da Diocese de Lorena", "Memórias da Diocese de Sorocaba" e "História do Lar São Vicente de Paulo de Tatuí".). Por sinal, seus dotes para a escrita manifestaram-se ainda na adolescência e juventude, nos tempos de Seminário Menor e Maior, deixando numerosos artigos em jornais de Botucatu, Lorena e Sorocaba, além de esplêndidas cartas pastorais preparadas nas duas dioceses pelas quais passou, sendo ainda Cidadão Honorário das três cidades e membro da Academia Botucatuense de Letras (como Bispo Emérito voltou, inclusive, a residir por certo período em Botucatu, cidade-sede de sua diocese de origem, acolhido no Palácio Episcopal pelo arcebispo Dom Antônio Maria Mucciolo, ex-aluno e originário do clero de Sorocaba) e sócio-fundador da Academia Sorocabana de Letras, escolhendo como patrono de sua Cadeira, a de número 25, Dom Francisco de Aquino Corrêa, salesiano, arcebispo metropolitano de Cuiabá (MT) entre 1921 e 1956,

literato e orador dos mais proeminentes do País, membro da Academia Brasileira de Letras e também presidente (hoje seria governador do Estado) do Mato Grosso entre 1918 e 1922, escolhido pelo presidente da República Venceslau Brás como ponto pacificador da região envolta em conflitos, sobretudo associados à colonização, com o oferecimento de terras devolutas a empresários norte-americanos e europeus, em detrimento de afrodescendentes – Dom Aquino imediatamente mandou suspender as negociações. Foi Dom Melhado também sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, tendo como patrono ninguém menos que Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, o seu fundador e presidente perpétuo Aluísio de Almeida.

Foi, assim, período dos mais fecundos esse em que Dom José Melhado, como bispo emérito, permaneceu recolhido em Tatuí. Ali atuou igualmente, enquanto a saúde já debilitada lhe permitiu, como capelão do Lar, inclusive administrando os sacramentos, ao lado, como vimos, da vastíssima atividade literária e de pesquisa histórica. Liderou também movimento de aglutinação dos bispos eméritos do Brasil, buscando a formação de entidade que os reunisse para intercâmbio e troca de experiências pastorais enquanto na emeritude.

Em Tatuí, mas sem se esquecer de Sorocaba

"Acabo de ler no jornal Diário de Sorocaba, em seu editorial 'Jubileu de Dom José´, alguns comentários sobre meu próximo Jubileu Áureo de Sacerdócio. Agradeço ao jornal e a você particularmente, seu secretário de redação. Peço, entretanto, que não instiguem homenagens. Deixem-me ficar sozinho com Deus, agradecendo, louvando, adorando e, sobretudo, pedindo perdão a Deus por tantas falhas e omissões cometidas ao longo destes 50 anos de padre/bispo. Rezem por mim. Isto sim".

Este bilhete datado de 26 de janeiro de 1984, escrito por Dom José Melhado Campos e preservado, ao lado de outros mais, no arquivo pessoal de um dos editores do extinto jornal, testemunha que o bispo emérito da então Diocese de Sorocaba, mesmo já residindo no Lar São Vicente de Paulo, da cidade de Tatuí, entre o início da década de 1980 e a data de sua morte, a 21 de setembro de 1996, não se esquecia de sua antiga sede episcopal. E seus antigos diocesanos também o mantinham sempre presente em seu coração, não sendo poucas as oportunidades nesse período em que Dom José Melhado ainda seria acolhido alegre e festivamente, principalmente durante as funções litúrgicas mais solenes da Igreja Particular de Sorocaba e de que, convidado por Dom José Lambert, seu sucessor imediato, fazia questão de estar presente, pelo menos até que sua saúde e força o permitiram. Como na celebração dos 60 anos da criação da Arquidiocese no Ginásio Municipal de Esportes, aonde foi demoradamente ovacionado após brilhante e emocionante homilia gratulatória, e ainda ao festejar na Catedral, a 15 de agosto de 1984, seu cinquentenário de ordenação sacerdotal.

O badalar dos sinos da Catedral em toques fúnebres na manhã daquele sábado, 21 de setembro de 1996, anunciava, porém, a partida ao Paraíso, às 7h45, do venerando segundo bispo diocesano de Sorocaba, Dom José Melhado Campos, em seus aposentos no Lar São Vicente de Paulo, em Tatuí. Estava com quase 87 anos e falecera diante de complicações de saúde. Pedindo por disposições testamentárias "funerais com a máxima simplicidade e despojamento", o corpo de Dom José Melhado foi trasladado para Sorocaba e velado na Catedral, sepultado na manhã do domingo ao lado de seu predecessor, Dom José Carlos de Aguirre, na capela mortuária episcopal, à entrada da Sé. Muitos bispos estiveram presentes à missa de exéquias, entre eles o Cardeal Arns.

DOM JOSÉ LAMBERT, BISPO E PRIMEIRO METROPOLITA



Dom José Lambert, coadjutor e administrador apostólico, 'sede plena', terceiro bispo diocesano e primeiro arcebispo metropolitano de Sorocaba.

O Papa São João Paulo II foi buscar na vizinha Diocese de Itapeva, a primeira na região com o seu território desmembrado quase que por inteiro da configuração original da de Sorocaba quando criada em 1924, novo administrador apostólico, depois terceiro bispo titular e primeiro arcebispo metropolitano, para a Igreja Particular de Sorocaba, na sucessão de Dom José Melhado Campos. Assim, chegava a 20 de janeiro de 1980 à então Diocese de Sorocaba Dom José Lambert, CSS, procedente de Itapeva, onde permanecera por quase cinco anos como segundo bispo titular.

Dom José Lambert nasceu na cidade paulista de Igarapava, na divisa com o Estado de Minas Gerais, a 15 de março de 1929, filho do casal Palmira e José Lambert. Seus pais eram pequenos proprietários que se dedicavam à cultura de hortaliças e tiveram nove filhos, formados num ambiente de abertura, mas que respirava a fé cristã, com o casal buscando legar a todos exemplos profundos de amor ao trabalho e dedicação ao lar. Do contato com os Padres Estigmatinos que trabalhavam na paróquia da cidade e também, além divisa de Minas Gerais, na cidade de Uberaba, no Santuário de Nossa Senhora da Abadia, nasceu sua vocação à vida religiosa e sacerdotal. "Ia sempre lá, nesse Santuário muito alto e bonito, quase todo domingo, ajudar um padre da minha cidade que era estigmatino. Certo dia, esse padre apareceu em minha casa acompanhado do padre Luiz Benedetti, que foi capelão na guerra de 1914, na Grécia, e que era procurador vocacional. O padre Paulo havia falado para ele que tinha um menino ali que, às vezes, falava em ser padre. Então, me convidou para ir para o Seminário", recordava Dom José Lambert em seus testemunhos vocacionais. E esse menino, mesmo ainda com 11 anos de idade, partiu, com mochila às costas, de Igarapava para o Seminário Menor dos Padres Estigmatinos, na cidade de Rio Claro. Era fevereiro de 1941! Ali completou seus

estudos equivalentes hoje ao Ensino Fundamental e Médio. Em 1946, deslocou-se para Ribeirão Preto, onde se consagrou definitivamente a Deus pelos votos religiosos dentro da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo em março de 1950. Nessa mesma cidade, cursou Filosofia e Teologia, junto ao então Seminário Maior 'Venerável – hoje São Gaspar Bertoni' – posteriormente, graduou-se também em Filosofia Pura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Campinas) e em cursos de pós-graduação nas áreas de Psicologia Experimental, Psicologia Educacional, Dinâmica de Grupo e Teologia da Vida Religiosa. Foi ordenado sacerdote na Catedral local, dedicada a São Sebastião, a 10 de janeiro de 1954, pelo então bispo diocesano de Ribeirão Preto, Dom Luiz do Amaral Mousinho.

Passou seus primeiros anos como néo-sacerdote igualmente na cidade de Ribeirão Preto, lecionando Filosofia e Línguas Antigas no Seminário Maior da Congregação até 1961. Foi depois reitor do Colégio Santa Cruz, de Rio Claro, durante os anos 1962-63; em 1964, iniciou seus trabalhos de apostolado paroquial, primeiramente como vigário paroquial na cidade de Casa Branca, depois em São Caetano do Sul (1965) e Brasília (1966-68). Em novembro de 1968, foi eleito superior da Província Estigmatina de Santa Cruz (Brasil), cargo que ocupou sucessivamente até 1975, quando o Papa São Paulo VI o chamou ao Episcopado, designando-o sucessor do primeiro bispo diocesano de Itapeva, Dom Sílvio Maria Dario. Foi ordenado bispo na cidade de Rio Claro, na festa litúrgica em honra a São José, Esposo de Maria Santíssima, na tarde de 19 de março de 1975. Foi seu bispo sagrante o então núncio apostólico no Brasil, Dom Cármine Rocco, e consagrantes dois irmãos da Congregação Estigmatina, os então bispos diocesanos de Assis (SP) e de Livramento (BA), Dom Antônio de Souza e Dom Hélio Paschoal respectivamente.

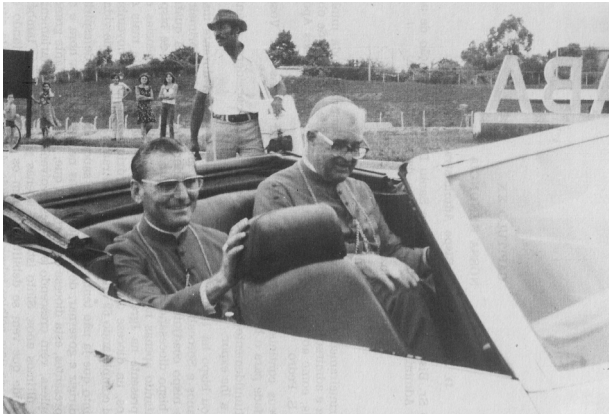
Sua posse na Catedral de Sant´Ana, em Itapeva, ocorreu a 20 de abril do mesmo ano, Domingo do Bom Pastor, ali permanecendo como titular até a publicação a 7 de dezembro de 1979, vigília da Solenidade da Imaculada Conceição, da bula de João Paulo II, designando-o para a Diocese de Sorocaba como coadjutor com direito à sucessão e administrador apostólico 'sede plena' – passou a ser oficialmente o terceiro bispo diocesano de Sorocaba a 20 de maio de 1981, data em que João Paulo II aceitara pedido encaminhado à Santa Sé por seu antecessor, Dom José Melhado Campos, apresentando sua renúncia ao título de bispo diocesano, tornando-se bispo emérito.



Brasão de Dom José Lambert. Seu lema episcopal: 'Sentire cum Ecclesia' ('Sentir com a Igreja').

Ação pastoral em cinco pontos

Na homilia que pronunciou em sua missa de posse em Sorocaba, realizada no Ginásio Municipal de Esportes, no bairro do Além-Ponte, Dom José Lambert procurou sintetizar em cinco pontos as características da ação pastoral que pretendia imprimir na nova Diocese que recebia para governar como Pastor, "embora ciente e no firme propósito de, ao vir para uma diocese possuidora de seu Plano Pastoral, segui-lo fielmente, após conhecer a realidade da Igreja Particular de Sorocaba": 1. Buscar a unidade presbiteral. 2. Suscitar novas e santas vocações consagradas (sacerdotes, religiosos e religiosas) e não consagrados (leigos formados como agentes de Pastoral). 3. Formar comunidades na unidade apostólica. 4. Formação dos vocacionados, religiosos e leigos. E 5. A construção do Reino na Igreja e na sociedade. "A Comunidade de Fé – ou eclesial de base -, na linha do amor fraterno e da vivência da fé, sempre mais se mostra como lugar ideal para se conhecer e viver o Evangelho, para o florescimento dos diversos serviços eclesiais. Portanto, também na nossa Igreja diocesana elas continuarão merecendo toda a nossa atenção pastoral. Devem ser a célula vigorosa e fértil, tanto para as paróquias, como para toda a Comunidade diocesana", concluía ele sua saudação pastoral na tarde do histórico 20 de janeiro de 1980.



Chegada de Dom José Lambert a Sorocaba. Vindo de Itapeva, foi recebido festivamente no trevo da Nogueira Padilha, junto à Rodovia Raposo Tavares.

Procedente de Itapeva, de onde saíra no meio da manhã acompanhado de caravana de antigos diocesanos e autoridades locais e de municípios integrantes da Diocese que deixava e após pausas nas sedes.de duas das três regiões pastorais em que estava subdividida então a Diocese de Sorocaba (Itapetininga, onde em seu Colégio local as Missionárias Beneditinas de Tutzing ofereceram almoço de boas-vindas ao novo bispo e sua comitiva, e Tatuí), com seus representantes também engrossando a caravana, Dom José Lambert chegara à cidade-sede de seu novo Bispado pouco antes das 16 horas, acolhido por Dom José Melhado Campos, o bispo diocesano até então, e outras autoridades eclesiásticas, civis e militares, no trevo da Rodovia Raposo Tavares junto ao entroncamento com a avenida Cel. Nogueira Padilha. Dali seguiu em carro aberto, na companhia de Dom José Melhado, até a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, dos Padres Franciscanos, em Vila Hortência, sendo saudando ainda no átrio da Igreja Matriz pelo prefeito José Theodoro Mendes. Após paramentar-se com outros bispos e padres presentes no interior da igreja, seguiu a pé até o Ginásio de Esportes para a Celebração Eucarística de posse.



Dom José Lambert caminha com o povo e autoridades no dia da posse. A caminhada foi da Matriz do Bom Jesus ao Ginásio de Esportes, local da posse.

Após a leitura do mandado apostólico do Papa São João Paulo II ordenando sua investidura como bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena' da Diocese e a apresentação solene do documento pontifício aos cônegos do Cabido Diocesano para reconhecimento, com a entrega ainda do báculo por Dom José Melhado Campos ao novo detentor do 'munus episcopal' local, antes da missa de posse ganhar sequência com os ritos próprios Dom José Lambert recebeu também significativa homenagem dos representantes das 40 paróquias então existentes dentro da Igreja Particular de Sorocaba. Perfilados, um a um foi levando até o Altar, depositando próximo

à Cátedra do Bispo que estava chegando presentes representativos de cada circunscrição. A do Bom Jesus dos Aflitos, que sediava a cerimônia no Ginásio Municipal de Esportes, situado dentro de seus limites territoriais, apresentou, por exemplo, uma bola de futebol, fazendo referência à paixão dos sorocabanos pelo E.C. São Bento, com seu histórico Estádio 'Dr. Humberto Reale' situado bem ao lado da Igreja Matriz, na rua Cel. Nogueira Padilha. A Paróquia de Nossa Senhora das Dores, de Araçoiaba da Serra, presenteou Dom José Lambert com o milho produzido em suas lavouras; a de São Roque, em Boituva, com produtos extraídos da cana-de-açúcar; a de Piedade com cebola, a de Votorantim com cimento, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Tatuí, trouxe instrumentos musicais, numa alusão ao tradicional Conservatório Dramático e Musical 'Dr. Carlos de Campos' e assim por diante.

De sua parte, o bispo diocesano Dom José Melhado, falando à imprensa ao final da missa, voltava a repetir com enfase o que já afirmara a 7 de dezembro anterior, quando da comunicação oficial de sua nomeação pela Santa Sé: "Seria necessário conhecer, sobretudo, os trabalhos pastorais que ele, Dom José Lambert, desenvolveu nestes últimos quase cinco anos em Itapeva para avaliar a dimensão do grande presente que o Santo Padre nos deu. Posso testemunhar ao clero e ao povo de nossa Diocese, porque acompanhei suas extraordinárias atividades apostólicas, que Sorocaba recebe um verdadeiro Pastor, culto, dedicado às ovelhas, amigo verdadeiro de seus padres, homem de oração e de ação. Será o Pastor de que a Diocese de Sorocaba está precisando".

Primeira '*ad limina*' a João Paulo II

Tempos de reflorescimento presbiteral



Dom José Lambert em uma das várias visitas '*ad limina*' ao Papa São João Paulo II.

Ainda inteirava-se da situação pastoral de sua nova Diocese quando poucos meses depois, em maio, Dom José Lambert já viajava a Roma em companhia dos demais bispos do Estado de São Paulo, integrantes do Regional Sul-1 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), para participar da primeira das várias visitas `*ad limina*´ ao túmulo de Pedro como titular da Igreja de Sorocaba – primeira também concedida a bispos brasileiros dentro de iniciante pontificado de João Paulo II. E volta renovado, sobretudo, pelo afeto paternal que encontrou na pessoa do novo Pontífice, eleito em outubro de 1978. "Um homem lúcido, claro e equilibrado na doutrina", como definiria o novo Papa em entrevista à imprensa local ao retornar da `Cidade Eterna´, contando ainda da preocupação do Santo Padre para com a caminhada pastoral da Diocese de Sorocaba, principalmente quanto ao reflorescimento das vocações sacerdotais

e religiosas, aliás uma das principais preocupações também de Dom José Lambert desde sua chegada, presente inclusive nos cinco pontos que definira para sua ação pastoral por aqui.

Assim, por outro lado, logo começaram as ordenações sacerdotais, grande parte delas vocações cultivadas com zelo apostólico e carinho por seu antecessor, depois dos contratempos havidos nos anos finais da década de 1960 em torno da formação seminarística em Sorocaba e fechamento momentâneo das portas do Seminário Menor 'São Carlos Borromeu'. Em novembro de 1982, eram ordenados os padres Marivaldo de Oliveira, Paulo Severino Malzoni e Milton de Campos Rocha, este falecido não há muito tempo, mas já agregado ao clero da Diocese de Itapetininga. No ano seguinte, também em novembro, foram mais três sacerdotes, os padres João Alfredo Pires de Campos, Ricardo Dias Neto e Mário José Miranda – estes dois últimos prematuramente falecidos –, além de um quarto, o padre Álvaro Portugal Sobrinho, que retornara à vida seminarística coincidentemente com a reabertura do Seminário Filosófico de Sorocaba, já na Terceira Idade, incentivado pelo bispo-auxiliar Dom Amaury Castanho, que conhecera na casa de amigos comuns em Campinas – problemas de saúde o impediram de receber a ordenação junto com os colegas, ocorrendo ela a 8 de dezembro de 1983, Solenidade da Imaculada Conceição, na igreja de São José do Cerrado, onde vinha exercendo seu ministério diaconal (nascido em 1917, estava com 65 anos de idade); em 1984, o padre Adelar Piccin; padres Paulo Roberto Gonzales e José Benedito Cardoso, depois com a criação de nova diocese incorporado ao clero de Itapetininga – em 2019 foi elevado ao Episcopado pelo papa Francisco e nomeado bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, trabalhando na Região Episcopal da Lapa por indicação do Cardeal Odilo Pedro Scherer e, em 17 de fevereiro de 2024, empossado como

bispo diocesano de Catanduva - (1986), padres Almir Flávio Scomparim, Jorge Luiz Machado e José Luiz de Moraes (1990), Wilson Bizoni (1993), Manoel César de Camargo Júnior, hoje vigário-geral da Arquidiocese, e Wilson Roberto da Silva (1994) e Antônio Carlos Fernandes, padre Toninho (1995). Ou seja, praticamente todos os anos pelo menos um, dois ou até mais sacerdotes seculares eram ordenados para a Igreja Particular de Sorocaba, como voltou a ocorrer na Solenidade da Imaculada Conceição de 1996, com a ordenação dos padres Flávio Jorge Miguel Júnior, Jair Ramos de Lara e José Roberto da Guia Azevedo. Na sequência, até deixar a titularidade do Arcebispado, Dom José Lambert ordenou ainda para o clero secular local os padres Edson Roberto Daros (1998); Dirceu Sudário de Freitas, Rubens da Silva Dalmazo e Santo Cândido (2000); Carlos Ferreira Borges Meira e Marcos Ribeiro de Carvalho (2001); Edivaldo Martins Machado e José Antônio Leite de Oliveira (2002); e Aparecido Carlos dos Passos e Luiz Gonzaga Pena (2003). Ainda em 2004, praticamente último ano de seu governo pastoral, conferiu o Sacramento da Ordem aos padres Fernando Henrique Giuli Batista, doutor em Direito Canônico e atual chanceler do Arcebispado; José Basílio de Oliveira e Reinaldo Barbosa.

Busca por uma pastoral urbana, de conjunto e de unidade presbiteral

Outra particularidade significativa a destacar e presente desde os primeiros anos do episcopado de Dom José Lambert em Sorocaba foi sua preocupação com uma Pastoral Urbana que realmente pudesse, na sede do Bispado sobretudo, acompanhar o desenvolvimento da cidade que crescia, geográfica e demograficamente, a passos largos. Daí a criação de muitas novas paróquias, principalmente na Zona Norte de um lado e, de outro, na região dos altos do Cerrado, paralelamente ao incentivo à criação de um sem número de comunidades

menores, à medida em que novos bairros e loteamentos iam sendo criados, algumas atendidas pessoalmente por ele, o Bispo, como ocorreu por alguns anos com o Jardim São Marcos, formado inicialmente por famílias retirantes do norte do Paraná e hoje agregado à Paróquia-Santuário de São Judas Tadeu, do bairro do Central Parque, onde os jovens do Movimento GEN (Geração Nova), ligado à espiritualidade do Movimento dos Focolares, realizavam a nível local o projeto 'Morrer Pela Própria Gente', proposto a nível mundial pela fundadora Chiara Lubich, com a construção de um Centro Comunitário.

A busca da unidade presbiteral e do trabalho pastoral também foi outra marca de Dom José Lambert, até hoje percebida, facilmente, nas celebrações do dia de Finados nos cemitérios de Sorocaba, com grande número de párocos e paróquias por elas se responsabilizando; antes a paróquia em que cada cemitério estava localizado assumia sozinha e a duras penas esse importante serviço pastoral e de evangelização. Ainda com ênfase nessa pastoral urbana e de conjunto, buscou-se, por exemplo, a instituição de celebração única na Solenidade de Corpus Christi em Sorocaba e/ou em cada cidade do território diocesano com mais de uma paróquia, manifestando a unidade católica de um lado e, de outro, reafirmando-se, em voz uníssona, fé pública na presença real e substanciada de Cristo em Corpo, Sangue, Alma e Divindade no mistério eucarístico. Passaram a ser incentivadas igualmente as peregrinações da imagem 'fac-símile' de Nossa Senhora da Ponte pelas paróquias antes do 15 de agosto, destacando a unidade arquidiocesana em torno de seu padroado sobre a Igreja Particular de Sorocaba como um todo – e não somente sobre a Catedral ou a cidade-sede do bispado.

Vem também desta década de 80 o incentivo renovado de Dom José Lambert aos movimentos eclesiais do laicato católico, com a recuperação da área do Seminário 'São Carlos Borromeu', que era ocupada

anteriormente pela Escola Técnica Estadual' Dr. Fernando Prestes', na avenida Dr. Eugênio Salerno, e inicialmente transferência para ali dos secretariados dos movimentos de Cursilhos de Cristandade e de Emaús (Jovens), desde os anos 70 instalados precariamente no antigo e acanhado prédio das Congregações Marianas, ao lado do Mosteiro de São Bento e de propriedade dos beneditinos. Depois, outros movimentos, pastorais e serviços da Diocese também foram gradativamente se servindo também do local, dispondo inclusive de amplo auditório.

Por outro lado, registre-se igualmente, em 5 de agosto de 1987 Dom José Lambert anunciava que o Regional de São Paulo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) estava sendo subdividido e que a Diocese de Sorocaba passava a ser sede de um dos sete Sub-Regionais que estavam sendo instalados, englobando as dioceses de Itapeva, Jundiaí e Registro, certamente já fase embrionária para a constituição da futura Arquidiocese. Os demais sub-regionais tinham como sede as cinco arquidioceses até então existentes no Estado (São Paulo, Botucatu, Campinas, Ribeirão Preto e Aparecida), mais um sexto Sub-Regional, formado pelas dioceses de Santos, Santo André, Mogi das Cruzes e Guarulhos.

Expansão urbana, novas igrejas e paróquias

Franciscanos concentram-se no Além-Ponte

A saída dos Padres Franciscanos do pastoreio e administração da Paróquia de Santa Rita de Cássia, no final dos anos 80, se de um lado, a princípio, causou muita perplexidade à comunidade local, de outro logo mostrou seus resultados positivos tanto para os paroquianos locais, como marcando ponto de partida para tempos novos para a configuração pastoral, de um lado, para a região do Além-Linha e de toda a Zona Norte em fase inicial de vertiginosa expansão urbana e, de outro, também para o vastíssimo território de Além-Ponte. Senão vejamos.

Desde fins de 1987, início de 1988, Dom José Lambert, desenvolvia entendimentos junto à Província da Imaculada Conceição da Ordem dos Frades Menores (OFM), os Padres Franciscanos, com sede no largo de São Francisco, em São Paulo, no sentido de chegarem a um consenso quanto à gratificante presença e trabalho apostólico desses religiosos desenvolvidos há décadas na cidade. De um lado, existia a dificuldade da Província Franciscana de continuar provendo duas grandes paróquias de Sorocaba e, ainda por cima, em regiões bem distintas e longe geograficamente uma da outra, diante da diminuição de religiosos disponíveis e de outras prioridades e frentes de ação missionária da Ordem, presente em Sorocaba desde 1937, quando o primeiro bispo, Dom José Carlos de Aguirre, conseguiu que os filhos de São Francisco de Assis aqui estabelecessem uma comunidade, passando a dirigir a segunda paróquia criada na cidade, a do Bom Jesus dos Aflitos – a partir de então, os Padres Franciscanos também passaram concomitantemente, atendendo igualmente apelo de Dom Aguirre, a também responder pela capelania da igrejinha de Santa Rita de Cássia, nos altos da rua Bartolomeu de Gusmão, em Vila Santana, com logo nos primeiros anos da década de 40 aquela Comunidade também começando a construção de nova igreja, maior e mais espaçosa para a época (a pedra fundamental foi benzida por Dom Aguirre a 19 de dezembro de 1939, concluída e transformada em Matriz em 1956, no dia 1º de maio, com a criação canônica da Paróquia). Para a Diocese, a necessidade dos franciscanos representava a oportunidade de iniciar a execução de inadiável projeto global de redivisão do território eclesiástico do Município, em vista justamente de seu vertiginoso crescimento demográfico, aliado à expansão geográfica, com a chegada de migrantes, sobretudo do norte do Estado do Paraná, em busca de novas oportunidades de vida e trabalho na fase de industrialização tecnológica de Sorocaba.

A Paróquia de Santa Rita de Cássia então, situada em ponto estratégico do Setor do Além-Linha, porta de entrada para a Zona Norte, à época a que mais crescia, para os lados das avenidas Ipanema e Itavuvu e de Porto Feliz, e tendo a ela agregadas dezenas de capelas da periferia e mesmo da área rural, como Aparecidinha, Mato Dentro, Avecuia, Cajuru do Sul, Éden e bairro dos 25, aparece logo como ponto de partida fundamental para a execução desse planejamento estratégico.

O consenso foi logo caminhando no sentido de que os Padres Franciscanos deixassem a Paróquia de Vila Santana e concentrassem suas forças pastorais junto ao convento anexo à Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, nos altos da rua Coronel Nogueira Padilha, com o compromisso de a Ordem assumir também as outras duas paróquias até então existentes na região do Além-Ponte, também em franco crescimento e momentaneamente sem párocos provisionados, porque, mesmo se de há muitos anos também contassem com franciscanos à frente, estes não estavam vinculados à Província Franciscana da Imaculada Conceição, sediada em São Paulo, permanecendo incardinados a províncias alemãs – frei Achilles Klopech, OFM, fundador e primeiro titular da Paróquia de Santo Antônio, do bairro da Árvore Grande, falecera dois anos antes e frei Henrique Swessen, OFM, estava retornando à Alemanha. À época, a Paróquia do Bom Jesus igualmente crescia em direção e além da Rodovia Raposo Tavares, com novos agrupamentos populares nos altos dos Morros, e ainda prestava atendimento religioso à vasta região de Brigadeiro Tobias, só em 1999 desmembrada, com a ereção da Paróquia de Nossa Senhora do Povo.

Devolvida à Diocese (seu último pároco franciscano foi o frei Félix Fegger, OFM), passava a Paróquia de Santa Rita de Cássia, assim, a ser dirigida por sacerdotes do clero secular. O primeiro deles,

escolhido por Dom José Lambert, foi padre Tadeu Rocha Moraes, que desde sua ordenação sacerdotal, a 31 de outubro de 1978, atuava na Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, em Votorantim. Empossado como primeiro titular da Paróquia pós-franciscanos a 5 de fevereiro de 1989, um dia depois dos frades deixarem Vila Santana, padre Tadeu com pouco tempo de paroquiato logo também percebeu, junto com seu Conselho de Pastoral e Administrativo, que o crescimento populacional de Vila Santana e adjacências e também o aumento significativo de presença às missas e outras celebrações religiosas estavam a exigir, como já constatado pelo menos três décadas antes pelos próprios franciscanos, a construção de uma nova e mais ampla Igreja Matriz. Consultada, inclusive, a Comunidade, por meio de plebiscito, foi padre Tadeu buscar nos arquivos da Paróquia estudos e projetos realizados lá atrás para a edificação dessa nova Matriz dedicada a Santa Rita de Cássia, quando fora sonhada e planejada pelo primeiro pároco, frei Cuniberto Hõerning, OFM, no final da década de 50, início dos anos 60. E, assim, foi resgatado projeto arquitetônico elaborado na ocasião pelo conceituado engenheiro Dr. Felipe Arns, residente em Curitiba (PR) e irmão do futuro cardeal-arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e pelo arquiteto René Mathié.

O lançamento da pedra fundamental ocorreu a 18 de agosto de 1991 e, menos de três anos depois, a belíssima, ampla e moderna nova igreja matriz de Santa Rita de Cássia já era sagrada, majestosa, nos altos de Vila Santana. Isto a 21 de maio de 1994, véspera da festa litúrgica em honra da 'santa das causas impossíveis' e 'advogada dos aflitos' e da realização da tradicional 'bênção das rosas' em louvor de Santa Rita, contando com a ilustre presença do Cardeal Arns e do seu irmão, o engenheiro Felipe Arns.



Igreja do Rosário. Nos anos 80 a igreja do Rosário recebeu uma belíssima decoração, executada por Cláudio Pastro, ícone da arte sacra contemporânea.

Da mesma época, cite-se também a construção, do outro lado da cidade, da igualmente moderna, espaçosa e de arrojadas linhas arquitetônicas nova igreja matriz de Nossa Senhora Auxiliadora, no Jardim Paulistano/bairro do Mangal, pelos Padres Salesianos. Poucos anos antes, a Arquidiocese foi, por outro lado, uma das primeiras do Brasil a contar com obras do paulistano Cláudio Pastro (1948-2016), considerado o mais expressivo nome da arte sacra brasileira contemporânea e cujo maior legado está na Basílica de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o Santuário Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba. Foram as religiosas da Congregação das Missionárias de Tutzing (Beneditinas) que, desejosas de decorar liturgicamente o presbitério da nova igreja do Rosário, edificada na década de 60 e sagrada solenemente pelo então cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Agnello Rossi, a 24 de setembro de 1968 (foram dois anos de construção em substituição à velha igreja do Rosário, com a pedra fundamental lançada a 25 de novembro de 1966 e projetada seguindo determinações arquitetônicas do Dr. João Azilard, assessorado pela madre Hedwiges Pelit, já acompanhando as características litúrgicas preconizadas pelo Concílio Vaticano II, então recém-concluído em Roma, e de forma harmônica com o novíssimo edifício-sede de seu Priorado e do Colégio Santa Escolástica), buscaram

Pastro, que despontava por obras magníficas em outras regiões, reproduzindo inconfundíveis ícones bíblico-litúrgicos dentro de técnicas dos primeiros séculos do Cristianismo. E o resultado são os belos ícones ali presentes, reproduzindo quinze mistérios (Gozosos, Dolorosos e Gloriosos) do Santo Rosário, além de painel mostrando Nossa Senhora com o Menino-Deus no colo, ladeada por São Bento e Santa Escolástica, iniciadores do carisma beneditino "*ora et labora*". "Trata-se de um verdadeiro retorno às origens da arte sacra bizantina", destacava, emocionado, Cláudio Pastro na noite de 1º de fevereiro de 1985, ante convidados maravilhados durante a inauguração de seus trabalhos, na abertura do ano do 80º aniversário da chegada das beneditinas a Sorocaba.

Alegria pela canonização de S. Gaspar Bertoni e novas '*ad limina*'

Como bispo diocesano de Sorocaba, só na década de 80, a primeira de seu episcopado de um quarto de século, Dom José Lambert realizou três visitas '*ad liminas apostolorum*' ao Túmulo de Pedro, a primeira delas, como vimos, apenas alguns meses depois que chegou à sua nova Sé. Outra, repetindo também a praxe de apresentação aos organismos de governo da Santa Sé e ao próprio Papa os relatórios e situação da Igreja no território eclesiástico que está confiado a cada bispo, aconteceu entre setembro e início de outubro de 1985, acompanhado de bispos do Nordeste brasileiro e de poucos bispos paulistas, que por razões pastorais anteciparam sua ida a Roma (os demais tinham a visita '*ad limina*' agendada para janeiro do ano seguinte). Nesta ocasião, o papa João Paulo II manifestara ao grupo, como contou depois Dom José, "sua preocupação pastoral com certas situações de falta de justiça social no Brasil, como o desemprego, a falta de habitação digna e a má distribuição de renda e também das terras e riquezas que o nosso País possui, não obstante ter conhecimento dos primeiros

passos que a Nova República vem dando no sentido de transformar essa situação que vinha se tornando cada vez mais aflitiva, sobretudo quanto à Reforma Agrária que começa a ser implantada". Particularmente na audiência que concedeu em separado a Dom José Lambert na ocasião, o Papa São João Paulo II mostrou-se admirado e feliz pelo "expressivo número de seminaristas e de vocações sacerdotais e para a vida religiosa que está surgindo na região de Sorocaba".

Contudo, nenhuma dessas duas encheu tanto de alegria e felicidade a Dom José Lambert quanto a visita '*ad limina*' que realizou entre o final de outubro e início de novembro de 1989 – igualmente antecipada em relação ao grupo de bispos brasileiros, que deveriam realizá-la somente durante o transcorrer do ano seguinte, 1990. Por um motivo especialíssimo: a Santa Sé autorizara os bispos estigmatinos de todo o mundo, seis do Brasil e até um chinês, que obviamente, por razões políticas, não pudera comparecer, a realizarem-na no final de outubro, para poderem, assim, participar na praça de São Pedro, em Roma, na manhã de 1º de novembro, da cerimônia de canonização de São Gaspar Bertoni[32] fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, à qual pertencia ele.

[32] Italiano de Verona, onde nascera em 1777, padre Gaspar Bertoni viveu uma época das mais graves tensões sociais na Europa, com a eclosão da Revolução Francesa e, em contrapartida, a chegada de um arrefecimento generalizado da fé cristã, com repercussão não muito positiva para a própria Igreja e para o clero, além de atingir em cheio a juventude da época, mais sensível às mudanças religiosas e sociais, ficando à mercê de ideais materialistas dos invasores. Foi nesse clima hostil que a mão de Deus se fez novamente presente na história da Humanidade, suscitando o espírito bertoniano em meio a uma Igreja abalada em sua unidade, com a criação de uma mentalidade de relativização e mesmo oposição ao Papado. Qual um profeta inteligente, manso e santo, padre Gaspar Bertoni foi permeando a sua presença, na Congregação que surgia de seu carisma, com o discernimento e a ação do Espírito Santo de Deus. Sua sólida formação no espírito inaciano o levou, então, à decisão inabalável de querer ser com os seus companheiros estigmatinos o apóstolo a serviço da Igreja, do Papa e dos bispos, dentro da mais sincera unidade e zelo apostólico e missionário.

Data dessa época, registre-se também, o surgimento em meio à expansão urbana da Zona Norte de Sorocaba de uma comunidade em honra de São Gaspar Bertoni, no Parque das Paineiras, Paróquia em 2011. Antes de voltar a Sorocaba, Dom José Lambert, ao lado de padre Tadeu Rocha Moraes, que o acompanhara nessa viagem como secretário pessoal, foi ainda a Verona, para a missa de ação de graças pela canonização de seu Fundador, celebrada junto a seu túmulo, "inclusive utilizando paramentos históricos que pertenceram aos fundadores da Congregação, datados do século XIX e hoje guardados no museu sacro de Verona".

Primeiro arcebispo metropolitano



Dom José Lambert e São João Paulo II, em Roma. Dias antes da instalação da Arquidiocese, a 29 de junho, Solenidade do Martírio de São Pedro e São Paulo Apóstolos, Dom José Lambert recebia das mãos de São João Paulo II, em Roma, o pálio arquiepiscopal.

Foi a 4 de julho de 1992, exatos 68 anos depois da assinatura pelo Papa Pio XI da bula "*Ubi Praesules*" (Onde os bispos...), criando a Diocese e designando o cônego José Carlos de Aguirre como seu primeiro bispo, que durante a solene instalação da Arquidiocese, em Celebração Eucarística realizada no Ginásio Municipal de Esportes, sob a presidência do cardeal Paulo Evaristo Arns, como legado pontifício, que era Dom José Lambert investido como primeiro arcebispo metropolitano de Sorocaba. A Arquidiocese fora criada pelo Papa São João Paulo II a 29 de abril anterior, pela bula "*Brasiliensis Fidelis*" ('Ao fiel povo brasileiro...'), como fruto de empenho pessoal que de há muito vinha realizando o Cardeal Arns junto à Santa Sé pela ressignificação e descentralização da vida eclesiástica em território mais próximo a São Paulo, em vista da expansão urbana acelerada desta região paulista.

Detalhes aparecem no Apêndice C "De diocese à Arquidiocese de Sorocaba'.

Uma Universidade para Sorocaba



Dom José procede ao lançamento da pedra fundamental da Cidade Universitária, junto à antiga Chácara Julieta, área de mais de 1,4 milhão de metros quadrados, adquirida em 1997.

A 15 de setembro de 1994, outro acontecimento auspicioso para a comunidade regional foi a instalação solene da tão sonhada Universidade de Sorocaba, a Uniso, fruto de árduo trabalho desenvolvido durante anos pela Fundação Dom Aguirre, constituída no final dos anos 60 para a gestão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi) - e depois também da de Ciências Contábeis e Administrativas (Faccas) -, surgida anos antes de empenho do Bispado, tendo à frente Dom José Carlos de Aguirre, ao instalar o Curso de Filosofia e, paulatinamente, outros cursos na área de Ciências Sociais.

A Uniso também surgia como conquista da Arquidiocese, tendo à frente o primeiro arcebispo metropolitano Dom José Lambert, então na presidência doo Conselho Superior da Fundação Dom Aguirre. Logo após a aprovação do Ministério da Educação para a constituição da Universidade de Sorocaba, a primeira implantada na cidade e na região, novos cursos superiores, de extensão universitária e mesmo de pós-graduação e doutorado foram sendo criados e anexados a sua grade e novos campi instalados diante dessa expansão, como o Câmpus Seminário, na avenida Dr. Eugênio Salerno, e outros, chamados 'avançados', em cidades no interior da Arquidiocese.

Não demorou muito também para que, sob a liderança do presidente da Fundação Dom Aguirre, Dom José Lambert, principiasse-se a edificação da majestosa 'Cidade Universitária', em ampla gleba de terra adquirida pela instituição no km 91,5 da Rodovia Raposo Tavares. Implantada depois em tempo recorde, mesmo se construída por etapas ao longo dos anos, graças ao empenho de muitos artífices, tendo à frente o então administrador da Mitra Arquidiocesana e também secretário-executivo da Fundação Dom Aguirre, padre Tadeu Rocha Moraes. Outra citação que por justiça histórica se deve fazer é igualmente ao nome do professor Aldo Vannucchi, que esteve lá atrás em primeira pessoa, então como sacerdote e cônego do Cabido Diocesano, ao lado de Dom Aguirre nos primórdios da criação do curso e da própria Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e décadas depois, no início dos anos 90, à frente dos processos de implantação da Uniso, inclusive como representante da Prefeitura, como coordenador de Ensino Universitário da Secretaria de Educação e Cultura do Município, por indicação do então prefeito Paulo Francisco Mendes, nas tratativas em Brasília, junto ao governo federal, via Ministério da Educação, o MEC.



Cidade Universitária "Prof. Aldo Vannucchi". Presidente da Fundação Dom Aguirre, Dom José Lambert rejubilou-se com a criação da Universidade de Sorocaba (Uniso) e, na sequência, a implantação da magnífica Cidade Universitária, que até hoje não para de crescer no km 91,5 da Raposo Tavares.

Os Camilianos e a Pastoral da Saúde

Dois sonhos acompanham nos anos 90 o arcebispo Dom José Lambert e o cura da Catedral, Monsenhor Mauro Vallini: a transformação da igreja do Mosteiro de São Bento, onde Sorocaba nasceu em 1654 e se transformou na única cidade do Brasil e do continente americano que cresceu em torno de um mosteiro beneditino, comum dentro dos alicerces da civilização cristã europeia, num santuário para adoração perpétua e a vinda dos camilianos para conduzir uma Pastoral da Saúde alicerçada no carisma e espiritualidade de São Camilo de Léllis, protetor dos enfermos.

O primeiro dos sonhos, a Adoração Perpétua na igreja do Mosteiro de São Bento, não prosperou (anos depois, a Adoração viria a ser implantada no Santuário de São Judas Tadeu, no bairro do Central Parque), porém o segundo se realizaria no final de 1996, para alegria principalmente de Monsenhor Mauro, que persistiu nos entendimentos com a Província Brasileira da Ordem dos Ministros dos

Enfermos, sediada em São Paulo, enquanto não recebeu os camilianos em Sorocaba. Os Padres Camilianos vieram para coordenar a incipiente Pastoral da Saúde, a partir de atuação junto à Paróquia de São Lucas, no Vergueiro, no coração do Conjunto Hospitalar de Sorocaba.

Os padres, Fermino Waldemar Pasqual e Antônio Mendes de Freitas, depois por bom tempo provincial no Brasil, foram os primeiros camilianos a aqui atuar. Empossados a 18 de janeiro de 1997 em São Lucas, logo iniciaram os trabalhos, assumindo também a Capelania dos hospitais locais: Regional, Santa Lucinda, 'Leonor Mendes de Barros' e Santa Casa de Misericórdia. A Pastoral da Saúde, paralelamente, se fortificava na maioria das paróquias e logo se multiplicavam os encontros de formação dos seus agentes para visita e assistência aos enfermos tanto nos leitos hospitalares, como em suas residências.

Com o passar dos anos, outros camilianos vieram, como os padres Camilo João Munaro, Luiz Gemelli e Genimar José Moretto. Ações sociais de projeção também foram surgindo com a presença dos camilianos em Sorocaba, com a criação do Centro Social 'São Camilo', como o 'café da manhã' oferecido aos pacientes do Conjunto Hospitalar, que vêm de municípios muito distantes, saindo ainda pela madrugada e, na maioria das vezes, sem dinheiro algum no bolso. Outra ação deste período da presença camiliana em Sorocaba foi a implantação nas dependências da Paróquia de São Lucas, com entrada pela rua dos Andradas, já nos anos 2000 e em convênio com o Governo do Estado, do primeiro Restaurante Bom Prato no Município, oferecendo refeições no horário do almoço a R$ 1,00 e café da manhã a 50 centavos, de segunda à sexta-feira. Sua inauguração, porém, efetivou-se já nos primeiros meses do episcopado de Dom Eduardo Benes, a 22 de fevereiro de 2006, inclusive com a presença do

então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Agora, no primeiro semestre de 2024, passou a servir pratos a R$ 1 também no jantar, beneficiando principalmente os excluídos, a maioria 'moradores de rua', que perambulam pela região e cercanias da Estação Rodoviária.

Centro de Pastoral e Instituto de Teologia

Outra meta de Dom José Lambert tornou-se realidade com a inauguração, a 27 de julho de 1998, do Centro Arquidiocesano de Pastoral, colocado sob o patronato de Dom José Melhado Campos. Foi edificado em tempo recorde, sob a orientação do administrador da Mitra, padre Tadeu Rocha Moraes, em área ainda não edificada do Seminário 'São Carlos Borromeu', na avenida Dr. Eugênio Salerno, com 3 mil metros quadrados de construção, projeto dos engenheiros José Antônio De Milito e Marco Antônio Bengla Mestre.

Além do Centro Pastoral, dotado de salas com recursos técnicos para momentos formativos e reuniões, incluindo auditório com capacidade para 280 pessoas e capela, e onde, acopladas, foram ainda edificadas dependências para a formação teológica dos seminaristas, embrião do futuro Instituto Superior de Teologia 'São João Paulo II', em fase de estruturação e instalado oficialmente em março de 2000, com o início do ano letivo da primeira turma. O Instituto de Teologia também foi desejo intenso de Dom José, confiando sua organização aos padres Ricardo Dias Neto, João Carlos Alampe e Flávio Jorge Miguel Júnior, que tiveram a incumbência de fazer acontecer uma formação teológica de qualidade não só para os futuros sacerdotes da Arquidiocese, mas também para as dioceses pertencentes à Província e leigos interessados nessa área acadêmica.

Rumo ao Terceiro Milênio



Missa do 75º aniversário da (Arqui)Diocese, às portas do Terceiro Milênio, no Ginásio de Esportes. As paróquias perfilaram-se com os estandartes dos padroeiros.

Final dos anos 1990, início dos anos 2000. Chegada de novo milênio, o terceiro da história cristã. A Arquidiocese também se revestiu de júbilo, ao mesmo tempo em que se prepara para tempos novos e novos desafios para a missionariedade e testemunho do Evangelho em meio ao mundo em revolução tecnológica. E ainda se alegra por seguidos jubileus.

Na realidade, os preparativos para o Jubileu do Ano 2000 começaram quando o papa São João Paulo II publicou a Carta Apostólica "*Tertio Milênio adveniente*", em 10 de novembro de 1994, chamando a Igreja a iniciar um período de três anos de preparação para sua celebração. O primeiro ano (1997) foi caracterizado por um aprofundar da Pessoa de Jesus; o segundo (1998), pela meditação sobre o Espírito Santo, e o terceiro (1999) pela Pessoa de Deus Pai. "O Grande Jubileu do Ano 2000 está à porta. Desde a minha primeira Carta Encíclica, a 'Redemptor hominis', chamei a atenção para esta

meta, com o objetivo de preparar o ânimo de todos para se tornarem dóceis à ação do Espírito... O tempo jubilar faz-nos ouvir aquela linguagem vigorosa que Deus usa, na sua pedagogia de salvação, para impelir o homem à conversão e à penitência, princípio e caminho da sua reabilitação e também condição para recuperar aquilo que não poderia conseguir só com as suas forças: a amizade de Deus, a sua graça, a vida sobrenatural, a única onde podem achar solução as aspirações mais profundas do coração humano", acrescentaria São João Paulo II mais tarde, em 1998, na bula de proclamação do Grande Jubileu, a "*Incarnationis mysterium*".

Assim, já em 1999 a (Arqui)Diocese comemorava seu 75º aniversário em clima de novo milênio que se aproximava e, com ele, o júbilo pelas comemorações dos 2 mil anos de nascimento do Cristo, "avaliando o passado, refletindo o presente e projetando o futuro", nas palavras do padre Wilson Roberto da Silva, assessor da Pastoral da Comunicação. Perto de 5 mil pessoas, representando todas as paróquias, portando o estandarte trazendo a estampa do padroeiro de cada uma delas, lotaram o Ginásio Municipal de Esportes na tarde do domingo, 4 de julho, para a Celebração Eucarística de ação de graças. Na ocasião, como já fizera em 1974, quando do Jubileu de Ouro, os Correios também lançavam carimbo postal comemorativo à efeméride que, trazendo estampada a fachada da Catedral, fora aplicado em todas as correspondências que deixaram a cidade até 13 de julho, propagando o Jubileu de Diamante pelo Brasil afora e pelo mundo. Ainda esta celebração serviu para Dom José Lambert inaugurar as reflexões de um Sínodo Arquidiocesano, para encontrar caminhos para a ação evangelizadora que a Igreja em Sorocaba se propunha a trilhar no novo milênio. Reuniões de aprofundamento passaram a acontecer nas paróquias, a partir de um Instrumento de Trabalho elaborado pela coordenação do Sínodo,

buscando conduzir a Arquidiocese a um caminho de continuidade aos objetivos presentes nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Seu cerne buscava "a evangelização com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo em comunhão fraterna e evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o povo de Deus e participar de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas". O encerramento do Sínodo aconteceu na Solenidade de Cristo Rei, no final de novembro de 2001, com o lançamento do XI Plano de Pastoral, com as prioridades da evangelização.

Na sequência, Sorocaba recebeu, entre 27 de fevereiro e 5 de março de 2000, a peregrinação da Cruz dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil, juntamente com a imagem fac-símile de Nossa Senhora Aparecida, e no dia 19 de março, Solenidade de São José, comemorou-se o Jubileu de Prata de Ordenação Episcopal do Arcebispo.

2004, ano de gratidão a Dom José Lambert

O ano de 2004 dentro do episcopado de Dom José Lambert, praticamente o último de sua titularidade como Pastor em Sorocaba ao completar 75 anos de idade, pode ser sintetizado pela palavra 'gratidão' da Comunidade Arquidiocesana àquele que esteve à sua frente por quase um quarto de século, primeiro como administrador apostólico e terceiro bispo titular e, a partir de 4 de julho de 1992, como seu primeiro arcebispo. E o ano começou com as homenagens tributadas a ele logo no sábado 10 de janeiro, quando Dom José elevava ação de graças pela passagem de seu cinquentenário de ordenação sacerdotal. Alguns bispos amigos e muitos sacerdotes de Sorocaba e de outras cidades estiveram a seu lado na Catedral Metropolitana para a missa jubilar, coroada pela leitura feita pelo padre João Carlos Orsi,

presidente do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano e pároco da Comunidade de São Carlos Borromeu, de uma carta autografa enviada ao homenageado pelo Papa São João Paulo II, agradecendo na passagem de tão significativa efeméride pela sua disponibilidade e fidelidade à Igreja e enviando suas bênçãos pontifícias, extensivas a todos os presentes, familiares, amigos e clero arquidiocesano, enquanto 50 crianças com velas adentravam à igreja, perfilando-se em círculo ao redor do homenageado, simbolizando o meio século de sua caminhada eclesiástica, levando-o às lágrimas. A homília gratulatória coube ao padre José Ernani Angelini, então vigário-geral da Arquidiocese e pároco de São José do Cerrado, que se reportando à Festa do Batismo do Senhor, que a liturgia recordava naquele final de semana, fez um paralelo com os 50 anos de serviço pastoral de Dom José Lambert como padre e depois bispo ao povo de Deus, "frutos de seu Batismo, fonte de todas as vocações e, assim, também da vocação presbiteral". "Jubileu, Dom José, é ano de graça", reiterou padre Ernani.

Dois meses se passaram e, a 15 de março, Dom José Lambert completava, então, seu 75º aniversário natalício. Uma data corriqueira em sua vida, como recordava na ocasião a não poucos que se dirigiam a ele naquela segunda-feira para saudá-lo, a não ser o fato de que como estabelecia o novo Código de Direito Canônico, promulgado por João Paulo II no início dos anos 90, ao completar a idade-limite de 75 anos "é solicitado a todo bispo titular apresentar seu pedido de renúncia ao ofício ao Sumo Pontífice, que ponderando as circunstâncias tomará as devidas providências". E informava que ainda no decorrer daquela semana sentaria para redigir a carta que deveria enviar ao Santo Padre, através da Nunciatura Apostólica em Brasília, colocando seu cargo como arcebispo metropolitano de Sorocaba à disposição da Santa Sé, por ter justamente ultrapassado a idade-limite.

Paralelamente a estes acontecimentos, os primeiros meses de 2004 eram preenchidos pela execução de aceleradas obras para a conclusão do novo prédio do Seminário Arquidiocesano de Filosofia 'São Carlos Borromeu', no bairro histórico de Aparecidinha[33].

Jubileu dos 80 anos da Arquidiocese e coroamento de um episcopado

Também as celebrações de 4 de julho de 2004, naquele ano um domingo, coincidindo no Brasil com a solenidade litúrgica do martírio dos Apóstolo Pedro e Paulo e ainda Dia do Papa, ao marcarem a passagem do jubileu de 80 anos de criação canônica da (Arqui)Diocese de Sorocaba serviram igualmente para uma espécie de coroamento do episcopado do terceiro bispo e primeiro arcebispo, que ao comemorar duplamente no período 50 anos de sacerdócio e 75 anos de idade via concretizados sonhos e esforços de quase 25 anos materializados na inauguração do novo Seminário de Filosofia, no bairro de Aparecidinha.

Às 10 horas, houve solene missa pontifical na Catedral Metropolitana, sob a presidência de Dom José Lambert, com a participação de dezenas de padres e muitos bispos, como o arcebispo emérito de Vitória (ES), Dom Silvestre Luís Scadian, SVD, elevando ao Episcopado por Paulo VI no mesmo dia que ele, Dom José Lambert para Itapeva e Dom Silvestre para a Diocese de Araçuaí, no paupérrimo Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais, e alguns que chegaram ao Episcopado formando-se no Seminário sorocabano e integrando o clero local, como o então arcebispo metropolitano de Botucatu, Dom Antônio Maria Mucciolo, e o bispo emérito de Araçatuba, Dom José Carlos Castanho de Almeida, além de bispos das

[33] A construção do novo Seminário Arquidiocesano de Filosofia aparece pormenorizada em Preâmbulo reservado exclusivamente à caminhada de nosso Seminário 'São Carlos Borromeu'.

dioceses sufragâneas da Província Eclesiástica de Sorocaba – Dom José Luiz Bertanha, de Registro; Dom José Moreira de Melo, de Itapeva, e Dom Amaury Castanho, bispo-auxiliar de Sorocaba no final dos anos 80 e então já emérito da Diocese de Jundiaí.

Em carreata, terminada a missa solene todos seguiram, acompanhado de autoridades, incluindo o prefeito Renato Amary, para o bairro de Aparecidinha, para as cerimônias inaugurais do novo Seminário Filosófico 'São Carlos Borromeu'.

Sorocaba chora a partida de João Paulo II, alegra-se com Bento XVI e espera pelo novo arcebispo

O segundo semestre de 2004 e também os primeiros meses do ano seguinte, não se pode negar, transcorreram-se em clima de certa expectativa nos ambientes eclesiais de Sorocaba quanto à sucessão de Dom José Lambert. E também para ele em primeira pessoa, que não poucas vezes, inquirido, não escondia ter no período mantido diversos contatos telefônicos e pessoais com o núncio apostólico no Brasil, Dom Lorenzo Baldisseri, um deles em Itaici, durante a anual assembleia geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), recebendo sempre do representante pontifício orientação no sentido de prosseguir normalmente em suas atividades pastorais à frente da Arquidiocese, em vista do agravamento do estado de saúde do papa João Paulo II, que afetava também decisões da Santa Sé quanto à transferência e/ou designação de novos bispos.

Paralelamente, ao longo de 2004, nos 80 anos da Arquidiocese, desenvolvia-se ainda nova Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, seguindo fielmente, aliás, as orientações gerais da Igreja do Brasil, especialmente as Orientações Missionárias do Projeto Nacional

de Evangelização: "Queremos Ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida", da CNBB e do Projeto de Ação Missionária do Regional Sul-1/Estado de São Paulo do Episcopado brasileiro. No dia 12 de dezembro, Festa de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina, com agradecimentos especiais a todos que participaram das várias etapas do trabalho, em especial aos delegados paroquiais, então em número de 44, e representantes das pastorais e movimentos eclesiais e ao padre Edson Roberto Daros, que coordenou a árdua missão, o arcebispo Dom José Lambert dava a conhecer o 11º Plano de Pastoral de Sorocaba, com execução prevista para os quatro anos seguintes. "O objetivo do nosso Plano Pastoral – escreveu Dom José Lambert – é levar nossa Arquidiocese a anunciar intrepidamente a Palavra; é ser 'Missionária' em todas as suas paróquias e seguimentos pastorais. Mas para isso, ela necessita trabalhar unida – organizada – dinâmica... A Palavra, lida e meditada, e a Eucaristia, que alimenta e que sustenta, levam à unidade nos seus trabalhos e geram a dinâmica desta mesma Igreja... A Igreja Arquidiocesana de Sorocaba deve ser fiel a sua história, até agora construída com generosidade e doação... Deve também analisar os novos desafios que a realidade social e atual lhe apresenta no campo da evangelização e do testemunho, respondendo a esses desafios com ousadia e sem temor... Reconduzir ao aprisco e ao rebanho tantas ovelhas desgarradas é missão que cabe à Igreja do mundo inteiro e é prioridade na nossa Arquidiocese de Sorocaba. Devemos nos cercar de rica dinâmica para evangelizar e para testemunhar o Evangelho... Ela precisa criar a mística do espírito missionário; a Igreja de Sorocaba necessita urgentemente se revestir da cultura e da evangelização...".

Após demorada enfermidade, com seu corpo pouco a pouco perdendo as forças e dias de aflita agonia, o papa João Paulo II veio a falecer na noite de 2 de abril de 2005, às 21h37 em Roma (16h37 no Brasil), aos 84 anos de idade e um dos mais longos pontificados

da história da Igreja. “Perdemos um líder. Perdemos um Papa Santo”, afirmou Dom José, ao ser informados da morte de João Paulo II ao entardecer daquele sábado.

Passados pouco mais de quinze dias, o então prefeito da Sagrada Congregação Pontifícia para a Doutrina da Fé e decano do Colégio Cardinalício, o cardeal alemão Joseph Ratzinger, era eleito como sucessor do Papa São João Paulo II. Era o dia 19 de abril de 2005, escolhendo o novo Papa o nome de Bento XVI. Sua entronização ao trono de Pedro foi no dia 24 seguinte. E logo a 4 de maio o novo Sumo Pontífice confirmava a designação do mineiro Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, então bispo diocesano de Lorena, no Vale do Paraíba, como segundo arcebispo metropolitano de Sorocaba, na sucessão de Dom José Lambert, aliás primeira nomeação episcopal realizada para o Brasil em seu iniciante pontificado por Bento XVI.

Marcada a posse do sucessor para o dia 3 de julho seguinte, a Catedral Metropolitana ficou toda iluminada na noite de 29 de junho, quando ali a comunidade arquidiocesana reunia-se em solene e emocionante Celebração Eucarística de ação de graças pelos 25 anos de fecundo episcopado de Dom José Lambert à frente da Igreja Particular de Sorocaba, primeiramente como terceiro bispo titular e, a partir de 4 de julho de 1992, como primeiro arcebispo. Como sempre ocorre nessas ocasiões mais especiais, a Sé de Nossa Senhora da Ponte tornou-se pequena para acolher a pequena multidão que buscava prestar suas homenagens a Dom José, incluindo todo o Presbitério local, sacerdotes amigos e mais cinco bispos, incluindo Dom Antônio de Souza, então titular da Diocese de Assis (SP) e religioso estigmatino como ele. A homilia gratulatória foi proferida por padre Inácio Kriguer, então na Paróquia de São Francisco de Assis, em Boituva. ”Tudo passa. Só Deus permanece”, ia recordando ele por diversas vezes, ao destacar como que didatica-

mente as diversas fases da vida e do apostolado sacerdotal e episcopal do homenageado, do convívio familiar com os pais e irmãos à vida de Seminário com os estigmatino e a profissão religiosa, o padre jovem e as aspirações pastorais, o chamado missionário e a fecundidade episcopal, primeiro em Itapeva e depois em Sorocaba por mais de um quarto de século. "Transmito a Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues o báculo de arcebispo metropolitano de Sorocaba, mas onde quer que eu esteja, aqui em Sorocaba ou em qualquer outro lugar, quero continuar amando e servindo este meu povo, caminhando com ele rumo à santidade coletiva que todos almejamos", desejou, com ardor no coração como se percebia facilmente, Dom José Lambert. "Porém – acrescentou -, peço perdão a Deus e compreensão a todos pelas falhas que cometemos".

Arquidiocese despede-se de Dom Lambert

O arcebispo emérito Dom José Lambert morreu a 26 de fevereiro de 2007, às vésperas de completar 78 anos de idade no dia 15 de março. Continuava residindo na Arquidiocese, mas na cidade de Tietê, para onde se transferira no dia seguinte à posse de seu sucessor. A convite do padre Emílio Grando (1929-2013)[34], seu companheiro e parceiro de habituais pescarias em momentos de lazer, fora morar na casa paroquial da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no bairro Bela Vista. Ali, por mais quase dois anos voltou a ser `vigário

[34] Natural de Cerquilho, foi também aluno do Seminário 'São Carlos Borromeu', recebendo a ordenação sacerdotal das mãos de Dom José Carlos de Aguirre a 2 de dezembro de 1956, na Matriz de São José, em sua terra natal. Queridíssimo na região de Tietê/Cerquilho, foi por quase 40 anos titular da paróquia tieteense da Santíssima Trindade, então única da cidade (1962-2001). Com a criação por Dom José Lambert, a 28 de abril de 2001, da Paróquia da Aparecida, para ali foi transferido, como seu primeiro pároco.

paroquial´ e, de tempos em tempos, deixava durante alguns dias seus afazeres ministeriais para merecido descanso nas barrancas de rios do interior do Estado do Mato Grosso.

Na noite do domingo 25, presidiu como de costume a celebração da missa das 19h30 na Igreja Matriz e, em seguida, dirigiu-se à garagem da Casa Paroquial, para as últimas providências junto de sua inseparável camionete, que na madrugada do dia seguinte o levaria para mais uma agradável pescaria no Mato Grosso. Sentindo-se mal subitamente, foi socorrido na Santa Casa de Misericórdia local pelo padre Valdir Machia Serafim, o pároco. Ali diagnosticado pelos médicos que o atenderam como vítima de infarto do miocárdio, foi imediatamente transferido em UTI Móvel para Sorocaba, para o Hospital Modelo, no bairro do Trujillo, onde veio a óbito no final da tarde do dia seguinte, 26.

Foi sepultado na tarde de 27 de fevereiro, na Capela Mortuária dos Bispos, à entrada da Catedral Metropolitana, onde seu corpo foi velado e ocorreram suas exéquias. "Renovo minha fé em Deus Uno e Trino e renovo meu amor-dedicação, obediência à Santa Igreja. Desejo dizer a Ela, minha Família e Comunidade que lhes peço perdão por todas as faltas por mim cometidas contra a Unidade e, de coração, lhes renovo meu lema episcopal ('Sentire Cum Ecclesia'/'Sentir com a Igreja')", escrevera Dom José Lambert em seu testamento firmado a 9 de julho de 2006, em Tietê, deixando "todos os bens de meu uso e propriedade, assim o digo e assim o desejo, para minha querida e amada Arquidiocese de Sorocaba".

A missa de exéquias que precedeu a condução do esquife à capela mortuária, sob palmas comoventes dos que lotavam a Sé Arquidiocesana e o dobrar fúnebre dos sinos da Catedral, foi presidida pelo arcebispo metropolitano de Sorocaba, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, ao lado de numerosos bispos e sacerdotes.

DOM EDUARDO BENES DE SALES RODRIGUES, O ARCEBISPO DA CATEQUESE, DA FÉ E DA MISERICÓRDIA



Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues foi o primeiro, no Brasil, a receber nomeação oficializada por Bento XVI: segundo arcebispo metropolitano de Sorocaba.

O segundo arcebispo metropolitano (e quarto bispo titular) de Sorocaba, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, tomou posse ao entardecer de 3 de julho de 2005, um domingo, véspera da data em que esta Igreja Particular completaria seu 81º aniversário de criação canônica. Chegara à cidade no final da tarde do dia anterior, procedente de Lorena, dentro da maratona que fizera nos dias anteriores.



Dom Eduardo Benes e Bento XVI em Roma. Dias antes da posse em Sorocaba, Dom Eduardo Benes estava em Roma, na imposição do pálio arquiepiscopal por Bento XVI.

Estivera em Roma durante aquela semana, participando na quarta-feira, 29 de junho, na praça de São Pedro, ao lado de 33 outros arcebispos do mundo inteiro de recente nomeação, da Solenidade do Martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo[35], oportunidade em que, inaugurando seu recente pontificado, o papa Bento XVI também procedia pela primeira vez a investidura do 'pálio

[35] No Brasil, a Solenidade do Martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo é também Dia do Papa, em vista de desde a década de 60 do século passado não ser mais o 29 de junho considerado como feriado religioso, como na Itália, é sempre transferida para o domingo seguinte, quando a data não coincide com ele.

arquiepiscopal'[36] aos novos arcebispos – a maioria ainda designada por João Paulo II. Do Brasil, eram três: além do novo metropolita de Sorocaba, os arcebispos de Belém do Pará, Dom Orani João Tempesta, agora cardeal e titular da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, e de Maringá (PR), Dom Anuar Batisti. Voltara na sexta-feira (1º), indo direto a Lorena, onde ainda às 7 horas do sábado (2), presidiu missa solene de ação de graças na Catedral de Nossa Senhora da Piedade, recebendo as homenagens de despedida de seus antigos diocesanos e do clero local, antes de viajar com destino a Sorocaba.

[36] Símbolo da missão apostólica e de unidade e comunhão eclesial com a Sé Romana, na pessoa do Sumo Pontífice, sucessor de Pedro, entregue a cada novo arcebispo, o pálio, do latim '*pallium*' (manto), consiste em duas tiras de lã branca, ornadas com cinco cruzes pretas, trespassadas por 'cravos', para indicar a paixão de Cristo. É tecida historicamente com a lã de dois cordeirinhos presenteados ao Papa a cada 21 de janeiro, na memória litúrgica de Santa Inês, pelos Monges Trapistas da Abadia das Três Fontes, em Roma, que os criam. Os pálios de lã recém-tosquiada são, então, confeccionados pelas mãos das monjas beneditinas do Mosteiro de Santa Cecília, em Trastevere, Roma igualmente, e entregues pelo Papa aos arcebispos de recente nomeação, ou seja, dos últimos doze meses do mundo inteiro na Solenidade do Martírio de Pedro e Paulo Apóstolos. Usado pelos arcebispos sobre seus paramentos e sobre os ombros, tendo uma tira pendente sobre o peito e outra nas costas, indicando a missão de Pastor de cada um, que carrega a ovelha no ombro. Ou seja, a ovelha desgarrada, a ovelha perdida que o Bom Pastor, representado pelo Arcebispo, carrega sobre os ombros de volta ao rebanho. Querem simbolizar também a dignidade eclesiástica do Pastor de uma sede metropolita, no caso da atual configuração da Província Eclesiástica de Sorocaba, além da Arquidiocese, também as dioceses sufragâneas de Itapeva, Registro, Jundiaí e Itapetininga, tornando-se, inclusive, solícitos para com elas, sobretudo no caso de vacância (morte ou renúncia do bispo). Por isso, o Arcebispo pode usá-la em todas as celebrações que preside ou concelebra em sua Arquidiocese ou nas suas dioceses sufragâneas, indicando ainda esta insígnia a comunhão do Arcebispo com a Sé de Pedro e com o Sumo Pontífice reinante. Suas origens são antiquíssimas. Remontam aos séculos IV e V quanto ao uso pelos metropolitas – antes disto, nos primeiros séculos do Cristianismo, era de uso exclusivo dos Papas. Após a confecção a cada ano, são ainda esses pálios depositados junto ao túmulo de São Pedro (abaixo do Altar da Confissão, na Basílica Vaticana), até o horário da entrega solene pelo Papa.



Dom Eduardo e Dom José Lambert, na chegada à Catedral, em um Ford 1929 vermelho, para a posse do segundo arcebispo metropolitano de Sorocaba.

Conduzido desde a Residência Episcopal, em Vila Santana, ao lado da Matriz de Santa Rita de Cássia, em carro escoltado por batedores da Polícia Militar e da Guarda Civil Municipal, acompanhado de seu antecessor Dom José Lambert, antes de seguir até a Catedral Metropolitana, no Centro, o novo Arcebispo, na altura da praça da Bandeira, passou para um Ford 29, conversível, vermelho, relíquia do colecionador sorocabano João Antônio Gabriel, inclusive adesivado especialmente para a ocasião em suas portas com o brasão de armas do Estado do Vaticano, descendo do veículo ainda na rua de São Bento e caminhando a pé até a praça Cel. Fernando Prestes, escoltado agora por lanceiros do Regimento '9 de Julho', da Polícia Militar do Estado, sob alegres aplausos de boas-vindas de centenas de pessoas que não conseguiram acesso ao interior da igreja, lotadíssima, espocar de rojões e badalar dos sinos da Sé. Defronte à Catedral, o aguardavam as autoridades, numerosíssimos bispos e sacerdotes, dentre os quais Monsenhor Jonas Abib, fundador da Comunidade Canção Nova, que nasceu em Cachoeira Paulista, município pertencente à Diocese de

Lorena, de onde coincidentemente também era bispo titular Dom José Melhado Campos quando nomeado pelo Papa São Paulo VI, no início de fevereiro de 1965, como coadjutor com direito à sucessão de Dom José Carlos de Aguirre, na então Diocese de Sorocaba.



Solenidade de posse, Dom Eduardo e Dom José. A posse simbolizada na entrega solene do báculo por Dom José ao segundo arcebispo.

Saudado pelo então prefeito Vitor Lippi e, ainda nas escadarias da Catedral, recebendo das mãos do pároco da Sé, padre Tadeu Rocha Moraes, o Crucifixo para veneração, lembrando a Cruz como o ministério de Jesus Cristo que o Arcebispo representa, adentrou à igreja, aspergindo o povo e abençoando-o pela primeira vez como seu novo Pastor. Lida a bula pontifícia de nomeação, antes de ter sequência a missa de posse sob sua presidência, Dom Eduardo Benes recebeu solenemente das mãos de Dom José Lambert o báculo pastoral, ao mesmo tempo em que o então cardeal-arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, impunha a ele o pálio, símbolo da dignidade arquiepiscopal, que recebera dias antes das mãos do papa Bento XVI em Roma.

Um mineiro na Arquidiocese de Sorocaba

Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, hoje arcebispo emérito de Sorocaba, é mineiro, natural de Bias Fortes, localizado a 240 quilômetros de Belo Horizonte, entre as cidades de Barbacena e Juiz de Fora. Nasceu a 25 de junho de 1941, numa antiga fazenda a 18 quilômetros da sede do pequeno município, próxima ao Parque Estadual da Serra de Ibitipoca, num casarão de muitas janelas que teria sido construído pelo seu bisavô paterno que veio de Portugal, então já administrada pelos seus pais, José Justino Rodrigues e Aurora Sales Rodrigues. Com os filhos em idade escolar - eram oito, cinco homens e três mulheres (um dos meninos morreu logo após o parto e foi batizado pelo próprio pai) -, a Família Sales Rodrigues se mudou para a sede do município de Bia Fortes, matriculando-os no Grupo Escolar "Cardeal Mota, onde Eduardo estudou entre 1947 e 1951. "Eduardo Benes – explicação que gosta de dar - porque meu pai apreciava ler a revista Seleções, da Reader's Digest, e admirava muito o presidente da antiga Tchecoslováquia que fazia forte resistência às pretensões expansionistas de Hitler e ao Nazismo em 1941, chamado Edvard Beneš. Ele gostava de dar nomes simbólicos aos filhos. E dizia: 'Esse menino vai ser um grande político'. Meu pai era do Interior, mas gostava muito de ler sobre política". "Meu irmão, que nasceu antes de mim, chamou-se Fernando Orta, por ter nascido perto da festa de Santo Antônio (que, na verdade, chamava-se Fernando). Este nome também não pertencia à família, mas de um Monsenhor que era muito famoso e santo. Meu pai pôs esse nome prevendo que pudesse ser um padre. Meu irmão depois, realmente, falava em ir para o Seminário. Um outro chamou-se Edmundo, porque ele leu 'O Conde de Monte Cristo' e simpatizou-se com o personagem Edmundo Dantès. Lembro-me que aos 10 anos, terminado o Grupo Escolar, meu irmão Fernando desistiu da

ideia de ir para o Seminário e, na época, eu me 'candidatei' a ir em seu lugar", acrescenta Dom Eduardo, acentuando talvez tenha sido atraído, além do fato de ter nascido numa família cristã e de fé profunda, pela presença constante de um seminarista órfão durante as férias em sua casa e na casa de uns primos, descrevendo o Seminário como um local maravilhoso, de boa convivência e camaradagem entre os meninos e muito lazer, "inclusive com uma piscina e campo de futebol". "Minha mãe arrumou minha mala chorando. Futebol e piscina foram uma isca que Deus usou".

Aos 10 anos de idade, atraído pela vocação sacerdotal, foi, assim, acolhido no Seminário Menor "Santo Antônio", de Juiz de Fora, onde cursaria o antigo Ginasial e o Colegial (hoje Ensino Médio). Registre-se, porém, que logo depois de chegar ao Seminário Menor, o menino Eduardo Benes adquiriu uma grave infecção na coxa, chamada psuíte, ficando durante um mês internado. "Quase precisei de cirurgia. Quando voltei do hospital, bem magro, o reitor me chamou e perguntou se eu não queria ir para casa. Eu não sei se eu disse isso mesmo ou não, mas ele contava que respondi que não, porque iria atrasar um ano minha ordenação. Com tanta novidade no Seminário, é bem provável mesmo que eu tenha pregado essa desculpa esfarrapada de que estava preocupado com a ordenação - e não com a piscina... Se a 'desculpa' do menino arteiro realmente aconteceu, só Deus há de saber!".

Em 1958, o seminarista Eduardo Benes foi para o Seminário Maior "São José", em Mariana, um dos mais antigos do Brasil, fundado em 1750, obtendo sua licenciatura em Filosofia junto à Faculdade de Dom Bosco, da vizinha São João del Rey, e ali ainda cursando o primeiro ano de Teologia (1961), que veio concluir em São Paulo, no Seminário Central da Imaculada Conceição, no bairro do Ipiranga

(1962-1964), além de obter um mestrado em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Aqui, um novo parêntesis para outro fato pitoresco que Dom Eduardo gosta de relembrar dos primeiros meses de sua chegada a São Paulo para a sequência da Teologia no Seminário Central do Ipiranga: "No Seminário, eu era barbeiro. Cortava o cabelo dos colegas e ganhava um dinheirinho para torrar nas férias. O reitor era padre Simas Magalhães, mas era muito doente. Então, o vice-reitor era quem comandava, Monsenhor Benedito Ulhoa Vieira, depois bispo-auxiliar de São Paulo e arcebispo de Uberaba. Era ele quem distribuía as funções aos seminaristas: 'Barbeiros serão Eduardo e Bartolo. Serão 80 cruzeiros o corte, sendo Cr$50 da casa e Cr$30 deles'. Aí levantei o dedinho e, ingenuamente, perguntei: 'Não pode ser ao contrário?'. E Monsenhor Benedito Ulhoa respondeu rispidamente: 'Não, porque as máquinas são da casa'. E respondi: `Mas a '*Mater et Magistra*' (encíclica de João XXIII, publicada há pouco)) ensina que o trabalho tem primazia sobre o capital. Depois das férias, Dom Geraldo (Maria de Moraes Penido, então bispo de Juiz de Fora, em abril de 1962 promovido a arcebispo) me chamou, dizendo que havia recebido uma carta do reitor, contando que eu era muito apegado ao dinheiro, mas expliquei o acontecido e ficou tudo bem".



Padre Eduardo Benes, quando ordenado presbítero na Catedral de Juiz de Fora, por Dom Geraldo Maria de Moraes Penido.

Dom Eduardo Benes foi ordenado presbítero no dia 13 de dezembro de 1964 na Catedral de Santo Antônio, em Juiz de Fora, por Dom Geraldo Maria de Moraes Penido. Depois da ordenação, padre Eduardo foi nomeado vigário paroquial da Catedral, de 1965 a 1971. Assumiu ainda muitos outros encargos pastorais, como coordenador arquidiocesano da Catequese, depois de um curso em 1966 no Instituto Superior de Pastoral Catequética em Petrópolis (1967-1972). Em 1971, passou a atuar também no Seminário Maior de Juiz de Fora, onde foi sucessivamente professor de Teologia Dogmática, coordenador de comunidade e estudos de Filosofia e Teologia, formador, reitor e diretor espiritual até 1997. Lecionou Filosofia da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, para cursos atendidos

pelo Departamento de Ciência da Religião da UFJF, e em 1981 foi enviado a Roma para fazer um curso de Espiritualidade, matriculando-se também em um Doutorado em Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana, matéria que já lecionava. Na volta, teve ainda muitos outros encargos ministeriais dentro da Arquidiocese de Juiz de Fora, atuando nas paróquias de Benfica (1992-1995) e de Nossa Senhora Auxiliadora (1995-1997), concomitantemente com os empenhos no Seminário e como vigário-geral entre 1993 e 1998. Destacava-se também como um dos sacerdotes integrantes da equipe nacional de assistentes eclesiásticos do Movimento de Emaús[37] e presidente da Organização dos Seminários e Institutos do Brasil dentro do Regional Leste II/Minas Gerais, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1985-1986.

Elevado ao Episcopado pelo Papa São João Paulo II em 11 de março de 1998, Dom Eduardo Benes recebeu sua sagração como Bispo da Igreja a 21 de junho na mesma Catedral de Santo Antônio, onde fora ordenado sacerdote, sendo bispo sagrante o arcebispo metropolitano de Juiz de Fora, Dom frei Clóvis Frainer, OFM Cap, e consagrantes Dom Walmor Oliveira de Azevedo, seu aluno no Seminário, então recém-empossado com bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Salvador, na Bahia, e depois arcebispo de Belo Horizonte e ex-presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), e Dom Altamiro Rossato, C.Ss.R., arcebispo de Porto Alegre, com quem ele seguiu para o Sul, como bispo auxiliar em sua Arquidiocese e onde,

[37] O Movimento de Emaús surgiu em São Paulo no início dos anos 70, em formato de cursos de formação cristã para jovens, com base na experiência pascal dos discípulos de Emaús conforme a narrativa do Evangelho de São Lucas e sob a inspiração de Monsenhor Benedito Mário Calazans, um sacerdote à frente de seu tempo e que chegou a ser senador da República, empunhando a bandeira da social-democracia cristã.

entre outras atribuições, acompanhou a Pastoral Familiar, a Catequese e a Pastoral Presbiteral. Exerceu ainda as funções de secretário do Regional Sul III/Rio Grande do Sul da CNBB e de bispo referencial da Pastoral da Juventude e da Comissão Regional dos Presbíteros. Em 10 de janeiro de 2001, foi transferido pela Santa Sé de auxiliar em Porto Alegre para o Bispado de Lorena, sucedendo a Dom João Hipólito de Morais. Permaneceu no Vale do Paraíba por quatro anos, até 2005.

Fora a 4 de maio daquele ano que, logo às 8 horas, os sinos da Catedral Metropolitana de Sorocaba começaram a badalar, anunciando que a Arquidiocese já tinha novo arcebispo eleito. Dom Eduardo foi a primeira nomeação episcopal para o Brasil assinada pelo papa Bento XVI, que acabara de ser eleito a 19 de abril, no consistório para escolha do sucessor de João Paulo II, e entronizado no trono de Pedro no dia 24 seguinte, iniciando, então, o cardeal alemão Joseph Ratzinger seu pontificado. Bento XVI provavelmente tenha assinado a provisão alguns dias antes, quando recebera pela primeira vez em audiência, no Palácio Apostólico, o prefeito da Sagrada Congregação para os Bispos, o cardeal Giovanni Baptista Ré. A nomeação vinha, como de praxe, envolta pelo chamado 'sigilo pontifício', até a sua publicação no jornal 'L'Osservatore Romano', órgão oficial da Santa Sé, o que ocorreu a 4 de maio.

Na verdade, porém, desde a apresentação do pedido de renúncia de Dom José Lambert ao completar a idade-limite de 75 anos a 15 de março de 2004, a comunidade católica de Sorocaba já esperava para qualquer momento o anúncio oficial da escolha de seu segundo arcebispo. Sabe-se também que a indicação de Dom Eduardo Benes estava também homologada há algum tempo. Sua oficialização, contudo, foi se arrastando à medida em que se complicava o estado de saúde de João Paulo II, impedindo que o Santo Padre assinasse

o decreto de nomeação, até que viria a falecer a 2 de abril de 2005. "Costumo dizer que recebi minha nomeação para a Arquidiocese de Sorocaba através de dois papas, João Paulo II e Bento XVI".



Brasão de Dom Eduardo. Seu lema episcopal: "*Mitis et Humilis Corde*" ("Manso e Humilde de Coração")[38].

Somar à ação evangelizadora e missionária da Igreja de Sorocaba

As primeiras semanas e meses de sua presença em Sorocaba Dom Eduardo Benes dedicou-se, com afinco, a conhecer a realidade local, percorrendo suas paróquias, casas de congregações religiosas

[38] "Escolhi como meu lema episcopal uma jaculatória frequentemente dita por minha mãe durante sua vida, como integrante devota do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus. Lembro-me que, em seus momentos de dificuldades, ela sempre bradava: 'Jesus, manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao Vosso'. Minha mãe havia falecido um mês antes de eu me tornar Bispo. E ela morreu numa situação de esclerose múltipla. Logo, pensei em adotar esse lema...".

femininas, organismos religiosos e pastorais e outras organizações públicas e privadas, assim como fez questão de receber um a um, na Residência Episcopal, os sacerdotes seculares e religiosos do clero arquidiocesano e ainda lideranças do laicato católico. Aliás, quando anunciada sua nomeação no início de maio, afirmara pouco conhecer até então da realidade sorocabana, embora guardasse boa impressão de seu clero, ao qual em fevereiro viera pregar seu retiro espiritual anual, a convite de Dom José Lambert. "Só algumas semanas depois fui informado pela Nunciatura Apostólica, em Brasília, da intenção da Santa Sé de me transferir para Sorocaba", contou ele bem depois, afiançando que ainda de seu tempo de estudante de Teologia em São Paulo traz a recordação de que aqui estivera com os colegas seminaristas e padres formadores em 1962, participando de uma excursão organizada para se conhecer o Seminário 'São Carlos Borromeu'. "Guardo até hoje uma fotografia preto e branco do grupo formado junto ao ônibus estacionado defronte ao Seminário, com Dom Aguirre entre nós, na avenida Dr. Eugênio Salerno".

Empossado como segundo arcebispo, todavia, Dom Eduardo Benes, mesmo se um pouco receoso, não escondeu que já estaria ausente da Arquidiocese, pelo menos, nos primeiros quinze dias de seu iniciante episcopado por aqui, para cumprir compromissos pastorais assumidos em outras regiões bem antes de ser cogitada sua transferência da Diocese de Lorena, viajando na própria noite do domingo de sua posse, 3 de julho. Foi inicialmente ao interior de Minas Gerais, para pregar o retiro anual da Arquidiocese de Mariana, a convite do então arcebispo Dom Luciano Mendes de Almeida. Na sequência, foi pregar retiros também para os cleros da Arquidiocese de Porto Alegre (RS), onde fora bispo-auxiliar, e de Caraguatatuba, no Litoral Norte de São Paulo. Concomitantemente, ainda cumpriu alguns

compromissos como recém-escolhido assistente eclesiástico referencial do Secretariado Nacional do Movimento de Emaús, em substituição ao bispo emérito de Jundiaí, Dom Amaury Castanho, que por sinal conhecera a metodologia dos cursos de três dias para formação da juventude permeada de valores éticos, humanos e cristãos durante sua passagem por Sorocaba como bispo-auxiliar.

Como reconhecera em sua homilia na missa de posse na Catedral, não trazia Dom Eduardo Benes para a Arquidiocese de Sorocaba, contudo, planos pré-concebidos, estruturados ou extraordinários, mesmo se vinha com esperança de poder contribuir com algumas propostas para dinamizar ainda mais a obra evangelizadora e missionária da Igreja Católica na cidade e na região. "Venho – asseverara ele – para somar esforços de uma Igreja madura e bem estruturada, alicerçada numa caminhada de mais de 80 anos e nos trabalhos episcopais de irmãos que foram pastores e pais dedicados, como Dom José Carlos de Aguirre, Dom José Melhado Campos, que como eu veio da sede diocesana de Lorena e até hoje é ali muito bem lembrado pelo povo lorenense pela sua extremada dedicação pastoral, e, sobretudo, Dom José Lambert, nestes últimos vinte e cinco anos". "Sinto que aqui também está presente a Igreja de Jesus, em sua unidade, catolicidade e apostolicidade que, como senti em Roma nestes últimos dias, quero continuar a sentir aqui, em meio a sacerdotes, diáconos, religiosas e fieis leigos... Aqui está a Igreja de Jesus, reunida em torno de seus Bispos, sucessores dos Apóstolos que, com Pedro e sobre Pedro, guardam a unidade da fé, garantindo que o kerigma apostólico chegue a todos os seres humanos e se encaixe em todas as culturas, como exige a catolicidade. Esta é a Igreja Católica e universal de verdade, porque enviada por Cristo a todos os povos e nações".



Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, em coletiva à imprensa e homilia da posse, resumiu: "Venho para somar esforços de uma Igreja madura, alicerçada numa caminhada de mais de 80 anos e nos trabalhos episcopais de irmãos que me precederam e foram pastores e pais dedicados".

Aos jornalistas, um dia antes de sua posse, em entrevista coletiva assim que chegara a Sorocaba no final da tarde do sábado, na Residência Episcopal, havia dito também ser seu programa primeiro 'fazer a vontade de Deus', lembrando afirmações do Papa Bento XVI, em sua eleição recente, de que não tinha um programa específico ao assumir a Sé de Pedro. "Então, eu também gostaria de assumir este gesto de humildade de Bento XVI, que significa, em convivendo, ouvindo e participando, entrar na caminhada que a Igreja de Sorocaba já vem fazendo, com o desejo de contribuir para que esse caminho se faça com segurança e, se houver indicações de necessidades de mudanças ou correções de rumo, fazê-las junto com os padres e demais lideranças da Arquidiocese. Mas não tenho proposta formada dentro de mim. Quero descobrir a Igreja de Sorocaba e com ela caminhar para a construção do Reino de Deus, o que naturalmente significa continuar realizando o trabalho de oito décadas...".

Na caminhada, Dom Eduardo vai se fazendo sorocabano

Após vários meses de sua presença cotidiana em Sorocaba, aos poucos Dom Eduardo Benes vai se fazendo ou sentindo-se sorocabano. A ponto de a 28 de agosto do ano seguinte à sua chegada tornar-se Cidadão Sorocabano de fato e de direito, por intermédio de láurea a ele concedida pela Câmara Municipal, por iniciativa do então vereador Hélio Godoy, com aprovação unânime por parte de todos seus demais colegas de legislatura - e a cujo título de Cidadania viria a se somar a Comenda Referencial de Ética e Cidadania, concedida pelo próprio Legislativo sorocabano no final de junho de 2016, aqui por iniciativa do ex-vereador Anselmo Rolim Neto e entregue solenemente dias antes da posse de seu sucessor, a 20 de fevereiro de 2017, pelo vereador José Francisco Martinez, como preposto do colega, inclusive já com a presença de Dom Julio Endi Akamine no Plenário da Casa de Leis, num primeiro contato deste com a sociedade local.

"Tal honra, com certeza, não se fundamenta em méritos pessoais ou em serviços prestados ao povo sorocabano, pois tempo não houve que me permitisse fazer jus a tão alta dignidade. Duas razões, penso eu, justificam este momento. A primeira é a própria generosidade e espírito de acolhimento que marcam o gênio e a fé da população sorocabana. O povo de Sorocaba é hospitaleiro. Quantas vezes já ouvi a pergunta 'o senhor já se acostumou em Sorocaba?'. Tantas vezes eu respondi: não foi necessário me acostumar - acostumar é um processo, às vezes, árduo -, pois desde minha chegada me senti em família, como em minha própria casa... A segunda razão, que também faz parte do DNA de Sorocaba, é a fé católica. Com a chegada de Baltazar Fernandes com sua família a estas paragens, a população dispersa começa a reunir-se em torno da Capela que o próprio Baltazar Fernandes fez construir, dedicando-a a Nossa Senhora da Ponte...",

afirmou o Arcebispo da tribuna legislativa ao ser distinguido com o título de 'Cidadão Sorocabano', ressaltando ainda: "Como sucessor de Dom José Carlos de Aguirre, Dom José Melhado Campos e Dom José Lambert, inscrevo-me nessa história de grandeza e de fé, sem mérito algum de minha parte, por obra da bondade de Deus, que com tão precioso, quanto imerecido presente quis me aquinhoar... Este gesto está, porém, a reconhecer no ministério eclesial que exerço o lugar que ocupa na história de Sorocaba a Igreja que a viu nascer e a abençoou...".

Pouco antes, ao completar no início de julho o primeiro ano de sua chegada e posse na Arquidiocese, Dom Eduardo Benes já lembrara que, "ao se sentir em casa", "conhecer o povo, as paróquias e comunidades, constatar sua fé e seu espírito de acolhimento, celebrar a Eucaristia e realizar as crismas tem sido uma experiência gratificante". Acentuava ainda que visitara todas as paróquias e a maioria das comunidades nesse período, num primeiro contato de Pastor arquidiocesano. Sem contar dezenas de outras visitas e contatos, como à Santa Casa de Misericórdia, onde abençoou a nova ala de Pediatria que estava sendo inaugurada na oportunidade, e ao próprio Mosteiro de São Bento, berço da colonização sorocabana, oportunidade em que pode conhecer em detalhes o principal e mais antigo patrimônio histórico, religioso, arquitetônico e cultural da cidade, recebendo do então beneditino responsável pelo local, Dom José Carlos Camorim Gatti, OSB, pormenorizadas explicações e esclarecimentos acerca de seu processo de restauro e revitalização, conforme aprovação do Condephaat (Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Turístico). Depois continuou acompanhando a evolução do processo, magistralmente conduzido na sequência dos anos por Dom Rocco Fraioli OSB, com o respaldo da Associação 'Amigos de São Bento' e seus voluntários, a ponto de não muito tempo após a igreja de Sant'Ana internamente encontrar-se impecavelmente restaurada,

graças ao trabalho meticuloso de técnicos especializados. Nesse período, com a igreja fechada, todas as missas e celebrações religiosas passaram a ser realizadas em capela improvisada em dependências anexas ao Mosteiro, com entrada pelo próprio largo de São Bento, onde por muitos anos funcionou uma unidade da Polícia Militar.

Dom Eduardo, comunicador da Boa Nova na TV e na mídia

Dom Eduardo Benes trouxe igualmente a Sorocaba um estilo novo de difusão da Boa Nova, como comunicador cristão que se apercebera, em era pós-modernidade, da importância da televisão e da mídia em geral na difusão da mensagem do Evangelho, como o próprio Concílio Vaticano II já antecipara com o documento 'Inter Mirifica' (sobre a importância dos Meios de Comunicação Social para a evangelização). A começar de artigos semanais que escrevia para a imprensa sorocabana e regional, seguindo modelo que, no final dos anos 70, já começara a adotar o bispo-auxiliar Dom Amaury Castanho e, anteriormente ainda, Dom José Melhado Campos nos anos 60, com suas crônicas em torno do Concílio Vaticano II enviadas diretamente de Roma.

Em tempos novos e de revolução dos '*mass media*', o segundo arcebispo trazia ainda consigo a novidade da televisão, graças à presença em sua circunscrição eclesiástica anterior, a Diocese de Lorena, do Sistema Canção Nova de Comunicação, ligado à Comunidade Canção Nova, com sede em Cachoeira Paulista. Inclusive, na TV Canção Nova Dom Eduardo já apresentava há algum tempo o programa semanal de entrevistas intitulado 'Igreja no Novo Milênio', trazendo ao centro dos debates temas da atualidade da vida eclesiástica brasileira. Aliás, ainda na tarde de sua posse em Sorocaba, à imprensa Monsenhor Jonas Abib, o pai e fundador da Comunidade Canção Nova, afirmara já ter conversado com ele e estar torcendo

para que, mesmo residindo longe do Vale do Paraíba, viabilizasse um esquema para conseguir continuar a produzir e apresentar seu apreciado programa semanal de entrevistas. "Dom Eduardo pede um tempo, para antes se ambientar nesta sua nova Arquidiocese, mas estamos torcendo para que continue. Vai ser bom para nós, para ele e principalmente para a Arquidiocese de Sorocaba", disse textualmente Monsenhor Jonas Abib, lembrando a penetração do Sistema, que estava inclusive transmitido ao vivo a cerimônia de posse para todo o Brasil, países vizinhos e ainda para a Europa, sobretudo nos países de língua portuguesa, como Portugal e Angola, onde já contava com forte penetração e canais retransmissores.

Dom Eduardo nesse sentido, aliás, logo conseguiu se reestruturar, sem necessidade de grande interrupção em seu ritmo de gravações para a TV Canção Nova. Chegou a viajar mais uma ou duas vezes até Cachoeira Paulista para a gravação de blocos de programas. Contudo, à medida que também se aproximava de uma de suas funções como arcebispo metropolitano de Sorocaba, que era a presidência do Conselho Superior da Fundação Dom Aguirre, mantenedora da Universidade de Sorocaba (Uniso), inteirou-se, em boa hora, da possibilidade de gravação de tais entrevistas semanais para seu programa 'Igreja no Novo Milênio' aqui mesmo na cidade, sem necessidade de viajar constantemente ao Vale do Paraíba, utilizando-se dos modernos estúdios do Laboratório de Rádio e Televisão dos cursos da área de Comunicação Social da Uniso, na Cidade Universitária, no Km 92,5 da Rodovia Raposo Tavares.

Assim, durante anos, até 2012, quase que semanalmente o Arcebispo dirigia-se à Cidade Universitária, com destino ao Laboratório de Rádio e Televisão, gravando a cada rodada uma, duas ou até três entrevistas, com convidados especiais entre bispos, sacerdotes

e lideranças laicais, assim como personalidades da sociedade civil, muitas vezes de expressão nacional e/ou internacional, abordando temas da vida eclesial e da atualidade da sociedade, sempre sob o ponto de vista ético-cristão. Aproveitava também para, no estúdio de rádio, gravar mensagens de dois a três minutos com comentários diários do Evangelho – 'O Evangelho no dia a dia' -, distribuídas a emissoras de inspiração cristã-católica existentes dentro do território arquidiocesano e, pouco depois, também veiculados igualmente pelas mídias sociais, graças à popularização do uso da Internet – prática, aliás, que seu sucessor Dom Julio Akamine prossegue desde que chegou.

Logo, inclusive, a simpatia, a alegria contagiante e o carisma fraternal com que Dom Eduardo se dirigia para as gravações e recepcionava os convidados, assim como acolhia a cada um dos presentes na retaguarda, suscitou um clima familiar e de empenho extraordinário entre todos que se envolviam no voluntarioso serviço, entre produtores, técnicos, alunos, estagiários e professores, sob a direção do jornalista e professor Fernando Negrão Duarte, chefe do Laboratório de Rádio e Televisão da Uniso, que se empenhava pessoalmente ao lado de câmeras, técnicos de imagem e áudio e ainda especialistas em edição para que todo o processo estivesse sempre concluído em tempo hábil para que cada programa fosse formatado e postado nos Correios, via Sedex, para estar em Cachoeira Paulista, nos estúdios da TV, impreterivelmente na segunda-feira, quando 'Igreja no Novo Milênio' ia ao ar das 18h20 às 19h20, com reprise no domingo, às 7 horas.

Só em Sorocaba Dom Eduardo Benes gravou perto de 200 entrevistas para o seu programa semanal na TV Canção Nova, no ar ininterruptamente até o segundo semestre de 2012. Uma das últimas entrevistas e cuja presença também trouxe muita alegria a ele foi com o cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Pedro Scherer, que na

mesma noite seria homenageado pela Edilidade, no Parque da Boa Vista, recebendo o título de 'Cidadão Sorocabano', proposto pelo então vereador Paulo Francisco Mendes, também ex-prefeito da cidade, em vista de suas estreitas ligações com o Município, como grão-chanceler da PUC-SP/Fundação São Paulo, que em seu câmpus de Sorocaba, no bairro do Vergueiro, mantém os cursos de Medicina e de Enfermagem.

Duas visitas históricas a Roma: '*ad limina*' a Bento XVI e reconhecimento pontifício da Comunidade Canção Nova

Por dois anos consecutivos logo ao início de seu episcopado em Sorocaba, Dom Eduardo Benes também viajou a Roma. A primeira no final de outubro de 2008, como convidado especial da Comunidade Canção Nova e de Monsenhor Jonas Abib em particular, demonstrando que o relacionamento fraterno construído ia muito além de sua presença semanal na grade da TV Canção Nova, com o programa "Igreja no Novo Milênio", testemunhando, assim, fidelidade àquele que, como antigo titular da Diocese de Lorena, também tivera participação efetiva em sua consolidação como novo carisma e movimento eclesial dentro da Igreja. Viajou acompanhado de outras lideranças eclesiais do Brasil, como o próprio Monsenhor Jonas Abib, o arcebispo de São Paulo, cardeal Odilo Pedro Scherer, e seu sucessor em Lorena, Dom Benedito Beni dos Santos, para participar da programação especial que, no início de novembro, marcou a entrega oficial pela Santa Sé do reconhecimento pontifício à Comunidade Canção Nova, ou seja, significando que, a partir de então, essa Obra de Deus surgida a partir de pequena sementinha lançada primeiramente entre a juventude em Cachoeira Paulista, por Monsenhor Jonas Abib, estava habilitada a estender seus ramos e serviços eclesiais pelo mundo inteiro, passando, assim, a ser considerada uma Associação Internacional de Fiéis de Direito Pontifício.

O ponto alto das celebrações foi a 3 de novembro, quando aconteceu, logo pela manhã, na Sala Magna do Pontifício Conselho para os Leigos, no Estado do Vaticano, a cerimônia solene de Reconhecimento Pontifício da Comunidade Canção Nova, presidida pelo cardeal polonês Stanislaw Rylko. À tarde do mesmo dia, na Basílica de São João do Latrão, no centro histórico de Roma, foi celebrada a missa de ação de graças, sob a presidência ainda do cardeal Stanislaw Rylko, então na direção do Conselho Pontifício para os Leigos. Monsenhor Jonas no dia 5, após o grupo ter destaque especial na Audiência Geral do Papa das quartas-feiras, quando Bento XVI saudou entusiasticamente a todos, em especial ao fundador, à tarde presidiu outra Celebração Eucarística de ação de graças na Basílica de Santa Maria Maior.



Momento em que Bento XVI, na '*ad limina*', pediu para Dom Eduardo indicar Sorocaba no atlas aberto em sua mesa.

Um ano depois, por coincidência no início de novembro de 2009, Dom Eduardo Benes retornou a Roma. Desta vez, para participar ao lado dos bispos paulistas, integrantes do Regional Sul-1 da CNBB, da visita '*ad limina apostolorum*' a que bispos do mundo inteiro estão na obrigação de realizar a cada cinco anos ao trono de Pedro. Era a primeira que ele a realizava como arcebispo de Sorocaba e também a primeira que os bispos do Estado de São Paulo igualmente a realizavam a Bento XVI; Dom Eduardo já realizara uma visita '*ad limina*' em 2003, mas com o Papa São João Paulo II e ainda como bispo de Lorena.

Às 11h30 do dia 12, Bento XVI recebeu, então, Dom Eduardo em audiência privada em seu gabinete no Palácio Apostólico. Com um Atlas Mundial, com o mapa do Brasil aberto sobre sua mesa de trabalho, o Sumo Pontífice foi logo pedindo que ele apontasse a localização de Sorocaba dentro do Estado de São Paulo. "Passei, então, a descrever-lhe a nossa realidade socioeconômica e eclesial", contou Dom Eduardo à imprensa ao retornar à Arquidiocese, informando também que foi objeto de consideração nesse encontro pessoal de pouco mais de 15 minutos com o Papa a formação dos padres e a necessidade de se formar e organizar os leigos para atuarem na sociedade segundo os princípios da Doutrina Social da Igreja. Perguntou ainda Bento XVI sobre a Universidade de Sorocaba, que figurava no relatório quinquenal que cada bispo prepara e envia à Santa Sé antes da visita '*ad limina*', com uma descrição da realidade presente em sua Igreja Particular, e que em sua mantenedora, a Fundação Dom Aguirre, figurava como presidente o próprio arcebispo local. "E mostrou-se interessado por ser uma Universidade que se inspira em princípios cristãos, embora não propriamente uma Universidade Católica, mas uma Universidade Comunitária pertencente à cidade", acrescentara Dom Eduardo, lembrando que, ao final da audiência,

ajoelhara-se e pedira ao papa Bento XVI sua bênção apostólica para si, para seus trabalhos pastorais e para toda a Arquidiocese.

Ainda durante essa '*ad limina*', o arcebispo de Sorocaba participou de um outro momento com o Papa, aqui ao lado de todos os bispos paulistas presentes em Roma, ocasião em que, na visão de Dom Eduardo, o Sumo Pontífice "nos legou uma mensagem de encorajamento, sempre lembrando da maravilhosa experiência por ele vivida em 2007, quando de sua visita ao Brasil, para a Conferência de Aparecida, e recordando-nos a missão da Igreja de defender a dignidade humana ameaçada pela absolutização da técnica em detrimento da sacralidade da vida e da pessoa humana".

Complementando os ritos de visita '*ad limina*', também nessa de novembro de 2009 os bispos paulistas celebraram a Eucaristia junto ao túmulo de Pedro, "no desejo de desentranhar das profundezas daquele chão que recebeu o corpo martirizado do pescador Simão, o calor da mensagem de Jesus, mensagem que ele pessoalmente plantou na cidade, coração do Império" nas palavras de Dom Eduardo, e nas demais basílicas maiores de Roma, assim como nas catacumbas de São Calisto. E percorreram ainda os órgãos de governo da Cúria Romana e seus dicastérios, como as congregações para o Culto Divino e para os Sacramentos, para os Bispos, para o Clero, para a Unidade dos Cristãos, para a Educação Católica e tantas outras, incluindo os Conselhos Pontifícios (Família, Leigos, Justiça e Paz, Comunicações Sociais), "em cada uma delas com um bispo expondo rapidamente a situação das dioceses de São Paulo em relação às questões de competência daquele Dicastério e depois ouvíamos atentamente o que nos era exposto pelo responsável, estabelecendo-se um diálogo para ulteriores esclarecimentos".

Os Teatinos e os Redentoristas em Sorocaba

A 26 de janeiro de 2007, o arcebispo Dom Eduardo Benes entregava a Paróquia de São Lucas, no bairro do Vergueiro, ao lado do Conjunto Hospitalar de Sorocaba e das faculdades de Medicina e de Enfermagem, aos cuidados da Ordem dos Clérigos Regulares, os Padres Teatinos, trazendo a espiritualidade, mística e carisma seculares de São Caetano de Thiene, que fundou em Roma, a 14 de setembro de 1524, a Congregação que adotou a nomenclatura da cidade italiana onde nascera, Thiene, na região de Vicenza, com carisma de buscar a renovação da Igreja, a partir da exigência de cada um renovar-se a si mesmo. Vinham os teatinos ocupar o lugar dos Padres Camilianos, que alguns meses antes, depois de quase dez anos de relevantes serviços pastorais e caritativos prestados à Arquidiocese, comunicaram a impossibilidade de continuarem a exercer seu apostolado por aqui, em vista de outras frentes missionárias a que a Ordem dos Ministros dos Enfermos estava sendo chamada.

O primeiro grupo de teatinos a vir à Paróquia de São Lucas tinha à frente o padre José Aparecido Hergesse, acompanhado dos padres Amador Ferreira Martins, já bem idoso, porém junto com Dom Gorgônio Alves da Encarnação Neto, hoje bispo de Itapetininga, os dois primeiros brasileiros em 1974 ordenados sacerdotes teatinos, e Carlos Magno Ramiro, o 'padre Daguinho', seguindo-se os párocos padre Osman Procópio da Silva, hoje no Conselho Geral da Ordem, em Roma; padre Tacílio Ferreira Gomes, padre Vitalino Nunes e padre José Sérgio Lima, o atual. Vieram também, aliás, para ao lado da Paróquia de São Lucas coordenar a nível arquidiocesano, como os camilianos, a Pastoral da Saúde e dar assistência espiritual aos enfermos internados nas unidades do vizinho Complexo Hospitalar. Em 2016,

assumiriam também os teatinos a direção da nova Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Prestes de Barros, desmembrada da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, dos Padres Franciscanos, em Vila Hortência – o pároco atual é o padre Alisson Vieira da Silva, CR.

Registre-se a propósito, por outro lado, que a aproximação da Arquidiocese com a Ordem dos Clérigos Regulares (Teatinos) começou3 ainda no início dos anos 2000, quando os padres João Alampe e Flávio Jorge Miguel Júnior, em nome do arcebispo Dom José Lambert, dirigiram-se à cidade de Taquarituba, para convidar seu pároco, o padre José Hergesse, para lecionar em Sorocaba, no Instituto Superior de Teologia 'João Paulo II', as matérias Hebraico e Literatura Sinótica, em vista da transferência do padre Ricardo Dias Neto para a Arquidiocese do Rio de Janeiro e depois a Roma. Na época, padre Hergesse, além de titular da Paróquia de São Roque, em Taquarituba, era também o prepósito da Província Paulo VI dos Padres Teatinos no Brasil e o vigário-geral da vizinha Diocese de Itapeva, mas "como era uma emergência" aceitou o encargo por um ano. O tempo passou e ele foi ficando, até que em 2006 começaram os entendimentos de Dom Eduardo Benes com a Ordem para a vinda dos Padres Teatinos, coincidindo com a necessidade de entrega de São Lucas por parte dos camilianos. Padre Hergesse chegou, então, a assumir no Instituto de Teologia, além das matérias que já vinha lecionando, as cadeiras de Literatura Paulina, Introdução à Sagrada Escritura, Exegese e Hermenêutica e Grego. Mas não por muito tempo, porque logo no início do segundo semestre de 2009 foi eleito como um dos conselheiros da direção geral da Ordem dos Clérigos Regulares em Roma, pelos confrades do mundo todo em seu Capítulo Geral, com a incumbência, inclusive, de procurador geral dos assuntos relativos aos religiosos teatinos junto à Santa Sé. A 4 de maio de 2011, o papa Bento XVI

chegou a elevar padre José Aparecido Hergesse CR ao Episcopado, nomeando-o bispo-auxiliar para a Arquidiocese de Vitória (ES), em meio naquela mesma data a outras nomeações para o Brasil, como a do padre Julio Endi Akamine, SAC, então provincial da Sociedade do Apostolado Católico, os Palotinos, para bispo-auxiliar de São Paulo. Porém, por problemas de ordem familiar, se viu compelido padre Hergesse a declinar da designação - hoje, é titular da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, na Vila dos Lavradores, e coordenador arquidiocesano de Pastoral, na cidade de Botucatu.

Por outro lado, depois de quase noventa anos de presença dos filhos de Santo Afonso Maria de Ligório na centenária Igreja Particular de Sorocaba, também os Missionários Redentoristas chegam à sede da Arquidiocese em 2012, com a construção, em tempo recorde, do Santuário de São Geraldo Majella, em Vila Helena, na Zona Norte do Município, tendo a seu lado nova casa de formação da Congregação do Santíssimo Redentor, para servir à formação de seus postulantes a Irmãos Consagrados. Acontecimento, aliás, cercado de todo um simbolismo histórico: junto com os Padres Franciscanos, os redentoristas foram os primeiros religiosos trazidos por Dom José Carlos de Aguirre à nova diocese nos anos 30, estabelecendo-se na cidade de Tietê, onde a Congregação instalou sua casa de formação, o Seminário Menor 'Santa Terezinha'[39].

[39] A chegada dos redentoristas a Sorocaba no ano de 2012 tem seus detalhes mais bem explorados neste livro em Apêndice E, especial sobre os Santuários da Arquidiocese.



Dom Eduardo. Bênção com o Ssmo. na Festa de Corpus Christi de 2011 nas escadarias da Catedral.

Mosteiros de Sorocaba: dois jubileus gratificantes

Dentro do episcopado de Dom Eduardo Benes em Sorocaba, dois gratificantes jubileus comemorativos mereceram destaque extraordinário pelas ênfases que tiveram na caminhada pastoral da cidade e da própria Arquidiocese e sua repercussão nacional e internacionalmente. Suscitaram, assim, registro histórico a passagem, em 2010, do 350º aniversário da presença dos beneditinos em Sorocaba, com a fundação do Mosteiro de São Bento, e no ano seguinte os 200 anos de fundação do Mosteiro da Imaculada Conceição e de Santa Clara, das Monjas Concepcionistas Franciscanas, de vida monástica e clausura.

Fato que não ocorria em relação ao Município desde 1954, quando do tricentenário de fundação de Sorocaba e homenageando o bandeirante Baltazar Fernandes, inclusive a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) providenciou a emissão de selo postal comemorativo aos 350 anos de presença beneditina na cidade e de fundação do Mosteiro de São Bento. O lançamento oficial desse selo mostrando para o mundo o Mosteiro de São Bento local e reforçando o fato de ser

Sorocaba a única cidade fora da Europa que se desenvolveu ao entorno de um Mosteiro dos filhos de São Bento, bem como um dos únicos edifícios do Brasil conservados e habitados desde o século XVII quase que ininterruptamente por assim dizer pelos monges beneditinos e que sobreviveu às guerras, expulsões, perseguições etc., aconteceu na manhã de 21 de abril de 2010. A cerimônia foi realizada no largo de São Bento, ao ar livre, com a presença de altas autoridades da República e da Igreja, precedida de missa solene na própria igreja de Sant'Ana, do Mosteiro de São Bento, toda cantada em gregoriano pelos monges de São Paulo. Dom Eduardo Benes e o então abade do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, ao qual historicamente é vinculado o monastério sorocabano, Dom Mathias Tolentino Braga, OSB, procederam às primeiras obliterações ao selo comemorativo, rememorando que fora nesta mesma data que, no ano de 1660, o fundador Baltazar Fernandes estava de volta a Santana do Parnaíba, de onde viera para em residindo com a família na fazenda que lhe pertencia por herança de seus ancestrais abrir o povoamento de Sorocaba, assinando documento com os Padres Beneditinos para o estabelecimento da Ordem por aqui, marcando também o início da edificação do Mosteiro, a partir da primitiva Capela de Nossa Senhora da Ponte, hoje igreja de Sant'Ana.

Por outro lado, foi no final de agosto de 2011 que as Monjas Concepcionistas Franciscanas festejaram com a celebração de missa solene de ação de graças no Mosteiro novo, no Jardim Vera Cruz, presidida pelo arcebispo Dom Eduardo Benes, o segundo centenário de fundação do Mosteiro da Imaculada Conceição e de Santa Clara, de Sorocaba. Também nesta ocasião o Correios do Brasil estava presente e lançava selo personalizado e respectivo carimbo postal-filatélico comemorativo reproduzindo o antigo e histórico edifício do Mosteiro de Santa Clara, demolido no início da década de 1960.

Sorocaba recebe o Núncio Apostólico



O núncio Dom Lorenzo Baldisseri passou por Sorocaba em 2010 e foi recebido com honras como representante papal na Catedral.

Mesmo se vinha a convite da vizinha Diocese de Itapeva, em dezembro de 2010 a Arquidiocese de Sorocaba teve a honra de uma vez mais, acolher a presença de um núncio apostólico no Brasil, então Dom Lorenzo Baldisseri, hoje cardeal e secretário-geral emérito da Sagrada Congregação Pontifícia para os Bispos, do Colégio Cardinalício e do Sínodo dos Bispos. A última visita de um representante papal a Sorocaba tinha ocorrido em 1977, quando o então núncio apostólico Dom Cármine Rocco, também de origem italiana, estivera na cidade no dia 15 de agosto, na Feste da Padroeira, Nossa Senhora da Ponte, para presidir como sagrante principal a missa em que o até então pároco da Catedral, Monsenhor Antônio Maria Mucciolo, recebeu sua ordenação episcopal, nomeado pelo Papa São Paulo VI como bispo diocesano de Barretos – depois de mais de uma década transferido para a Arquidiocese Botucatu como metropolita.

No dia 15 de dezembro, pela manhã Dom Lorenzo Baldisseri esteve na vizinha cidade de Araçoiaba da Serra, conhecendo as instalações e presidindo a celebração de missa solene para a sa-

gração do altar da capela do Seminário Menor "São João Maria Vianney"[40], construído no bairro Jardim Nossa Senhora da Salete, à rua Daniel Vieira Rodrigues, 655, pela Diocese de Itapeva, que tem seus vocacionados ao sacerdócio estudando Filosofia junto à Uniso e os seminaristas teólogos frequentando o Instituto Superior de Teologia 'João Paulo II', também em Sorocaba. Na realidade, o bispo de Itapeva, Dom José Moreira de Melo, convidara o Sr. Núncio para presidir as cerimônias inaugurais do Seminário, que aconteceram no sábado seguinte, dia 18; porém, não conseguindo conciliar sua agenda, optou por vir alguns dias antes conhecer o local e abençoá-lo em nome do papa Bento XVI.

No final da tarde, Dom Lorenzo Baldisseri veio a Sorocaba, presidindo missa às 18h15, na igreja da Catedral Metropolitana, após calorosa recepção junto às escadarias da Sé, acolhido por Dom Eduardo Benes, sacerdotes da cidade, autoridades e fiéis. Do prefeito Vitor Lippi, recebeu o representante papal, igualmente decano do Corpo Diplomático credenciado junto ao Governo Brasileiro, em sinal de gratidão e homenagem da comunidade sorocabana, o brasão do Município em bronze. "Nós, cristãos, devemos sempre ser testemunhas de esperança para a sociedade de hoje, esperança que não é só nossa, mas deve ser levada para toda a Humanidade", destacou o núncio Dom Lorenzo Baldisseri em sua homilia durante a Celebração Eucarística, após Dom Eduardo Benes, ao historiar em breves palavras a realidade social e eclesial de Sorocaba, reafirmar a alegria da Arquidiocese de recebê-lo e renovar, assim, sua comunhão com a

[40] A área onde a Diocese de Itapeva construiu seu Seminário Menor 'São João Maria Vianny', no bairro Jardim Nossa Senhora da Salete, em Araçoiaba da Serra, pertencia ao padre João Carlos Alampe, à época vigário-geral da Arquidiocese de Sorocaba, mas originário do clero secular da Diocese de Itapeva, à época de Dom Sílvio Maria Dario e Dom José Lambert, e benemeritamente a doou para a empreitada.

cátedra de Pedro: "Estamos hoje, Eminência, empenhados em seguir as diretrizes emanadas do Documento de Aparecida, transformando nossas comunidades em paróquias cada vez mais missionárias".

Caminhada pastoral que segue...



Contato fraterno de Dom Eduardo, acompanhado por Padre Tadeu Rocha, com 'moradores de rua' durante visita pastoral à Paróquia da Catedral.

Outro traço marcante da caminhada de Dom Eduardo Benes pela Arquidiocese foi uma marca pessoal na realização de visitas pastorais, acrescentando a elas, sempre que possível, o estar com grupos e instituições da sociedade civil de fora do âmbito paroquial. Foi assim, por exemplo, em dezembro de 2010, ao encerrar pela Paróquia

da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, seu primeiro ciclo de visitas pelas então 51 paróquias espalhadas por Sorocaba e pelos outros dez municípios integrantes do território eclesiástico arquidiocesano. Acompanhado do pároco, padre Tadeu Rocha Moraes, caminhou pela praça Coronel Fernando Prestes e boa parte das ruas do Centro, de um lado conversando e acolhendo moradores de rua e demais pessoas em situação de vulnerabilidade social que, cotidianamente, perambulam pela área sem destino e, inclusive, são todas as noites socorridas pelas pastorais sociais da Catedral com substancioso lanche, isso há mais de duas décadas pelo menos, e, de outro, visitando e mantendo contato com comerciantes e funcionários das lojas. Teve ainda um encontro ecumênico com lideranças da histórica Igreja Presbiteriana da rua Santa Clara, conheceu os meios de comunicação, foi ao Hospital Samaritano e visitou em suas casas muitas pessoas idosas e/ou enfermas que sempre frequentaram a Sé.

Semanas antes, também na Paróquia de São Lucas, do bairro do Vergueiro, interessante e proveitoso debate instaurou-se por horas, à noite, entre o Arcebispo, estudantes e professores da Faculdade de Direito de Sorocaba (Fadi), abordando temas, na maioria das vezes polêmicos e conflitantes, nas áreas da moral católica, vida eclesial, economia e política, sempre à luz dos princípios cristãos. Ao visitar o Hospital do Câncer Infantil 'Sarina Rolim Caracante', mantido pelo GPACI (Grupo de Pesquisa e Assistência ao Câncer Infantil), sempre em companhia do pároco de São Lucas, padre Osman Procópio da Silva, CR, hoje em Roma como um dos conselheiros do governo central da Ordem dos Clérigos Regulares (Padres Teatinos), uma inesperada alegria para Dom Eduardo, com a informação transmitida solenemente a ele pela presidente do GPACI, Maria Lúcia Neiva de Lima, e pelo diretor clínico do Hospital, o médico

Dr. Fábio Bernardes, de que a Capela em fase final de implantação em seu centro cirúrgico teria como patrona a Beata Chiara Luce Badano[41], beatificada naqueles dias em Roma. Dom Eduardo tinha tido contato com o exemplo de santidade de vida da nova Beata, jovem italiana de 19 anos que falecera vítima de câncer em 1990, durante a gravação de algumas entrevistas sobre ela para seu programa na TV Canção Nova com alguns jovens brasileiros que codividiam com Chiara Luce Badano a espiritualidade do Movimento Gen (Geração Nova)/Movimento dos Focolares, a ponto de passar, em praticamente todas as celebrações de Crisma que realizava dali em diante, apresentar entusiasmadamente sua figura como modelo para jovens e adolescentes a caminho da santidade. Logo também teve a oportunidade de passar a presentear cada um dos crismando com o livro "25 minutos: a vida de Chiara Luce Badano", do escritor e crítico musical italiano Franz Coriasco, amigo pessoal da jovem Beata, editado

[41] Nasceu em 29 de outubro de 1971, em Sassello, pequena cidade nos Apeninos. Era a única filha de Rogero Badano, caminhoneiro, e de Maria Teresa Caviglia, operária, casados há 11 anos sem conseguirem ter filhos. O pai pediu a Nossa Senhora da Rocha a graça da paternidade e viu o seu pedido atendido. A mãe testemunhava que "mesmo com essa alegria imensa compreenderam logo que ela não era somente sua filha, mas que era antes de tudo filha de Deus". Chiara revelou-se uma criança inteligente, viva, desportiva e muito comunicativa. Era conciliadora, mas não abdicava de defender as suas ideias. Aos 9 anos, participa de um encontro das 'Gen 3', do Movimento dos Focolares. Aí conhece o ideal da Unidade e o Evangelho passa a ser algo dinâmico na sua vida. Mas um dia, aos 17 anos, ao jogar tênis sente uma dor aguda no ombro. Inicialmente nem ela, nem os médicos dão grande importância. As dores, contudo, continuam e são necessários exames mais profundos. O diagnóstico é devastador: sarcoma osteogénico com metástase, um dos tipos mais graves e dolorosos de tumor. Os tratamentos começam e, durante eles, o altruísmo de Chiara chama a atenção. Sai da cama para ajudar uns e outros. Certo dia, foi uma toxicodependente deprimida que a fez saltar do leito, apesar das intensas dores. Enfrenta depois duas operações. A quimioterapia provoca a queda do cabelo, o que a faz sofrer bastante. Perante cada etapa do sofrimento, vai repetindo: – "Por ti, Jesus!". Ao longo da doença, nunca se revolta. Passa a aceitar todos os padecimentos, dizendo a Jesus: "Se tu o queres, eu também o quero, Jesus!".

no Brasil pela Cidade Nova, com patrocínio da AIS ('Ajuda à Igreja que Sofre'), quando da realização no Rio de Janeiro da Jornada Mundial da Juventude, com a presença do Papa Francisco.



Milhares de jovens acorreram à praça da Catedral para a recepção à Cruz e ao ícone de Nossa Senhora que anunciavam a Jornada Mundial da Juventude em 2013, no Rio.

Cite-se, aliás, que milhares de jovens da cidade e da região acorreram à praça Cel. Fernando Prestes na tarde do domingo, 2 de outubro de 2011, para acolhidos pela jovialidade e contagiante alegria de seu Arcebispo recepcionar a Cruz e o ícone de Nossa Senhora, símbolos da Jornada Mundial da Juventude, que teria sua nova edição realizada no Brasil, na 'Cidade Maravilhosa', com a presença do Sumo Pontífice, no final de julho de 2013 – era ainda Pontífice reinante, nesta ocasião, Bento XVI, que renunciaria em fevereiro de 2013 -, e que já peregrinava por todas as dioceses do País, convocando os jovens a ela aderirem. Sorocaba, por sinal, foi uma das primeiras a acolher os símbolos da JMJ, procedentes de Madri, Espanha, onde havia sido realizada a Jornada Mundial da Juventude anterior, no final de agosto. Acolhidos inicialmente em São Paulo, passaram, em seguida, pela

Diocese de Osasco, para depois rumarem a Sorocaba. Em 2013, o ano da Jornada Mundial da Juventude no Rio, significativa a presença também de 12 jovens na cerimônia do Lavapés, durante a Missa da Ceia do Senhor, na noite da Quinta-feira Santa, na Catedral Metropolitana, em consonância com o tema da Campanha da Fraternidade daquele ano, 'Fraternidade e Juventude', igualmente preparatória à Jornada no Rio.

Por outro lado, acompanhado de um grupo de padres, Dom Eduardo Benes viajou à Guatemala, na América Central, para participar, entre 28 de novembro e 2 de dezembro de 2011, do VI Congresso Internacional do Sine (Sistema Integrado da Nova Evangelização), no ano de seu trigésimo aniversário a serviço da evangelização intercontinental. Estiveram com ele na Cidade da Guatemala os padres Manoel César de Camargo Júnior, Wagner Lopes Ruivo, José Luiz de Moraes (padre Giba) e Almir Scomparim, explicando o arcebispo que, entre os objetivos do Congresso, estavam buscar, a partir do tema 'Igreja Discípula-Missionária porque acolhe a Palavra' e do lema 'Opor tua palavra lançarei as redes' (Lc. 5,5), a unificação da ação da Igreja Continental em todo o essência da missão e da pastoral; tomar-se consciência do valor intrínseco e importância da (arqui)diocese na sua Comunhão e Missão e, como fruto do Sínodo da Palavra realizado em Roma no ano anterior, atendendo a convocação do papa Bento XVI e mirando a próxima realização do Sínodo da Nova Evangelização, então convocado pelo Santo Padre para o final de 2012, buscar-se a partir do Sine levar as Igrejas Particulares a estarem a serviço do Reino em efetiva comunhão com toda a Igreja, "respondendo, assim, às exigências que a eclesialidade apresenta hoje".

Na sequência, no dia 7 de dezembro de 2011, a convite de Dom Eduardo veio a Sorocaba Dom frei Leonardo Ultrich Steiner, OFM, então secretário-geral da CNBB e bispo-auxiliar da Arquidiocese

de Brasília e hoje cardeal-arcebispo de Manaus (AM), para apresentar ao Presbitério da Arquidiocese, reunido para seu encontro anual de avaliação e planejamento no Seminário Filosófico 'São Carlos Borromeu', no bairro de Aparecidinha, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil/2011-2015, documento este que fora aprovado pelo Episcopado brasileiro durante sua última Assembleia Geral, realizada no primeiro semestres junto ao Santuário Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba. "Vivemos uma mudança de época, apregoando-se o fim do Cristianismo, onde Deus não é mais visto pelo mundo, ou seja, onde Deus está ausente, não porque Deus não se mostra mais, mas porque tem sido esta a postura do mundo. Assim, surge, então, a necessidade de se dar ao mundo sem referência uma referência nova que é Jesus Cristo, passando-se a enxergar o mundo a partir de Jesus Cristo, resgatando a visão cristã da Humanidade', asseverava aos padres sorocabanos, na oportunidade, Dom Leonardo Steiner.

No ano seguinte, entre os dias 5 e 8 de março de 2012, esteve em Sorocaba também o bispo da Prelazia de Marajó, no extremo norte do País, o agostiniano recoleto Dom Frei José Luís Azcona Hermoso, OAR, convidado para pregar o retiro espiritual anual do clero secular arquidiocesano local, realizado em casa de encontros e retiros situada na cidade de Jundiaí. O enfoque de Dom José Luís Azcona foram as diretrizes gerais de evangelização para a Igreja do Brasil, lançadas naquele período pela CNBB, à luz de experiências místicas.

Capela da Beata Chiara Luce, primazia mundial

"Fico até um pouco constrangido diante de Deus, mas peço que muitas curas de crianças com câncer possam ser operadas neste Hospital por intercessão da Beata Chiara Luce Badano, ela que morreu vitimada por um câncer terrível aos 18 anos de idade", afirmou o arcebispo metropolitano Dom Eduardo Benes ao presidir a tradicional Missa de Natal que é celebrada anualmente às vésperas da data magna da Cristandade no GPACI (Grupo de Pesquisa e Assistência ao Câncer Infantil), a 22 de dezembro de 2011. Este ano, contudo, revestida de uma motivação mais do que especial, marcando também a inauguração e bênção de sua Capela, dedicada justamente à Beata Chiara Luce, protetora das crianças e adolescentes com câncer, e onde o Santíssimo Sacramento, a partir de então, também permanece presente, dia e noite, para adoração, veneração e orações. Dali, como acrescentou ainda Dom Eduardo durante a celebração natalina, "esperamos que saiam muitos milagres, que muitas crianças e adolescentes sejam curadas de males do câncer", contribuindo para a futura canonização pela Igreja da Beata Chiara Luce. "Quem sabe daqui não saia o milagre que a Igreja precisa para confirmar a canonização de Chiara Luce, muito embora todos nós já tenhamos plena convicção de sua santidade de vida", aduziu ainda.

Concelebrava com o arcebispo o padre Flávio Jorge Miguel Júnior, reitor do Santuário de São Judas Tadeu, que fez a proclamação do Evangelho, recordando também, na ocasião, que fora ele que seis anos antes havia procedido a entronização junto ao GPACI dos quadros do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, embrião da futura Capela, sonho acalentado durante algum tempo por diretores, corpo clínico, funcionários, voluntários, assistidos e funcionários, e ao final da celebração acompanhou piedosamente Dom Eduardo na procissão que conduziu o Santíssimo Sacramento até o Sacrário da

nova Capela, localizado ao lado da UTI (Unidade de Terapia Intensiva), dando-a, assim, por canonicamente erigida, dentro do território afeto à Paróquia de São Lucas, do Vergueiro. Um grupo dos e das gen, expressão juvenil do Focolares, veio especialmente da Mariápolis Ginetta, a cidadezinha testemunho e sede nacional do Movimento no Brasil, localizada em Vargem Grande Paulista (pouco adiante da cidade de São Roque pela Rodovia Raposo Tavares), para acompanhar a cerimônia, inclusive ao final entoando a "Canção para Chiara Luce", tradução da música executada em Roma a 25 de setembro do ano anterior, por ocasião da beatificação, menos de 20 anos após a morte da jovem, ao ser reconhecida pela Igreja, após todas as etapas processuais conduzidas pela Sagrada Congregação Pontifícia para a Causa dos Santos, o milagre da cura de um jovem desenganado pela Medicina que também sofria de um terrível câncer, por intercessão da então Serva de Deus.

Na Capela, uma frase da Beata estampada junto à tela reproduzindo seu sorriso cativante, de autoria da artista plástica sorocabana Valquíria Martins, sintetiza a importância transcendental da proteção de Chiara Luce Badano ao Hospital do Câncer Infantil de Sorocaba: "Por ti, Jesus; se queres (o sofrimento, a dor), eu também quero!". Na mesma semana, em Roma, reportagem estampada pelo 'Avvenire', diário de inspiração católica publicado sob orientação da Conferência Episcopal Italiana, destacava a primazia mundial da Arquidiocese de Sorocaba, no Brasil, na edificação de um local de orações em honra da Beata Chiara Lucce Badano – depois vieram outros, O principal deles em Sironi, Índia, sagrado em 2015 por Dom Anthony Chirayath, bispo siro malabar de Sagar, que como Dom Eduardo Benes ficou maravilhado ao conhecer a história da Beata - este durante viagem à Itália, destacando-a como "um exemplo e uma inspiração para os estudantes", decidindo, então, alentar sua veneração em sua Diocese.

‘Doutor honoris causa’ e a defesa da fé e da moral



‘Doutor Honoris Causa’, título concedido pela Universidade de Sorocaba (Uniso) e entregue em sessão magna a 5 de maio de 2012, pelo reitor, professor Dr. Fernando de Sá Del Fiol, acompanhado de professores e funcionária da instituitção.

Já em 2012, em sua ‘Cidade Universitária’, na Rodovia Raposo Tavares, a Universidade de Sorocaba realizava sessão magna na manhã do sábado, 5 de maio, para outorgar a Dom Eduardo Benes, como arcebispo também presidente da Fundação Dom Aguirre, sua mantenedora, o título de ‘Doutor Honoris Causa’, a mais alta condecoração outorgada pelas universidades a personalidades eminentes que contribuem para com o fortalecimento da Educação e/ou de outras áreas correlatas e também de um país, em vista justamente de sua atuação durante todos os anos precedentes em que já estava em Sorocaba em prol do desenvolvimento sempre crescente da instituição e do inserimento da mensagem cristã no mundo universitário, a ponto de a própria CNBB, em reconhecimento a todos esses seus esforços, igualmente logo indicá-lo como bispo referencial a nível nacional da Pastoral Universitária no Brasil - bem mais tarde, já arcebispo emérito há alguns anos, o Conselho Superior da Fundação Dom Aguirre,

por unanimidade, denominaria o Bloco F da 'Cidade Universitária' com o nome de Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, com a cerimônia de descerramento da placa denominativa, com sua presença, ocorrendo a 21 de novembro de 2023.

O ato de entrega do título de 'Doutor Honoris Causa' em 2012 foi presidido pelo reitor, professor Dr. Fernando de Sá Del Fiol, com saudação a cargo do reitor emérito Aldo Vannucchi. "Este título eu o recebo com a mais profunda humildade, consciente de que, antes de mim, o empenho dos presidentes da Fundação Dom Aguirre que me precederam, coadjuvados por seus colaboradores, têm méritos maiores em sua história", asseverou Dom Eduardo, destacando particularmente a ação de seu predecessor mais imediato, Dom José Lambert, e seus colaboradores, "corresponsáveis na implantação deste magnífico câmpus ('Cidade Universitária') e por tantas outras iniciativas tomadas pela Fundação no sentido de promover a Educação em Sorocaba".

'Doutor Honoris Causa', Dom Eduardo Benes, por outro lado, não se intimidou em sair em defesa da vida logo em agosto do mesmo ano, quando de rumoroso caso de um pai residente na Zona Norte da cidade que engravidara a própria filha adolescente mediante estupro, "uma verdadeira tragédia", como diria em nota oficial emitida através da Cúria Metropolitana, porém bradando, mesmo debaixo de não poucas críticas intolerantes e desrespeitosas, que "verdadeira tragédia igualmente a decisão de abortamento, mesmo se com o consentimento da Justiça e de acordo com a legislação penal brasileira". "Fere a sensibilidade ética da sociedade sorocabana. A vida humana começa no momento da concepção e, no quarto mês de gestação, o bebê já mede 9 centímetros. Aparenta uma miniatura humana, com pálpebras, nariz, boca e ouvidos completamente formados... É meu dever

de Arcebispo advertir que católicos que participem de processo que concretiza aborto cometem um pecado gravíssimo e ficam excluídos da comunhão eclesial, conforme o direito da Igreja: 'Quem provoca o aborto, seguindo-se o efeito, incorre em excomunhão latae sententia ', pelo próprio fato de cometer o delito", alertou, acrescentando: "Exorto ainda as pessoas que tenham contato com a família que se esforcem por todos os meios para apoiar a gestante e sua família, no sentido de se evitar o crime de aborto, que ceifa uma vida humana e deixa marcas negativas profundas na alma da gestante".

Em 2015, porém, um enorme desgosto e dissabor teve que enfrentar a Igreja Particular de Sorocaba e, em especial, seu Arcebispo, 'com profunda dor' como escreveria, com relação à existência em Votorantim, instalado na avenida Santo Antônio, no bairro da Barra Funda, do Mosteiro dos Filhos Misericordiosos da Cruz, de rito greco-melquita católico, fundado pelo arquimadria[42] Theodoro A.C. de Oliveira, sacerdote da Eparquia Nossa Senhora do Paraiso, em São Paulo, acolhido na Arquidiocese no final dos anos 90 pelo então arcebispo Dom José Lambert. A 30 de janeiro, a Cúria distribuía comunicado oficial em que Dom Eduardo Benes orientava os fiéis católicos, "que reconhecem no sucessor de Pedro, hoje o Papa Francisco, o sinal visível da Unidade da Igreja de Cristo", que o padre Theodoro A.C. de Oliveira acabara de "romper os laços de obediência ao Santo Padre e a seu bispo Dom Joseph Gebara, arcebispo (eparca) melquita católico para o Brasil, excluindo-se, assim, da comunhão católica". "A ruptura será consumada com sua ordenação episcopal, a ser realizada por um bispo anglicano no dia 9 de fevereiro, conforme convite oficial enviado aos católicos que vinham

[42] Arquimandrita é um título dado pelas Igrejas orientais, sejam elas ortodoxas ou católicas, aos hegúmenos, ou aos sacerdotes celibatários que sejam dignos de honra pelos serviços pastorais prestados. O equivalente latino, quando é dado para tais presbíteros celibatários, poderia ser o título de Monsenhor.

generosamente colaborando com o projeto 'Mosteiro Filhos Misericordiosos da Cruz". "Por se tratar de um ato público de ruptura para com a Igreja Católica, fica proibida a presença de católicos em tal celebração, bem como em todas as celebrações que de agora em diante forem presididas pelo arquimandrita Theodoro ou por qualquer ministro da Igreja Anglicana. Advertimos os católicos de que todos aqueles que o acompanharem em tal decisão estarão também abandonando a Igreja Católica na qual foram batizados e incorrem igualmente nas penas canônicas prescritas tanto pelo Código de Direito Canônico, como pelo Código de Cânones para as Igrejas Orientais Católicas", concluía o Comunicado.

Foi, aliás, com a mesma caridade pastoral, porém com determinação e severidade, a serviço da Verdade emanada do Evangelho, que Dom Eduardo ainda no mesmo ano, em junho, não deixou de se envolver ativamente em defesa da família e moral cristã dos sorocabanos nos polêmicos debates ideológicos que antecederam a aprovação pela Câmara de Vereadores do Plano Municipal de Educação. Foi em primeira pessoa, respaldado por lideranças eclesiais e leigas da Igreja em Sorocaba, ao Plenário do Legislativo, no Parque da Boa Vista, para tomar parte dos debates ali realizados durante a audiência pública convocada pelos vereadores para análise da proposta. Sofreu desafios e ouviu ofensas de parte de grupos antagônicos mais radicais na defesa de pautas mais avançadas, para não se dizer antiéticas e destruidoras dos mais básicos princípios de moralidade, contudo sua voz de Pastor ecoou alto na apresentação destemida de propostas defendendo, sobretudo, a estabilidade da família, como aquelas previstas no artigo 226 da Constituição Federal, destacando que, no Brasil, "para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre homem e mulher como entidade familiar básica". Dom Eduardo entendia que em si o projeto do Plano Municipal de Educação de Sorocaba, composto por

20 metas, tinha muitos pontos positivos, porém algumas das propostas iam frontalmente contra a moral cristã e a dignidade da família, principalmente através de uma educação sexual sem a devida preparação e até tendenciosa, "com algumas de suas intenções merecendo maior reflexão pelo fato de relativizarem a família e o matrimônio, assim como a tentativa de se adotar como normal e reta a manifestação da sexualidade das mais diferentes formas, deixando de lado a moral".

Registre-se ainda, por outro lado ainda sob estes aspectos teológicos, doutrinários e pastorais, que em meados de novembro de 2016 Dom Eduardo se viu na obrigação pastoral de emitir comunicado a toda a Arquidiocese em torno da presença, na cidade-sede e na região circunvizinha, de sacerdotes da Fraternidade 'São Pio X' e quanto à celebração de missas em latim conforme o rito tridentino em residências de famílias católicas. Didaticamente, no comunicado, procurava esclarecer os fiéis sobre a situação canônica irregular da Fraternidade Sacerdotal 'São Pio X', fundada pelo arcebispo francês cismático Marcel Lefèbvre, já falecido, de um lado e, de outro, que os papas João Paulo II e Bento XVI haviam autorizado o rito tridentino, também conhecido como rito de São Pio V, que em Sorocaba vinha, inclusive, sendo celebrada semanalmente na Paróquia de Santa Rosália, aos domingos à tarde, "de maneira muito digna e frutuosa". O problema maior da questão, porém, como alertava ainda Dom Eduardo, é que a celebração das 'missas em latim' "de forma alguma deve ser interpretada como aceitação das motivações que deram origem à Fraternidade Sacerdotal 'São Pio X' que, em nome da tradição, recusa as orientações do Concílio Vaticano II, inclusive ensejando críticas ao Papa Francisco". E alertava igualmente, tendo em vista informações de que, particularmente em Sorocaba, havia um grupo que se reunia e participava, em São Paulo, de encontros da Fraternidade, difundindo a rejeição ao Concílio e ao Magistério recente dos papas sobre sua aplicação, que "mesmo

tendo o papa Bento XVI retirado a excomunhão em que incorreram Dom Marcel Lefèbvre e os quatro bispos por ele ordenados sem mandato apostólico, os ministros da Fraternidade Sacerdotal 'São Pio X' não exercem de modo legítimo qualquer ministério na Igreja. Ou seja, seus integrantes continuam membros da Igreja Católica, mas em situação irregular. Assim, os católicos, em plena comunhão com o Papa, não podem legitimamente participar de suas celebrações e catequeses". Enumerava ainda o Arcebispo em seu comunicado algumas atitudes pastorais que entendia importantes para contornar a situação, inclusive propondo ser oportuno que mais uma ou duas paróquias também oferecessem aos fiéis a possibilidade da 'missa em latim', "depois de uma catequese adequada sobre o rito de São Poio V e sobre o Concílio Vaticano II, em especial sobre seu documento '*Sacrossanctum Concilium*' e sobre a reforma dos ritos litúrgicos por parte da autoridade de Igreja", e que "com caridade pastoral se procure esclarecer aqueles que estão participando da Fraternidade Sacerdotal que eles estão em estado de desobediência à Igreja, mostrando o valor do Concílio Vaticano II e que abusos cometidos em sua aplicação não invalidam seu rico conteúdo e seu significado para a vida da Igreja e sua missão".

'Ano da Fé' em 2012/2013; Ano Santo da Misericórdia em 2015/2016

Duas importantes Cartas Pastorais deixou Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues como testemunho perene da ação evangelizadora dentro da Arquidiocese de Sorocaba durante seu episcopado por aqui, traduzido em preciosos frutos de aprofundamento e conversão à vivência da fé e de encarnação da mensagem cristã nos mais diferentes setores de atuação da sociedade, da família à escola, do chão de fábrica à política, da cultura e dos meios de comunicação social ao mundo da saúde, do direito e da justiça às realidades sócio-econômicas.



A 11 de outubro de 2012, coincidindo com o cinquentenário da abertura do Vaticano II, Dom Eduardo Benes procede, na Sé, o acendimento do círio do Ano da Fé.

A primeira delas repercutia apelo do papa Bento XVI, motivando a realização também a nível arquidiocesano do Ano da Fé (2012/2013). Uma missa solene na Catedral Metropolitana no dia 11 de outubro de 2012, com o acendimento do Círio do Ano da Fé e, na sequência, de outros 50 círios menores para serem levados às demais paróquias do território arquidiocesano, foi seu marco inicial, como em todo o mundo, coincidindo com a passagem do cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II, em Roma, pelo Papa São João XXIII, e também do vigésimo aniversário do novo Catecismo da Igreja Católica, aprovado na mesma data, em 1992, pelo Papa São João Paulo II. 'Beatus qui crediť – Bem-aventurado aquele que crê' (Lc. 2, 46)" era o título dessa primeira Carta Pastoral de Dom Eduardo Benes à Igreja Particular de Sorocaba a propósito desse Ano da Fé, que iria até a Solenidade de Cristo Rei do Universo, a 24 de novembro do ano seguinte, já sob o pontificado do Papa Francisco.

"O Ano da Fé – deixava claro Dom Eduardo nessa sua Carta Pastoral – deve ser considerado um tempo de retomar todo o processo de iniciação à vida cristã, para dar maior consistência e coerência

de vida a todos os fiéis católicos". "É para nós um especial momento de graça, uma vez que estamos procurando assimilar as Diretrizes da Igreja no Brasil. Viveremos o Ano da Fé no esforço de concretizar em nossas comunidades a segunda urgência das Diretrizes... À luz do Concílio Vaticano II, tendo na Palavra de Deus e na Profissão de Fé a síntese das verdades reveladas, queremos na Catequese, na Liturgia e em outras formas de oração, renovas nossa vivência de fé e nossa adesão a Jesus Cristo, tornando mais perfeitamente a Igreja, tal como o Concílio Vaticano II no-la apresenta". "A Igreja vem insistindo, com veemência, na urgência de repropor o Evangelho – a Pessoa e o Mistério de Cristo – como resposta ao anseio de felicidade que habita o coração do ser humano. Como se exprime o Papa, queremos celebrar este Ano da Fé de forma digna e fecunda. Deverá intensificar-se a reflexão sobre a fé para ajudar a todos os crentes em Cristo a tornarem-se mais conscientes e revigorarem a sua adesão ao Evangelho, sobretudo num momento de profunda mudança como este que a Humanidade está a viver". Assim – também são palavras do Arcebispo na 'Beatus qui credit' -, "desejamos que este Ano suscite em cada crente o anseio de confessar a fé plenamente e com renovada convicção, com confiança e esperança. Será uma ocasião propícia também para intensificar a celebração da fé, particularmente na Eucaristia, que é a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força...".

Ao lado de toda uma série de eventos e celebrações, assim como momentos de estudos teológicos em vista da propagação da fé em todas as paróquias, outro ponto marcante deste Ano da Fé na Arquidiocese, aliás também seguindo as recomendações de Bento XVI, foi o aprofundamento do Símbolo Niceno-Constantinopolitano, com esta Profissão de Fé católica mais completa sendo recitada em todas as missas, para que os artigos de fé contidos neste Credo

fossem mais e melhor assimilados por cada um. Inclusive, folhetos passaram a ser distribuídos mensalmente nas igrejas, trazendo a cada trinta dias o aprofundamento teológico de cada uma dessas Verdades de Fé, em linguagem acessível a todos. Foram doze folders no total.

Igualmente o Ano da Fé serviu para que a Igreja Particular de Sorocaba realizasse o seu Sínodo da Catequese. Foi quase um ano de trabalho, com o envolvimento de lideranças leigas e eclesiásticas na elaboração de um documento que norteasse a caminhada evangelizadora e missionária da Arquidiocese, às portas de celebrar em 2014 seus noventa anos de criação e o centenário em 2024. No domingo, 6 de outubro, com a participação de padres, religiosas e mais de 1.100 agentes de pastoral representando as 56 paróquias e os movimentos eclesiais e pastorais da Arquidiocese, o arcebispo Dom Eduardo Benes presidiu a sessão de encerramento desse Sínodo da Catequese, promulgando o Documento Final, que traçava importantes diretrizes para o método catequético e pastoral da Igreja em Sorocaba. "Agradeço a Deus por ter tido a oportunidade de servi-lo como secretário deste belo Sínodo que entra na história de nossa Arquidiocese. Não tenho dúvida de que todo processo sinodal foi obra do Espírito Santo, que age quando renunciamos às nossas vontades e deixamos que ele faça o que deseja para a sua Igreja", afirmou quando da apresentação do Documento Sinodal impresso em 42 páginas o padre Flávio Jorge Miguel Júnior, tendo a seu lado o padre José Edmilson Santos Silva, que fez um relato pormenorizado sobre o que foi o Sínodo; padre Julio César Fernandes, que buscou apresentar pistas para a implantação pastoral do Documento em todas as paróquias, e o padre Manoel César de Camargo Júnior, então coordenador arquidiocesano de Pastoral e hoje vigário-geral da Arquidiocese. "Diante deste quadro – escreveu também Dom Eduardo na apresentação do

Documento Sinodal -, as pistas aqui apresentadas são fruto do trabalho de muita gente de boa vontade, mas principalmente das inspirações dadas pelo Espírito Santo, que nos conduziu com sua unção e graça. Por isso, seja Deus louvado".



Catedral no Ano do Jubileu Extraordinário da Misericórdia na Solenidade da Imaculada Conceição, em 2015. "Abram-me as portas da justiça; entrando por ela louvarei o Senhor", proclamou por três vezes o Arcebispo, ao abrir a 'porta santa' da Catedral.

Por outro lado, a 29 de outubro de 2015, fazendo eco, agora, às exortações e apelos do Papa Francisco, Dom Eduardo entregava uma segunda Carta Pastoral a seus arquidiocesanos, acerca da celebração do Ano Jubilar da Misericórdia. Fora convocado pelo Papa a 13 de março, ao anunciar a decisão de propor "um Jubileu Extraordinário que tenha o seu centro na Misericórdia de Deus. Será um Ano Santo da Misericórdia". "O Papa Francisco quer, assim, que toda a Igreja celebre os 50 anos da conclusão do Concílio Vaticano II na contemplação do mistério da misericórdia, relembrando as palavras do papa João XXIII em sua abertura: 'Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que a severidade. A Igreja

Católica, levantando por meio deste Concilio Ecumênico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos de separados'. E nos ensina que o mistério de amor da Trindade Santa se revela a nós como misericórdia: 'Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é que se encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados sempre, apesar da limitação do nosso pecado", escreveu o Arcebispo.

O Ano Santo da Misericórdia começou na Solenidade da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, a 8 de dezembro, em Sorocaba ao meio-dia, coincidindo com a abertura pelo Papa Francisco da 'porta santa'[43] da Basílica de São Pedro, em Roma. Na Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Ponte, foi aberta também, na ocasião, uma das quatro 'portas santas' estabelecidas para nossa Igreja Particular pelo Arcebispo. "Abram-me as portas da justiça; entrando por ela louvarei o Senhor", proclamou solenemente por três vezes o Arcebispo, tocando a porta cerrada da Sé com um martelo. "Abri as portas da justiça. Nela entraremos para dar graças ao Senhor", prosseguiu ele, abrindo então a pesada porta, acrescentando ainda: "Esta é a porta do Senhor. Por ela entramos para alcançar misericórdia e perdão". Aberta a 'porta santa' por completo, entoou-se o 'Te Deum'

[43] A 'Porta Santa' é um eminente símbolo cristológico, isto é, a 'Porta da Misericórdia'. Afirma Nosso Senhor: "Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem" (Jo 10,7.9). Com as palavras do Salmo 118, ao abrir uma 'Porta Santa', o Papa ou o Bispo invocava essa abertura lembrando a porta do coração misericordioso de Deus, aberto no lado perfurado de Cristo na Cruz (Jo 19,34).

e, atravessando-a, o Arcebispo, sacerdote e fieis adentram à igreja, para a missa da Imaculada. As outras foram sendo abertas solenemente nas semanas seguintes, no Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida, no bairro de Aparecidinha; no Santuário de São Judas Tadeu, no bairro do Central Parque, coincidindo aqui com a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, a 1º de janeiro de 2016, e na igreja matriz de São Roque, na cidade de Boituva.

Durante todo o período, uma série de iniciativas litúrgico-pastorais foram sendo realizadas junto às quatro 'portas santas', precedidas de oportunas catequeses nas paróquias, comunidades e grupos eclesiais em torno da significação dessas peregrinações às 'portas santas' no Ano Santo Extraordinário da Misericórdia. Para receber as Indulgências Plenárias ao passar-se penitencialmente por uma 'Porta Santa' canônica e legitimamente erigida pelo Sr. Arcebispo, foram estabelecidas pela Penitenciária Apostólica da Santa Sé, como condições inalienáveis, a confissão sacramental, participação na missa e recitação das orações prescritas pelas intenções do Papa (Credo, Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória). Encerrou-se esse 'Ano Santo Extraordinário da Misericórdia' na Solenidade de Cristo, Rei do Universo, no final de novembro de 2016, com o fechamento das 'portas santas'.

Por outro lado, fruto preciosíssimo desse 'Ano da Misericórdia' dentro da Arquidiocese foi a opção da Igreja local, em aderindo à proposta do Papa Francisco de que cada diocese abraçasse também uma ação concreta de misericórdia para ajudar os menos favorecidos, de assumir a responsabilidade pela gestão da Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba[44], até então envolta em sérios problemas financeiros e administrativos.

[44] A presença da Igreja de Sorocaba na gestão da Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba merece relato à parte. Ver o Apêndice VII.

Novos jubileus em 2014 a caminho do Centenário



Missa solene na Catedral em 4 de julho de 2014, abrindo a Década do Centenário da Arquidiocese.

Em 2014, a Arquidiocese viveu novo período extraordinário de graças, com o estabelecimento de algumas celebrações especiais entre julho e dezembro para marcar, pelo menos, três gratos jubileus e acentuar, ainda mais, as características evangelizadoras e missionárias da Igreja Particular de Sorocaba, ao mesmo tempo em que se sinalizava o início da caminhada rumo ao centenário de criação da (Arqui)Diocese em 2024. A abertura desse novo ciclo de celebrações ocorreu, assim, no domingo 6 de julho, com a celebração de missa solene na Catedral Metropolitana, em ação de graças pela passagem dos 90 anos desta Igreja Particular e nomeação de seu primeiro bispo, Dom José Carlos de Aguirre, ocorridos dois dias antes (fugindo-se da data histórica para facilitar a participação dos arquidiocesanos de um modo mais amplo). Concomitantemente, o jornal 'Terceiro Milênio', que era editado mensalmente pela Arquidiocese, passava a publicar acenos importantes à história da Igreja em Sorocaba, divididos em sete fascículos encartados nas edições de junho a dezembro; um dvd

preparado pela Comissão de Comunicação dos 90 anos da Arquidiocese, liderada pelo padre Wagner Lopes Ruivo, da Paróquia de São José Operário, de Vila Progresso, em forma de documentário, igualmente com a síntese da história da Igreja em Sorocaba, foi também lançado na ocasião, produção do jornalista Vanderlei Testa e locução do professor Fernando Negrão Duarte, coordenador dos estúdios de rádio e tv da Uniso. Iniciava-se também a habitual peregrinação da imagem '*fac-simile*' de Nossa Senhora da Ponte por todas as paróquias da Arquidiocese, antecedendo a data de sua comemoração litúrgica na Solenidade da Assunção de Maria Santíssima. O dia da Padroeira da Catedral, da Cidade e da Arquidiocese, a 15 de agosto, também nesse ano foi ainda mais solenizado em vista das celebrações jubilares; a 4 de novembro, celebrou-se com júbilo a passagem do 75º aniversário de inauguração do Seminário Diocesano 'São Carlos Borromeu' e, no dia 8 seguinte, a Arquidiocese seguiu em memorável peregrinação à Basílica Nacional de Aparecida, onde Dom Eduardo presidiu, ao lado do seu Presbitério, Celebração Eucarística de ação de graças.

Fechando o ciclo, a 13 de dezembro, um sábado, muitos bispos, padres, religiosas, familiares, amigos e arquidiocesanos reuniram-se na Catedral Metropolitana em torno do arcebispo Dom Eduardo Benes, num grande cântico de ação de graças pela passagem de seu cinquentenário de ordenação sacerdotal, ocorrida nesta data em 1964, na Catedral de Juiz de Fora. A celebração, transmitida ao vivo para todo o Brasil, também marcou a chegada do sinal digital da Rede Vida de Televisão para Sorocaba e região. A homilia gratulatória esteve a cargo de Dom Darci José Nicioli, redentorista, então bispo-auxiliar da Arquidiocese de Aparecida e, atualmente, arcebispo metropolitano de Adamantina (MG). Veio representando seu arcebispo, o cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis, também na

época presidente da CNBB, amigo de Dom Eduardo desde os tempos de Seminário, à última hora impossibilitado de comparecer, por convite recebido do Papa Francisco para estar em Roma naquele período, para concelebrar com ele e outros cardeais do continente missa em honra de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do México e da América Latina, no dia anterior, 12 de dezembro, mas que em carta de que fez Dom Darci portador resgatou fatos da época em que foram colegas no Seminário Maior 'São José', em Mariana, como o de que "Eduardo sempre foi um bom aluno de Filosofia e um bom esportista...". Dom Eduardo agradeceu ao final, utilizando-se da mesma mensagem que preparara para o livreto especial impresso com a liturgia da missa jubilar e muitas fotos para ser guardado como recordação do Arcebispo: "Repito com carinho as palavras que escrevi para este livreto como meus sinceros agradecimentos. Neste dia especial, digo obrigado Senhor Jesus, que revelas aos pequeninos e humildes o mistério do Pai e me ensinastes, desde minha infância, que és manso e humilde e que estar contigo torna leve o fardo da existência. Obrigado pela família em que nasci e cresci e pela presença de meus irmãos e parentes nesta festa de ação de graças. Obrigado, Igreja de Sorocaba, pela fé que te faz reconhecer em mim, um pecador para quem o Senhor olhou com misericórdia e escolheu, o sinal de Cristo, tua Cabeça, teu pastor e teu esposo. Tua fé, Igreja de Sorocaba, fortalece e confirma a consciência da missão de que estou investido pelo próprio Cristo para servir-te, a ti, Corpo, Rebanho e Esposa de Cristo, por quem Ele deu a vida. Obrigado, Maria Santíssima, Nossa Senhora da Ponte, mãe dos homens e Aparecida, porque acompanhas esta Igreja desde suas remotas origens e cuidas que não falte o vinho bom do Espírito Santo, que nos enche de alegria e nos sustenta na missão".

'*Amoris Laetitia*', a alegria do Amor

Seguindo a caminhada pastoral de Dom Eduardo Benes pela Arquidiocese, outro destaque foi a manhã do feriado dedicado a Tiradentes, a 21 de abril de 2016, quando o Arcebispo presidiu importante momento para o lançamento a nível local, por recomendação da Santa Sé, do texto do Papa Francisco que constituía a exortação apostólica pós-sinodal '*Amoris Laetitia*' – 'A Alegria do Amor'. Preparado em forma de simpósio pela Coordenação Arquidiocesana da Pastoral Familiar no salão de festas (antiga Matriz) da Paróquia de Santa Rita de Cássia, em Vila Santana, serviu ele para um primeiro contato das lideranças eclesiais da cidade e da região com esse verdadeiro tratado pontifício sobre o amor na Família, fruto dos Sínodos Extraordinários dos Bispos realizados em Roma em 2014 e 2015, para abordar questões relacionadas à família, "tão ameaçada nos últimos tempos por ideologias vãs e desagregadoras", como asseverou Dom Eduardo ao apresentar didaticamente o documento, composto de nove capítulos.

Aos 75 anos, à espera do sucessor

A data de 25 de junho de 2016, como ele próprio reconhecera na ocasião ao presidir celebração de missa de ação de graças logo pela manhã daquele sábado, ao lado de seu Presbitério, na Capela de São Carlos Borromeu, no Seminário Arquidiocesano do bairro de Aparecidinha, seria mais um dia mais ou menos comum na vida do Arcebispo, não estivesse Dom Eduardo comemorando, ao lado de seus padres, a passagem de seu 75º aniversário natalício. Não fosse também, como acrescentava, a obrigação canônica de, como arcebispo metropolitano de Sorocaba, apresentar à Santa Sé seu pedido de renúncia. "O fato de entregar o pastoreio da Arquidiocese ao Papa

traz, aos 75 anos, um significado de passagem e de entrada em nova etapa da vida e missão", reconhecia ainda Dom Eduardo, acrescentando que, de fato, de um lado vive-se o alívio em relação ao peso da responsabilidade, com muitas implicações de pastorear uma Igreja Particular e, de outro, a consciência das limitações que a idade coloca para a aspiração de realizar tarefas maiores e socialmente mais significativas. "A experiência do 'alívio' libera o espírito para o exercício do ministério pela oração e pela disposição de servir de acordo com as inspirações do Espírito de Deus, anunciando o Evangelho lá onde se fizer necessário. A missão continua de outra forma na 'alegria do Evangelho'. As limitações progressivas do avanço dos anos, com o auxílio da graça, assim espero, se tornarão ocasião de colocar exclusivamente em Deus a esperança, aceitando pacientemente o desgaste biofísico, sempre lembrado pelas palavras do Apóstolo Paulo: 'Por isso, não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para a dissolução, o homem interior se renova a cada dia' (1Cor 4,16-18)", filosofou também, informando, inclusive, já ter escrito ao Papa Francisco, colocando à disposição da Santa Sé o cargo de arcebispo de Sorocaba, sem, contudo, exercer a prerrogativa deixada em aberto pela Igreja de cada bispo resignatário propor nomes para a sua sucessão: "...quando escrevi à Santa Sé, descrevendo a Arquidiocese de Sorocaba, não indiquei nomes para me substituir. Tendo descrito o perfil sociocultural da Arquidiocese, assim conclui: 'Tudo isso pede de nós, bispos, uma boa cultura teológica, com capacidade de discernimento dos apelos do Espírito vindos da realidade sociocultural. Uma boa capacidade de diálogo com as pessoas que vivem mais intensamente a experiência da secularização, de modo a promover a organização do laicato por áreas profissionais, com um Conselho de Leigos focado nessa perspectiva, e também uma boa capacidade de dinamizar e de motivar – penso eu, sobretudo,

no clero – para implantar, de fato, um processo de evangelização e de conversão pastoral que torne as paróquias mais missionárias. E também uma boa capacidade administrativa – também dos bens temporais -, que torne a Arquidiocese independente de alguns aluguéis, às vezes incertos, fazendo do dízimo a fonte suficiente de sua manutenção. Penso, enfim, que o novo Arcebispo deverá ser mais jovem, menos de 60 anos de idade. Essas qualidades em um coração de Pastor, acompanhadas de perseverança e paciência, farão um imenso bem à Igreja de Sorocaba". "E, como de praxe, a Sé Apostólica confirmou o recebimento da correspondência pelo Papa, solicitando, porém, que eu aguardasse no cargo até a nomeação do sucessor".

Foi com emoção, assim, que Dom Eduardo Benes, no dia 4 de julho seguinte, também presidiu, na Catedral, a missa comemorativa ao 92º aniversário de criação da Diocese e de 24º aniversário de instalação da Arquidiocese, lembrando que certamente, no ano seguinte, não mais estaria à frente da Igreja Particular de Sorocaba, que ainda aproveitava a ocasião para o lançamento de uma oração especial pela sucessão episcopal a ser recitada em todas as missas de preceito nas igrejas paroquiais e capelas da Arquidiocese: "Senhor Jesus, vós que sois o Divino Esposo da vossa amada Igreja, socorrei-nos, povo fiel de Sorocaba, para que obtenhamos de vossa insondável misericórdia a graça de um Pastor segundo o vosso coração... Retribui a este zeloso Pastor de almas, Dom Eduardo, toda sua dedicação em favor do vosso Reino. E cuidai de seu coração para que em tudo esteja unido a vossa Santa Igreja...".

Um ano antes, registre-se aliás, chegara a circular pelos círculos eclesiásticos de Sorocaba a informação de que, a exemplo de procedimento que vinha sendo adotado pela Santa Sé desde a ascensão do Papa Francisco em outras dioceses e arquidioceses pelo mundo

afora às vésperas da data-limite de renúncia de seu titular por motivo de idade, também a Arquidiocese a qualquer momento poderia vir a receber a nomeação de um arcebispo coadjutor com direito à sucessão. Dom Eduardo até rejubilou-se com a possibilidade, por achá-la por demais oportuna, em vista de também possibilitar uma transição mais amena, tanto para a vida pastoral, como administrativa do Arcebispado. Porém, para Sorocaba a prática acabou não ocorrendo...

Novas paróquias e novos padres

A expansão urbana, assim como o crescimento vertiginoso da densidade populacional de Sorocaba, sobretudo da Zona Norte, com a chegada da montadora japonesa de automóveis Toyota e suas sistêmicas, e também dos demais municípios integrantes do território da Arquidiocese continuaram motivando a criação de muitas novas paróquias durante o episcopado de pouco mais de uma década de Dom Eduardo Benes, que nesse período veio a erigir mais dezessete: Nossa Senhora Rainha da Paz, no bairro Júlio de Mesquita Filho (2004); São Bento, no Parque São Bento, e Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no bairro do Cajuru do Sul (2006); Coração de Jesus, na Vila Olinda, em Piedade (2009); Nossa Senhora de Fátima (bairro do Campolim), São Francisco de Assis, no Jardim Guaíba, e Nossa Senhora Rosa Mística, no Jardim Maria Antônia Prado/avenida Itavuvu, e São José, no bairro da Chave/Barra Funda, em Votorantim (2010); São Gaspar Bertoni, no Parque das Paineiras, e Senhor Bom Jesus e São Roque, no município de Jumirim (2011); Paróquia-Santuário de São Geraldo Majella, dos Padres Redentoristas, na Vila Helena, e Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, no Jardim Iguatemi (2013); Santa Maria dos Anjos, no Parque Vitória

Régia, e São Guilherme, no Jardim São Guilherme III (2015); e Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Prestes de Barros; Nossa Senhora da Anunciação e dos Arcanjos, no Jardim São Mateus, em Votorantim, e São Jorge, no bairro de George Oétterer, em Iperó (2016), esta extinta algum tempo depois, voltando a integrar-se à paróquia iperoense dedicada a Santo Antônio.

Foram também exatamente em número de trinta os sacerdotes seculares da Arquidiocese que receberam sua ordenação presbiteral pela imposição das mãos e bênçãos do segundo arcebispo: padres Carlos Alexandre da Silva, Carlos Eduardo de Moraes, Evandro Luiz Zanardo Paulim e Julio César Fernandes (2006); Rodolfo Gasparini Mobiolo, Valdir Machia Serafim e Ocelo Domingos Pereira Filho (2007); José Edmilson Santos Silva, Luciano Abes, Ricardo Chizzolini e Wagner Lopes Ruivo (2008); Aroldo Fernando Turino, Claudinei Pantojo, Fausto Culbert, José Amaro da Silva, Ricardo Cirino Vaz, Washington Pascoal Ribeiro e Willian de Almeida (2009); Alex Sandro Kyt, Fábio Ferreira da Silva, Samuel Soares e Márcio Ferreira (2010); Milton Satiro de Oliveira (2011); Roberto Vieira (2012); Claudinei Barbosa e Elton Carlos de Oliveira (2013); Felipe Augusto Bracher Pasquini e Thiago Queiroz Alves (2014); e Willian Fantim Coimbra (2015). Dom Eduardo ainda ordenou sacerdote para o clero arquidiocesano, a 15 de março de 2015, na igreja matriz de Santo Antônio, no bairro da Árvore Grande, o diácono permanente Arari dos Santos Amorim, mais conhecido como 'padre Kojac', que enviuvara no início do ano anterior e foi convidado pelo Arcebispo para, assumindo o ministério sacerdotal, dedicar-se de forma mais totalitária ao serviço pastoral da Igreja e à evangelização. Permaneceu casado por quase 30 anos e era diácono permanente desde 11 de março do ano 2000, ordenado por Dom José Lambert.

Dom Eduardo Benes despede-se da Arquidiocese

Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, hoje arcebispo emérito de Sorocaba, esteve à frente da Arquidiocese por praticamente doze anos e meio. Foi pouco depois do Natal, a 28 de dezembro de 2016, que o diário 'L'Osservatore Romano', do Estado do Vaticano, trouxe publicada a nomeação de Dom Julio Endi Akamine, SAC, até então bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, referencial para a Região Episcopal da Lapa, como terceiro arcebispo de Sorocaba, permanecendo Dom Eduardo como administrador apostólico até sua posse, a 25 de fevereiro do ano seguinte.

Uma semana antes da posse do novo arcebispo, o sábado 18, a comunidade arquidiocesana voltava a se reunir na Catedral Metropolitana para a Celebração Eucarística de Ação de Graças pelo fecundo episcopado de Dom Eduardo Benes em Sorocaba. "Agradeço a todos pela acolhida e amizade desde a primeira hora, mesmo com a consciência de minhas fragilidades. Peço perdão a todos por isto também", afirmou bastante emocionado ele ao final da missa, cercado por todo o Presbitério, incluindo a grande maioria dos 30 sacerdotes que ordenou para a Igreja local ao longo de sua permanência em Sorocaba, após ouvir também emocionante e eloquente homilia gratulatória proferida por padre João Carlos Alampe, então vigário-geral da Arquidiocese e pároco de São João Batista e da Imaculada Conceição, de Votorantim, e receber como recordação do Clero um belo relógio de pulso com as insígnias da Arquidiocese, que ele logo fez questão de colocar, 'aposentando' o velho. "É intrínseca a realidade de que todos somos representantes de uma Igreja perene, peregrina e sempre missionária, que não passa e sempre se renova", filosofou padre João Carlos Alampe. "Estou deixando

o governo pastoral da Igreja de Sorocaba. A voz passa, mas a Palavra permanece. Dom Julio Endi Akamine será, de agora em diante, a Voz. Transmitirá com novo vigor e com sabedoria a Palavra que é Cristo", asseverou ainda Dom Eduardo, repetindo o que escrevera ao Papa Francisco quando da nomeação de seu sucessor: "A nomeação de Dom Julio tira de meus ombros o peso do encargo, mas não tira de meu coração a alegria de me ter tornado 'Cidadão Sorocabano' e nem desfaz os profundos laços de fé e amizade que me unem à Igreja de Sorocaba. Assim respondi a alguém que me perguntou como estava eu passando: 'Estou passando... Ninguém fica para sempre. Penso que, com a graça de Deus, estou passando... bem. Espero que quando minha história for toda passado, eu tenha chegado lá onde só é o Presente, a presença plena".

Empossado o novo arcebispo, o arcebispo emérito optou por retirar-se de Sorocaba, passando a residir na cidade mineira de Juiz de Fora, no Seminário Arquidiocesano 'São José', onde chegara aos 10 anos de idade, para iniciar sua caminhada rumo ao sacerdócio. Mora no Lar Sacerdotal, instalado junto ao Seminário e onde reside igualmente o arcebispo local, Dom Gil Antônio Moreira, que já foi bispo-auxiliar de São Paulo e diocesano de Jundiaí. Só se ausentou dali por alguns meses entre 2018 e 2019, quando inesperadamente se viu Dom Eduardo Benes chamado pela Santa Sé para novo empenho pastoral. A pedido do Papa Francisco, retornou ao interior de São Paulo, para exercer temporariamente as funções de administrador apostólico da Diocese de Catanduva, isto ao ser acolhido pela Santa Sé o pedido de renúncia do bispo titular Dom Otacílio Luziano da Silva, originário do clero secular da Diocese de Assis, por problemas de saúde. Permaneceu até a designação do novo bispo titular, Dom Valdir Mamede, empossado a 31 de agosto de 2019.

Jubileu de Prata Episcopal



Dia 21 de junho de 2023, memória litúrgica de São Luiz Gonzaga, também Padroeiro dos Seminaristas. O arcebispo emérito Dom Eduardo Benes retornou, uma vez mais, a Sorocaba. Veio, desta vez, para receber merecidas homenagens da Comunidade Arquidiocesana, na Catedral Metropolitana, pelo 25º aniversário de sua sagração episcopal, ocorrida nesta data em 1998 na Catedral de Santo Antônio, em Juiz de Fora, assim que designado como bispo-auxiliar para a Arquidiocese de Porto Alegre.

Muitos bispos, incluindo todos os titulares e eméritos das dioceses sufragâneas da Província Eclesiástica de Sorocaba, acolhidos pelo metropolita Dom Julio Akamine, participaram da missa jubilar de ação de graças presidida por Dom Eduardo, ao lado também de dezenas de sacerdotes e diáconos do clero local e de outras dioceses e em meio a momentos de muita emoção, tanto para o querido jubilando, como para familiares, amigos e arquidiocesanos que aprenderam a estimá-lo durante os bons anos em que aqui exerceu seu ministério episcopal.

A homilia gratulatória foi magistralmente proferida pelo arcebispo metropolitano de Belo Horizonte (MG), Dom Walmor Oliveira de Azevedo, que apenas algumas semanas antes havia deixado a presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), função

que por anos havia desempenhado com denodo e forte empenho e ardor missionário. E as motivações eram muito especiais, diante dos estreitos laços fraternais que sempre ligaram Dom Eduardo a Dom Walmor e vice-versa, como o próprio arcebispo belo-horizontino foi destacando ao longo de sua prédica. Dom Walmor, adolescente, foi recebido nos anos 60 no então Seminário Diocesano 'Santo Antônio', em Juiz de Fora, por um jovem sacerdote-reitor, o padre Eduardo Benes. Mais tarde, conviveriam anos juntos, como sacerdotes, seja na direção do Seminário, como no paroquiato da Catedral de Santo Antônio e em outras ações pastorais dentro da Igreja Particular juiz-forano. Além do que Dom Walmor foi elevado à dignidade episcopal pela Santa Sé apenas alguns meses antes, no mesmo ano de 1998, que o arcebispo emérito de Sorocaba, designado inicialmente, antes de vir para a Sé de Belo Horizonte, bispo auxiliar de São Salvador, na Bahia.

Dom Eduardo Benes, ao agradecer ao final da solene Concelebração Eucarística as homenagens que lhe eram tributadas, não deixou de recordar facetas de seu episcopado em Sorocaba, sempre relembrando jargão que já empregara em 2017 quando abria caminho para Dom Julio Akamine na sua sucessão arquiepiscopal: "A voz passa, o Cristo permanece sempre. Eu também estou passando... e passando bem!".



Bispos presentes nas homenagens pelos 25 anos de episcopado.

Mensagem autografa enviada para a ocasião de Roma pelo Papa Francisco, cumprimentando efusivamente Dom Eduardo pela passagem de seu Jubileu de Prata Episcopal e lida pelo padre João Carlos Orsi, presidente do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano, agradecia a ele toda a eficiência de seu apostolado e zelo episcopal para com as quatro circunscrições eclesiásticas pelas quais passou – Porto Alegre, Lorena, Sorocaba e Catanduva – e transmitia bênçãos pontificais, extensiva a familiares, amigos e comunidade reunida para celebrar sua data jubilar.

Em 2024, com o centenário da Arquidiocese de Sorocaba, em dezembro também rejubilar-se-á a Comunidade Arquidiocesana pelo transcurso do jubileu de 60 anos de ordenação presbiteral de Dom Eduardo. Que ele optou por vim render ação de graças e comemorar com a comunidade de fé sorocabana antecipadamente, no dia 29 de abril, em meio às solenidades especiais do centenário da Igreja Particular e durante a Celebração Eucarística na Catedral Metropolitana assinalando a passagem do 32º aniversário da promulgação de bula pelo Papa São João Paulo II elevando a Diocese de Sorocaba à dignidade arquidiocesana. Isto a 29 de abril de 1992.

DOM JULIO ENDI AKAMINE, SAC, O ARCEBISPO DO CENTENÁRIO



Dom Julio Endi Akamine, SAC, de descendência nipônica, religioso palotino e bispo-auxiliar de São Paulo. Papa Francisco o escolheu como terceiro arcebispo metropolitano de Sorocaba.

O Papa Francisco escolheu Dom Julio Endi Akamine, SAC, como quinto bispo titular e terceiro arcebispo metropolitano de Sorocaba. Religioso palotino[45], único presbítero de descendência nipônica até hoje a ascender ao Episcopado no Brasil – "Espero ser o primeiro, mas não pretendo ser o único", costumava afirmar quando faziam essa colocação quando de sua investidura - e, até então, bispo-auxiliar do Cardeal Odilo Pedro Scherer na Arquidiocese de São Paulo, responsável pela Região Episcopal da Lapa, a nomeação de Dom Julio foi publicada em Roma logo depois do Natal de 2016, na manhã de 28 de dezembro. "Humilhado pela consciência de minhas faltas, mas confiando em Deus, `que sabe ler no coração da pessoa o seu desejo mais oculto´ e que `fixou seu olhar amoroso sobre cada um de nós´, dirijo a todos, minha afetuosa e paternal saudação. Porque sou plenamente filho da Igreja, desejo exercer entre e perante vós a paternidade episcopal. Espero poder, no exercício do encargo a mim confiado, `percorrer todos os dias com fidelidade e alegria os caminhos da caridade´. Com esse

[45] Foi em 1835 que o padre Vicente Pallotti, nascido em Roma em 21 de abril de 1795, iniciou a organização de sua Obra a serviço da evangelização e da pastoral, fundando a União do Apostolado Católico (UAC), continuada pelos padres, irmãs, irmãos, leigos e leigas denominados depois de 'palotinos', como animadores de todos os que querem se colocar a serviço do Evangelho como apóstolos de Jesus Cristo. Pallotti declarava que a Obra por ele iniciada era algo que vinha de Deus, julgando-se indigno de tal graça, considerando-se até mesmo um obstáculo para seu desenvolvimento devido aos seus pecados. E pedia a Deus que, enquanto vivesse e também após a sua morte, sua Obra continuasse, fosse abençoada e seus companheiros nela se empenhassem com todas as forças. Assim, cada um, segundo suas capacidades, seus dons e sua condição de vida, seria `obrigado´ ou, dizendo de outra forma, teria o direito e o dever de ser apóstolo, evangelizador. "Não importa o que se faz – dizia Vicente Pallotti -, mas o espírito com que se faz, a disposição interior com que se faz aquilo que nos é confiado". Por menor que seja o serviço que cada um presta à comunidade, se feito com caridade a recompensa será grande. O que sempre quis ele com a sua Fundação foi ser um instrumento para, seguindo o exemplo de Cristo, Apóstolo do Pai, colaborar na construção do Reino. A Família Palotina, assim, continua hoje a ser fermento para o mundo e a levar adiante o ideal de São Vicente Pallotti, presente nos cinco continentes.

propósito, volto meu olhar para o da Mãe da Misericórdia" foram as primeiras palavras dirigidas naquele mesmo dia a seus futuros arquidiocesanos por Dom Julio, em mensagem que chegou a Sorocaba logo no final da manhã. "Antes mesmo de vos conhecer já vos amo. A Dom Eduardo Benes agradeço todo o bem realizado e que continuará a fazer na Arquidiocese de Sorocaba. A sua delicada e preciosa fraternidade, a mim demonstrada, me encoraja a me unir a ele e a todos os fiéis da Arquidiocese na prática incansável do bem", acrescentou, deixando registradas ainda profundas palavras de agradecimento ao Cardeal Scherer: "Por ocasião da minha nomeação como arcebispo de Sorocaba, agradeço a Dom Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, toda a ajuda, orientação e fraternidade demonstradas nos cinco anos em que estive e trabalhei nesta querida Arquidiocese como bispo auxiliar. […]".

"É com alegria e gratidão que vemos publicada na edição de hoje do `L´Osservatore Romano´ a nomeação de Dom Julio Endi Akamine, SAC, como quinto bispo e terceiro arcebispo metropolitano da nossa querida Arquidiocese de Sorocaba". Foi assim que também Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, a partir de então administrador apostólico e futuro arcebispo emérito de Sorocaba, iniciou, de outro lado, mensagem que simultaneamente distribuiu aos padres, religiosos, religiosas, laicato católico, autoridades e a todo o povo sorocabano na manhã daquela última quarta-feira de 2016, logo após estar liberado do chamado `sigilo pontifício´ que cerca os entendimentos para as nomeações episcopais, dizendo receber a notícia com alegria e gratidão. "Em abril deste ano, entreguei ao Santo Padre, o Papa Francisco, a missão de arcebispo de Sorocaba, conforme prescreve o Direito da Igreja quando o bispo completa 75 anos de idade. No relatório que enviei a Roma, não sugeri nenhum nome, apenas pedi que fosse um bispo mais jovem, com menos de 60 anos", acrescentava.

Primeiro bispo nipo-brasileiro

Neto de japoneses, Dom Julio Endi Akamine nasceu em 30 de novembro de 1962 na cidade de Garça, Diocese de Marília, filho do casal Guengio Akamine (falecido) e Teruko Oshiro Akamine, tendo dois irmãos e uma irmã. Descende de imigrantes que deixaram a região de Okinawa e chegaram ao Brasil em 1930 fugindo da carestia e grande miséria em vista de profundas transformações sociais e econômicas pelas quais passava o 'país do sol nascente', em meio a elevado processo de urbanização, inchamento das cidades e esvaziamento do campo, com um excedente muito grande de mão-de-obra – "Certa vez, perguntei ao meu avô paterno porque vieram embora de lá. Ele me disse que passavam fome e comiam abóbora todos os dias; quando alguém ficava doente, tinha direito, então, a um pequeno punhado de arroz", relembra Dom Julio. Ao desembarcarem no porto de Santos, subiram de trem pela Serra do Mar a São Paulo, onde foram acolhidos na Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, e depois de alguns dias, realizadas as triagens iniciais, seguiram para lavouras cafeeiras do Interior, os avós maternos para Lins e os paternos para Marília. Porém, eram também tempos difíceis porque, na realidade, a propaganda no Japão de que por aqui, literalmente, 'se colhia ouro em árvores' era o árduo e pouco recompensador trabalho na colheita de café, "com condições bastante desfavoráveis, uma exploração da mão-de-obra praticamente, ou seja, encontraram condições bem desfavoráveis", como pontua também ele.

No Brasil, estabelecidos na região centro-oeste do Interior paulista, aos poucos, como outras famílias imigrantes em tempos difíceis, foram se adaptando ao modo de viver e aos costumes sociais, culturais e, sobretudo, religiosos locais. "Uma vez – é ainda reflexão existencial de Dom Julio -, me perguntei: 'E se eu tivesse nascido no

Japão, seria um budista? Ou se meus avós tivessem emigrado para o Oriente Médio, seria hoje talvez um muçulmano? Sou um fenômeno sociológico, sou cristão por acaso? O meu encontro com Jesus foi apenas uma obra do acaso?", lembrando que "não existe a casualidade numa história de amor; pelo contrário, tudo é fruto da gratuidade". Ao recordar que vem de Garça, mas principalmente de São Paulo - para onde seus pais (e também avós) haviam se transferido em busca de melhores oportunidades de trabalho, educação dos filhos e crescimento social a si e a eles, fixando residência na Zona Leste, áreas do bairro do Tatuapé e de Vila Carrão, esta tradicional reduto da colônia nipo-brasileira, sobretudo procedente da região de Okinawa -, busca também puxar de seu arquivo mental pretérito as memórias mais vivazes de seus primeiros contatos com os fundamentos da fé católica ainda na mais tenra idade: "Posso testemunhar que a lembrança mais viva e feliz de minha primeira infância é a missa dominical na igreja de São João Batista, para a qual meu avô me levava: era carregado ao seu colo, chamado pelos sinos, ainda sonolento, para a primeira missa. Tinha só 4 anos de idade! Outra recordação marcante são as vigílias no Hospital Santa Marcelina. Foi durante minhas várias e longas internações por complicações de saúde que aprendi a rezar as orações da Ave-Maria e do Pai-Nosso. Recitadas com dificuldade e com alguma hesitação, mas não sem devoção, pelo meu avô, essas orações me proporcionaram a primeira experiência da paixão de Cristo e de como Ele está presente na hora do sofrimento".

Em 1975, aos 12 anos de idade, Dom Julio entrou para a Sociedade do Apostolado Católico (SAC), os Padres Palotinos, em Londrina (PR), completando seus estudos fundamentais e médio no Seminário Menor "São Vicente Pallotti". Atribui, contudo, o desabrochar de sua vocação para a vida religiosa e sacerdotal ao inserimento

com a família, ao final da infância e início da adolescência, na vida de paróquia na região de Vila Carrão, na Capital, lembrando que no Brasil, de outro lado, pais e avós imigrantes foram, aos poucos, deixando as práticas religiosas orientais, como o Budismo e o Xintoísmo, para aderir ao Cristianismo.

Aqui cabe, aliás, um interessante recente depoimento de Dom Julio feito na noite de 22 de setembro de 2023, no auditório do Centro Arquidiocesano de Pastoral, quando do lançamento e 'noite de autógrafos' do livro do professor Akira Chinen trazendo sua biografia e intitulado "Arcebispo Católico - Dom Julio Endi Akamine: Família – Vida – Obra": "Depois que fiz a Primeira Comunhão aos 10 anos, minha mãe tomou providências para que eu não me afastasse da Igreja. Por isso, ela me pôs na Catequese de Perseverança e no grupo de coroinhas. Frequentava a missa todos os dias e gostava de 'ajudar o padre' na missa. Um dia, estava na sacristia me preparando para servir como coroinha. Lembro-me que o pároco entrou na sacristia e me viu colocando a batina. Ele se aproximou de mim e me perguntou à queima-roupa: 'Menino, você quer ser padre?'. Respondi a ele: 'Sim, senhor!'. Confesso que até aquele momento nunca tinha pensado em ser padre. Eu sonhava em ser piloto de avião, astronauta, corredor de Fórmula 1 (naquela época, já era fã de Emerson Fittipaldi). Confesso que respondi 'sim' porque tinha muito medo de contrariar o meu pároco. De qualquer forma, ele acreditou em mim. Visitou minha família; me colocou no grupo vocacional. Com 12 anos, fui para Londrina e entrei no Seminário Menor. Tive dificuldades para me decidir em assumir a vocação sacerdotal. A maior dificuldade foi o fato de, por muito tempo, não acreditar que seria padre. Achava que ser padre era um ideal fora de minhas expectativas, capacidades e possibilidades. Achava que viria o momento que os formadores iriam se convencer

de que não tinha vocação e, por isso, me mandariam de volta para casa. Achava que chegaria um momento em que iria reconhecer, com honestidade, que não tinha vocação sacerdotal e resolveria, finalmente, voltar para casa. Achava que havia muitas outras pessoas com mais qualidades e mais santidade que deveriam ser padre. Esse momento nunca chegou. Por isso, chegou o momento que não podia mais adiar a decisão de pedir ou não aos superiores a primeira consagração (tinha 18 anos), as renovações, a consagração perpétua, a ordenação diaconal (24 anos), a ordenação sacerdotal (25 anos) e episcopal".

Dom Julio fez o noviciado em 1979 no Seminário "Rainha da Paz", em Cornélio Procópio (PR), e sua primeira consagração religiosa ocorreu também ali, a 8 de dezembro de 1980, Solenidade da Imaculada Conceição. Cursou Licenciatura em Filosofia na Universidade Católica do Paraná, de 1981 a 1983, e Teologia no "Studium Teologicum Claretianum", dos Padres Claretianos, de 1984 a 1987, em Curitiba. Foi ordenado diácono a 25 de janeiro de 1987, pela imposição das mãos de Dom Luciano Mendes de Almeida, então bispo-auxiliar do Cardeal Arns em São Paulo e depois arcebispo de Mariana (MG), na Paróquia do Coração Eucarístico de Jesus e Santa Marina, na Vila Carrão, Região Episcopal Belém, e sacerdote em 24 de janeiro de 1988, na Paróquia de Santo Antônio, em Cambé, interior do Paraná, pelo bispo de Umuarama (PR), Dom José Maria Maimone, palotino como ele. Obteve o mestrado e doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, de 1993 a 1995 e de 2001 a 2005 respectivamente.

Como sacerdote palotino, desempenhou primeiramente a função de vigário paroquial (1988-1990) e pároco (1990-1993) na Comunidade de Santo Antônio, de Cambé, cidade integrante da Arquidiocese de Londrina, e reitor do Seminário Maior Palotino, em Curitiba

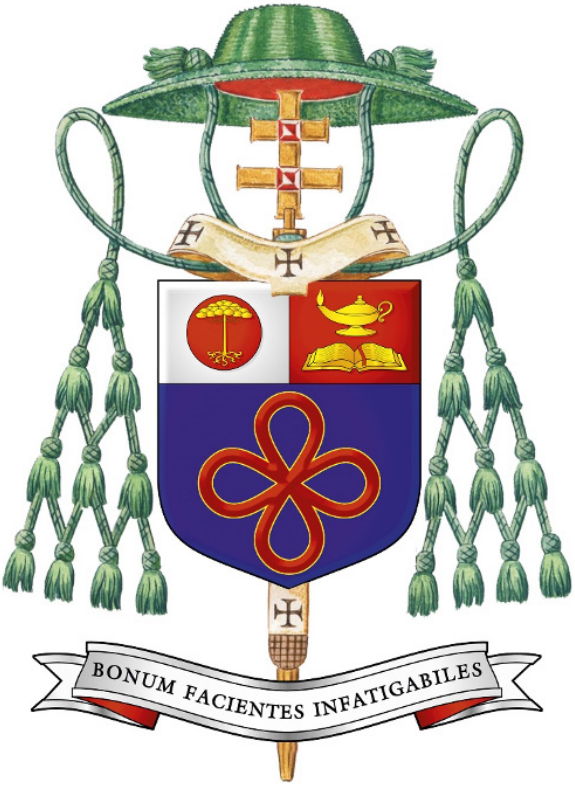
(1996-2001), além de assessor da Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-Teológicos do Brasil (Osib) no Regional Sul 2/Estado do Paraná da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) de 1996 a 1998. Chamado a Roma pela direção geral da Sociedade do Apostolado Católico, exerceu ali funções junto Secretariado Geral da Congregação para a Formação (1999-2005); consultor local da Casa Geral (2001-2003) e diretor do período introdutório da Província Regina Apostolorum (2003-2004). De volta ao Brasil, foi para Curitiba novamente, como secretário provincial para a Formação (2005-2007) e diretor espiritual do Seminário Maior Palotino (2005-2006). No período de 1996 a 2001 e de 2005 a 2011, foi professor de Teologia no Studium Theologicum, em Curitiba, onde lecionou as matérias de Teologia Sacramentária Geral, Sacramentos da Iniciação Cristã, Eclesiologia, Trindade, Introdução à Teologia e Teologia Fundamental.

Reitor da Província Palotina "São Paulo Apóstolo", com sede na capital paulista, de 2008 a 2011, foi no exercício destas funções que recebeu, em 4 de maio de 2011, a confirmação oficial de sua elevação à dignidade episcopal, nomeado bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo pelo Papa Bento XVI. Também aqui imprescindível não reproduzir textualmente um outro depoimento seu: "No dia 5 de abril de 2011, estava em meu escritório, na Sede Provincial dos Padres e Irmãos Palotinos, em São Paulo, fazendo meu trabalho de rotina, quando recebi um telefonema do núncio apostólico no Brasil, Dom Lorenzo Baldisseri. Ele me convocava a comparecer na Nunciatura Apostólica em Brasília para receber um pedido do Papa. Não me adiantou qual era esse pedido, mas não tive como não suspeitar do que se tratava. Viajei no dia seguinte para Brasília e recebi do Núncio Apostólico a notícia de que o Santo Padre me nomeava bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo. Depois de responder afirmativamente

ao chamado do Papa, coloquei por escrito minha resposta e voltei para São Paulo, a fim de esperar a confirmação da nomeação, que veio alguns dias depois, por carta. Recebi a nomeação com surpresa e com relativa serenidade. Confesso que não dormi naquela noite que antecedeu minha viagem a Brasília. Aproveitei a longa noite e o tempo de viagem para rezar e pensar. Quando recebi a comunicação do Núncio, já tinha uma resposta ao pedido. Para mim, era claro que a resposta já tinha sido dada há muito tempo: era a mesma que tinha dado no dia 8 de dezembro de 1980, quando fiz minha consagração palotina. Lembro-me que, naquele dia, ficara profundamente tocado pelas palavras da fórmula de consagração: '*Eu me consagro, eu me ofereço, eu me entrego a Deus*'. Mesmo sentindo o peso da responsabilidade, sabia que a minha resposta já tinha sido dada. Só me restava confirmá-la mais uma vez. Tive sentimento de medo, vontade de fugir e de não aceitar, mas somente aquela de confirmar a resposta já dada me proporcionava paz interior". E ainda as palavras sapienciais de dona Teruko (Rosa), sua mãe, naquele 4 de maio de 2011, ao saber e cumprimentar o filho pela elevação à dignidade episcopal pelo Papa Bento XVI, num conselho que "está fincado como cunha na madeira de minha consciência": "Filho, quanto mais você sobe na árvore, mais fino é o tronco, mais forte é o vento!".

A ordenação episcopal ocorreu em 9 de julho de 2011, em São Paulo, na Catedral da Sé, sendo sagrante o próprio Cardeal Scherer e consagrantes Dom Edmar Peron e Dom Tarcísio Scaramussa, ambos então bispos-auxiliares da Arquidiocese paulistana e, atualmente, bispos de Paranaguá (PR) e de Santos (SP) respectivamente. Já no dia seguinte era empossado pelo Sr. Cardeal como bispo-auxiliar de São Paulo, na Paróquia de Nossa Senhora da Lapa, referencial para a Região Episcopal da Lapa, então composta por 35 paróquias, divididas em cinco setores: Butantã, Lapa, Leopoldina, Pirituba e Rio Pequeno.

Por outro lado, desde sua ordenação episcopal Dom Julio está também ligado por laços mais que afetivos à Pastoral Nipo-Brasileira, uma associação cívico-religiosa que congrega todos os missionários católicos (clérigos, religiosos, religiosas e leigos) que se dedicam, direta ou indiretamente, à evangelização e catequização dos japoneses e de seus descendentes radicados pelo País afora, e ligada diretamente à CNBB, através da Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Internacional, tendo como objetivo específico buscar, assim, a integração da comunidade nipo-brasileira na Igreja e na vida nacional.



Brasão arquiepiscopal de Dom Julio. Seu lema episcopal é "*Bonum facientes infatigabiles*" (Sede incansáveis na prática do bem) (Carta de São Paulo Apóstolo aos Gálatas 6,9).

Para escolher esse lema, explica Dom Julio, "parti do fato de que fui nomeado bispo auxiliar de São Paulo. Por isso, procurei nas cartas de Paulo uma frase que pudesse me guiar no serviço que estava para assumir. Encontrei na Carta aos Gálatas a exortação '*não vos canseis de fazer o bem*'. Para Deus, nenhuma iniciativa de bem, nenhum ato de bondade e de solidariedade é em vão. Deus recolhe, em sua misericórdia e amor, todos os nossos sorrisos e nenhuma lágrima que cai de nossa face lhe escapa. O Pai vê e reconhece o bem que realizamos por causa de Cristo e em seu nome. O bem que fazemos, mesmo que não seja reconhecido pelos outros, está destinado à glorificação da ressurreição. Crer na ressurreição da carne significa crer que no Pai nós não só daremos o nosso último respiro, mas que n'Ele encontraremos toda a nossa história glorificada e transfigurada na história de Cristo. Crer na ressurreição da carne significa crer que o Pai ama o bem que fazemos e que ele tem valor eterno".

A posse de Dom Julio em Sorocaba

"Ó Deus, Pastor supremo do rebanho, vos agradecemos por todos os benefícios concedidos. Graças vos damos pelo ministério de Dom Eduardo. / Nos vos louvamos porque, mais uma vez, voltastes vosso olhar providencial sobre nossa Arquidiocese, concedendo-nos um Pastor conforme o vosso coração. Obrigado pelo sim de Dom Julio, que confiando na assistência do vosso Espírito colocou-se, plenamente, à disposição da Igreja. / Concedei-nos as virtudes da humildade e da obediência, para bem acolhermos aquele que escolhestes. Assim, pastor e rebanho, unidos pelo vínculo da caridade, poderão empenhar-se na edificação de uma Igreja viva e dinâmica. / Acolhei, Senhor, nossos agradecimentos e súpli-

cas, por intercessão da Senhora da Ponte. Por Cristo, Nosso Senhor. Amém!" foi a oração com que a Igreja Particular de Sorocaba preparou-se para acolher seu novo Arcebispo no dia 25 de fevereiro de 2017, coincidentemente sábado de Carnaval.

Antes de sua chegada e posse canônica em Sorocaba, porém, Dom Julio optou por realizar uma semana de retiro espiritual em janeiro, antes de iniciar os preparativos de mudança e posse, na cidade de Atibaia, onde se encontra o Santuário da Mãe Rainha de Schoenstatt no Brasil, repetindo a mesma experiência de fé que fez quando de sua eleição episcopal em 2011, "recolhendo-se sob o abrigo da Mãe e Rainha". "O padre José Kentenich iniciou o Movimento de Schoenstatt em torno de um Santuário dedicado à Mãe Três Vezes Admirável e essa devoção mariana sempre esteve na base tanto de Schoenstatt, como na espiritualidade palotina", explica essa sua opção Dom Julio, lembrando ainda que ambos os carismas buscam, como um de seus objetivos centrais, fazer com que todos sejam apóstolos, também os leigos. "A atuação hoje dos leigos no mundo da economia, da política, das ciências, da arte, da cultura, da educação, dos meios de comunicação social... é fundamental também, pois atualmente ser católico, ter fé, não é 'uma coisa da moda'. É necessária uma presença que não seja sectária, mas de fermento que transforma por dentro o mundo da cultura ou da política ou ainda da economia por exemplo, para uma verdadeira humanidade e que também se abre para o transcendente, para Deus, de modo especial para a fé em Jesus Cristo[46].

"As enormes e intermináveis filas que se formaram pelo corredor central da Catedral para saudá-lo, ao final das cerimônias, testemunhavam tempos novos para uma Igreja Particular quase que

[46] De entrevista com Dom Julio Endi Akamine publicada em janeiro de 2017 pelo site do Movimento de Schoenstatt.

centenária com a investidura de Dom Julio Endi Akamine, SAC, como quinto bispo titular e terceiro arcebispo metropolitano de Sorocaba. Como resumiam integrantes da Paróquia de Nossa Senhora da Lapa e de outras comunidades da Região Pastoral da Lapa, na Capital, onde Dom Julio desde 2011 exercia seu ministério episcopal como bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, e que mesmo entre contratempos de uma estrada congestionada diante do êxodo do feriado de Carnaval fizeram questão de estar presente ontem em Sorocaba, 'viemos trazer, entre alegria e também lágrimas, um precioso mimo a vocês'. Verdadeiramente, o novo Arcebispo, descendente de japoneses e religioso da Obra de São Vicente Pallotti (Padres Palotinos), cativa a todos pela alegria do Evangelho e fidelidade ímpar a seu lema episcopal: 'Não vos canseis de fazer o bem' (Gálatas 6,9). Quando dos cumprimentos ao final da missa, a todos estendia as mãos com um sorriso aberto, acolhedor e cativante nos lábios" destacava reportagem publicada na edição do dia seguinte do jornal 'Diário de Sorocaba'.

A Catedral de Nossa Senhora da Ponte outra vez mostrou-se pequena para receber tantos sorocabanos, arquidiocesanos de cidades vizinhas, familiares, amigos e católicos de São Paulo e Garça principalmente, que a ela acorreram na manhã daquele sábado, 25 de fevereiro, para participar da solenidade de investidura de Dom Julio Akamine. Muita gente acompanhou o ato do lado de fora, por telão instalado nas escadarias da igreja e sintonizado na Rede Vida de Televisão, que o retransmitia ao vivo para todo o Brasil. Na homilia, na primeira saudação de sua Cátedra junto à Sé aos novos arquidiocesanos, exprimiu sua missão como aquele que vem em nome do Senhor. Tendo como pano de fundo o Evangelho das Bodas de Caná escolhido para a Celebração Eucarística de sua posse, Dom Julio sintetizou na busca perseverante de sempre fazer

a vontade de Deus a cada momento a meta maior de sua presença episcopal em Sorocaba, acima de qualquer plano ou prioridade pastoral, lembrando-se da orientação dada aos que serviam vinho que começava a faltar naquela festa de casamento em Caná da Galiléia: "Fazei tudo o que Ele vos disser!".

Passava um pouco das 9h30 quando, precedido de batedores da Polícia Militar do Estado e da Guarda Civil Municipal, o automóvel conduzindo Dom Julio Akamine adentrou à praça Cel. Fernando Prestes. A seu lado, estavam o arcebispo emérito Dom Eduardo Benes e o arcebispo metropolitano de Campinas, Dom José Airton dos Santos, escalado à última hora pelo cerimonial para substituir o cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Pedro Scherer, que só pode chegar à cidade quando a missa já estava em andamento. O carro que o conduzia, assim como veículos em que viajavam outros bispos procedentes da região de São Paulo e vários ônibus que traziam antigos diocesanos de Dom Julio residentes na Região Episcopal da Lapa, onde era bispo-auxiliar, ficaram presos em longo congestionamento então verificado logo cedo ao longo da Rodovia Castello Branco, na altura de Alphaville, por conta de engavetamento envolvendo carretas, agravado pelo trânsito pesado próprio da saída de paulistanos para passar os feriados de Carnaval no Interior. Dom Odilo ainda conseguiu chegar com a celebração não muito adiantada graças a batedores da Polícia Rodoviária que providenciaram a escolta de seu automóvel por muitos quilômetros pelo acostamento, mas muitos bispos, sacerdotes e outros convidados só chegaram no final ou mesmo depois de terminada a missa.



Foto: Silvio Rosa Santos Martins

Dom Julio no primeiro ato do cerimonial de posse. Novo arcebispo recebe do padre Tadeu Rocha Moraes, cura da Sé, o Crucificado para reverência. Silvio Rosa Santos Martins, registrou a manhã festiva de sábado que marcou a recepção de Dom Julio junto às escadarias da Catedral.

Coube ao padre Tadeu Rocha Moraes, pároco da Catedral Metropolitana, acolher Dom Julio junto às escadarias da Sé, apresentando-lhe o Crucificado para o ósculo. Antes de receber a água benta para adentrar à Catedral aspergindo os presentes ao som do canto "*Ecce sacerdos magnus*" ("És sacerdote eternamente") e orar por instantes na Capela do Santíssimo, saudaram o novo Arcebispo, em nome dos poderes constituídos da cidade (Executivo, Legislativo e Judiciário), o prefeito José Antônio Caldini Crespo, o vice-presidente da Câmara de Vereadores, Pastor Luís Santos, e o juiz de Direito e então diretor do Fórum da Comarca local, Dr. Hugo Leandro Maranzano. Antecipando a investidura do novo Arcebispo, ao início da missa, já junto ao Presbitério, coube ainda ao padre Tadeu acolher aos presentes, inclusive nominando um a um os mais de trinta arcebispos e bispos que vieram manifestar colegialidade e proximidade a Dom Julio, entre eles os palotinos Dom José Maria Maimone, bispo emérito da Diocese de Umuarama, e Dom Edgar Xavier Ertl, titular

da Diocese de Palmas-Francisco Beltrão, ambas no interior do Paraná – estiveram presentes igualmente os palotinos padre Denilson Geraldo, hoje bispo-auxiliar da Arquidiocese de Brasília e que, na oportunidade, representou o Conselho Geral da Sociedade do Apostolado Católico, com sede em Roma, e o padre José Elias Fadul, representando a Província São Paulo Apóstolo dos Padres Palotinos/São Paulo. Fez igualmente oportuno retrospecto da história de Sorocaba, desde os primórdios de sua fundação na segunda metade do século XVII, à sombra da Cruz e sob a proteção da Virgem da Ponte, e da própria caminhada da Igreja Particular, acentuando a Arquidiocese receber a Dom Julio "como menino com muitos sonhos pela frente, com lábios de pai sempre disposto a acolher e a aconselhar a cada um e com o olhar de avô, pleno de luz e sabedoria". Não deixou também de apresentar a todos dona Rosa (sra. Teruko Oshiro Akamine), a mãe do novo Arcebispo.



Momento histórico na Catedral Metropolitana quando Dom Eduardo procede, fraternalmente, a entrega do báculo a Dom Julio.

Outro momento de profunda comoção logo ao início da missa foi quando Dom Eduardo Benes, após a leitura do mandado apostólico em que em nome do Papa Francisco o núncio apostólico no Brasil, Dom Giovanni D´Aniello, reconhecia a investidura do terceiro arcebispo de Sorocaba, feita pelo diácono permanente José Paulo Macedo, até então chanceler do Arcebispado - e o Colégio de Consultores da Arquidiocese o acolher formalmente, de acordo com os ditames canônicos -, destacando a imensa alegria pelo memorável acontecimento e lembrando novamente como João Batista ser a voz que passa, deixando a Palavra que permanece, em silêncio entregou o Báculo, símbolo do governo arquidiocesano, ao sucessor, conduzindo solenemente Dom Julio Akamine a sua Catedra, enquanto o coro entoava uníssono "Bendito o que vem em nome do Senhor!... Sem vos cansais de fazer o bem!". Padre Ricardo Cirino Vaz saudou o novo arcebispo em nome do Presbitério: "Sentimo--nos felizes e presenteados pela graça divina, justamente neste ano em que a Igreja de Sorocaba comemora 25 anos como Arquidiocese. Eis-nos aqui reconhecendo a autoridade episcopal que vos é dada pela nossa Santa Igreja, lembrando a promessa que fizemos no dia de nossa ordenação de respeito e obediência. Alegria, acolhida e obediência: esse é o sentimento de todos nós, presbíteros de Sorocaba. Nossa Igreja vos acolhe com amor".

Auxiliar seu na Arquidiocese de São Paulo desde que o Papa Bento XVI o chamou para o Episcopado, Dom Odilo Pedro Scherer trouxe também seu apreço a Dom Julio, fazendo votos, em alocução ao final da celebração, que pudesse ser ele o Pastor do tempo presente para a Igreja de Sorocaba, não deixando de agradecer, por outro lado, a Dom Eduardo Benes, implorando a Deus que "também o recompense pelo seu profícuo trabalho à frente desta Arquidiocese".

‘Fazer a Vontade de Deus’ como programa

“Fazer a vontade de Deus nunca deve ser algo pressuposto em todas as suas decisões e ações. O bispo precisa explicitar sua intenção, buscar concretamente realizá-la e se deixar conduzir por ela. Fazer a vontade de Deus inclui a exigência da oração pessoal e comunitária. Afinal, o bispo não tem o telefone direto do Céu, nem possui no seu celular o WhatsApp do Pai Eterno. Para conhecer o que Ele quer no aqui e no agora, o bispo precisa buscar, na oração perseverante e cotidiana, não só qual é, mas também o como realizar essa vontade...”.

Na afirmação encontrada no primeiro dos artigos semanais que escreve para a imprensa e demais mídias da cidade e da região arquidiocesana, publicado logo no domingo seguinte à sua posse, dia 26, Dom Julio buscava sintetizar no ‘fazer a Vontade de Deus’ a linha mestra de seu iniciante episcopado em Sorocaba, como destacou igualmente buscando responder ao questionamento de um dos repórteres presentes na primeira coletiva que concedeu à mídia local, ainda na sexta-feira (24), na tarde anterior a sua posse, na sala de reuniões da antiga Cúria Metropolitana, no número 60 da avenida Dr. Eugênio Salerno, que insistia em perguntar “qual será o seu programa de governo?”. “’Fazer a Vontade de Deus’, respondi eu. Em sua oração, o bispo deve ouvir a Palavra. Com efeito, uma de suas tarefas (múnus) é a de ensinar. Ele não deve pregar suas ideias, por mais bonitas, eruditas e criativas que sejam. Na pregação, ele oferece aos fiéis o mesmo alimento do qual se nutre em sua oração pessoal. ... Discernir e coordenar os esforços de todos na escuta do que o Espírito diz à Igreja é a grande responsabilidade de governo do bispo. É também o programa de governo deste bispo”.

Assim, a Arquidiocese de Sorocaba vai se familiarizando e conhecendo o pensamento, as linhas de atuação pastoral e de evangelização e o carisma de seu novo Pastor. Na coletiva de imprensa

de 24 de fevereiro, Dom Julio também acentuava que "o Evangelho traz consigo a alegria de servir". "É a alegria da plenitude da vida e das nossas relações pessoais", frisou, lembrando a Carta Encíclica do início do pontificado do Papa Francisco '*Evangelii Gaudium*' ('Alegria do Evangelho') e destacando, por outro lado, que seriam também as diretrizes gerais de ações evangelizadoras da Igreja no Brasil presentes nos documentos da CNBB, ao lado das orientações pastorais do Santo Padre, a nortearem suas ações em novo campo de trabalho. Ponderava, porém, que seu primeiro grande desafio seria o do próprio ofício, pois "em São Paulo eu era bispo-auxiliar", e quanto às linhas de evangelização ainda fez questão de ressaltar, uma vez mais, a atenção especial que se deveria dar também ao laicato, "ou seja, fiéis leigos inseridos na vida eclesial". "Prioridade para toda evangelização", como sublinhou, porque "só as nossas forças e capacidades como ministros consagrados não são suficientes para tornar o Evangelho conhecido e, assim, a gente precisa da graça de Deus e da ação efetiva dos leigos".

Tempos novos de evangelização.

Novo estilo de pastorear

Tempos novos para a evangelização em Sorocaba têm início, então, com a chegada de Dom Julio Akamine, na sequência do ministério episcopal de seus quatro antecessores e já dentro da caminhada pastoral desta Igreja Particular rumo ao seu centenário. Conhecia também a Arquidiocese, assim, um novo estilo de governar a porção do povo de Deus confiada a um bispo relativamente mais jovem, com mais energia e vigor. Aos poucos, seus arquidiocesanos foram, inclusive, se acostumando com a sua tenacidade, vigor e seu dia-a-dia, marcado também por caminhadas matutinas e exercícios atléticos, muitas vezes 'voando' com sua bike pelas ruas de Vila Santana, onde passou a residir ao lado

da Paróquia de Santa Rita de Cássia, e principalmente por bons trechos da avenida Dom Aguirre, margeando o rio Sorocaba. Ou ainda descendo ou subindo em trajes desportivos as ruas de São Bento e XV de Novembro, adentrando à fila desta ou daquela agência bancária.

Familiarizando-se logo com o cotidiano de Sorocaba e, paulatinamente, das demais onze cidades que constituem seu território eclesiástico, em pouco tempo Dom Julio já tinha percorrido praticamente todas as paróquias da Arquidiocese, incluindo também a maioria de suas capelas e comunidades, mesmo aquelas mais distantes da sede paroquial ou rurais, indo a uma delas a cada noite para presidir a celebração da Eucaristia e manter um contato mais amiúde de Pastor com seus arquidiocesanos. Como até hoje, também desde o início faz questão de, em estando na cidade, celebrar habitualmente (e, pelo menos, uma missa nos finais de semana) na Catedral Metropolitana, a igreja-mãe e, assim, a 'igreja do Bispo', onde está sua Catedra e de onde ensina e prega a Palavra de Deus a toda a Arquidiocese, praxe iniciada logo no dia seguinte à sua posse, quando meia-hora antes surpreendeu padre Tadeu com um telefonema, dizendo que gostaria de celebrar a missa dominical das 20 horas na Sé de Nossa Senhora da Ponte.



Performance atlética, Dom Julio não titubeou e passou a caminhar com o povo ao participar das romarias de Aparecidinha.

Inaugurou igualmente, com sua performance atlética, um novo hábito já no segundo domingo de julho de 2017, quando ao lado de presidir a missa das 5 horas da madrugada na praça Coronel Fernando Prestes, de altar montado nas escadarias da Catedral, marcando o início da romaria de traslado da histórica imagem de Nossa Senhora Aparecida de volta para sua capela de origem, no bairro de Aparecidinha, não titubeou em 'colocar o pé na estrada' lado a lado com milhares de romeiros devotos, enfrentando sob o friozinho típico dessa época do ano os quinze ou dezesseis quilômetros de subidas e descidas que separam o marco zero de Sorocaba do antigo lugarejo[47] – hoje densamente povoado e circundado por muitas indústrias e margeado pela Rodovia Senador José Ermírio de Moraes, a Castelinho. Na data, aliás, Dom Julio comemorava seu sexto aniversário de ordenação episcopal (9/7/2011), sendo homenageado ao final da celebração da missa junto ao Santuário Novo com o 'inédito' canto de 'Parabéns a Você'. Repete depois a mesma trajetória no dia de Ano Bom, Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, a 1º de janeiro, caminhando a partir das 6 horas com os romeiros após presidir a celebração da missa de despedida da veneranda imagem em Aparecidinha – e primeira do Ano Novo também -, até a Catedral Metropolitana, onde a procissão chega por volta das 11 horas, após quase cinco horas de jornada e manifestações de fé e piedade, aqui presidindo outra missa de ação de graças, para marcar o encerramento da romaria.

[47] Destaque este ano também para a presença sempre simpática, embora discreta, própria dos orientais, do novo arcebispo metropolitano de Sorocaba, Dom Julio Endi Akamine, SAC, que para surpresa da maioria dos romeiros acompanhou a pé a maior parte do trajeto como simples devoto de Maria Santíssima, Mãe de Jesus, de tênis e conjunto esportivo, abençoando a todos, com sorriso nos lábios, por onde passava. Só bem próximo de Aparecidinha voltou a colocar os paramentos e as insígnias episcopais, levadas no interior do caminhão de som do Sindicato dos Metalúrgicos cedido para acompanhar a procissão..." (José Benedito de Almeida Gomes, 'Romaria leva 50 mil devotos a Aparecidinha – Com simples romeiro de Maria Santíssima, novo Arcebispo caminhou 16 quilômetros com o povo fiel' (Diário de Sorocaba, 11 de jul. p. 4, de 2017).

Só não realizaria essa 'maratona de fé' quando das vezes que nos anos 2020 e 2021 ela teve que ser cancelada em vista dos períodos mais críticos de isolamento social, em consequência da pandemia de Covid-19.

O ano de 2017 marcou ainda as primeiras participações de Dom Julio em outros momentos fortes da programação anual de eventos litúrgicos da Arquidiocese, tanto na Sé, como nas demais paróquias, sobretudo em festas consagradas a padroeiros e em outros momentos de forte impacto evangelizador. Na Catedral, presidiu, na semana seguinte à sua posse, a missa principal da Quarta-Feira de Cinzas, à noite, solenizando o início do Tempo Quaresmal e a abertura oficial para toda a Arquidiocese, em nome da CNBB, da Campanha da Fraternidade, naquele ano com o tema "Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida" e o lema "Cultivar e guardar a criação" (Gn. 2.15). Em seguida, veio a Semana Santa, participando ali de todos os atos litúrgicos daqueles dias, do Domingo de Ramos, com a procissão pelas ruas do entorno da Catedral, ao Domingo de Páscoa, incluindo a 'Missa do Crisma' ou 'Missa dos Santos Óleos' na noite da Quarta-Feira Santa, em que presidiu ao lado de todo o Presbitério e em que, igualmente pela primeira vez, recebeu a renovação dos compromissos sacerdotais e de fidelidade e obediência à Igreja, na pessoa do Bispo, de todos os padres do clero secular e religioso que trabalhavam dentro da Igreja Particular de Sorocaba; a 'Missa da Ceia do Senhor' na noite da Quinta-Feira Santa, com o 'Sermão do Mandato', recordando o Mandamento Novo ("Amai-vos uns aos outros, assim como Eu vos amei") e a cerimônia de Lavapés, e, na Sexta-Feira Santa, a pregação do 'Sermão das Sete Palavras' (que nos anos seguintes passou para o período da manhã, a não ser naquele em que a Covid não permitiu), antecedendo as funções litúrgicas, à tarde, da Paixão e Morte de Jesus e ainda à noite da histórica procissão do Senhor Morto pelas ruas do Centro, encerrando-se nas escadarias da Catedral, com a encenação da Via-Sacra pelos integrantes da Comunidade Jovem do Espírito Santo

(COJES) e o 'Sermão da Soledade'. O mesmo se repetiria em junho, no feriado religioso consagrado a Corpus Christi. "Um dia marcado para relembrarmos a importância da Eucaristia, da presença real de Jesus em Corpo, Sangue, Alma e Divindade no Sacramento do Altar, para o sustento e saúde da alma que responde por todas as atitudes humanas, da mesma forma que o alimento material é necessário para o sustento e saúde de nosso corpo biológico", diria o Arcebispo das escadarias da Catedral, ao se preparar para proceder à bênção solene com o Santíssimo Sacramento, ao povo aglomerado na praça, ao retorno da procissão que percorreu as ruas do centro histórico, numa demonstração pública de fé em Cristo Eucarístico, escondido, porém vivo e presente sob as espécies de pão e vinho transubstanciados a cada missa.

Foi ainda, por outro lado, durante a Semana Santa de 2017 que Dom Julio Akamine, utilizando-se do lema "Não matarás, mediante o aborto, o fruto do seu seio", fez chegar a todas as paróquias e meios de comunicação da Arquidiocese nota oficial reafirmando com a CNBB posição inalienável em defesa da integralidade, inviolabilidade e dignidade da vida humana, desde a sua concepção até a morte natural, condenando, assim, toda e quaisquer iniciativas que pretendessem legalizar o aborto no Brasil. Vinha a propósito de novas tentativas e atitudes antidemocráticas que, atropelando o Congresso Nacional, estavam a exigir do Supremo Tribunal Federal (STF) uma função que não lhe cabia constitucionalmente, legislando a favor de brechas em prol de práticas abortivas lícitas no País. "Neste tempo de grave crise política e econômica, queremos, com o Episcopado nacional, empenhar-nos como Igreja na defesa dos mais vulneráveis da sociedade, particularmente dos empobrecidos. A vida do nascituro está entre as mais indefesas e necessitadas de proteção", clamava o novo arcebispo de Sorocaba, concitando todos a também assumirem com o mesmo ímpeto, cada um em seu ambiente, 'compromissos ético-cristãos'.

Dom Julio recebe o pálio arquiepiscopal.

Arquidiocese comemora Jubileu de Prata



Sorridente, o Papa Francisco entregou a Dom Julio Akamine, na praça de São Pedro, o invólucro contendo seu pálio arquiepiscopal.

No final de junho de 2017, Dom Julio Akamine, como um dos muitos arcebispos do mundo todo nomeados nos últimos doze meses pela Sé Apostólica, viaja a Roma. Na manhã do dia 29, Solenidade do Martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo, estava perfilado na praça de São Pedro, ao lado dos colegas de recente designação, para receber o pálio arquiepiscopal das mãos do Papa Francisco. Eram exatamente trinta e seis ao todo, procedentes dos cinco continentes. Do Brasil, com ele também receberam a insígnia, na ocasião, os arcebispos Dom Orlando Brandes, de Aparecida; Dom José João da Costa, de Aracaju, no Estado do Sergipe; Dom Delson Pedreira da Cruz, da Arquidiocese da Paraíba/João Pessoa, e Dom Jeremias Steinmetz, de Londrina, que não pode comparecer presencialmente, retornando Dom Julio a Sorocaba imediatamente no dia seguinte.

Esse retorno imediato a Sorocaba do Arcebispo tinha, contudo, uma motivação mais do que especial. Isto porque, pelas novas orientações da Santa Sé, a partir de então o Papa Francisco, ao contrário do que vinha ocorrendo até o pontificado de Bento XVI, apenas entregava aos novos arcebispos o pálio envolto em uma caixa personalizada lacrada, sem realizar sua investidura. Ou seja, sua imposição, desde 2015, passou a ser realizada na sede das respectivas arquidioceses, pelo núncio apostólico presente em cada país. E Dom Giovanni D'Aniello, núncio apostólico no Brasil entre 2012 e 2020, já estaria em Sorocaba no domingo seguinte, 2 de julho, para realizar essa investidura, juntamente com as celebrações de ação de graças pela passagem do 25º aniversário de instalação da Arquidiocese e posse canônica do primeiro arcebispo, Dom José Lambert, ocorrida em 1992.

Registre-se, aliás, que durante quatro sábados consecutivos, o último a 1º de julho, a missa das 12 horas na Catedral Metropolitana foi dedicada a fazer memória aos quatro bispos titulares que até então haviam passado pela Igreja Particular de Sorocaba, em preparação ao Jubileu de Prata da Arquidiocese, inclusive com a destacada participação dos sacerdotes ordenados pela imposição das mãos de cada um deles. Assim, sempre com a assistência do arcebispo Dom Julio Akamine, a primeira dessas Celebrações Eucarísticas ocorreu a 10 de junho, sob a presidência do padre Adhemar Bortoleto de Arruda, hoje na Diocese de Itapetininga; pregação a cargo de Monsenhor Mário Donato Sampaio[48] e concelebrando ainda

[48] Monsenhor Mário Donato Sampaio, que faleceu a 8 de agosto de 2021 em Itapetininga, aos 85 anos de idade, egresso, como tantos outros, do Seminário 'São Carlos Borromeu' e ordenado sacerdote na Catedral de Sorocaba por Dom Aguirre a 8 de dezembro de 1961, também aparece em notas inseridas no Anexo III – "De Diocese à Arquidiocese de Sorocaba".

padre José Ernani Angelini[49], então os três últimos queridos remanescentes das dezenas de sacerdotes ordenados para o clero secular de Sorocaba por Dom José Carlos de Aguirre. Padre Tadeu Rocha Moraes presidiu a missa em memória de Dom José Melhado Campos, com homília gratulatória do padre Inácio Kriguer[50], enquanto a memória a Dom José Lambert teve na presidência o

[49] Outro decano do clero secular sorocabano formado por Dom Aguirre em seu Seminário Menor 'São Carlos Borromeu', o padre José Ernani Angelini faleceu a 14 de abril de 2024, vitimado por uma série de complicações de saúde, motivadas pela evolução da diabetes, e era ultimamente o pároco emérito da Comunidade de São José do Cerrado. Natural de Porangaba, onde nasceu a 9 de setembro de 1938, foi ordenado sacerdote na Catedral de Sorocaba a 8 de dezembro de 1963 pelo primeiro bispo. Da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Tatuí, sua primeira Comunidade assumida logo depois de receber o presbiterato e onde permaneceu até 1969, trabalhando ao lado de Monsenhor Teotônio dos Reis e Cunha, passou por várias outras cidades da região, como Angatuba, Guareí e São Miguel Arcanjo (esta de fevereiro de 1987 a janeiro de 1992), até ser chamado a Sorocaba por Dom José Lambert, para assumir as paróquias de São Benedito, de Vila Carvalho, e de Nossa Senhora Aparecida, de Vila Angélica, concomitantemente, de 1983 a 1988, e do Divino Espírito Santo, de 1992 a 2003, quando chegou ao Cerrado. Foi também sucessor de Monsenhor Mauro Vallini como vigário-geral da Arquidiocese, entre 1998 e 2006.

[50] Padre Inácio Kriguer foi o primeiro sacerdote ordenado por Dom José Melhado Campos enquanto bispo de Sorocaba, na noite de 15 de agosto de 1975, Festa da Padroeira Nossa Senhora da Ponte. Era também a primeira ordenação sacerdotal que ocorria na igreja da Catedral depois dos anos que se sucederam às mudanças havidas no final da década de 60 no sistema de funcionamento do Seminário 'São Carlos Borromeu' (ver crônica sobre o Seminário neste livro). Faleceu a 17 de junho de 2019, enquanto nas funções de pároco de São Benedito, em Vila Carvalho, vitimado por complicações de saúde. Nascera em Votorantim a 1º de dezembro de 1946 e estudou de 1961 a 1971 no Seminário Menor e depois no Filosófico 'São Carlos Borromeu', concluindo a Teologia em São Paulo, nas faculdades Pio XI e Nossa Senhora da Assunção, com extensão universitária em Coordenação Pastoral em Medellín, na Colômbia. Da Paróquia de São João Batista, em Votorantim, circulou por diversas paróquias de Sorocaba e de cidades da região (Iperó, Boituva e Piedade). Foi reitor do Seminário Filosófico 'São Carlos Borromeu' (1984-1989) e coordenador arquidiocesano de Pastoral.

padre João Carlos Orsi[51] e pregação do padre João Alfredo Pires de Campos, hoje na Paróquia de São Bento, na Zona Norte de Sorocaba. O próprio Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues veio de Juiz de Fora (MG) para presidir, ao lado dos trinta padres por ele aqui ordenados, a missa em memória de seu episcopado, na véspera da comemoração jubilar da Arquidiocese: "Tive a honra de aqui estar por um longo período e agradeço a Dom Julio a alegria de estar nesta celebração portando o símbolo do pastoreio que lhe pertence... É uma alegria poder retornar e presidir esta Eucaristia – ao voltar para uma comunidade que se ama costumo dizer que não é para matar a saudade, mas sim para renovar as esperanças", frisou, emocionado, Dom Eduardo. "Estamos mais uma vez fazendo memória dos bispos que por aqui passaram e que estão muito próximos de nós, na memória e nos sinais presentes. Celebramos a memória de Dom Aguirre, com o início; o trabalho de Dom Melhado, tempos difíceis e de poucas ordenações sacerdotais, mas também tempo de semear, confiando nos frutos de Deus; com Dom José Lambert pudemos ver o que também diz o Evangelho, que um semeia e o outro colhe, mas os dois se alegram, A memória de Dom Lambert, porém, está muito próxima de nós, muito viva e, de fato, bem recente. Olhando para o passado, vemos que Deus nos conduziu e nos sustentou. Possa esta celebração fazer com que agradeçamos a Deus por todo o bem e que nos possa lançar com confiança para o futuro", resumira Dom Julio no sábado anterior, ao final

[51] O padre João Carlos Orsi é o primeiro sacerdote que a Arquidiocese recebeu durante o Episcopado de Dom José Lambert. Natural de Angatuba, nascido a 14 de junho de 1942, hoje titular da Paróquia de São Carlos Borromeu (Seminário) e juiz-presidente do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano, foi ordenado em memorável cerimônia no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, junto a outros 60 sacerdotes de várias regiões do País a 2 de julho de 1980, pelo Papa São João Paulo II, durante a primeira visita de um Sumo Pontífice ao Brasil. Jurista, é também doutor em Direita Canônico, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Também já esteve à frente da Paróquia de São José do Cerrado.

da celebração em memória do primeiro arcebispo, Dom José Lambert, enquanto os padres por ele ordenados eram convidados a uma breve homenagem, com colocação de flores e oração '*in memoriam*', na capela mortuária dos bispos à entrada da igreja. Também mais atrás, no sábado 29 de abril, tendo à frente Dom Julio a Arquidiocese seguiu em romaria à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no Vale do Paraíba, abrindo as comemorações jubilares, justamente no dia em que em 1992 era assinada por João Paulo II a bula pontifícia 'Brasiliensis fidelis', criando-a canonicamente. No altar central da Basílica de Aparecida, Dom Julio presidiu, ao lado do Presbitério de Sorocaba, a missa solene de ação de graças às 10h30.



O núncio Dom Giovanni D'Aniello veio a Sorocaba em 2 de julho de 2017, para impor o pálio aos ombros de Dom Julio, nas comemorações jubilares de 25 anos da Arquidiocese.

Procedente de Londrina, no interior do Paraná, onde esteve no sábado representando o Papa Francisco na missa de ação de graças pelos 60 anos de ordenação sacerdotal do Cardeal Geraldo Majella Gusmão[52], o núncio apostólico Dom Giovanni D'Aniello foi recebido com honras especiais pelas autoridades citadinas nas escadarias da Catedral Metropolitana, na praça Cel. Fernando Prestes, na tarde do domingo, 2 de julho, como insigne representante papal e da diplomacia do Estado do Vaticano junto ao Governo Brasileiro. Primeiro ato da solene concelebração eucarística que se seguiu sob a presidência de Dom Giovanni D'Aniello, ajoelhado à sua frente no Presbitério, uma vez mais Dom Julio Akamine renovou sua profissão de fé católica perante o representante papal e, então, houve por parte do Sr. Núncio a solene imposição do pálio arquiepiscopal, ao que se seguiu ainda o momento em que os bispos das dioceses sufragâneas da Província Eclesiástica de Sorocaba (Dom Arnaldo Carvalheiro Neto, de Itapeva, e seu emérito, Dom José Moreira de Melo; Dom Vicente Costa, de Jundiaí; Dom José Luís Bertanha, SVD, de Registro, e Dom Gorgônio Alves da Encarnação Neto, CR, de Itapetininga) apresentaram ao novo Metropolita seus compromissos de colegialidade e unidade eclesial, igualmente renovando, ao mesmo tempo, sua profissão nas verdades católicas em união com a Sé de Pedro e ao Magistério da Igreja.

Em sua homilia, Dom Giovanni D'Aniello fez votos de que o marco de 25 anos de criação da Arquidiocese pelo Papa São João Paulo II não fosse um ponto de chegada, mas o início de nova caminhada

[52] Feito cardeal em 2001, dom Geraldo Majella Agnelo (Juiz de Fora,1933) fixou residência em Londrina (PR), sede de sua primeira arquidiocese, depois de sua emeritude como arcebispo de São Salvador da Bahia e primaz do Brasil, de 1999 a 2011. Fora ainda bispo de Toledo, no interior do Paraná, e de Londrina, antes da assunção às funções de primaz do Brasil, chamado pelo Papa São João Paulo II passou a servir a Cúria Romana, como secretário da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (1991-1998). Faleceu a 26 de agosto de 2023.

pastoral para a Igreja Particular de Sorocaba: "Vinte e cinco anos devem marcar seu início como uma Igreja que caminha sempre. Uma Igreja sempre nova, indo também às periferias existenciais, como insiste hoje o Papa Francisco, com cada um sendo testemunha da mensagem evangélica e da unidade em Cristo na sociedade, na família, na loja da esquina, enfim, em cada local em que se encontre", destacou o Núncio Apostólico em bom português, embora carregado do modo de falar do italiano. "Celebremos juntos esta Eucaristia, em uma festa particular, do martírio de Pedro e Paulo também, numa circunstância particular, ou seja, o jubileu desta Arquidiocese e a investidura do pálio a seu novo Arcebispo. Por 25 anos a Arquidiocese de Sorocaba já tem feito um caminho e é uma Igreja que está sempre em movimento. Em nossa caminhada de fé, devemos sempre ter mais folego e mais animo, com o entusiasmo que vem da proximidade com Deus, provém da comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, provém da unidade do Bispo com o Santo Padre – e o pálio quer significar justamente isso, a Unidade", acrescentou Dom Giovanni D'Aniello, que na manhã de segunda-feira (3), antes de retornar a Brasília, ainda teve a oportunidade de conhecer a cidade e, sempre acompanhado do arcebispo emérito Dom Eduardo Benes, estar demoradamente na 'Cidade Universitária', inteirando-se das realidades e perspectivas da Uniso que, mesmo sendo uma Universidade comunitária não confessional, traz historicamente profundos laços ligando-a à Igreja de Sorocaba, tendo inclusive, estatutariamente, o (Arce)Bispo como presidente vitalício da Fundação Dom Aguirre, sua mantenedora.

Por outro lado, ainda em agosto de 2017, novamente Dom Julio viajou a Roma. Seguiu a convite especial da Santa Sé para participar de um encontro de partilha de bispos procedentes de diferentes continentes e com mais de cinco anos de ministério episcopal.

O encontro especial aconteceu em Casperia, na província italiana de Rimini, bem próxima a Roma, e como explicou Dom Julio estava centrado em quatro eixos centrais: a paternidade espiritual dos bispos, a comunhão fraterna entre os bispos e a colegialidade, a figura do Pastor que santifica e governa o seu povo e o testemunho-martírio do bispo através das alegrias e provações.

Posteriormente, entre os dias 26 de agosto e 2 de setembro, o arcebispo de Sorocaba também participou de um retiro espiritual em Camaldoli, na Casa das Pias Discípulas do Divino Mestre. A 3 de setembro ocorreu, então, fraterno encontro do grupo com o Papa Francisco no Vaticano, transcorrido, como informou Dom Julio ao retornar, "num clima muito alegre e fraterno". Os bispos ainda almoçaram descontraidamente com o Sumo Pontífice.

Ensinar, santificar e governar na caminhada do Arcebispo



Alegria e descontração de Dom Julio no Rebanhão'2019, reunindo adolescentes e jovens que se preparavam para a Crisma.

Com a trilogia 'ensinar, santificar e governar' sempre presente dentre as metas do múnus episcopal, a iniciante caminhada de Dom Julio Akamine como Pastor da Arquidiocese de Sorocaba também igualmente vai descortinando-as sempre mais, seja nas visitas pastorais às paróquias[53], seja no governo arquidiocesano e principalmente nas exortações, ao ensinar a todos a partir das verdades da fé católica e das orientações emanadas da doutrina reconhecida pelo Magistério da Igreja. Às vésperas do início da Semana Santa de 2018, por exemplo, por iniciativa da Pastoral da Comunicação Dom Julio esteve reunido novamente com representantes da Imprensa, Rádio e Televisão de Sorocaba numa nova coletiva, com o objetivo de conclamar a comunidade local e regional a não deixar de tomar parte nos atos celebrativos que se avizinhavam, sobretudo do chamado 'Tríduo Pascal', naquele ano imbuídos da força que movia a Campanha da Fraternidade de então, "fazendo o 'dever de casa' em busca da construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e pacificadora, dentro de um mundo tão violento e, muitas vezes, vingativo". 'Fraternidade e Superação da Violência' era o tema da CF-2018, sintetizado no lema 'Em Cristo, somos todos irmãos', trazendo à reflexão Dom Julio, inclusive, o momento de excessiva violência que voltava a recrudescer no País, citando como referência a morte bárbara naqueles dias da vereadora Marielle Franco no Rio de Janeiro, apresentando-a como

[53] As visitas pastorais previstas, inclusive, pelo Código de Direito Canônico devem ser feitas periodicamente pelo Bispo, num costume que vem desde os tempos apostólicos, quando os apóstolos passavam pelas várias comunidades fundadas, confirmando os irmãos na fé. O Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos ressalta que "é uma ocasião de reavivar as energias dos agentes evangelizadores, louvá-los, encorajá-los e consolá-los, como também a oportunidade de chamar todos os fiéis à renovação da sua vida cristã e a uma atividade apostólica mais intensa". Acrescenta ainda que a visita também permite ao Bispo "avaliar a eficiência das estruturas e dos instrumentos destinados ao serviço pastoral, dando-se conta das circunstâncias e dificuldades do trabalho de evangelização, para poder definir melhor as prioridades e os meios da pastoral orgânica"

um sintoma dos angustiantes problemas sociais brasileiros. "É a lógica da barbárie e uma perigosa falta de esperança. Temos que 'fazer nosso dever de casa' e santificar a sociedade", acentuou Dom Julio, acrescentando ainda ser necessário superar também a intolerância e a polarização nas redes sociais: "Precisamos incentivar o diálogo, não o confronto. Trata-se de buscar a verdade, não vencer o outro". Quanto à semana Santa, ao exortar todos à participação, o Arcebispo alertou para a importância de não se associar a Páscoa apenas ao lado comercial ou turístico pelos feriados motivados: "A gente não pode permitir que aquilo que é um símbolo religioso perca seu significado e é importante que todos participem; não é tempo para turismo. De outro lado, não se pode 'demonizar' também a busca desenfreada por chocolates, mas resgatar a partir de símbolos pascais, como o ovo e o coelhinho da Páscoa, tradições, sobretudo, de países do Hemisfério Norte, onde a data cai no início da Primavera, sua ligação com o renascimento e o desabrochar da Vida, vendo neles o Cristo que ressuscita no domingo de Páscoa".

Também ano a ano, a não ser no período de isolamento causado pela pandemia, tem procurado Dom Julio destacar e solenizar a passagem do Dia Mundial das Comunicações Sociais, uma das celebrações inseridas no calendário litúrgico a partir de documentos conciliares do Vaticano II, esta destacando a importância dos 'mas média' para a evangelização e para a missionariedade pastoral da Igreja, a partir do decreto apostólico 'Inter mirifica', de dezembro de 1963. A primeira Jornada Mundial dos Meios de Comunicação Social ocorreu em 1966 e, de lá para cá, a cada ano o Papa propõe um tema para sua celebração sempre no domingo que antecede Pentecostes, a Solenidade da Ascensão do Senhor. Em 2018, a celebração reunindo os comunicadores sociais da Arquidiocese, incluindo jornalistas,

radialistas, repórteres televisivos, fotógrafos, cinegrafistas, operadores de imagem e som, integrantes das pastorais paroquiais voltadas à Comunicação, etc., aconteceu durante a missa das 12 horas do sábado que a antecedeu na Catedral, com o Arcebispo destacando o tema proposto para aquele ano pelo Papa Francisco, "A Verdade vos tornarás livres' (Jo 8,32). Fake-news e jornalismo der paz". O Santo Padre propunha e Dom Julio deixava claro, então, que precisavam ser superados os mecanismos de propagação das notícias falsas e hostis à verdade, as chamadas 'fake-news', sublinhando os seus danos a cada um individualmente e à sociedade como um todo. "Contribuir para o esforço comum de prevenir a difusão das notícias falsas e redescobrir o valor da profissão jornalística e a responsabilidade pessoal de cada um na comunicação da verdade, eis a missão de todos" exortou Dom Julio em sua homilia, repetindo palavras deixadas pelo Papa em sua mensagem para a ocasião. "O antidoto mais radical ao vírus da falsidade é deixar-se purificar pela verdade".

Já nas missas que presidiu no feriado de 7 de setembro, na data da comemoração do 196º aniversário de proclamação da Independência do Brasil, também Dia dos Excluídos pelo calendário da CNBB, Dom Julio não deixou de destacar várias referências à situação política do País, então às vésperas de novas eleições gerais, com ênfase à Presidência da República, mesmo dia em que a Arquidiocese, por consenso entre seu Arcebispo e o Conselho Consultivo de Presbíteros, iniciava a distribuição de uma Cartilha de Orientação Política, escolhida entre as várias preparadas por diferentes regionais do Episcopado brasileiro. Tratava-se por aqui de texto preparado pelo Regional Sul 2/Estado do Paraná, sob orientação de Dom Mário Spaki, bispo de Paranavaí, tendo como centro a esperança, "revalorizando-se a política num momento em que o Brasil vive sérias crises,

particularmente no âmbito político... professando que a fraternidade é o maior valor do bem-comum", indo tal texto das preocupações com as crises éticas às ameaças atuais à democracia no País, a corrupção, o descrédito na política e nos políticos, como distinguir os bons dos maus políticos nas eleições de 2018 e o acirramento das polarizações, "com o preocupante discurso de ódio e de mútua intolerância que se instaurou entre as denominadas esquerda e direita". Nas missas do Dia da Pátria deste ano, Dom Julio ainda lembrava que a data de 7 de Setembro é sempre especial "para cultivarmos a virtude do patriotismo, que é o amor para com nosso País". "Todos nós, brasileiros, temos um desafio pela frente, para o País não ir mais para o fundo e lançar novamente as redes, como o convite feito por Jesus", frisava ele, definindo que "vivemos em um estado laico e isso é um valor – e não uma ameaça -, pois Estado laico significa que ele não adota uma religião oficial, tutela a liberdade de crença ou propugna pela realidade de não ter fé, porém não é um estado ateu ou anti-religioso" e enumerando, por fim, "cinco critérios meus para estas eleições... e que cada um vote de acordo com a sua consciência": 1. Privilegiar os novos. Há muitos que se perpetuam no Poder e na política. 2. Votar para reeleger os que demonstraram concretamente atuação política correta em vista do bem-comum. 3. Não votar em defensores do aborto e da ideologia de gênero. 4. Não votar nos que renunciaram. Para não sofrer processos. 5. A Igreja não tem candidatos próprios: não votar em padres que se candidatam a cargos públicos.

A polarização política para o segundo turno das eleições presidenciais de 2018 – e também para governador do Estado em São Paulo -, por outro lado, leva novamente Dom Julio a elaborar mensagem a seus arquidiocesanos duas semanas antes do pleito marcado para 28 de outubro, em vista do "clima de polarização e disseminação

de notícias falsas e preconceitos, de paixões políticas exacerbadas e de maldade e pecado que tornam difícil uma convivência política e, infelizmente, também a unidade da Arquidiocese de Sorocaba". E, "para que possamos aproveitar bem este período de discernimento política e para evitar divisões nas comunidades paroquiais e na nossa Arquidiocese", elencava cinco longos pontos de reflexão, com importantes orientações pastorais para período tão tenso e delicado. Uma das principais recomendações de Dom Julio era também no sentido de que, sobretudo nas redes sociais, mesmo se cada um era livre para expressar suas preferências e opções políticas pessoais "não significa que se possa torná-la pública usando o nome de uma pastoral, de um movimento ou mesmo da Igreja" – "É preciso que todos tenham zelo pela comunhão eclesial". "As redes sociais e os espaços virtuais das paróquias, comunidades, movimentos e pastorais devem ser preservados de manifestações partidárias. Os perfis pessoais e as contas individuais podem ser usados para manifestações políticas de apoio a um candidato, mas é sempre necessário deixar claro que tal manifestação é pessoal. Evite-se apresentar-se como 'catequista', 'ministro da Comunhão' ou membro deste ou daquele movimento...".

"É dever defender a democracia brasileira colocada em crise pelos atos de vandalismo acontecidos hoje – acentuaria também o arcebispo de Sorocaba anos à frente, em nota distribuída a seus arquidiocesanos na noite de 8 de janeiro de 2023, após violentas manifestações e atos depredatórios registrados à tarde em Brasília -. As ameaças contra às instituições democráticas, cultivadas há tempos, por grupos radicais não ficaram somente na violência verbal e na estratégia da intimidação. Os atos terroristas acontecidos em Brasília, imitação vergonhosa e condenável da invasão do Capitólio dos EUA, são inaceitáveis". E proclamava com sua voz de Pastor: "Renovamos

nosso compromisso com a democracia brasileira e suas instituições. Reprovamos severamente todos os que financiam, realizam e apoiam tais atos. Protestar é direito legítimo da democracia; a violência e a depredação do patrimônio público, que pertence a todos nós, não são o caminho para superação dos problemas".

Missão episcopal que segue

Os anos de 2018 e 2019 continuaram trazendo realizações e novidades evangelizadoras para a Arquidiocese sob a batuta de um Dom Julio cada vez mais familiarizado com a realidade sorocabana e regional, não se podendo nem de longe imaginar as duras realidades da crise sanitária jamais vista na história, pelo menos contemporânea, da Humanidade que estavam por chegar. Um dos destaques de 2018 foi o lançamento do aplicativo virtual da Arquidiocese, oficializado quase no final do ano, no dia 18 de dezembro, juntamente com a apresentação dos votos natalinos do Arcebispo à Imprensa local e representantes da Pastoral da Comunicação das paróquias. "Nada de poético e glamoroso como se nos apresentam hoje... E muito menos nada podemos perceber do verdadeiro Natal do Menino Deus em trenós, fadas, duendes e outras alegorias estranhas alegorias que nada têm a ver com a comemoração natalina... Natal é, por excelência, a festa da família", ressaltou, no entanto, Dom Julio aos jornalistas e pasconeiros presentes no auditório do Centro Arquidiocesano de Pastoral.

O aplicativo fora desenvolvido pelo Departamento de Comunicação que estava sendo implementado junto à Cúria Arquidiocesana, sob a supervisão de seu novo chanceler, o padre Dr. Fernando Henrique Giuli Batista, titular da Paróquia de São Francisco de Assis, de Vila Assis. E, para 2019, Dom Julio já destacava a importância que

teria a realização, na próxima Quaresma, de nova Campanha da Fraternidade, que como disse destacaria a delicada questão do direcionamento das chamadas 'Políticas Públicas', com lema inspirado no livro do Profeta Isaías, 'Serás libertado pelo Direito e pela Justiça' (Is 1,27).

Também em setembro de 2018 Dom Julio, ouvido o Conselho Arquidiocesano de Presbíteros, concluía a renovação que procedia no governo da Igreja de Sorocaba a partir de sua chegada, com novos nomes para assessorá-lo diretamente. O padre Manoel César de Camargo Júnior, desde 2012 titular da Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, era alçado ao cargo de vigário-geral da Arquidiocese, ocupando o lugar do emérito padre João Carlos Alampe. Para administrador da Mitra Arquidiocesana, aceitou o encargo, com a concordância de seus superiores hierárquicos da Província da Imaculada Conceição da Ordem dos Frades Menores, sediada em São Paulo e abrangendo os estados entre Santa Catarina e Espírito Santo, frei Gilberto Marcos Piscitelli, OFM, guardião dos franciscanos em Sorocaba e titular da Paróquia de Santo Antônio, do bairro da Árvore Grande, passando o sr. Kazunori Eto, ecônomo durante o episcopado de Dom Eduardo Benes, a procurador da Arquidiocese, até seu falecimento ainda recentemente. Paralelamente, no mesmo período, o padre Julio César Fernandes, da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, na cidade de Piedade, assumia como coordenador arquidiocesano de Pastoral, substituindo ao padre Manoel Júnior e que, em pouco tempo, já vê coroado de êxito seu primeiro grande esforço nas novas funções, com a publicação da tradicional Agenda Bíblica da Igreja local, em sua edição para 2020, trazendo encartado o primeiro de uma série de cinco fascículos narrando a história da Arquidiocese, abrangendo dois decênios cada um deles, como que guiando-a rumo às comemorações e realizações de seu centenário. Com o selo

da Editora Ave-Maria, dos Padres Claretianos, seu lançamento oficial ocorreu na manhã do domingo 20 de novembro, durante o Encontro Arquidiocesano de Catequistas, na Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, em Votorantim, com a participação de perto de 1.200 catequistas. "Este Diário Bíblico'2020 é a expressão escrita da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Sorocaba. Com a presente publicação, iniciamos a nossa caminhada rumo à celebração do centenário de criação da Arquidiocese, que se dará a 4 de julho de 2024", escreveu Dom Julio na apresentação do trabalho, na edição 2020.

O título de 'Cidadão Sorocabano', por outro lado, foi outorgado a Dom Julio Akamine, pela Câmara Municipal, na noite de 7 de março de 2019, a partir de proposta de decreto legislativo apresentada ao Plenário da Casa de Leis pelo vereador Dr. Hélio Brasileiro e acolhida unanimemente por seus colegas. "A entrega desta honraria é uma forma de homenagear Dom Julio pelo que a Igreja sempre fez e, sobretudo no atual cenário, vem fazendo por Sorocaba, principalmente em se tratando das áreas de Educação e Saúde", justificou Brasileiro, destacando o trabalho da Igreja à frente da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba, com o Arcebispo, após receber o diploma conferindo-lhe a Cidadania honorária, ocupando a tribuna da Edilidade para, em agradecendo a homenagem, ressaltar que "os sorocabanos são amáveis e não tem como não amá-los com ternura e afeto. Conquistaram meu coração". "Os sorocabanos me acolheram antes mesmo da minha chegada e, por isso, me sinto em dívida com eles. Essa dívida é algo paradoxal, que se resolve pelo próprio amor. Somente quem ama pode se sentir obrigado sem se tornar escravo", acentuou emocionado, relembrando que "ao chegar em Sorocaba, os fiéis da Arquidiocese faziam uma pergunta que achava

um pouco estranha: 'O sr. está gostando de Sorocaba?'". "Proibi, logo que cheguei, que as pessoas me fizessem essa pergunta, assegurando sempre que vocês são amáveis e conquistaram meu coração. Vocês me acolheram com um amor que se antecipou à minha chegada. Antes mesmo de me conhecerem vocês já me amaram".

Chega a pandemia e Igreja adapta-se

O ano civil de 2020 ainda engatinhava e a Arquidiocese de Sorocaba, assim como o mundo todo, era surpreendida pela chegada da terrível pandemia de Covid-19, em meio à fase inicial de suas agendas pastorais e evangelizadoras anuais, como as aulas no Instituto Superior de Teologia 'João Paulo II', a Catequese em seus diversos níveis nas paróquias ou ainda os cursos de Teologia para leigos, como aquele ministrado desde 2009 pelo padre Flávio Jorge Miguel Júnior na Paróquia-Santuário de São Judas Tadeu, no bairro do Central Parque.

Mesmo se há algumas semanas a epidemia que começara na China, entre janeiro e fevereiro, viesse assustando a Ásia e, aos poucos, fosse se espalhando pela Europa, no Brasil o clima de insegurança epidemiológica eclodiu mesmo, com toda força, no finalzinho da primeira quinzena de março, não obstante num primeiro comunicado oficial das autoridades sanitárias brasileiras, emitido no sábado 14 e imediatamente também retransmitido pela Cúria Metropolitana de Sorocaba às paróquias, houvesse apenas recomendação de prudência e cautela e, quanto às celebrações religiosas, que se encontrassem alternativas para limitar a participação, no máximo, a 500 pessoas, "cancelando-se ou adiando outros eventos religiosos, como procissões, encontros e reuniões pastorais". Porém, em questão de dias ou de horas, o alastrar-se indiscriminado do novo coronavírus foi se tor-

nando cada vez mais perigoso e mortal, fazendo com que já na quinta-feira seguinte, dia 19, Solenidade de São José, Esposo de Maria Santíssima, o arcebispo Dom Julio Akamine, acatando orientações emanadas do Ministério da Saúde e da própria CNBB, já emitisse um segundo dos muitos comunicados que se seguiriam, "em atenção às recomendações das autoridades sanitárias", estabelecendo, assim, novas determinações pastorais, "a fim de que os católicos se engajem pessoal e responsavelmente no enfrentamento da disseminação do novo coronavírus, a Covid-19".

Com esse segundo comunicado do Arcebispado, a partir de 20 de março, como estabelecido pelo Sr. Arcebispo, os sacerdotes de imediato, com as portas das igrejas fechadas, passaram a celebrar, diariamente, '*sine populo*', ou seja, as chamadas 'missas sem povo', com os fiéis sendo exortados a acompanhá-las devotamente de maneira remota, do interior de suas casas, através dos meios de comunicação social disponíveis (rádio, tv e internet), sobretudo através dos canais de televisão de inspiração católica, como a TV Aparecida, Canção Nova, Rede Vida, Século XXI e TV Pai Eterno, dos Padres Redentoristas de Trindade, interior de Goiás, além de emissoras de rádio de longo alcance e também, a nível arquidiocesano, por intermédio dos sites e redes sociais das paróquias que já contavam com estes instrumentos, como as paróquias de São Judas Tadeu e de São José Operário/Santuário de Santa Filomena, da região de Vila Progresso, e daqueles de muitas outras comunidades que foram gradativamente sendo criados e colocados no ar pela criatividade e determinação de párocos e agentes pastorais, sobretudo ligados à Pastoral da Comunicação, diante do prolongamento do estado de emergência sanitária.

"Que os nossos sacerdotes não deixem de rezar diariamente a Eucaristia sem a presença de fiéis. Os sacerdotes observem o que está prescrito na Introdução Geral ao Missal Romano quanto à 'missa sem povo' e sigam o 'Rito da Missa celebrada sem povo'", orientava Dom Julio, insistindo ainda que os fiéis fossem avisados da celebração (dia, horário, local), "para que possam se recolher em oração pessoal sem ir ao local da celebração e se unir espiritualmente a ela, para suplicar a Deus pela Igreja e pelos paroquianos, pelo seu padre, pelos doentes e profissionais da área da Saúde". "A celebração da missa é ação de Cristo e do Povo de Deus hierarquicamente ordenado e é o centro de toda a vida cristã da Igreja Universal, da nossa Arquidiocese e de cada um dos seus fiéis. Nela está o ponto alto da ação santificadora de Deus em Cristo e do culto que nós oferecemos ao Pai, pelo Filho no Espírito Santo". "A 'Missa sem Povo' celebrada na igreja paroquial tem grande valor, uma vez que ela representa a Igreja Católica no tempo e no lugar em que está situada. Este significado se dá principalmente na celebração dominical do dia do Senhor, mas também tem grande dignidade a 'Missa sem Povo'. Os fiéis, mesmo que não acorram à igreja, participam dela espiritualmente para poderem receber dela os frutos que Cristo quer distribuir com abundância à sua Igreja. Mesmo que não se possa contar com a presença dos paroquianos, conserva ela a sua eficácia e a sua dignidade, uma vez que é, por sua natureza, ação de Cristo e da Igreja, na qual o sacerdote sempre age pela salvação do povo".

Outras recomendações se seguiram neste tempo de inesperada pandemia, como a de que, ao celebrarem a 'missa *sine populo*', os padres não se esquecessem de fechar as portas das igrejas, afixando nelas um sinal para alertar que no seu interior acontecia a celebração da 'missa sem povo' e "para que os fiéis se unissem

espiritualmente à celebração dos sagrados mistérios". As igrejas em outros horários, porém, permaneciam abertas, "para os que desejarem fazer sua oração pessoal e o culto de adoração eucarística, sempre se tomando o cuidado de não permitir a aglomeração de fiéis no seu interior", como no Santuário São Judas Tadeu, continuando de portas abertas 24 horas por dia e sem interromper o exercício da Adoração Perpétua – só seria fechada aos domingos, para a celebração da missa '*sine populo*' às 8, 10 e 19 horas. Com as devidas precauções, os sacerdotes continuaram ainda a atender aos fiéis para aconselhamento e principalmente confissão sacramental, sem, contudo, usarem o confessionário, "atendendo em lugares amplos e ventilados, mantendo a distância mínima de segurança sanitária e sigilo de confissão". Paralelamente, os batizados, crismas, matrimônios e celebrações de exéquias foram suspensos, "até que dure esta situação de emergência". "Caso haja celebração de Matrimônio que não possa ser suspensa, os noivos e o pároco entrem em acordo para que esta se realize sem contrariar as determinações e recomendações sanitárias". Na Paróquia da Catedral, por exemplo, seu pároco, padre Tadeu Rocha Moraes, seguindo as orientações normativas do Arcebispo, logo confirmou a suspensão de cinco casamentos e quatro batizados já agendados; em outras paróquias, os próprios noivos estavam procurando a Igreja para adiar a cerimônia, em vista da emergência sanitária.

Como a crise pandêmica, ao contrário do que se projetava inicialmente, só foi evoluindo-se aceleradamente e, menos de uma semana depois, já atingia proporções catastróficas, o arcebispo de Sorocaba a 25 de março, coincidentemente Solenidade da Anunciação do Senhor e um dia depois do Governo Estadual instituir quarentena inicialmente de quinze dias em território paulista e todas as

prefeituras dos 12 municípios que compõem sua Igreja Particular terem também decretado novas medidas para conter a disseminação do coronavírus, volta a insistir na necessidade premente de todos se manterem isolados em casa. "Para obedecer a essas medidas – destacava outro comunicado por ele elaborado -, todas as atividades religiosas com aglomeração de pessoas continuam suspensas na Arquidiocese", ao mesmo tempo em que a coordenação arquidiocesana da Pastoral de Comunicação informava que, em pouco mais de 1 hora, havia obtido mais de 2 mil acessos para que se viabilizasse junto ao YouTube a criação de canal exclusivo para a transmissão ao vivo da 'missa *sine populo*' celebrada todas as noites, diretamente da Residência Episcopal, por Dom Julio, assim como o terço do Rosário de Nossa Senhora que recitava diariamente todas as manhãs, ao lado do padre Manoel Júnior, com quem residia. "Exorto todos os fiéis a se recolherem em casa e a obedecerem a quarentena de modo responsável e ativo. Lutamos contra uma doença quer não poupa ninguém e se abate principalmente sobre os mais frágeis e pobres. Por isso, não se contagiar para não contagiar outros é um gesto de caridade cristã e de cuidado pela vida", acentuava ainda o arcebispo em outra manifestação, acrescentando entender que as iniciativas governamentais "são necessárias para enfrentar a disseminação da pandemia" e aos sacerdotes particularmente insistindo, ao mesmo tempo, que "não abandonem o povo confiado aos seus cuidados pastorais, tomando as decisões que são necessárias para pôr em prática o isolamento social, sem deixar de congregar o Povo de Deus disperso de suas paróquias".



Solitário, em meio a Pandemia da Covid-19, Dom Julio realiza 'Adoração da Cruz' na Sexta-Feira da Paixão de 2020. A chegada do perigoso vírus exigiu medidas sanitárias imediatas, fechamento das igrejas e missas '*sine populo*'.

E, em meio à conflituosa crise sanitária, o ano litúrgico foi se desenrolando e igualmente pela primeira vez, pelo menos na história de séculos mais recentes da Igreja, também a Semana Santa'2020 aconteceria '*sine populo*', coincidindo, aliás, com uma das fases mais agudas, preocupantes e nebulosas da pandemia, com as orientações distribuídas por Dom Julio para a Arquidiocese seguindo fielmente as diretrizes emanadas da própria Santa Sé, pela Sagrada Congregação Pontifícia para o Culto Divino, visto que as restrições impostas pela propagação da Covid-19 tinham amplitude mundial. Sem as costumeiras e piedosas celebrações presenciais próprias em reverência aos sagrados mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor, para o Domingo de Ramos, por exemplo, o arcebispo recomendava

que os fiéis providenciassem a colocação de ramos na porta ou janelas de suas casas enquanto acompanhavam a liturgia remotamente. Outros atos de piedade popular, próprios do ciclo da Quaresma e da Semana Santa, como o exercício da Via-Sacra ou a celebração das Sete Dores de Nossa Senhora, estavam liberados igualmente, desde que realizados remotamente, transmitidos pela Internet – o Arcebispo também gravou, antecipadamente, o chamado 'Sermão das Sete Palavras', para ser veiculado pelas mídias na Sexta-Feira Santa.



Missa dos Santos Óleos, celebrada no Dia do Padre, em 4 de agosto de 2020, com participação exclusiva do clero e Catedral com portas fechadas. Todos de máscaras.

A 'Missa Crismal' ou dos 'Santos Óleos' foi, em Sorocaba, adiada e realizada na manhã de 4 de agosto, Dia do Padre e memória litúrgica de São João Maria Vianney, o 'Santo Cura d'Ars', patrono do Clero, na Catedral Metropolitana, porém ainda com as portas fechadas e participação restrita aos sacerdotes e diáconos, mesmo assim mantendo distância considerável uns dos outros e fazendo uso das máscaras, entre outras recomendações profiláticas constantes dos protocolos de saúde. Foram, então, abençoados os óleos santos a serem utilizados

nos meses seguintes na administração dos sacramentos e os padres procederam perante o Arcebispo a solene renovação de seus compromissos sacerdotais, como ocorre a cada Semana Santa nas Sés episcopais do mundo todo. O 'tríduo pascal' não poderia, porém, ser adiado ou transferido à espera de dias melhores e contou com celebrações nas igrejas paroquiais sem a presença dos fiéis, com transmissões ao vivo – "e não gravações", como orientou Dom Julio, visto que "a natureza da liturgia exige essa participação no momento da celebração" -, com o arcebispo presidindo-as na igreja da Catedral, igualmente sem povo, havendo, aliás, recomendação de que no Sábado Santo à noite, durante a Vigília Pascal, os sinos das igrejas pudessem ser badalados durante a proclamação solene da Páscoa e que os fiéis de suas casas, no momento da renovação das promessas batismais, acompanhassem com velas acesas. O mesmo se sucederia nas semanas seguintes, Tempo Pascal e incluindo solenidades como Ascensão do Senhor e Pentecostes.

Três meses depois, igrejas reabrem, mas com precauções



As igrejas foram reabertas, em períodos de abrandamento das medidas restritivas diante da Covid-19, o acesso de fiéis era controlado, distanciamento e uso de máscaras.

Quase três meses depois, passada então a primeira fase mais aguda e crítica da pandemia, também as igrejas de Sorocaba puderam ser reabertas para as ansiosamente aguardadas 'missas presenciais'. Foi no Domingo de Pentecostes, 31 de maio, que Dom Julio Akamine elaborou novo comunicado pastoral, anunciando desta feita o retorno das celebrações religiosas presenciais na Arquidiocese. Trazia esse comunicado, porém, outra série de orientações práticas, agora a nortear esse gradativo retorno, em consonância com as medidas de flexibilização preconizadas pelo Governo do Estado e também pela Prefeitura local e das cidades integrantes da Arquidiocese, "de modo que mesmo com o retorno presencial das celebrações, certas normas sanitárias continuem sendo cumpridas à risca, para evitar novas contaminações". "O compromisso mais importante segue sendo o de evitar o contágio para não contagiar outros. Por isso, é imprescindível seguir as orientações das autoridades sanitárias e dos párocos no que se refere, sobretudo, ao número de fiéis que podem tomar parte de cada celebração", escreveu Dom Julio, destacando algumas providências primordiais para esse retorno seguro, além do uso de máscara, distanciamento nos bancos e demais espaços celebrativos, exclusão de cumprimentos ou qualquer outro contato físico e/ou próximo e higienização das mãos. A Comunhão Eucarística também passava a ser distribuída somente na mão. "Procure – acrescentava o Arcebispo – se informar sobre a capacidade máxima de pessoas que podem entrar na igreja e colabore no sentido de comunicar antecipadamente sua intenção de participar de alguma missa de sua paróquia. Assim, os párocos poderão controlar o número de fiéis de cada missa. Lembre-se que você não é um cliente, nem mero consumidor; a Igreja é sua casa e sua família". Em algumas cidades do território arquidiocesano, contudo, como Tietê e Salto de Pirapora, as celebrações presenciais continuaram ainda suspensas por algum tempo, em vista da não liberação por parte das respectivas prefeituras.

A Solenidade de Corpus Christi não teve as tradicionais procissões públicas de reverência ao Santíssimo Sacramento evidentemente, porém missas solenes, mesmo se com a recomendação de serem breves para evitar-se demorado convívio entre as pessoas, já puderam acontecer, paralelamente ao acompanhamento virtual por parte de muita gente, principalmente de grupos de risco, como idosos e aqueles portadores de condições médicas pré-existentes, como pressão alta, diabetes e/ou doenças pulmonares ou cardiovasculares, assim como com sintomas gripais ou que tivessem tido contato, recentemente, com infectados pela Covid-19, e que, por conseguinte, continuavam dispensadas pela Igreja do preceito dominical – aliás, já no comunicado de 31 de maio Dom Julio alertava que idosos e pessoas com comorbidades, entre outros casos especiais, em hipótese alguma deveriam retornar às celebrações presenciais, assim como os sacerdotes em situações análogas deveriam continuar celebrando a 'missa *sine populo*'. Celebrações de batizados e casamentos também estavam liberadas, seguindo, porém, as mesmas normas de segurança e higiene. Uma das primeiríssimas atividades religiosas presenciais a acontecer na cidade foi a sempre concorrida Trezena de Santo Antônio, na Paróquia do bairro da Árvore Grande, nos altos da avenida São Paulo, porém igualmente seguindo as normas pré-estabelecidas pelas autoridades da área da Saúde e pelo Arcebispado, com limitação de 140 pessoas a cada uma das três missas diárias (7, 15 e 19 horas), mediante a distribuição antecipada de senhas.

Outras paróquias foram paulatinamente reabrindo também, devidamente preparadas com espaçamento e isolamento de bancos, instalação de totens para higienização das mãos com álcool gel e reserva antecipada de senhas de acesso, inclusive pela Internet, e retomando suas celebrações presenciais, atentas às orientações das autoridades sanitárias.

Dias depois, porém, o Arcebispo era já instado a emitir mais um comunicado pastoral, escrevendo textualmente a seus arquidiocesanos que "apesar de todos os ingentes esforços realizados pelas paróquias no sentido de preparar as igrejas como ambientes seguros e higienizados e, sobretudo, do comportamento responsável e exemplar de nossos fiéis no que se refere ao combate à pandemia, Sorocaba regrediu para a Fase 1 (vermelha)". Assim, "na mesma linha de responsabilidade pelo bem comum e de firme propósito de continuar contribuindo no combate à proliferação do coronavírus SARS-CoV-2, as missas com povo, nas paróquias localizadas no território do município de Sorocaba estão novamente suspensas a partir do dia 22 de junho de 2020, segunda-feira. A mesma suspensão (que, porém, em pouco mais de uma semana já era abrandada) vale para as paróquias dos outros municípios se assim for determinado pelas autoridades competentes".

Como o seria novamente a 1º de janeiro de 2021 e depois no segundo domingo de julho seguinte, também a centenária romaria de meio de ano rumo ao bairro de Aparecidinha, trasladando da Catedral Metropolitana a seu Santuário de origem a imagem de Nossa Senhora Aparecida, estava cancelada – a primeira vez em 120 anos de história, desde que em 1899 Monsenhor João Soares, então pároco de Sorocaba, fixara as datas para a realização das peregrinações que se arrastavam aleatoriamente desde o final do século XVIII, início do século XIX, em meio a um gesto de fé à Virgem Santíssima, para pôr fim à epidemia de febre amarela que matara quase mil pessoas na cidade entre 1897 e 1900. A 1º de janeiro de 2021 a veneranda imagem viria como de costume à Catedral, trazida, contudo, privativamente em seu carro pelo Sr. Arcebispo, o mesmo acontecendo em seu habitual retorno a 11 de julho, diante da persistência da crise sanitária, "com altas taxas ainda de transmissibilidade da Covid-19". Nas duas

ocasiões, na Catedral e no Santuário de Aparecidinha, Dom Julio presidiu a celebração de missas com restrito número de participantes, como recomendado ainda pelo comitê de combate à pandemia do Ministério da Saúde, e transmissão pelas redes sociais e outros meios de comunicação ligados à Igreja, como a Rádio Cantate FM.

A 30 de julho do ano de chegada da pandemia, a Arquidiocese de Sorocaba uniu-se igualmente aos apelos do Papa Francisco, pela celebração do 'Dia Especial de Orações para Abraçar o Senhor, para Abraçar a Esperança – Todos unidos em oração por aqueles que sofrem', com Dom Julio Akamine exortando a todos nesta ocasião a aderirem com suas preces e participação em missas e celebrações religiosas, presenciais ou virtuais, em intenção dos tempos sombrios de pandemia.

Catedral reabre na festa da Padroeira, com lançamento das celebrações jubilares de 100 anos

A Catedral Metropolitana, por uma série de fatores logísticos, não reabriu suas portas quando da primeira liberação autorizada no final de maio pelas autoridades sanitárias e, mesmo depois do novo pequeno período de fechamento no final de junho, com a regressão à Fase Vermelha, foi uma das últimas, senão a última a reabri-las. E essa reabertura seu pároco, padre Tadeu Rocha Moraes, fez coincidir com as comemorações em honra de Nossa Senhora da Ponte, na Solenidade da Assunção de Maria Santíssima, e ação de graças pela passagem do 366º aniversário de fundação de Sorocaba, com a igreja-mãe preparada para receber até 200 pessoas portando máscaras faciais, seguindo as determinações para um retorno seguro também no tocante às celebrações religiosas.

A missa solene desse feriado de 15 de agosto, às 17 horas, sob a presidência do arcebispo Dom Julio Akamine e com a participação expressiva do clero local e das autoridades citadinas, serviu ainda, por outro lado, como lançamento das celebrações rumo ao centenário da Arquidiocese, inclusive com a apresentação oficial de sua logomarca[54].

Na caminhada arquidiocesana, por outro lado, com uma live transmitida pelo canal da Pastoral da Comunicação no YouTube, a partir da Matriz de Cristo Rei, no Parque das Laranjeiras, na noite de 16 de outubro Dom Julio Akamine procedeu ao lançamento do novo Diretório Litúrgico-Sacramental da Arquidiocese, juntamente com os novos diretórios dos Presbíteros e de Orientações e Normas Administrativas. Apresentados como valiosos instrumentos tanto para a ação celebrativa e evangelizadora, como para as questões de organização e estrutura dos organismos e paróquias da Igreja Particular de Sorocaba, revisadas e atualizadas as novas edições desses documentos representavam, assim, o resultado de trabalho de meses sob a direção do arcebispo e coordenação do padre Julio César Fernandes, como gestor da Pastoral Arquidiocesana. Para cada subsídio, uma equipe ficou responsável pela revisão e atualização, submetendo-o posteriormente à aprovação do Clero. "O Diretório Litúrgico-Sacramental será de fundamental importância para nós, presbíteros e diáconos, e para as secretarias paroquiais, assim como para nossos agentes na Catequese Batismal, Catequese para a Iniciação à Vida Cristã, Catequese Matrimonial e tantas outras equipes ligadas à vida

[54] As celebrações religiosas e outras festividades e iniciativas que, desde o ano de 2020, vêm motivando a Comunidade Arquidiocesana para o grande cântico de ação de graças a 4 de julho de 2024, no marco histórico comemorativo ao primeiro centenário de criação canônica da Igreja Particular de Sorocaba pelo Papa Pio XI, aparecem detalhadamente no Capítulo IX, dedicado exclusivamente a esses acontecimentos jubilares.

sacramental e litúrgica em nossas comunidades", explicou à imprensa, na ocasião, o coordenador arquidiocesano de Pastoral. "Já o Diretório dos Presbíteros será um importante instrumento norteador do nosso ministério na Igreja Particular de Sorocaba, enquanto que o Manual de Orientações e Normas Administrativas será importante para nós, padres, e para nossos Conselhos de Assuntos Econômicos Paroquiais", acrescentou ele didaticamente.



No dia 9 de dezembro de 2020, mesmo em meio às restrições da Covid-19, Dom Julio celebrou no Mosteiro de São Bento, a missa de entrega do restauro magnífico em sua igreja de Sant'Ana, joia do barroco paulista.

Deste ano crítico de pandemia de 2020, cabe também um aceno à missa solene que Dom Julio Akamine presidiu na noite de 9 de dezembro de 2020, com público restritíssimo, marcando o término das obras de restauro interno, principalmente artístico-sacro, da histórica igreja de Sant'Ana, do Mosteiro de São Bento, ao lado do então abade do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, Dom Mathias Tolentino Braga OSB. Obra ímpar conduzida ao lado de restauradores especializadíssimos devolveu, até onde possível, sob a coordenação do monge beneditino Dom Rocco Fraioli OSB, as características histórico-originais da primeira igreja de Sorocaba, única remanescente, ao lado do vetusto Mosteiro ainda por restaurar, dos primórdios do povoamento de Sorocaba ainda na segunda metade do século XVII.

Restrições por conta da pandemia continuaram

No decorrer do segundo semestre de 2020 e grande parte de 2021, porém, as consequências da pandemia de Covid-19 ainda continuaram a ser sentidas também no âmbito da vida celebrativa e pastoral da Igreja. Assim, a situação de instabilidade reinante levou Dom Julio a emitir, no final de agosto de 2020, novo extenso comunicado, agora trazendo minuciosas orientações para a celebração dos Sacramentos e para a própria ação evangelizadora da Igreja de Sorocaba, com a recomendação de que fossem "assumidas com muita responsabilidade e resiliência pelos párocos e vigários paroquiais, com a colaboração dos diáconos e acolhidos por todos os paroquianos e fiéis". Tais orientações de proteção passaram a ser aplicadas a partir de 8 de setembro, Solenidade da Natividade de Nossa Senhora. Para a celebração dos Sacramentos, por exemplo, o Arcebispo recomendava, com veemência, que continuassem sendo levadas em conta as mesmas medidas assumidas nas orientações para a retomada gradual das Celebrações

Litúrgicas de 31 de maio, principalmente quanto ao uso obrigatório de máscaras, higienização das mãos, distanciamento obrigatório e capacidade máxima permitida conforme determinação das autoridades sanitárias de cada município. As celebrações de Batismo de crianças realizadas com sobriedade e profunda espiritualidade, com número reduzido de batizados. Mesmo o Sinal da Cruz, nos ritos de acolhida, que o presbítero ou o diácono traça sobre todos os batizandos, deveria ser realizado sem contato físico. Só os pais (pai e mãe e não os padrinhos) fariam o Sinal da Cruz na fronte do(a) filho(a). Para cada celebração do Batismo, proceder-se-ia nova bênção de água.

As Celebrações Eucarísticas transmitidas on-line, com ou sem a presença de fiéis, continuaram vigentes e as celebrações de Primeira Comunhão das crianças e adolescentes, se necessário, dividindo a turma em pequenos grupos, além do que as celebrações deveriam ser 'sóbrias, breves e com profunda espiritualidade eucarística' e a Sagrada Comunhão dada exclusivamente na mão. Por outro lado, as celebrações do Sacramento da Confirmação ou Crisma aos jovens e adultos já batizados e com a preparação catequética concluída, que estavam agendadas para de 1º de março a 7 de setembro e que foram canceladas em função das limitações da pandemia, poderiam ser celebradas pelos párocos no período de 8 de setembro a 31 de dezembro, conforme as normas canônicas, mediante solicitação de autorização, por escrito, à chancelaria da Arquidiocese.

A Catequese também retomava suas atividades presenciais e os presbíteros 'podem e devem' retomar os atendimentos de confissões e direção espiritual, 'se ainda não o fizeram', igualmente respeitando as orientações de distanciamento entre ele e a pessoa atendida, como também o uso obrigatório de máscaras e da devida higienização. "Procure-se interpor entre o ministro e o penitente uma barreira física"

era outra das recomendações. Quanto à Unção dos Enfermos, os presbíteros eram orientados a não deixarem de administrar o Sacramento aos que solicitassem, mesmo nos hospitais, quando isto fosse possível e segundo as normas hospitalares, porém as visitas aos doentes realizadas pelos agentes da Pastoral da Saúde permaneciam suspensas. Já para as celebrações de exéquias cristãs, estas igualmente foram retomadas então, respeitando-se, contudo, todas as determinações dos serviços funerários de cada município. "Apesar de ser difícil, recomende-se que os gestos de afeto sejam realizados sem contato físico, recordando a importância de se manter o distanciamento de segurança para preservar a saúde dos fiéis que tomam parte nas exéquias". "Onde a presença for inviável por questões de segurança à saúde, como por exemplo no sepultamento de uma pessoa vítima da Covid-19, com solicitude pastoral a presença do ministro nas exéquias seja feita através de vídeo-chamada, quando possível". Em diálogo com os noivos, já a celebração do Matrimônio poderia voltar a acontecer, respeitando sempre as Orientações para a Celebração dos Sacramentos e a Ação Evangelizadora em tempo de pandemia - caso os noivos desejassem uma maior afluência de pessoas, deveria ser estabelecido novo agendamento. Não haveria entrada de pajens, daminhas e floristas e os pais, padrinhos, familiares, convidados, cerimonialistas, músicos, fotógrafos, filmadores e outros profissionais presentes deveriam obrigatoriamente usar máscaras (a utilização de máscara por parte dos noivos deveria ser definida com antecedência junto com o pároco, "observando o bom senso e o diálogo fraterno e sincero, como também a prioridade do zelo pela vida de todos os participantes da celebração").

As reuniões, grupos de espiritualidade, convivências, círculos, retiros, formações, encontros, cursos, romarias, peregrinações, jornadas, caminhadas e todas as outras atividades que acontecem nas paróquias, na Região Pastoral e na Arquidiocese 'permanecem suspensas'.

"Mais uma vez – concluía o Arcebispo após elencar todas essas orientações nesse Comunicado datado de 28 de agosto -, repito o que já foi dito antes: cuidar para não se contaminar e para não contaminar outros é um gesto de caridade. Não iremos retomar totalmente todas as atividades religiosas ainda (catequese, reuniões presenciais, encontros de formação, retiros, encontros de oração, etc.). Estamos acompanhando a evolução da pandemia e, se as condições permitirem, daremos outros passos para retomar outras atividades".

Já nas reuniões do Conselho Presbiteral e da Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, realizadas respectivamente nos dias 20 e 21 de outubro de 2020, foi decidida, então, a retomada gradual das reuniões presenciais nas paróquias, com novas determinações específicas por parte do Arcebispado, como a de que cada grupo entrasse em diálogo com o pároco, para que este averiguasse as condições de segurança e o cumprimento dos protocolos sanitários para autorizar as reuniões presenciais no âmbito de sua paróquia. "Insistimos que as reuniões presenciais, porém, sejam breves, com poucos participantes e sem a partilha de alimentos", acrescentou Dom Julio nessa nova deliberação, ressalvando, contudo, que as atividades religiosas de duração prolongada, como retiros, encontros, vigílias de oração, procissões, romarias, etc., assim como os eventos e as reuniões em âmbito de região pastoral e arquidiocesano e as promoções não religiosas, como quermesses, festas e confraternizações, "permanecem suspensos. "Estamos acompanhando constantemente a evolução da pandemia e esperamos dar outras determinações no futuro".

Um ano novo chegou, mas a crise sanitária persistia. Daí este novo comunicado pastoral do arcebispo divulgado a 21 de março de 2021, assim colocado: "Com o agravamento da crise pandêmica, o Governo do Estado estabeleceu mais restrições de circulação através

da implantação da fase emergencial do Plano SP. Com a finalidade de colaborar na linha de frente no combate à disseminação da Covid-19 e de cuidar do bem físico e espiritual dos fiéis da Arquidiocese de Sorocaba, determino que sejam suspensas todas as celebrações comunitárias presenciais enquanto durar a presente fase emergencial do Plano SP". "Os fiéis procurem participar da transmissão da 'missa sem povo' para que possam se recolher em oração na família e se unir espiritualmente à celebração para suplicar a Deus pela Igreja, pelos ministros ordenados, pelos doentes, pelos profissionais da área de saúde e por todos os que sofrem com a atual pandemia", destacava ele também, recomendando, ao mesmo tempo, que "as igrejas se mantenham abertas para os que desejarem fazer sua oração pessoal e o culto de adoração eucarística e outros sacramentos que não impliquem em celebração comunitária". "Exorto a todos os nossos fiéis arquidiocesanos a seguirem cuidadosamente todas as medidas de prevenção já recomendadas pelas autoridades sanitárias... Além disso, todos são chamados a assumir responsavelmente um comportamento pessoal que evite a disseminação da doença. Respeite-se, principalmente neste momento de grave perigo, o toque de recolher das 20 às 5 horas".

Logo, porém, a situação voltaria a começar a se normalizar outra vez, com a graça de Deus...

Tempo de sinodalidade

A Arquidiocese de Sorocaba também mergulhou em espírito sinodal a partir de outubro de 2021, acompanhando as circunscrições eclesiásticas espalhadas pelo mundo todo e respondendo afirmativamente, assim, aos apelos do Papa Francisco, ao convocar toda a Igreja a percorrer um caminho nunca antes trilhado rumo a um

novo Sínodo dos Bispos, este, porém, compartilhado por todos, ou seja, seria a primeira vez na história da Igreja que um Sínodo dos Bispos ocorreria de forma descentralizada e participativa, não se restringindo apenas às sessões em Roma, mas acontecendo em cada Igreja Particular, seguindo um itinerário trienal articulado, em um extenso processo de consulta para escuta e discernimento: "Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão" foi o tema proposto pelo Santo Padre ao oficializar a 10 de outubro seu início em solene Celebração Eucarística na Basílica de São Pedro, quando convidava "a Igreja inteira a se interrogar sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão". "O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio", clarificava Francisco, apresentando o caminho sinodal que se desenvolveria a partir das bases, articulado em três fases distintas (diocesana, continental e universal), culminando com a nova Assembleia Geral dos Bispos, a princípio convocada para outubro de 2023 e depois desmembrada em uma segunda rodada em outubro de 2024.



O tempo de sinodalidade também chegou para a Arquidiocese em outubro de 2021, na abertura do Processo Sinodal convocado pelo Papa Francisco e que ocorreu no Santuário Novo de Aparecidinha.

A nível arquidiocesano, escolheu-se o domingo seguinte, 17 de outubro, para a abertura oficial desse Processo Sinodal, com o arcebispo Dom Julio Akamine presidindo logo pela manhã, no Santuário Arquidiocesano de Aparecidinha, a missa de envio dos agentes sinodais. "Desejamos uma Igreja que caminha junto. Não só desejamos, mas estamos pessoalmente envolvidos em colocar em prática a escuta e o discernimento sinodal. Somos 'por uma Igreja Sinodal' e, assim, iniciamos em nossa Arquidiocese o Processo de Escuta Sinodal", destacava Dom Julio, reforçando que o novo Sínodo não aconteceria, portanto, somente no Vaticano, mas em cada Igreja local, nos cinco continentes: "Leigos, missionários, consagrados, religiosos, sacerdotes, bispos…, antes de se reunirem em assembleia no Vaticano, se encontrarão primeiro em suas Igrejas locais, cada um em sua diocese, para um processo de escuta e discernimento: um à escuta dos outros e todos à escuta do Espírito Santo".



Padre Julio César Fernandes, como coordenador arquidiocesano de Pastoral, conduziu os passos do processo de escuta sinodal na Arquidiocese.

'Sínodo' significa 'caminhar juntos', ou seja, "que somos chamados ao discernimento espiritual e eclesial, a caminharmos juntos abertos às surpresas do Espírito Santo", explicava ainda padre Julio César Fernandes que, como coordenador arquidiocesano de Pastoral, também assumiu a nível local a coordenação sinodal, acrescentando que a Fase Arquidiocesana teria como objetivo tornar possível um Processo de Consulta que alcançasse as mais diferentes expressões de religiosidade presentes na Igreja Particular de Sorocaba, para que acontecesse realmente uma escuta e participação de todo o povo de Deus, fazendo com que o Processo Sinodal fosse uma rica experiência de escuta ao que o Espírito Santo diz à Igreja hoje, envolvendo bispo, padres, religiosos, religiosas, diáconos, seminaristas, agentes de Pastoral, enfim, todo o povo.

Passaram-se, então, três semanas do lançamento do Processo Sinodal para a Arquidiocese e a 6 de novembro, sábado, tendo à frente a Equipe Arquidiocesana, acontecia o intitulado Seminário de Escuta Sinodal na Casa de Retiros 'Sagrada Família', do Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC), localizada no km 111 da estrada Sorocaba-Salto de Pirapora, com a participação de representações de todas as paróquias, pastorais, movimentos eclesiais, associações, congregações religiosas masculinas e femininas e também de outros seguimentos da ação evangelizadora presentes na Igreja local. Serviria o Seminário para que o Arcebispo apresentasse então, ao lado da Equipe Sinodal, o instrumento de trabalho que durante os meses seguintes, num espaço de quase um ano, norteou o Processo de Escuta Sinodal – 'Todos juntos, escutando uns aos outros; e juntos escutando o que o Espírito Santo diz à Igreja' -, com encontros e reuniões de aprofundamento e discernimento eclesial em todas as paróquias e demais organismos de Igreja. O fruto dessa reflexão

foi, posteriormente, colhido em forma de respostas e encaminhado à Equipe Sinodal Arquidiocesana, para a elaboração de uma síntese encaminhada à CNBB que, recebendo as sínteses de todas as dioceses do Brasil, organizou relatório único para a Equipe Sinodal Continental que, por sua vez, fez o mesmo para encaminhá-lo à Equipe Sinodal junto ao Papa, para os trabalhos na Assembleia do Sínodo.



Um ano depois do Processo de Escuta Sinodal, Dom Julio apresentou na Paróquia de São Bento, as conclusões das escutas realizadas nas paróquias e movimentos eclesiais.

Foi no último final de semana de outubro de 2022 que novamente os agentes sinodais da Igreja Particular de Sorocaba se encontraram em assembleia sob a presidência do arcebispo, desta feita na Zona Norte, junto à Paróquia de São Bento, agora para a apresentação

das conclusões das escutas feitas em todas as paróquias, movimentos e realidades eclesiais arquidiocesanas. Dom Julio lembrou outra vez que a escuta sinodal é o formato mais adequado que a Igreja encontrou para saber o que é preciso para que leigos, sacerdotes e consagrados caminhem juntos, enfatizando que "o Papa Francisco convocou todos os cristãos a participar do Sínodo e cada pessoa foi importante para apresentar sua visão também como Igreja presente em Sorocaba".

A escuta sinodal foi realizada nas 12 cidades que integram a Arquidiocese (Aracoiaba da Serra, Boituva, Cerquilho, Iperó, Jumirim, Piedade, Porto Feliz, Salto de Pirapora, Sorocaba, Tapiraí, Tietê e Votorantim), colhendo-se frutos inimagináveis de início, pela complexidade da sistemática e processo de trabalho eclesial. Pois Sinodalidade, repete sempre o Papa, "deve ser vista como um horizonte de evangelização, escuta e anúncio, partilha e diálogo na Unidade". Entre as conclusões do Processo de Escuta Sinodal na Arquidiocese, seu coordenador, padre Julio César Fernandes, destacou como pontos essenciais para a caminhada de uma Igreja cada vez mais sinodal, acolhedora, evangelizadora e missionária, sobretudo por aqui, no encontro de fechamento dos trabalhos na Paróquia de São Bento, o acolhimento dos excluídos e afastados, como os moradores de rua, desempregados, dependentes químicos, encarcerados, homossexuais, idosos, jovens e casais com nova união; ouvir e ser ouvido, principalmente o indivíduo que pensa diferente de nós e os excluídos, que se encontram afastados; atenção a pessoas que não são bem acolhidas e não falam sobre seus problemas e angústias; necessidade de formação litúrgica para que os fiéis tenham uma melhor compreensão dos Sacramentos e rituais da Igreja e de incentivo à participação dos jovens e crianças, assim como as famílias também foram apresentadas como um fator importante para essa missão, ao lado do incentivo à vida na Igreja e o acolhimento.

A consulta do Processo Arquidiocesano de Escuta Sinodal igualmente concluiu que nossas experiências de proximidade e diálogo com outras denominações cristãs e religiões também não são das melhores, assim como os diálogos são muitas vezes desprezados e mal compreendidos. E que esse fator se dá mais por divergências, do que buscas sinceras por convergências, mesmo se a Igreja Católica tem alguns instrumentos que podem ajudar bastante nesse diálogo. A Campanha da Fraternidade, por outro lado, também foi citada como um bom exemplo de como podemos caminhar juntos com outras confissões cristãs, conquistando-se a amizade ao respeitar as diferenças e aprendendo-se a dialogar com humildade, sem, contudo, desprezar a nossa fé.

Outra observação captada dessa Escuta Sinodal é de que é possível dar um passo para caminhar juntos a nível arquidiocesano, seja conquistando a amizade, respeitando as diferenças ou apreendendo a dialogar. Porém, a discórdia foi reconhecida também dentro das Pastorais e Movimentos. O individualismo deve ser colocado de lado; transformar e trabalhar lado a lado, como irmãos, é a solução para uma melhor formação teológica e pastoral de todos. A geração de mensagens falsas, as 'fake news', que trazem muitos transtornos à comunidade, também foi acentuada como obstáculo a um trabalho mais plenificado de comunicação dentro da Igreja.

Arcebispo vai à Ilha Marajó, retomando projeto de 'Igrejas Irmãs' com Ponta de Pedras



Dom Julio Akamine, participou de uma viagem missionária para Ilha de Marajó, em janeiro de 2022, período que marcou a retomada do projeto 'Igrejas Irmãs' com a Prelazia de Ponta de Pedras.

Na segunda quinzena de janeiro de 2022, o arcebispo Dom Julio Akamine viajou em espírito missionário à região norte do País, mais especificamente à Ilha de Marajó, acompanhado do jovem padre Jean Carlos Alves da Silva, a quem havia concedido o presbiterato em abril do ano anterior e exercia suas funções neo-sacerdotais atuando como vigário paroquial na cidade de Piedade, na Comunidade do Sagrado Coração de Jesus. A viagem teve como finalidade principal retomar os laços de 'Igreja-Irmã' da Arquidiocese de Sorocaba com a antiga Prelazia, agora Diocese de Ponta de Pedras, laços estes solidificados ainda nos primeiros anos da década de 70 do século passado, quando a CNBB lançou magnânimo projeto pelo qual Igrejas mais desenvolvidas, localizadas, sobretudo, no Sul, Sudeste e Leste do País, pudessem acolher e auxiliar aquelas em situações mais precárias e de

muitas necessidades pastorais e sociais, como destacado no capítulo em que era abordado o episcopado de Dom José Melhado Campos, inclusive com a participação efetiva, nos anos seguintes à adesão de Sorocaba ao projeto do Episcopado brasileiro, do bispo-auxiliar Dom Amaury Castanho.

Nos dias em que permaneceu em Ponta de Pedras, convivendo com seu jovem bispo diocesano Dom Teodoro Mendes Tavares, natural de Cabo Verde e que veio ao Brasil como missionário da Congregação dos Padres Espiritanos, Dom Julio pode conhecer '*in loco*' as realidades eclesiais, pastorais, missionárias e também socioeconômicas e ambientais locais, sentindo de perto a realidade de uma das regiões mais pobres e necessitadas de tudo do País. Prelazia erigida em 1963 pelo Papa São Paulo VI, com território desmembrado da Arquidiocese de Belém do Pará e confiada pela Santa Sé aos cuidados da Companhia de Jesus, os Padres Jesuítas, e elevada à dignidade de diocese em 1979 por São João Paulo II, a 'Igreja-Irmã' de Ponta de Pedras tem uma população estimada de aproximadamente 120 mil habitantes, com 90.7% de católicos, e território de 14.283 quilômetros quadrados, organizada em sete paróquias e abrangendo, além da sede (Ponta de Pedra), os municípios de Cachoeira do Arari, Santa Cruz do Arari, Muaná, Curralinho e São Sebastião da Boa Vista. Logo no dia em que chegou, foi a Paróquia de São Sebastião, no município de São Sebastião da Boa Vista, a primeira a receber a visita missionária do arcebispo de Sorocaba, coincidindo por ser 20 de janeiro com o encerramento da Festa do Padroeiro, seguida depois pela Paróquia de São João Batista, de Curralinho, e várias outras.

Dom Julio voltou muito impressionado e edificado com tudo que viu, ouviu e pode vivenciar em termos de engajamento missionário, pastoral e comunitário naquela importante porção da Ilha de

Marajó, hoje dividida em duas circunscrições eclesiásticas ligadas à Província encabeçada pela Arquidiocese de Belém do Pará, assim como com as realidades sócio-culturais e econômicas de seu povo. Passados alguns meses, o padre Jean Carlos retornou à Diocese de Ponta de Pedras, onde permanece por, pelo menos, três anos, a exemplo do que no passado vários outros sacerdotes e lideranças laicais de Sorocaba já o fizeram, marcando presença missionária desta Igreja Particular junto à 'Igreja-irmã'.

Posteriormente, avançou mais ainda essa retomada do projeto de 'Igrejas-Irmãs' entre Sorocaba e Ponta de Pedras. E, no final de junho de 2023, Dom Julio novamente viajou à Ilha de Marajó, a convite de Dom Teodoro. Foi participar das festividades jubilares comemorativas ao 60º aniversário de criação da então Prelazia, realizadas durante solene Concelebração Eucarística de Ação de Graças no domingo 25, na novíssima Catedral da Imaculada Conceição, inclusive marcadas pela ordenação de dois novos sacerdotes para o clero de Ponta de Pedras. Ainda no sábado 24, Dom Julio também participou, na Catedral, de procissão e missa em honra da Natividade de São João Batista, um dos santos mais venerados naquele ponto do extremo-norte do Brasil, e também pode visitar e/ou celebrar a Eucaristia em outras paróquias e comunidades do interior da Diocese-irmã em que não havia estado quando de sua primeira passagem por lá, como a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Cachoeira do Arari, com suas Comunidades de Nossa Senhora Rainha da Paz, em Gurupá; Sagrada Família, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora de Guadalupe e São Sebastião. Já agora no início de 2024, também seguiram para Ponta de Pedras (a cerimônia de Envio aconteceu na Comunidade de São Miguel Arcanjo, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, da cidade de Porto Feliz,

durante missa presidida pelo arcebispo Dom Julio Akamine, no final da tarde de 30 de dezembro de 2023) os seminaristas David e Alison, para uma experiência missionária naquela prelazia igualmente, com retorno em 5 de fevereiro. Durante a missa de envio, Dom Julio novamente fez questão de ressaltar a importância dessa integração pastoral e também partilhou sua experiência no Pará, estimulando os missionários e dando a eles sua bênção episcopal.

Por outro lado, também em 2022 pode Dom Julio realizar uma antiga aspiração, a princípio programada para 2019 e depois sucessivamente adiada por conta da pandemia, visitando o Japão, a terra de seus ancestrais. Como inclusive bispo referencial da Pastoral Nipo-Brasileira dentro da CNBB, viajou em companhia do padre salesiano Evaristo Higa, assumindo a direção espiritual de um grupo de turistas que foi à Ásia para peregrinar principalmente pelas terras onde os primeiros missionários deixaram marcas no 'país do sol nascente', percorrendo roteiro conhecido como "caminho dos mártires... a vida pela Fé". Entre os destaques da peregrinação, esteve inicialmente a capital, Tóquio, principalmente com seus pontos turísticos e/ou histórico-religiosos, como a praça do Palácio Imperial, a ponte Nijubashi e o Templo Asakusa Kannon/Sensoji, além de cruzeiro pelo rio Sumida. Depois foram a Hakone, onde está o Monte Fuji; Hamamatsu, com destaque à igreja católica de São Francisco de Assis, e Kyoto (Santuário Fushimi Inari e Templo Kinkakuji), antes de chegarem a Hiroshima, Sasebo e Nagasaki, com visitas à Ilha de Miyajima, Museu da Bomba Atômica e Parque Memorial da Paz na primeira parada, o parque temático Huis Tem Bosch em Sasebo e, em Nagasaki, a igreja católica Oura, a Catedral de Urakami, novo Museu da Bomba Atômica, Parque-Memorial da Paz e Mansão Glover. A peregrinação ainda prosseguiu pela cidade de Okinawa, com missa na igreja de Asato, e city-tour com visitas ao

Castelo Shuri, Okinawa Ocean, Expo-Park, e seu Aquário Churaumi, fábrica de cerveja Orion, mirante da plataforma de Manzamo, Museu da Paz Himeyuri, Parque Okinawa World, Caverna Gyokusendo, Ryukyu Mura e uma fábrica de cristais. Nessa viagem, o arcebispo teve também a oportunidade de passar pela Coréia e Qatar.

Frise-se que, com a presença de Dom Julio em Sorocaba, um domingo por mês, à tarde, a comunidade da Colônia Nipônica local e regional vem tendo missa na língua-mãe e por ele presidida, sempre na igreja da Santa Terezinha, no bairro do mesmo nome.

Dom Julio realiza primeira visita '*ad limina*' a Roma



Papa Francisco recebe Dom Julio Akamine. Foi em setembro de 2022 que, como arcebispo de Sorocaba, Dom Julio realizou sua primeira visita '*ad limina*' a Roma.

Estivera outras vezes em Roma já como arcebispo de Sorocaba inclusive, como quando recebera o pálio arquiepiscopal em 2017, porém foi em 2022, entre os dias 19 e 23 de setembro, que Dom Julio Akamine realizou, ao lado de expressiva representação de colegas paulistas, sua primeira visita '*ad limina apostolorum*', prática que re-

monta a uma antiga tradição católica que consiste na peregrinação que os bispos fazem periodicamente 'ao limiar dos Apóstolos' – daí vem o nome –, isto é, ao túmulo dos Apóstolos Pedro e Paulo e para se encontrar com o Sucessor de Pedro, o Sumo Pontífice. Acontece a cada cinco anos, no entanto a última vez que os bispos do Estado de São Paulo a haviam realizado fora em 2009, ainda no pontificado do papa Bento XVI. A seguinte estava prevista para acontecer entre 2014 e 2015, visto que as visitas dos bispos brasileiros tomam praticamente o ano todo, pois passam eles de 300. Entretanto, com a eleição do Papa Francisco em 2013 e um início de pontificado marcado por inúmeras viagens e outros compromissos, foi adiada para 2020. A pandemia de Covid-19, porém, obrigou um novo adiamento.



Coube a Dom Julio presidir a missa na Basílica de Santa Maria Maior, na '*ad limina*' de 2022.

Dom Julio seguiu a essa '*ad limina*' com os bispos das províncias eclesiásticas de São Paulo e Aparecida, além daqueles das outras quatro dioceses vizinhas sufragâneas da Província que tem a Arquidiocese de Sorocaba como sede (Itapeva, Jundiaí, Registro e Itapetininga).

A programação dessas visitas se desenvolve sempre, aliás, em três momentos fundamentais, iniciando-se com a peregrinação aos túmulos de São Pedro e São Paulo, colunas da Igreja, junto aos quais os bispos celebram a Eucaristia - o 'Diretório da Visita *ad limina*' ressalta que a veneração e a peregrinação às relíquias dos Apóstolos Pedro e Paulo são praticadas desde a remota antiguidade cristã e mantêm o seu profundo significado espiritual e de comunhão eclesial". Além de celebrarem nas basílicas de São Pedro e de São Paulo Fora dos Muros, os bispos também celebram nas basílicas de São João do Latrão, a Catedral do Papa e da Diocese de Roma, e de Santa Maria Maior, onde se encontra o antigo ícone de Maria Salus Populi Romani e onde já na manhã do penúltimo dia da maratona, 22 de setembro, coube ao arcebispo de Sorocaba presidir a Celebração Eucarística. "A ressurreição de Cristo revela uma nova realidade, é a irrupção do Novo, para além de toda novidade! Trata-se da Nova vida, do Novo ser em Cristo. Cristo ressuscitado transformou total e profundamente o coração humano", recordou Dom Julio aos seus irmãos no ministério reunidos em oração, ao explicar que, na 'visita *ad limina*', os bispos participam de um 'Novo': "Experimentamos o Novo da colegialidade episcopal que não é um simples sentimento de solidariedade, mas um estar sempre junto com os irmãos no Episcopado", asseverou ele, indicando também que, com as atividades em Roma, os bispos têm a oportunidade de estabelecer comunhão com os colaboradores do Papa nos dicastérios e, ao mesmo tempo, "receber deles informações sobres as esperanças, as alegrias e as dificuldades da Igreja universal".

Com a relatoria de Dom Julio, a agenda da tarde deste dia ainda contemplava a visita à Secretaria de Estado do Vaticano, parte de outro momento significativo das '*ad limina*', constituído do contato com os vários dicastérios da Cúria Romana, organismos que

ajudam diretamente o Papa no pastoreio da Igreja. Esses encontros nos dicastérios permitem aos bispos conhecerem melhor a estrutura organizativa da Santa Sé, dos quais recebem orientações pastorais e administrativas para as dioceses sob seus cuidados. Em 2022, como lembrara ele antes de embarcar, a visita aos dicastérios tinha também um sentido ainda mais profundo, por ser a primeira após a promulgação da constituição apostólica '*Praedicate Evangelium*', que sistematiza as várias reformas implementadas pelo Papa Francisco na Cúria Romana, reforçando a missão desses organismos da Sé Apostólica na solicitude para com as igrejas particulares.

Dom Julio, por sinal, antes de seguir a Roma com parte do Episcopado paulista (o Estado de São Paulo para a '*ad limina*', por ter o maior número de dioceses do País, totalizando então quarenta e duas, foi dividido em dois grupos, ficando para a semana seguinte as províncias de Botucatu, Campinas e Ribeirão Preto), preparou e fez chegar a Santa Sé, a exemplo de todos os demais bispos, um relatório quinquenal sobre a situação da Arquidiocese, abrangendo questões administrativas, o ministério do Bispo, o funcionamento da Cúria, a vida dos sacerdotes, a situação dos seminários e das vocações, congregações religiosas, as celebrações litúrgicas, os ministérios leigos, a catequese, as escolas católicas, as pastorais e movimentos eclesiais, as relações ecumênicas, a presença da Igreja nos meios de comunicação e o relacionamento com o Poder Público, entre outras demandas. Esse relatório é dividido antecipadamente pelos dicastérios, de modo a que os órgãos da Cúria Romana tenham essas informações como base para o diálogo com os bispos. Essa é também uma ocasião de cada diocese avaliar periodicamente sua vida e missão evangelizadora.

O ponto alto da '*ad limina*' aconteceu, porém, a 23 de setembro, sexta-feira, quando os 25 bispos e um padre administrador diocesano participaram da audiência com o Papa Francisco. O encontro, que durou cerca de duas horas, foi marcado pelo diálogo sobre as principais questões atuais da Igreja e da sociedade. O Papa instruiu os bispos no caminho da comunhão e do acompanhamento do rebanho paulista: "A proximidade é o estilo de Deus. Não se pode ser pastor sem estar próximo", pontuou Francisco.

"Encontramos Pedro, aquele que nos confirma na fé e pelo qual estamos unidos em nosso ministério episcopal. Nesta comunhão está todo o fundamento da colegialidade apostólica e também da sinodalidade que estamos vivendo", relatou Dom Edmilson Amador Caetano, bispo diocesano de Guarulhos e então vice-presidente do Regional Sul-1 da CNBB, pensamento igualmente compartilhado pelo arcebispo de Sorocaba. "Tive a oportunidade de levar para Roma – resumiu, por outro lado, Dom Julio ao retornar a Sorocaba - todos os nossos santos do cotidiano: gente simples de nossa Igreja Particular de Sorocaba, anônima para o mundo, muito querida por Deus que tudo vê e conhece. São fiéis que fazem parte de uma classe média dos santos, com problemas e alegrias comuns, possuidoras de uma heroicidade feita de pequenas coisas e atividades repetitivas. Todas essas pessoas carreguei no coração e, no encontro com o sucessor de Pedro, delas lhe falei. Levei em mãos um relatório detalhado e bastante longo de todos os aspectos do trabalho evangelizador da Igreja Particular de Sorocaba, mas não ignorei o fato de que nos números e estatísticas estão presentes fiéis que conheço pessoalmente ou que, no anonimato, não são menos importantes". "Visitando os Dicastérios, tive a oportunidade de oferecer aos oficiais da Cúria Romana a colaboração de nossa Arquidiocese e de receber deles informações sobre

as esperanças, as alegrias e as dificuldades da Igreja Católica. Levando informações em primeira mão sobre a Arquidiocese, forneci ao Papa dados relevantes para o exercício de seu ministério petrino".

Quanto ao estar com o Papa, ainda escreveu Dom Julio depois: "Foram duas horas de diálogo espontâneo, cerrado e profundo. Experimentamos a colegialidade episcopal não como um simples sentimento de solidariedade e sim como um estar sempre junto com os irmãos no Episcopado. Ao nos encontrar com o sucessor de Pedro, cada um de nós foi revigorado na comunhão com o Santo Padre e na nossa corresponsabilidade como sucessores dos Apóstolos. Experimentamos com tremor e temor, com assombro e alegria a Nova Realidade que Jesus instituiu ao dizer '*sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*'".

Unidade dos Cristãos

A Semana de Orações pela Unidade dos Cristãos, que no Brasil ocorre sempre nos dias que antecedem a Solenidade de Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa, ao contrário dos países do Hemisfério Norte, onde acontece a cada ano em janeiro, no ano de 2023 foi solenizada em Sorocaba também por uma Noite Oracional pela Unidade dos Cristãos, atendendo anseio do arcebispo Dom Julio Akamine e de lideranças de outras Igrejas cristãs locais. Organizada pelo Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC), com o tema 'Somos a família de Deus', foi realizada na noite de 25 de maio no auditório do Centro Arquidiocesano de Pastoral, com Dom Julio dividindo os momentos devocionais de espiritualidade com o bispo da Diocese Anglicana de Votorantim, Dom James Tavares de Melo, OSF, e com o Pastor Rui Luís Rodrigues, da Comunidade Evangélica Carisma, da cidade de Osasco, além do líder carismático sorocabano Reinaldo Bezerra dos Reis, expoente da RCC no Brasil.

O Pastor Rui partiu sua reflexão de parte significativa da Oração Sacerdotal de Jesus encontrada no capítulo 16 do Evangelho de João, sobretudo do trecho em que o Senhor ora pela unidade de seus seguidores, o 'que todos sejam um, como Eu e Tu, ó Pai, somos Um, para que o mundo creia', lembrando a certa altura que "aquele 'Menino' que nascia e trazia dores de parto para a mãe é a Igreja que nasce a partir dos sofrimentos e morte de Jesus E a 'alegria que ninguém vos poderá tirar' é justo a reintegração do homem em Deus que é paga por Ele".

"Nesta ocasião, creio que cabe nos perguntar sobre o sentido desta oração. Por que rezar pela unidade dos cristãos? A divisão dos cristãos em várias Igrejas é uma situação à qual devamos nos render e nos conformar? Como discípulos missionários de Cristo, podemos simplesmente nos contentar com as afirmações 'é assim mesmo', 'cada um tem o seu caminho e todos os caminhos levam a Deus' ou 'Deus é um só, por isso não importa a Igreja; qualquer uma serve'. Não! Estas opiniões não dão conta de que a existência de várias Igrejas cristãs separadas não corresponde à vontade de Cristo. Foi o próprio Cristo que suplicou ao Pai ao Dom da Unidade: 'Que todos sejam um, como nós somos um'. Por isso, como discípulos missionários, nós não nos conformamos com a divisão entre os cristãos e a sofremos como uma verdadeira ferida à unidade que Cristo quis para a sua Igreja", afirmou o arcebispo de Sorocaba, lembrando ainda que "os cristãos constatam, com tristeza, que as divisões na Igreja são consequências do pecado e não do desígnio de Deus. As comunidades cristãs se separaram, algumas depois do Concílio de Éfeso (431), outras depois do de calcedônia (451); a cisma entre Oriente e Ocidente foi datado convencionalmente em 1054; a Reforma aconteceu no século XVI; outras separações aconteceram também mais tarde". "O que podemos concluir a partir dessa constatação? Que não há mais unidade na Igreja? Absolutamente não. As divisões atuais ferem do Dom da unidade, mas não a destroem. Uma vez que Cristo pediu a uni-

dade para a sua Igreja, esse Dom de Deus não é mais perdido por pior que sejam as divisões. De fato, a fé em Cristo e o batismo estabelecem uma união real, mesmo que imperfeita, entre todos os cristãos (LG. 15). A unidade é um Dom definitivo de Deus, mas é, ao mesmo tempo, responsabilidade e tarefa dos fiéis cristãos. Reconhecemos que a superação das barreiras que dividem os cristãos não começa do zero. As diversas Igrejas e comunidades eclesiais têm em comum a fé em Cristo, o batismo, a Palavra escrita de Deus, a vida da graça, a esperança, a caridade, os dons interiores do Espírito Santo (somente para citar alguns)". E concluía Dom Julio, em um outro ponto de suas reflexões: "Uma prática também muito recomendável é o diálogo fraterno entre os cristãos, com a finalidade de aprofundar o conhecimento mútuo fraterno. Conhecer as tradições e as riquezas das outras Igrejas ajuda a superar preconceitos e a apreciar com justiça os dons que o Espírito Santo comunica".

O Ministério de Música Renova, da RCC de Osasco, deu sua contribuição também ao momento devocional.

Presidente do Regional Sul-1 da CNBB



O Episcopado paulista elegeu Dom Julio Akamine como presidente do Regional Sul-1/Estado de São Paulo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) 2023-2027.

A eleição aconteceu no Mosteiro Jesuíta de Itaici, em Indaiatuba, região de Campinas, em meio à realização da 85ª Assembleia do Conselho Episcopal do Regional, entre os dias 30 de maio e 2 de junho de 2023. Das plenárias do encontro, participavam também os padres coordenadores (arqui)diocesanos de Pastoral e os agentes representantes de organismos eclesiais a ele vinculados.

Junto com Dom Julio na Presidência, foram eleitos Dom Moacir Silva, arcebispo de Ribeirão Preto, como vice-presidente; e secretário-geral, Dom Frei Carlos Silva, bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo/Região Episcopal Brasilândia - representa o Sub-regional/Província Eclesiástica de Sorocaba no novo Conselho Episcopal do Regional Sul-1 o bispo de Registro, Dom Manoel Ferreira dos Santos Júnior, MSC. Eleito presidente, o arcebispo de Sorocaba, ao falar à imprensa presente em Itaici, explicou que aquela assembleia eletiva do Regional, que tinha como tema "Uma Igreja em saída para as periferias", inspirada nos frequentes apelos do Papa Francisco, desejava, antes de tudo, que a Igreja fosse ao encontro das realidades vividas pelas pessoas. "Queremos prestar um serviço a todas as dioceses do Estado de São Paulo em comunhão, num trabalho colegial", destacou Dom Julio, ao afirmar que a Presidência que estava a assumir com os irmãos de Episcopado "tem a missão de colaborar na promoção da ação evangelizadora, exercida sempre com sinodalidade", com Dom Moacir, eleito seu vice, frisando que continuar-se-á a articulação nas dioceses, pastorais, movimentos e organismos vinculados à CNBB, como resposta aos desafios do momento presente e que os desdobramentos elencados naquele encontro episcopal teriam os seus passos significativos no segundo semestre, com a realização da Assembleia das Igrejas "Nós somos um Estado composto por 42 dioceses com realidades tão diversas, desde um mundo totalmente urbano até

uma outra realidade com características rurais, porém a proposta do Evangelho é para todos, seja numa grande ou pequena cidade", acrescentou Dom Carlos Silva, lembrando que na fundação das cidades paulistas está a Igreja Católica e, por isso, o Regional Sul-1, nas várias realidades e em suas periferias geográficas e existenciais, quer motivar e promover a ação evangelizadora, "com criatividade, como nos exige a estrutura sinodal da Igreja, que se prepõe sempre ao diálogo".

Dom Julio sucede a dom Pedro Luiz Stringhini, bispo de Mogi das Cruzes, na presidência do Regional. "Agradeço a confiança depositada em nós da Presidência e nos outros órgãos que compõem o atual Conselho Episcopal do Regional Sul-1", iniciou sua homilia na missa que marcou sua posse em Itaici, reiterando seu entendimento de que a finalidade do organismo eclesial paulista é "fomentar o afeto colegial, o relacionamento, a ajuda recíproca, a solidariedade e a ação comum entre os bispos paulistas". "É preciso destacar ainda, no trabalho realizado pelo Conselho que nos antecede – prosseguiu -, os esforços exercidos na administração e gestão da sede (na Capital) e das ações pastorais, o desafio do longo e doloroso período de pandemia, a polarização político-partidária que ameaçou a unidade de nossas comunidades e também do nosso Regional, o empenho nos vários campos da ação evangelizadora, desde a liturgia e a catequese até a atuação social e política das pastorais sociais, a organização da visita '*ad limina*' e o compromisso missionário nos projetos Sul-1, Norte-1 e na diocese africana de Pemba". Pediu também a oração de todos pelas atividades de animação pastoral que virão, desejando o arcebispo de Sorocaba que "possamos trabalhar com afinco e com esperança, com seriedade e alegria que o Evangelho sempre nos dá. Nossa alegria é servir o Senhor e servir a Igreja. Mesmo que não tenhamos sucesso em tudo, é um privilégio servir as Igrejas Particula-

res paulistas". "Deus nos conceda a todos podermos dedicar nossas melhores energias neste trabalho que nos foi pedido e que assumimos com júbilo", finalizou Dom Julio, que em recente oportunidade – volta aqui sua alocução no lançamento do livro com seu perfil biográfico em 2023 – confessou também: "Eu me preparei por 13 anos para ser padre. Para ser bispo não tive preparação alguma. Ser bispo não é uma carreira, não é um cargo para o qual a gente se candidate. Não deve ser algo a ser buscado. Na Igreja Católica, ninguém se candidata a ser bispo, ninguém se faz bispo. Somos eleitos para tal e feitos bispos por outros. Nunca tive o projeto de ser bispo. Pelo contrário, fiz todo o esforço possível dentro da ética para não ser bispo. Quando chegou, porém, o pedido do Papa não tive como recusar esse serviço à Igreja".

Novos padres

Desde sua chegada a Sorocaba como terceiro arcebispo metropolitano, Dom Julio já ordenou sacerdotes até agora para o clero secular da Arquidiocese os padres Rafael Paulino de Moraes (2017), João Paulo Cardoso (2018), Diego dos Santos Ferraz (2019), Rosalvo de Sá Rodrigues de Araújo, Jean Carlos Alves da Silva, Sérgio Murilo Scudeler, Lucas Monteiro Nunes e Bruno Bressani Navarro (2021), Bruno Aristides Martins, Diogo Antunes Victor e Julian Carlos de Camargo (2022) e Marcos de Togni Tassi (2023).

A IGREJA DE SOROCABA
RUMO AO CENTENÁRIO



Dístico do Centenário. A logomarca do centenário da Arquidiocese de Sorocaba foi inspirada em três ícones essenciais da fé católica: o Círio Pascal, o Cálice e as Alianças. A concepção artística partiu da equipe de designs da VT Comunicações, do jornalista Vanderlei Testa.

"Desejamos com esta caminhada rumo ao centenário em 2024 promover a comunhão da Arquidiocese e a unidade de uma ação evangelizadora".

(Dom Julio Endi Akamine, SAC)

Foram com estas palavras que o arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine, SAC, oficializou a abertura das comemorações rumo à passagem, em 2024, do primeiro centenário de criação canônica da Igreja Particular de Sorocaba, inclusive com o lançamento de sua logomarca, logo ao início da missa de ação de graças que, na tarde de 15 de agosto de 2020, marcava na Catedral de Nossa Senhora da Ponte a passagem da festa em honra da excelsa Padroeira e também do 366º aniversário de fundação do Município. "A Casa-Igreja Particular de Sorocaba tem portas e janelas. Ela não está fechada em si mesma, mas olha para além e parte em saída missionária para partilhar com todos o tesouro do encontro pessoal com Cristo", asseverou também o Arcebispo na ocasião.

Uma solene procissão, repleta de simbolismos, após os ritos iniciais da solene Celebração Eucarística – aliás, registre-se, com a restrita participação de 180 pessoas, entre sacerdotes, autoridades e fiéis, marcando também a reabertura da Sé após a primeira fase mais aguda e delicada da pandemia de Covid-19 - serviu de apresentação, então, da logomarca do Centenário, inspirada em sua configuração plástica, concepção do jornalista e publicitário Vanderlei Testa, em três dos ícones mais importantes da fé católica – o Círio Pascal, o Cálice e as Alianças -, junto ao lema 'Cem Anos de Evangelização na Arquidiocese de Sorocaba' – 'Até aqui nos socorreu o Senhor' (1Sm 7,12). Um dos destaques da procissão, o Cálice, foi levado até o Presbitério pelo padre João Carlos Alampe, vigário-geral emérito da Arquidiocese, e pelo sacerdote mais jovem naquela ocasião, padre Diego dos Santos Ferraz. O Cálice, depois utilizado por Dom Julio na Celebração Eucarística, era o mesmo que cem anos atrás Dom José Carlos de Aguirre, o primeiro bispo, também recebeu como presente de seus paroquianos de Bragança Paulista quando

de sua sagração episcopal a 8 de dezembro de 1924. O Círio Pascal teve a conduzi-lo, representando os religiosos e as religiosas da Arquidiocese, Dom Inácio Caciagli, OSB, do Mosteiro de São Bento, e a Irmã Úrsula OSB, da Congregação das Missionárias Beneditinas de Tutzing; as alianças, como símbolo do pacto entre Deus e os homens, recordando a decisão do Altíssimo de salvar a Humanidade por meio de sua graça, simbolizando também o matrimônio cristão e a família, pelo casal Odila Aparecida Souza Oliveira Torres-Pedro Torres Neto, coordenadores arquidiocesanos da Pastoral Familiar; e o logotipo do Centenário, em artística peça em acrílico, pelo jornalista José Benedito de Almeida Gomes.

Uma oração foi ainda composta e aprovada pelo arcebispo para preparar as celebrações centenárias: "Ó Pai de infinita Misericórdia, que derramastes o Espírito de Vosso Filho sobre os vossos fiéis, a fim de enviá-los a evangelizar pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, nós vos rendemos graças 'por nos ter conduzido até este momento' (1Sm 7,12) em que celebramos o centenário da Arquidiocese de Sorocaba. / Nós vos suplicamos que o Espírito Santo nos ajude a evangelizar em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção pelos pobres, cuidando a Casa Comum. / Pela intercessão de nossa Padroeira, Nossa Senhora da Ponte, desejamos perseverar na oração e permanecer sempre dóceis à Vossa vontade para testemunhar o Reino de Deus rumo à plenitude. / Por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. / Amém!".



A Cruz Processional do Centenário foi entalhada em tronco de jequitibá, árvore símbolo do jubileu de 100 anos.

Também a partir de 15 de agosto de 2020, o site da Arquidiocese passou a contar com sugestivo dispositivo eletrônico, uma espécie de relógio digital, a marcar, em formato de contagem regressiva, a caminhada rumo ao Centenário, trazendo meses, dias e horas faltantes para se chegar a 4 de julho de 2024. E no ano seguinte, a 4 de agosto, em missa ainda na Catedral, em que o Presbitério esteve novamente reunido com Dom Julio para celebrar a memória litúrgica do Cura D'Ars, Patrono dos Sacerdotes, e a passagem do Dia do Padre, foi apresentada também a bela Cruz Processional do Centenário, entalhada em madeira por artesão de São Paulo utilizando-se

de tronco de jequitibá, que pode viver 3 mil anos e empresta seu nome ao jubileu de 100 anos. Essa Cruz Processional vem, assim, acompanhando desde então todos os atos celebrativos preparatórios ao jubileu deste 2024. Inclusive, foi levada a Roma em sua bagagem por Dom Julio durante a visita '*ad limina*' que o Episcopado paulista realizou ao túmulo de Pedro no final de setembro de 2022, para ser abençoada pelo Papa Francisco.

Brasão da Arquidiocese é atualizado a caminho do Jubileu

A caminhada da Igreja de Sorocaba rumo ao Jubileu Centenário ganhou novo marco em 2022, quando a 4 de julho, na missa de ação de graças pelo 98º aniversário de sua criação na Catedral Metropolitana, o arcebispo Dom Julio Akamine procedeu à apresentação do novo brasão da Arquidiocese, na presença do Presbitério e de representantes de suas 59 paróquias, que ao final levaram artístico quadro para ser afixado à entrada da respectiva Matriz. Concomitantemente, à entrada principal da Sé de Nossa Senhora da Ponte, o Arcebispo procedeu ao descerramento do brasão arquidiocesano atualizado ali também fixado e, ao lado, de seu próprio brasão episcopal, igualmente reconfigurado com suas insígnias agora como metropolita.

O brasão da Arquidiocese foi atualizado com base nas perspectivas da Heráldica, sob orientação do próprio Dom Julio, tendo em vista também a aproximação da celebração centenária. Originalmente, fora estabelecido após o Papa São João Paulo II, em 1992, ter elevado a Diocese à condição de Sede Arquidiocesana. Foi elaborado a partir de estudos heráldicos realizados em conjunto pelo Dr. Lauro Ribeiro Escobar e pelo professor Adilson Cezar, presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS) e

do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito, em conformidade com as orientações do primeiro arcebispo, Dom José Lambert; desenho do professor Paulo Afonso, do Instituto Histórico. A atualização foi realizada pelo sr. Raul Breno Marquardt, do 'Atelier Heráldico', da Capital, e finalizada no dia 3 de abril.



Brasão da Arquidiocese.

Originalmente, o brasão de armas da Arquidiocese de Sorocaba trazia (como traz em sua atualização) esta descrição: escudo samnítico, de blau (azul), no abismo o palio (branco) com quatro cruzes visíveis de sable (preto), ladeado de duas flores de lírio, de argento (branco), caule de sinople (verde), com doze pétalas postados

em pala, uma a destra e outra a sinistra. Timbre: uma cruz processual arquidiocesana de jalde (ouro = amarelo); abaixo, listel com a inscrição em caracteres versais maiúsculos 'Arquidiocese de Sorocaba'. O simbolismo expresso refletia primeiramente, assim, sua unidade ao universo da Igreja Católica, seguindo os mesmos preceitos e interpretações relativas a heráldica eclesiástica. No brasão reconfigurado (foto), o escudo escolhido demonstra a unidade/padrão ao universo da Igreja Católica Apostólica Romana e a cor azul ou blau de seu fundo tem por significado o firmamento, o céu por objetivo. O abismo ou campo é local onde se depositam as insígnias fundamentais e objetivas desse brasão. Sobre esse campo, foi depositado o pálio, que é a vestimenta litúrgica, utilizada pelo Papa desde a Antiguidade e, posteriormente, teve estendido seu uso aos arcebispos metropolitanos. Trata-se de um faixa branca, confeccionada com a lã de cordeiros criados pelos monges trapistas da Abadia de '*Tre Fontane*', em Roma, e depois abençoados pelo Pontífice no dia da memória de Santa Inês (21 de janeiro), para serem entregues pelo Papa aos novos arcebispos, representando a ovelha que o pastor carrega nos ombros, assim como fez Cristo com a ovelha perdida. Ou seja, o palio é o símbolo da missão pastoral do Bispo e representa também a prerrogativa dos metropolitas, como símbolo de jurisdição em comunhão com a Santa Sé.

O pálio em sua atual forma - e como foi utilizado para compor o brasão da Arquidiocese de Sorocaba - é uma estreita faixa de tecido de lã, branca, curvada ao meio para poder repousar sobre os ombros acima da casula – a vestimenta lembra, então, a letra 'Y' – e, como estas dobram ou são maiores que o escudo, não estão visíveis as duas abas pretas penduradas na frente e atrás, bem como as suas seis cruzes negras de seda (que lembram as feridas de Cristo). O preto, negro ou

sable e o esmalte que representa a dor e a morte e está sempre associado ao desconhecido. Como a Igreja de Sorocaba foi agraciada como Arquidiocese Metropolitana, adquiriu a possibilidade de ostentar essa insígnia e, como foi colocada de forma envolvente, apenas demonstra parte dessa honraria. Suas cores são o branco da lã do cordeiro e as cruzes em preto – ou, na linguagem heráldica, sable -, encontrando-se visíveis apenas quatro delas. Demonstram, de maneira inequívoca, o grau na hierarquia eclesiástica que a região de Sorocaba ocupa. Ao lado destro (direito) e sinistro (esquerdo), estão colocadas em pala, na vertical, duas flores de lírio, simbolizando que esta Arquidiocese é dedicada a Virgem, Nossa Senhora da Ponte, Padroeira de Sorocaba. O cálice desta é de argento ou branco e, voltado para o Céu, tende a ser o receptáculo dos benefícios divinos. A cor branca é aqui considerada simbolicamente como inocência e pureza – o que se pretende alcançar com a dedicação a Igreja. Seu caule de sinople, verde, reflete o mundo presente e todo o processo construtivo desta fraternidade. Aliás, o esmalte verde significa, sobretudo, a natureza, a esperança, a liberdade, a saúde, a vitalidade, o crescimento e a harmonia, dentre outros qualitativos. A colocação desta de forma ereta, em pala, em direção ao alto, simboliza a fé em Deus e naqueles que para Ele nos conduzem. Esta flor, dura e inflexível, deve ser intransigente como a fé do neófito. Em outros termos, é a imagem da perfeição a ser alcançada pelos seus seguidores. Dos dois caules brotam, ao todo, doze folhas de argento, brancas, refletindo a pregação dos Doze Apóstolos. Pode-se associar também essa flor de lírio como foi disposta com a simbologia de pilar, coluna, sustentáculo que leva a transformação do ser humano em um homem temente e dedicado a Deus. Como exemplo dessa transformação, estão as folhas em número de doze, todas no metal argento, ou seja, de branco, simbolizando essa transformação de homem comum

naquele santificado. O número doze corresponde aos 12 apóstolos de Jesus – homens escolhidos. Todos eram pessoas comuns, com profissões diferentes e tinham muitas falhas e fraquezas. Mas uma vez dedicados e treinados, se capacitaram de forma sobrenatural à principal missão de pregar o bem. Trata-se da imagem do processo de adquirir a perfeição espiritual. Aqui, a flor simboliza o centro espiritual – 'Nossa Senhora da Ponte, de Sorocaba' -, que consegue proporcionar essa mudança em seus discípulos.

Em síntese, o brasão identifica o Arcebispado como condutor das gentes desta paragem, através do culto a Nossa Senhora da Ponte e aprendizado com os Apóstolos, para melhor qualidade religiosa. O escudo tem por timbre também a cruz processual arquiepiscopal, símbolo da dignidade de Arquidiocese. Essa cruz também pode ser conhecida pelos nomes de Cruz Patriarcal, porque possui um 'braço' menor, que representa a inscrição colocada pelos romanos na cruz de Jesus, o 'INRI', que em latim quer dizer 'Jesus Nazareno, Rei dos Judeus', amplamente utilizada por bispos e príncipes da igreja cristã antiga. Esse desenho de Cruz foi tomando forma e a placa realmente se tornou um novo 'braço', isto principalmente em uma região espanhola, razão de a denominarem também de 'Cruz de Caravaca', no século XIV. Nessa mesma área tem origem grande parte dos padres da Companhia de Jesus (Jesuítas). Estes tiveram grande missão evangelizadora na América do Sul, para onde trouxeram exemplares dessa modalidade de Cruz, razão pela qual igualmente ficou conhecida como 'Cruz Missioneira'. Os dois braços simbolizam a fé redobrada, foco de abnegação.

O listel de goles – vermelho, com a inscrição em caracteres versais maiúsculos - é para que não se paire dúvidas sobre a propriedade deste Brasão de Armas, a Arquidiocese de Sorocaba. Com a atualização então, novos elementos foram incorporados. Assim, vão

por trás do escudo a cruz processual e mais o báculo cerimonial passados em aspa (na heráldica, é quando duas peças formam um 'X'). A cor tanto para a cruz processual arquidiocesana, como para o báculo cerimonial são de ouro. Sobre o escudo, aparece uma mitra episcopal com as ínfulas. Acima das três hastes do 'Y', foi ainda inserido o símbolo da Hóstia, com as espigas de trigo. Esse elemento consta no brasão pessoal do primeiro bispo de Sorocaba, Dom José Carlos de Aguirre. Inserindo esse elemento, a Arquidiocese deseja ressaltar as suas origens: a histórica que começou com o seu primeiro bispo e a espiritual que tem sua fonte no Sacramento da Eucaristia. Foram reduzidas as folhas nos caules dos lírios: são seis folhas em cada lado, o que permitiu fazer a folhas maiores, sem comprometer o conceito do numeral 'doze'. A cor azul clara foi mudada porque, na Heráldica, a cor usada para representar o Céu é o azul escuro, o mesmo azul da bandeira do Brasil, mas para não ficar tão distante da cor do brasão original foi usado um tom de azul meio termo.

Além de afixados também na sede de outros organismos eclesiais arquidiocesanos, foi ainda reservado um quadro com o novo brasão à Capela Histórica de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, localizada em no bairro do Além-Ponte, à rua Ruy Barbosa, 84, junto à sede do Instituto Histórico. Foi entregue solenemente à diretoria da entidade no início de novembro, pelo padre Julio César Fernandes, coordenador arquidiocesano de Pastoral e da Comissão Pró-Centenário, durante a sessão solene anual realizada na Catedral Metropolitana, dentro da Semana 'Aluísio de Almeida', e entronizado pelo próprio Dom Julio Akamine ao final da missa natalina e de ação de graças pelo encerramento do ano que presidiu na noite de 21 de dezembro no auditório do IHGGS.

Eventos marcam abertura do Ano do Centenário

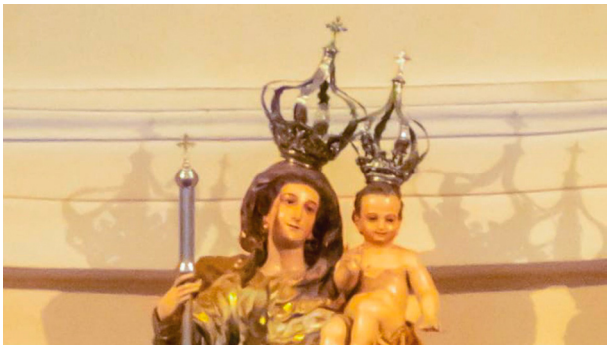


Dom Julio abençoando círios jubilares levados às paróquias, simbolizando o Cristo a iluminar a caminhada evangelizadora de 100 anos.

Lembrando ser Cristo a luz do mundo e o círio aceso ser sempre evocativo de Sua presença caminhando em meio dos homens, a 4 de julho de 2023, também na igreja da Catedral, Dom Julio Akamine oficializava a abertura do Ano do Centenário da Arquidiocese, ao início da missa solene pela passagem de seus 99 anos de criação canônica por bula papal de Pio XI, convidando ele, então, o pároco da Sé, padre Tadeu Rocha Moraes, a acender os dois círios que durante os doze meses subsequentes ali permanecem como sinal visível dessa luz de Cristo, "a luz de Cristo que sempre ilumina o nosso caminho e foi, assim, a luz de Cristo que tem iluminado a nossa caminhada de cem anos como Igreja Particular de Sorocaba...". "Iniciando as comemorações do Ano do Centenário da Arquidiocese de Sorocaba, gostaria de convidar a todos a rendermos graças a Deus pelos 99 anos que hoje completamos e pelos 100 anos que celebraremos no ano que vem. E até aqui nos socorreu o Senhor Deus e nos salvou não somente de problemas e dificuldades, mas nos salvou também da perdição, do pecado

e da morte eterna...", exortou ainda o Arcebispo, que ao final da Celebração Eucarística abençoaria 58 outros círios evocativos do Ano do Centenário da Arquidiocese, levados por seus representantes laicais a cada uma das paróquias presentes nos doze municípios que compõem a Igreja Particular de Sorocaba, com a recomendação de que, no último final de semana de julho, dias 29 (sábado) e 30 (domingo), também solenizassem o início do Jubileu Centenário a nível paroquial.

Como ao início da missa foi rezada a 'Oração do Centenário da Arquidiocese', ao final Dom Julio, com a bênção e envio dos círios às paróquias, recitou pela primeira vez nova Oração de Consagração a Nossa Senhora da Ponte, preparada especialmente para o Centenário, anunciando, ao mesmo tempo, a inclusão de três novas estrofes referentes às comemorações jubilares ao Hino da Padroeira da Arquidiocese (letra original de autoria do padre Lúcio Floro Graziosi e música da Irmã Míria T. Kolling) e a elaboração de outros textos especiais, como aquele para a recitação do Rosário de Maria Santíssima e para Celebração Penitencial.



Dom Julio Akamine, a convite dos Correios, também solenizou abertura do Ano Jubilar oficializando lançamento de selo e carimbo postal-filatélico

Homenageando também a abertura do Ano do Centenário, os Correios procederam na mesma ocasião, no Presbitério da Catedral, cerimônia histórica de lançamento de selo postal personalizado alusivo aos cem anos da Arquidiocese, celebrados em 2024, assim como do carimbo filatélico comemorativo, procedendo a primeira obliteração o Sr. Arcebispo, que se referindo uma vez mais à efeméride pontuou que "temos que tomar ciência de tudo aquilo que Deus realizou em nosso favor. Não podemos subestimar isto, deixar cair no esquecimento aquilo que Ele fez aqui, nesta Igreja Particular de Sorocaba. A nossa história é feita de santidade, de testemunho e de ação evangelizadora".

Tanto o selo personalizado, impresso na Casa da Moeda do Brasil, instalada no Rio de Janeiro, como o carimbo postal comemorativo, traziam a logomarca com que desde 2020 a Arquidiocese vem anunciando as celebrações centenárias. Após a primeira obliteração por parte de Dom Julio, outras personalidades presentes também foram convidadas pelos gestores dos Correios em Sorocaba a fazê-la, recebendo ao mesmo tempo das mãos da gerente regional da Empresa, Kátia de Oliveira, artística lembrança filatélica do ato, entregue a representantes da Prefeitura Municipal, Câmara de Vereadores, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico e Club Philatelico Sorocabano. Um conjunto especial com uma folha com 12 selos e envelope com o carimbo comemorativo igualmente foi entregue ao padre Fernando Henrique Giuli Batista que, como chanceler do Arcebispado, ficou incumbido de encaminhá-lo à Santa Sé, como presente ao Papa Francisco, que via de regra destina esses mimos ao Museu Postal e Filatélico do Estado do Vaticano.

Por aqui, o carimbo comemorativo aos 100 anos da Arquidiocese permaneceu ainda sendo aplicado até 31 de julho em peças filatélicas de colecionadores e demais interessados em guardar a lembrança e principalmente em todas as correspondências que

deixavam a cidade através da Agência Postal da rua de São Bento. Posteriormente, foi recolhido pelos Correios ao Museu Postal, instalado no Edifício-Sede da ECT, em Brasília.

Paralelamente, por outro lado, a Arquidiocese passou, a partir de então, a laurear, com a Medalha do Centenário instituída pela Igreja Particular de Sorocaba, personalidades civis, militares e eclesiásticas, lideranças do laicato católico, instituições e representantes ou representações de pastorais, irmandades, associações religiosas, movimentos eclesiais, etc...

Os Jubileus



Jubileu dos Coroinhas no Santuário São Judas Tadeu, em 16 de setembro de 2023.

Também treze encontros jubilares, basicamente um a cada mês, entre julho/2023 e junho/2024, vêm sendo realizados para preparar as celebrações magnas do Centenário, inclusive contemplando a maioria dos municípios que constituem, na atualidade, o território eclesiástico da Igreja Particular de Sorocaba. Ainda em 2023, foram realizados, em julho, o Jubileu dos Seminaristas, em Jumirim; em agosto, o dos Diáconos, em Sorocaba, na igreja matriz do Bom Jesus dos Aflitos, em Vila Hortência; o dos Coroinhas e Acólitos no Santuário de São Judas Tadeu, no bairro do Central Parque, também em Sorocaba, em setembro; em outubro, o Jubileu da Juventude, em Boituva; em novembro, das Pastorais Sociais, em Votorantim, e em dezembro, em Cerquilho, o Jubileu dos Catequistas.



Perto de 3 mil jovens e adolescentes estiveram no Rebanhão 2024. Nesta edição chancelada como Jubileu dos Crismandos.

O ano de 2024 vem sendo marcado, por outro lado, pelos jubileus dos Músicos, em Araçoiaba da Serra, em janeiro; em fevereiro, dos Religiosos e das Religiosas, no Santuário de São Geraldo Majella, em Vila Helena, na Zona Norte de Sorocaba, e dos Crismandos ('Rebanhão'), no início de abril, em Sorocaba, reunindo 3 mil adolescentes e jovens, que se preparam para receber o Sacramento da

Confirmação, na sede campestre do Cube União Recreativo, no Jardim Guadalajara. Além do Jubileu das Famílias, celebrado no primeiro domingo de maio na cidade de Porto Feliz, na igreja matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Na sequência, estavam por vir o Jubileu dos Movimentos e Associações, em Iperó; o Jubileu dos Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística, na Paróquia de Cristo Rei/Parque das Laranjeiras, em Sorocaba, em junho, e o Jubileu dos Sacerdotes, em Tapiraí, em agosto, coincidindo com a memória litúrgica de São João Maria Vianney, o Cura D'Ars, e o Dia do Padre.

Histórico Seminário é revitalizado no Centenário

Um dos mais caros legados do centenário da Arquidiocese é, por outro lado, a revitalização e renovação do histórico edifício do Seminário 'São Carlos Borromeu', na avenida Dr. Eugênio Salerno, previsto para ser reinaugurado a 1º de julho, às vésperas, portanto, do festejado jubileu áureo de um século da Igreja Particular de Sorocaba. Desde meados de 2022, importantes organismos de governo da Arquidiocese começaram novamente a ser alocados no vetusto edifício, como a Cúria, a Mitra, o Arquivo Arquidiocesano e o Tribunal Eclesiástico. Na sequência, os próprios seminaristas filósofos e de Teologia também passam a ocupar área significativa do patrimônio, residindo em suas alas superiores (com as readaptações nessa chamada 'área residencial' do Seminário, onde no passado havia no local apenas dois grandes dormitórios, o espaço foi conta, agora, com 50 quartos, com banheiro, individuais e outras benfeitorias em fase de finalização, como a implantação de enfermaria, espaços gourmet e de mídias sociais, elevador e placas fotovoltaicas para a geração de

energia solar), assim como ali também morará o Sr. Arcebispo, com a transferência igualmente para lá da Residência Episcopal, desde os anos 1990 alocada em Vila Santana, ao lado da Paróquia de Santa Rita de Cássia, após breves passagens a partir do final dos anos 80 por imóveis provisórios no bairro de Santa Terezinha e na Vila Carvalho, na rua Professora Escolástica Rosa de Almeida. "O bispo ficará, assim, de olho em seus seminaristas e os seminaristas de olho no bispo", brinca o arcebispo Dom Julio Akamine.

Relembra Dom Julio que, quando de sua chegada a Sorocaba no início de 2017, as dependências do Seminário estavam outra vez desocupadas, disponíveis, a princípio, a novas locações. A intenção de alugá-las novamente, em meio à retenção do mercado imobiliário, desembocou logo, porém, numa certeira inspiração, provocando profundas reflexões no sentido da própria Arquidiocese buscar utilizá-las, otimizando seu uso a serviço da Igreja. "Buscamos com isso resgatar, ao mesmo tempo, a história centenária da Arquidiocese, mas não só no sentido de resgate da memória e pronto - e sim um resgate de atualização, preservando-se aquilo do passado que é importante e deve continuar sempre presente, ou seja, olhando-se para o passado, porém não só com um olhar documental, para que seja uma renovação do presente, de modo a trazer para este presente os valores que estiveram na base da fundação da Igreja Particular de Sorocaba. Então, foi por isso também que decidimos fazer essa reestruturação, para que isso tudo que esteve na base continue sendo importante para o desenvolvimento da Arquidiocese no futuro", assevera o Arcebispo.

Os detalhes, contudo, vêm também, com seus pormenores, aprofundados no Apêndice B deste livro e dedicado especificamente à trajetória do Seminário 'São Carlos Borromeu'.

O monumento do Centenário



Monumento em pedras de mármore transparente fixado nos jardins fronteiriços do Seminário, marcando o centenário da (Arqui)Diocese. Concepção do monumento pelos arquitetos Ricardo Bandeira e Márcia Leitão.

Também a 1º de julho deste 2024, na passagem dos 100 anos de criação da Igreja Particular de Sorocaba pelo Papa Pio XI, os jardins fronteiriços ao histórico edifício do Seminário 'São Carlos Borromeu', na avenida Dr. Eugênio Salerno, ganham o Monumento do Centenário da Arquidiocese, elaborado a pedido do arcebispo Dom Julio Endi Akamine pelos arquitetos Ricardo Bandeira e Márcia Leitão. As comemorações dos 100 anos têm, assim, também esse marco, com aproximadamente três metros de altura e estruturado sobre três pilares unidos em um design moderno de pedras de mármore transparente - o especialista em mármore Paulo Cominato assessorou a escolha do tipo da pedra ideal. Remetem eles, fundamentando-se em representações teológicas, aos pilares da Igreja: Sagrada Escritura, Magistério e Tradição. "Os três pilares da Igreja Católica estão entrelaçados para sustentar a fé e a doutrina e garantir que, mesmo com o passar dos séculos, esta se mantenha incorruptível, de modo que nenhum deles exista sem os outros. E, assim, juntos, sob a

mesma ação do Espírito Santo, continuem eficaz e harmonicamente, cada um ao seu modo, alicerçando a salvação dos homens", destaca a argumentação plástica dos arquitetos.

O design dos Três Pilares do monumento remete também à visualização das Três Pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Há também, na interface dos pilares, a base menor, que é a representação da Igreja Particular de Sorocaba em 100 anos de história. Junto a esse pilar, a placa com a logomarca do Centenário representa a celebração da data de 4 de julho de 2024, como o marco central dessa efeméride.

A iluminação cênica noturna aos Três Pilares, com a elevação das luzes ao céu, significa a luz de Cristo, que emana deste local histórico à caminhada dos 100 anos de fundação da Diocese. As quatro bases retangulares na parte superior dos pilares, com vidros brancos translúcidos, representam, dentro do conjunto visual, as pontas de uma Cruz que manifesta, na sua brancura, a pureza da ressurreição.

O projeto e instalação do Monumento do Centenário defronte ao prédio do Seminário foi, inclusive, aprovado por unanimidade pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio de Sorocaba (CMDP).

Época de centenários à vista

A passagem da efeméride centenária da Arquidiocese também traz consigo o avizinhar de importantes outras comemorações jubilares para a Igreja Particular de Sorocaba a partir desse marco histórico. Com destaque, entre muitas outras, para já em 2026 a passagem dos cem anos da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, de Vila Hortência, a primeira instituída no novo Bispado por Dom José Car-

los de Aguirre e a segunda da cidade de Sorocaba. Erigida canonicamente a 6 de agosto, festa da Transfiguração do Senhor de 1926, passava a compreender em seu território original mais da metade da cidade, abarcando sobre si toda a vastíssima região conhecida como Além-Ponte, desmembrada da única paróquia até então existente na sede episcopal, a da Catedral, e compreendendo todo o território à esquerda do rio Sorocaba. Ia da região dos morros da Serra de São Francisco às atuais divisas com o município de Itu (Piragibu/Éden, Cajuru, Aparecidinha e até Pirapitingui), sem se esquecer de Brigadeiro Tobias, Mato Dentro e Caputera, entre outros iniciantes conglomerados habitacionais da cidade. Instalada provisoriamente na pequena igreja do Bom Jesus, construída onde hoje se encontra o Ginásio Municipal de Esportes, a chegada dos Padres Franciscanos em 1937 revolucionou ainda mais a caminhada da Paróquia, que em 1944, na Festa do Padroeiro também, já via sagrada sua nova majestosa Matriz, nos altos da rua dos Morros, atual Cel. Nogueira Padilha, mesmo se ainda em fase de acabamento, tendo a seu lado, com frente para a rua Péricles Pilar o Convento Franciscano de Sorocaba.

”Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, 100 Anos Evangelizando”. É com esse ‘slogan’, então, que em 12 de março de 2023 os Padres Franciscanos e a Comunidade - hoje abrangendo apenas duas outras capelas (Santa Cruz, no bairro da Caputera, e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no bairro dos Morros), porém tendo gerado muitas outras paróquias filhas, netas e até bisnetas nestes cem anos, como sempre estão a destacar frei Benedito Geraldo Gomes Gonçalves, OFM, o pároco atual, e frei José Raimundo de Souza, OFM, o vigário paroquial – abriram, solene e festivamente, o triênio rumo ao Centenário. O tema escolhido para as celebrações deste primeiro ano foi “Encarnando o Evangelho como São Francisco de Assis”, co-

memorando-se ao mesmo tempo, como Família Franciscana, os 800 anos da chamada 'Regra Bulada', onde a maior intenção de Francisco de Assis era observar o Evangelho em tudo e por tudo, imitando com perfeição, dedicação e fervor os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo sua vida e sua palavra, assim como o oitavo centenário da data em que no Natal de 1223, três anos antes de sua morte, no Vale de Rieti, em Greccio, região da Úmbria, na Itália, o 'poverello de Assis' representou, pela primeira vez, o Presépio com pessoas e animais – "Greccio tornou-se uma nova Belém e, no Presépio, o mistério da Encarnação do Senhor Jesus foi representado honrando a simplicidade, louvando a pobreza e recomendando a Humanidade". Em 2024, a caminhada trienal da Paróquia do Bom Jesus rumo ao Centenário lembra os 800 anos da recepção por São Francisco de Assis dos sagrados estigmas do Senhor Jesus e, em 2025, o oitavo centenário do 'Cântico dos Cânticos', também conhecido como 'Cântico ao Irmão Sol', escrita por ele no dialeto da Úmbria e que se acredita esteja entre as primeiras obras literárias italianas.

Por outro lado, para 2027 prevê-se ainda celebrações pelo centenário de ordenação sacerdotal de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, o célebre historiador, escritor e folclorista Aluísio de Almeida, em parceria entre a Arquidiocese e o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). **A Diocese de Sorocaba e seu primeiro Bispo**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1974.

ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). **Brasil de Nossa Senhora**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1974.

ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). **Dom Lúcio**: 1863-1923. São Paulo: Odeon, 1938.

ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). História da instrução em Sorocaba: 1660-1956. *In:* ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). **Estudos regionais paulistas**. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 1989. p. 10

ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). **História de Sorocaba**. Sorocaba: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1969.

ALMEIDA, Luiz Castanho de (Aluísio de Almeida). **Sorocaba**: três séculos de História. Itu: Ottoni Editora, 2002

ANUÁRIOS da Diocese de Sorocaba (1925, 1926-1927, 1928-1928 e 1930-1931), Dom José Carlos de Aguirre

AUGUSTI, Waldir Aparecido (coord.). **Dom Angélico Sândalo Bernardino**: Bispo profeta dos pobres e da justiça. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2012.

CAMPOS, Dom José Melhado. **As memórias do Juca**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1989.

CAMPOS, Dom José Melhado. **Memórias da Diocese de Lorena**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988.

CAMPOS, Dom José Melhado. **Memórias da Diocese de Sorocaba**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1988.

CHINEN, Akira. **Dom Julio Endi Akamine**: família, vida, obra. São Paulo: Anbe Edições; Sinchronicity Books, 2023.

CIDADE NOVA. Itália: Movimento do Focolares, 1965.

HEMEROTECA do autor, com recortes de reportagens, notícias e artigos vários publicados ao longo dos anos pelos jornais locais, como 'Cruzeiro do Sul' e 'Diário de Sorocaba', e também muitas vezes pela Imprensa regional, englobando as cidades agregadas ao território arquidiocesano, e também pela Imprensa de São Paulo. Mais o Boletim 'Notas e Notícias' e os jornais 'Mensageiro Diocesano' e 'Terceiro Milênio', publicações da própria (Arqui)Diocese de Sorocaba em diferentes épocas.

JOÃO XXIII, Papa. **Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do ss. Concílio:** 11 de outubro de 1962. Itália: Libreria Editrice Vaticana, 1962. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 22 maio 2024.

KLOPPENBURG, B. Introdução geral aos documentos do Concílio. *In:* **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 8

PASQUAL, Firmino Waldemar. **As Santas Casa e a evangelização**. São Paulo: Província Camiliana Brasileira, 1994.

SAMPAIO, João José Corrêa. **Consagrados e secularizados**. São Paulo: Scortecci, 2023.

SILVA JÚNIOR, Gesiel Theodoro da. **A igreja do bairro e sua história centenária**. Botucatu: Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, 2023.

VANNUCCHI, Aldo. **Dom Aguirre**: vida e obra. Sorocaba: Eduniso, 2013.

VANNUCCHI, Aldo. **Um padre diferente**. Sorocaba: Eduniso, 2017. Disponível em: https://editora.uniso.br/editora/catalog/view/26/23/72. Acesso em: 15 maio 2024.

VIEIRA, Porfírio Rogick Vieira. Efemérides sorocabanas. Jornal Cruzeiro do Sul, 1981.

APÊNDICE A - A CATEDRAL METROPOLITANA DE NOSSA SENHORA DA PONTE



Uma história de mais de 240 anos marca a existência da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Ponte, com esta configuração atual.

Uma longa caminhada histórica, arquitetônica, litúrgica e pastoral marca a presença, em Sorocaba, da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Ponte, na praça Coronel Fernando Prestes, a antiga Igreja Matriz, há cem anos elevada à dignidade episcopal pelo Papa Pio XI. Considerada neste início do século XXI, ao lado do Mosteiro de São Bento, com sua igreja de Sant'Ana, como os principais patrimônios histórico-arquitetônicos e religiosos da cidade, na realidade sua existência se remete à segunda metade do século XVIII, quando uma nova Matriz surge no mesmo local em que o fundador Baltazar Fernandes em 1667[1], ano em que faleceu, já tinha avançado em primeira pessoa na edificação da primeira Matriz da Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba, em substituição à primitiva Capelinha de 1654, que assistiu à fundação e desenvolvimento inicial do simples Povoado e entregue aos cuidados dos Monges Beneditinos em 1660, para ao lado edificarem seu Mosteiro.

Com a morte do fundador, os primeiros sorocabanos terminaram a obra por ele iniciada, paredes de taipa e coberta de telhas, com uma sineira lateral ou ao centro, capela-mor forrada e assoalhada, com o altar com camarim e o trono da Padroeira em retábulo dourado, e altares laterais encostados à parede, junto ao arco do cruzeiro e à sacristia, posicionada logo atrás e assoalhada também. Sabe-se que a primeira Matriz tinha duas naves e ainda pia batismal de pedra, coro sobre a porta principal, portas travessas, púlpito e bancos fixos no chão, ainda não assoalhado e onde existiam sepulturas; os altares laterais eram dedicados a Nossa Senhora da Conceição, São Miguel, Nossa Senhora do Rosário e Santa Rita de Cássia, este a

[1] Corrobora esta afirmação documento redigido pelo próprio filho do fundador, encontrado pelo historiador Porfírio Rogich Vieira nos primeiros anais da Câmara de Sorocaba, de que em 1667, quando faleceu, seu pai já havia iniciado a construção da Matriz. Outros estudiosos apontam também 1662 como o do início de sua edificação, junto com o prédio da Câmara de Vereadores.

partir de 1727. O corpo da igreja ganhou depois parte de chão atijolado, mas não tinha forro; o Santíssimo era iluminado por lâmpada de latão o ano todo. Desta primitiva Matriz, porém, nada consta nos registros paroquiais, como acentua em vários de seus escritos Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, o historiador Aluísio de Almeida.

Aqui um parêntesis se faz necessário, também quanto à própria criação da Freguesia, como se dizia então, ou Paróquia de Nossa Senhora da Ponte. Houve no passado quem grafasse como o ano de 1646 ou ainda 1647. Pesquisas e interpretações mais recentes, contudo, como a própria fixação da fundação de Sorocaba em 1654[2], fizeram desmoronar essa datação, que chega a aparecer vagamente no que escreveu o padre Pedro Domingues Pais[3] em 1747, na abertura do primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, afirmando não ter encontrado documentos comprobatórios, mas que moradores mais antigos haviam lhe informado que a Vila estava com cem anos (1646, 1647)... Temos conosco que podemos hoje situar como ereção da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte o ano de 1665 (ou 1666?), sobretudo tendo em vista de que, quando da morte do Fundador, a primeira Matriz já aparecia como edificada. "Talvez apenas coberta sobre as taipas erguidas pelos índios de Baltazar...", ainda destaca Aluísio de Almeida, que aventa também a possibilidade do próprio fundador ter, elevado o Povoado à condição de Vila a 3 de março de 1661 pelo governador-geral do Rio de Janeiro e das Capitanias

[2] Só nos anos 50 do século passado, estudos e pesquisas mais aprofundadas de parte de historiadores locais, tendo à frente Monsenhor Luiz Castanho de Almeida e José Crespo Gonzales, prefeito da cidade entre 1969 e 1973, definiram o ano de 1654 como aquele em que no seu final, "depois de ter construído casa e capela na sesmaria que lhe pertencia por herança familiar", o capitão Baltazar Fernandes para cá se transferiu com a família, agregados e outros companheiros e seus respectivos clãs procedentes de Santana do Parnaíba.

[3] Sorocabano, padre Pedro Domingues Pais foi um dos notáveis vigários da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte do século XVIII, estando à sua frente de 1716 a 1750.

do Sul, Salvador Correia de Sá y Benevides, enviado um monge de São Bento ou mesmo um morador habilidoso ao Rio, sede da Prelazia, circunscrição eclesiástica independente do único bispado até então existente no Brasil, o de São Salvador da Bahia, para tratar da criação da Paróquia de Sorocaba. O primeiro vigário encomendado foi o padre João de Godói Pedroso, em 1679, sucedido no mesmo ano pelo padre Pedro de Godói da Silva, falecido em 1691. As festas religiosas e, por isso, também populares mais concorridas – é também observação de Aluísio de Almeida - eram a da Padroeira, Senhora da Ponte, em 21 de novembro; a do Divino e a Semana Santa. Por volta de 1730, a Vila já possuía, em algumas ocasiões, mais de um sacerdote residente, além do vigário encomendado (titular ou pároco, dir-se-ia hoje) propriamente dito e de dois beneditinos moradores do Mosteiro de São Bento.

Cem anos depois, em 1767, vindo à Vila o visitador diocesano, padre Antônio José de Moraes, este logo apontou a necessidade de uma nova Matriz, pois a existente ameaçava ruir, tal o precário estado de suas estruturas em um século de existência, escrevendo no termo da visita no primeiro Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte[4]: "Causa lástima ver a pouca devoção destes paroquianos, a qual se dá bem a conhecer em sua igreja, que se acha indecente para nela se celebrarem os ofícios divinos".

[4] Quando se criou o Bispado de São Paulo em 1745 pelo Papa Bento XIV, como de praxe, não foram transferidos, se é que haviam, documentos anteriores sobre as freguesias paulistas existentes nas cúrias de São Salvador da Bahia (1551) e, posteriormente, de São Sebastião do Rio de Janeiro (1676) – "e os que lá ficaram derreteram... por causa das traças e do clima a elas favorável" escreveu ainda Aluísio de Almeida, que chegou a ir pessoalmente ao Rio para extenuantes pesquisas. Doutro lado, nem livros do Tombo havia nas paróquias de São Paulo, senão poucos papéis avulsos. Coube, então, ao primeiro bispo ordenar aos vigários a escrituração de livros de Tombo. De Sorocaba, os primeiros poucos assentamentos que se encontrou datavam de 1679, assinalando como primeiro vigário encomendado o nome do padre João de Godói Pedroso, seguido do padre Pedro de Godói Silva, de 1679 até seu falecimento, em 1691.

Aluísio de Almeida conta que, depois desse alerta e pela velhice do vigário, padre José Manoel de Campos Bicudo, nomeou-se o capitão José Ferraz de Arruda para diretor 'dos dinheiros e das obras', transferindo-se o Santíssimo e as imagens para a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída por Sarutaiá e há pouco inaugurada naquele mesmo ano de 1770, na confluência da rua de São Bento com a atual rua Padre Luiz – no século seguinte, seria construído junto dessa igreja, então transformada em Matriz provisória, o Convento de Santa Clara, recolhimento para acolher monjas enclausuradas, sob a orientação do frade Santo Antônio de Sant'Ana Galvão OFM e que se vinculou à Ordem da Imaculada Conceição (Concepcionistas Franciscanas) -, permanecendo o adro da velha Matriz a receber os sepultamentos por mais um tempo. Pôs-se abaixo, então, a construção primitiva de Baltazar, também já muito pequena para a crescente população da Vila, e iniciou-se no mesmo local a construção de uma nova igreja, grafando apontamentos da época a data de 11 de fevereiro de 1770 para o início efetivo desses trabalhos demorados de demolição e edificação. Essa segunda Matriz era suntuosa, toda de taipa grossa de pilão com pedregulho, ou seja, taipa executada com uso de terra apiloada com pedras, dentro de formas de madeira, técnica construtiva muito empregada à época nas edificações de maior importância; o madeiramento veio do Mato Dentro e tinha ela quase o mesmo tamanho da Catedral de hoje, com a nave central em estilo barroco, capelas reentrantes sob as tribunas dentro dos corredores. Ao que se sabe, não houve arquiteto ou risco; simplesmente foram fazendo. O novo prédio possuía sua nave central em estilo barroco, com corredores e arcos para os altares laterais – e, acima destes, estavam as tribunas.

A segunda Matriz de Sorocaba



No início do século XX, assim se apresentava externamente a Matriz, segunda construída em Sorocaba, inaugurada em 1773; a torre era de 1818, e a foto foi registrada entre 1909/1910 por Camillo Lellis, morador de Itapetininga.

Encomendada no Porto, em Portugal, em estilo barroco, esculpida em madeira policromada e pesando mais ou menos 300 quilos, trazendo o Menino Deus no braço esquerdo e o cetro na mão direita, em 1771 chegou a Sorocaba a bela segunda imagem da excelsa Padroeira, Nossa Senhora da Ponte, em substituição à imagem que fora trazida em 1654 pelo fundador Baltazar Fernandes – com o tempo, esta primeira imagem, histórica para Sorocaba, se perdeu e desapareceu nas décadas posteriores, nas constantes acomodações aqui e acolá e mudanças do acervo da Matriz, havendo 'experts' que garantam tratar-se de uma imagem barroca de Nossa Senhora, sem coroas ela e o Menino (as coroas de prata da primeira Padroeira teriam sido fundidas ou adaptadas para serem colocadas na nova imagem vinda do Porto, como dão a entender anotações não muito claras encontradas por historiadores no Livro de Tombo da Paróquia)), existente hoje no acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo, instalado em dependências do Mosteiro da Luz e mantido pela Arquidiocese paulistana em conjunto com a Secretaria de Estado

da Culturas, constando como procedente de uma capela ou igreja da região de Itu... (pode ser, pois consta igualmente em registros históricos que quando algumas monjas concepcionistas de Sorocaba foram enviadas a Itu, para a fundação do Mosteiro local, o Conventinho, receberam autorização do vigário para também levarem consigo alguns objetos litúrgicos e imagens fora de culto da Matriz de Nossa Senhora da Ponte, então em novas reformas, e que se achavam recolhidas em depósito em dependências do próprio Convento de Santa Clara).

A Matriz ficou logo concluída, três ou quatro anos depois. Mesmo se suntuosa, não tinha torre, que não foi construída junto com a igreja por falta de recursos e também pela morte do diretor das obras, o capitão José Ferraz de Arruda (sua edificação só começaria em 1812), e notava-se ainda a ausência de muitos detalhes, adornos e acabamentos. Nem forraram ou assoalharam a nave, mas somente o altar-mor. Fizeram o retábulo e o trono de acordo com o tamanho da nova imagem da Padroeira, mas não aplicaram douração em nada. Foi inaugurada a 18 de setembro de 1773, com a devida licença do bispo da Diocese de São Paulo, Dom frei Manoel da Ressurreição. Já no ano de 1778 recomeçaram os sepultamentos na nova Matriz, mas foi só a 11 de janeiro de 1783 que chegou a provisão episcopal de Dom Manoel da Ressurreição para a sagração, possibilitando que no dia 9 do mês seguinte, com grande e festiva solenidade, o novo vigário Domingos José Coelho procedesse a bênção da nova Matriz. No dia 10, translada-se o Santíssimo e retornam as imagens alocadas provisoriamente na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, sendo a primeira missa celebrada no dia 11 de fevereiro de 1783. Neste mesmo ano, também foi criada pela rainha Dona Maria I a paróquia colada de Sorocaba, ou seja, confiada a um pároco fixo pago pela Coroa com a importância de 200 mil réis por ano - o primeiro foi o padre Antônio Ferreira Prestes.

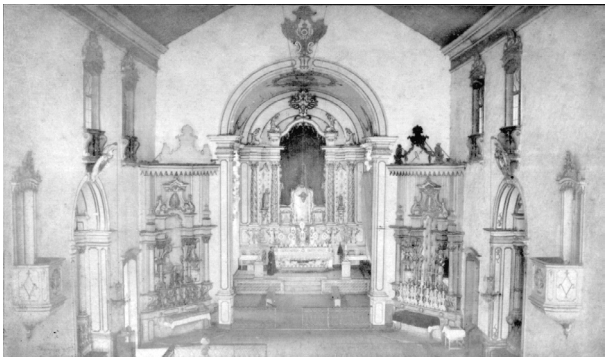
Em 1785, chegaram de Salvador, na Bahia, outras históricas imagens para embelezar a Matriz, populares até hoje em Sorocaba, principalmente durante o ciclo da Quaresma e da Semana Santa, como a de Nossa Senhora das Dores (imagem em roca e de vestir), Senhor dos Passos, Cristo do Fogaréu (ou atado à coluna ou ainda da Flagelação) e Senhor do Bonfim, um Jesus Crucificado do século XVIII igualmente, com resplendor em couro (arte tropeira). A imagem de madeira policromada de São José, também belíssima, chegou em 1812 e até hoje é venerada em um dos nichos laterais da Catedral.

Foi em 1812, por outro lado, quando da escolha de um novo diretor de Obras para a Matriz, na pessoa de Antônio Bernardo de Azevedo Carneiro, que os trabalhos para a construção da torre foram retomados, trazendo-se da cidade de Santos vários pedreiros, tendo à frente Joaquim Lustosa, que em 25 de fevereiro assentaram as primeiras pedras nos seus alicerces, com esta torre permanecendo até 1940 e hoje ainda se conservando em parte, mesmo se sob um novo revestimento e acréscimos para o alto. Esta torre, aliás, foi a primeira obra de pedra de Sorocaba, tendo 18 palmos de fundo por 13 de largura. Em 12 de dezembro de 1819, entre idas e vindas, estava pronta e tinha em sua cúpula, junto à vistosa cruz de bronze, uma enorme bola oca de cobre com orações impressas em forma de relíquias e uma haste com um cata-vento em forma de bandeirola, com a data em recorte, peças hoje incorporadas ao acervo arquidiocesano de Arte Sacra.

O sorocabano padre Francisco Teodosio de Almeida Leme, embora não fosse o vigário colado, prosseguiu com reformas entre 1836 e 1839, diante, sobretudo, da ação do tempo que já manifestava terríveis problemas estruturais nas edificações de menos de 70 anos atrás, reerguendo-se, então, solidíssimas paredes laterais, com pedregulho e terra, reforçando-se todo o madeiramento e colocando-se um

forro digno no corpo da igreja. Também adquiriu no Rio de Janeiro três grandes lustres, fazendo para eles as competentes rosáceas no teto, assim como assoalhou tudo, deixando as campas de Nossa Senhora das Dores e a do Santíssimo para o enterro dos irmãos de ambas as irmandades zeladoras. Na fachada, já havia os janelões de vidro, mas as janelas laterais continuaram com uma espécie de grade. O padre Teodosio foi auxiliado nestas reformas pelo ourives e pintor Carlos Leão Baillot.

Em julho de 1841, prossegue a história da futura Sé, foi inaugurado o relógio comprado no Rio de Janeiro por Francisco Lopes de Oliveira e oferecido à Matriz – esse relógio, retirado da torre em 1940, ainda está em perfeito funcionamento junto à igreja matriz de São Carlos Borromeu (Seminário), na avenida Dr. Eugênio Salerno, para onde foi transferido – a igreja do Seminário, na época, estava sendo concluída aliás. Pequenas reformas das duas décadas seguintes se conhecem por meio de notas esporádicas que começam a aparecer nos primeiros pequenos jornais a circular na época em Sorocaba, como 'O Paulista', 'O Defensor' e 'O Cometa', dando conta principalmente de desentendimentos do vigário da época, que era do Partido Conservador, com a Câmara de Vereadores de então, liberal e que era a responsável direta pela conservação da Matriz. A 27 de julho de 1844, contudo, a Câmara Municipal, que na época exercia também as funções executivas ou de prefeitura, resolve autorizar que se assoalhe a Matriz, para evitar enterros dentro da igreja, ao mesmo tempo providenciando melhorias para melhor utilização do jazigo já existente ao lado, fora do templo, para futuros sepultamentos – a Irmandade de Nossa Senhora das Dores, porém, parece que ainda conservou por um bom tempo o direito a seis campas internas na Matriz, à direita de quem entra.



Aqui certamente o primeiro registro fotográfico do interior da Matriz, realizado em 1885 pelo polonês Júlio W. Durski (1851-1893), que veio para o Brasil ainda criança e estabeleceu-se como profissional em Sorocaba a partir de 1878.

Em 1887, o jornal 'Diário de Sorocaba', de Maneco Januário, o primeiro com esse nome que circulou na cidade, em uma de suas edições reclamava abertamente "do estado lastimável, quase em ruinas, em que se encontra novamente a Matriz". "O estado atual do forro da Matriz é uma lástima também, isto é, do arco da Capela Mor à porta principal. As tábuas apodrecidas caem por si, deixando um pouco a descoberto o retalhamento, cujo estado não é mais lisonjeiro. Pedimos providências a quem competir, visto que outra vez cuidou-se mais da Capela Mor... Causa pena um tal desleixo ao nosso velho e simpático monumento do século XVIII". Essa constatação, aliás, também fizera poucos anos antes o próprio bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato, em visita pastoral a Sorocaba no início de março de 1876...

Nova reforma a Matriz sofreria no final do século XIX, sob o paroquiato de Monsenhor João Soares do Amaral, que mandou colocar ladrilhos de louça azul no frontispício, destruindo as volutas barrocas. Essa reforma terminou em 28 de março de 1899, com a participação do arquiteto Augusto Stramozzi.

‘Merecia ser Catedral!!!’



Registro fotográfico de Francisco Scardigno mostra, assim, nossa Matriz em 1916, antes de cônego Domingos Magaldi aprovar projeto para a grande reforma, praticamente colocando-a no chão; conservou-se apenas a fachada e a torre. ‘Merecia ser Catedral!’, bradou o arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva ao sagrar o novo altar-mor a 13 de janeiro de 1924.

As constantes intervenções na segunda Matriz de Sorocaba continuariam no início do século XX, no paroquiato de cônego Domingos Magaldi[5], que percebendo novamente seu delicado estado de conservação em fins de 1917 organizou uma comissão especial de

[5] Monsenhor Domingos Magaldi tomou posse como pároco de Nossa Senhora da Ponte, de Sorocaba, a 5 de fevereiro de 1913, em substituição ao cônego Costa Bueno, que se afastava por problemas de saúde e idade avançada. Nascera em Tatuí em 1881 e foi ordenado sacerdote a 6 de março de 1909. Esta fase primeira de seu paroquiato por aqui foram também dedicados especialmente a preparar as bases para a criação da futura Diocese, ocorrida não sem sua participação decisiva, embora um pouco afastado fisicamente da cidade, investido nas funções de vigário-geral e administrador apostólico da Diocese de Botucatu, como ‘sede vacante’, pela morte de seu primeiro bispo, Dom Lúcio Antunes de Souza. Retornou depois à agora Catedral de Sorocaba tempos depois, em 1929, incardinado à nova Diocese, assumindo também o encargo de vigário-geral, a pedido de Dom Aguirre. Injunções políticas, no entanto, levaram-no a permutar as duas funções com padre Francisco Antônio Cangro em 1933, deslocando-se para a Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres, em Itapetininga. Em 1935, foi eleito deputado estadual, falecendo em Tatuí a 18 de março de 1945. Paroquiou ainda em Angatuba.

obras, também para melhor prepará-la conforme ditames canônicos e orientações litúrgicas da Santa Sé em vista da possibilidade futura de criação do Bispado de Sorocaba e sua transformação em Catedral. De imediato, optou-se pela derrubada da igreja, conservando-se apenas a fachada e sua torre, transferindo-se todas as celebrações religiosas para uma Matriz provisória, instalando-a na antiga igreja de Santo Antônio, no largo do Mercado. O esboço arquitetônico e a direção das obras, iniciadas efetivamente em julho do ano seguinte (1918), foram entregues à supervisão do padre Luiz Augusto Scicluna[6], com apoio técnico do engenheiro Júlio Bierrenbach.

Assim, foi no dia 27 de julho que começou a efetiva derrubada de todo o corpo da igreja, "restando do templo original apenas a torre e a fachada", com o pároco Magaldi buscando seguir fielmente o esboço preparado por padre Luiz, que ampliando a velha Matriz, futura Catedral, procurou também dar-lhe belo estilo basilical, "com admirável sobriedade e harmonia". Uma citação interessante também é de que padre Luiz se entusiasmou tanto pelo projeto que acompanhou de perto os trabalhos e diariamente era visto em meio às obras, a ponto de se acidentar quebrando um dos braços, quando caiu de um dos andaimes. As obras, no entanto, pela sua magnitude, se estenderiam

[6] Notável matemático e conhecedor profundo de Arquitetura Religiosa, o padre Luiz Augusto Scicluna tinha origem grega e nascera na cidade de Solanica no ano de 1849. Foi ordenado sacerdote em São Paulo em 1873 e chegou a Sorocaba a 24 de março de 1894, enviado por Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti como capelão das monjas concepcionistas do Mosteiro de Santa Clara. Foi um forte aliado de Monsenhor João Soares no combate aos dois surtos de febre amarela que atacaram a população no final da década de XIX/início dos anos 1900 e, além de estar à frente das obras que preparavam a Matriz de Nossa Senhora da Ponte para se transformar em Catedral, também conduziu reformas necessárias à reabertura do Mosteiro de São Bento para receber de volta os beneditinos, no início do século XX, e idealizou em 1922 a construção da atual igreja matriz de São João Batista, em Salto de Pirapora, então simples bairro de Sorocaba. Faleceu em 18 de agosto de 1927, recolhido ao casarão onde residia no segundo quarteirão da atual rua Padre Luiz e que ainda estava em pé, com seu belo jardim e pomar ao lado até o final dos anos 1960.

por um bom espaço de tempo, mais de cinco anos. Reportagem estampada pelo jornal 'Cruzeiro do Sul', em sua edição de 21 de março de 1923, atestava, aliás, que àquela altura obras envolvendo "a cúpula da abside, o teto da nave, as arcadas, assentamento do altar-mor já em andamento, a decoração, etc. dão em conjunto um aspecto imponente ao interior da Matriz, que comportará para mais de 3 mil pessoas". A fachada continuava a mesma de 1783 em taipa de pilão e a torre a de 1818, em pedra cinzenta; já o corpo da igreja, sim, foi todo alterado como o resultado dessa reconstrução, incluindo a cúpula.

Em visita às obras, o arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, admirado deixara escapar frase antológica para a ocasião: "Merecia ser Catedral!!!". Isto quando de sua estada na cidade para a sagração do altar-mor da praticamente nova Matriz, em fase de finalização, na manhã de 13 de janeiro de 1924, antecedendo a histórica reunião da noite, no Gabinete de Leitura Sorocabano, para encaminhar providências para a criação da Diocese e quando o arcebispo também chegou a afirmar que muito antes que todos previam "pretendo trazer por minhas mãos o futuro bispo de Sorocaba". Na realidade, essa reforma drástica já preparava a Matriz de Nossa Senhora da Ponte para ser transformada em Catedral, com a criação canônica do Bispado a 4 de julho de 1924 e sua instalação a 31 de dezembro seguinte.

Antes da sagração do altar-mor por Dom Duarte, no dia 31 de dezembro de 1923 Monsenhor Domingos Magaldi, então já nas funções de vigário-geral e administrador apostólico da Diocese de Botucatu, como 'sede vacante', pela morte de seu primeiro bispo Dom Lúcio Antunes de Souza, presidira, aliás, a cerimônia de bênção da nova igreja, precedida de tríduo na então Matriz 'provisória', a igreja de Santo Antônio. Já no dia 1º de janeiro de 1924, houve sua solene inauguração pela manhã, em meio à chegada da romaria trazendo a imagem

de Nossa Senhora Aparecida do bairro de Aparecidinha, com a entronização do Santíssimo Sacramento, trazido em procissão da Matriz provisória. Monsenhor Magaldi, acolitado pelos padres Luiz Scicluna e Francisco Antônio Cangro[7], presidiria também, logo em seguida, missa solene e, ao anoitecer, se recitaria um solene Te Deum na recém-inaugurada Igreja Matriz – o cônego Aristides Leite seria oficialmente nomeado pároco de Sorocaba no dia 6 de janeiro seguinte, sucedendo por algum tempo na titularidade a Monsenhor Domingos Magaldi.

A nova Catedral lembrava as basílicas romanas, com uma grande cúpula octogonal sobre o belo transcepto, acima do presbitério ou capela-mor, e nesse espaço o altar-mor feito ainda em madeira, onde se encontrava também a imagem de Nossa Senhora da Ponte, com o sacrário, a sacristia, os arcos e as duas fileiras de pilares, formando embaixo os corredores e, em cima, as tribunas que se comunicavam com o coro. Outras intervenções, contudo, foram se sucedendo para

[7] Figura lendária do clero sorocabano, a morte a 12 de março de 1961 de Monsenhor Francisco Antônio Cangro, o 'padre Chiquinho', parou a cidade e muita gente foi à Catedral para despedir-se do estimado sacerdote, filho de tradicional família local. Falecera aos 63 anos de idade (nascera em Sorocaba a 27 de dezembro de 1899, filho de tradicional família local, o casal Carmela Verlangieri Cangro-Graciario Cangro), após enfermidade que o acometera ainda no início dos anos 50 e foi se evoluindo, até obrigar a seu pedido de afastamento no final de 1957. Estudou no Seminário de Botucatu, em cuja capela onde foi ordenado presbítero pela imposição das mãos de Dom Lúcio Antunes de Souza, primeiro bispo local, a 20 de novembro de 1921. Por 26 anos foi pároco da Catedral e, desde 11 de julho de 1935, era o vigário-geral da Diocese, cargo que exerceu até o dia de sua morte. Fora na noite de 23 de junho de 1946 que, antes de proceder na Catedral à bênção com o Ssmo. Sacramento, Dom Aguirre comunicou que o Papa Pio XII também estava agraciando padre Chiquinho com as honras de Camareiro Doméstico, conferindo-lhe o título de Monsenhor, meses antes de a 20 de novembro comemorar seu Jubileu de Prata Sacerdotal. Foi também o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia de Sorocaba. "Era uma lâmpada ardente e luminosa" foi a frase sugerida por padre Antônio Maria Mucciolo, então reitor do Seminário 'São Carlos Borromeu', inspirada no Evangelho de São João, ante consulta feita ao clero por Dom Aguirre para inscrição na lapide da sepultura de padre Chiquinho no Cemitério da Saudade.

adaptação da Sé a novos tempos e realidades, principalmente a partir de 1929, novamente sob a orientação de Monsenhor Domingos Magaldi, que voltara a Sorocaba, incardinado à recém-instalada Diocese e reconduzido pelo primeiro bispo, Dom José Carlos de Aguirre, à direção da Paróquia da Catedral até 1933, concomitantemente com o encargo de vigário-geral. Agora, as preocupações maiores voltavam-se para aspectos internos da igreja e já em 8 de dezembro de 1930, na Festa da Imaculada Conceição e sexto ano de sua sagração episcopal, Dom Aguirre presidia solene pontifical marcando a sagração de seu novo altar-mor e entrega da decoração da capela-mor e de sua cúpula, em meio à reformulação de todo o Presbitério. O novo altar-mor, em mármore, o mesmo ali existente até hoje, preservado mesmo depois das reformas litúrgicas implementadas pelo Concílio Vaticano II, substituía ao anterior de madeira, imitando mármore, instalado em 1923 – ou seja, só possuía em mármore Carrara, ao contrário deste, o altar propriamente, por prescrição litúrgica (o restante podia ser – e era – de madeira)[8]. Ambos, porém, procediam da Casa de Arte de Marino Del Favero, de São Paulo. Foram introduzidas ainda junto a essa configuração de 1929/1930 do Presbitério a mesa de comunhão, com duas tribunas laterais, uma para a proclamação do Evangelho e a outra para as demais proclamações litúrgicas, e ainda o trono episcopal, a 'cátedra' de Dom Aguirre. Procedeu-se também a decoração da cúpula introduzida na reconstrução da velha Matriz, com a contratação do artista plástico Ernesto Tomazini, pintor, escultor e professor da então Escola

[8] Segundo deixou consignado em seus escritos o comendador Luiz Almeida Marins, o 'professor Luizito', por anos zeloso diretor do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra (hoje Acervo Sacro Arquidiocesano), nos anos seguintes à instalação do Bispado também os altares laterais de madeira da nova Catedral foram substituídos pelos atuais de mármore por exigências litúrgicas. Isto entre 1925 e 1929. Aliás, o mesmo aconteceu em muitas outras igrejas mais antigas pelo Brasil afora que foram também se transformando em Catedral.

Profissional de Sorocaba, com pendores para a iconografia sacra igualmente e falecido a 3 de março de 1955, que para essa abside acima do altar-mor criou um medalhão em honra de Nossa Senhora da Ponte, em concepção mostrando o Menino Jesus em seu braço oposto ao da imagem do trono e sem cetro sobre uma ponte (um resgate simplório da definição teológica apresentada ainda em 1723 pelo beneditino Frei Agostinho de Santa Maria, apontando Nossa Senhora como 'ponte' ligando o Céu à Terra). Em volta do medalhão, em pintura que parecia ser baixo-relevo (escultura), estavam Santos Doutores da Igreja (São Jerônimo, São Gregório Magno, Santo Agostinho, São Cirilo de Alexandria, São Paulo Apóstolo e São João Crisóstomo). Depois seria pintado, nos anos seguintes, o restante do templo, com ornamentação dos arcos e colunas e decoração dos altares laterais, incluindo na cúpula do Presbitério os Evangelistas, posteriormente substituídos no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 também por telas de Bruno de Giusti. Em suas pinturas, Tomazini utilizava a técnica de estêncil.

Antes, registre-se ainda neste contexto, Dom Aguirre procedera a bênção, a 6 de março de 1927, aos quadros da Via-Sacra.

Novas linhas arquitetônicas. Sino maior e relógio para a nova torre

Monsenhor Domingos Magaldi continuou exercendo seu paroquiato junto à Catedral até o ano de 1933, quando injunções políticas o levaram a deixar a cidade, renunciando também ao encargo de vigário-geral da Diocese. Dom Aguirre propôs a ele o paroquiato de Nossa Senhora dos Prazeres, em Itapetininga, escolhendo para substitui-lo na Catedral de Nossa Senhora da Ponte Monsenhor Francisco Antônio Cangro, o 'padre Chiquinho', que ali estava (na realidade, foi uma permuta!).

Foi com a chegada de padre Chiquinho que a Comunidade Católica de Sorocaba passou, então, a questionar com mais intensidade a necessidade de se oferecer nova configuração arquitetônica também para a fachada da igreja da Catedral, preservada na reconstrução de 1918/1923, inclusive com sinos maiores, em substituição aos antigos quatro sinos colocados na pequena torre na primeira metade do século XIX e que eram utilizados para tudo, seja um toque de recolher, falecimento e até para alerta de incêndio, além de chamamento para as missas, procissões e outras funções religiosas. Assim, logo no início dos anos de 1940, sempre sob a segura orientação de Monsenhor Francisco Antônio Cangro, iniciava-se a concretização do audacioso projeto pela elevação da velha torre[9] por sobre os alicerces de pedra de 1812. Inicialmente, diga-se de passagem, a elevação da torre contemplava a proposta de novos sinos projetados em forma de carrilhão e em número de quatro, três menores e um maior, formando um conjunto sonoro homogêneo. Porém, não se sabe por que logo os planos mudaram-se para apenas o sino maior, acompanhado de um outro menor que, contudo, num primeiro momento não foi instalado. Pesando quase três toneladas ou mais exatamente 2.830 quilos, medindo 1,75 metros, com diâmetro em sua boca de 1,67[10], idealizado pelo engenheiro Alberto Samassa, tendo como

[9] Assim que ficou decidido que seria instalado apenas o grande sino, acompanhado de um outro menor, a comissão encarregada dos trabalhos escolheu o engenheiro Antônio Mendes para e o construtor José Marques para supervisionarem a ampliação da torre. Ambos, de comum acordo, convidaram para as funções de mestre de obras José Marte, "que nada cobrou pelos seus serviços".

[10] É considerado esse sino de quase 3 toneladas da Catedral de Sorocaba o terceiro maior existente no Brasil. O primeiro é aquele existente na Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção, do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, que só é acionado hoje em ocasiões muito especiais, a última vez por ocasião da visita do Papa Bento XVI em 2007, e o segundo o da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida, no Vale do Paraíba. À época de sua fundição, porém, o 'Nossa Senhora da Ponte', como aparece nominado em sua estrutura,

acorde a 'Salve Rainha', foi ele fundido na noite de 27 dezembro de 1945 pela extinta Indústria de Sinos Irmãos Samassa Ltda., sediada em Sorocaba, à rua Ataliba Borges, em Vila Hortência, e considerada à época uma das maiores e mais conhecidas entre as poucas existentes no Brasil.



Carrilhão não saiu, mas o sino de quase 3 toneladas foi levantado à torre semiconcluída em junho de 1947.

era considerado, então, o segundo maior do País. Pouco tempo antes, no final do ano de 1942, os Irmãos Samassa tinham também fundido quatro sinos destinados ao Santuário de Pirapora do Bom Jesus, por encomenda dos Padres Premonstratenses: um de 700 quilos cantando em Sol, o de 340 em Si, o de 200 quilos em Ré e o último cantando em Mi, para harmonizar-se com a Salve Rainha.

Seu levantamento à torre ainda não inteiramente concluída ocorreu a 22 de junho de 1947, às 14 horas, depois de ficar exposto à população durante uma semana defronte à igreja e ser sagrado solenemente por Dom José Carlos de Aguirre, envolvendo uma dificílima operação para a época, com a ajuda de técnicos da Estrada de Ferro Sorocabana e da empresa de eletricidade Light que, na ausência de guindastes que custariam fortuna para serem deslocados da Capital, improvisaram suas talhas que funcionavam com um sistema de roldanas e correntes e podiam suportar até 5 toneladas, mais que o suficiente para que, com o auxílio manual de cerca de dez homens, pudesse o grande e pesado sino, finalmente, ser içado às alturas, a 35 metros do nível do chão. Uma verdadeira 'operação de guerra', que levou praticamente um dia inteiro de intenso trabalho, com as lideranças civis e religiosas e não pequena multidão a tudo acompanhando, atentas e perplexas, de onde hoje se encontra o edifício do Círculo Italiano, "ao som de banda de música inclusive"[11].

O primeiro acionamento foi realizado exatamente às 12 horas do dia 29 seguinte, na Solenidade de São Pedro e São Paulo – o sino menor foi providenciado apenas em 1949 e instalado abaixo do maior, registrando-se ainda que, em maio de 1950, o grande sino apresentou rachaduras e precisou ser retirado para uma refundição (uma liga composta por bronze, cobre e ouro foi feita para fortalecê-lo e impedir o aparecimento de novos problemas).

[11] Registro interessante deste dia histórico também é que, iniciado finalmente o içamento do sino sob os aplausos da multidão, um imprevisto ocorreu quando ele já se encontrava na metade do caminho a ser vencido rumo ao alto da torre, devido a uma falha operacional que ocasionou o travamento da talha e que quase causou sua queda. Substituída a talha não sem enorme dificuldade dada à circunstância, pode finalmente, então, o sino ser instalado em sua gaiola, a mesma que o sustenta até hoje.

O grande relógio de quatro faces acima dos sinos que complementaria a nova elevada torre à direita da Sé ainda demoraria, contudo, vários anos para ocupar seu lugar de destaque no orifício para ele reservado e deixado em aberto, mesmo se já estava com seu mecanismo montado em um nível acima do sino maior, aguardando a chegada dos mostradores).



A Catedral nos primeiros anos da década de 1940, quando de audacioso plano para elevação da torre e colocação do sino. Outra luta foi pelo relógio e seus marcadores, só instalados em 1955.

Por outro lado, também a conclusão da torre em seus aspectos arquitetônicos, incluindo aqui os mostradores do relógio, se prolongaria por algum tempo ainda, em meio a algumas forçadas paralisações nas obras. Poucas informações de seu paroquiato a partir de 1950 deixou Monsenhor Francisco Antônio Cangro registradas no Livro do Tombo da Catedral, período em que já se apresentava com a saúde debilitada. No entanto, a imprensa citadina, mormente o jornal Cruzeiro do Sul, de 31 de maior de 1955, volta a noticiar periodicamente a evolução do imbróglio e logo no início de 1954, com os levantamentos apontando os altos custos para a aquisição do mecanismo, sabe-se que Dom Aguirre, ao lado de outros sacerdotes, autoridades e lideranças do laicato católico, vai bater em diversas portas públicas e privadas em busca de saídas para a aquisição do tão aguardado relógio para a Catedral. A 7 de março, contudo, em sessão solene da Câmara Municipal para outorga do título de 'Cidadão Sorocabano' ao Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, então arcebispo de São Paulo, o deputado estadual Salgado Filho, na presença do industrial José Ermírio de Morais e de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, prometeu a doação à Catedral de um relógio de quatro faces, inclusive protocolando na Assembleia Legislativa projeto de emenda ao orçamento do Governo de São Paulo destinando à Mitra Diocesana de Sorocaba a importância de Cr$ 320.000,00 para tal aquisição. Assim, depois de muito tempo e de um atraso significativo das obras, em 29 de maio de 1955 o relógio era oficialmente inaugurado com a bênção de Dom Aguirre, marcando também o término das reformas na torre[12]. Sessenta anos depois, em maio de 2015, já no paroquiato do padre Tadeu Rocha Moraes, a comunidade se uniu frente a impasse

[12] 'Sino da Catedral completa 60 anos', assinada pela jornalista Fernanda Ikedo (Cruzeiro do Sul, 24 de junho de 2007. p. D2/3).

criado pelo Ministério Público Estadual em torno da licitude ou não da Prefeitura arcar com sua manutenção, em vista da separação entre Igreja e Estado existente no Brasil, prática, aliás, que vinha de décadas na cidade. Mediante expressivas doações de benfeitores voluntários, inclusive com a efetiva participação do prefeito Antônio Carlos Pannunzio nos entendimentos, encarregou-se a empresa Whal, da vizinha cidade de Itu, especializada no conserto de grandes relógios e que participava também da licitação cancelada pela Municipalidade por recomendação do MP, de retirar o antigo e ultrapassado maquinário do relógio da Catedral, antes sempre atrasando e, então, parado de vez, providenciando seus técnicos a imediata substituição por um novo e moderno maquinário movido a quartzo. E o relógio da Catedral voltou a funcionar... e, inclusive, não necessita mais das frequentes manutenções até então exigidas sempre que seu maquinário antiquado apresentava falhas ou defeitos, mostrando hora atrasada ou adiantada; agora, basta a simples troca de uma pequena bateria, que os próprios funcionários da Sé providenciam.

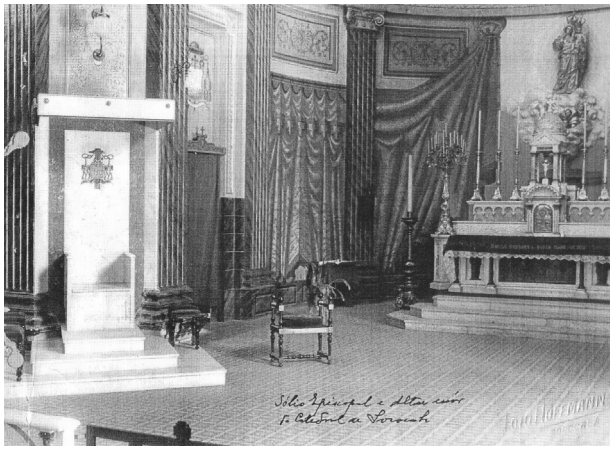
Prédio para a Ação Católica

A chegada de padre Chiquinho à Sé remete ainda à construção do antigo prédio da Ação Católica, com seu imponente auditório-teatro, em terreno ao lado da Catedral, na rua Cel. Benedito Pires. Desde sua posse como pároco, em 1933, padre Chiquinho já demonstrava como uma de suas prioridades a construção de um prédio em terreno ao lado da igreja que servisse às atividades pastorais e catequéticas da Paróquia. "Além de proporcionar melhor articulação à atividade catequética, a nova casa virá a concorrer para o embelezamento da praça, fazendo desaparecer o velho muro da antiga Matriz. No prédio projetado, serão sediadas

a Liga Eleitoral Católica, Liga Católica Jesus, Maria e José; Centro Operário Católico, Congregação Mariana 'N.S. da Ponte', etc.", mencionava a imprensa local naquele início de paroquiato do novo cura da Sé.

O lançamento da pedra fundamental ocorreu a 27 de outubro de l935, mesma data em que Dom José Carlos de Aguirre escolheu para comunicar a seus paroquianos e à população de Sorocaba que, a 25 de setembro, o Papa Pio XI elevara padre Francisco Antônio Cangro à dignidade de 'camareiro de honra'. Na mesma oportunidade, recebia o título de cônego o padre Luiz Castanho de Almeida (Aluísio de Almeida). Ao correr do tempo, "várias e valiosas ofertas já foram sendo feitas pelos sorocabanos", contudo o prédio só pode ir sendo erguido lentamente, mesmo se quando ainda em tijolos aparentes e semi-terminado já foi sendo ocupado, incluindo o auditório-teatro no piso superior do sobradinho que, com 400 poltronas, por várias décadas foi o único de que a cidade dispunha.

Decoração interna também oferece nobreza basilical à Sé



O trono episcopal da Catedral no final dos anos 40 e a Padroeira realçada em sua beleza iconográfica original.

São do mesmo período, entre 1948 e 1954, por outro lado, os murais parietais decorativos das capelas laterais executados pelo artista plástico Bruno de Giusti[13], então recém-chegado da Itália (1948), natural da região de Treviso, muitas delas sobre trabalhos de Ernesto Tomazzini, incluindo as telas dos quatro Evangelistas – São Mateus, São Marcos, São João e São Lucas – junto à cúpula do Presbitério, assim como 'Regina Mundi' e 'Christus Rex', sobre as portas da Sacristia e da Capela do Santíssimo, e 'Multiplicação dos pães' e 'Os Discípulos de Emaús' no interior desta (estes dois últimos datam de 1954), oferecendo também internamente um maior estilo de nobreza basilical a nossa Sé. Seus primeiros trabalhos ali, entre outubro de 1948 e julho de 1949, concentraram-se nas oito telas decorativas das capelas laterais, cada uma representando dois episódios relatando a vida do santo ali venerado. Ficaram prontas em exatos nove meses, com o término dessa etapa a 5 de julho, como registrou a imprensa na data.

[13] Bruno de Giusti, ainda garoto na Itália, já demonstrava o gosto pela pintura. Mais tarde, estudou na escola de Belas Artes de Veneza. Porém, com a eclosão da 2ª Guerra Mundial foi chamado a aliar-se às tropas de Mussolini como soldado, mas não perdeu a inspiração. Nesta época ainda, conseguiu realizar duas de suas telas mais significativas, como contava: uma Santa Rita de Cássia e uma família orando ao Sagrado Coração de Jesus. Terminada a guerra, fugindo da destruição que se abateu sobre a Itália, fugiu para o Brasil, vindo a fixar-se em Sorocaba ao tomar conhecimento de que o pároco da Catedral local, Monsenhor Francisco Antônio Cangro, procurava alguém com suas credenciais artísticas para decorá-la. Faleceu aos 91 anos de idade, em 29 de agosto de 2011, na cidade de Garça, interior de São Paulo, para onde se transferira anos antes, por ser terra natal de sua esposa em segundas núpcias. Deixou, porém, obras incontáveis espalhadas pelo Brasil afora depois de seu sucesso inicial com o trabalho junto à Catedral de Sorocaba, com destaque a igrejas da região, como as matrizes de Piedade, Tietê e Porto Feliz (aqui, na quase tricentenária Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, a história da cidade é, inclusive, contada em painéis confeccionados em azulejos portugueses), e de outros municípios do interior paulista, como Rio Claro e Bragança Paulista. A Basílica de Santa Terezinha, no Rio de Janeiro, tem também obras suas, assim como a moderna igreja de Nossa Senhora Aparecida, no bairro de Moema, em São Paulo, um dos últimos significativos trabalhos a levar a assinatura de Bruno de Giusti.

Igualmente assim, como vemos, materializa-se neste início dos anos 1950, com grande carinho de parte de padre Chiquinho, também antiga aspiração de Dom Aguirre, com a implantação da Capela do Santíssimo do lado direito do Presbitério, inclusive com artísticos sacrário, altar e baldaquino em mármore para acolher Jesus Eucarístico ('Ecce adsum' – ou 'Eis que estou aqui', 'Eis que estou presente' – lê-se à beira da pequena abside do baldaquino sobre o Sacrário) e ainda, também de Giusti, em seu teto, um tríptico (um conjunto de três telas unidas por uma única moldura, dando impressão de ser uma só obra, formando uma única imagem) reproduzindo, respectivamente, o 'Cordeiro Imolado', 'Ostensório, Hóstia Sagrada e Anjos' e 'O sacrifício de Abraão'). Os três vitrais decorativos dos vitros ao fundo da Capela, oferecidos pela Família Scarpa em homenagem ao seu patriarca, o comendador Francisco Scarpa, trazem as imagens dos três grandes santos expoentes da devoção eucarística: São Pedro Julião Eymard, Papa São Pio X e Santa Clara de Assis.

A 28 de agosto de 1951, chegam também da Europa novas imagens para os alterais laterais dedicados a Nossa Senhora das Graças, Sagrado Coração de Jesus, São Pedro e São Vicente de Paulo, agora decorados pelas pinturas de Bruno de Giusti. Vieram dos estúdios de Giac Vinc Masuer Scultore, da Província de Ortisel, Itália, esculpidas em madeira pelo artista Vicenzo Musner. Neste período também, já antecipando-se às renovações litúrgicas do Concílio Vaticano II, a igreja da Catedral, a partir de 20 de outubro de 1953, passa a contar com uma primeira missa vespertina, celebrada às 18 horas aos domingos e dias santos de guarda.



Monsenhor Antônio Simon Sola. Sucessor do padre Chiquinho, foi empossado em 19 de janeiro de 1958.

Com o agravamento do estado de saúde de Monsenhor Francisco Antônio Cangro, Dom José Carlos de Aguirre, no final de 1957, não hesita em chamar da cidade de Tietê, onde dirigia a Paróquia da Santíssima Trindade, Monsenhor Antônio Simon Sola[14].

[14] Monsenhor Antônio Simon Sola era espanhol de Chirivel, onde nasceu a 22 de julho de 1905. Adolescente, incentivado em sua vocação por um tio-padre, foi por este levado para Almeria, formando-se após 12 anos de estudos no Seminário de Santo Indalécio em Filosofia, História, Línguas e Teologia. Ordenado sacerdote a 2 de junho de 1928, na Catedral da Virgem del Mar, em Almeria, dois anos depois parte para o Brasil, com autorização e cartas recomendatícias de seu bispo, para reencontrar seus pais (Joana-Antônio Simon Sola Gonzales) e irmãos, que pouco antes haviam imigrado, fugindo de perseguições de comunistas, fixando residên-

Nomeado pároco da Catedral em 18 de dezembro daquele ano, no início de 1958 (sua posse canônica ocorreu ao entardecer do domingo 19 de janeiro – juntamente com a investidura de seu coadjutor, padre Jayme Rodrigues de Almeida Filho, nomeado dias antes por ato do então bispo-auxiliar da Diocese, Dom Almir Ferreira Marques) já inicia sua atuação pastoral em Sorocaba, paulatinamente estendida também, além da atuação na Sé de Nossa Senhora da Ponte, a outras missões importantes a ele logo confiadas pelo Bispo, como administrador da Mitra Diocesana, das Obra das Vocações Sacerdotais e do Mosteiro de Santa Clara, das Monjas Concepcionistas, do qual passou a ser o capelão. Destaque como uma das primeiras providências

cia no interior paulista, em Itaberá, hoje Diocese de Itapeva. No dia 31 de julho de 1931, Dom José Carlos de Aguirre o acolhe na Diocese de Sorocaba, nomeando-o inicialmente vigário da própria Paróquia de Itaberá, onde permanece por 3 anos, passando depois por Taquarituba, Itapetininga e Itapeva – que à época abrangia também capelanias de futuros municípios vizinhos, como Buri e Ribeirão Branco. Em 1945, o padre Sola é, então, transferido para a Paróquia da Santíssima Trindade, do município de Tiete e onde, em 31 de julho de 1951, é agraciado pelo Papa Pio XII com o título de 'Monsenhor Camareiro Secreto'. Deixou a Catedral a 9 de novembro de 1966, quando assumiu como cura Monsenhor Benjamin de Souza Gomes, porém continuou exercendo seu ministério sacerdotal e prestando valiosos serviços pastorais à Igreja Particular de Sorocaba até seu falecimento a 14 de maio de 1992, aos 87 anos de idade, sobretudo à frente da administração patrimonial e capelania das Monjas Concepcionistas do Mosteiro de Santa Clara, inclusive como artífice e grande responsável pela construção de seu novo prédio no Jardim Vera Cruz, nos últimos anos auxiliado por padre Lívio Calliari, e da Mitra Diocesana até o final dos anos 70, assim como da OPAI (Obra Para Assistência à Infância), que fundara ao chegar a Sorocaba ao lado de um grupo de senhoras católicas da sociedade local, voltada para a introdução de uma primeira e, na sequência, outras creches na cidade, a fim de possibilitar que mães de famílias carentes tivessem onde deixar seus filhos pequenos para saírem trabalhar para auxiliar no sustento familiar – até então, só existia em Sorocaba a creche da Casa das Mães e das Crianças, na praça 9 de Julho, também administrada por senhoras católicas e fundada em 1943, porém insuficiente já então para atender a crescente demanda da cidade. Foi também titular da Paróquia de São Luiz Gonzaga, de Vila Barão, e em seguida primeiro pároco da Paróquia de São Paulo Apóstolo, no bairro do Trujillo, no início dos anos 80, animando a comissão de obras de construção da moderna Igreja Matriz da rua Piracicaba. Foi sepultado no próprio cemitério privativo das Monjas Concepcionistas, junto ao Mosteiro do Jardim Vera Cruz.

de Monsenhor Sola à frente da Paróquia da Catedral, porém, foi a urgente reforma e modernização do forro da nave central da igreja, até então de madeira e substituído pelo atual teto de gesso, em trabalho executado por especialistas espanhóis e italianos, e reforço interno das paredes, motivado pela preocupação com os sinos, trabalhos 'inaugurados' a 4 de julho de 1959, aniversário de criação da Diocese, buscando-se, assim, sanar as imperfeições arquitetônicas deixadas pela reforma anterior que erguera a torre para receber sinos e relógio – embora desejasse, registre-se igualmente por fidelidade histórica, não conseguisse padre Chiquinho ir além da torre. Aliás, essa nova torre, atingindo 50 metros, embora construída com denodo, sem contar com outra do lado oposto, como destacava a imprensa na época, "destruíra a unidade estética da arquitetura: o corpo da Catedral desaparecia diante da altura da torre erguida ao lado". Foram necessários, então, novos estudos de engenharia e arquitetura para restaurar a unidade estética do templo. A alternativa foi a construção de uma segunda torre mais baixa à esquerda, suavizando a desproporção em relação à torre mais alta, amenizando a dissimetria deixada por ângulo maior, suscitando estilo basilical de igrejas romanas, lembrando os grandes templos da Antiguidade. A fachada da Catedral também ganhava aqui o formato atual, com os nichos com as imagens dos quatro Evangelistas, além do brasão episcopal de Dom Aguirre (hoje substituído pelo da Arquidiocese) e a inscrição 'DOM' ('Deo Optimo Maximo' ou 'Ao Deus Supremo').

Essa nova fachada da Catedral foi inaugurada na Festa de Nossa Senhora da Ponte de 1961, a 15 de agosto. Quanto ainda à torre maior da Sé, com seus sinos e, agora, também o relógio, novos problemas foram perseguindo-a por anos. A movimentação do grande sino, por exemplo, fez logo com que a estrutura da igreja

começasse a ser abalada e o relógio também a apresentar problemas e a se quebrar constantemente. Assim, apesar de todo o esforço para sua concretização, os sinos ficaram sem tocar durante anos a fio, até que Monsenhor Sola convidou, em abril de 1959, técnicos do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), organismo ligado ao Governo do Estado, a realizar estudos aprofundados sobre o problema da torre principal da Catedral e se o sino de quase três toneladas poderia ou não ser utilizado. No Livro do Tombo, ainda em abril de 1958, o pároco deixou consignado, textualmente, que "já fizeram duas visitas o diretor e dois engenheiros do I.P.T., com o Dr. José R. Ribeiro, encarregado de dirigir as reformas da Catedral. Já adiantaram que, como está atualmente a torre, o sino não poderá ser usado. O erro técnico foi se construir a torre de concreto em cima da torre velha de pedra e barro, sem amarração alguma e sem colunas de concreto que a apoiem".

Pela cidade, nessa época, passagem entre as décadas de 1950 e 1960, aliás, um mito também se espalhara, de boca em boca, de que quando o sino tocava ou tocasse a torre balançava ou balançaria. Isso, é claro, atestam também testemunhos da época, nunca ocorreu, mas, de fato, uma parede quase caiu – aquela que fica ao fundo do local onde se instalou o coro da igreja, nas galerias superiores, principalmente acima da porta de entrada principal.



Monsenhor Antônio Maria Mucciolo. Bispo de Barretos e arcebispo de Botucatu, esteve à frente da Catedral de 1967 a 3 de julho de 1977.

Na década de 1970, já no paroquiato de Monsenhor Antônio Maria Mucciolo[15], decidiu-se realizar nova tentativa para o funcionamento pleno dos sinos e novo laudo sobre a torre foi solicitado ao engenheiro Alberto Cruz. A 9 de abril de 1975, para um novo prognóstico,

[15] Natural de Castel San Lorenzo, na Província de Salerno, na Itália, onde nasceu a 1º de maio de 1923, Monsenhor Antônio Maria Mucciolo não tinha completado 3 anos de idade quando sua família se transfere para o Brasil, fixando residência inicialmente em São Paulo e, logo depois, em Sorocaba, onde em 1931 ele já cursava o primário no Grupo Escolar "Visconde de Porto Seguro". Viu o desabrochar de sua vocação servindo como `coroinha´ de Monsenhor Antônio Francisco Cangro e de cônego André Pieroni na Catedral. Em 1937, foi enviado a Botucatu com outros seminaristas locais, retornando a Sorocaba em 1940, com a abertura do Seminário "São Carlos Borromeu". Em 1943, passa ao Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo, onde cursaria Filosofia e Teologia. Foi o primeiro sacerdote ordenado por Dom José Carlos de Aguirre na nova capela (hoje Igreja Matriz) do Seminário "São Carlos Borromeu", a 4 de novembro de 1949. Professor e reitor do Seminário por muitos anos, a 19 de março de 1967 foi designado pároco da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, cargo que exerceu ao lado de muitos outros encargos dentro da Diocese e também em organismos ligados ao Regional Sul-1 da CNBB e à própria

os sinos foram, então, acionados, porém manualmente. Outro teste ocorreria no dia 16 seguinte, quando o sino maior funcionou por aproximadamente 15 minutos, verificando-se, contudo, que a estrutura de madeira que suportava os sinos não estava adequada à laje que sustentava. Foram recomendadas algumas modificações e ajustes, como a imediata fixação do sino maior ao seu eixo, e que o acesso ao campanário também deveria ser reforçado. Apesar do estudo completo apresentado pelo arquiteto Ubertello Bulgarini, os sinos novamente caíram no esquecimento.... Somente em 1982, já no iniciante paroquiato de Monsenhor Mauro Vallini, os sinos voltariam a ser acionados diariamente, a princípio às 6, 12 e 18 horas, primeiramente "por meio de cordas instaladas com carretilhas" – apenas o sino pequeno era acionado então através do carrilhão, porque o maior não poderia badalar. Ou seja, fazia-se o sino soar sem o balanço. Porém, a partir de 1984, o aperto de um simples botão na sacristia, em novas inovações encetadas pela equipe liderada por Monsenhor Mauro, fazia com que os sinos pudessem tocar a qualquer momento, acionados por meios eletrônicos presentes em um painel. O sistema foi instalado pela empresa A.A. Eletronic Ltda., de Campo Grande (MS). Esse dispositivo apresentou logo excelentes resultados e permite, até hoje, que funcionem automaticamente, apesar de muitos ainda acreditarem que eles badalem, o que desde 1947 poucos tiveram o privilégio de acompanhar, especialmente em 8 de janeiro de 1973, quando o grande sino soou demoradamente anunciado a morte do venerando Dom José Carlos de Aguirre.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil até sua designação como bispo de Barretos pelo Papa São Paulo VI em maio de 1977. Na própria Catedral de Sorocaba foi sagrado Bispo na Festa de Nossa Senhora da Ponte, a 15 de agosto de 1977, sendo sagrante principal o núncio apostólico Dom Cármine Rocco. Bispo de Barretos de 3 de setembro de 1977 a 28 de junho de 1989 e arcebispo de Botucatu a partir de 9 de setembro de 1989 até atingir a idade-limite de 75 anos, ficando no cargo a pedido da Santa Sé até 7 de junho de 2000, notabilizou-se nacionalmente como fundador da Rede Vida de Televisão. Faleceu aos 89 anos, a 29 de setembro de 2012, sendo sepultado na cripta da Catedral de Sant´Ana (Botucatu).

A Sé em tempos de revitalização

Os anos 80 marcaram dentro da história da Arquidiocese e de sua Catedral a ascensão do cônego Mauro Vallini (logo Monsenhor, com sua escolha também para desempenhar as funções de vigário-geral) como cura da Sé de Nossa Senhora da Ponte em abril de 1982, já no episcopado do terceiro bispo titular, Dom José Lambert, com Monsenhor José Carlos Castanho de Almeida[16] alçado ao Episcopado pelo Papa São João Paulo II, inicialmente como bispo-auxiliar de Santos – aliás, os três sucessores imediatos de Monsenhor Antônio Simon Sola na Catedral de Sorocaba foram chamados ao Episcopado: além de Dom José Carlos Castanho de Almeida, Monsenhor Benjamin de Souza Gomes - que ali ficara, contudo, poucos meses, chamado de Itapeva para onde fora

[16] Dom José Carlos Castanho de Almeida, natural de Guareí, hoje Diocese de Itapetininga, nascera a 14 de junho de 1930 e era sobrinho de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, o insigne historiador e folclorista Aluísio de Almeida. Aluno do Seminário Diocesano Menor "São Carlos Borromeu", estudou Filosofia no Seminário Central do Ipiranga e na Universidade Mogi das Cruzes e Teologia na Faculdade Nossa Senhora Assunção, em São Paulo, além de depois de anos de sacerdócio formar-se bacharel pela Faculdade de Direito de Sorocaba. Recebeu sua ordenação presbiteral na manhã de 8 de dezembro de 1953, Solenidade da Imaculada Conceição, das mãos de Dom José Carlos de Aguirre, na igreja da Catedral, de onde depois seria pároco entre junho de 1977 e março de 1982, quando foi eleito ao Episcopado por São Papa João Paulo II. Secretário particular de Dom Aguirre e chanceler do Bispado por anos a fio, ao lado de outras funções pastorais e ministeriais, foi também vigário coadjutor em Itapeva e titular das paróquias de São Francisco de Assis, de Vila Assis, e de São Carlos Borromeu, ambas em Sorocaba, além de professor e diretor espiritual do Seminário Menor "São Carlos Borromeu", juiz do Tribunal Eclesiástico de São Paulo e vigário-geral da Diocese no período que esteve à frente da Catedral. Sagrado em 2 de maio de 1982, pelo então cardeal-arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, foi primeiramente bispo auxiliar de Santos, onde ficou até 9 de setembro de 1987, residindo em Caraguatatuba, como vigário episcopal do Litoral Norte (Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba), preparando o território para a constituição da futura Diocese. Em 25 de outubro de 1987, tomou posse como bispo da Diocese de Itumbiara, interior de Goiás, e esteve à frente da Diocese de Araçatuba de 1994 a 2003, como seu primeiro bispo. Faleceu em Sorocaba, onde como bispo emérito residia, a 27 de fevereiro de 2022 e foi sepultada na cripta da Catedral de Nossa Senhora Aparecida, em Araçatuba.

para preparar as bases do futuro Bispado em 9 de novembro de 1966, para tornar-se vigário-geral e substituir padre Sola na Sé, até 9 de julho de 1967, quando o Papa São Paulo VI o designou bispo de Paranavaí (PR) - e Monsenhor Antônio Maria Mucciolo na sequência, elevado ao Episcopado como titular da Diocese de Barretos a 26 de maio de 1977.

Monsenhor Mauro Vallini[17] já era, assim, pároco da Catedral quando das comemorações do bicentenário de sagração da nova Matriz, ocorrida a 11 de fevereiro de 1783. E uma de suas preocupações

[17] Portofelicense nascido a 20 de maio de 1926, Monsenhor Mauro Vallini foi ordenado sacerdote no Ano Santo de 1950, no dia 3 de dezembro, na igreja matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de sua terra natal, por Dom Aguirre, que ali mesmo o havia crismado em 1929. Egresso do Seminário Menor de Botucatu, que frequentou em 1938 e 1939, estava na primeira turma que em 1940 abriu o Seminário 'São Carlos Borromeu' em Sorocaba, cursando depois a Filosofia e a Teologia no Seminário Central do Ipiranga, em São Paulo. Os anos iniciais de seu ministério dedicou à formação dentro do Seminário 'São Carlos Borromeu', inclusive como reitor, paralelamente a outros empenhos dentro da Igreja Particular de Sorocaba, como à frente da Federação Diocesana das Congregações Marianas e da Federação Diocesana das Famílias Católicas. Exerceu a capelania de muitas comunidades espalhadas pela periferia de Sorocaba, como a de Nossa Senhora Aparecida, em Vila Angélica, até a criação da Paróquia em 1962. Cônego do Cabido Diocesano desde 1954, foi ao lado de Dom José Melhado Campos um dos principais responsáveis pela introdução do Movimento de Cursilhos de Cristandade em Sorocaba e, entre 4 de fevereiro de 1968 e final de março de 1982, esteve à frente da Paróquia de São José do Cerrado, tomando posse a 3 de abril seguinte com pároco da Catedral e, dias depois, como vigário-geral da então Diocese, por escolha de Dom José Lambert e do Conselho de Presbíteros, recebendo concomitantemente o título de Monsenhor. Graduado em Psicologia durante o período de paroquiato em São José do Cerrado, pela Universidade do Sagrado Coração de Jesus, de Bauru, trabalhou também durante anos com a Pastoral Carcerária e era fanático torcedor do Esporte Clube São Bento, não perdendo seus jogos na cidade, no velho 'Humberto Reale', da rua Cel. Nogueira Padilha, e depois no Estádio Municipal, no bairro de Santa Rosália, inclusive atuando como orientador espiritual de jogadores e diretores. Vítima de um AVCH (Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico) enquanto almoçava na Casa Paroquial em pleno Domingo de Páscoa, em companhia do amigo cônego Francisco Lyrio de Almeida, veio a falecer a 20 de abril de 1998, depois de nove dias de longa agonia na UTI – Unidade de Terapia Intensiva – da Santa Casa de Misericórdia. Velado na igreja da Catedral, a última missa de corpo presente na manhã do feriado de 21 de abril precisou ser campal na praça Cel. Fernando Prestes,

iniciais foi a revitalização do templo como significativo patrimônio histórico-arquitetônico da cidade. Aliás, seu antecessor (padre Castanhinho) já deixara delineadas obras emergenciais que precisavam ser executadas para preservá-lo, incluindo o telhado, em petição de miséria e com goteiras por todos os lados, como lamentava-se padre Mauro logo ao chegar à Sé, e pintura externa, desgastada pelo tempo, assim como algumas mudanças litúrgicas, adaptando-o às orientações emanadas do Concílio Vaticano II que, porém, sua nomeação episcopal não permitira a execução. A não ser a retirada para restauração da imagem de Cristo Crucificado, trazida a Sorocaba por volta de 1788 e anos antes deslocada para o Presbitério. Os fios de aço que a fixavam ameaçavam romper-se e tanto a Cruz, como a imagem do Crucificado estavam impregnados de cupins. Mas atento "às sucessivas alterações realizadas ao longo deste século (XX), algumas inclusive sem muitos critérios litúrgicos e estéticos", garantia que, restaurada, não voltaria para acima do altar-mor e seria recolocada em seu local de origem, à entrada lateral pela rua Carlos Gomes, onde estava a pintura parental reproduzindo o Calvário, trabalho realizado em 1928 pelo artista carioca Augusto de Freitas. "O Senhor do Bonfim não voltará mais para o alto da nave central. Tenho impressão de que a fase do cursilhismo dos anos 70, suscitada por visão muito rígida dos Cursilhos, já passou e, agora, o Crucifixo vai voltar para o local de origem, ficando, inclusive, mais próximo do povo para veneração e também para apreciação como obra de arte de dois séculos. Além do mais, o Crucificado onde estava tirava toda a beleza estética de nossa Catedral, concebida dentro do mais puro estilo romano, obstruindo a visão total do conjunto do presbitério e principalmente

de altar montado nas escadarias da igreja, em vista da pequena multidão que acorreu às despedidas de padre Mauro, sepultado em seguida no Jardim-Cemitério Pax. "Padre Mauro deixa uma lembrança alegre, de paz no coração e, se neste momento a gente chora a sua partida, estamos ganhando um santo. Ele sempre foi um mariano contagiante, grande comunicador", resumiu na ocasião padre Ricardo Dias Neto.

da imagem da Padroeira, que de alguns ângulos ficava completamente encoberta pela Cruz", afirmava Monsenhor Castanho na ocasião, ao anunciar à imprensa as mudanças propostas. Também fora mandada restaurar a imagem de Nosso Senhor dos Passos, então recolhida às galerias, ao acervo do Museu de Arte Sacra, e devolvida ao culto.



Monsenhor José Carlos Castanho de Almeida. Foi o pároco entre 1977 e 1982, quando eleito Bispo.

Monsenhor Mauro igualmente buscou, com seu Conselho Pastoral e Administrativo, resgatar pauta presente desde alguns anos, não acolhida pelos ex-prefeitos José Theodoro Mendes e Cláudio Grosso, com outras prioridades emergentes, diante de significativo abaixo-assinado dos sorocabanos – condicionavam que proprietários lindeiros

(no caso a Igreja, o Recreativo e demais detentores de imóveis ali localizados) assumissem os gastos –, no sentido de transformar a rua Carlos Gomes em boulevard, diante de plausíveis justificativas, como favorecer o convívio social e, sobretudo, contribuir para com a preservação das centenárias paredes de taipa da Catedral, ameaçadas pela trepidação de veículos e umidade excessiva, comprometendo sua estrutura e as significativas pinturas parentais executadas por Bruno de Giusti.

Diálogos reabertos com o Governo Municipal, agora sob gestão do prefeito Flávio Nélson da Costa Chaves, chegaram logo a bom termo, não só com a implantação do calçadão na Carlos Gomes, como também com a liberação do lado direito da Sé, igualmente comprometido por infiltrações a ameaçar suas paredes e telas parentais. Para isto, a Prefeitura, num arrojado projeto de revitalização não só do entorno da Catedral, mas de todo o centro histórico de Sorocaba, incluindo a praça Cel. Fernando Prestes, propôs-se a desapropriar o antigo prédio da Ação Católica, na rua Coronel Benedito Pires, demolindo-o, junto com outros imóveis da rua Padre Luiz, pertencentes à Arquidiocese, dentre eles a residência paroquial e a casa onde morava o diácono Ângelo Carniel e sua família (antiga sede da Guarda Civil, esquina com a rua Carlos Gomes, que entrara para o patrimônio da Igreja em 1969, numa permuta com o Município, com a Mitra cedendo área remanescente aos fundos do antigo Palácio Episcopal da rua XV, para possibilitar a ampliação do então Paço Municipal da rua Brigadeiro Tobias, hoje Fundec), em troca de outros imóveis circundantes, igualmente desapropriados pela Municipalidade e entregues à Igreja - isto já nos primeiros meses de 1983, possibilitando a que a Paróquia-Mãe pudesse assegurar a preservação da Catedral, isolando-a majestosamente no coração da cidade. O casarão colonial de número 78 da rua Padre Luiz, desapropriado de particulares para permuta com a Arquidiocese, foi também logo restaurado em suas características originais e transformado em sede da Ação Católica.



Monsenhor Mauro Vallini. Trazendo novo estilo pastoral, esteve à frente da Sé entre 1982 e 1998.

A 20 de maio de 1983, por outro lado, no primeiro natalício que padre Mauro celebrava com a Comunidade da Catedral, era ainda inaugurada como nova secretaria a Casa 'Nossa Senhora da Ponte', junto ao boulevard Carlos Gomes, em sobradinho resultante também de permuta. Na mesma noite, durante missa de ação de graças, retornavam à igreja, restauradas, as imagens do Senhor dos Passos, Cristo Crucificado (recolocado junto de tela retratando o Calvário então existente no final do corredor lateral esquerdo da igreja, com a Prefeitura inclusive colaborando com a construção ali de uma espécie de calvário em pedra, e ainda com a imagem recebendo de volta seu belo resplandecedor, peça em couro prateado que já estava integrando o acervo do Museu Histórico Sorocabano) e do Senhor Morto, do ciclo histórico

das Semanas Santas do passado, assim como a de São Pedro. Aliás, bem mais à frente, esta secular imagem do Senhor Morto, de madeira policromada e que seguramente há, pelo menos, quase 250 anos saí às ruas centrais de Sorocaba na noite da Sexta-Feira Santa, na única procissão do ciclo histórico da Paixão que foi mantida por aqui depois das reformas litúrgicas conciliares, seria novamente restaurada em 2012 – datada do século XVIII e esculpida em madeira por autor desconhecido, tem como característica que a torna ainda mais importante e preciosa, como raro exemplar da arte sacra barroca, o fato de ser articulada, isto é, embora seja do Senhor Morto também pode ir para a Cruz, como uma iconografia de Jesus Crucificado; mede 1,79 metros e segundo padre Tadeu Rocha Moraes, pároco atual da Catedral, o novo restauro na década passada, incluindo o esquife e realizado na Capital pelo restaurador Júlio Moraes, da Júlio Moraes Conservação & Restauro, mesmo se não havia nela peças faltantes ou quebras relevantes, tornou-se imprescindível diante da fácil observação de que se encontrava total e grosseiramente repintada, com diversas camadas aplicadas diretamente sobre os danos anteriores, provocando inúmeras cicatrizes na peça -. Os quadros da Via-Sacra igualmente foram recolocados nesta oportunidade, repintados pelas hábeis mãos de Bruno de Giusti.

Restaurou também neste período Monsenhor Mauro Vallini tradicionais eventos litúrgicos da Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, como a Festa do Divino, inclusive com o resgate de seus símbolos e personagens históricos, como Imperador, Aio da Coroa e Mordomos, e montagem do 'Império', ao lado da igreja, para a bênção e distribuição das 'roscas do Divino' no Domingo de Pentecostes.

Revitalização realçando beleza arquitetônica e artística



Padre Tadeu Rocha Morares apresenta, na Missa do Crisma de 2007, a nova configuração do Presbitério da Catedral, com o Cristo Pantocrator encimando sua cúpula.

A 29 de maio de 1998, era padre Tadeu Rocha Moraes[18] empossado como novo cura da Catedral, diante da morte repentina de Monsenhor Mauro Vallini. E logo, ao lado das prioridades pastorais,

[18] Padre Tadeu Rocha Moraes nasceu em Sorocaba a 11 de outubro de 1953, recebendo o Batismo das mãos de Monsenhor Francisco Antônio Cangro, o 'padre Chiquinho', na igreja da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, no dia 31 seguinte, mesma data em que 25 anos depois, em 1978, seria ordenado presbítero da Igreja pelo então bispo diocesano de Sorocaba, Dom José Melhado Campos, na Matriz de São João Batista e da Imaculada Conceição, em Votorantim, também sua primeira paróquia e onde deixou marcas indeléveis na formação de inúmeras comunidades, em meio à expansão urbana vertiginosa experimentada pelo Município no final dos anos 70 e durante toda a década de 1980, incluindo a construção de muitas capelas, algumas delas hoje Matriz de dinâmicas paróquias. Após os estudos básicos em Sorocaba, foi enviado a São Paulo pela Diocese para realizar sua formação filosófica e teológica, a primeira nas Faculdades Associadas do Ipiranga e a seguinte na Pontifícia Faculdade de Teologia 'Nossa Senhora da Assunção'. É ainda graduado pela Faculdade de Direito de Sorocaba e antes de ser conduzido por Dom José Lambert ao curato da Catedral Metropolitana, após o prematuro passamento de Monsenhor Mauro Vallini, desde meados de 1989, com a saída dos Padres Franciscanos, esteve à frente da Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, onde conduziu a construção da nova moderna Igreja Matriz do bairro. Paralelamente, respondia pela capelania do bairro de Aparecidinha, ali restaurando e devolvendo as características arquitetônicas originais

estabeleceu como meta novo trabalho de revitalização tanto interna, como externa da Sé. "Procuraremos valorizá-la como um todo. Valorizar, sobretudo, o teológico, o litúrgico e o artístico presentes no interior de nossa Catedral Metropolitana", resumia a cada passo padre Tadeu, que foi buscar assessoramento na Irmã Alaíde Sonda, arquiteta da Congregação das Discípulas do Divino Mestre, cujo carisma é justamente a valorização da arte sacra e litúrgica, à luz sobretudo dos documentos e ditames conciliares emanados do Vaticano II.

Uma das primeiras providências foi realizar minucioso trabalho de impermeabilização das paredes externas da igreja, sempre atacadas por fulcros de umidade e infiltrações, visto que, além da segurança patrimonial, comprometiam a cada pouco as pinturas parentais de De Giusti, isto entre julho de 2000 e setembro de 2001. Um moderno sistema de iluminação cênica, ressaltando as características arquitetônicas da Sé, foi ainda implantado tanto interna, como externamente, aqui após nova pintura de há muito reclamada, e concomitantemente a novas obras de reurbanização realizadas pela Prefeitura na própria praça Cel. Fernando Prestes e seus entornos, incluindo o fechamento com gradil dos jardins do entorno da igreja, mediante a assinatura de termo autorizativo entre a Igreja e a Municipalidade. Igualmente padre Tadeu, antes de proceder ao restauro da imagem da Padroeira, para devolver-lhe a originalidade de quando foi trazida de Portugal e descaracterizada ao longo do tempo por sucessivas repinturas, tratou de proceder a retirada do trono de mármore implantado décadas antes, no final dos anos 50, e que retirava toda beleza artística e estética tanto da peça, como do próprio presbitério.

à histórica Capela de Nossa Senhora Aparecida, transformada depois em Santuário Arquidiocesano e do qual foi o primeiro reitor. Atuou ainda por anos padre Tadeu como administrador da Mitra e secretário-geral da Fundação Dom Aguirre, mantenedora da Uniso (Universidade de Sorocaba) e do Colégio Dom Aguirre, além de dar importante contributo no secretariado do Regional Sul 1/ Estado de São Paulo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Ao lado de outras etapas, terminado o restauro externo, num momento seguinte o presbitério foi restaurado e adaptado às recomendações litúrgicas conciliares, com a valorização do Altar-Mor como centro de onde irmana o Cristo Eucarístico; do Ambão, de onde cotidianamente é proclamada a Palavra de Deus, e da Catedra, de onde o Pastor, o Arcebispo, exerce seu múnus apostólico de ensinar as verdades de fé em comunhão plena com o Sumo Pontífice. Confeccionados em pedra de granito por um artesão de Salto, foram instalados, então, novo altar-mor, em forma de um cálice e pesando aproximadamente três toneladas – substituindo ao de madeira improvisado ainda nos anos 1960, logo após as reformas litúrgico-conciliares do Vaticano II, estabelecendo, inclusive, que o presidente da Celebração Eucarística passaria a se postar de frente para o povo, deixando inativo como até hoje, então, o altar-mor de mármore carrara implantado no início dos anos 1930, quando os sacerdotes celebravam de frente para o sacrário, de costas para o povo, a assembleia, e rezavam em latim -; ambão e a cátedra episcopal, esta igualmente esculpida em pedra e tendo em seu encosto as imagens dos Apóstolos Pedro e Paulo, retiradas de antigo ornamento do Presbitério da Catedral, valorizando-se ainda outras peças históricas da própria Sé que se encontravam igualmente em desuso, depois de retiradas em reformas anteriores, como as portinholas da antiga Mesa Eucarística, que desaparecera na década de 60. Com o presbitério, tanto a Capela do Santíssimo, como a sacristia também foram restaurados, recebendo piso em granito, em substituição ao antigo de cerâmica. Toda a nave da igreja igualmente recebeu piso novo, incluindo os corredores laterais, onde obras complementares contra infiltrações foram ainda realizadas, com aplicações em mármore nas paredes das capelas, até a altura das pinturas parentais. Aconteceram, por outro lado,

intervenções no Batistério, à esquerda, à entrada da igreja, ao lado da capela mortuária dos bispos. Foi ele redimensionado e, ampliado, recebeu de volta a pia batismal, que numa das reformas anteriores havia sido deslocada no pós-Concílio para junto do Presbitério, e também significativa decoração, uma silhueta em mármore lembrando a figura de São João Batista, isto já em 2006. Já a imagem do Cristo Crucificado, retirada nos anos 80 do centro do presbitério, foi reposicionada em capela ao lado oposto, com a retirada do Senhor dos Passos, num redimensionamento estratégico de espaços. Os degraus dos altares laterais também foram retirados, aumentando-se igualmente os espaços físicos, e os nichos rebaixados, recebendo acabamento em mármore e granito.

Dom José Lambert presidiu solene pontifical na noite de 20 de dezembro de 2002 para a dedicação do novo altar-mor da Sé, nele depositando as relíquias, junto com a bênção da cátedra e ambão. Porém, muitos outros trabalhos de revitalização e restauração interna da Sé Metropolitana foram sendo executados na sequência dos anos, no afã de devolver à igreja-mãe da Arquidiocese toda a sua beleza arquitetônica e artística, sem se desvirtuar de seu aspecto principal, a magnitude e decoro para as funções litúrgicas à luz dos ditames de uma Igreja renovada pelo Vaticano II, perseguidos desde o início de seu paroquiato por padre Tadeu. Entre setembro e dezembro de 2004, por exemplo, esses trabalhos estavam centrados em oferecer uma nova roupagem, agora, à nave central da Catedral, priorizando, aliás, pintura em cores mais leves – "Nossa Catedral tornou-se muito escura e pesada com as reformas e inovações nela introduzidas ao longo das décadas. Assim, para deixá-la mais leve e serena, a nova pintura da nave central vem priorizando justamente cores leves e tonalidades diferentes da mesma cor, no caso manteiga, em três

diferenciais (mais escura, branca e dourada)", explicava ainda padre Tadeu. Além do mais, as galerias superiores também receberam nova pintura, acompanhando a tonalidade da nave central.

Entre novembro de 2005 e meados de 2006, por outro lado, os trabalhos concentraram-se na restauração e conservação das obras artísticas parentais de Bruno de Giusti, executadas '*in loco*' sobre as camadas de reboco (cimento) por especialistas, sob a orientação e coordenação do restaurador Sílvio Luiz Rocha Viana de Oliveira, da cidade de Ouro Preto (MG), formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e com trabalhos expressivos pelo País afora, como o restauro da Casa dos Contos e do altar-mor da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, obra magistral de Aleijadinho, e a igreja dos Mercadores, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Um trabalho, como esclarecera o próprio Sílvio Luiz, minucioso e detalhista, "concluído com a reintegração da pintura seguindo suas características e cores originais, com retoques nas áreas de perdas de conformidade com os referenciais do próprio autor". Fora ele também que restaurara, pouco antes, a imagem de Nossa Senhora da Ponte, devolvendo-lhe as características originais do século XVIII, inclusive quanto às cores. Sua reentronização solene ocorreu a 15 de agosto de 2004.

Na etapa seguinte, o mesmo grupo de restauradores mineiros se incumbiu de dificílimo trabalho de restauro das obras artísticas pictóricas que ornamentam o Presbitério da Catedral, circundando sua bela cúpula, incluindo as telas dos Quatro Evangelistas, obras também de Giusti, só possível, aliás, graças à utilização de plataformas eletrônicas elevatórias. A cortina verde escura que ladeava o Presbitério logo ainda desapareceria, dando lugar à tonalidade mais clara, igualmente na cor manteiga, acompanhando a nave central.

E, como que coroando todo o trabalho de redimensionamento artístico, surgia junto à cúpula, em sua abside, o Cristo Pantocrator, Ressuscitado e Glorioso, este trabalho do artista plástico Sérgio Prata, do Atelier d'Art Prata, de São Paulo, especializado em Arte Sacra. Ladeado por anjos músicos, o trabalho pictórico de Prata reproduzindo o Cristo Pantocrator substituía antiga pintura de 1930 de Ernesto Tomazzini sob a abside da Catedral, estampando de forma simplista a figura de Maria Santíssima flutuando sobre uma ponte, em alusão a Nossa Senhora da Ponte, a Padroeira. Porém, por motivos éticos, Prata, mesmo tendo aprovação da Arquidiocese e do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico de Sorocaba para sua obra, insistiu e conseguiu fazer com que o seu Cristo Pantocrator surgisse dentro da chamada 'marouflagem', ou seja, uma técnica que permite a preservação por debaixo dela da pintura anterior e sua futura restauração.

Foi na Missa do Crisma de 2007 que os padres de toda a Arquidiocese já puderam renovar solenemente seus compromissos sacerdotais sob o encantamento da nova abside da Sé reproduzindo o Cristo Pantocrator. Também nesta Semana Santa de 2007, a Catedral recebia de volta, completamente restaurada, sua histórica imagem de Nossa Senhora das Dores, a 'Senhora baiana', como a ela se referia carinhosamente Monsenhor Luiz Castanho de Almeida (Aluísio de Almeida) - imagem de roca, ou seja, de vestir, formada apenas de cabeça, mãos e pés, com estrutura entrelaçada por madeiras, trazida de Salvador ainda no século XVIII, daí seus traços característicos -, que também passara por meticuloso processo de restauro em São Paulo, no Ateliê Arte e Restauração, dos técnicos Hernando Freire e Rejane Ferretti.

Datam ainda deste período três novas imagens encomendadas pela Paróquia da Catedral junto ao escultor catarinense Werner Tharler, da cidade de Treze Tilias, o mesmo que esculpira as imagens e a Via-Sacra, anos antes, para a moderna Matriz de Santa Rita de Cássia, em Vila Santana. Tratava-se de imagens de São Benedito e de São Tarcísio, que padre Tadeu optou por substituir, visto que as então existentes eram de gesso, sem qualquer valor artístico ou histórico, destoando das demais, como a de São José, datada do século XVIII e de madeira, São Pedro e São Vicente de Paulo. Werner também providenciou imagem de Santo Antônio Santana Galvão, o Frei Galvão, considerado o primeiro brasileiro a chegar às honras dos altares e canonizado pelo Papa Bento XVI a 11 de maio de 2007, em São Paulo, para ocupar junto à preciosa relíquia novo nicho lateral introduzido na Catedral, lembrando sua passagem por Sorocaba em 1811 para consolidar a fundação do Mosteiro da Imaculada Conceição e de Santa Clara, atuando ele mesmo em primeira pessoa como artífice e pedreiro na acepção da palavra, daí ser também considerado 'patrono dos pedreiros e arquitetos'.

Outro significativo aspecto a ressaltar de todo esse trabalho de revitalização e ressignificação da Catedral Metropolitana, conduzido em seu curato pelo padre Tadeu e que quase trinta anos depois ainda prossegue, foi a restauração de seu valioso órgão de tubos construído aqui mesmo em Sorocaba há cem anos e ali instalado em 1925, com as bênçãos de Dom Aguirre meses depois da transformação da Matriz em Sé Diocesana. Registre-se, aliás, que foi nesse período, incentivado pela chegada das primeiras colônias alemãs e italianas, que houve no Brasil – e também em Sorocaba - o ressurgimento da prática de construção de órgãos de tubos – alguns organeiros vieram da Europa como simples imigrantes, outros a chamado das próprias igrejas e aqui acabaram por se instalar, numa prática, aliás, bastante

estimulada até, pelo menos, a década de 60 do século passado, quando a concorrência dos 'importados' tornou-se maior e sufocou aquela. Para a restauração, em abril de 2008, padre Tadeu providenciou a transferência do instrumento que estava há mais de vinte anos sem funcionar e recolhido ao acervo do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, instalado nas galerias superiores da Catedral, para uma fábrica de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Ali aconteceu todo o processo de reconstrução, a cargo do organeiro Fabiano Dias Freitas, na época com menos de 30 anos de idade e que antes, inclusive, veio a Sorocaba para avaliar e fazer um primeiro levantamento do estado em que se encontrava o órgão. Ele trabalha nesse ofício desde os 14 anos e garantiu a reconstrução do instrumento, mesmo constatando que seu madeiramento estava todo se desmanchando. Em Santa Maria, foi todo desmontado e refeito, pois não havia condição de se reaproveitar grande parte do material original. O trabalho demorou cerca de três meses e, retornando a Sorocaba, foi afinado e acionado em celebrações especiais, recolocado junto ao coro da igreja nas tribunas superiores. Em Sorocaba, acrescente-se neste particular, existem três órgãos de tubos instalados em igrejas católicas: este da Catedral Metropolitana, aquele da igreja de Santa Rosália e um bem mais antigo, datado de 1810 e que foi o primeiro da cidade e pertenceu à igreja do antigo Mosteiro de Santa Clara, recolhido hoje em precaríssimas condições de conservação ao Acervo Sacro Arquidiocesano.

Avançando mais um pouco, na Festa da Padroeira a 15 de agosto de 2011, na passagem do cinquentenário de inauguração da nova fachada da Catedral (15/8/1961), ocorreu, então, o acionamento de sua nova iluminação cênica externa, implantada de modo a realçar suas linhas arquitetônicas, juntamente com a entrega de nova pintura externa recém-concluída. Ainda nesta ocasião, em outro

marco significativo, o então prefeito Vitor Lippi assinava decreto pelo qual o Município estabelecia oficialmente permissão de uso à Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, a título precário, da parte ajardinada dos entornos da Catedral Metropolitana, excetuando-se, era óbvio, o boulevard Carlos Gomes. Através dessa providência jurídica, a Catedral assumia a responsabilidade pela manutenção e preservação do espaço, também dando a ele concomitantemente, inclusive com o seu fechamento, melhor aproveitamento pelo incremento ali de iniciativas de valorização do patrimônio histórico, religioso e arquitetônico representado pela Sé. A implantação de modernos espaços adaptados como confessionários, na área externa entre a igreja, junto à Capela do Santíssimo, e o imóvel ao lado conhecido como Garagem Automática, também só foi possível graças a essa concessão de parte da Prefeitura, oferecendo à Catedral Metropolitana oportunidade de suprir antiga deficiência pastoral, no sentido de não poder contar, até então, com um local dotado de certa privacidade ao atendimento dos fiéis em confissão sacramental ou aconselhamento espiritual. O projeto teve, inclusive, que receber aprovação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e foi concebido em forma de cruz, acoplado à porta lateral da igreja, com piso em granito, como o Presbitério, para não se desassociar-se muito da igreja e se mostrar até mesmo uma extensão desta, e todo em vidro, com cobertura em policarbonato. São três salas de atendimento, com ar condicionado, conforme sistema também instalado algum tempo antes no próprio templo, com inspiração em modelos adotados em vários santuários da Europa, como Fátima, em Portugal, e Cássia, na Itália, depois do estudo de várias alternativas. Estava pronto já para o atendimento de confissões no Advento de 2012, antecedendo ao Natal.

Na mesma data da Festa da Padroeira'2011 por sinal, no intervalo entre o final da missa e o tempo necessário ao escurecer para a inauguração da nova iluminação cênica da fachada da igreja, o interior da Catedral recebia ainda inusitado concerto de órgão e metal, oferecido pela Fundec (Fundação de Desenvolvimento Cultural de Sorocaba), sob a regência do maestro Eduardo Ostergren, quando então, restaurado, foi pela primeira vez acionado para o público o histórico órgão de tubos da Sé, através da presença, como convidado especial, do músico Júlio Amstalden, organista titular do Santuário de Nossa Senhora do Carmo, da cidade de Campinas.

Também em 2012, por outro lado, as preocupações de padre Tadeu e de seu Conselho Paroquial também voltaram-se aos espaços circundantes da Catedral, com a aquisição, através de acordo com a família proprietária, do casarão colonial existente entre a sede do Clube União Recreativo e o sobradinho de três andares do boulevard Carlos Gomes que a Igreja recebera em permuta da Prefeitura nos anos 80, quando das desapropriações para a revitalização do Centro e ali Monsenhor Mauro Vallini fizera instalar a Casa de Nossa Senhora da Ponte, com a secretaria paroquial e outros espaços afins. Restaurado com base em projeto arquitetônico aprovado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico igualmente e também acompanhado pelo Condephaat (Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Turístico), por estar no raio de 500 metros do Mosteiro de São Bento, preservando-se, sobretudo, sua fachada – conforme, aliás, exigência do próprio ato de tombamento do imóvel por parte do Conselho Municipal, como um dos últimos exemplares de casarões coloniais ainda preservados no centro histórico de Sorocaba -, inclusive recebendo de volta telhas de barro, em substituição às de tipo 'eternit', colocadas em reformas aleatórias anteriormente, para ele foi transferida ao ficar

pronto a secretaria paroquial, surgindo na área vazia aos fundos uma nova construção, um moderno prédio de dois andares, edificado em estilo multiuso e que, interligado internamente ao sobradinho vizinho (Casa 'Nossa Senhora da Ponte'), deu origem ao atual Centro de Pastoral e Catequético da Catedral, com salas de reunião e catequese, arquivo paroquial e dependências para outras atividades e ações pastorais, além de um pequeno auditório, com capacidade para em torno de 80 pessoas no térreo (antiga secretaria) da Casa 'Nossa Senhora da Ponte').

Nesse ritmo de revitalização da Catedral Metropolitana, entre agosto e novembro de 2015, por outro lado ainda, chegou a vez do trabalho chegar às obras pictóricas de Bruno de Giusti existentes na Capela do Santíssimo, começando pelo mural tríptico a óleo do teto ('Cordeiro Imolado', 'Ostensório, Hóstia Sagrada e Anjos' e 'O Sacrifício de Abraão'), que antes do restauro '*in loco*' pelos restauradores Hernando Freire de Almeida, Rejane Ferreto D'Azevedo e Marina Brunacci Serrano, do Ateliê, Arte e Restauração, outra cassa paulistana especializada em Arte Sacra, passaram por delicado teste de solubilidade, limpeza e clareamento, visto que se encontravam coberto de fuligem, principalmente em decorrência das velas que ali antigamente eram sempre acesas, além de apresentarem sérias rachaduras e consequentemente perda da camada pictórica. Já as duas telas maiores, 'Multiplicação dos Pães' e 'Ceia dos Discípulos de Emaús', foram retiradas e levadas a São Paulo, para o trabalho de restauração final no próprio Ateliê. Paralelamente, os dois lampadários de prata, assim como a porta dourada do Sacrário passaram por novo banho junto à empresa metalúrgica paulistana Luiz Carrara, igualmente especializada em Arte Sacra.

Numa etapa mais recente, também as pinturas parentais decorativas de Bruno de Giusti nas capelas laterais foram novamente restauradas, desta feita após a instalação de meticuloso sistema composto de uma espécie de 'veneziana' a possibilita maior ventilação junto às paredes e conter as infiltrações que, de tempos em tempos, comprometiam irremediavelmente todos os painéis artísticos.

Entre o final de outubro e início de novembro de 2023, ano em que comemorava o vigésimo-quinto aniversário de seu paroquiato ali, padre Tadeu, com seu Conselho Administrativo, passa a executar novas obras de restauro e pintura externa da Catedral Metropolitana, aliás bastante desgastada há tempo pela ação do tempo e suas intempéries, também preparando, assim, a igreja-mãe para as celebrações centenárias da Arquidiocese. "A restauração da fachada não é apenas um ato de preservação, mas um compromisso com a continuidade da rica história e espiritualidade que permeiam esse lugar sagrado", afirmou o padre Tadeu, a propósito dessas novas obras de revitalização, orçadas em perto de R$ 1 milhão e que adentraram, inclusive, aos primeiros meses de 2024. A empresa contratada para o delicado e difícil serviço, realizado em alguns pontos a até 60 metros do chão, com o auxílio de andaimes pesando cerca de 30 toneladas, foi a mesma que ainda recentemente realizou trabalho parecido junto à Catedral da Sé de São Paulo. Daí, aliás, chamar a população de 'trabalhadores alpinistas' os pintores que executaram o serviço também junto à Catedral de Sorocaba.

Capela mortuária repaginada com exumação e inumação dos bispos



Inumação dos restos mortais dos bispos ali sepultados possibilitou reconfiguração da capela mortuária episcopal à entrada da Catedral Metropolitana.

Foi a 8 de julho de 2021, três dias depois da data em que a Arquidiocese comemorou seus 97 anos de criação canônica, que ao lado dos bispos das dioceses sufragâneas da Província Eclesiástica de Sorocaba o arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine presidiu missa solene na igreja da Catedral para a inumação dos restos mortais de três de seus antecessores sepultados na capela mortuária episcopal, também comumente chamada de 'cripta mortuária', situada logo à entrada da igreja, à esquerda: Dom José Carlos de Aguirre (1924-1973), Dom José Melhado Campos (1973-1981, coadjutor desde 1º de maio de 1965 e falecido como emérito a 21 de setembro de 1996) e Dom José Lambert (1980-2005, falecido a 26 de fevereiro de 2007). Essa exumação, realizada com a participação de especialistas do Jardim-Cemitério Pax, tornou-se necessária porque, como explicou padre Tadeu Rocha Moraes, quando da implantação da cripta foram preparadas quatro gavetas, porém com o preenchimento de três delas a altura da quarta, então desocupada e quase chegando ao alto teto da capela, deixou-a praticamente inacessível na eventualidade

de uma ocupação futura, lembrando que já fora bastante complicada a entrada do esquife com o corpo de Dom José Lambert na terceira gaveta em 2007. Na nova configuração, esta quarta e última gaveta mais ao alto foi dividida em quatro para receber urnas menores, só com os ossos, liberando-se automaticamente as outras três para futuros sepultamentos episcopais – e ainda permanecendo vazio um dos nichos para urnas menores.

Antecedendo a celebração da missa em sufrágio dos bispos falecidos missa, das 9 às 12 horas, respeitados os protocolos sanitários em razão da pandemia de Covid-19 ainda vigentes na ocasião, os fiéis puderam, aliás, fazer suas orações junto às novas urnas com os restos mortais dos três bispos, posicionadas no Presbitério. "Como semente de vida, entregamos o germe dos corpos de nossos queridos bispos falecidos na esperança da ressurreição da carne. Que eles possam entrar, com os seus muitos trabalhos realizados em nossa Igreja Particular, na alegria eterna do Senhor", destacou Dom Julio durante a solene concelebração, em profunda homilia calcada em grande parte em trecho do Livro da Sabedoria proclamado na liturgia especial, acentuando a transitoriedade da vida e o destino do homem e da mulher em sua comunhão com Deus e Sua contemplação face a face na Eternidade.

Ao final da missa, depois do arcebispo seguir o ritual de exéquias como recomendado pela Igreja, as três urnas foram solenemente conduzidas em procissão até a capela mortuária, para a inumação. Condução processional esta também cercada de profundo simbolismo: os bispos de Itapeva, Dom Arnaldo Cavalheiro Neto, depois transferido para a Diocese de Jundiaí, e o de Itapetininga, Dom Gorgônio Alves da Encarnação Neto, CR, conduziram a urna

com os despojos de Dom Aguirre, lembrando que ambas as dioceses também foram por ele pastoreadas, antes de terem seus territórios desmembrados inteiramente da circunscrição eclesiástica original de Sorocaba, a de Itapeva, que ia até as barrancas do rio Paraná, em 1967, e a de Itapetininga em 1998. Os padres Marivaldo de Oliveira e João Alfredo Pires de Campos, ordenados diáconos por ele no início dos anos 80, tiveram o privilégio de levar a urna com os ossos de Dom José Melhado e aquela com os restos mortais de Dom José Lambert, representando os mais de trinta sacerdotes que ordenara durante o período de seu ministério episcopal em Sorocaba, foi conduzida pelos padres Antônio Carlos Fernandes, o padre Toninho, e Manoel César de Camargo Júnior, vigário-geral da Arquidiocese.

APÊNDICE B - SEMINÁRIO SÃO CARLOS BORROMEU, A `MENINA DOS OLHOS´ DE DOM AGUIRRE



Seminário São Carlos Borromeu em uma tomada mais atual, 'menina dos olhos' do primeiro Bispo, Dom José Carlos Aguirre, e importante patrimônio histórico e arquitetônico de Sorocaba.

Certamente, a formação de seus futuros presbíteros sempre esteve presente no coração de Pastor de Dom José Carlos de Aguirre como primeiro bispo diocesano de Sorocaba. Aliás, era uma exigência constante da própria bula papal de Pio XI de 4 de julho de 1924, criando as dioceses irmãs de Sorocaba e de Santos. "Mandamos que o quanto antes, de acordo com as possibilidades, se construa, ao menos, o Seminário Menor Diocesano, segundo as disposições e normas dadas pela Sagrada Congregação dos Seminários", lê-se textualmente na Bula 'Ubi Praesules', que no mesmo trecho ainda enfatizava: "E que se mantenha por conta própria, sem interrupção, dois jovens escolhidos - ou ao menos um - no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano, em Roma" - mais tarde, em 1934, no Colégio Pontifício Pio Brasileiro, então instalado na 'Cidade Eterna' também, numa iniciativa conjunta das dioceses e bispos do Brasil.

Por mais alguns bons anos, a nova Diocese continuou enviando seus vocacionados ao Seminário de Botucatu e depois ao Seminário mantido pelos cônegos de São Norberto, os padres da Ordem dos Premonstratenses, junto ao Santuário de Pirapora do Bom Jesus. Porém, o sonho de Dom Aguirre era dar à Diocese de Sorocaba – e o quanto antes – o seu próprio Seminário.

A constituição da Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese também foi uma das providências do bispo, confiando sua estruturação ao padre André Pieroni Sobrinho (1910-1972)[19]. Destinava-se

[19] Italiano de nascimento, veio ao Brasil ainda bebê, com a imigrante Família Pieroni fixando-se na cidade de Laranjal Paulista. Alguns anos depois, como missionário chegava seu tio-padre, homônimo, que por mais de meio século foi pároco de Laranjal Paulista e, certamente, despertou a vocação do sobrinho. Ordenado sacerdote na Matriz de Laranjal a 15 de agosto de 1934, incardinou-se à Diocese de Sorocaba, onde exerceu todo seu ministério sacerdotal, inclusive como coadjutor da Catedral. Destacou-se, porém, em grandes empreendimentos comunitários da cidade. Além da inestimável colaboração prestada a Dom Aguirre nos anos de construção do Seminário, onde chegou a atuar, inclusive, como pedreiro e carpinteiro, além de professor por muitos anos depois, esteve à frente da consolidação de projetos inestimáveis ao progresso de Sorocaba, como a implantação das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de Medicina e de Direito. O Ginásio Municipal de Esportes, em Vila Hortência, também nasceu e foi edificado em tempo recorde graças a seu tirocínio e perspicácia, trabalhando sempre ao lado do prefeito Dr. Gualberto Moreira, como seu assessor direto, em prol das grandes causas comunitárias pelo desenvolvimento social de Sorocaba. Conta-se que pela conclusão do Ginásio Municipal de Esportes em tempo recorde, a fim de sediar os Jogos Abertos do Interior de 1950, chegou a trabalhar de pedreiro em suas obras junto a muitos outros voluntários da cidade. Foi ainda pároco de Nossa Senhora das Dores, em Araçoiaba da Serra, município onde também fincou marcas indeléveis de seu espírito irrequieto e inovador, ao deixar inacabado em área de sua propriedade curioso 'castelinho' por ele projetado e construído, com suas ruinas - que até há pouco tempo intrigavam os que as viam ao longe por quem trafegava pela via de acesso ao centro urbano local - ainda recentemente transformadas pela Prefeitura, ao desapropriar toda a área, em atrativo maior de aprazível parque ecológico e recreativo ali implantado, o Parque Educacional 'Padre André Pieroni Sobrinho' (rua Benedito Maria Pontes, Jardim Guareí), ao lado, porém, da preservação histórica do lugar e da memória do 'padre diferente', como chamava-o carinhosamente o professor Aldo Vannucchi em livro biográfico lançado pela Eduniso também em 2017 – também um museu deve ser implantado futuramente dentro do 'castelinho', resgatando a vida e memória do sacerdote. Faleceu a 25 de março de 1972, recolhido ao Lar São Vicente de Paulo, tendo seu corpo velado na Capela de Santa Cruz, também então conhecida popularmente como Capela de Santa Filomena, onde atuava como capelão.

justamente a lançar sementes vocacionais no seio das famílias sorocabanas de um lado e, de outro, providenciar o meio necessário e eficaz de cultivá-las, inclusive sob o ponto de vista financeiro – em 1941, já com o primeiro lanço do Seminário Menor Diocesano 'São Carlos Borromeu' concluído e em funcionamento, Dom Aguirre entrega a propagação da modelar Obra das Vocações Sacerdotais, exemplo depois para muitas outras dioceses do Brasil, objetivando sua implantação em todas as paróquias, ao dileto padre José Ribeiro Viana (1911-1983)[20], então seu secretário pessoal, "homem de incrível força interior e não menor perseverança", como escreveu o professor Aldo Vannucchi em seu livro "Dom Aguirre – Vida e Obra". Durante mais de dez anos de pastoreio, veio Dom Aguirre, assim, preparando as bases para a fundação do Seminário de Sorocaba, sonho que começa a se concretizar um pouco antes do início da década de 1930, quando a Providência destinou à Diocese área imensa, com 19.380 metros

[20] Natural da cidade de Boituva, fez seus estudos no Seminário Menor de Pirapora, dos Padres Premonstratenses, e no Central do Ipiranga, em São Paulo, sendo ordenado sacerdote por Dom José Carlos de Aguirre na Catedral de Sorocaba, a 8 de dezembro de 1939. Como diretor e visitador da Obra das Vocações Sacerdotais, esteve ao lado de Dom Aguirre na edificação do Seminário Menor 'São Carlos Borromeu' desde 1941 até praticamente o encerramento de suas atividades como Seminário Menor nos anos 60. Bom acrescentar-se aqui que, na realidade, a Pia Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese, tão querida pelo bispo fundador e organizada exemplarmente por Monsenhor Viana, na realidade nunca desapareceu, mesmo se com o passar dos anos - e o desaparecimento de suas baluartes zeladoras e colaboradoras - fossem suas estruturas tanto a nível de Igreja Particular, como de modelares núcleos paroquiais deixando de mostrar-se como até então. Porém, poder-se-ia dizer que hoje o ideário da Obra das Vocações Sacerdotais está mais presente do que nunca dentro da Arquidiocese de Sorocaba, por intermédio da Associação 'Amigos do Seminário', com a comunidade católica colaborando ativamente através dela na formação dos novos padres. Sem se esquecer também da relevância sempre cada vez maior da Pastoral Vocacional e de seus animadores vocacionais, tanto sacerdotes, religiosos e religiosas, como leigos, casais, jovens, adolescentes e até crianças, engajados nesse trabalho meritório em favor das vocações sacerdotais particularmente. "Faça você também sua doação mensal ao Seminário 'São Carlos Borromeu'", sem se esquecer igualmente de rezar pela perseverança e santidade do clero e dos seminaristas, atuais e futuros.

quadrados e compreendida pelo quadrilátero formado pela avenida Dr. Eugênio Salerno e as ruas 7 de Setembro, Artur Gomes e Pernambuco, com frente para o antigo largo da Independência ou, mais popularmente, do 'Pito Aceso', da época ainda da escravatura em que os negros para ali se dirigiam à noite para fumar (hoje praça 9 de Julho), e confrontando-se com os outorgantes doadores e com Álvaro Teixeira de Souza Leite, cedido a Dom Aguirre mediante doação feita por casal amigo, de raras virtudes sociais e religiosas, dona Rosália Oétterer Speers e Francisco José Speers[21], ela católica fervorosa e ele 'anglicano de nascimento e católico de coração'. Ao lado, a Igreja já possuía uma outra pequena gleba, desde 1852 patrimônio da antiga Capela do Bom Jesus/Irmandade de São Benedito[22] e que, com a fundação da nova Diocese, a Mitra de Botucatu transfirira a de Sorocaba.

A escritura de doação fora passada a 23 de novembro de 1929, junto ao 1º Tabelionato de Sorocaba, do sr. Pedro Moreira Coelho. Valor da área: 10 contos de réis. Em 1930, registrou Aluísio de Almeida

[21] Um dos pioneiros da indústria têxtil em Sorocaba, proprietário da antiga Fábrica de Tecidos Santa Rosália.

[22] A primitiva Capela do Bom Jesus dos Aflitos foi construída em 1852 por Elias Aires do Amaral junto a seu sobradão na rua das Flores (atual rua Monsenhor João Soares), esquina com a rua Bom Jesus (atual rua Dom Antônio Alvarenga) e com frente em perpendicular para a rua José Bonifácio, então rua da Amargura. Em seu livro "Cruzes e Capelinhas – Tradições sorocabanas que desaparecem" (1952), o historiador Antônio Francisco Gaspar acentua, inclusive, que para muita gente era a 'igreja de São Benedito', em vista da Irmandade dedicada ao Santo Negro ali realizar suas celebrações, momentos de orações e festas. "Assim, também até 1925 o povo crismou esse templo de igreja de São Benedito, porque ali se reunia sua Irmandade, a qual também zelava por essa capela", escreveu Gaspar, deixando registrado ainda que parte do terreno onde Dom Aguirre edificaria o prédio do Seminário pertencia por doação da Família Ayres à Irmandade de São Benedito. Testemunhava seu provedor Carlos Tertuliano Leocádio, com base em atas da Irmandade, que a Família doara a São Benedito área da casa de oração (anterior Capela do Bom Jesus) ou Capela dos Ayres, anexa a sua residência, com porta de entrada de sua casa para a igreja e o potreiro que ia desde a rua Ypiranga (atual Artur Gomes), compreendendo ainda a rua das Tropas (7 de Setembro) até o largo da Independência (praça 9 de Julho).

em artigo para a imprensa local, por ocasião dos trinta anos da inauguração do Seminário, estava pronta a primeira planta, feita pelo sr. Antônio Amábile, embora Dom Aguirre, com o passar do tempo, houvesse concluído pela necessidade de elaboração de uma outra em dimensões maiores e mais completa, mesmo se a construção haveria, com o foi, de ser realizada paulatinamente e por etapas.

A pedra fundamental e a construção do Seminário

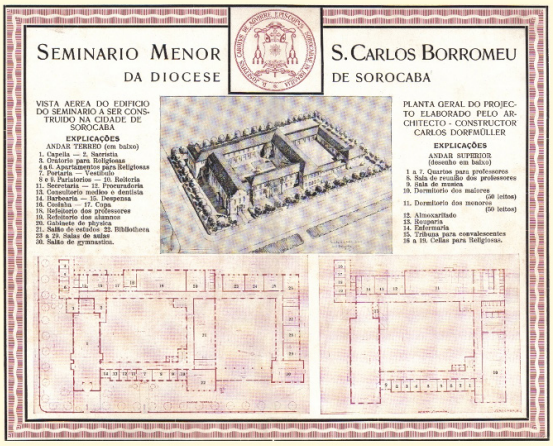


Lançamento da pedra fundamental do Seminário tão sonhado por Dom Aguirre, em 4 de novembro de 1937.

O lançamento da pedra fundamental para a construção do imponente Seminário Diocesano "São Carlos Borromeu", homenagem ao onomástico de Dom José Carlos de Aguirre, arcebispo de Milão a seu tempo (1538-1584), reformador do clero no século XVI e considerado fundador dos seminários católicos, pelo empenho em colocar em prática as orientações do Concílio de -Trento, sobretudo quanto à formação do seu clero, ocorreria, porém, somente a 4 de novembro de 1937, na presença do bispo auxiliar de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, futuro arcebispo paulistano. Duas grandes revoluções – a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932 –, assim como as agitações comunistas e o Estado Novo, aliadas a outras prioridades e construções mais urgentes de parte da Diocese, foram adiando o início da construção do Seminário[23]. Ou seja, além das injunções políticas, também não havia dinheiro em português claro, questão em parte providencialmente amenizada a 5 de abril do mesmo ano de 1937, com a informação de que o saudoso Monsenhor Vicente Hipnaroswski, que fora pároco em Araçoiaba da Serra, havia deixado à Diocese por testamento a quantia de 44:000$000 reis, "fruto de uma grande vida mortificada", especificando que era para a construção do Seminário. A 22 de setembro seguinte, por decreto episcopal, Dom Aguirre também já nomeara a comissão que haveria de se encarregar da construção do Seminário, integrada pelo capitão João Clímaco de Camargo Pires, coronel Vicente Amaral, capitão Luiz da Silva Oliveira, o farmacêutico Arnaldo Cunha e José Miguel. À frente da comissão de obras, estava o arquiteto Carlos Dormuller, a quem Dom Aguirre entregara

[23] Explicações de Aluísio de Almeida (Monsenhor Luiz Castanho de Almeida), em monografia publicada em 1989, '*in memoriam*', pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, em sua revista 'Estudos Regionais Paulistas', sob o título "História da Instrução em Sorocaba – 1660/1956).

seus desenhos preliminares projetando como sonhava ver o seu Seminário e este, a 9 de julho, entregara seus projetos. Uma comissão também foi constituída para acompanhar o desenvolvimento da obra, aparecendo entre outros respeitáveis benfeitores e voluntários da empreitada o nome do padre André Pieroni, "que conseguiu arrecadar de todas as formas, por compra facilitada ou por doação, muito material necessário, como areia, cimento, tijolos, telhas e caibros"[24]. As telhas vieram todas de Laranjal Paulista, conhecido polo de olarias no interior paulista e terra natal de padre André Pieroni Sobrinho, que também chegou, inclusive, a trabalhar como pedreiro nas obras de construção do Seminário.



Projeto preparado pelo arquiteto Carlos Dorfmuller, para nortear a construção do Seminário.

[24] VANNUCCHI, Aldo. **Dom Aguirre**: vida e obra. Sorocaba: Eduniso, 2013.

Foram dois anos iniciais de contínuas obras civis, balizadas nesse curto período pela edição da terceira carta pastoral de Dom Aguirre, lançada a 26 de maio de 1938, dia da Ascensão do Senhor, com o título 'Ales jacta este' ('A sorte está lançada'), justamente conclamando veementemente a seus diocesanos, 'em termos paternais', a ajuda-lo: "Caríssimos filhos! Estamos construindo nosso Seminário. Diríamos melhor: estamos construindo vosso Seminário, para vossos filhos, para os jovens da Diocese que se sintam chamados ao estado eclesiástico sacerdotal. Já era tempo! Treze anos conta a nossa Diocese e falta-lhe esse complemento indispensável, que é o Seminário... Uma diocese sem Seminário próprio lembra aqueles pais que, por se forrarem aos incômodos da criação dos filhos, confiam-nos a amas... A Igreja quer, a Igreja ordena que em todos os bispados e prelazias haja um Seminário Menor... Ides tê-lo agora...". Registre-se, porém, que lançada a pedra fundamental em 4 de novembro de 1937, as obras também não foram iniciadas de imediato, em parte porque a comissão original nomeada pelo Bispo não se entendia com o Dr. Dorfmuller. O impasse foi, contudo, logo resolvido por Dom Aguirre, passado o período de luto pela morte, a 17 de julho de 1938, de sua mãe, dona Maria Ercília, com o pedido de demissão coletiva de todos os integrantes daquele grupo, permanecendo apenas o coronel Vicente de Almeida, que era o tesoureiro "e desempenhou admiravelmente o seu cargo, cumulando com o de guarda-livros até sua morte, já pronto o Seminário – e de graça". "Era um santo e faleceu com os sinais de predestinado", escreveu ainda Aluísio de Almeida.



Chegada das telhas para a cobertura da primeira fase da edificação do Seminário, inaugurada em 1939

Então, em setembro de 1938 começaram, finalmente, a ser abertos os alicerces pelo pessoal do empreiteiro Otto Wachs, com a comissão substituta formada por sacerdotes conseguindo, inclusive, a adesão de Frei Conrado Schiwiora OFM, pároco do Bom Jesus, que aquiesceu ao pedido de se encarregar das compras, auxiliado pelo cônego André Pieroni. Em 1º de outubro seguinte, derramaram-se nos fundamentos os primeiros concretos. Foi tudo muito rápido, só um andar. A 31 de julho de 1939, estavam terminadas praticamente as obras dessa fase inicial. Nos meses seguintes, ainda foram providenciadas algumas construções provisórias, pois esse primeiro lance era destinado, a priori, a salas de aula. Padre Pieroni, à última hora, ainda construiu pessoalmente e sozinho o galpão de recreio. Um apelo vibrante também dirigiu Dom Aguirre em 31 de agosto de 1939, 'como pai aflito', aos sacerdotes, lembrando que a Obra das Vocações Sacerdotais estava 'carecida de apoio mais decisivo, a reclamar medidas mais eficientes', sendo imperioso 'que nossos esforços se concentrem na formação de clero próprio'. Citando esforços pessoais dele e de

tantos que já vinham sendo empreendidos – 'não temos automóvel e raramente (não sem escrúpulos) nos servimos desses veículos e de carros elétricos; se viajamos de trem com algum conforto, é porque gentilmente o Governo do Estado nos oferece' – conclui, impondo algumas determinações concretas cabíveis na época, como licenças para procissões e provisões para casamentos em oratórios particulares fixadas com uma parte destinada à Obra das Vocações.

Inauguração em três etapas

A inauguração da primeira etapa do Seminário Menor Diocesano de Sorocaba ocorreu no dia 4 de novembro de 1939, data da festa litúrgica em honra de São Carlos Borromeu, possibilitando que já para o ano letivo de 1940 os primeiros seminaristas o habitassem, tendo como primeiro reitor o padre Luiz Castanho de Almeida, o insigne historiador Aluísio de Almeida. Na noite da véspera, uma pequena multidão acorreu à Estação Ferroviária local, recebendo com festas Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, recepcionado ao som da execução do Hino Pontifício pela Banda Regimental do 7º Batalhão da então Força Pública do Estado de São Paulo. Pela manhã, antecedendo as cerimônias da tarde de inauguração da primeira etapa da edificação do prédio do Seminário Diocesano, houve ainda solene pontifical na igreja da Catedral, presidido pelo agora arcebispo metropolitano de São Paulo, alçado ao cargo meses antes pelo Papa Pio XI, a 27 de julho anterior e empossado no dia 17 de setembro, na sucessão do primeiro arcebispo, Dom Duarte de Leopoldo e Silva, que falecera a 13 de novembro de 1938.



Primeiro lanço do 'São Carlos Borromeu', pronto para receber a primeira turma de seminaristas, foi inaugurado em 4 de novembro de 1939.

Após almoço oferecido pelo Bispado às autoridades eclesiásticas presentes, às 15 horas, também ao som do Hino Pontifício, o arcebispo de São Paulo e demais bispos presentes adentravam alegremente e debaixo de forte emoção de Dom José Carlos de Aguirre ao novo Seminário. Paramentado com suas insígnias episcopais, coube a Dom José Gaspar abençoar todas as dependências da primeira etapa do Seminário Menor Diocesano de Sorocaba e aos presentes com a relíquia de São Carlos Borromeu. Pronunciamentos emocionados se seguiram, a começar pelo vigário-geral da Diocese e pároco da Catedral, Monsenhor Francisco Antônio Cangro, o 'padre Chiquinho', discorrendo sobre o caminho arduamente percorrido até ali para que a Diocese viesse, finalmente, a ter o seu próprio Seminário e o sacrifício de não poucos para a sua consecução, a começar de Dom Aguirre em primeira pessoa. Estiveram presentes ainda ao ato outras figuras representativas da vida eclesiástica paulista à época, como Dom frei Luiz Maria de Santana, bispo de Botucatu, que procedeu a bênção oficial, a convite de Dom Aguirre; Dom Antônio Augusto de Assis, bispo de

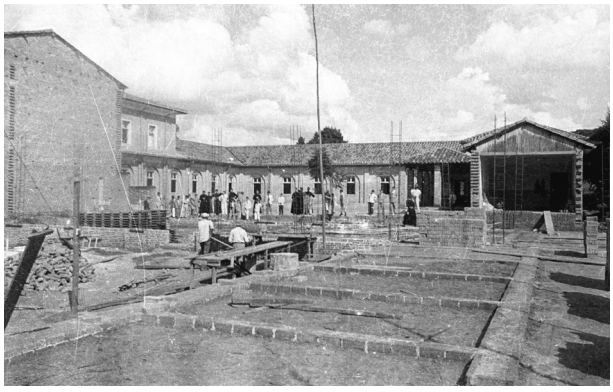
Jaboticabal; Dom José Antônio dos Santos, bispo de Assis; Dom Domingos de Sillos, OSB, abade do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, e Monsenhor Ernesto de Paulo, então vigário-geral da Arquidiocese paulistana. A propósito, registre-se também que no dia seguinte, 5 de novembro de 1939, ao celebrar a primeira missa na improvisada capela do semiacabado Seminário Dom Aguirre, em sua homilia ao Evangelho, não deixa de consignar agradecimentos profundos a Antônio Aires do Amaral e a Frank Speers e a sua esposa Rosália Oétterer Speers "pela doação dos terrenos para a construção do nosso Seminário".

Os primeiros seminaristas chegaram em fevereiro de 1940, iniciando suas aulas no dia 8, ao lado de colegas que já estavam mais avançados nos estudos, transferidos dos seminários de Botucatu e Pirapora. A abertura do ano letivo foi marcada pela celebração da 'Missa do Espírito Santo', com pregação a cargo do cônego Belotti. Eram em número de 18 ao todo! Em 1942, eram 34 e, em 1943, 51 – 59 em 1944.

Mas só em outubro de 1943, depois de uma folga, em meio à fúria da 2ª Guerra Mundial, novas campanhas e insistentes apelos do Sr. Bispo, as obras puderam ser reiniciadas a 14 de outubro de 1943, graças sempre ao tirocínio e espírito empreendedor de Dom Aguirre e, agora, com a generosa contribuição do engenheiro Dr. Antônio Amábile, que as supervisionava sem qualquer remuneração. Pouco antes, a Diocese optara por comprar a planta do arquiteto dr. Dorfmuller para diminuir as despesas de administração e porcentagem, com os franciscanos freis Eugênio e Firmato, os construtores das igrejas do Bom Jesus, em Vila Hortência, e Santa Rita de Cássia, em Vila Santana, se incumbindo da administração e compras para o segundo lanço do prédio do Seminário e cômodos para servirem de moradia às religiosas que ali trabalhariam. A ponto de novas edificações irem se acrescendo ao primeiro lanço do Seminário e a 8 de dezembro de 1944, Solenidade da Imaculada Conceição, ser inaugurado o maior complexo

do edifício ('e mais caro', como assinalou Aluísio de Almeida em uma de suas crônicas), ao mesmo tempo em que se iniciava a construção da Capela. "Dentro do projeto arquitetônico do Seminário, no pensamento do Sr. Bispo a joia mais reluzente seria a igreja, a igreja de São Carlos Borromeu", testemunha também o professor Aldo em seu livro. Ao mesmo tempo em que ocorria a entrega da segunda etapa do prédio do Seminário, era chantada, assim, a Cruz no local da área onde seria edificada sua Capela, a atual Matriz de São Carlos Borromeu.

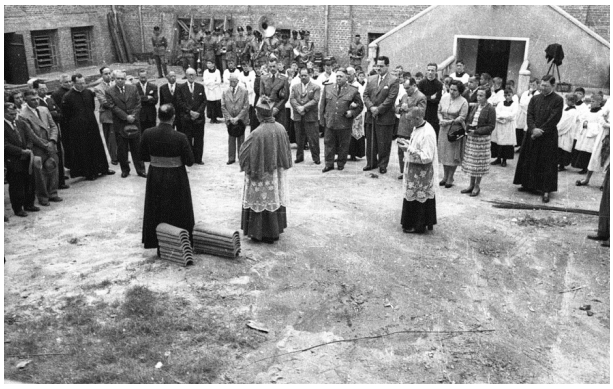
Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, embora já manifestando as primeiras sequelas paralisantes do tifo preto que adquirira ainda quando pároco de Guareí nos anos 30, foi como primeiro reitor desempenhando suas funções com muita dedicação e amor entre os anos de 1940 a 1944. Ainda em 1943, porém, no dia 24 de abril, havia sido ordenado em Roma o padre Antônio Pedro Misiara, originário de Tietê. No ano seguinte, em 1944, chega a Sorocaba, com a missão de assumir, então, a reitoria do Seminário 'São Carlos Borromeu', desempenhando esta função entre 1945 e 1954, sendo sucedido pelo padre Antônio Maria Mucciolo.



Mais um registro iconográfico das obras de construção do grandioso edifício do Seminário sonhado por Dom Aguirre.

As obras continuaram, sempre sob aflições e apelos do bispo, sem esquecer-se de agradecimentos aos muitos benfeitores de perto ou de longe, como à Estrada de Ferro Sorocabana, pelo transporte gratuito em seus trens de cargas de doações em pedra britada, madeira, telhas e tijolos, ou ainda aos próprios trabalhadores da obra, como a chopada que ofereceu a eles quando do início do telhamento. Vez por outa, ajudas especialíssimas também apareciam, como a anotada em sua agenda por Dom Aguirre em 28 de março de 1951: "O dia de hoje foi de alegria. O Dr. (José Ermírio) Moraes Filho veio convidar-me para abençoar seu casamento e ofereceu-me todo o cimento para a terminação do Seminário". "O sacerdote – aparece numa das muitas mensagens divulgadas por ele aos seus diocesanos nesse período, nas paróquias e na imprensa, clamando por auxílio generoso ao Seminário – não é constituído tal para si mesmo, mas para os homens, para os quais se destina todo o seu ministério. Para si, não pode valer-se de todo o seu poder sacerdotal, dependendo como qualquer leigo do ministério dum colega. De outro lado, podemos dizer que os ricos não são tais para si próprios, senão que receberam das mãos de Deus toda a fortuna, como administradores dela em favor dos pobres e das obras pias. A construção de nosso Seminário seria taxada de temerária, senão houvéssemos atentado na generosidade caridosa do bom povo, que temos a ampará-la. Não estamos a fazer obra supérflua, supererogatória, com que nos envaideçamos. A necessidade da obra ressalta aos olhos de quem os tem de ver...". Esta era datada de 14 de maio de 1944, porém noutra anterior, de 27 de fevereiro, Dom Aguirre ressaltava que "precisamos de unidade na formação de nossos padres e esta se obtém nos seminários nossos que plasmem os padres para nossa Pátria", ao lembrar que a Igreja não podia continuar a contar exclusivamente com sacerdotes vindos

como missionários de outros países. "Nosso problema sacerdotal não é tanto a falta de vocações, que graças a Deus há por aí. O problema está no aproveitamento delas. Precisamos ambientar as vocações prestigiando o sacerdócio católico por todos os modos: precisamos oferecer aos chamados do Senhor um Seminário de vastos aposentos, em condições de abrigar grande número de alunos, oferecendo certo conforto que lhes minore o sacrifício de seis anos fora do lar paterno... Nosso Seminário de Sorocaba, já funcionando na pequena parte construída, mal agasalha uns poucos alunos, com seus professores morando em desvãos, quando muitas outras vocações nos batem à porta, pedindo entrada, e são sacrificadas por falta de lugar, enquanto a necessidade de clero acentua-se de dia para dia!".



O maior lanço do Seminário foi festivamente inaugurado na Festa da Imaculada de 1944.

Outra preocupação de Dom Aguirre é superada quando a partir de outubro de 1946, depois de muita insistência, conseguiu graças à sua persistência e enorme afabilidade, que a Congregação das Irmãs da Providência assumisse a tarefa de manutenção permanente da casa, oferecendo um pouco mais de conforto aos seminaristas

e padres que ali trabalhavam, com boa alimentação e roupa lavada e passada, em ambiente limpo e higiênico, ainda que tal atividade não figurasse diretamente entre as finalidades específicas da fundação do padre Luís Scrosoppi. Tal dedicação prosseguiu até dezembro de 1971, quando do primeiro fechamento do Seminário de Sorocaba.

A igreja de São Carlos Borromeu e primeiros sacerdotes

A 4 de julho de 1949, jubileu de prata de criação da Diocese e da nomeação de Dom Aguirre como bispo por Pio XI, era sagrada, então, a nova Capela do Seminário, hoje Igreja Matriz da Paróquia de São Carlos Borromeu, pelo arcebispo de São Paulo, cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, embora ainda incompleta - e a 4 de novembro seguinte seriam também ordenados ali por Dom Aguirre os primeiros sacerdotes acolhidos pelo Seminário "São Carlos Borromeu", os padres Antônio Maria Mucciolo (no futuro, bispo da Diocese de Barretos, arcebispo de Botucatu e fundador da Rede Vida de Televisão) e Pedro José Maria Vieira.

Para preparar aqueles dois significativos jubileus de 1949, foi ainda organizada uma solene Semana das Vocações Sacerdotais. Como narra o Livro do Tombo da Arquidiocese, após trazer informações sobre a constituição sob a presidência do então vigário geral e pároco da Catedral, Monsenhor Francisco Antônio Cangro, de comissões de honra, de culto, de música, de hospedagem, de ornamentação e de propaganda, "a Semana começou a 25 de junho e logrou pleno êxito, graças ao concurso apreciável dos oradores que explanaram de modo cabal os temas que lhes foram distribuídos", conforme palavras textuais ali deixadas escritas de próprio punho por Dom Aguirre. No dia 4 de julho, data jubilar, às 9 horas, na Catedral,

o Cardeal Mota "... assistiu do trono à solene missa pontifical oficiada por sua Exa. Revma. o Sr. Dom Paulo Rolim Loureiro, em presença de todos os Srs. Bispos, clero e compacta multidão". À tarde desse mesmo dia, procedeu-se, assim, a solene bênção da Capela de São Carlos Borromeu. O Livro do Tombo narra que "às 14 horas, Dom Luís Gonzaga Peluso (naquela ocasião, bispo de Lorena) presidiu à procissão que, da Catedral, transportou para o Seminário Menor as sagradas imagens de Nossa Senhora Aparecida e de São Carlos Borromeu. À chegada da procissão, Sua Eminência (o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota), paramentado e assistido dos Srs. Bispos, procedeu à bênção ritual da nova igreja do Seminário. Ato contínuo, benzeu o sacrário e a imagem de São Carlos, de 2 metros de altura, entalhada em madeira, por ele próprio oferecida à nova igreja e dirigiu-se ao sólio episcopal. Ocupou, então, a tribuna o padre Benjamin de Souza Gomes, pároco de Itapeva, o mesmo que pregou por ocasião do lançamento da pedra fundamental da igreja, o qual, em nome do clero, saudou Sua Eminência, bispo diocesano e os srs. bispos presentes, autoridades e fiéis, enaltecendo o destino daquela igreja na formação do clero. Transportado para o sacrário o SS. Sacramento, Sua Eminência deu a bênção eucarística e concedeu as indulgências do estilo. Para perpetuar a lembrança da solene inauguração, à presença de Sua Eminência dos Srs. Bispos, Autoridades, clero e fiéis, o ministro Dr. Luís Pereira de Campos Vergueiro e o prefeito municipal Dr. Gualberto Moreira descerraram a cortina que cobria, no fundo da igreja, a epígrafe ornada em bronze com os seguintes dizeres: 'Ao Deus Ótimo e Altíssimo. Em honra de São Carlos Borromeu. Aos quatro de julho do Ano do Senhor de 1949. Criação da Diocese de Sorocaba e da eleição de seu primeiro Bispo o Ex.mo Sr. D. José Carlos de Aguirre, a quem Deus por muitíssimos anos

conserve. Sua Eminência o Senhor D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana, do título de São Pancrácio, e Arcebispo de São Paulo, solenemente dedicou este Templo, construído desde os fundamentos, pela piedade desta Urbe, para festejar alegremente a data jubilar.'"

Ainda em 1949, no dia 1º de dezembro, marcando o início das comemorações alusivas à passagem do jubileu de prata episcopal de Dom José Carlos de Aguirre na Solenidade da Imaculada Conceição no dia 8 seguinte, o Sr. Bispo sagra solenemente os quatro sinos da igreja de São Carlos Borromeu. Tinham sido doados ao Seminário Diocesano por tradicionais empresas da cidade, um deles pela própria metalúrgica dos Irmãos Samassa, à época conhecida por todo o País pelos excelentes sinos que produzia, incluindo, como já vimos em Apêndice anterior, o da Catedral nos anos 1940, com mais de 3 toneladas. Os outros três sinos eram presentes da Fábrica de Tecidos 'Nossa Senhora da Ponte', Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida e Delegacia Regional do Sesi (Serviço Social da Indústria). As cerimônias aconteceram no próprio pátio interno do Seminário, contando inclusive com a presença, além de seminaristas, autoridades convidadas e do clero, de um batalhão de 500 alunos do Liceu Coração de Jesus, dos Padres Salesianos, de São Paulo, que na ocasião visitavam Sorocaba a convite de Dom Aguirre.

Dom Aguirre, registre-se igualmente, por outro lado, para a edificação da igreja de São Carlos Borromeu buscou orientações com o arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto – um dos grandes especialistas brasileiros em arte sacra e com significativa participação na edificação da Basílica Nacional de Aparecida e neto do consagrado pintor Benedito Calixto. Na região, projetou a imponente igreja matriz de Conchas -; providenciou belíssimos vitrais da Casa Conrado,

de São Paulo; dotou a fachada de formosos azulejos portugueses decorados e ganhou para ela do Cardeal Motta a belíssima imagem do Padroeiro, Senhor Bom Jesus. Para complementar tanta beleza, como testemunha o professor Aldo Vannucchi, à época sacerdote novo saído também dos bancos do Seminário, contratou em 1954 o artista holandês Willen Vandererf para que pintasse a tela colocada à direita de quem entra à igreja, representando a caminhada litúrgica e teológica dos que se preparam para o sacerdócio. Tendo como orago São Carlos, essa igreja, 'cenáculo de seus seminaristas, mas aberta à população', deveria ser, para Dom Aguirre, mais que um espaço religioso – ele o queria focado na grandeza da formação sacerdotal e do percurso necessário para se chegar a ela. "Esse caminho aquele artista holandês representou a partir de Nossa Senhora, a quem o Anjo Gabriel anunciou que conceberia o Verbo de Deus, por obra do Espírito Santo, simbolizado pela pomba. Depois de Maria, a primeira vocacionada, vem o cortejo dos chamados ao ministério sacerdotal. O cortejo é duplo: na sombra, os Doze Apóstolos; na frente, os candidatos ao Presbiterato, dois a dois, cada par representando uma etapa de sua formação seminarística. Assim, alinha-se, primeiro, o simples seminarista ao lado do tonsurado (daí o símbolo da tesoura e a salva com alguns cabelos); depois vêm os que já receberam as chamadas Ordens Menores, a saber: os hostiários (por isso, a chave e a sineta), os leitores (de olho na Escritura), os exorcistas (com água benta e ritual) e os acólitos (com galheta e velas). Seguem depois, as Ordens Maiores, personalizadas no subdiácono, no diácono e no presbítero, todos em direção ao Cristo, passando pelo Bispo, que os consagrará com o Sacramento da Ordem. Ao fundo, ao lado de Jesus, brilha o sol da ressurreição, a iluminar a messe e o rebanho, enquanto ao mesmo tempo, bem no meio da tela, em ponto mais alto, o pintor destaca a vitória de Cristo sobre a morte no Calvário".

Alegria de Dom Aguirre e presença entre seus seminaristas

O Santo Bispo dá por terminadas as obras de seu Seminário no início dos anos 50, assinalando-se a inauguração oficial de todo o complexo seminarístico da avenida Dr. Eugênio Salerno no dia 8 de dezembro de 1954, em meio também ao ano de comemorações pela passagem do terceiro centenário de fundação de Sorocaba. "Com o coração transbordando de alegria, vimos por esta convidá-los para a solene inauguração, a 8 de dezembro próximo, do Seminário São Carlos Borromeu, de nossa Diocese, ora, graças a Deus, ultimado. Será, como nossa circular da Páscoa de 1952 prometia, monumento perene lembrando o Ano Santo Mariano comemorativo do centenário da definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria e o terceiro centenário de fundação de Sorocaba, metrópole de nossa Diocese. Na estrutura desse Seminário, cada tijolo tem sua história, pois lembra a generosidade de todos os nossos diocesanos, pessoas, instituições, indústria, comércio, lavoura, todos que nela emularam, sob estímulo do dedicado Clero da Diocese. Vá, a todos e a cada um, nosso profundo agradecimento, traduzido num 'Deus lhe pague'. 'Alea jacta est', dizíamos ao lançar a pedra fundamental em 4 de novembro de 1937. Não era ousadia nossa, pois sabíamos a quem confiávamos as obras. E a prova aí está bem patente, a despertar-nos suma alegria no ato inaugural de 8 de dezembro próximo, derramando nosso coração agradecido aos pés do altar da Imaculada", escreveu Dom José Carlos de Aguirre no singelo convite que fez distribuir para a inauguração de sua 'menina dos olhos'.

Ponto alto nessa ocasião foi ainda o descerramento e bênção da bela e fulgurante imagem de Cristo Mestre, colocada à entrada principal do edifício e idealizada pelo artista plástico Carlos Oswald,

o mesmo que fizera estudos e desenhos para o Monumento do Cristo Redentor, afixado no Corcovado, no Rio de Janeiro, e esculpida pelo artista Jacinto Itigueras Hijo. "Aqui está o nosso Seminário que pobres e ricos edificaram para servir de teto à Escola dos ministros do Senhor", foram palavras emocionadas de Dom Aguirre também nesse dia, como recordado por Monsenhor Luiz Castanho de Almeida ainda em sua obra de referência de meio século atrás, 'A Diocese de Sorocaba e seu Primeiro Bispo', acrescentando: "Até 1954 (o Seminário 'São Carlos Borromeu') deu 26 sacerdotes e cerca de 500 ex-alunos para as atividades humanas e cristãs em meio do mundo. O bem que esses ex-alunos fazem na sociedade e os sacerdotes na Igreja compensa os sacrifícios da Obra das Vocações e engrandece o Bispo que tudo isso promoveu". A 4 de novembro de 1957, no 18º aniversário do Seminário 'São Carlos Borromeu', a convite de Dom Aguirre o então bispo-auxiliar de São Paulo, Dom Antônio Ferreira de Macedo, redentorista, depois arcebispo de Aparecida, vem à cidade para sagrar o altar-mor de sua Capela.



O Seminário Menor Diocesano recebendo muros definitivos, em uma fotografia do início dos anos 1960.

Ainda em 8 de dezembro de 1959, em sua última Carta Pastoral, Dom Aguirre, que em 1966, quando as circunstâncias levam a Diocese a se desfazer do Palácio Episcopal da rua XV de Novembro, passa a tê-lo como seu novo endereço - isto até 1970, quando as reformas conciliares emanadas do Vaticano II forçam o fechamento, pelo menos temporário, das portas do velho Seminário -, não deixa de manifestar publicamente sua paternal solicitude para com o Seminário Diocesano 'São Carlos Borromeu': "Nosso Seminário 'São Carlos Borromeu', iniciado com vinte alunos, foi aumentando esse número à medida que iam sendo inaugurados outros pavilhões. Agora, ao completar seus 20 anos, tem a ufania de oferecer à Igreja 25 sacerdotes saídos de seus bancos escolares. Se nem todos os seminaristas atingem o sacerdócio, não é de se desanimar... que de todo não se perdem, pois estaremos então oferecendo à sociedade civil cidadãos úteis no campo intelectual, econômico e, sobretudo, capazes cooperadores da hierarquia na Ação Católica".

Tempos novos para o Seminário

Se entre as grandes obras de Dom Aguirre estava a construção do Seminário Menor "São Carlos Borromeu", inaugurado em 1939, com a conclusão apenas da primeira ala, os anos 1960 suscitaram momentos de apreensão e incertezas em meio ao clima de ebulição vivido pela Igreja no mundo todo e assim também em Sorocaba, com o desenvolvimento do Concílio Vaticano II, coincidindo ainda com a chegada e posse de Dom José Melhado Campos, primeiramente como bispo coadjutor de Dom José Carlos de Aguirre e, logo depois, como administrador apostólico 'sede plena'. "Ao chegarmos a Sorocaba, uma grande alegria e esperança apossou-se do nosso coração ao verificar a presença de tantos jovens seminaristas dentro

das paredes do grande Seminário. Era uma feliz promessa para o futuro do clero da Diocese. Qual, porém, não foi nossa grande decepção quando, pouco tempo depois, verificamos a impossibilidade de prosseguirmos as atividades do Seminário. Os padres que estavam na sua direção – reitor, diretor espiritual e prefeito da Disciplina – apresentaram todos a renúncia de seus cargos. Nenhum outro padre se dispunha a assumir a direção do Seminário. Quase a totalidade dos padres da Diocese era favorável ao fechamento, à maneira do que vinha acontecendo na maioria das dioceses do Brasil. Foi aquela fase triste de tantos padres que renunciaram ao próprio ministério. Não obstante, fomos tentando manter ainda o curso colegial no Seminário", testemunharia anos depois Dom José Melhado, relembrando acontecimentos que, não muito tempo depois de sua chegada, certamente exigiram do Bispo Administrador Apostólico noites e noites de reflexão e orações passadas em claro, ajoelhado diante do Sacrário da capela improvisada em sua residência provisória, próxima ao Mosteiro de Santa Clara, no Jardim Vera Cruz.

Críticas e mais críticas também chegavam de todos os lados, da imprensa, de setores da sociedade sorocabana a não compreender muito bem as motivações da inesperada decisão e mesmo de minoria de consagrados. "O novo bispo fechou o Seminário" era a voz corrente daqueles que preferiam as críticas, a se aprofundar e rezar para que as tormentas que sacudiam a barca de Cristo, as Igrejas, em meio aos revoltos ventos pós-conciliares, passassem logo. "Entretanto – são palavras textuais ainda de Dom José Melhado -, ao voltarem das férias os alunos não conseguiram matricular-se em escolas públicas para continuarem o Curso Colegial, porque os diretores não reconheciam a equivalência dos estudos do Seminário. Os alunos voltaram, então, para as suas paróquias de origem, onde continuariam

seus estudos, assistidos por sacerdotes que haviam se dispostos a acompanhá-los se continuassem acolhidos no Seminário e estudando em escolas públicas. No Seminário, ficaram apenas os alunos de Filosofia, sob a direção de Monsenhor Misiara e frequentando a Faculdade da Fundação Dom Aguirre. Mais tarde, passaram a residir na rua Santa Terezinha, 187 (hoje residência das Irmãzinhas da Imaculada Conceição). E o casarão do Seminário ficou vazio...". (Um seminarista que cursava o Colegial – padre Marivaldo de Oliveira, natural de São Miguel Arcanjo, agora na Paróquia de Santa Catarina, em Tapiraí – ficou na cidade, frequentando o Colégio Salesiano 'São José' e morando com o Bispo, a esta altura já instalado na nova Residência Episcopal, construída no início da avenida Dr. Eugênio Salerno, ao lado do Seminário. Outros três seminaristas que já haviam concluído a Filosofia - Isac Isaías Valle, Serafim Petrosky e Benedito de Jesus Halter – foram, em 1970, enviados a Roma, para o curso de Teologia, residindo no Pontifício Colégio Pio-Brasileiro).

Numa segunda fase, já no final de 1975, em reunião do Conselho Diocesano de Presbíteros foi decidido reabrir o Seminário. "Não nos conformávamos com a situação de não ter outros seminaristas que nos garantissem a ordenação de padres nos anos futuros. No final do ano de 1975, conseguimos motivar nossos assessores para reabrir o Seminário no início do ano seguinte. Não seria um Seminário Menor, mas um Seminário Filosófico. Não seria instalado no prédio anterior por ser considerado grande demais, sendo então alugada uma casa no final da rua Dr. Nogueira Martins, próximo à Rodoviária, e o pequeno número de seminaristas frequentaria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Fundação Dom Aguirre. Padre Lívio Cagliari aceitou o cargo de reitor". O Seminário foi aberto no primeiro semestre de 1976, com um grupo de seis jovens. Desses, três perseveraram até o

sacerdócio: padre Milton de Campos Rocha (com a divisão de 1998, transferindo-se para a nova Diocese de Itapetininga, permanecendo à frente da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Tatuí, sua terra natal, por muitos anos e falecido em 2018, há algum tempo residindo no Lar São Vicente de Paulo local e ali trabalhando como capelão, até onde suas complicações de saúde causadas por níveis muito altos de diabetes o permitiam), padre Mário Miranda (falecido) e padre Marivaldo de Oliveira" (até o início deste 2024 pároco na Cristo Rei, no Parque das Laranjeiras, onde chegara nos anos 2010).

Depois que o proprietário pediu a casa da rua Dr. Nogueira Martins, foi feita uma pequena reforma às pressas na ala do Seminário 'São Carlos Borromeu', onde residiam as Irmãs da Providência, e o grupo de seminaristas foi transferido para lá. Com o aumento dos alunos, também vindos das dioceses de Itapeva e Jundiaí, teve início curso de Filosofia ministrado no próprio Seminário. Para isso, escreve Dom José Melhado, "foram convidados ótimos professores".

Foi novo período de ascensão da formação seminarística em Sorocaba, logo também com reabertura do chamado 'Seminário Propedêutico', na mesma área restaurada do velho Seminário para onde voltaram os seminaristas filósofos, agora preparada para acolher igualmente jovens e adolescente vocacionados ao sacerdócio em fase adiantada de estudos no Ensino Médio e que, assim, ali poderiam realizar com mais amplitude seu inicial discernimento vocacional.

Não tardaram, de outro lado, a suceder-se, por conseguinte, as ordenações sacerdotais como fruto desses novos tempos e revigoramento seminarístico, ocorrendo sempre a cada ano de serem consagrados para o clero secular local dois, três ou até mais novos presbíteros formados no nosso 'São Carlos Borromeu'.

Um novo prédio para o Seminário Filosófico



Nos anos 2000, no bairro de Aparecidinha surge o Seminário Arquidiocesano Filosófico, sonho acalentado por duas décadas por Dom José Lambert.

A chegada dos anos 2000 deu espaço à concretização de um sonho que o arcebispo Dom José Lambert acalentava em seu coração de Pastor há uns bons anos, com a construção, em tempo recorde de menos de três anos, de novo, amplo e moderno prédio para abrigar o Seminário Filosófico Arquidiocesano 'São Carlos Borromeu', no bairro histórico de Aparecidinha, ao lado do Santuário Novo, na avenida Dom José Melhado Campos. Foi implantado numa área de 24 mil metros quadrados (um alqueire), constituído de arrojado complexo arquitetônico em três blocos de dois andares cada um, tendo ao centro ampla capela dedicada a São Carlos Borromeu, padroeiro universal dos seminários e dos seminaristas, com a Via-Sacra em forma de pequenas cruzes de granito fixadas nas colunas do lado de fora do templo. Pelo projeto do engenheiro José Antônio de Milito, executado sob a supervisão do então administrador da Mitra Arquidiocesana, padre Tadeu Rocha Moraes, pároco da Catedral, para a Capela ao centro da área convergem todos os blocos ali edificados,

totalizando 3 mil metros quadrados de área construída, com capacidade para abrigar até 60 estudantes. São 64 quartos individuais, além das demais dependências comunitárias e de uso comum, como cozinha, refeitório, biblioteca e salas de estar e estudo, além de um moderno miniauditório, com 82 lugares. Muitos móveis eram novos, porém boa parte foi reaproveitada ainda do Seminário histórico da avenida Dr. Eugênio Salerno.

As três imagens junto ao altar-mor da Capela – Cristo Crucificado ao centro, uma Nossa Senhora e São Carlos Borromeu – foram esculpidas em madeira pelo artesão catarinense Werner Thaler, com outros trabalhos recentes em Sorocaba, como na Catedral Metropolitana e na nova Matriz de Santa Rita de Cássia, em Vila Santana.

A inauguração desse novo Seminário Filosófico ocorreu a 4 de julho de 2004, em meio às festividades pela passagem do jubileu de 80 anos de criação da (Arqui)Diocese e que serviram também de coroamento do episcopado do terceiro bispo e primeiro arcebispo, que ao comemorar duplamente no período 50 anos de sacerdócio e 75 anos de idade via concretizados, assim, esforços de quase 25 anos materializados nessa inauguração, às vésperas de entrar na emeritude, com a designação de seu sucessor pela Santa Sé.

Após a solene missa pontifical oficiada na Catedral Metropolitana, sob a presidência de Dom José Lambert, com a participação de dezenas de padres e muitos bispos, alguns que chegaram ao Episcopado formando-se no Seminário 'São Carlos Borromeu' para o clero local, como o então arcebispo metropolitano de Botucatu, Dom Antônio Maria Mucciolo, e o bispo emérito de Araçatuba, Dom José Carlos Castanho de Almeida, em carreata todos seguiram, acompanhados de convidados e autoridades, incluindo o prefeito Renato

Amary, para o bairro de Aparecidinha, para as cerimônias inaugurais do novo Seminário. A crônica jornalística da ocasião registrou que a inauguração foi cercada de muita simplicidade e informalidade, com o padre Tadeu Rocha Moraes, viabilizador da obra por incumbência de Dom José Lambert e do Conselho Arquidiocesano de Presbíteros e que acompanhou de perto todo o seu desenrolar, com muitos, inclusive, brincando ser ele o 'engenheiro' ou 'arquiteto' auxiliar, um 'faz tudo' pela concretização da construção, discorrendo sobre o projeto e seu desenvolvimento. Ao arcebispo metropolitano de Sorocaba coube, em meio a muita alegria e emoção contagiante, presidir o ritual próprio e proceder a bênção das novas instalações do Seminário, percorrendo todas as suas dependências para a aspersão.

75 anos de Seminário 'São Carlos Borromeu'

Foi em 2014, no sábado 1º de novembro, que como ocorrera em 1989 quando do cinquentenário sob a égide de Dom José Lambert, que bispos, padres e muitos ex-seminaristas que décadas anteriores passaram por suas históricas dependências na avenida Dr. Eugênio Salerno, se reuniram na agora Igreja Matriz da Paróquia ali instalada, para reverenciar a passagem do 75ª aniversário de inauguração do Seminário Menor Diocesano 'São Carlos Borromeu', ocorrida a 4 de novembro de 1939. Presidiu a solene missa de ação de graças o arcebispo metropolitano Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues. A seu lado, Dom José Carlos Castanho de Almeida, bispo-auxiliar da Diocese de Santos, bispo diocesano de Itumbiara (GO) e primeiro bispo da Diocese de Araçatuba, que então já emérito voltara a residir com a família em Sorocaba, e muitos sacerdotes formados naquela casa seminarística, do clero local ou exercendo o presbiterato em outras

regiões, como Monsenhor Jamil Nassif Abid, então vigário-geral da Diocese de Piracicaba (agora pároco emérito de sua Catedral de Santo Antônio), que concluído seus estudos por aqui as circunstâncias do momento pós-conciliar o levaram a ser ordenado e exercer seu ministério dentro da vizinha circunscrição eclesiástica.

Abrilhantou a liturgia o Coral '*Gaudentes in Domino*', dedicado, sobretudo, à preservação do canto gregoriano em Sorocaba e integrado por muitos antigos alunos do 'São Carlos Borromeu'. Em sua homilia, aliás, Dom Eduardo Benes também fez questão de destacar, ao lado de bispos e padres que deviam sua exemplar formação humana e teológica à Obra 'menina dos olhos' de Dom Aguirre, a salutar formação humanística e cristã católica ali recebida pelos seus ex-alunos que, mesmo não atingindo o presbiterato, "hoje dão importante contribuição à sociedade e à família onde estão inseridos, graças justamente a essa formação religiosa, moral e intelectual aqui recebida".

Novos tempos para o antigo e histórico Seminário

A revitalização e renovação dos ambientes do antigo e histórico prédio do Seminário 'São Carlos Borromeu', assim como de outros espaços importantes do patrimônio da Igreja Particular de Sorocaba, também constituem significativo marco dentro das comemorações alusivas ao centenário de sua criação em 2024, como tem destacado o arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine. Desde meados de 2022, paulatinamente importantes organismos eclesiais de governo da Arquidiocese já começaram a ser alocados no vetusto edifício do Seminário, na avenida Dr. Eugênio Salerno, bairro de Santa Terezinha, como a Cúria, a Mitra, o Arquivo Arquidiocesano e o Tribunal Eclesiástico; na sequência, os próprios seminaristas filósofos e de Teologia

também passam a morar nas alas superiores do prédio do velho Seminário, para onde será transferida igualmente a Residência Episcopal, desde a década de 1990 estabelecida em Vila Santana, ao lado da Paróquia de Santa Rita de Cássia. "O bispo ficará, assim, de olho em seus seminaristas e os seminaristas de olho no bispo", brinca Dom Julio.

Desde o final dos anos 60 do século passado, com a desativação irreversível do então Seminário Menor Diocesano 'São Carlos Borromeu', o prédio passou, na realidade, por uma série de destinações como um todo ou em parte, tanto acolhendo organismos da própria Igreja, como locado a entes do Poder Público e privados. Um dos primeiros locatários foi o Governo Estadual, que por anos manteve ali funcionando a Escola Técnica Estadual (Etec) "Dr. Fernando Prestes", até o término da construção de sua sede própria na rua Natal, no Jardim Paulistano. Parte dele, concomitantemente, recebeu por bom período igualmente o Seminário Filosófico e os seminaristas do Propedêutico (os jovens e adolescentes vocacionados ao sacerdócio que ainda estão em fase de conclusão do Ensino Médio ou, tendo-o concluído, passam por um período de discernimento antes de iniciar a Filosofia), a Cúria e a Mitra e serviu ainda, já depois da Escola Técnica, como Centro Pastoral e sede dos secretariados dos movimentos de Cursilhos de Cristandade e de Emaús. Na sequência, ali estiveram também o Câmpus Seminário da Uniso (Universidade de Sorocaba) e sua Universidade da Terceira Idade em alas consideráveis do prédio e, já nos anos 2000, várias secretarias e departamentos municipais, durante sua locação à Prefeitura local.

Relembra Dom Julio que, quando de sua chegada a Sorocaba no início de 2017 ou pouco depois, o prédio do Seminário estava, assim, novamente desocupado e disponível à locação. A intenção de alugá-lo outra vez, em meio, porém, à retenção do mercado imobiliário, desembocou logo numa certeira inspiração, provocando

profundas reflexões no sentido de a própria Arquidiocese buscar utilizá-lo novamente, otimizando seu uso a serviço da Igreja, como pontua Dom Julio. Sua localização central, a excelência de sua construção e principalmente toda sua história foram determinantes, uma vez mais, para "trazer para o presente, valores que estivessem na base da fundação da Igreja Particular de Sorocaba".

"Buscamos com isso também resgatar a história centenária da Arquidiocese, mas não só no sentido de um resgate da memória e pronto e sim um resgate igualmente de atualização, preservando-se aquilo do passado que é importante e deve continuar sempre presente, ou seja, olhando-se para o passado, porém não só com um olhar documental, para que seja uma renovação do presente, de modo a trazer para este presente, assim, os valores que estiveram na base da fundação da Igreja Particular de Sorocaba. Então, foi por isso também que decidimos fazer essa reestruturação, para que isso tudo que esteve na base continue sendo importante para o desenvolvimento da Arquidiocese no futuro", assevera também o Arcebispo, sintetizando todas essas suas conjecturas motivacionais numa frase bem sintética: "Trazer para o presente, valores do passado, para que eles, de fato, nos motivem e que a gente possa caminhar para o futuro mantendo nossa identidade histórica".

É Dom Julio Akamine quem ainda esclarece que, a princípio, a decisão caminhava em direção de trazer de volta ao velho Seminário apenas os cursantes da Filosofia e da Teologia (os do Propedêutico continuarão na Casa Seminarística instalada em Vila Angélica, facilitando sua locomoção às escolas de Ensino Médio da região e o convívio vocacional). Logo, porém, viu-se que seria enorme o espaço do prédio que ficaria completamente ocioso, daí a ideia já em implementação de concentrar também ali outros organismos arquidiocesanos, a começar justamente pela administração central da Igreja em Sorocaba,

compreendendo inicialmente, então, a Cúria, a Mitra e o Arquivo Arquidiocesano, então instalados em acanhadas dependências da antiga Residência Episcopal que acolheu nos anos 70 e início dos anos 80 os bispos Dom José Melhado, Dom Amaury Castanho e Dom José Lambert. Depois também o Tribunal Eclesiástico Interdiocesano para ali se deslocou, com implantação de secretaria, sala de audiência e gabinete do juiz-presidente, liberando-se o prédio que ocupava ao lado da igreja matriz de São Carlos Borromeu e do próprio Seminário, com entrada pela rua Pernambuco, que após passar por alguns trabalhos de conservação voltará a ter a destinação planejada quando de sua construção em meados dos anos 70 por Dom José Melhado e seu ecônomo Monsenhor Antônio Simon Sola, que era servir de Lar Sacerdotal, acolhendo os padres mais idosos ou temporariamente fora do ministério paroquial[25].

[25] Quando da construção na rua Pernambuco na metade da década de 70, em área contígua ao Seminário e igreja matriz de São Carlos Borromeu, de casa para abrigar o chamado Lar Sacerdotal, Dom José Melhado Campos confessava que a inspiração maior lhe vinha de poder oferecer principalmente a Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, o historiador Aluísio de Almeida, recolhido desde os anos 40, com o agravamento dos sintomas da doença degenerativa (tifo preto) que o acometera logo depois de sua ordenação presbiteral em 1927 e limitava cada vez mais o exercício pleno de seu ministério pastoral, ao sobradinho de propriedade familiar da rua Ruy Barbosa, no bairro do Além-Ponte, maior conforto, tanto em cuidados, como em termos de convivência fraterna com outros sacerdotes, sobretudo aqueles mais idosos e/ou limitações várias. Porém, concluída a construção e às vésperas de completar, a 8 de maio de 1977, seu jubileu de ouro de ordenação sacerdotal, escreveu Monsenhor Castanho a seu bispo extensa carta declinando do convite, em meio a uma série de plausíveis justificativas, "diante de minhas debilitadas condições físicas e acharques que a idade traz". Por muitos anos, contudo, o Lar Sacerdotal pode atender a suas finalidades, acolhendo muitos sacerdotes, alguns idosos e já eméritos, outros ainda no exercício do ministério, inclusive à frente de paróquias ou da formação de novos padres, como cônego Francisco Lyrio de Almeida, padre Lívio Calliari, o cônego premonstratense Emile Lhermitte, padre Isac Isaías Valle e padre Inácio Kriguer, estes três últimos, inclusive, como párocos de São Carlos Borromeu (Seminário), antes da desativação da casa e aluguel do imóvel para outras finalidades, como Distrito Policial, locada à Secretaria de Estado da Segurança Pública, e sede da Fundação Dom Aguirre, mantenedora da Uniso.

Paulatinamente, as obras de revitalização, adaptação e atualização das instalações internas do edifício do Seminário foram sendo realizadas a partir de 2021/2022, sempre agora, assim, já no objetivo de concentrar num único local a sede da Arquidiocese e seus organismos centrais, além do Seminário propriamente. Seu piso térreo, logo à entrada, inclusive com a histórica imagem do Bom Pastor de 1954 restaurada em sua beleza natural, foi logo disposto de tal modo para acolhimento da Cúria, o gabinete do Arcebispo e salas para o chanceler do Arcebispado e secretaria, entre outras dependências administrativas, além da Capela. No edifício dos fundos, circundando o jardim interno onde ficava no passado histórico 'relógio de sol'[26], no mesmo piso estão o Tribunal Eclesiástico, ampla sala de reuniões, o Arquivo Arquidiocesano, departamento de TI, a Mitra e os gabinetes do ecônomo e do vigário-geral da Arquidiocese. Nas alas do piso superior, ficarão os dormitórios dos seminaristas, que terão seu refeitório, salas de estudo e outras dependências no subsolo, e o apartamento episcopal.

Externamente, por outro lado, o prédio do Seminário não teve nenhuma alteração, visto não poder ter sua fachada alterada ou descaracterizada em hipótese alguma, em vista de tombamento

[26] Fixado sobre um pedestal de cimento no pátio interno do Seminário 'São Carlos Borromeu' esteve, por décadas, um histórico 'relógio de sol', fundido na Real Fábrica de Ferro de São João de Ypanema depois que, na sessão da Câmara Municipal de Sorocaba de 18 de janeiro de 1838, o padre Joaquim Gonçalves Pacheco, que era vereador, apresentou requerimento para que houvesse "a colocação de um relógio meridiano no centro do pequeno largo que ficava em frente à Igreja Matriz, próximo à casa de Antônio Góes Teixeira", mais ou menos onde hoje se encontra uma banca de jornais e revistas próxima à Catedral Metropolitana. Mais tarde, por volta de 1924, foi dali retirado, indo para algum outro ponto que os memorialistas sorocabanos não conseguem precisar, até que com a construção do Seminário foi alocado em seu pátio interno, sempre indicando as horas conforme a projeção da luz solar. Doado à Fundação Dom Aguirre por Dom José Lambert quando da criação da Arquidiocese em 1992, foi transferido outra vez e chantado nos jardins da Cidade Universitária, na Rodovia Raposo Tavares, em frente ao Bloco F, em 2001, em meio às comemorações do sétimo aniversário de implantação da Uniso (Universidade de Sorocaba).

como patrimônio histórico e arquitetônico do Município incidente sobre ele, consoante à legislação estabelecida pela Prefeitura, com aprovação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico. Apenas o ajardinamento está previsto para ser repaginado e melhorado, recebendo ainda o Monumento do Centenário, a 4 de julho de 2024.

Também o Instituto Superior de Teologia "Papa João Paulo II" foi contemplado com expressiva ala também no piso térreo do Seminário, dotada inclusive de amplo auditório (o antigo auditório do 'São Carlos Borromeu', palco de memoráveis apresentações inclusive cênicas e musicais por parte dos seminaristas, e depois conhecido como Salão Verde da Uniso). Suas salas de aula e demais instalações pedagógicas, incluindo a Biblioteca, puderam igualmente assim ser ampliadas enormemente, ao mesmo tempo que com a transferência o Centro Arquidiocesano de Pastoral 'Dom José Melhado Campos' vê ampliadas suas instalações, ganhando mais espaços disponíveis para o desenvolvimento das atividades pastorais da Arquidiocese. Concomitantemente, aliás, o prédio do Seminário Filosófico, construído no bairro de Aparecidinha, ao lado do Santuário Novo, com a saída dos seminaristas filósofos, passará por necessária revitalização que o prédio está a exigir, depois de transcorridas duas décadas de sua utilização, e será disponibilizado para outras finalidades. O projeto, adianta ainda o arcebispo, é transformá-lo numa espécie de Casa de Retiros e de Encontros da Arquidiocese, disponível também ao uso das pastorais e movimentos eclesiais locais e, inclusive, de outras dioceses, contando o prédio com quartos para pernoite, auditório, capela, refeitório, cozinha, estacionamento e até quadra para práticas esportivas e outras atividades lúdicas ao ar livre. A renda obtida seria revertida para a manutenção da Casa.

APÊNDICE C - DE DIOCESE À ARQUIDIOCESE DE SOROCABA



Como legado pontifício, ao investir ao ombro de Dom José Lambert o pálio arquiepiscopal, o Cardeal Arns dava por instalada a Arquidiocese de Sorocaba, em 4 de julho de 1992.

Foi a 4 de julho de 1992, exatos 68 anos depois da assinatura pelo Papa Pio XI da bula 'Ubi Praesules' (Onde os bispos...), criando a Diocese e designando a cônego José Carlos de Aguirre como seu primeiro bispo, que aconteceu a solene instalação da Arquidiocese de Sorocaba[27], durante Celebração Eucarística realizada no Ginásio Municipal de Esportes, em Vila Hortência, sob a presidência do cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, como legado pontifício. Concomitantemente, era Dom José Lambert, terceiro bispo diocesano, investido como primeiro arcebispo metropolitano, com a imposição do pálio arquiepiscopal solenemente realizada pelo Cardeal Arns, junto com o bispo emérito Dom José Melhado Campos. Automaticamente, a partir de então estava também instalada a Província Eclesiástica de Sorocaba, tendo como sufragâneas da nova Sé Metropolitana as dioceses de Itapeva, Jundiaí e Registro, antes também vinculadas à Província Eclesiástica de São Paulo – Itapetininga viria depois.

[27] A Arquidiocese de Sorocaba foi a sexta e última criada no Estado de São Paulo pela Sé Apostólica. As anteriores foram as arquidioceses de São Paulo (1908), Campinas, Botucatu, Ribeirão Preto e Aparecida.

A Arquidiocese fora criada pelo Papa São João Paulo II a 29 de abril, pela bula "Brasiliensis Fidelis" ('Ao fiel povo brasileiro...'), como fruto de empenho pessoal que de há muito vinha realizando o Cardeal Arns junto à Santa Sé pela ressignificação e descentralização da vida eclesiástica em território mais próximo a São Paulo, em vista da expansão urbana acelerada da região. O primeiro passo já havia sido dado quatro anos antes, quando o Vaticano autorizara a divisão do então vasto território da Arquidiocese de São Paulo, a maior metrópole cosmopolita das três Américas (Norte, Central e Sul), com a criação de quatro novas dioceses: Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista. Em consequência, Dom Paulo Evaristo passa a propugnar também pela constituição de nova Província Eclesiástica mais ao sul do Estado, com sede em Sorocaba. Quando do anúncio da criação da Arquidiocese, embora aguardada, o próprio Dom José Lambert se surpreendera com a informação que recebia uma semana antes da Santa Sé e confirmada em Brasília pelo núncio apostólico, Dom Carlo Furno, pois aguardava a decisão mais para o final do ano, pois a documentação que encaminhara com o respaldo dos bispos das dioceses sufragâneas – Itapeva, Jundiaí e Registro - só seguira a Roma no final de fevereiro. Aliás, ao Episcopado brasileiro o próprio núncio apostólico se incumbira de comunicar a novidade naquela manhã da quarta-feira 29 de abril, coincidentemente por ocasião da missa de abertura da 30ª Assembleia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em Itaici.

Agora arcebispo e metropolita, Dom José mira outros empenhos reclamados canonicamente por dever de ofício pela instalação da Arquidiocese/Província Eclesiástica, como a criação do curso universitário de Teologia e do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano. Paralelamente, aceleram-se os trabalhos objetivando a criação de nova diocese desmembrada de Sorocaba, constituída pelas regiões

pastorais de Tatuí e Itapetininga. Inclusive, ouvido o Conselho de Presbíteros, envia-se a Itapetininga padre Mário Donato Sampaio[28], concluído o período em que permanecera em Brasília como secretário-executivo da CNBB, como titular da Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres (hoje Catedral) e vigário episcopal, com a incumbência de preparar as bases da nova circunscrição eclesiástica.

Duas dioceses filhas de Sorocaba



Matriz de Sant'Ana, de Itapeva, foi transformada em Catedral em 26 de julho de 1968.

[28] Monsenhor Mário Donato Sampaio, que faleceu a 8 de agosto de 2021 em Itapetininga, aos 85 anos de idade, egresso, como tantos outros, do Seminário 'São Carlos Borromeu', foi ordenado sacerdote na Catedral de Sorocaba por Dom Aguirre a 8 de dezembro de 1961, junto com outros quatro colegas. Estimadíssimo por aqui, dirigiu paróquias como a de São José Operário, em Vila Progresso, e a de São João Batista e da Imaculada Conceição, em Votorantim, sendo um dos primeiros motivadores a incentivar e dirigir cursos de Teologia voltados a leigos em Sorocaba nos anos pós-Concílio Vaticano II. No final dos anos 70, Dom José Melhado Campos aquiesceu apelo de Dom Luciano Mendes de Almeida, então bispo-auxiliar de São Paulo e recém-eleito secretário-geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), liberando-o para trabalhar com ele em Brasília. Vencido esse período, quando retornou, já no final dos anos 80, foi enviado por Dom José Lambert a Itapetininga, como vigário episcopal e pároco da Matriz e futura Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres, com a incumbência maior de preparar as bases para a criação da futura Diocese.

Do extenso território estabelecido cem anos atrás pela Santa Sé como domínio canônico da nova Igreja Particular de Sorocaba, indo até às barrancas do rio Paraná, abrangendo, assim, grande número de municípios mais a sudoeste do Estado, duas outras dioceses foram desmembradas da circunscrição-mãe. Uma primeira divisão territorial da Diocese de Sorocaba, na década de 1960 uma das maiores, senão a maior do Estado de São Paulo, pelo menos em extensão geográfica, ocorreu pouco mais de dois anos depois da chegada por aqui de Dom José Melhado Campos, como coadjutor e, logo em seguida, administrador apostólico 'sede plena', com a criação canônica pelo Papa São Paulo VI, a 2 de março de 1968, pela Bula 'Quantum Spei' ('Quanta Esperança'), da Diocese de Itapeva. Fora não muito tempo depois de assumir o governo pastoral e canônico-administrativo da Igreja Particular de Sorocaba que Dom José Melhado provocara seu clero quanto à oportunidade de uma redivisão territorial da extensa Diocese, tantas e tantas vezes percorrida arduamente por Dom Aguirre em visita pastoral – ele próprio uma ou duas vezes também o fizera, só ou acompanhado pelo primeiro bispo. A concordância imediata foi unânime, após ponderações, madura reflexão, estudos e consultas, e para Itapeva foi enviado, no início de 1967, Monsenhor Benjamim de Souza Gomes[29], para preparar o processo de criação da nova Diocese, com todos os dados necessários, e, sobretudo, motivar os padres,

[29] Monsenhor Benjamin de Souza Gomes, que aceitara a incumbência, como vigário-geral da Diocese de Sorocaba e pároco da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, de se transferir para Itapeva para preparar terreno para a criação da Diocese, foi pouco depois elevado ao Episcopado pelo próprio papa Paulo VI e nomeado primeiro bispo da Diocese de Paranavaí, no interior do Paraná. Baiano de Ouriçangas, onde nasceu a 27 de novembro de 1911, foi ordenado padre por Dom Aguirre, na Catedral de Sorocaba, a 8 de dezembro de 1941. Foi sagrado bispo no dia 9 de junho de 1968, pelo Cardeal Sebastião Baggio, então núncio apostólico no Brasil, tendo como consagrantes dois dos bispos com quem trabalhou na Diocese de Sorocaba, Dom José Melhado Campos e Dom Almir Marques Ferreira.

religiosos, religiosas e os futuros diocesanos sobre a nova realidade eclesial que se avizinhava, assim como levantar o patrimônio e imóveis para a residência do Bispo e instalação da Cúria Diocesana.



Monsenhor Benjamin de Souza Gomes, depois bispo de Paranavaí (PR), como vigário-geral da Sé de Sorocaba foi enviado a Itapeva, para lançar bases para a nova Diocese.

Como vigário episcopal de Itapeva, com todas as prerrogativas pertinentes, Monsenhor Benjamim não teve grande dificuldade para em tempo recorde, ao contrário do que se esperava, reunir toda

a documentação a ser enviada à Santa Sé, mesmo porque já havia sido por bons anos o pároco local e granjeava de grande estima na região, principalmente entre os itapevenses. O Vaticano também agiu com celeridade e logo a nova Diocese estava criada, abrangendo as paróquias de Itapeva, Barão de Antonina, Buri, Capão Bonito, Coronel Macedo, Guapiara, Itaberá, Itaí, Itaporanga, Itararé, Paranapanema, Ribeirão Branco, Riversul e Taquarituba, mais duas paróquias da Diocese de Santos (Apiaí e Ribeira) e outras duas cedidas por Botucatu (Fartura e Taguaí), numa extensão de 16 mil quilômetros quadrados mais ou menos e uma população de 375 mil habitantes.



Dom Sílvio Maria Dario, primeiro titular, em audiência com o Papa São Paulo VI, que criara a Diocese de Itapeva.

Para primeiro bispo diocesano, no mesmo dia da criação da Diocese foi nomeado Dom Sílvio Maria Dário, bispo-auxiliar da Diocese de Botucatu, a cujo clero pertencia, desde 2 de maio de 1965. A instalação da Diocese e posse solene do primeiro Bispo aconteceram a 26 de julho de 1968, na festa litúrgica em honra de Sant'Ana, mãe de Maria Santíssima e avó do Menino-Deus, padroeira de Itapeva. A missa solene foi presidida pelo bispo diocesano de Sorocaba, Dom

José Carlos de Aguirre, como delegado do então núncio apostólico no Brasil, Dom Sebastião Baggio. Presentes ainda muitos bispos, como o cardeal-arcebispo de São Paulo, Dom Agnello Rossi; Dom José Melhado Campos, Dom Henrique Golland Trindade, bispo e futuro arcebispo de Botucatu; Dom Vicente Marchetti Zioni, Dom José Thurler e Dom David Picão, bispo diocesano de Santos. Procedeu a leitura das bulas pontifícias padre Luiz Bazzo, então pároco de Itapeva.

Dom Sílvio Maria Dário permaneceu à frente da Diocese de Itapeva por seis anos. Acometido de grave enfermidade cardíaca e depois de permanecer internado por mais de cinquenta dias no Hospital Santa Lucinda, em Sorocaba, e no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, onde foi submetido à delicadíssima intervenção cirúrgica, veio a falecer a 1º de maio de 1975, véspera de seu 9º aniversário de ordenação episcopal. Sepultado na cripta da Catedral de Sant'Ana, viria a ser substituído no Bispado de Itapeva por Dom José Lambert, futuro terceiro bispo titular e primeiro arcebispo de Sorocaba. Na sequência, vieram Dom Fernando Legal SDB, Dom Alano Maria Pena OP, Dom José Moreira de Melo, Dom Arnaldo Carvalheiro Neto, empossado em 2016 e ali permanecendo até 2022, quando transferido pelo Papa Francisco para a Diocese de Jundiaí, e Dom Eduardo Malaspina.

A Diocese de Itapetininga



Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, de Itapetininga, elevada à Catedral em 1998.

Passaram-se sete anos desde a criação da Arquidiocese para surgir a segunda filha da Igreja Particular de Sorocaba[30], a Diocese de Itapetininga, englobando-a as cidades que compunham as regiões pastorais de Itapetininga e Tatuí. Coube ao próprio arcebispo metropolitano Dom José Lambert proceder como legado pontifício, a 19 de julho de 1998, a instalação da nova Diocese, durante cerimônia na agora Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres. Criada pela Santa Sé em dezembro de 1996, somente quase dois anos depois, porém, pode ser instalada, após ter São João Paulo II a 15 de abril daquele ano, pela Bula

[30] Com a instalação canônica da Diocese de Itapetininga, a Arquidiocese de Sorocaba, além da cidade-sede, passou a ser constituída apenas de onze municípios, com uma população estimada em 1 milhão e 100 mil habitantes, de acordo com os dados consolidados pelo Censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas): Votorantim, Piedade, Tapiraí, Salto de Pirapora, Araçoiaba da Serra, Iperó, Porto Feliz, Boituva, Tietê, Cerquilho e Jumirim.

'Apostolicum Munus', nomeado seu primeiro bispo, na pessoa do então prepósito da Província Paulo VI do Brasil dos Cônegos Regulares (Teatinos), padre Gorgônio Alves da Encarnação Neto, CR, também titular da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, da cidade de Fartura.



Dom Gorgônio Alves da Encarnação Neto está à frente da Igreja de Itapetininga desde sua instalação, em 19 de julho de 1998.

Naquele domingo, o arcebispo de Sorocaba, oficializada a instalação da Diocese e antes da posse canônica de seu bispo, também conduziu, como sagrante, a ordenação episcopal de Dom Gorgônio, sendo consagrantes dois antigos bispos de Itapeva, onde o futuro prelado exercera por anos seu ministério sacerdotal, Dom Alano Maria

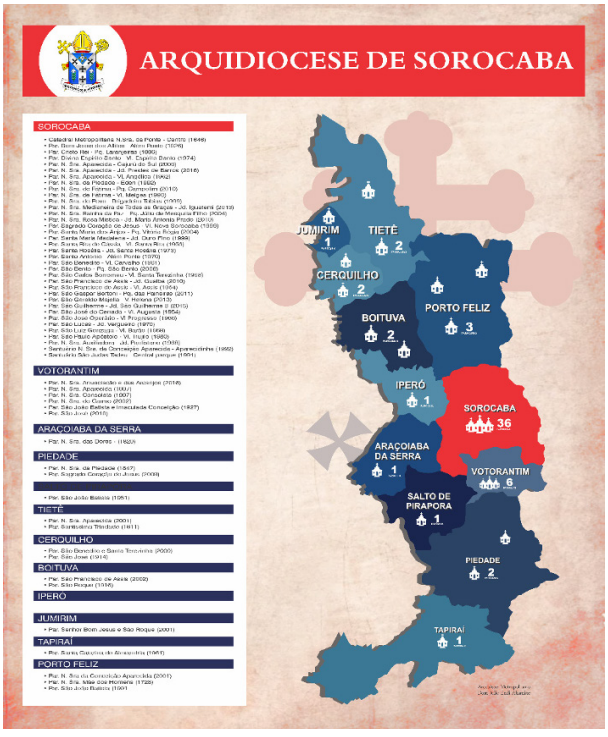
Penna, então bispo de Nova Friburgo e depois arcebispo de Niterói, as duas dioceses no Rio de Janeiro, e Dom Fernando Legal, bispo de São Miguel Paulista, na periferia de São Paulo.

Quinze municípios formaram a Diocese de Itapetininga, catorze desmembrados do território de Sorocaba (Itapetininga, Alambari, Angatuba, Campina do Monte Alegre, Capela do Alto, Cesário Lange, Guareí, Pilar do Sul, Porangaba, Quadra, São Miguel Arcanjo, Sarapuí, Tatuí e Torre de Pedra), mais Paranapanema, pertencente à Diocese de Itapeva, por razões geográficas.

Na realidade, porém, já em 1971 o então bispo coadjutor e administrador apostólico de Sorocaba, Dom José Melhado Campos, encaminhara ao Regional Sul-1 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), a pedido do próprio Regional, um primeiro estudo a propósito de proposta para a instalação da Diocese de Itapetininga, no bojo de projeto em elaboração pelo Episcopado paulista no sentido de propor à Santa Sé uma completa reorganização das circunscrições eclesiásticas presentes no Estado. Pela proposta, além da criação da Igreja Particular de Itapetininga, a Diocese de Sorocaba formalizava ainda quatro outras propostas: incorporação a ela das paróquias de São Roque, Mairinque e Ibiúna, então vinculadas à Arquidiocese de São Paulo/Região Episcopal de Osasco; incorporação à Diocese de Sorocaba do município de Itu (Diocese de Jundiaí); e oferecimento da Paróquia de Santa Catarina, da cidade de Tapiraí, à futura Diocese de Registro, e da Paróquia da Santíssima Trindade, de Tietê, à Diocese de Piracicaba.

Uma das justificativas elencadas por Dom José Melhado na ocasião, além da enorme extensão territorial, aparada com uma nova diocese centralizada em Itapetininga, era "a totalmente excêntrica posição geográfica da sede – Sorocaba". "Essa má conformação ficaria corrigida

por um encorpamento em direção da Capital. Por outro lado, São Roque, Mairinque, Ibiúna e Itu são cidades muito mais próximas, geográfica e culturalmente de Sorocaba do que de São Paulo e Jundiaí respectivamente". Contudo, apenas quase quinze anos depois o tema da criação da Diocese itapetiningana volta a ser encarado incisivamente, com o bispo diocesano Dom José Lambert dando passo decisivo para sua efetiva criação, com a designação de padre Mário Donato Sampaio, recém-reincorporado ao clero local depois de anos servindo ao Episcopado brasileiro em Brasília, nas funções de assessor direto de Dom Luciano Mendes de Almeida, então secretário-geral da CNBB, como vigário episcopal para aquela Região Pastoral, com incumbência específica de preparar terreno para a consolidação da nova Igreja Particular.



Configuração da Igreja Particular de Sorocaba em seu centenário.

APÊNDICE D - NOSSA SENHORA DA PIEDADE - PRIMEIRA BASÍLICA MENOR É PRESENTE PAPAL NO CENTENÁRIO DA ARQUIDIOCESE

Título concedido pelo Papa Francisco dignifica o povo piedadense, onde está a quinta paróquia mais antiga da Igreja Particular de Sorocaba hoje.



Construída entre 1849 e 1855, a Basílica N.S. da Piedade representa uma das joias da arquitetura do Interior paulista.

No ano de seu centenário, a Arquidiocese de Sorocaba também recebeu do Papa Francisco um significativo presente, que é a ereção canônica de sua primeira Basílica Menor, dedicada a Nossa Senhora da Piedade e formal e solenemente instalada pelo arcebispo metropolitano de Sorocaba, Dom Julio Endi Akamine, SAC, no dia 3 de fevereiro deste 2024. Situada no município de Piedade, trata-se a agora Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade da quinta paróquia mais antiga da Arquidiocese de Sorocaba e sua elevação de Igreja Matriz à Basílica Menor de direito pontifício é resultado de um longo processo iniciado em agosto de 2022, quando, após aprovação do Arcebispo e do conselho de presbíteros da Arquidiocese, foi enviada uma carta com o pedido ao então presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o arcebispo de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo. Em setembro do mesmo ano, a abertura do processo foi aprovada pelo Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos da Santa Sé, em Roma. Uma comissão foi, então, constituída junto à Paróquia de Nossa Senhora da Piedade pelo seu pároco, hoje primeiro reitor, padre Julio César Fernandes[31], para reunir as informações sobre a parte histórica,

[31] O padre Julio César Fernandes nasceu em 24 de março de 1978 em Itaporanga, próxima a Itapeva e que já integrou a Igreja Particular de Sorocaba. No início de 1983, sua família mudou-se para Votorantim, recebendo a Primeira Eucaristia e a Crisma na igreja de Nossa Senhora Consolata, no bairro do Rio Acima. Sua formação vocacional foi no Seminário Arquidiocesano de Sorocaba em três períodos: Seminário Propedêutico 'Bom Pastor' (1998), Seminário de Filosofia 'São Carlos Borromeu' (1999-2001) e Seminário de Teologia 'São José' (2002-2005). Em 13 de fevereiro de 2005, foi ordenado diácono na igreja de Cristo Rei, na Vila Nova Votorantim/Paróquia da Consolata, e no dia 23 de abril de 2006, pela oração e imposição das mãos de Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, recebeu o Presbiterato, em cerimônia litúrgica realizada na sede campestre do Clube União Recreativo, no Jardim Guadalajara. Seu lema ministerial é *"Meu Senhor e meu Deus"* (Jo 20, 28). Ordenado sacerdote, desenvolveu as funções de vigário paroquial no Santuário Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Aparecidinha) e Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Cajuru do Sul (2006), onde

estrutural, artística e religiosa da Matriz que postulava, assim, o título de Basílica Menor, preparando-se, inclusive, um significativo acervo de fotos da igreja, ilustrando todos os itens descritos, com dimensões e arquitetura do templo, espaços oracionais, imagens para veneração, objetos litúrgicos e sua própria história.

Em pouco tempo, a documentação necessária foi finalizada e enviada ao Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, isto em junho de 2023. Já no dia 6 de outubro seguinte, o arcebispo de Sorocaba recebia o decreto pontifício que conferia à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade o título e a dignidade de Basílica Menor.

também foi pároco (2007-2009), e vigário paroquial em São José do Cerrado (2010) e na Paróquia São Luiz Gonzaga, em Vila Barão (2011). Desde 10 de janeiro de 2012 está pároco na Paróquia Nossa Senhora da Piedade, agora seu primeiro reitor com a dignidade de Basílica Menor. Também já auxiliou diversos segmentos eclesiais, como coordenador arquidiocesano da Pastoral da Juventude, assessor religioso da Pastoral da Juventude na Arquidiocese e na Província Eclesiástica de Sorocaba, Conselheiro Espiritual da Equipe Jovem de Nossa Senhora Consolata e das Equipes de Nossa Senhora no Setor Votorantim, coordenador pastoral da Área Industrial - Região Sorocaba e da Região Pastoral Raposo e sub-secretário da Província Eclesiástica de Sorocaba do Regional Sul 1 da CNBB. Atualmente, é também o coordenador arquidiocesano de Pastoral e da Comissão Pró-Centenário e integrante do Conselho de Presbíteros e do Conselho de Economia da Arquidiocese. Graduado com licenciatura em Filosofia pela Universidade de Sorocaba e com bacharelado em Teologia pelo Instituto de Teologia 'São João Paulo II', também em Sorocaba, possui pós-graduação em Psicologia, com especialização em análise existencial e Logoterapia pela Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, pós-graduação com especialização em Gestão Religiosa e Paroquial pela Faculdade Dehoniana de Taubaté e pós-graduação em Aconselhamento Pastoral e Direção Espiritual pela Faculdade São Basílio Magno, de Curitiba. Desde 2016, leciona nas áreas de dogmática e pastoral no Instituto de Teologia 'São João Paulo II'.



Riqueza interna em termos de Arte Sacra também contribuiu para o surgimento da primeira Basílica Menor da Arquidiocese de Sorocaba.

A Basílica Menor de Piedade e sua história

A Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade tem o início de sua história no começo do século XIX, quando algumas famílias vindas de localidades vizinhas, especialmente de Sorocaba, estabeleceram-se às margens do rio Pirapora, em sua confluência com o ribeirão dos Cotianos. Relata-se que, entre os anos de 1831 a 1835, um mascate doou a Vicente Garcia, um dos primeiros moradores da várzea, uma imagem da Virgem da Piedade. Logo se apressou ele em construir no local uma Capela, que foi abençoada no dia 20 de maio de 1840 por Dom Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, en-

tão bispo de São Paulo. Mais tarde, fixou-se nesta data a fundação da cidade de Piedade. A propósito, com estudos recentes realizados pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo, descobriu-se que esta imagem de Nossa Senhora da Piedade doada a Vicente Garcia pertence ao grupo das imagens confeccionadas em barro cozido pelos Mestres Santeiros Paulistas (século XVII), que foram os precursores da chamada 'arte barroca colonial', entre os quais destacam-se Frei Agostinho de Jesus e seus discípulos Mestres Santeiros. No caso desta imagem, possivelmente confeccionada por um Mestre Santeiro da região de Sorocaba.

No dia 3 de março de 1847, apenas sete anos após a construção da Capela, em reconhecimento pelo frutuoso vigor espiritual e pastoral que a pequena comunidade de fiéis realizava, ela recebeu seu primeiro reconhecimento, sendo erigida canonicamente à condição de Paróquia. Com isso a pequena Capela deu lugar à primeira Matriz, com edifício construído entre os anos de 1849 e 1855, com a ajuda do povo e do Governo da Província. Essa primeira igreja durou exatamente 30 anos, sendo demolida em 1885, para ser construída no mesmo local a atual Igreja Basílica. Consta, porém, no Livro Tombo da Paróquia, que antes disso, na véspera do Natal do ano de 1874, às 11 horas, o povo piedadense reuniu-se no Pátio da Matriz para assistir a bênção e a colocação dos sinos na torre da primeira Matriz. Os sinos foram doados pelos srs. João Francisco Parada e José Manoel de Oliveira.

No dia 2 de agosto de 1885, às 11h30, com a presença da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, da Irmandade de São Benedito e muitos outros grupamentos religiosos e sociais da época, foi lançada a pedra fundamental da nova e atual Matriz-Basílica de Nossa Senhora da Piedade. Levantada sobre as estruturas da antiga igreja, para que as atividades religiosas não fossem interrompidas, construíram a Capela-Mor de pedra de Cantaria, sob a direção do

Capitão Antônio Parada. Passados trinta anos, a igreja ficou pronta, graças aos esforços do Cônego José Rodrigues de Oliveira e de outros padres que neste período estiveram responsáveis pela Paróquia. Também de grandes beneméritos, como o Comendador Parada, o Major Lúcio Vieira Pinto, os srs. Joaquim Tenório e Joaquim Antônio Leite, outras personalidades e de todo o povo da cidade.

No ano de 1910, a Matriz de Nossa Senhora da Piedade recebeu das famílias dos beneméritos Atanásio Soares e Abílio Soares, ambas de Sorocaba, o relógio para ser fixado em seu frontispício. Seu funcionamento se deu por ocasião da inauguração e bênção da igreja, em 1916. Antes, em 1914, o engenheiro eletricista Dr. Bruno Toelle, instalara o para-raios no cimo da torre, dando mais segurança ao suntuoso templo erigido. No dia 18 de junho de 1916, estava acabada a construção da nova e atual Matriz-Basílica. E no dia seguinte, 19 de junho, com a presença de Dom Lúcio Antunes de Souza, então bispo diocesano de Botucatu, de cuja circunscrição eclesiástica a Diocese de Sorocaba seria desmembrada em 1924, foi, então, abençoada e inaugurada, com uma memorável festa para a honra e a glória de Deus.

Passados alguns anos, no dia 7 de abril de 1953, aos cuidados do Cônego Giorgio Musizzano foi dado início a uma grande e necessária reforma. Em 29 de junho de 1954, foi apresentado o afresco da Santíssima Trindade envolvendo a porta do batistério. No ano seguinte, em 1955, no dia 15 de agosto, foram entregues os afrescos dos portais e das bancadas. E, no dia 8 de abril de 1956, foram entregues as catorze telas da Via Sacra, uma tela retratando o Batismo de Jesus por São João Batista e outra Jesus no envio dos Discípulos para missão. Todas estas obras foram realizadas pelo artista plástico italiano Bruno de Giusti, então já radicado em Sorocaba com a família, depois de redecorar a Catedral de Nossa Senhora da Ponte.

No dia 27 de julho de 1958, foi abençoado e inaugurado o Altar-Mor feito em mármore carrara proveniente da Itália; a 8 de dezembro de 1959, foi abençoada e inaugurada a Gruta dedicada a Nossa Senhora de Lourdes, confeccionada pelo artista Tunisi, e neste mesmo ano, no dia 16 de dezembro, foi apresentado o afresco com os sinais da redenção de Nosso Senhor, tendo a piedosa imagem de Nossa Senhora com o Divino Filho em seus braços e ladeada pelos Anjos trazendo em suas mãos os sinais da Paixão, obra realizada pelo artista Enrico Bastiglia. Passados alguns anos, em 1970 foi apresentada a reprodução do caminho do Calvário, com o Senhor dos Passos e a reprodução do Calvário com São João Evangelista, Nosso Senhor Crucificado e Nossa Senhora das Dores, ambos construídos pelo artista Agilson Gavioli.

A igreja, embora apresente traços do estilo lusitano, tem uma arquitetura neoclássica. O estilo lusitano maneirista, próprio no Brasil, pode ser notado nas fachadas com figuras geométricas básicas, frontões triangulares, janelas próximas e paredes de pedra. Já o neoclássico se observa na presença significativa e predominante de mármores e afrescos em seu interior. Suas medidas são de 1.300 metros quadrados de área edificada, com uma torre medindo 25 metros de altura, com três sinos e um relógio em seu frontispício principal. No pavimento térreo, há ainda uma área de 883 metros quadrados, formando o presbitério, nave, átrio frontal e dois átrios laterais que trazem quatro altares para *Missa ad orientem*. Sobre os átrios, está o pavimento superior com área de 417 metros quadrados. Ainda no espaço interno, encontram-se o confessionário, a capela para o Santíssimo Sacramento, o presbitério com altar-mor e altar central e a sacristia. No presbitério, átrio frontal e átrios laterais, estão localizadas ainda importantes obras sacras de artistas renomados como Bruno de Giusti, Enrico Bastiglia, Tunisi e Agilson Gavioli.

Entre os anos de 2003 e 2010, por outro lado, foram realizadas algumas obras para restauro e adequações litúrgicas para melhor envolver a comunidade celebrante: a fixação do Altar mais próximo à nave e ao transepto, a extinção dos degraus no presbitério para o lance do Altar, a diminuição do piso dos quatro altares laterais e a colocação de uma rampa lateral para acesso a portadores de deficiência em locomoção. Também neste período, foi recuperada toda estrutura do telhado e do forro em madeira, dando proximidade ao original.

Nestes anos todos da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, foram igualmente muitas as comunidades que surgiram ao lado da Matriz, somando-se, no ano de 2008, 47 comunidades. Então, para melhor atender as necessidades espirituais, pastorais e administrativas do Município, foi necessária a criação de uma nova paróquia. No dia 19 de junho de 2009, foi criada a segunda paróquia em Piedade, a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, sendo esta composta por 21 comunidades. A Paróquia de Nossa Senhora da Piedade permaneceu com 26 comunidades, organizadas em cinco setores pastorais.

A partir de 2013, começaram várias obras para adequação da Igreja-Basílica segundo as Normas de Segurança e Prevenção contra Incêndios. Todas as modificações e intervenções necessárias foram realizadas com extrema cautela para não haver interferência na arquitetura própria da igreja e em sua historicidade. Em junho de 2016, por ocasião da comemoração dos 100 anos de sua edificação, as obras em seu interior, seguindo as exigências da legislação para questões de segurança e prevenção de intempéries, estavam prontas. Na ocasião, foram apresentadas também algumas outras significativas e importantes adequações para as ações litúrgicas e pastorais, como a fixação da fonte batismal próxima ao presbitério e do confessionário

no átrio lateral, novos nichos para a imagem de Jesus Ressuscitado e para a imagem fac-símile de Nossa Senhora da Piedade, enquanto, que na área externa, houve adequação do prédio para secretaria pastoral, departamento administrativo e arquivos. Edificação de novos banheiros com acesso a portadores de necessidades especiais e um jardim interno para oração e meditação complementavam tais providências, ao mesmo tempo em que no prédio anexo, designado, agora, Centro Pastoral 'São João Paulo II', foram reformadas todas as salas para catequese e reuniões com capacidade para 30 pessoas em cada uma delas, organizado um auditório com capacidade para 180 pessoas, reformado os banheiros para acesso a portadores de necessidades especiais e adequada uma cozinha e refeitório para atender as necessidades nas reuniões e eventos.

Entre os anos de 2021 e 2022, ocasião em que foi celebrado o jubileu dos 175 anos da Paróquia, foi igualmente realizada nova importante obra de restauro e revitalização nas edificações, compreendendo a torre, molduras, paredes, limpeza das pedras em mármore, revitalização do piso, forro, portas e bancos, adequação da iluminação interna e externa e revitalização de jardim. Em 2023, outra grandiosa obra foi concluída, com a restauração de todo o programa artístico sacro das pinturas parietais da Redenção com os sinais da Paixão, dos Evangelistas, da tapeçaria litúrgica, da Trindade, do Senhor dos Passos e do Calvário, assim como das telas da Anunciação, do nascimento de Jesus, da Via-Sacra, do Batismo de Jesus e do envio dos Discípulos; na imagem de Nossa Senhora da Piedade; e ainda a continuação do programa artístico nos arcos superiores e inferiores da nave. "Tudo isto pensado para revitalizar a igreja em sua dignidade arquitetônica e histórica, como também para prepará-la para tão grande reconhecimento com o título de Basílica Menor", como

afirma padre Julio, ressaltando que foram muitos os sacerdotes que ajudaram a construir a história desta Paróquia: "Hoje, somamos 38 sacerdotes párocos, que juntos aos vários vigários e aos três diáconos foram verdadeiros operários da vinha do Senhor. Que serviço valioso eles oferecem a esta Paróquia. Mas, com toda certeza, a maior riqueza que temos, está no número de aproximadamente 2 mil agentes que compõem as pastorais, movimentos, serviços e ministérios em toda a Paróquia. Homens e mulheres, casados e solteiros, jovens e adultos, adolescentes e idosos, que fazem esta Paróquia ser uma comunidade vida, pois testemunham sem medo algum e com muita ousadia sua fé. Vemos aqui uma cidade com mais de 55.000 habitantes, onde somos uma grande família formada por aproximadamente 35.000 fiéis católicos romanos. Somos uma pequena parte da grande família de Deus".

Uma Basílica Menor

"Quando iniciamos o projeto de reforma e restauro, sonhamos oferecer a esta igreja algo que significasse sua importância para todos nós. Assim, no mesmo período, começamos os passos para apresentá-la ao Papa Francisco, no desejo de que ele a reconhecesse naquilo que ela sempre foi: uma igreja basilical. Aqui, para os pósteros, damos autêntico testemunho que a, agora, Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade caracteriza-se, seguramente, como um centro de atividade litúrgica e pastoral, sobretudo com a celebração da Eucaristia, da Penitência e dos outros sacramentos, sempre com fiel observância às normas litúrgicas e, deste modo, favorecendo a participação ativa do povo de Deus em seus sacros mistérios, com uma catequese permanente à luz dos documentos da Igreja, e, deste modo, estreitando nosso vínculo particular com a Igreja de Roma e

com o Sumo Pontífice, sem deixar de ser imagem da Igreja de Cristo na Igreja Particular de Sorocaba", destaca ainda padre Julio César Fernandes, reitor da Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade, lembrando que tanto o Documento de Aparecida, como também o Papa Francisco, na Carta Encíclica *Lumen Fidei*, nos recordam que a paróquia deve ser o local privilegiado onde os fiéis têm uma experiência concreta de Cristo em suas vidas e que a paróquia precisa ser uma casa de comunhão, tornando-a, assim, um espaço oportuno para a iniciação à vida cristã, para a educação e celebração da fé, aberta à diversidade de carismas, serviços e ministérios, integrando as comunidades e o apostolado nela existentes. "É no seguimento deste caminho que a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade tem se esforçado em seu peregrinar. Nesta rica história, próxima de seus 177 anos, a Paróquia descobriu que ser Igreja é ser disponível para viver e testemunhar a fé na comunidade, na família e na sociedade. Testemunhar uma fé que não é resultado de reflexões particulares ou ideais de vida, mas fruto de uma profunda e contínua experiência de Deus na vida pessoal por meio da comunidade eclesial", pontua o reitor, acrescentando que "observando a história da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, reconhecemos sua importância espiritual, pastoral e histórica, pois em todo tempo ela promove a evangelização e propaga a fé. Em suas celebrações, observa um grande zelo pela liturgia e pela devoção dos fiéis. E a própria igreja preserva e traz, em sua arquitetura, grande valor histórico e catequético à comunidade e aos munícipes piedadense".

APÊNDICE E - OS SANTUÁRIOS ARQUIDIOCESANOS



Restaurado, retomando características originais do século XVIII, a Capela de Aparecidinha foi transformada no primeiro Santuário Arquidiocesano por Dom José Lambert.

Cem anos depois da criação da Igreja Particular de Sorocaba, conta também ela em seu território com cinco santuários, três deles erigidos canonicamente pela autoridade arquidiocesana, o histórico Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no bairro de Aparecidinha; o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, este já no território do município de Salto de Pirapora, porém muito próximo da divisa com Sorocaba, à entrada do bairro do Itinga, junto à Rodovia João Leme dos Santos (estrada Sorocaba-Salto de Pirapora) e ao câmpus local da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), e o Santuário de São Judas Tadeu, no bairro do Central Parque, e outros dois assim consagrados pela piedade popular, porém ainda não reconhecidos oficialmente segundo os ditames eclesiásticos, o Santuário de São Geraldo, administrado pelos Padres Redentoristas, na Zona Norte, em Vila Helena, e o Santuário de Santa Filomena, no Jardim Abaeté, dentro do território da Paróquia de São José Operário, de Vila Progresso.

Santuário é "a igreja ou outro lugar sagrado onde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do ordinário do lugar", como destaca o nº 1230 do Código de Direito Canônico, e deve ser solicitada essa primazia ao bispo que, em sendo favorável ao pedido, concede o título de Santuário à igreja solicitante. Alguns, porém, acabam sendo assim nominados pela piedade e devoção de seus fiéis frequentadores, sem terem ainda buscado o reconhecimento canônico. Antes, contudo, de sua história, de sua arquitetura e/ou de sua imaginária, o Santuário deve ser uma casa de oração, acolhida e misericórdia por excelência, um lugar de peregrinação e introspectividade.

Santuário de Aparecidinha

Ainda como terceiro bispo (futuro primeiro arcebispo), foi Dom José Lambert quem erigiu nosso primeiro Santuário Arquidiocesano, o de Nossa Senhora Aparecida, em 1992, reconhecendo, na realidade, uma fonte de piedade popular e missionariedade presentes na vida religiosa de Sorocaba e de toda a região desde o final do século XVIII, quando o Município ainda nem existia e sim a Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Feita esta primeira ressalva, resgate-se, de outro lado, que, na verdade, os ensaios para que surgisse oficialmente esse primeiro Santuário Arquidiocesano começaram no final da década de 1980, como consequência da reorganização eclesial dentro do território sorocabano, com a fixação dos Padres Franciscanos na Zona Leste, a partir da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, de Vila Hortência, deixando a assistência à Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, e de suas inúmeras capelas da periferia e da zona rural do Município aos cuidados e responsabilidade da Diocese.

Assim, com a investidura em 1989 do padre Tadeu Rocha Moraes como primeiro pároco secular da Comunidade de Santa Rita de Cássia, automaticamente este também passou a responder pelas capelas a ela vinculadas, trazendo tempos novos, sobretudo, na missionariedade e preservação da histórica Capela de Aparecidinha, destino de icônicas romarias desde o início dos anos 1800 ou até antes (em 1899, em meio à epidemia de febre amarela que dizimava a população local, matando quase mil pessoas entre 1897 e 1900, o então vigário da Matriz, Monsenhor João Soares, ao mandar buscar a veneranda imagem em Aparecidinha, para implorar sua intercessão pelo fim do flagelo, estabelecera, então, datas fixas para a realização das já concorridas peregrinações que se arrastavam aleatoriamente, ocorrendo em datas esporádicas, desde o final do século XVIII, início do século XIX, ou seja, o segundo domingo de julho para o retorno da Santa a seu Santuário de origem e o dia de Ano Bom, 1º de janeiro, para seu traslado para a hoje Catedral Metropolitana, a mais de 15 quilômetros do lugarejo).

Padre Tadeu então, agora também capelão de Aparecidinha, logo nos primeiros meses de 1990 já se deparava, porém, com a precariedade da igreja bicentenária. O seu estado de deterioração era tal que reclamava obras urgentes, a ponto de em não acontecendo comprometerem toda a estrutura de um dos principais patrimônios histórico-arquitetônicos da região. A Capela também perdera toda sua originalidade colonial do século XVIII, completamente descaracterizada por incêndios e sucessivas reformas realizadas ao longo do século XX principalmente, sem muito critério ou preocupação preservacionista, sobretudo em termos arquitetônicos e sacro-litúrgicos.

Segundo a história que veio sendo narrada ao longo das décadas e reproduzida também em seus escritos por Aluísio de Almeida, a pequena capelinha fora ali erguida por moradores devotos do Piragibu

do Meio para acolher a pequena imagem da Virgem Aparecida, cópia talhada em um simples pedaço de madeira de não mais que 13 centímetros de comprimento por um dos próprios pescadores que encontraram a original, despedaçada em duas partes (corpo e cabeça), nas águas do rio Paraíba do Sul, altura de Guaratinguetá. Fora deixada aleatoriamente no tronco de uma árvore, por tropeiros vindos das Minas Gerais e que ali faziam suas orações, com pedidos e agradecimentos, antes de prosseguirem a jornada. Estes, em sua obrigatória passagem pelo Vale do Paraíba a caminho do Sul, a teriam recebido como recordação de tão auspicioso milagre que se sucedera ao seu encontro nas águas do Paraíba.

O lugarejo de Piragibu do Meio, localizado a algumas léguas da então Vila de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba e antes assim chamado por ter surgido à beira de córrego conhecido com esse nome, era passagem obrigatória de tropeiros e documentos encontrados em épocas bem posteriores e pesquisas mais recentes asseguram que, na realidade, essa primeiríssima reprodução daquela que 'apareceu' nas redes de humildes pescadores nas águas do Paraíba do Sul em outubro de 1717, precedendo pesca copiosa[32], foi trazida e deixada no local

[32] Tudo começou quando os pescadores João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia foram encarregados de conseguir peixes para o banquete que a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá iria oferecer a Dom Pedro de Almeida e Portugal, o Conde de Assumar, que na época também era o governador da Província de São Paulo e Minas Gerais e estava visitando a região, no período de 17 a 30 de outubro de 1717. A pesca nas águas do rio Paraíba do Sul, porém, apresentava-se completamente infrutífera, até que ao lançarem as redes novamente, içaram o corpo de uma pequenina imagem quebrada e, em nova tentativa, sua cabeça. João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, depois de colocar a imagem dentro do barco, puderam vivenciar a ação da Mãe de Deus. Os pescadores, que antes não tinham conseguido pescar nada, encheram as suas redes com uma quantidade abundante de peixes. Antes de levarem os peixes para o banquete, entregaram os pedaços da estátua a Silvana da Rocha Alves, esposa de Domingos, irmã de Felipe e mãe de João, que reuniu as duas partes com cera e a colocou num pequeno altar na casa da família, agradecendo a Nossa Senhora o milagre dos peixes, dando-se, assim, início a devoção a Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

pelo guarda-mor da então Colônia da Coroa Portuguesa, Antônio José da Silva, em 1782, quando mudou-se de Lorena, Vila vizinha a Guaratinguetá, para Sorocaba. A Capela teria sido construída um pouco depois, em 1785, pelo próprio guarda-mor Antônio José da Silva[33], tornando-se, desde então, centro de concorridas romarias, em inusitado movimento processional realizado de tempos em tempos, trazendo a Santinha para a Matriz de Sorocaba ou reconduzindo-a a sua Capela de origem. Sem periodicidade, nem datas precisas, contudo sempre em momentos de aflição e crises sanitárias e sociais. Pesquisas chegam até a apontar o ano de 1804 como o da realização da primeira dessas romarias entre Aparecidinha, como o local passou a ser chamado em substituição ao termo Piragibu do Meio, e o centro de Sorocaba. O certo é que um dos primeiros jornais locais, 'O Defensor', em edição de 1852 já menciona, com destaque, as romarias de Aparecidinha.

[33] O guarda-mor Antônio José da Silva, inclusive, veio a ter seu nome oficializado pela Prefeitura de Sorocaba no bucólico largo, com seu coreto e chafariz antigos, existente defronte à histórica Capela de Aparecidinha.



Incêndios e intervenções sem critérios arquitetônicos ao longo do século XX descaracterizaram a Capela do Piragibu do Meio.

A primitiva Capela, assim, em quase nada lembrava suas características originais do período barroco setecentista no final do século passado, quando da restauração proposta por padre Tadeu no início dos anos 1990. Praticamente haviam 'assassinado' sua beleza, inclusive com desarmoniosa sacada em seu fronteiriço, resultado de uma das intervenções nada certeiras de décadas já avançadas da primeira metade do século XX. Para a restauração, mesmo com opiniões contrárias e críticas infundadas ou até, às vezes, desestabilizadoras, e quase sem quaisquer recursos, padre Tadeu se cercou de estudos históricos e arquitetônicos e se lançou na difícil empreitada de devolver a Sorocaba a Capela de Aparecidinha em seus traços e características

originais, joia da arquitetura religiosa paulista do século XVIII. A seu lado, a abalizada e segura orientação técnica de ninguém menos que Monsenhor Jamil Nassif Abib [34].

Com o trabalho encetado e sem a sacada 'improvisada' apenas décadas antes temerária e aleatoriamente, a primeira a ser, então, demolida, as cores azul e branca voltaram a sobressair-se e as seculares paredes de taipa puderam ser restauradas, pelo menos em sua parte inferior, bem como mantiveram-se preservadas paredes grossas originais na torre onde está o velho sino e a sacristia, feitas de taipa de mão e pilão. O piso, que era de madeira, passou a ser de pedra; forro e telhado passaram por significativas melhorias, enquanto as portas antigas de madeira maciça e o piso do Presbitério foram mantidos, assim como o altar-mor e o nicho da Padroeira, talhados em madeira maciça do século XVIII e revestidos de tinta azul e dourados, desacoplados do antigo retábulo que ali havia. À direita do Presbitério, foi alocada a Capela do Santíssimo, que não existia outrora, reutilizando-se também parte do retábulo com seu sacrário em sua concepção. Retábulo este,

[34] Historiador, museólogo e especialista em imaginária sacra, também ex-aluno do Seminário 'São Carlos Borromeu', embora considere-se sorocabano (nasceu em Chavantes, hoje Canitar, interior de São Paulo, porém sua família transferiu-se para Sorocaba quando ainda adolescente), concluindo seus estudos vinculado à Diocese de Piracicaba, acolhido pelo bispo Dom Aníger Francisco Maria Mellilo, Monsenhor Jamil Nassif Abid é um dos mais profundos conhecedores de Arte Sacra no Brasil - incluindo, sobremaneira, sua terra por adoção, Sorocaba -, com passagens extraordinárias, como representante da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Turístico do Estado de São Paulo). Ordenado sacerdote na Catedral de Santo Antônio, de Piracicaba, a 9 de janeiro de 1966, pelo rito bizantino greco-melquita, pela imposição das mãos de Dom Elias Coueter, oficiando sua primeira missa na Catedral de Sorocaba no dia 16 seguinte, seu presbiterato todo desenvolveu naquela Diocese, como pároco, entre outras comunidades, em Rio Claro, por muitos anos, e Santa Maria da Serra, até já nos anos 1990 retornar a Piracicaba, como cura da Catedral de Santo Antônio e chanceler da Cúria; hoje é pároco emérito e vigário paroquial da Sé.

aliás, que também não era originalmente da capela histórica de Aparecidinha: pertencia à velha igreja de Santo Antônio, situada no largo do Mercado, e fora transferido improvisadamente para lá quando de sua demolição no final dos anos 1950, sendo ali realocado igualmente sem muito critério ou dimensionamento artístico, ou melhor, "foi empilhado como deu", conforme observação técnica de Monsenhor Jamil Nassif Abid, pois suas medidas, inclusive, ultrapassavam – em muito - as do presbitério a que se destinava. Ainda desse retábulo desmontado por ocasião das obras de restauro, quando também muitas peças já se apresentavam bastante carunchadas, algumas outras foram igualmente reaproveitadas, como para a confecção de uma credência – outras partes foram recolhidas ao Acervo Sacro da Arquidiocese pelo seu diretor à época, comendador Luiz de Almeida Marins.

Foi em meio à finalização do restauro da Capela que, na romaria de 1º de janeiro de 1992, Dom José Lambert promulgava decretos criando o Santuário Arquidiocesano e designando padre Tadeu como seu primeiro reitor. A instalação solene ocorreria a 9 de agosto seguinte, junto com a entrega das obras de restauro, bem como a cerimônia de dedicação da igreja e de seu Altar, na presença de autoridades locais, como o prefeito Antônio Carlos Pannunzio, parceira que foi a Prefeitura na execução e concretização dos trabalhos.



O Santuário Novo foi projetado de modo que remeta à lembrança da coroa da Senhora Aparecida.

A Paróquia-Santuário seria criada pelo próprio Dom José a 5 de janeiro de 2001, ano em que também é apresentado o projeto do engenheiro José Antônio de Milito para a construção do Novo Santuário, prioridade presente igualmente desde os anos 1990 nos anseios pastorais do arcebispo e de padre Tadeu Rocha Moraes, em vista principalmente do crescimento populacional da região do bairro de Aparecidinha, em meio à zona industrial de Sorocaba, a reclamar de há muito a criação ali de uma nova paróquia, assim como pela vitalidade da própria romaria e da devoção ímpar à Virgem Aparecida. Ou seja, nas palavras resumidas de padre Tadeu, "Aparecidinha vinha crescendo muito em todos os sentidos e era extremamente necessário um espaço maior para acolher suas atividades religiosas e pastorais, sem se descuidar da preservação do patrimônio representado pela Capela histórica". Impulso maior veio com a decisão da Arquidiocese de construir ali em Aparecidinha o novo Seminário Filosófico 'São Carlos Borromeu', em razão principalmente da já traçada abertura da atual Rodovia Celso Charuri, interligando a Rodovia Raposo Tavares e a Rodovia Senador

José Ermírio de Moraes (Castelinho), facilitando o acesso dos seminaristas filósofos à Cidade Universitária/Uniso. Assim, um canto do terreno pode ser, então, reservado ao projeto do Santuário Novo.

Padre Tadeu, já pároco da Catedral Metropolitana, permaneceu à frente de Aparecidinha até pouco depois da criação da Paróquia, acompanhando os trabalhos do padre Rubens da Silva Dalmazo, ordenado a 26 de novembro de 2000 e, em seguida, empossado como segundo reitor. Depois ainda passou por ali como reitor o padre José Antônio Leite de Oliveira, estando hoje a Paróquia-Santuário de Aparecidinha entregue ao zelo pastoral do padre Ricardo Chizzolini, tendo a seu encargo também o Novo Santuário, igreja matriz da Paróquia de Aparecidinha também. Projeto inovador arquitetonicamente, o templo, ao contrário da minúscula capelinha da segunda metade do século XVIII que se transformou no histórico primeiro Santuário Arquidiocesano, tem 750 metros quadrados de área construída e acomoda 600 pessoas sentadas e outras 500 em pé. Foi construído no formato de uma coroa, em referência à coroa de Nossa Senhora Aparecida, e mesmo ainda parcialmente concluído, com cimento aparente inclusive, sinaliza grandiosidade e beleza, contemplado com atrativos vitrais multicoloridos, trazendo cenas importantes da vida de Cristo e de Maria Santíssima espalhados pelas colunas da coroa. À entrada, o vitral de destaque traz a conhecida iconografia da Virgem Aparecida flutuando sobre as águas do rio Paraíba do Sul, onde foi pelos pescadores encontrada, podendo ser ele contemplado também do lado de fora, à luz do sol ou da iluminação cênica noturna.

Cabe ainda um registro aqui, por outro lado, que foi em meio à pandemia de Covid-19 que pela primeira vez, em mais de 120 anos de história das romarias em datas pré-fixadas por Monsenhor João Soares, o Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora Aparecida

não recebeu, no segundo domingo de julho de 2020, nem de 2021, a concorrida romaria em que cerca de 20 mil devotos ou mais (em algumas épocas, tendo chegado a 30 e até 40 mil, como ainda agora em 2023, no pós-Covid) - e não só de romeiros de Sorocaba, mas também de outras cidades da região e de lugares bem mais distantes do interior de São Paulo e até mesmo do Brasil - reconduzem da Catedral Metropolitana a sua capela de origem, anualmente, a veneranda imagenzinha da Padroeira do Brasil – no 1º de janeiro de 2021, ainda com o mundo sentindo os efeitos da pandemia, o arcebispo Dom Julio Akamine trouxe a imagem privativamente em seu carro para a Catedral, diante da impossibilidade outra vez de realização da costumeira romaria, agora em sentido inverso. Historiadores divergem, aliás, quanto à romaria de 1932, no segundo domingo de julho. Relatos da época, porém, asseguram que ela não deixou de acontecer, apesar da deflagração no sábado, 9 de julho, da Revolução Constitucionalista, com São Paulo pegando em armas contra a ditadura de Getúlio Vargas. Os romeiros teriam mesmo assim ido a pé a Aparecidinha, como de costume, não obstante aos apelos em contrário das autoridades civis, militares e eclesiásticas, incluindo entre elas o próprio bispo diocesano Dom José Carlos de Aguirre, embora sem a presença do andor com a imagem da Virgem Aparecida - por recomendação e determinação expressa de Dom Aguirre, diante do iminente clima de guerra, igualmente não teria sido autorizada sua retirada da Catedral. Ao chegarem os romeiros em Aparecidinha por volta das 11 horas daquele domingo, 10 de julho, a imagem veneranda, contudo, lá já se encontrava...

Depois da pandemia de Covid-19, as romarias forma retomadas a 10 de julho de 2022, quando aconteceu a 123ª Romaria a Aparecidinha, desde a fixação de suas datas na virada do século XIX,

"com número bem maior de romeiros que em 2019, último ano de sua realização antes da grande crise sanitária mundial deste início de Terceiro Milênio", como deixou registrado em um apontamento o arcebispo Dom Julio Akamine.

Em 2023, no dia 9 de julho, o segundo domingo do mês, Dom Julio, aliás, voltou a caminhar ao lado dos peregrinos da Virgem Aparecida os quilômetros que separam a Catedral Metropolitana do bairro de Aparecidinha. Este ano com um agravante para o Sr. Arcebispo, presente na cidade desde fevereiro de 2017, porém não para os devotos da Santa: uma caminhada debaixo de muita chuva e frio ao longo da maior parte do trajeto.

Ainda em 2023, poucos dias antes da recondução da imagem da Santa a seu Santuário de origem, a Câmara de Vereadores aprovava, por unanimidade, projeto de lei declarando oficialmente a centenária 'Romaria de Aparecidinha' como 'patrimônio cultural imaterial' do município de Sorocaba[35].

[35] Perdem-se na História as centenárias 'Romarias de Aparecidinha', em 1899 com suas datas oficializadas formalmente por Monsenhor João Soares do Amaral em 1º de janeiro para a vinda à Matriz (hoje Catedral Metropolitana) e o segundo domingo de julho para a volta. Porém, ao longo dos anos, outras romarias a Aparecidinha foram sendo estimuladas pela filial devoção do povo para com Maria Santíssima, algumas com existência efêmera e outras com mais assiduidade e constância, como a 'Romaria da Penitência' a 15 de novembro, realizada pela primeira vez em 1956, pela Federação Diocesana das Congregações Marianas, com a participação ainda da Federação Diocesana das Famílias Cristãs e depois também do Movimento de Cursilhos de Cristandade, com o incentivo de seu então diretor espiritual, cônego Mauro Vallini, saindo da igreja do Mosteiro de São Bento pontualmente às 6 horas da manhã e carregando-se uma grande Cruz à frente e rezando-se pelo caminho a Via-Sacra e o Rosário de Nossa Senhora. Em 1950, por exemplo, registra-se na imprensa que naquele dia 1º de outubro realizava-se "a tradicional romaria a cavalo que trazia a imagem de Nossa Senhora Aparecida à Matriz do Bom Jesus", acrescentando a nota que "perdurava por algumas décadas esta tradição".

Santuário de Nossa Senhora dos Remédios



Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, localizado no bairro do Itinga, em Salto de Pirapora, foi oficializado em 2008.

Foi o segundo arcebispo metropolitano de Sorocaba, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, quem oficializou canonicamente, durante o transcorrer do ano de 2008, a criação e instalação do segundo Santuário da Arquidiocese, o Santuário consagrado a Nossa Senhora dos Remédios. Localizado próximo ao Câmpus de Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), porém já dentro do território geográfico do município de Salto de Pirapora, à entrada do bairro do Itinga, na avenida Nossa Senhora dos Remédios, atendeu Dom Eduardo aos pedidos do então titular da Paróquia de São João Batista, de Salto de Pirapora, padre Francisco Augusto Castelhano[36],

[36] Padre Francisco Augusto Castelhano nasceu em 27 de novembro de 1931 em Chosendo, Diocese de Somego, Portugal, frequentando o Seminário Menor na Vila Viçosa, em Évora. A Filosofia fez também em Évora, entre 1955 e 1959, cursando depois a Teologia na Suiça, de 1961 a 1966, na Universidade Católica de

e da comunidade local para oficializar a transformação em Santuário de ampla igreja recém-concluída no local, em substituição à antiga existente no local e onde, segundo as informações existentes, a primeira missa teria sido celebrada em março de 1901 pelo padre Luiz Siclu-na. Pesou muito para essa decisão do arcebispo o fato de na época, com a recente implantação por ali do Câmpus Sorocaba da UFSCar, junto à Rodovia João Leme dos Santos, estar ela se transformando, inclusive, numa espécie de 'Capela Universitária', atraindo a participação de não poucos estudantes e também professores e funcionários da Universidade às suas celebrações.

A devoção a Nossa Senhora dos Remédios foi levada para Portugal por religiosos franceses da Ordem Hospitalar da Santíssima Trindade, que estiveram em Lisboa no século XIII. Esta ordem, fundada com o objetivo de resgatar os cristãos cativos no Oriente, não dispunha de recursos financeiros para realizar seu trabalho apostólico. Apareceu, então, Nossa Senhora aos seus fundadores, São João da Mata e São Félix de Valois, entregando-lhes uma bolsa cheia de dinheiro, concedendo-lhes desse modo o 'remédio' para o seu problema. Desde então, a Virgem ganhou o título de Nossa Senhora dos

Fribaurg, onde recebeu os ministérios sacros. Foi ordenado diácono na Alemanha, a 12 de dezembro de 1965, pelo brasileiro Dom José Thuler, que fora bispo coadjutor de Dom Aguirre em Sorocaba, e o presbiterato recebeu das mãos de Monsenhor Francis Charrier a 23 de junho de 1966, também em Fribaurg, na Suiça, na igreja de São Michel. Imigrando em seguida para o Brasil com a família, no ano seguinte o bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena' da então Diocese de Sorocaba, Dom José Melhado Campos, já o provisionava como titular da Paróquia de São João Batista, de Salto de Pirapora, onde permaneceu por mais de 40 anos, sendo substituído pelo padre Edson Roberto Daros em 2008 e assumindo, então, as funções de primeiro reitor do Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora dos Remédios em 2008. Foi também vice-reitor do Seminário Filosófico (1967), professor também ali em 1978 e capelão das carmelitas do Mosteiro de Mairinque, entre 1973 e 1977. Faleceu no dia 13 de junho de 2023, sendo sepultado na Capela da Imaculada Conceição, por ele edificada na periferia de Salto de Pirapora, no bairro do Campo Largo, na rua Santa Catarina.

Remédios. Logo esta devoção espalhou-se pela Europa e chegou ao Brasil. Nos primórdios do surgimento do atual município de Salto de Pirapora, então território sorocabano, no final do século XIX havia no então bairro de Inhambiru, hoje Itinga, uma pequena capela, feita de madeira. Avizinhando-se a ela, contam os mais antigos, o sr. Manoel Rainha resolveu aumentá-la, o que conseguiu com auxílio de outros moradores da região, como os srs. Ricardo Moreira, Osório Moreira e João Moreira, preparando um pequeno altar, onde depositou-se uma pequena imagem de Nossa Senhora dos Remédios, que ele trouxera do bairro de Corá Lema.

A partir da primeira em março de 1901, começaram a ser celebradas missas ali uma vez ao ano, por ocasião da festa da Padroeira, no mês de setembro. Desde 1936, essas missas passaram a ser mensais, com o crescimento da Comunidade, em meio a visitas periódicas do bispo Dom José Carlos de Aguirre e realização duas Santas Missões pelos Padres Redentoristas, uma em 1941 e outra em 1945. A bênção da primeira pedra da segunda capela construída no local e que serviu a comunidade do bairro do Itinga até os anos 70/80 ocorreu em dezembro de 1941 e a bênção do sino foi realizada no segundo domingo do mês de setembro de 1944, em meio à festa em honra à Virgem dos Remédios.

A chegada a Salto de Pirapora em 1967 do recém-ordenado sacerdote de origem portuguesa, padre Francisco Augusto Castelhano, impulsionou paralelamente a devoção a Nossa Senhora dos Remédios, também com romarias anuais saindo do centro do Município, junto à Matriz de São João Batista, e caminhando até o hoje Santuário, num trajeto de mais de 8 quilômetros.

Seu atual reitor é o padre José Edmilson Santos Silva, pároco de Salto de Pirapora.

Santuário de São Judas Tadeu



Santuário de São Judas Tadeu, localizado no bairro Central Parque, representa um farol na irradiação da espiritualidade católica. Com obras iniciadas em 2008, traz em seu interior detalhes ímpares em termos arquitetônicos, litúrgicos e artísticos.

A arraigada devoção dos sorocabanos ao Apóstolo São Judas Tadeu, presente na vida religiosa da cidade a partir, sobretudo, da década de 30 do século passado, com a presença do monge beneditino alemão Dom Tadeu Strunck ao Mosteiro de São Bento[37], trazendo

[37] Dom Tadeu Strunck, nascido na Alemanha em 13 de abril de 1900 e que ingressou na Ordem beneditina aos 22 anos de idade na Abadia de Marialaach, após estudos de alto nível em sua terra natal e também em renomadas escolas da Áustria, Bélgica e Tchecoslováquia, complementando-se nota de rodapé também presente no capítulo sobre Dom José Carlos de Aguirre é bom que se ressalte, então, que viveu a maior parte de seu ministério religioso em Sorocaba e contribuiu largamente para arraigar entre os sorocabanos a devoção ao Apóstolo Judas Tadeu, honrando seu onomástico. Ordenado sacerdote no Mosteiro de São Bento, de São Paulo, em 1929, em 1930 publica a primeira edição de opúsculo sobre a vida do 'apóstolo mártir', já bastante requisitado por aqui nos dois anos em que esteve primeiramente como prior do Mosteiro local, entre 1931 e 1933. Dez anos depois, porém, retorna a Sorocaba para reassumir o cargo, que ocuparia por mais 35 longos anos, ainda nos anos 40/50 unindo-se aos devotos para a implantação da primeira Capela da cidade em honra a São Judas Tadeu, anexa à igreja de Sant'Ana, do Mosteiro de São Bento, tendo, aliás, "um pé direito bem alto atualmente, pois o forro anterior, piso das celas dos monges que estavam no nível superior, desabou parcialmente e foi,

consigo profunda reverência e proximidade a seu Santo onomástico, considerado em todo o mundo cristão patrono das causas desesperadas e negócios impossíveis (Dom Aguirre anotou em sua agenda que, no dia 30 de abril de 1944, celebrou missa às 9 horas na igreja do Mosteiro de São Bento, após a bênção da imagem de São Judas Tadeu 'colocada em sua capela recentemente construída' e até hoje ali venerada), está, certamente, nos alicerces espirituais que norteariam décadas depois, já no início deste século XXI, a implantação do terceiro Santuário da Arquidiocese canonicamente erigido. Situado na Zona Oeste, no bairro do Central Parque, foi o segundo arcebispo, hoje emérito, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, quem também em 2010, na noite festiva e solene da data da memória litúrgica de São Judas Tadeu (28 de outubro), oficializou sua instalação.

A edificação da hoje Paróquia-Santuário Arquidiocesano de São Judas Tadeu, porém, tem uma caminhada histórica que retroage aos anos 1960/1970, quando no 'boom' da primeira fase da expansão imobiliária do Município, com a consolidação em regiões mais afastadas do Centro dos primeiros residenciais constituídos de casas populares, surge também o Central Parque, com suas mais de mil casas nos altos do Cerrado. Inicialmente, com a mudança das primeiras famílias para as novas casas, preocupou-se, então, o pároco, cônego Mauro Vallini, com sua Comunidade Paroquial de São José do Cerrado, sediada na nova Matriz da avenida General Carneiro, em oferecer assistência espiritual àquele povo e também aos católicos de outros núcleos residenciais que quase concomitantemente foram surgindo

então, retirado completamente" (João Rozas Barrios, *in* 'O Monge, o Santo e a Devoção – A vida de São Judas Tadeu'). As paredes são recobertas por pequenas placas de mármore com o nome das pessoas que contribuíram para sua instalação. Até hoje, como no Santuário dedicado ao 'santo protetor das causas de difícil solução e desesperadoras' no Central Parque, ali também se encontram no dia 28 de cada mês e, de modo especial, em outubro, para agradecê-lo e implorar novas graças.

ao redor, como Verde Vale e Jardim Arco-íris. Criaram-se núcleos de Catequese, assim como grupos para oração do Rosário de Nossa Senhora nas casas, equipe de preparação de pais e padrinhos para o Batismo e outras ações pastorais, com articulação principalmente de duas das primeiras moradoras do Central Parque, as irmãs Olga e Maria Águeda de Barros, que já participavam da Paróquia de São José do Cerrado e, a pedido de padre Mauro, logo fizeram um primeiro levantamento das famílias. A primeira missa no bairro foi celebrada ao final de uma Novena de Natal, na casa das irmãs pioneira, sob a presidência do padre Daniel Jansen, que auxiliava padre Mauro na Paróquia, porém as que se seguiram, com certa assiduidade, já eram oficiadas na praça do bairro, diante da crescente participação dos moradores, e mais tarde na Escola Infantil ali construída pela Prefeitura. Até que com a criação da Paróquia do Divino Espírito Santo em 1974, desmembrando-se da Paróquia de São José do Cerrado toda aquela área dos altos da General Carneiro e além da então avenida Curitiba (hoje Dr. Armando Pannunzio), compreendendo também o novo Jardim Guadalajara e o Jardim São Paulo, por conseguinte o próprio Central Parque passou a ser atendido pela novíssima Paróquia, na pessoa de seu primeiro pároco, padre Waldemar Paoleschi.

A Comunidade do Central Parque, logo de início, já tinha eleito São Judas Tadeu como seu padroeiro, através de votação popular, e foi por ocasião da data de sua memória, no ano de 1978, que o bispo diocesano Dom José Melhado Campos e seu bispo-auxiliar Dom Amaury Castanho ali estiveram, oficiando missa campal em área de 2.800 metros quadrados na rua Walter Luís D'Ávila, esquina com a rua José Tótora, na parte alta do residencial, doada à (Arqui)Diocese pela Construtora Roger Khoury, responsável pelo empreendimento, seguida da cerimônia de lançamento da pedra fundamental para a

construção de sua primeira igreja. Foi uma noite memorável, com a participação maciça dos moradores e de muita gente devota de São Judas vinda de todos os cantos da cidade. Dom José Melhado e Dom Amaury convidaram para assinar com eles a ata de lançamento da pedra fundamental, depois enterrada no local com cópias de outros documentos, edição do dia do jornal 'Diário de Sorocaba' noticiando o fato e selos postais, moedas e cédulas da época, os membros da Comissão Pró-Construção, liderada pelo então presidente da Sociedade de Amigos de Bairro do Central Parque, Olavo Vieira, o vereador Oswaldo Duarte Filho, representante do Legislativo sorocabano, e os jornalistas Armando Bacelli e José Benedito de Almeida Gomes.

Passados alguns anos, a igreja estava edificada e foi em 1991 que o então bispo diocesano Dom José Lambert procedeu nela a instalação oficial da Paróquia de São Judas Tadeu, por ali passando alguns párocos, como o padre Almir Flávio Scomparim. Foi, contudo, com a chegada ali do padre Flávio Jorge Miguel Júnior no ano 2000, em meio às graças do jubileu dos dois milênios de nascimento de Nosso Senhor e limiar do Terceiro Milênio, que a devoção ao ínclito Padroeiro se solidificou e cresceu inesperadamente, passando o templo a transformar-se num enorme centro irradiador de espiritualidade, piedade e fé, tendo no 'santo das causas desesperadoras' motivação intercessora para chegar a Cristo Jesus. E não só para o bairro e região, mas para toda Sorocaba, cidades circunvizinhas e logo também para locais bem mais distantes de São Paulo e do resto do País, atingindo hoje suas missas transmitidas virtualmente não poucos devotos até do outro lado do mundo, como o Japão.

Em alguns anos, ao lado do incremento da devoção ao Padroeiro, num piscar de olhos estava levantado, por sobre as estruturas da pequena igreja, o belo, radiante e majestoso, também arquitetônica e

artisticamente, Santuário de São Judas Tadeu. Embora às vésperas do centenário da Arquidiocese ainda esteja por se concluir sua edificação, com destaque à fachada externa central, com sua torre e ornamentação frontispícia. As obras de construção do novo templo, orçadas inicialmente em mais de R$ 4 milhões, começaram efetivamente em 2008 e, mesmo inacabado, sua transformação em Santuário Arquidiocesano dois anos depois, em 2010, deram alento renovado à espiritualidade reconfortante que irradia. Com capacidade para acomodar 1.100 pessoas sentadas, mais os 250 lugares do mezanino aos fundos, decorado por grandioso vitral integrante de sua fachada principal, ilustrando uma pomba, símbolo do Divino Espírito Santo, e que também pode ser visualizada externamente por quem passa pela rua Walter Luís D'Ávila, o Santuário pode acolher simultaneamente até 2.500 fiéis, contando aqueles espalhados em pé ou cadeiras espalhadas pelos corredores.

Explica padre Flávio Júnior que, desenhado pelo arquiteto Nilton Soranz sob sua orientação sacra-litúrgica, o templo, que é pura arte religiosa e um convite à apreciação orante introspectiva inclusive, foi levantado por sobre doze pilastras, representando os Doze Apóstolos e fazendo referência tanto à Basílica de São Pedro, em Roma, em Roma, como ao Pátio João Paulo II, junto à Basílica Nacional de Aparecida. As pilastras e nichos junto ao altar-mor, pintados em vermelho, são uma referência ao sangue derramado na cruz pelo Cristo e ao martírio de São Judas Tadeu, contando ainda com detalhes dourados em formato de flor-de-lis, símbolo da realeza francesa e, sobretudo, de Maria Santíssima na iconografia católica. Há ainda detalhes do altar folheados a ouro, simbolizando a dignidade grandiosa de Deus. O piso e parte das paredes são revestidos de granito nobre, nas cores martim e preto respectivamente. As paredes acima e cúpula central, por sua vez, são revestidas de papel, também com desenhos que remetem ao estilo barroco.

Nas laterais, por outro lado, as paredes comportam vitrais multicoloridos, todos italianos, reproduzindo a figura dos Doze Apóstolos e de santos e santas de devoção popular na parte superior e as estações da Via-Sacra na inferior. O altar conta ainda com móveis esculpidos em estilo barroco em Minas Gerais, encimado por nichos com belíssimas imagens de São José e Nossa Senhora de Fátima, com o Crucificado ao centro, numa interessante referência também à Sagrada Família. Ainda à esquerda do Presbitério, há um nicho com imagem de dois metros do Sagrado Coração de Jesus e, do lado oposto, a do Padroeiro São Judas Tadeu, oriunda dos Estados Unidos. Destaque ainda nos fundos da igreja às significativas imagens de São Padre Pio de Pietrelcina e de Nossa Senhora da Dores. Do lado externo, um veleiro também está à disposição dos devotos.

Primeira e única igreja de Sorocaba aberta 24 horas por dia, sete dias por semana, o Santuário de São Judas Tadeu conta ainda com a Adoração Eucarística Perpétua, realizada na Capela do Santíssimo, localizada também à frente, à direita do Presbitério, com retábulo e altar todo talhado em estilo barroco igualmente e com detalhes folheados a ouro, além das imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Santa Maria, uma de cada lado do sacrário. Também centenas de pessoas dos cinco continentes, aliás, acompanham virtualmente a Vigília Perpétua Eucarística do Santuário de São Judas Tadeu, de Sorocaba, pelo seu site no ar há vários anos ininterruptamente, servindo também para transmissão igualmente ao vivo das missas e de outras celebrações religiosas ali realizadas.

Completa o conjunto arquitetônico do Santuário o Centro de Evangelização 'Monsenhor Mauro Vallini', homenagem justa e imorredoura ao fundador da Comunidade Católica do bairro do Central Parque, com suas salas de catequese, salão paroquial, cozinha industrial e amplo auditório, com 450 lugares, este ainda em processo de implantação, porém já em uso há anos. É ali, inclusive, que desde 2009 padre Flávio Júnior ministra seus concorridos e sempre ungidos cursos de Teologia para leigos, a nível universitário e vinculados ao Instituto Superior de Teologia 'Papa João Paulo II', da Arquidiocese de Sorocaba. Possui ainda o Santuário, defronte à igreja, sua concorrida loja de produtos religiosos, imagens sacras, objetos litúrgicos, paramentos e livraria, além de espaço para café em meio a convívio fraterno.

Santuário de São Geraldo e os Redentoristas em Sorocaba



Santuário de São Geraldo Majella surgiu com os Padres Redentoristas em Sorocaba.

Dos dois outros centros de irradiação da fé católica dentro da Arquidiocese que a população devota se acostumou, piedosamente, a se referir como Santuário, mesmo se ainda não erigidos canonicamente pela autoridade episcopal, significativo é o surgimento há pouco mais de uma década do Santuário de São Geraldo Majella, em Vila Helena, na região do bairro de Lopes de Oliveira, na Zona Norte, na avenida Manoel de Camargo Sampaio, esquina com a rua Henrique Carrara Amaral Rogick. Construído em tempo recorde pela Congregação do Santíssimo Redentor, em área de 5.460 metros quadrados e incluindo em anexo um novo Seminário, também ele colocado sob a proteção de São Geraldo Majella, para servir à formação de seus postulantes, têm ambos todo um simbolismo histórico a envolver sua implantação, qual seja a chegada dos Padres Missionários Redentoristas à sede do Arcebispado, depois de quase noventa anos de presença dos filhos de Santo Afonso Maria de Ligório na centenária Igreja Particular de Sorocaba. Junto com os Padres Franciscanos, os redentoristas foram os primeiros religiosos trazidos por Dom José Carlos de Aguirre, estabelecendo-se eles na cidade de Tietê, onde a Congregação instalou sua casa de formação, o Seminário Menor 'Santa Terezinha', inaugurado a 9 de fevereiro de 1936, consolidando, assim, projeto há anos sonhado pelo primeiro bispo de tê-los na nova Diocese, ele que desde sua chegada já vinha constantemente recebendo-os em peregrinação pelo vasto território entregue a seu pastoreio, com suas Missões Populares.

A igreja de São Geraldo Majella foi solenemente sagrada na tarde de 15 de março de 2012 pelo então arcebispo metropolitano Dom Eduardo Benes, concomitantemente com a inauguração da casa seminarística. O Santuário tem capacidade para acolher cerca de 600 pessoas sentadas e logo passou igualmente a irradiar forte espiritualidade redentorista calcada no carisma de Santo Afonso Maria de Ligório,

como a secular devoção das quartas-feiras em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, presente intensa e igualmente em muitos outros santuários espalhados pelo Brasil, como a Basílica Nacional de Aparecida, o Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO), e o de Bom Jesus da Lapa, no interior da Bahia, e do mundo, aonde a Congregação do Santíssimo Redentor se faz presente. Já o Seminário serve de acolhimento e formação àqueles vocacionados à vida religiosa como Irmãos Redentoristas (não como presbíteros), escolhendo a Congregação Sorocaba para sediá-lo justamente pelas facilidades oferecidas para alicerçar essa preparação, tanto em termos de cursos profissionalizantes e universitários, como principalmente na área específica de formação religiosa, com a retaguarda do curso de Filosofia da Uniso e do Instituto Superior de Teologia 'Papa João Paulo II'.

Quase 40 sacerdotes redentoristas concelebraram ao lado de Dom Eduardo Benes a missa de sagração do Santuário de São Geraldo Majella, incluindo o bispo emérito redentorista Dom Joércio Gonçalves Pereira, antigo titular da Prelazia de Coari, no interior do Estado do Amazonas, e o então reitor da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, o padre Darci José Nicioli, C.Ss.R., depois bispo-auxiliar da Arquidiocese de Aparecida e hoje arcebispo metropolitano de Diamantina, em Minas Gerais. Na ocasião, Dom Eduardo, inclusive, fez questão de recordar palavras do padre Tadeu Rocha Moraes, pároco da Catedral Metropolitana, que afirmara poucos anos antes, em reunião do Conselho Arquidiocesano de Presbíteros, em que esteve presente o padre Luiz Carlos Rodrigues, C.Ss.R., então provincial na região sudeste do País dos Missionários Redentoristas, pedindo permissão para que a Congregação viesse a instalar uma Comunidade em Sorocaba, que "será uma grande graça poder contar em nossa cidade com a presença dos filhos de Santo Afonso Maria de Ligório".

Momento forte dessa celebração foi também quando os Irmãos Redentoristas procederam a entronização, no Presbitério do Santuário, da imagem de São Geraldo Majella, seu santo patrono. Já no ano seguinte (2013), o Arcebispado de Sorocaba criava a Paróquia de São Geraldo Majella, com sede em Vila Helena e território desmembrado da Paróquia de São Luiz Gonzaga, de Vila Barão, abrangendo as muitas comunidades da região do bairro de Lopes de Oliveira, à esquerda de Vila Barão, como Jardim Novo Horizonte, Jardim Rodrigo e Jardim Bethânia.

Santuário de Santa Filomena



Devoção a Santa Filomena deu origem, em Sorocaba, ao primeiro Santuário da América Latina dedicado à virgem-mártir.

Peregrinações de várias partes do Brasil têm vindo a Sorocaba, nos últimos anos, especialmente para agradecer e pedir graças por intercessão de Santa Filomena e, ao mesmo tempo, conhecer o único Santuário da América Latina até hoje erigido em honra da Virgem Mártir dos primeiros tempos da história cristã. Em fase adiantadíssima de construção e finalização no Jardim Abaeté, agregado canonicamente à Paróquia de São José Operário, de Vila Progresso, impressiona pela sua magnitude e estilo arquitetônico, já se sobressaindo nos altos da rua Eliezer Barbosa de Lima, não muito distante

do Parque das Águas e da avenida Dom Aguirre, pelos seus belos vitrais artísticos multicoloridos e, internamente, também pela bela Capela do Santíssimo. Inclusive, bancos confortáveis já foram instalados em toda a igreja, que ainda dispõe em seu subsolo de excelentes instalações de apoio aos romeiros, como salão de festa/refeitório, cozinha industrial, salas de Catequese e Pastoral, livraria e sanitários.

O surgimento da Comunidade de Santa Filomena, no Jardim Abaeté, porém, apesar de todo esse impressionante avanço estrutural sobretudo, é recentíssimo, não ultrapassando mais de duas décadas da época em que os moradores católicos do bairro começaram a se encontrar e, em 18 anos de consolidação do sonho comemorados no mês de outubro de 2023, ela já passou de um pequeno salão para o enorme Santuário.

Na realidade, sempre a Comunidade do Abaeté projetara seu templo como uma igreja em honra de Santa Filomena, até que a partir de um belo dia, em uma de suas periódicas visitas ao local para presidir a celebração de missas, o então arcebispo Dom Eduardo Benes passou a se referir a ela como Santuário, orientando ao casal Edna-Toninho Castelhano, primeiros coordenadores, e a outros líderes da Comunidade a assim chamá-la. E a espiritualidade emanada do Santuário de Santa Filomena logo passou a se espalhar por Sorocaba e cidades circunvizinhas, em pouco tempo chegando a outras regiões do Estado e do País. Recentemente, o próprio novo arcebispo Dom Julio Akamine, em uma de suas celebrações ali, também se dirigiu ao padre Wagner Lopes Ruivo, pároco de São José Operário, de Vila Progresso, e sob cujo paroquiato o Santuário de Santa Filomena foi praticamente desenvolvendo-se e consolidando-se como tal, chamando-o de Reitor. Mesmo se ainda não oficializada sua instituição canônica como Santuário Arquidiocesano.

A título de recordação histórica, registre-se que foram a generosidade da concessão gratuita de um salão por um casal de devotos da Comunidade, Rosa de Cássia Piovani e José Santos, com aproximadamente 125 metros quadrados, no Jardim Abaeté, e a aquisição de cadeiras e mesa as primeiras ações abençoadas rumo à consolidação do Santuário de Santa Filomena. No salão, foi reservado ainda espaço para pequeno altar e, ao lado, colocada uma pequena imagem de Santa Filomena, medindo uns 30 centímetros de altura. Um sistema de som para ajudar na liturgia e músicas das celebrações completou o espaço. Os fiéis, ainda sem conhecerem a história da Santinha escolhida para ser a padroeira da Comunidade, compareceram à primeira missa naquele local em outubro de 2005, para ouvirem o pároco falar de Santa Filomena. Muitos ainda permaneciam indo à Matriz de Vila Progresso e outros poucos do bairro começaram a frequentar o até então desconhecido 'Salão de Santa Filomena', novo local de orações.

"Esses primeiros 'Amigos de Santa Filomena' são as sementes da luz inspiradora que caíram em terra fértil e deram frutos cem por um", registra o jornalista Vanderlei Testa, em livro que escreveu em coautoria com o padre Wagner Lopes Ruivo, narrando a história da virgem e mártir Santa Filomena e as origens de sua devoção em Sorocaba, incluindo alguns dos muitos milagres de cura e libertação ali testemunhados durante estes poucos anos de existência do novo Santuário. Principalmente quer seja durante as novenas em honra da excelsa Padroeira na primeira quinzena de agosto de cada ano, quer seja durante as missas votivas mensais, sempre no dia 10. O calendário litúrgico romano assinala a memória de Santa Filomena a 10 de agosto.

Filomena quer dizer 'Lumina, Luz'. E ela era realmente como significava seu nome, uma mulher iluminada pelo amor do Senhor. Filha de pais nobres, nasceu em 10 de janeiro do ano de 291 em Corfu, na Grécia e passou sua infância em meio à riqueza dos palácios. Em seu coração de criança algo divino, no entanto, a tocava por algum motivo que só aqueles que têm esse chamado podem descrever diante de tamanha alegria. Foi assim até os seus 13 anos. Consta na história da Santa que algo especial mudou a sua vida, levando-a sentir o chamado de Deus. Sua provação maior aconteceu, porém, na beleza da sua juventude, quando irradiava a formosura de uma princesa. Isso daria a ela a egoísta cobiça do Imperador Diocleciano para tê-la como sua futura esposa. Só que desta vez não estava em jogo uma mulher qualquer. Era a jovem Filomena, que já havia entregado no coração sua vida a Jesus. Porém, o poder e a intransigência do Imperador se fizeram presentes na decisão de puni-la. Deocleciano ordenou aos seus soldados que a prendessem e, sem dar chances de Filomena respeitar o seu coração, fez com que ela fosse violentamente flagelada na prisão pelos seus carcereiros.

Conta a tradição da Igreja que Filomena passou alguns dias na prisão e, ao invés de seus ferimentos piorarem, aconteceu o contrário do que o Imperador esperava. A jovem Filomena foi curada de seus flagelos e isso deixou Deocleciano mais irritado. Pela segunda vez, exigiu que ela fosse penalizada por não aceitar o casamento, mandando que amarrassem uma âncora em seu pescoço e fosse jogada no rio Tibre, para ser morta por afogamento. Mais uma vez a presença de Deus e seus anjos protegeram Filomena. A correnteza a levou à margem do rio e foi salva milagrosamente. Irritado pela sobrevivência da jovem, o Imperador inventou mais uma penalidade que, a seu ver, acabaria com a vida de Filomena.

Mandou que seus arqueiros a ferissem com flechadas até a morte. Mais uma vez isso não aconteceu. Levaram, então, o seu corpo para a prisão, deixando-a completamente ferida e sangrando. Deocleciano ainda não tinha entendido que havia uma luz divina protegendo a vida de Filomena.

Dias depois, a jovem estava sã e curada das feridas. Novas investidas perversas se seguiram, como a ponto de as flechas voltarem aos arqueiros, matando a muitos. Este castigo deve ter irritado excessivamente o Imperador, que num ato extremo de vingança mandou decapitar Filomena.

APÊNDICE F - SANTA CASA É MISERICÓRDIA



Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba, renascimento fruto do Ano Jubilar Extraordinário da Misericórdia proclamado pelo Papa Francisco.

A iniciativa da Igreja em Sorocaba de passar a responder pela gestão da secular Santa Casa de Misericórdia local não foi obra do acaso ou decisão intempestiva. Ela teve no seu nascedouro inspirações emanadas, certamente, de muitas orações, discernimento, luzes e bênçãos derramadas pela assistência do Espírito Santo. É o padre Flávio Jorge Miguel Júnior[38], diretor-presidente da Irmandade

[38] Padre Flávio Jorge Miguel Júnior, ordenado presbítero pelo arcebispo metropolitano Dom José Lambert a 8 de dezembro de 1996, Solenidade da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, está à frente da Comunidade Paroquial do bairro do Central Parque, na Zona Oeste, região dos altos do Cerrado, desde o ano 2000. De simples e acanhada Igreja Matriz, transformou-a em alguns anos no majestoso Santuário de São Judas Tadeu, ainda em fase de acabamento exterior. Sorocabano, nasceu a 20 de abril de 1970, filho de família de origem libanesa por parte de pai. Adolescente, sua militância na Igreja tem como ponto de partida participação, entre os anos de 1979 e 1984, na Conoes, grupo de adolescentes então existente na Paróquia da Catedral, e depois no Movimento de Renovação Carismática Católica, onde sua profunda espiritualidade e carisma para escuta e pregação o levaram a tornar-se o primeiro coordenador arquidiocesano dos Jovens da RCC e onde sentiu mais forte o desabrochar de sua vocação sacerdotal. Antes de assumir a Paróquia, depois Santuário de São Judas Tadeu, passou pelas paróquias de São José Operário, de Vila Progresso; Santa Rosália e São Luiz Gonzaga, de Vila Barão, então uma das mais extensas e de difíceis realidades urbanas e pastorais da cidade, constituída de 11 comunidades, indo do Jardim Zulmira até a Cruz de Ferro. Coordenador arquidiocesano da Pastoral Vocacional por dez anos, foi o responsável por atrair muitos dos atuais padres da Arquidiocese através da criação dos 'convívios vocacionais', até 2003 esteve como reitor do Seminário Arquidiocesano Propedêutico 'Bom 'Pastor' e também no ano 2000 estava

mantenedora do hospital desde então, quem corrobora essas afirmações, ao explicar que a intuição veio à época em que por iniciativa e convocação do Papa Francisco a Igreja Católica, entre 2015 e 2016, celebrava em todo o mundo o Ano Jubilar Extraordinário da Misericórdia, "um Jubileu Extraordinário que tenha o seu centro na Misericórdia de Deus", comemorando também os 50 anos da conclusão do Concílio Vaticano II "na contemplação do mistério da misericórdia".

A orientação do Papa para que cada diocese pudesse também marcar esse Jubileu Extraordinário da Misericórdia abraçando uma ação concreta de misericórdia, para ajudar os pobres, acendeu essa perspectiva que, em pouco tempo, tornar-se-ia palpável realidade dentro da Igreja Particular de Sorocaba. Transcorria-se o ano de 2016 e a intervenção que a Prefeitura havia decretado, meses antes, na Santa Casa, diante de uma série de problemas administrativos, crises financeiras e imbróglios políticos de toda ordem e até criminais que comprometiam, sobremaneira, o acesso digno da população sorocabana mais carente aos serviços médico-hospitalares, estava prestes a se encerrar e a Municipalidade buscava caminhos alternativos para que novos tempos ali se instalassem. Reitor do Santuário de São Judas Tadeu, do bairro do Central Parque, apoiado por paroquianos e outras lideranças citadinas, tanto do clero, como do laicato católico e de outros segmentos civis representativos da comunidade, com o então arcebispo metropolitano, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, foi padre Flávio Júnior procurar pelo prefeito, o engenheiro Dr. Antônio Carlos Pannunzio, manifestando a disponibilidade da Arquidiocese de se alinhar ao Município para ajudar a salvar a Santa Casa. Entendiam Dom Eduardo Benes e padre Flávio Júnior, sintonizados com o

entre os fundadores, com os padres João Carlos Alampe e Ricardo Dias Neto ('*in memoriam*'), do Instituto Superior de Teologia 'Papa João Paulo II', da Arquidiocese de Sorocaba, gestado durante três longos anos de preparação e estruturação.

pensamento do Sumo Pontífice ao lançar o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que não existe Igreja sem caridade: "Não podemos ser indiferentes ao sofrimento dos irmãos. Temos que ser voz daqueles que não têm voz. É uma ordem de Jesus", lembrava padre Flávio.



Padre Flávio Junior, como diretor-presidente, e o arcebispo Dom Julio Akamine, como moderador, têm a missão de resgatar a missão bicentenária da Santa Casa de acolhimento aos sofredores.

Assim, no último dia de seu governo, a 31 de dezembro de 2016, pode o prefeito Pannunzio entregar a gestão do hospital a um novo grupo à frente da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba, grupo este alicerçado em lideranças do Santuário de São Judas Tadeu e de outras instâncias locais, tendo à frente o esforçado sacerdote. E já com as bênçãos do novo arcebispo eleito, Dom Julio Endi Akamine, SAC, oficializado dias antes, a 27 de dezembro, pela Santa Sé, como sucessor de Dom Eduardo Benes e também participante ativo, desde então, dos destinos do hospital e, posteriormente, conduzido em assembleia ao posto de moderador da Irmandade, ou seja, aquele que doravante iria se responsabilizar, inclusive, por

nomear aqueles que garantiriam o funcionamento da entidade em nome da Igreja. "O moderador – resumiu seu entendimento ao assumir as funções Dom Julio Akamine – deve ser aquele que garante o cumprimento da missão da Santa Casa, que é um hospital que atende, principalmente, os pobres. Deve ajudar os mais necessitados, garantindo a eles um atendimento digno e de qualidade".

"Com a devolução da Santa Casa para a Irmandade – é declaração textual de padre Flávio Júnior estampada, anos depois, pelo jornal 'Cruzeiro do Sul', em sua edição de 3 de janeiro de 2021 -, chegamos a pagar uma dívida de R$ 110 milhões, que descobrimos depois, graças a uma auditoria externa que foi contratada. Quando entrou o Governo Crespo, tivemos, porém, certo mal-estar, pois o novo prefeito tinha algumas ideias diferentes para o hospital. Houve desgaste e eu cheguei a ir pessoalmente até o prefeito Crespo (o também engenheiro José Antônio Caldini Crespo) e disse que queria sair, que não queria ficar no meio da guerra. Porém, ele me pediu para ficar, pois iria tomar uma outra providência. Foi decretada, então, nova intervenção, que não foi nada fácil também. Tivemos que, por recomendação do Ministério Público, convocar todos os membros da Irmandade e foi aí que eu fui eleito, efetivamente, presidente do Conselho de Administração. Em maio de 2017, foi convocada uma nova assembleia, para a qual foram convidados todos os membros da Irmandade. Vieram pouquíssimos, então começamos a realizar mudanças e colocamos membros da Igreja Católica na Irmandade. No dia 14 de setembro, a prefeita Jaqueline Coutinho, que estava no cargo tendo em vista a primeira cassação do Crespo, me chamou até seu gabinete, porque todas as cirurgias da Santa Casa tinham parado. Não tinha nem algodão ou fio de sutura... A prefeita falou que, assim, precisava urgentemente interromper a intervenção e devolver o

hospital para a Irmandade. No dia 15 de setembro, dia de Nossa Senhora das Dores e das Misericórdias, invocações estas que estão na origem da fundação das Santas Casas no Brasil, nos foi entregue a Santa Casa e comecei, então, a administrar o hospital".

Não sem muitas dificuldades e obstáculos, "na maioria das vezes aparentando intransponíveis", fora da ação do Maligno e do que costuma chamar de 'forças ocultas' - e que atualmente 'não são tão ocultas assim' - trabalhando para que o pior aconteça, padre Flávio e sua equipe ligada ao Santuário de São Judas Tadeu e à própria centenária Arquidiocese de Sorocaba chegam ao seu oitavo ano à frente da gestão da Santa Casa de Misericórdia neste 2024 apresentando resultados inimagináveis em seu trabalho e no cuidado com a saúde e o bem-estar da população local e de municípios circunvizinhos também, sobretudo os mais pobres. Sem contar os quase três anos do estado de emergência sanitária suscitado pelo alastramento, de uma hora para outra, da terrível pandemia de Covid-19, em que a Santa Casa atuou com denodo, mas não sem enormes sacrifícios, como 'hospital sentinela e de referência', o que certamente nunca seria possível em passado não muito distante, diante de seu total estado de sucateamento e falência econômica.

"Existem sempre dificuldades tremendas, problemas, dívidas antigas, conflitos internos... São mais de mil funcionários, cada um com sua personalidade e problemas... É são muitos problemas, desde a gestão hospitalar, estrutura, RH... Não é fácil e, às vezes, é difícil e a gente pensa em desistir, porém todos os profetas da Bíblia tiveram esses momentos em que queriam desistir. Faz parte momentos assim, que dá vontade de parar com tudo. No entanto, ao mesmo tempo penso no próximo que está na minha frente precisando de uma ajuda. Penso em quanto o hospital melhorou e pode melhorar

e vem logo o fogo do Espírito Santo me aquecer e não me deixa desistir e desanimar. Enquanto Deus quiser, vou estar ali. Tenho um lema que se for fazer, tem que fazer bem feiro. Já mudei muita coisa e muita coisa tem que ser mudada ainda. O hospital é muito grande e os recursos são poucos para se fazer tudo o que está precisando ser feito", afirmou ainda padre Flávio numa de suas entrevistas à imprensa, rádio e televisão locais em tom de desabafo, lembrando que, na ocasião, estava ainda providenciando a construção de uma nova recepção para o prédio principal do conglomerado da Santa Casa, nos altos da avenida São Paulo, "e falo que quando for inaugurada todos vão ver que muitos hospitais particulares não têm uma recepção como vai ficar a da Santa Casa de Sorocaba. Procuro fazer o melhor. Não é porque é público que tem que ser feia. Não é porque é de graça que tem que ser qualquer coisa. Todo mundo gosta de um ambiente bonito e estou tentando deixar a Santa Casa um ambiente bonito e acolhedor. Quero mostrar que é possível, com honestidade e parcerias com os empresários e a comunidade, que o SUS (Sistema Único de Saúde) funciona e que podemos entregar um hospital com qualidade para todos".

A labuta da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba neste período e, como bem diz padre Flávio Júnior, 'com as parcerias com o Poder Público nas três esferas (municipal, estadual e federal), empresários e a própria comunidade', "tudo vem possibilitando completa renovação do hospital, incluindo desde a renovação e modernização de seus quartos, centros cirúrgicos e outras alas vitais a seu pleno funcionamento, até a substituição e aquisição de modernos equipamentos médico-hospitalares de última geração". De outro lado, também a participação da Igreja/Arquidiocese de Sorocaba/ Santuário de São Judas Tadeu na administração e gerenciamento da

Irmandade vem ainda possibilitando à Santa Casa de Misericórdia expandir seus serviços de benemerência, com espírito evangélico de amor e serviço caritativo, a outras áreas em benefício da sociedade local e regional. Como ao compartilhar com a Prefeitura a gestão de outras unidades de saúde do Município, como a modelar UPH (Unidade Pré-Hospitalar) da Zona Leste, no final da avenida Coronel Nogueira Padilha. Sempre com a mesma fidelidade e coerência aos princípios cristãos éticos e morais.

"Estamos fazendo o possível para levar o melhor aos pacientes e à população", destaca sempre igualmente padre Flávio Júnior, para quem a maior prioridade agora, por outro lado ainda, é também concluir a implantação junto à Santa Casa do Hospital do Câncer 'Divina Misericórdia', que já nasce como referência de modernidade tecnológica para todo o Brasil para o tratamento, combate e cura da doença. "É a Igreja Católica colocando-se a serviço da caridade para poder ajudar a comunidade sorocabana", afiança o sacerdote. Aliás, no final de 2023, não passou desapercebido a ocorrência do 220º aniversário de fundação da instituição, ocorrida a 8 de dezembro de 1803, Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Um evento simbólico foi antes realizado, a 18 de agosto, para a apresentação de novo logotipo da Santa Casa, na passagem de seus 220 anos, na presença de autoridades e colaboradores. A nova marca foi espalhada em vários pontos da cidade, inclusive em outdoors - também mais de 8 mil broches foram confeccionados especialmente para esse novo jubileu de fundação. "Escolhemos como marca dos 220 anos tom ouro para lembrar toda a grandeza do hospital por esses mais de dois séculos de história para Sorocaba e região", explicou padre Flávio Júnior.

Durante os quatro meses seguintes de comemoração, até 8 de dezembro, uma série de atos marcaram a efeméride, como a inauguração de 50 novos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), com equipamentos de última geração, e a reinauguração da ala de oncologia clínica, em novembro. Foram entregues também novos quartos reformados provenientes de doações de empresários e a nova entrada do hospital. "A Santa Casa hoje é um canteiro de obras. Estamos 'trocando a roda do caminhão andando', devido à quantidade de coisas que estamos realizando no momento", destacou ainda o gestor da Irmandade em meio às celebrações, com o arcebispo Dom Julio Akamine, ao participar do lançamento do logotipo de 220 anos, também comparando a Santa Casa a um santuário, construído para abrigar os enfermos, e os profissionais que ali trabalham aos sacerdotes: "Trata-se de um santuário do sofrimento humano, ou melhor, um santuário para alívio do sofrimento. E, nesse santuário existem sacerdotes que dedicam profissionalismo e dedicam paciência. Eles estão revestidos com uniformes brancos, uniformes de amável compreensão para com os doentes e os seus dramas. Sejam benditos todos os que trabalham nesse santuário da Santa Casa, pois eles nos ajudam a encontrar a vontade de viver"!

Também o arcebispo Dom Julio Akamine, nessas ocasiões em que o presente trabalho da Igreja de Sorocaba à frente da Santa Casa é ressaltado, chama a atenção para o nome da instituição: "Por que chamamos um hospital de Santa Casa de Misericórdia? Porque, em que pese Deus ser onipresente, em alguns lugares sua presença transparece com mais evidência, como nos santuários históricos, como aqueles da Terra Santa, ou os santuários decorrentes de aparições, como aqueles dedicados a Nossa Senhora pelo mundo afora. Já a Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba é um santuário

diferente: trata-se de um santuário para alívio do sofrimento humano, com seus sacerdotes, isto é, os profissionais que se dedicam aos doentes. E desejamos fazer a Santa Casa cada vez mais santa, acolhendo os pobres, os sofredores".

Santa Casa de Misericórdia de Sorocaba

Historicamente, as Santas Casas de Misericórdia tiveram seu desenvolvimento na Península Ibérica a partir do século XV, sobretudo em Portugal, com os reis Dom João II e seu sucessor Dom Manuel I, que além de planejar e incentivar a conquista de novas terras não europeias dedicou-se com afinco, seguindo os passos de seu predecessor, à reforma da assistência aos pobres, seguindo os ensinamentos evangélicos e a doutrina cristã, concluindo em 1501 a construção em Lisboa do suntuoso 'Hospital de Todos os Santos', iniciada em 1492 por Dom João II, que não pode conclui-la, mas deixou expressa em testamento sua vontade de que a obra fosse terminada e que também se tornasse um centro unificador dos outros 43 hospitais menores então espalhados pela capital portuguesa. E "com o mesmo ideal de servir a Deus na pessoa dos pobres" somam-se já em 1498, paralelamente, os esforços de dona Leonor, esposa de Dom João II, de fundar a Irmandade da Misericórdia, tendo em frei Miguel o inspirador, organizador e alguém com capacidade de executar o plano da Coroa portuguesa. 'a genialidade da solução foi reunir sob a denominação e obrigação de Irmãos...todos animados do fim púnico de bem-fazer, pela prática da caridade cristã, envolvendo-se num salutar convívio social, donde não podia deixar de resultar benéfica e decisiva a influência de aproximação das classes em que se compunha a sociedade do tempo"... "A elite é, assim, chamada também a fazer

parte da Misericórdia, para assegurar prestígio e financiar o exercício da assistência pública pela prática da Caridade. Coisa que o Poder Público naquela época não podia e nem almejava fazer"[39].

Os hospitais, na verdade, nasceram praticamente com o Cristianismo. No ano de 372, o arcebispo São Basílio funda, em Cesaréia, um grande hospital constituído por um albergue para viajantes e estrangeiros – asilo para velhos, asilo para crianças e abrigo para doentes. Com a difusão do Cristianismo e a instalação de dioceses, nascem as catedrais, os mosteiros e os hospitais. Em Sorocaba, a fundação da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia acontece a 8 de dezembro de 1803, não por acaso Solenidade da Imaculada Conceição, "constituída desde seu início em Portugal a Virgem Maria Santíssima como Advogada e Padroeira da Irmandade que tem por objetivo o exercício da caridade e da Misericórdia, para o socorro e assistência aos enfermos, idosos, inválidos e desamparados...".

Sua fundação ocorreu junto à antiga igreja de Santo Antônio, no largo do Mercado, que durante praticamente todo o século XIX serviu de sede da Irmandade. Nasceu praticamente da iniciativa pessoal do capitão-mór Francisco José de Souza, que era português de nascimento (natural do Porto e ali trabalhou, inclusive, em sua Santa Casa de Misericórdia e onde tirou o título de cirurgião) e que se casou por aqui com Marina Floriana de Madureira, filha do capitão-mor de Sorocaba, Cláudio de Madureira Calheiros. Percebendo a deficiência e a ausência de cuidados médicos adequados aos doentes da Vila de Sorocaba, entrou em contato com o então capitão geral da

[39] Citações históricas sobre o surgimento das Irmandades das Santas Casa de Misericórdia copiladas do livro "As Santas Casas e a Evangelização" (1995, edição do autor), escrito pelo padre Firmino Waldemar Pasqual, ME, primeiro pároco camiliano a dirigir a Paróquia de São Lucas, no bairro do Vergueiro, e responsável pela implantação da Pastoral Arquidiocesana da Saúde em Sorocaba.

Capitania de São Paulo, Antônio José de França Horta, com a intenção de, através de uma Irmandade da Misericórdia, instituir uma Santa Casa, iniciando sozinho a 29 de julho de 1803 o projeto de fundação da Irmandade e de construção do hospital e apenas dois meses depois, em 29 de setembro, já estava arrecadando os primeiros recursos por meio da venda de livros e doações, importantes depois para a consolidação da aquisição de terreno no final da rua em frente à igreja de Santo Antônio. "Nasceu pobrezinha, humilde e tímida, de um sonho de bondade e de amor", como aparece em um dos escritos do historiador Aluísio de Almeida. Em alguns anos, o modesto primeiro prédio destinado à Santa Casa, na rua que logo convencionou-se chamar de rua do Hospital (hoje rua Dr. Álvaro Soares), estava com suas obras civis de construção praticamente prontas, porém consta que logo constatou-se não haver em Sorocaba profissionais para atender aos doentes. Então, a Irmandade foi extinta em 1811 e todo o patrimônio ficou sob a responsabilidade da Câmara dos Vereadores.

A estrutura onde funcionaria a Santa Casa, a partir de então, serviu como prisão, escola, hotel e até quartel para as tropas de Duque de Caxias durante a Revolução Liberal de 1842. Em 1845, quando Sorocaba já havia sido elevada à condição de Município, a Irmandade de Misericórdia foi restaurada, mas constatou-se que o prédio precisava de reforma. Um ano depois, pode ser, então, formalmente aberto o imóvel como Santa Casa, recebendo, posteriormente, até a visita do Imperador Dom Pedro II, que deixou uma generosa doação e recebeu o título de 'protetor da Irmandade'. O historiador Porfírio Rogick Vieira, em suas 'Efemérides sorocabanas', aponta, a propósito, que a Santa Casa só começou efetivamente a funcionar no novo prédio da rua do Hospital – hoje esquina da rua Dr. Álvaro Soares com as ruas Souza Pereira e Anita Garibaldi – a 16 de fevereiro de 1845.

A Santa Casa permaneceu instalada no local por pouco mais de meio século, inclusive servindo de retaguarda sanitária quando das epidemias de febre amarela de 1897 e de 1899, pontificando ali médicos como o próprio Dr. Álvaro Soares, Dr. Artur Fajardo e Dr. Costa Passos. Inclusive, a 8 de dezembro de 1845, ao comemorar-se mais um aniversário de fundação da Irmandade sua mantedora, inicia-se tradição que seria preservada por algumas décadas, mais de 50 anos, de todos os anos, nesta data, "sair da igreja de Santo Antônio uma procissão levando a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que ia até o hospital em visita aos doentes...". Terminou a tradição após a mudança da Santa Casa para os altos da avenida São Paulo...

Em 1º de janeiro de 1899, mudou-se a Santa Casa do Centro, da rua do Hospital, para suas novas dependências, nos altos da então estrada para São Paulo, área adquirida pela Irmandade não sem muitos sacrifícios e onde se encontra até hoje, depois de passar por várias fases de desenvolvimento, crescimento e progresso, mas também muitas agruras, percalços e dificuldades. Para ali, antes chácara de um rico sorocabano onde depois chegara a funcionar alas hospitalares destinadas a pessoas portadoras do Mal de Hansen, moléstia mais conhecida vulgarmente como 'lepra' (inclusive, a pequena capelinha existente no local e, com o passar dos anos, ampliada e transformada em igreja consagrada a Nossa Senhora dos Remédios, originalmente era dedicada a São Lázaro, protetor dos hansenianos) e também onde fora instalado um manicômio mantido pelo Governo do Estado, o Hospício dos Alienados, no mesmo dia da inauguração já foram transferidos os nove primeiros pacientes, transportados do prédio da rua Dr. Álvaro Soares, no Centro. Antes, no Gabinete de Leitura, houve reunião da Irmandade, em que o provedor João Câncio de Azevedo Sampaio apresentou seu relatório, ele que junto com o Dr. Álvaro Soares

estiveram à frente da implantação do novo hospital, e elegeu-se a nova diretoria, tendo como provedor Antônio Xavier de Araújo (Nhozinho). Em seguida, dirigiram-se todos ao novo prédio em dia de festa para Sorocaba, acompanhados da banda de música Lira Sorocabana.

Aluísio de Almeida, em seu livro 'História de Sorocaba', edição de 1969, ainda cita, à página 288, que "a Santa Casa foi crescendo com a cidade. O progresso e a modernização de suas instalações tomaram, então, impulso ininterrupto desde a eleição e reeleições continuadas posteriormente do comendador Abílio Soares e do sr. Felipe Betti como provedor e tesoureiro e a direção médica do cirurgião sorocabano Dr. José Stilitano, que é uma glória da Ciência e da terra natal".

Um outro registro histórico interessante e digno de nota: foi a 23 de março de 1930, após missa celebrada pelo bispo diocesano na Capela de Nossa Senhora dos Remédios, anexa ao hospital, que Dom José Carlos de Aguirre procedeu à bênção marcando o início do funcionamento do primeiro aparelho de Raio-X implantado na Santa Casa, juntamente com a inauguração do Pavilhão de Tuberculose. Um representante da Luiz Ferrando, empresa que forneceu o aparelho, fez, em seguida, demonstrações, tendo Dom Aguirre permitido que radiografassem sua mão...

Igualmente interessante do ponto de vista da presença da Igreja de Sorocaba nos destinos da Santa Casa o registro de outra presença ali de Dom Aguirre, acolitado pelo então chanceler do Bispado, padre José Zanolla, no dia 21 de novembro de 1937, para abençoar a pedra fundamental para a construção da torre da Capela de Nossa Senhora dos Remédios.

De 1921 até 1945, o Comendador Abílio Soares comandou, com os membros da Irmandade da Santa Casa, a gestão dos desafios do atendimento à população carente. De tradicional família do comércio varejista de Sorocaba, Belarmino de Moraes Arruda assumiu a Provedoria de 1945 a 1974 e Walter Leme dos Santos se dedicou à Santa Casa como provedor desde 1988, ficando até o seu falecimento. Atualmente, o padre Flávio Jorge Miguel Júnior é o presidente da Santa Casa, com uma gestão inovadora em termos de realizações e acolhimento aos enfermos.

De fato, mesmo com o passar das décadas e a evolução da sociedade contemporânea, os princípios evangélicos nunca se afastaram, também em Sorocaba, da missão primeiríssima de uma Santa Casa de Misericórdia. Nesta perspectiva cristã, é manifesto que hoje as Santas Casas estão vivendo num mundo pluralista e secularizado, porém o óbvio é que, em sendo uma organização de caráter social, sofra as influências da época..., conservando-se, contudo, seu caráter filantrópico e beneficente.

APÊNDICE G - A NOSSA ARTE SACRA

"A fé tende, por sua natureza, a exprimir-se em formas artísticas e em testemunhos históricos que têm uma intrínseca força evangelizadora e valor cultural, diante das quais a Igreja é chamada a prestar a máxima atenção" afirmava o Papa São João Paulo II em seu Motu Proprio `Inde a Pontificatus Nostri Initio´[40], de 25 de março de 1993, em que, continuando a colocar em prática as orientações emanadas do Concílio Vaticano II acerca da valorização que a Igreja sempre dedicou à Arte como veículo de comunicação das coisas espirituais e como expressão catequética, criava a Pontifícia Comissão para o Patrimônio Cultural da Igreja, sucedânea da Pontifícia Comissão para a Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da Igreja.



Zelo de Dom José Melhado Campos fez sistematizar-se o acervo histórico espalhado por paróquias e capelas. Assim surgiu o Museu de Arte Sacra, hoje transformado no Acervo Arquidiocesano de Arte Sacra.

[40] Em outro trecho de seu Motu Proprio de 1993 sobre a Arte a serviço da difusão das verdades do Reino e da evangelização cristã, João Paulo II acentuava: "A Arte vai mais além da informação racional, matemática das coisas, intelectual apenas e que não resolve tudo e não atende aos anseios da pessoa humana. Ela (a Arte Sacra) comunica revestida de emoção. A beleza (o belo) re-vela (des-vela) o que pela pura palavra, ou pela pura razão, não conseguimos exprimir".

Em Sorocaba, a passagem das comemorações jubilares de meio século da Diocese proporcionou a ela a oportunidade de concretização de importante projeto acalentado pelo seu segundo bispo diocesano, Dom José Melhado Campos, qual seja a inauguração na tarde de 14 de agosto de 1975, véspera da Festa da Padroeira, Nossa Senhora da Ponte, do Museu Diocesano de Arte Sacra (Mudas), instalado sob sua supervisão pessoal nas galerias superiores da igreja da Catedral. Representava, paralelamente, o coroamento de um trabalho minucioso e dedicado de dom José Melhado também em primeira pessoa, ao lado de outros voluntários e estudiosos, com a assessoria técnica de Monsenhor Jamil Nassif Abid[41], de reunir todo o rico acervo sacro histórico-artístico espalhado, muitas vezes correndo sério perigo de extravio ou mesmo roubos, pelas igrejas e capelas de Sorocaba e demais cidades da região então integrantes de nossa circunscrição eclesiástica, principalmente as imagens mais antigas e não mais expostas para veneração nos seus altares ou ao culto público. É certo que muita coisa se perdeu, sobretudo diante de precipitadas interpretações pós-conciliares quanto ao patrimônio sacro, mas Dom José Melhado não esmoreceu enquanto não viu encaminhado esse projeto inusitado de tombamento, catalogação e exposição de todo esse acervo, com a constituição do Museu Diocesano de Arte Sacra.

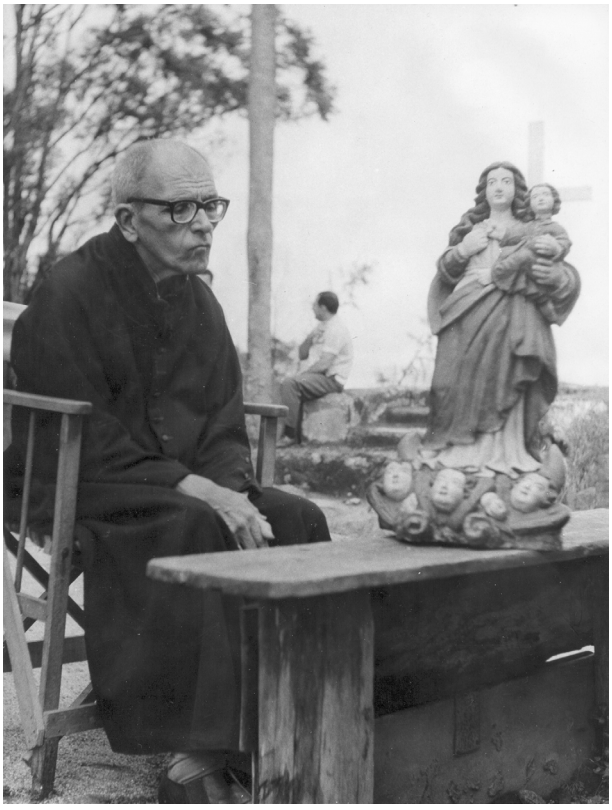
Aliás, bem anteriormente, ainda como administrador apostólico, a 11 de setembro de 1970 Dom José Melhado já havia encaminhado extensa circular a respeito a todos os párocos a propósito desse trabalho urgente, "diante do despertar da consciência de tantos e pretendendo por cobro a muitos abusos, bem como promover a reunião e preservação de tudo quanto se possa localizar... De fato, assim

[41] Para Monsenhor Jamil Nassif Abid, ver Nota em 'Os santuários arquidiocesanos' (Apêndice E)

determina o Concílio Vaticano II: 'Diligentemente vigiem os Ordinários (Bispos) que as sagradas alfaias ou obras preciosas, ornamentos que são da casa de Deus, não sejam alienados, nem destruídos' (*Sacrossantum Concilium* 26)". Lembrava ainda o Bispo nesta circular, após ponderar que a Diocese de Sorocaba abrange uma região rica em manifestações expressivas de arte e história e que, de outro lado, "verdade é que a incúria, o desconhecimento, o comércio ilícito, o roubo, etc. alienaram ou dilapidaram preciosidades por esses anos afora", que "as 'imagens preciosas' não podem ser validamente alienadas sem licença da Santa Sé". E exemplificava que "por 'imagens preciosas' entendem-se as que são notáveis pela antiguidade, arte ou culto. A restauração dessas imagens exige licença escrita do Ordinário (Cânon 1.280, 1.281)".

Distribuída essa circular, foi a 5 de outubro seguinte, como registrado, inclusive, pela imprensa, que padre Jamil, acompanhado por um fotógrafo cedido pela então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (hoje Iphan/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura), "iniciou o tombamento do patrimônio histórico da Diocese de Sorocaba, percorrendo todas as igrejas e capelas das cidades a ela pertencentes". "Em Tatuí e Araçoiaba da Serra – é a imprensa de Sorocaba que também informava no dia 15 de novembro de 1970 -, foram encontradas por padre Jamil Nassif Abid e sua equipe duas imagens de Nossa Senhora da Expectação, representando a Virgem Santíssima grávida e com o escapulário do Carmo. A de Tatuí tem a data de 1680, mais de cem anos antes da fundação daquela cidade".

O Museu e sua caminhada



Nossa Senhora da Penha, do século XVII, foi uma das imagens levadas em novembro de 1993. Uma foto do professor Adolfo Frioli registra o momento em que Monsenhor Castanho contempla-a nos anos 1960, nos altos da Serra de São Francisco.

A propósito do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, temporariamente desativado e transformado no Acervo Arquidiocesano de Arte Sacra, por determinação do arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine, SAC, sobretudo diante das inadequadas instalações onde se achava aberto à visitação pública, inclusive não tendo mais como seguir as normas de segurança preconizadas pelo Corpo de Bombeiros quanto a acesso a suas dependências, a madrugada do

sábado, 20 de novembro de 1993, foi fatídica a seu acervo. Quadrilha especializada jamais identificada conseguiu adentrar ao interior da Catedral pela porta lateral, com o uso de chave falsa, para ganhar as galerias, onde achava-se instalado. Certamente, 'olheiros' já frequentavam o local, visto que agindo rapidamente, no escuro (só reflexos da iluminação externa) e sem movimentação mais brusca que despertasse a atenção da viatura da Guarda Civil Municipal (GCM) estacionada defronte à igreja, na praça Cel. Fernando Prestes, em pouco tempo de 'trabalho' conseguiram identificar as peças de maior valor e sair com elas pela mesma porta que entraram.

Foram levadas onze imagens das mais significativas do acervo, deixando-se ainda para trás outras duas, acondicionadas em sacos protetores com o emblema da empresa aérea alemã Lufthansa, na escada em caracol de acesso ao local. Dentre as imagens nunca mais encontradas ou localizadas até hoje, trinta anos depois, apesar dos esforços investigativos à época da Polícia Civil, Secretaria de Estado da Segurança Pública e até da Interpol, a polícia internacional, estavam as de Nossa Senhora do Bom Parto ou da Expectação, citada inclusive em publicações internacionais de Arte como um dos únicos exemplares conhecidos no Brasil e no mundo apresentando a figura de Maria Santíssima em adiantado estado de gestação, proveniente da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Tatuí, e da Virgem da Penha, a mais pesada de todas, de quase 60 quilos, datada do século XVII e venerada desde o final dos anos 1600 numa das primeiras capelas erguidas nos arredores da Vila de Sorocaba, dedicada a Nossa Senhora da Penha, até hoje existente nos altos da Serra de São Francisco, na divisa com Votorantim; um Crucifixo de madeira em marfim, pintado, proveniente da Capela de Nossa Senhora del Populo, igualmente construída nos anos 1660 na Serra de São

Francisco; belíssimo São Joaquim, de madeira, policromada e datada do século XVII, com resplendor de prata, que pertenceu ao antigo Mosteiro Santa Clara; um São João Batista (madeira, século XIX), proveniente da Matriz de Porangaba; e um outro Batista, só que em iconografia sentado, do século XVIII.

Outras duas relíquias roubadas foram uma Imaculada Conceição, madeira, século XVIII, da Capela de São Roque, no bairro do Itapeva, em Votorantim, e uma Nossa Senhora do Rosário, do mesmo período. Da histórica imagem de Santo Antônio, venerada na antiga igreja que existiu no largo do Mercado, os ladrões conseguiram levar apenas o Menino Jesus; a imagem de Santo Antônio propriamente foi encontrada acondicionada na escada.

O arcebispo da época, Dom José Lambert, mais para frente, em junho de 1996, foi, por outro lado, instado pela Santa Sé, junto com os demais colegas titulares das dioceses sufragâneas da Província Eclesiástica de Sorocaba, a enviar um levantamento completo sobre a situação do patrimônio sacro histórico e artístico sob a guarda de cada uma dessas circunscrições a uma comissão pontifícia especial que acabara de ser instituída em Roma, atendendo a recomendação pessoal do Papa São João Paulo II. Em trinta dias, os bispos de Itapeva, Registro e Jundiaí encaminharam, na ocasião, esses relatórios à Cúria Metropolitana de Sorocaba, de onde o então chanceler do Arcebispado, padre Paulo Roberto Gonzales, anexando-os ao levantamento sorocabano, com base nos registros do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, remeteu-os, em seguida, à Sé Apostólica.

APÊNDICE H - PARÓQUIAS DA ARQUIDIOCESE EM SEU CENTENÁRIO

Reservamos o último Apêndice deste livro comemorativo à passagem do primeiro centenário de constituição canônica da Igreja Particular de Sorocaba a um panorama das paróquias, em número de 58 exatamente, presentes dentro de sua atual configuração territorial neste ano jubilar da Arquidiocese. Optamos por apresentá-las seguindo critério de antiguidade por região/área pastoral; algumas delas, porém, como a própria Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, a Catedral de Sorocaba, e outras cuja relevância histórica, litúrgica e/ou pastoral tem sua trajetória interligada mais de perto a historicidade da Arquidiocese em sua caminhada, seja como santuários ou outro pormenor importante, seguem com esse apontamento e referência, remetendo a capítulos e/ou apêndices específicos.

REGIÃO PASTORAL DE SOROCABA

ÁREA CENTRO

1 Paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Ponte

A igreja-mãe da Arquidiocese de Sorocaba, que sem sombra de dúvida sempre foi e é dos maiores monumentos da cidade e forte referencial urbanístico por sua beleza e dinamismo, teve sua Matriz, com o movimento da criação de uma futura Diocese a ser instalada na cidade e abrangendo toda a região sul paulista, fechada em 1918 e reaberta somente em 1º de janeiro de 1924, recebendo melhorias e adaptações requeridas sempre por uma nova Sé Episcopal. Nessa

grande obra, foi totalmente reformada e ampliada para ser a futura Catedral, o que de fato aconteceu em 4 de julho de 1924, quando a Diocese foi criada e instalada em 31 de dezembro seguinte. Em 29 de abril de 1992, o Papa São João Paulo II, ao criar a Província Eclesiástica de Sorocaba, a elevou à dignidade de Catedral Metropolitana.

Monges Beneditinos do mosteiro local exerceram seu paroquiato à frente da então simples Matriz de Nossa Senhora da Ponte (única de Sorocaba até 1926), bem como Padres Agostinianos, que também dirigiam o Colégio Diocesano (hoje Colégio Santa Escolástica, da Congregação das Missionárias Beneditinas de Tutzing) e muitos padres seculares ao longo de quase três séculos.

A partir da elevação à dignidade de Sé Diocesana e depois Metropolitana, foram seus párocos Monsenhor Domingos Magaldi (1º de janeiro de 1925 a 16 de setembro de 1933); Monsenhor Francisco Antônio Cangro (16 de setembro de 1933 a 18 de dezembro de 1957); Monsenhor Antônio Simon Sola (18 de dezembro de 1957 a 9 de novembro de 1966); Monsenhor Benjamim de Souza Gomes, depois bispo diocesano de Paranavaí, interior do Paraná (9 de novembro de 1966 a 21 de março de 1967); Monsenhor Antônio Maria Mucciolo, depois bispo diocesano de Barretos e arcebispo metropolitano de Botucatu (21 de março de 1967 a 3 de julho de 1977); Monsenhor José Carlos Castanho de Almeida, depois bispo-auxiliar da Diocese de Santos, bispo diocesano de Itumbiara (GO) e primeiro bispo diocesano de Araçatuba (3 de julho de 1977 a 4 de abril de 1982); e Monsenhor Mauro Vallini (4 de abril de 1982 a 20 de abril de 1998).

É o oitavo cura da Catedral de Nossa Senhora da Ponte o padre Tadeu Rocha Moraes, empossado pelo então arcebispo Dom José Lambert a 29 de maio de 1.998. Desde 19 de novembro de 2022, data

de sua posse canônica conferida por Dom Julio Akamine, a Catedral tem também como vigário paroquial o padre Julian Carlos de Camargo, ordenado presbítero ali mesmo por Dom Julio Akamine no dia 6 anterior. Engloba hoje em seu território canônico o Mosteiro de São Bento, dos Padres Beneditinos, com sua igreja dedicada a Sant'Ana; o Convento das Missionárias de São Bento de Tutzing (Irmãs Beneditinas), com seu Colégio Santa Escolástica e a igreja de Nossa Senhora do Rosário, e a igreja de Santa Cruz, junto ao antigo Lar São Vicente de Paulo.

A Paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Ponte merece apêndice à parte e sua existência também permeia muitos outros capítulos desta obra. A partir da década de 1930, a Festa da Padroeira, antes a 21 de novembro, Festa da Apresentação da Virgem Santíssima, passou a ser celebrada a 15 de agosto, seguindo orientações de uma primeira reforma do calendário litúrgico orientada pela Santa Sé, transferindo para a Solenidade da Assunção de Nossa Senhora as festas marianas sem uma data própria.

2 Paróquia de São Benedito, de Vila Carvalho

Canonicamente criada com o pomposo nome de Paróquia de São Benedito de São Filadelfo, O Preto pelo bispo Dom José Carlos de Aguirre em 1961, em território desmembrado por inteiro da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, a tradicional Paróquia de São Benedito, de Vila Carvalho, na realidade teve sua história acompanhando a evolução urbana e demográfica do bairro desde os primórdios da expansão da cidade para aqueles lados do Além-Linha a partir do final dos anos 20 do século passado, quando surgiam os primeiros conglomerados de casas nas áreas mais próximas ao Centro, separadas pelas linhas da en-

tão Estrada de Ferro Sorocabana. Em maio de 1932, o Monsenhor Domingos Magaldi, então pároco da Catedral, fundou um Centro Catequético no bairro nascente, com as aulas ministradas numa casa muito antiga, situada no mesmo imóvel onde hoje está instalada a Igreja Matriz, na rua Osório Maia. Por mais de 20 anos, dedicados catequistas, tendo à frente a incansável e inesquecível dona Nina (Ana Bonito, que hoje dá nome ao Centro Comunitário da Paróquia), trabalharam no bairro pela difusão do Evangelho a crianças e adultos, preparando-as, assim, para a Primeira Eucaristia e outros sacramentos.

Em 1954, com a realização em Sorocaba das 'Santas Missões' marcando o tricentenário de fundação da cidade, o então vigário da Catedral, Monsenhor Francisco Antônio Cangro, deslocou dois dos redentoristas, os padres Julio Negrizzollo e Tito Cardoso de Souza, para os trabalhos de evangelização em Vila Carvalho, aonde logo foram entusiasmadores os frutos colhidos, incentivando a formação de um grupo interessado em construir ali uma Capela que fosse ampla, para no futuro constituir-se uma Paróquia. Entre outros, figuravam no grupo Elia Maria Rocco Bonito, Dorival Marques, Giovanni Pellizzoni e sra., Amadeu Pellizzoni e sra., Marina Alves, João Batista Alves, Antônio Cassiano e sra., Benedito Paes de Almeida e sra., Mário Moltocaro e sra., Antônio Bonamim e sra., Abílio Figueiredo e sra., e Francisco Hoffart e sra., que como primeira providência decidiram-se pela campanha para a aquisição do terreno, com a realização de várias campanhas de arrecadação de donativos e quermesses na praça Governador Pedro de Toledo, o largo do Cemitério, próximo ao local.

Para incentivar também a construção, padre Chiquinho passou a celebrar missa rotineiramente, no local da futura capela, missas aos domingos, às 8 horas, e em 1955 lançou-se a pedra fundamental, em solenidade presidida pelo cônego Luís de Almeida Moraes,

representando Dom Aguirre. Foram, porém, muitas idas e vindas, inclusive com duas paredes laterais ruindo por ocasião de forte tempestade na cidade, quando todas elas já se apresentavam em estágio bem avançado, levantadas até a altura do telhado – sem, contudo, prejudicar o telhado que começava a ser instalado e a capela-mor. Isto, contudo, não esmoreceu os ânimos da Comunidade, a ponto de em 1959, com a presença do Monsenhor Benjamim de Souza Gomes, representando o pároco, e do Coral 'São Carlos Borromeu', formado pelos seminaristas, acontecer a festa da cobertura da Capela, que funcionou durante mais algum tempo agregada à Paróquia da Catedral, recebendo assistência eclesiástica de Monsenhor Francisco Antônio Cangro, cônego André Pieroni Sobrinho, cônego Sérvulo de Madureira, Monsenhor Antônio Simon Sola e padre Oswaldo Bazzo.

Em 11 de fevereiro de 1961, deu-se a ereção canônica da Paróquia de Vila Carvalho, com plena faculdade para ter Sacrário, Batistério e Pia Batismal, consagrada a São Benedito de São Filadelfo, o Preto, como escreveu Dom José Carlos de Aguirre naquele dia, ao abrir o primeiro Livro de Tombo – a linha divisória da nova Paróquia seria com a Paróquia de Santa Rita de Cássia, "começando na estrada de Itavuvu, no ponto inicial da Paróquia de Porto Feliz, descendo por essa estrada", ainda nas vagas informações do Livro de Tombo – posteriormente, como hoje, passou a ser delimitada pela avenida Brasil, iniciando-se junto à linha férrea. Em 19 de março, deu-se a posse do primeiro vigário, padre José Francisco Motta, que permaneceu como pároco até 25 de novembro de 1962. Por ordem cronológica, seguiram-se como titulares o cônego Sérvulo Madureira até 26 de janeiro de 1964 e depois retornaria a 15 de agosto de 1973; padre Jayme Rodrigues de Almeida Filho, de 26 de janeiro de 1964 a 15 de agosto de 1973, com breve intervalo de pouco mais de um mês, entre 12 de fevereiro e 25 de março de 1967, quando foi substituído pelo padre Eugênio José

de Camargo Barros; e cônego Emile Lhermitte, premonstratense, de 28 de julho de 1974 a 21 de maio de 1979, seguindo-se um breve período de vacância paroquial até 28 de julho de 1979, com a Comunidade sendo assumida pelos bispos Dom José Melhado Campos e seu auxiliar Dom Amaury Castanho, tendo como diácono permanente o sr. Juarez Ferreira e como comprometidos os padres Isac Isaías Vale e Inácio Kriguer para celebração das missas de preceitos. Na sequência, vêm os párocos padre Olegário Araújo dos Santos (com breve assunção do diácono permanente Oswaldo Bistão a 19 de julho de 1982 e, a 21 de novembro seguinte, do então diácono transitório Ricardo Dias Neto), padre José Ernani Angelini (30 de janeiro de 1983), padre Ricardo Dias Neto (1º de janeiro de 1984), padre Alfieri Eduardo Bompani (26 de janeiro de 1986), padre Wilson Bizoni (22 de janeiro de 1994), padre Carlos César Ribeiro Costa (23 de dezembro de 2002), padre João Carlos Alampe (8 de fevereiro de 2003), padre Paulo Severino Malzoni (10 de fevereiro de 2007) e padre Inácio Kriguer (de 14 de março de 2013 a 20 de maio de 2019, poucas semanas antes de seu falecimento, em vista do debilitado estado de saúde, assumindo com administrador paroquial, no período de 20 de maio a 25 de agosto de 2019, o padre Tadeu Rocha Moraes, pároco da Catedral Metropolitana).

O décimo-sexto pároco de São Benedito é o padre Almir Flávio Scomparim, empossado ali a 25 de agosto de 2019 pelo arcebispo Dom Julio Endi Akamine. São, assim, 16 párocos e quatro administradores, função essa assumida por dois diáconos, Oswaldo Bistão e Ricardo Dias Neto, e dois padres, Carlos César e Tadeu. A paróquia ficou vacante por duas vezes, em 1979 e 1982, e contou ainda com a presença pastoral do diácono transitório *João Fernando Barreto, depois ordenado sacerdote por Dom José Lambert, de 25 de outubro de 1998 a 7 de dezembro de 2002.*

A festa litúrgica do Padroeiro é hoje anualmente celebrada a 5 de outubro.

A Igreja Matriz

Acrescente-se ainda, por outro lado e por fidelidade histórica, que a continuidade de edificação da igreja matriz de São Benedito, sobretudo quanto à implantação da decoração artística de seu Presbitério, foi na sua maior parte feita ao tempo do paroquiato de seu primeiro titular, o padre José Francisco Motta, e tinha já a implementação, em sua planta original, de algumas ideias da reforma *litúrgica preconizada pelo C*oncilio Vaticano II, do qual ela é contemporânea, como por exemplo no Crucificado Glorioso presente no Presbitério. Porém, depois as obras de construção ficaram paradas por bom tempo, comprometendo, inclusive, suas estruturas externas, telhado e forro, só terminando na época do cônego Emile Lhermitte[42], quando num árduo esforço concentrado conseguiu ele,

[42] O cônego Emile Lhermitte O.Praem. (seu nome completo era Emile Charles Pierre Lhermitte) nasceu na Bélgica, em Vinken, a 16 de março de 1916. Em 11 de outubro de 1936, aos 20 anos de idade, entrou para a Abadia de Averbode, da Ordem dos Cônegos Regulares Premonstratenses, também conhecida como 'dos Monges Brancos', por causa da cor do hábito, fundada no interior da França, na Idade Média, por São Norberto. Foi ordenado sacerdote a 16 de agosto de 1942, aos 26 anos. Durante quatro anos, trabalhou como professor de História da Igreja na Abadia Premonstratense de Averbode. Designado para integrar uma missão ao Brasil, deixou a Bélgica e desembarcou no Porto de Santos a 9 de março de 1946. Primeiramente, trabalhou em Petrópolis, como professor do Colégio São Vicente de Paulo, mantido pelos cônegos premonstratenses. Depois esteve como professor no Seminário Menor de Pirapora do Bom Jesus (1948/1953), vigário coadjutor da Paróquia de São José, no Jardim Europa, em São Paulo (1953/1958), voltou a Pirapora como professor de Filosofia até 1965 e nos dois anos seguintes, 1966 e 1967, foi coadjutor da Paróquia de São Judas Tadeu, na cidade de Piracicaba. Retornou à Paróquia de São José até 1970 e depois, até 1973, atuou como vigário da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, no bairro do Cambuci, também na Capital. A ligação de padre Emile com Sorocaba passou a se efetivar em 1974, num momento em que a Ordem de São Norberto, ao ver consolidada a criação

em tempo recorde, dar sequência acelerada a elas, graças também a expressivo grupo de leigos residentes no bairro e adjacências, ligados ao Movimento de Cursilhos de Cristandade e às Equipes de Nossa Senhora, que se reuniu em torno do até então desconhecido e humilde sacerdote belga, de fala mansa e carregada do sotaque da língua flamenga. A partir da construção no terreno aos fundos da igreja, com entrada pela rua Profa. Maria de Almeida, de um amplo galpão, espécie de primeiro salão paroquial da Comunidade, as festas beneficentes e quermesses se multiplicaram e a Matriz foi tendo obras danificadas pela ação do tempo e abandono, como telhado e forro de Eucatex despedaçando, substituídas e/ou restauradas e a fachada principal concluída, com a colocação dos dois grandes vitrais centrais, até então fechados com madeira compensada, término da torre paralisada pela metade, reboco sobre os tijolos à vista e também bastante desgastados pela incidência das chuvas e outras intempéries e pintura. Só não conseguiu padre Emile concretizar um outro sonho, a colocação de sinos na torre, substituindo os até então antigos alto-falantes ('cornetas'), fixados em número de quatro no pico da torre inacabada, que meia-hora antes das missas eram acionados, reproduzindo para todo o bairro, inclusive aos pontos mais altos, chegando à avenida Brasil e Vila Barão, o badalar de sinos a partir

de sua Província Brasileira, passou a liberar os confrades belgas, a maioria já com certa idade, para retornarem a seu país de origem ou assumirem outros trabalhos pastorais no Brasil. Amigo de Monsenhor Antônio Maria Mucciolo, então pároco da Catedral, veio para, a princípio, auxiliá-lo na Sé de Sorocaba, mas pouco mais de uma semana depois, a 27 de julho de 1974, a convite do então bispo diocesano Dom José Melhado Campos, assumia a direção da Paróquia de São Benedito, de Vila Carvalho. Posteriormente, passou por outras paróquias da cidade e São João Batista, em Votorantim, como coadjutor. Depois de receber o título de "Cidadão Sorocabano" por deferência da Câmara Municipal, em fins de 1991, já com a idade avançada e a saúde bem debilitada, a Ordem dos Premonstratenses, consultando o bispo de Sorocaba, Dom José Lambert, houve por bem convidá-lo a retornar definitivamente a Bélgica, à Abadia de Averbode, onde faleceu a 26 de janeiro de 1999.

de discos ainda de vinil com gravações de sons dos carrilhões do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, e muitas vezes melodias sacras também. Anos mais à frente, a fachada teve pequena nova alteração, com a construção de uma área coberta a proteger a porta principal, juntamente com o fechamento da entrada principal com gradis.

Mais recentemente, após no início dos anos 2000 ser abolida a pintura futurística em figuras geométricas de várias cores da parede de fundo de seu presbitério, realçando a imagem do Crucificado Glorioso, certamente diante da dificuldade logística de sua periódica restauração, recebeu ela telas retratando aspectos da Paixão do Senhor, de autoria do novo pároco, padre Almir Flávio Scomparim, também ele consagrado artista plástico voltado às artes plásticas, reconhecido em várias regiões do País pelos seus trabalhos, baseados na iconografia russa da escola de Moscou, considerada a mais sublime e harmônica das técnicas, tendo como expoente máximo Andrei Rublev, usando somente pigmentos naturais e seguindo as etapas canônicas para produção de um ícone. De acordo com o padre Almir, o ícone não é mera obra de arte, mas uma janela para o Céu.

3 Paróquia de São Carlos Borromeu

Foi o então bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena' da Diocese, Dom José Melhado Campos, que no início de 1968, "levando em consideração o aumento da população da cidade de Sorocaba e tendo ouvido o Conselho Presbiteral e os vigários das paróquias de São José do Cerrado e da Catedral", decidiu-se pela criação da Paróquia de São Carlos Borromeu, formando seu território em áreas desmembradas justamente das paróquias do Cerrado e da Catedral. Sua história, porém, está intimamente ligada à do Seminário 'São

Carlos Borromeu', porquanto desde a sua construção foi sua Matriz, à avenida Dr. Eugênio Salerno, a capela da casa de formação dos futuros sacerdotes para a Igreja de Sorocaba. Razão pela qual toda a história antecedente de construção da Matriz de São Carlos Borromeu, incluindo a descrição pormenorizada de toda a sua beleza artística e arquitetônica, encontra-se detalhada nesta edição em apêndice dedicado especialmente ao Seminário, 'menina dos olhos' de Dom Aguirre. Apenas voltamos a destacar que sua sagração, mesmo inacabada ainda, ocorreu a 4 de julho de 1949, em meio à celebração do jubileu de prata de criação da Diocese e da nomeação episcopal de seu primeiro bispo, Dom José Carlos de Aguirre. Pela manhã, houve missa solene pontifical na Catedral e, à tarde, a solene bênção da igreja de São Carlos Borromeu, com Dom Luís Gonzaga Peluso, então bispo de Lorena, presidindo, conforme o Livro do Tombo da Arquidiocese, à procissão que, da Catedral, transportou para o Seminário Menor as imagens de Nossa Senhora Aparecida e de São Carlos Borromeu. À chegada da procissão, o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, então arcebispo de São Paulo, procedeu à bênção ritual da nova igreja. Ato contínuo, benzeu o sacrário e a imagem de São Carlos, de 2 metros de altura, entalhada em madeira, por ele próprio oferecida.

Quando da instalação da Paróquia naquele histórico 28 de janeiro de 1968, foi também provisionado, como seu primeiro pároco, o cônego José Carlos Castanho de Almeida. Na missa de instalação presidida por Dom José Melhado Campos às 19 horas, este justificou a criação da Paróquia dizendo ser "desejo da Santa Madre Igreja, manifestado pelo Concílio Vaticano II, que haja o maior número possível de comunidades de fé, de culto e de caridade". Há que se ressaltar que nessa solenidade esteve presente também o bispo diocesano, Dom José Carlos de Aguirre, bem como outras autoridades religiosas e civis.

Durante esses anos, a Paróquia foi assistida, na sucessão do cônego José Carlos Castanho de Almeida (1968/1978), pelo padre Isac Isaias Valle (1978/1982), cônego Emile Lhermite O.P. (1982/1986), padre Inácio Kriguer (1986/1989), padre João Alfredo Pires de Campos (1989), padre Mário José Miranda (1989/1991) e padre Ricardo Dias Neto (1991). No período de 1º de julho de 1991 a 8 de agosto de 1992, a Paróquia esteve sob os cuidados do então arcebispo metropolitano Dom José Lambert.

Desde 8 de agosto de 1992, dirige a Paróquia de São Carlos Borromeu o padre João Carlos Orsi e a festa litúrgica em honra do Padroeiro, 'patrono dos seminários', é celebrada a 4 de novembro. A Paróquia também abarcou em seu território, posteriormente, a comunidade católica do bairro de Santa Terezinha, com sua histórica Capela, e a da Vila São João, além da avenida Dr. Afonso Vergueiro, região além do Shopping Sorocaba.

4 Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora (Salesianos)

A Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, do Jardim Paulistano/Bairro do Mangal, é outra que surgiu em Sorocaba como resultado de apostolado intenso em torno de uma instituição educacional católica, no caso o Colégio Salesiano 'São José'. Foi criada e instalada canonicamente também pelo então bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena' da Diocese, Dom José Melhado Campos, em 1968, no dia 31 de janeiro, exatamente 80 anos após o dies natalis de São João Bosco, pai e fundador da Sociedade 'São Francisco de Sales' (Salesianos), consolidando-se, assim, sonho e anseio tanto da Congregação, como da Igreja Particular de Sorocaba.

Como destacado em capítulo dedicado ao episcopado do primeiro bispo, desde a chegada a Sorocaba de Dom José Carlos de Aguirre não foram poucos os seus contatos com os Padres Salesianos, indo inclusive a Turim durante a visita '*ad limina*' de 1930, na busca da concretização de seu sonho de Pastor de ver por aqui os filhos de Dom Bosco, dirigindo, a princípio, uma escola dedicada à formação humana e cristã de meninos. Na segunda metade da década de 1950, o sonho começa, então, a concretizar-se com a chegada de padre Antônio Pazzini, SDB, instalando inicialmente o Colégio Salesiano no antigo Edifício '*Sanctificatio Nostra*', no centro da cidade, na rua XV de Novembro, onde a Diocese mantinha sua casa de retiros e encontros pastorais, não demorando muito, porém, para que a Obra se transferisse em definitivo para o bairro do Mangal, em 1962.

Notando o desenvolvimento daquela que, à época, era uma localidade distante da região central do Município, logo Dom Aguirre passou também a ansiar pelo surgimento ali de uma nova paróquia que fosse capaz de atender às necessidades espirituais da vizinhança da Obra Salesiana, o que seria consolidado por seu coadjutor naquele 31 de janeiro de 1968, formalizando-se oficialmente com decretos de Dom José Melhado, após entendimentos com a Inspetoria Salesiana do Sul do Brasil, representada pelo seu Inspetor, o padre Salvador de Bonis, SDB, o desmembramento da então Capela de Nossa Senhora Auxiliadora (na ocasião, situada no interior do Colégio) da Paróquia de São José do Cerrado. Como primeiro pároco, foi nomeado o padre Anderson Pais da Silva, SDB.

Os anos foram passando e, *pari passu*, a região do Mangal crescia de modo acelerado, como toda a cidade de Sorocaba. Assim, com a ajuda de sua atuante comunidade, finalmente no início dos anos 80 pode a Paróquia erguer, numa área de esquina ao lado do

moderno novo prédio do Colégio, com frente para a rua Avelino Argento, sua ampla e de arrojada arquitetura Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora, pronta em 1985. Naquele ano, no dia 27 de outubro, foi celebrada ali a primeira missa, com a dedicação do Altar, sob a presidência do bispo Dom José Lambert.

Registra-se ainda que a dedicação do atual Altar se deu em 6 de abril de 2019, com Sorocaba já elevada à sede Arquidiocese, em missa presidida pelo terceiro arcebispo metropolitano, Dom Julio Endi Akamine.

O padre Eraclides Reis Pimenta, SDB, é, desde 20 de janeiro de 2024, o novo titular da Paróquia Salesiana de Nossa Senhora Auxiliadora e a festa litúrgica de sua Padroeira é a cada ano celebrada a 24 de maio.

5 Paróquia de São Lucas (Teatinos), do Bairro do Vergueiro

Sediada no bairro do Vergueiro, em meio ao Conjunto Hospitalar de Sorocaba, a Paróquia de São Lucas, a primeira da Arquidiocese entregue desde o início de 2007 à administração pastoral da Ordem dos Clérigos Regulares, os Padres Teatinos, teve oficializada sua criação e instalação canônica a 27 de dezembro de 1970, por Dom José Melhado Campos, então bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena´ da Diocese de Sorocaba, ocorrendo na mesma concelebração eucarística solene daquela noite a posse de seu primeiro pároco, na pessoa do padre Domenico Trivi, que deixou, aliás, apontamentos no Livro do Tombo da Paróquia narrando suas dificuldades pessoais e os muitos entraves que marcaram o desejo de Dom José Melhado, desde sua chegada a Sorocaba em 1965, de ver criada uma nova paróquia na região do Vergueiro, em vista,

sobretudo, de seu vertiginoso crescimento demográfico, desmembrada do território da Paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, assim como os erros e acertos dessa caminhada. A nova paróquia teria seus limites com a Catedral a partir de onde hoje está a avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, a leste com o rio Sorocaba, ao sul confrontar-se-ia com a Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora e, de outro lado, com a divisa geográfica entre os municípios de Sorocaba e Votorantim, representada pela Rodovia Raposo Tavares.

Italiano de nascimento e vindo para o Brasil com a família durante a II Guerra Mundial, pertencia ao clero secular de Botucatu. Em 1966, retirou-se dela para passar algum tempo com a família e, conhecendo Dom José Melhado que acabara de chegar a Sorocaba como coadjutor e que, na década de 50, era o vigário-geral da Diocese de Botucatu, pediu a ele para aqui ser aqui acolhido, sendo a 26 de novembro de 1966 investido nas funções de capelão do Hospital Santa Lucinda, com a aquiescência de Monsenhor Antônio Pedro Misiara, futuro bispo de Bragança Paulista e então diretor da Fundação Sorocaba, que dirigia a Faculdade de Medicina. Nessas funções, não sem muitos sacrifícios, problemas e oposições, logo passou, por insistência de Dom José Melhado, a se reunir com uma comissão de moradores da região pró-nova paróquia.

Onde construir a futura Igreja Matriz? Uma questão que desde o início esteve presente entre os membros da comissão pró-paróquia era esta. Aventou-se, inclusive, em construí-la em área que seria doada pela Família Festa no Jardim Emília. Mas como essa doação não se consolidou, assim como se apresentava completamente inviável aproveitar-se, pelo menos na época, sobretudo pelas dimensões e dificuldades financeiras, as estruturas existentes desde a década de

1950 junto à Faculdade de Medicina para a implantação do Santuário Nacional de São Lucas, dedicado ao 'padroeiro dos médicos', a 5 de fevereiro de 1969 resolveu a comissão oficiar à Fundação Sorocaba, então mantenedora da Faculdade de Medicina antes desta ser entregue junto com o Hospital Santa Lucinda à PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), solicitando a cessão (depois decidida que por comodato à Mitra Diocesana) de área ao lado das estruturas do inacabado Santuário de São Lucas, com frente para a rua Cláudio Manoel da Costa. E ali construiu-se a futura Igreja Matriz, onde por quase 15 anos padre Domenico permaneceu à frente da Paróquia de São Lucas, até a data de sua páscoa, a 3 de maio de 1984, lançando bases sólidas para sua pastoral, com zelo apostólico ímpar, missionário e evangelizador.

Festa do Padroeiro São Lucas a 18 de outubro, também Dia do Médico.

A caminhada paroquial

A imagem do Padroeiro, São Lucas, Médico e Evangelista, celebrado no calendário litúrgico a 18 de outubro, foi entronizada em 1982, doada por dona Maria Aparecida Caiuby e dona Amélia Bellini. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, depois de restaurada, foi doada pelo bispo Dom José Lambert a 8 de maio de 1982.

Desaparecido padre Domenico Trivi, nos anos seguintes muitos sacerdotes seculares revezaram-se no atendimento pastoral à Paróquia de São Lucas, alguns já falecidos, como os padres Inácio Kriguer, Álvaro Portugal Sobrinho, Daniel Jansen, Ricardo Dias Neto e Milton de Campos Rocha, agregado depois à nova Diocese de Itapetininga e por anos reitor da Basílica Menor de Nossa Senhora

da Conceição, de Tatuí, até falecer em 2018, além dos padres João Alfredo de Campos Pires e Paulo Roberto Gonzales. Foi em janeiro de 1997, porém, que sonho de há muito acalentado pelo então arcebispo Dom José Lambert e, sobretudo, por seu vigário-geral e cura da Catedral Metropolitana, Monsenhor Mauro Vallini, concretiza-se e a Ordem dos Ministros dos Enfermos, os Padres Camilianos, aceitam o convite da Arquidiocese para assumir a direção de uma paróquia hospitalar em Sorocaba e, ao mesmo tempo, reestruturar e coordenar a nível arquidiocesano a Pastoral da Saúde. Vieram primeiramente com essa missão inovadora dentro da pastoral de conjunto da Arquidiocese os padres Fermino Valdemar Paschoal e Antônio Mendes Freitas. Outros foram sucedendo-os e, na década em que os camilianos aqui permaneceram, outras realidades pastorais também foram se consolidando, como a construção da Capela de São José do Lageado, na avenida Comendador Pereira Ignácio, aglutinando as comunidades do Jardim Sandra e do Jardim Emília que, ainda no início do paroquiato de padre Fermino, uniram-se para a aquisição de dois terrenos ao lado do Parque da Biquinha, e o surgimento da Capela de São Camilo de Léllis, no Jardim Santa Fé, prova da preocupação pastoral visionária de Dom José Melhado quando da criação da Paróquia de São Lucas, com a expansão da Zona Sul em direção à Rodovia Raposo Tavares, e ainda a implantação do programa 'Café da Manhã', de acolhimento a pacientes que, muitas vezes sem um tostão no bolso, vêm de perto e de longe para tratamento no Conjunto Hospitalar de Sorocaba – muitas vezes saindo de suas casas madrugada ainda -, já com o pároco padre Camilo João Munaro, MI. E, logo em seguida, a própria vinda do Restaurante 'Bom Prato', em parceria com o Governo do Estado, no paroquiato de outro camiliano, padre Genimar José Moretto, em 2004.

Já a nova fase pastoral presente na Paróquia de São Lucas vem do início do ano de 2007, com a chegada dos Padres Teatinos, trazendo a espiritualidade, mística e carisma seculares de São Caetano de Tiene. O primeiro grupo foi recepcionado e provisionado na Paróquia a 26 de janeiro pelo então arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, tendo à frente o padre José Aparecido Hergesse, seguindo-se os párocos padre Osman Procópio da Silva, padre Tacílio Ferreira Gomes, padre Vitalino Nunes Neto e padre Valdenir Maia de Oliveira, CR.

O atual pároco teatino de São Lucas, padre José Sérgio Lima, CR, tomou posse em 14 de junho de 2020, justamente no ápice da pandemia de Covid-19. Seu edificante trabalho pastoral e de embelezamento da Matriz aos poucos foi sendo sentido, com a inauguração a 23 de dezembro de 2021, por exemplo, de uma nova configuração do Presbitério. Em maio de 2022, foi entronizada a imagem de Nossa Senhora da Pureza; em agosto seguinte, inaugurado o novo espaço de Santíssimo, com um novo sacrário inclusive, e em dezembro a Pia Batismal, pois até então a Paróquia não a tinha; em 20 agosto de 2023, Solenidade da Assunção de Maria para a Igreja no Brasil, deu-se a entronização também da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ainda em 2022, a Comunidade de São José do Lageado reformou toda sua Capela junto ao Parque da Biquinha, o mesmo acontecendo também com a Capela da Comunidade de São Camilo de Léllis, no Jardim Santa Fé, onde igualmente, a 24 de agosto de 2023, ocorreu a instalação do seu altar-mor e ambão fixo.

Tem ainda a Paróquia de São Lucas afeto a seu território eclesiástico a Capela dedicada à Beata Chiara Lucce Badano, anexa ao centro cirúrgico e UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do Hospital 'Sarina Rolim Caracante', do GPACI (Grupo de Pesquisa e Assistência ao Câncer Infantil).

6 Paróquia de São Paulo Apóstolo, do Bairro do Trujillo

A Paróquia de São Paulo Apóstolo, do bairro do Trujillo, atualmente dirigida pelo padre Paulo Roberto Gonzales, mesmo se criada canonicamente em 1980 pelo então bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena' Dom José Lambert, conta-se que já nos anos 60, quando Dom José Carlos Aguirre ainda era bispo da Diocese e Monsenhor Antônio Simon Sola administrador dos bens da Igreja em Sorocaba, este solicitou ao bispo que os dois terrenos localizados nos altos do Trujillo, na esquina das ruas Itapetininga e Piracicaba, de propriedade da Mitra, fossem reservados para a construção da igreja do bairro. Propôs ainda que seu Padroeiro fosse São Paulo Apóstolo.

Passados os anos e com o bairro cada vez mais densamente povoado, no dia 29 de abril de 1977, na residência da família do sr. Izidro Gonçalves Telo aconteceu uma primeira reunião com a participação de moradores católicos do Trujillo, que então em sua maioria, como Izidro, frequentavam as missas e atividades pastorais da vizinha Paróquia de São Benedito, de Vila Carvalho, formando-se, então, uma comissão para coordenar os trabalhos da construção da nova igreja, juntamente com o Monsenhor Antônio Simon Sola e padre Lívio Emílio Calliari, à época já à frente da restaurada vizinha Paróquia de São Luiz Gonzaga, de Vila Barão. Na mesma reunião, traçaram-se os objetivos e foram formadas duas subcomissões, obras e de arrecadações, além de comissão formada pelas mulheres, passando a se encontrarem semanalmente.

Uma das primeiras providências foi a elaboração de uma carta endereçada aos moradores do bairro para comunicar sobre a construção, pedindo a colaboração e participação de todos. Em junho seguinte, missas começaram a ser celebradas no Hospital Santa

Edwiges, em lugar das até então periódicas celebrações realizadas certas noites em casas do Trujillo sob a presidência do cônego Emile Lhermitte, O.Praem., pároco de Vila Carvalho. Nesse mesmo mês, com a presença dos bispos Dom José Melhado Campos e seu auxiliar Dom Amaury Castanho, Monsenhor Sola e padre Lívio, foi lançada a pedra fundamental da nova igreja.

Em uma ata de janeiro de 1978, aparece o seguinte registro: "É com grande alegria que vemos o resultado dos nossos esforços serem coroados de êxito, pois, nos altos do Trujillo, aquela semente por nós plantada, regada com orações e trabalho, hoje ergue seus braços de concreto para o firmamento, demonstrando que para a fé e o amor não existem barreiras".

Finalmente, no dia 25 de maio de 1980, a igreja já concluída passou a ser oficialmente Paróquia, desmembrando-se o bairro do Trujillo da Paróquia de São Luiz Gonzaga, de Vila Barão. Dom José Lambert presidiu na noite daquele histórico domingo a solene concelebração eucarística marcando a instalação da Paróquia de São Paulo Apóstolo, ao lado de Monsenhor Antônio Simon Sola e padre Lívio Emílio Calliari, empossados na mesma ocasião respectivamente como primeiro pároco e vigário paroquial, e ainda de Monsenhor Sérvulo Madureira, então chanceler do Bispado, padre Inácio Kriguer e padre Tadeu Rocha Moraes. "Foi uma grande festa, com a presença da Corporação Musical do 7° Batalhão da Polícia Militar do Estado e queima de fogos", relembram ainda hoje os paroquianos mais antigos.

Desde então, pastorais e movimentos foram se formando, sobressaindo-se o trabalho frutuoso de Monsenhor Sola também com a juventude, com a criação inclusive do lendário grupo Dispa (Discípulos Jovens de São Paulo Apóstolo), até hoje existente e

renovando-se a cada ano, e a Comunidade foi crescendo. Cada pároco teve grande participação nesse crescimento, como os padres Milton de Campos Rocha e Ricardo Dias Neto (que muito contribuiu com a Catequese e trouxe seu carisma musical), ambos já falecidos, padre Alfieri Eduardo Bompani, que iniciou outro marco significativo para o crescimento da Paróquia, adquirindo um terreno próximo à igreja, para a futura constituição de seu atual Centro Pastoral e Catequético; padre João Simão, padre Manoel César de Camargo Júnior, com o zelo litúrgico e início da construção do Centro Pastoral e Catequético, e padre Fernando Henrique Giuli Batista, que realizou a primeira grande reforma externa e interna da igreja, com seu salão paroquial do subsolo, dotando ainda a Matriz de torre e sino e construindo o segundo andar do Centro Catequético e a casa paroquial.

A Comunidade celebra o Padroeiro a 25 de janeiro, Festa da Conversão do 'Apóstolo dos Gentios'.

7 Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, de Vila Hortência

Às portas de comemorar em 2026 a passagem dos seus cem anos de fundação, a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, de Vila Hortência, foi a primeira criada no novo Bispado por Dom José Carlos de Aguirre, que quando chegou a Sorocaba para a instalação da novíssima Diocese encontrou apenas uma paróquia na cidade-sede de sua circunscrição eclesiástica, então transformada na Catedral de Nossa Senhora da Ponte. Surpreendido de pronto com o aumento visível da população local, principalmente também do outro lado da margem do rio que corta a cidade, logo se apercebeu da necessidade premente de criação de uma segunda circunscrição paroquial, encarregando padre Francisco Antônio Cangro, o 'padre Chiquinho', então coadjutor da Catedral, encaminhar tais providências, cuidando logo da edificação de uma pequena capela provisória para os atos litúrgicos, em pequeno terreno adquirido do sr. Alberto Kenworth em um largo existente entre as ruas Ruy Barbosa e José Martins, onde hoje se encontra o Ginásio Municipal de Esportes – havia ainda um outro terreno doado por um benfeitor, João Bueno, vendido posteriormente para levantar fundos para a construção definitiva da Matriz na rua Cel. Nogueira Padilha, enquanto uma outra benfeitora fez a doação dos paramentos e uma terceira da pia batismal, toda em mármore, como aparece também detalhado em outro capítulo, naquele dedicado justamente ao primeiro prelado, Dom José Carlos de Aguirre.

Erigida canonicamente a 6 de agosto, festa da Transfiguração do Senhor de 1926, inclusive precedida de procissão saindo no dia anterior da igreja da Catedral, levando a histórica imagem do Bom Jesus dos Aflitos, passava a nova Paróquia a compreender em seu

território original mais da metade da cidade, abarcando sobre si toda a vastíssima região conhecida como Além-Ponte, desmembrada da única paróquia até então existente e compreendendo todo o território à esquerda do rio Sorocaba. Ia da região dos morros da Serra de São Francisco às atuais divisas com o município de Itu (Piragibu/Éden, Cajuru, Aparecidinha e até Pirapitingui), sem se esquecer de Brigadeiro Tobias, Mato Dentro e Caputera, entre outros iniciantes conglomerados habitacionais. O próprio padre Chiquinho foi provisionado como primeiro pároco, seguido de outros sacerdotes seculares, como padre Luiz Castanho de Almeida, contando com vários auxiliares, até a chegada dos Padres Franciscanos em 1937, revolucionando ainda mais a caminhada da Paróquia – foi primeiro vigário franciscano o frei Conrado Scheviora, empossado a 4 de novembro, dias depois da despedida do último vigário do clero secular, Aluísio de Almeida. Nessa época, os franciscanos continuavam a residir em Vila Santana, junto à Capela de Santa Rita de Cássia. Frei Eugênio Becker veio para a Paróquia como novo vigário a 16 de janeiro de 1941, enfrentando, de imediato, a exigência de se erguer o quanto antes a nova Matriz, que teve sua pedra fundamental lançada a 19 de abril de 1942 e que em 1944, na Festa do Padroeiro também (6 de agosto), mesmo se ainda inacabada, já era sagrada por Dom José Carlos de Aguirre nos altos da rua dos Morros. Paralelamente, nos anos seguintes, ao término da edificação da majestosa igreja, era construído junto da Matriz do Bom Jesus o Convento Franciscano de Sorocaba, com frente para a rua Péricles Pilar.

" Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, 100 Anos Evangelizando". É com esse 'slogan', aliás, que em 12 de março de 2023 os Padres Franciscanos e a Comunidade - hoje abrangendo apenas duas outras capelas (Santa Cruz, no bairro da Caputera, e Nossa Senhora do

Perpétuo Socorro, no bairro dos Morros), porém tendo gerado muitas outras paróquias filhas, netas e até bisnetas nestes cem anos, como sempre estão a destacar frei Benedito Geraldo Gomes Gonçalves, OFM, o pároco atual, e frei José Raimundo de Souza, OFM, o vigário paroquial – abriram, solene e festivamente, o triênio rumo ao Centenário em 2026. O tema escolhido para as celebrações do primeiro ano foi "Encarnando o Evangelho como São Francisco de Assis", comemorando-se ao mesmo tempo, como Família Franciscana, os 800 anos da chamada 'Regra Bulada', onde a maior intenção de Francisco de Assis era observar o Evangelho em tudo e por tudo, imitando com perfeição, dedicação e fervor os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo sua vida e sua palavra, assim como o oitavo centenário da data em que no Natal de 1223, três anos antes de sua morte, no Vale de Rieti, em Greccio, região da Úmbria, na Itália, o 'poverello de Assis' representou, pela primeira vez, o Presépio com pessoas e animais – "Greccio tornou-se uma nova Belém e, no Presépio, o mistério da Encarnação do Senhor Jesus foi representado honrando a simplicidade, louvando a pobreza e recomendando a Humanidade". Neste 2024, lembra-se os 800 anos da recepção por São Francisco de Assis dos sagrados estigmas do Senhor Jesus e, em 2025, o oitavo centenário do 'Cântico dos Cânticos', também conhecido como 'Cântico ao Irmão Sol', escrita por ele no dialeto da Úmbria e que se acredita esteja entre as primeiras obras no idioma italiano.

O Padroeiro Bom Jesus dos Aflitos é celebrado junto à comemoração litúrgica da Transfiguração do Senhor, a 4 de agosto. Porém, a Paróquia também tem como pontos importantes a celebração semanal da devoção franciscana da Trezena de Santo Antônio, às terças-feiras, e a devoção a São Benedito, outro 'santo franciscano' bastante cultuado na cidade, acolhendo, inclusive, a histórica Irmandade

de São Benedito, que tem suas origens em Sorocaba ainda nos tempos coloniais, agregando àquela época os 'homens pretos' escravizados. Desde a década de 1990, puderam ainda os franciscanos do Bom Jesus contar com os serviços pastorais dos diáconos permanentes (ordenados pelo arcebispo Dom José Lambert) Darci Thimotéo ('*in memoriam*', falecido em 2022) e Jair de Andrade, emérito desde o início de 2024, depois de trinta anos servindo à Paróquia com seu ministério, porém ainda disponível para as eventualidades que surgem. E, agora, do diácono permanente Carlos Eduardo Bisco, ordenado pelo arcebispo Dom Julio no final de agosto do ano passado.

8 Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana

A história da Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, começa com a iniciativa de dona Rita Mendes Soares mandar construir uma modesta capelinha dedicada à 'santa padroeira das causas impossíveis' dentro da linda chácara que a família (ele era esposa do médico Dr. Álvaro Soares) possuía nos altos da região do Além-Linha, anos antes de seu loteamento, diante de acelerado processo de urbanização e crescimento populacional A primeira missa nessa Capela, que como destaca crônica da época "estava situada no centro de um primoroso e florido jardim, todo fechado de arame farpado, tendo portão à frente da rua Mayrink" (hoje rua Bartolomeu de Gusmão), foi celebrada pelo padre Luiz Augusto Sicluna precisamente no dia da festa da Patrona, a 22 de maio de 1923. (Anos depois dona Rita já doaria o patrimônio à recém-instalada Diocese.)

Com a chegada dos Padres Franciscanos a Sorocaba em 1936 para dirigirem a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, a segunda de Sorocaba, criada por Dom Aguirre em 1926, a Capelinha de Santa

Rita foi a ela incorporada, recebendo já em outubro daquele ano a assistência dos freis Celso, Felipe e Boaventura, visto que de início e até a construção de seu convento em anexo à nova Matriz do Bom Jesus, na rua dos Morros, parcialmente concluída em 1944, residiam provisoriamente em Santa Rita, em Vila Santana. A 24 de dezembro de 1936, com a provisão de vigário do Bom Jesus dada pelo Sr. Bispo a Frei Conrado Schewiora, OFM, este entre 1937 e 1938 também esteve responsável pela Capelinha de Santa Rita, período em que preparou o projeto e a planta para construção de uma nova e mais ampla igreja para o local. Na sequência, foi Frei Firmato Rebein quem por aproximadamente 10 anos ficou à frente da Capela e, com coragem e visão larga do futuro crescimento da região, deu, então, início efetivo à construção da nova Capela, com a bênção da pedra fundamental dada por Dom Aguirre a 19 de dezembro de 1939.

Com a transferência de Frei Firmato, chega Frei Fortunato, ficando este até a chegada de Frei Crescêncio em 25 de janeiro de 1948 e que, aos poucos, foi concluindo a construção da nova igreja. A Vila Santana vê realizado, assim, o seu velho sonho: a pequena Capela, agora, torna-se uma igreja ampla, com intensa vida religiosa. Em 1º de maio de 1956, foi instalada a Paróquia de Santa Rita de Cássia e solenemente entregue ao primeiro vigário, Frei Florêncio Hannemann (OFM), com seus coadjutores, freis Marciano Kropf e Sigismundo. Paulatinamente, os frades que atendiam Santa Rita igualmente foram assumindo boa parte das capelas mais afastadas ou da zona rural, antes confiadas ao Bom Jesus ou mesmo à Paróquia da Catedral e/ou suas sucedâneas pelos lados da Zona Norte, como Vila Fiori, Vila Melges e até o Avecuia e o bairro de George Oétterer. Pelos lados de além-rio, Éden, Cajuru, Mato Dentro, bairro dos Carvalhos e o bairro histórico de Aparecidinha.

De 1956 a 1989, atuaram na Paróquia, como titulares ou coadjutores, os franciscanos freis Oscar Prinz, Luciano Wagner, Theobaldo da Luz, Taciano Stenzel, Cuniberto Hoernig, Bento Schuvertzer, Demétrio M. Dueville, Dario Hock, Sálvio Bressan, Celso H. Novais, João E. Steiner, Marcelo M. Gomes, Atilio Abatti, José Fritzen, Nélson B. Martins, Luiz Iakovacz, José Fernando Eberhardt, Vicente P. Bohne, Benjamim F. Anzolim, Pachoal Abílio C. Bressan, Osvaldo L. Luiz, Gabriel Veiga, Felix Feger e Robério G. dos Reis. Ali estiveram presentes também ao longo dos anos, como diáconos permanentes, os srs. Oswaldo Bistão, ordenado em 22 de abril de 1973 por Dom José Melhado Campos e falecido em 2 de dezembro de 2010, e Milton Luiz Tozzi, ordenado em 4 de outubro de 1991 por Dom José Lambert e falecido em 7 de junho de 2000.

Em meio à nova expansão urbana e populacional da Zona Norte da cidade, demandando concomitantemente renovadas exigências pastorais e evangelizadoras, em 5 de fevereiro de 1989 padre Tadeu Rocha Moraes assume a direção da Paróquia, que depois de muitos anos deixava de ser administrada pelos franciscanos. Assume com o compromisso da construção de uma nova Matriz, baseada em projeto arquitetônico ainda nos anos 50 encomendado por Frei Cuniberto e que ficou engavetado durante 30 anos, e de manter ali as tradições franciscanas, conforme detalhes pormenorizados no capítulo neste livro dedicado ao episcopado de Dom José Lambert. Uma igreja moderna em formato arquitetônico bonito e inteligente de asa delta, criação do arquiteto Felipe Arns, com piso em declínio proporcionando a visibilidade do altar-mor de qualquer ângulo.

Concluída a nova igreja em 1993, padre Tadeu ali permaneceu como titular até 30 de maio de 1998, tendo como auxiliares os padres Adelar Piccin, Marivaldo de Oliveira e Cláudio Honório de

Godoy. Na sequência ali estiveram como párocos os padres Antônio Carlos Fernandes, ficando por 7 anos e nesse tempo sendo criada a Comunidade de Santa Edwiges, no Jardim Juliana, e Isac Isaías Vale, durante quatro anos e tendo como vigário paroquial o padre Wilson Bizoni. Dia 12 de fevereiro de 2012, padre Manoel César de Camargo Júnior, desde 2018 também vigário-geral da Arquidiocese, foi nomeado administrador paroquial, tonando-se pároco em agosto do mesmo ano. Padre Wilson foi transferido em 4 de fevereiro de 2018, substituído pelo padre Jorge Luiz Machado como vigário paroquial.

Festa da Padroeira a 22 de maio, também com a tradicional 'bênção das rosas' por intercessão de Santa Rita de Cássia.

9 Paróquia de São Francisco de Assis, de Vila Assis

Algumas curiosidades cercam a criação da Paróquia de São Francisco de Assis, de Vila Assis, na região do Além-Ponte, que chega a 2024 dirigida pelo padre Dr. Fernando Henrique Giuli Batista, hoje também chanceler do Arcebispado, que ali foi provisionado como pároco pelo arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues em missa celebrada às 8 horas de 15 de fevereiro de 2015, na mesma ocasião oficializando-se assim, após 27 anos, a transição desta 'paróquia franciscana' para a administração de sacerdotes do clero secular.

A primeira capela do bairro foi, na realidade, construída por volta de 1933 em honra de Santo Antônio, pelo empreiteiro Francisco Augusto de Assis, um dos pioneiros no povoamento daqueles lados da cidade, além dos 'pinheiros', beirando a antiga Estrada de Ferro Votorantim. Com o adensamento demográfico da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos e, por conseguinte, da região leste de Sorocaba,

com parecer favorável do então pároco local decidiu-se pelo encaminhamento de providências pelo seu desmembramento, constituindo-se uma nova paróquia, que a princípio se denominaria 'São Carlos Borromeu', com sede em igreja bem mais ampla que começara a ser construída em 1957 em substituição à primitiva capelinha, com a ajuda de famílias residentes na própria Vila Assis e em bairros próximos, como Pinheiros, Barcelona e Parada do Alto.

No dia 25 de fevereiro de 1964, decreto de Dom José Carlos de Aguirre criava, assim, a Paróquia de São Carlos Borromeu, instalada canonicamente a 1º de março de 1964, quando às 9h30 o bispo diocesano, acompanhado de seu coadjutor e vigário-geral Dom José Thuler, ali compareceu para presidir a missa de posse do primeiro pároco, na pessoa do padre Teodoro Bibiano da Silva, dando-se por instalada a segunda paróquia de Além-Ponte. Como ainda não existia nem casa paroquial, padre Teodoro passou a residir de aluguel, com sua mãe, à rua Campos Salles, 509. Foi ele quem, antes de por transferência entregar a Paróquia a 17 de maio de 1966 ao encargo do cônego José Carlos Castanho de Almeida, em maio de 1965 iniciou a última etapa da construção da Matriz da rua Raposo Tavares (torre e acabamento interno). Passaram por lá ainda, neste período, os padres diocesanos Oswaldo Bazzo e Waldemar Paoleschi.

Em junho de 1968, por decreto do bispo coadjutor e administrador apostólico Dom José Melhado Campos, a Paróquia passou, finalmente, a ter como patrono principal São Francisco de Assis, em vista de que o Seminário Diocesano tinha o mesmo patrono e a nova paróquia que estava sendo criada junto dele, em sua antiga Capela, na avenida Dr. Eugênio Salerno, também se chamaria São Carlos Borromeu.

Em 23 de maio de 1974, tomou posse novo pároco, Frei Henrique Schween, OFM, que permanecendo até 1º de agosto de 1986, abriu o ciclo de padres franciscanos. Na sequência, outros franciscanos presentes no Convento de Sorocaba, junto à Paróquia do Bom Jesus, foram ali sendo provisionados, como o frei Rozântimo Antunes da Costa, que ali chegou a promover interessantes exposições de presépios de variadas nacionalidades, em conjunto com a Província da Imaculada Conceição, de São Paulo, da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos). Nos dias 4, 5, 11 e 12 de outubro de 1986, foi realizada a 1ª Festa do Padroeiro São Francisco de Assis, com quermesse, celebrações, procissão, confissão comunitária e 'bênção dos animais'. Em 25 de setembro de 1989, foi comemorado o Jubileu de Prata da Paróquia, na abertura da Festa do Padroeiro; em outubro de 1992, foi dado início à construção do Salão Comunitário da Matriz e, em 1999, aconteceu a primeira grande reforma na Matriz. A tradicional 'Via Sacra ao Vivo' aconteceu pela primeira vez com personagens caracterizados da época em 2003 e, com o tempo, o evento cresceu e se tornou conhecido em toda a cidade como a 'Via Sacra da Vila Assis', paralisada um pouco antes da pandemia de Covid-19 e que retornou no ano de 2022, com o nome de 'Paixão de Cristo da Vila Assis'.

Em 29 de maio de 2007, iniciaram-se novas reformas na Matriz, para ampliação da sacristia, secretaria, salas de catequese e presbitério, assim como implantação da Capela do Santíssimo. Essas obras foram concluídas em setembro seguinte. No ano de 2014, a Paróquia celebrou seu Jubileu de Ouro (50 anos). Em outubro de 2016, porém, já com a presença do padre Fernando Giuli, a igreja matriz de São Francisco era completamente demolida, para construção de uma nova, mais ampla e moderna para melhor acolher o povo de Deus e, já no dia 4 de outubro de 2017, o arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine consagrava-a solenemente.

Entre os anos de 2015 e 2019, a Paróquia passou igualmente por significativa reestruturação tanto pastoralmente, como em obras de reforma e ampliação de suas cinco Comunidades: São Pedro (Bairro da Barcelona), iniciada com as 'Missões Redentoristas' de 1952 e igreja com seus alicerces lançados em março de 1955; Nossa Senhora Aparecida (Vila Zacarias), São Mateus (Vila Colorau) e Nossa Senhora do Carmo (Bairro da Parada do Alto), com a construção de nova igreja em 2016 na Vila Zacarias e reformas nas demais. No ano de 2015, foi construída ainda a Casa Paroquial e o Centro Pastoral, anexos à Matriz.

A festa do Padroeiro, São Francisco de Assis, é a 4 de outubro. No ano de 2024, a Paróquia celebra seu Jubileu de Diamante (60 anos).

10 Paróquia de São José Operário, de Vila Progresso

Os frades franciscanos também estão nas origens da Paróquia de São José Operário, de Vila Progresso, instalada no dia de seu Patrono, a 19 de março de 1966, pelo bispo Dom José Melhado Campos, e tendo à sua frente atualmente, como pároco, o padre Wagner Lopes Ruivo, o 'padre Vaguinho'. Agregadas à Paróquia hoje também estão as comunidades de Nossa Senhora do Carmo, no Jardim Maria do Carmo, e de Santa Filomena, no Jardim Abaeté, considerado o único Santuário existente na América Latina dedicado à Virgem e Mártir do século III e que merece citações à parte, em apêndice dedicado aos santuários presentes na Arquidiocese.

No ano de 1946, José Mattos Correia, homem de muita fé e devoto fervoroso de São José, pediu ao santo protetor que lhe desse forças para que fosse construída uma capela que levaria o seu nome como Padroeiro, porém morre no ano seguinte, 1947, sem que houvesse tempo de cumprir sua promessa. No mesmo ano, seu filho Manoel

Mattos Correia, chamado de 'Manequinho', assume o compromisso feito em vida pelo pai e faz a doação do terreno para futuro templo, em rua que coincidentemente receberia depois o nome de José Mattos Correia. Junto com sua esposa, dona Firmina, e seus filhos ainda pequenos, montam também ali uma tenda para abrigar o altar, onde eram celebradas as missas pelos freis de Santa Rita. Paralelamente, com material doado pela família de 'seu' Manequinho e a ajuda de outros moradores de Vila Progresso e adjacências, como Anastácio, Chiquitano, Pedro Pinto, Ernesto Martins, Oliveo, Alfredão, Luiz Ribeiro e João Arruda, logo inicia-se também a construção da capela.

Em 1950, acontece em seu interior a primeira missa celebrada pelo Frei Amadeus, da Comunidade de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, então ainda ligada à Paróquia do Bom Jesus, mas já dedicada a São José Operário, escolhido ainda em vida pelo senhor José Matos Correia e também por ser a Vila Progresso um bairro de operários, formado à época, em sua maioria, por trabalhadores da Fábrica de Tecidos Santa Rosália.

Em 1956, já com a Paróquia de Santa Rita de Cássia instalada em Vila Santana, Frei Sigismundo passa a atender a Comunidade do bairro vizinho e logo é lançada e abençoada, então, a pedra fundamental para a edificação da tão sonhada igreja de São José Operário. Quermesses, inclusive com venda de bolos com o formato da fachada da futura igreja, eram realizadas para angariar fundos, para a construção, assim como chegariam a ser até organizados leilões e desafios de cururu, famosos na época, estes para particularmente custearem a execução da imponente torre.

De 1960 a 1965, Frei Luciano assume a assistência à nova Capela e, sob sua coordenação, tem início a fase final de seu acabamento interno, ao mesmo tempo em que era construído, no período recorde de cinco meses, o salão comunitário. Com o salão pronto, realiza-se com grande alegria o sonho de todos, com a Comunidade, a Capela como diziam, tornando-se Paróquia naquele 19 de março de 1966, sendo empossado às 19 horas deste mesmo dia, pelo bispo Dom José Melhado Campos o primeiro pároco, na pessoa do padre, Aldo Vannucchi. Ao correr do tempo, nestes quase sessenta anos de vida paroquial a serem celebrados em 2026, muitos outros sacerdotes passaram por lá, como Mário Donato Sampaio, Benedito de Jesus Halter, Inácio Kriguer e Wilson Roberto da Silva.

O Padroeiro da Paróquia de Vila Progresso, por trazer o título de São José como Operário, é celebrado a 1º de maio.

11 Paróquia de Santo Antônio, do Bairro da Árvore Grande

A Paróquia de Santo Antônio, do bairro da Árvore Grande, outra filha dileta da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos e em seus mais de cinquenta anos de existência sempre assistida também pelos franciscanos, foi criada a 11 de outubro de 1970 por Dom José Melhado Campos, à época ainda bispo coadjutor e administrador apostólico. A história da Paróquia, porém, começou ainda na segunda metade do século XIX, quando se construiu no bairro que surgia às margens da estrada para São Paulo uma capela dedicada à Santa Cruz, em terreno doado pela Municipalidade a 27 de outubro de 1874 e, logo em seguida, provisionada pela Cúria Episcopal de São Paulo. Por muitos anos, foram celebrados todos os ofícios religiosos nesta Capela, incluindo grandes festejos anualmente em honra da Santa Cruz.

Em 1922, o sr. Luiz Morgado construiu outra Capela no bairro, pertinho da de Santa Cruz, esta dedicada a Santo Antônio, na atual rua Martins de Oliveira, onde hoje se encontra o Centro Pastoral e Catequético da Paróquia, doando anos depois tal terreno e capela à Mitra Diocesana de Sorocaba. Como esta nova Capela era bem maior que a anterior, logo passou-se a realizar nela as funções litúrgicas do bairro. Em 1956, frei Achilles Kloeckner ainda chegou a orientar a ampliação desta capela dedicada a Santo Antônio, passando ali a celebrar três missas aos domingos, com o crescimento da região de Árvore Grande.

Apesar disso tudo, em poucos anos a primitiva Capela da rua Martins Fontes também não mais satisfazia as exigências do adensamento demográfico e do movimento religioso. Foi, então, que surgiu o projeto de edificação de uma nova e grande igreja no terreno da antiga capelinha de Santa Cruz, nos altos da avenida São Paulo, mais central e de fácil acesso. Porém, existia um sério entrave, que era a falta de escritura da área doada pela Prefeitura há quase cem anos. A questão foi encaminhada à Câmara Municipal pelo então vereador Dr. Fernando Bordieri, que logo conseguiu uma solução favorável à Igreja, com a liberação de escritura pública delineando área de 25 por 70 metros quadrados.

Elaborada a planta pelo arquiteto Leslie Richard Inke, com escritório no Rio de Janeiro, e sua aprovação por Dom José Carlos de Aguirre, de imediato frei Achilles providenciou a constituição de comissões pró-construção e a 11 de abril de 1964 o bispo diocesano já procedia a bênção à pedra fundamental, iniciando-se às obras com a entusiástica colaboração da Comunidade, com destaques às substanciosas ajudas monetárias das indústrias da Família Bárbero.

Três anos depois, a igreja já estava coberta, começando-se a celebrar as missas ali, ao menos aos domingos. No mesmo dia da criação canônica da nova Paróquia em 1970, Dom José Melhado Campos, estando presente também Dom José Carlos de Aguirre e muitos padres da cidade e da região, deu posse solene a seu primeiro pároco, na pessoa de frei Achilles Kloeckner, OFM, alemão de nascimento, que permaneceu à frente da Comunidade até o dia de sua morte, em 1986, tendo sua memória perpetuada em monumento com seu busto chantado defronte à Matriz, assim como em rua, praça e escola de Educação Infantil da cidade, na região do Cajuru.

Desde então, muitos franciscanos foram sucedendo frei Achilles no paroquiato de Santo Antônio, que tem sua festa do Padroeiro anualmente a 13 de junho, precedida de concorrida Trezena, atraindo milhares de devotos não só de Sorocaba, mas também de muitas outras cidades da região todos os anos. Desde 2009, seu pároco é o frei Gilberto Marcos Sessino Piscitelli, OFM, que nasceu em 21 de agosto de 1951 e foi ordenado sacerdote a 22 de dezembro de 1979, chegando a Sorocaba depois de longos períodos residindo na Terra Santa, onde a Ordem dos Frades Menores atua há séculos como guardiã dos lugares sagrados por onde nasceu, cresceu, viveu, padeceu e ressuscitou Nosso Senhor Jesus Cristo. Desde 2017, atendendo a apelo do arcebispo Dom Julio Akamine e com a concordância de seus superiores hierárquicos da Província Francisca da Imaculada Conceição, desempenha ainda as funções de ecônomo da Arquidiocese e é também o guardião da Fraternidade Franciscana Bom Jesus dos Aflitos, presente em Sorocaba. Tem como vigário paroquial o frei Rozântimo Antunes Costa e retaguarda dos diáconos permanentes Antônio João Tamiozzo e Eduardo dos Santos. Duas são suas capelas presentemente: Santa Mônica, no Jardim Moncayo, e Santa Bárbara, no Jardim das Estrelas.

12 Paróquia de Santa Rosália

Caracterizada na primeira metade do século XX como vila operária, na realidade o surgimento da região do bairro de Santa Rosália remete a 1890, quando da construção da fábrica de tecidos de nome que deu origem a ele. A chegada ali da indústria têxtil foi marcada, então, também pela implantação de conglomerado de cerca de 250 casas, todas do mesmo padrão, distribuídas por quatro ruas— todas destinadas às famílias dos operários e concebidas sob influência da arquitetura inglesa, por conta dos fundadores da Fábrica Santa Rosália, que eram ingleses, George Oétterer e Frank Speers.

Feita essa premissa, registre-se que a primeiríssima capela consagrada a Santa Rosália edificada ali data, assim, do final do século XIX, início do século XX. Reza a história que teria sido edificada em agradecimento a uma graça alcançada pela esposa de um dos fundadores da empresa, a sra. Rosália Speers, durante o período que a Fábrica ainda estava em construção. Vieram, inclusive, duas imagens de Santa Rosália procedentes da Itália, uma em mármore branco, trazida de Palermo e que permaneceu por praticamente um século em um nicho no alto da fachada da Fábrica, e outra colorida colocada na capela – a imagem de mármore foi doada em 1999 pela Família Pereira da Silva à Paróquia e teve sua restauração patrocinada pelo hipermercado Extra, que inclusive providenciou a confecção de uma cópia para ser colocada no nicho frontal do prédio histórico, ficando a original ao lado esquerdo de quem adentra à Matriz, e a colorida ornamenta hoje o pórtico de entrada da igreja. Nos primeiros anos do século XX, acrescente-se aqui, a então vila industrial de Santa Rosália era, porém, muito distante do centro da cidade e de difícil acesso, porém os motivos que levavam muitos a visitá-la eram

o jardim central com seu coreto, a Capela de Santa Rosália e o belo prédio da Congregação Mariana depois edificado a seu lado - em 1925, o bairro ganhou o Grupo Escolar de Santa Rosália e, um ano antes, a escola maternal. Mais adiante, em dezembro de 1940, a fábrica de tecidos é vendida para o empresário Severino Pereira da Silva, que realizaria novos investimentos e, consequentemente, promoveria a expansão da então vila de operários.

É nesse contexto que se desenvolve a Comunidade Católica de Santa Rosália, criada como Paróquia, porém, somente em 1973, pelo bispo diocesano Dom José Melhado Campos, no dia 18 de agosto, com território canônico desmembrado da Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana. O padre Natal Fachinni era, na mesma data, empossado como primeiro pároco.

Reminiscências, no entanto, são muitas. Conta-se, inclusive, que ainda nos anos 40/50 Dom José Carlos de Aguirre, o primeiro bispo, e mesmo outros sacerdotes muitas vezes retornavam a pé margeando o rio Sorocaba, hoje avenida Dom Aguirre, tarde da noite, em direção ao Palácio Episcopal, na rua XV de Novembro, ou ao Centro, depois de ofícios religiosos na capela do bairro ou reuniões de espiritualidade na sede da Congregação Mariana. O tempo, porém, foi implacável tanto com a primitiva Capelinha, como com o prédio da Congregação Mariana, interditados e, sem quaisquer condições de serem restaurados, demolidos nos anos 50. A Comunidade passou, então, a utilizar-se da capelinha do Hospital São Severino, até que, no início dos anos 1960, a Família Pereira da Silva, detentora do Grupo Cianê (Companhia Nacional de Estamparia), cumprindo outra promessa à Padroeira Santa Rosália e ao Bispo, promove no local a construção da moderníssima e ampla igreja de Santa Rosália, aliás a

primeira da cidade já concebida, em suas linhas arquitetônicas, dentro das orientações litúrgicas emanadas do Concílio Vaticano II, inclusive com o altar-mor posicionado no centro do Presbitério, de modo que o presidente da Celebração Eucarística ficasse de frente para a assembleia. Seu projeto é de autoria do engenheiro civil Dr. Roger Pereira Eguez e do arquiteto Dr. Alir de Biaggi, projeto de J. Portilho; os quadros da Via-Sacra apresentando as pessoas quase em tamanho natural, as imagens e o painel central no Presbitério, com quatro afrescos narrando fatos marcantes da vida de Santa Rosália, foram executados artisticamente por Francisco Folhiano. Estava pronta em 1964, quando foi sagrada no dia 2 de agosto solenemente por Dom Aguirre, na presença de toda a família do sr. Severino Pereira da Silva. A Paróquia, contudo, só foi oficializada após o templo e toda a área que o circunda entre as avenidas São Francisco e Senador Roberto Simonsen, junto à praça Pio XII, serem formalmente doadas por escritura pública, pelos detentores de seus direitos, à Mitra Arquidiocesana.

Os padres Raimundo Nogueira, Napoleão dos Anjos Fernandes, Aurélio Ribeiro e Antônio Angélico e os cônegos Francisco Lyrio de Almeida e João Santucci, este por quase dez anos, substituíram o padre Natal na direção da Paróquia, seguidos por vários outros ao longo dos seus mais de 50 anos de existência (entre estes, os padres Emile Lhermitte, Benedito de Jesus Halter, João Alfredo Pires de Campos, Cláudio Godoy, João Medeiros, Wilson Roberto da Silva, Flávio Jorge Miguel Júnior, Ricardo Dias Neto e Willian de Almeida), com o Jubileu de Ouro sendo comemorado a 18 de agosto de 2023, com a presença do arcebispo Dom Julio Endi Akamine e do padre Fausto Culbert, seu pároco desde 8 de janeiro de 2022. Em 2024, no dia 2 de agosto, é celebrado o Jubileu de Diamante (60 anos) de dedicação do templo.

4 de setembro é a festa da Padroeira, Santa Rosália.

13 Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, do Jardim Prestes de Barros

A Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, situada na rua Bayard Nóbrega de Almeida, 173, no Jardim Prestes de Barros, na Zona Leste, é a mais nova dentre aquelas formadas dentro do carisma franciscano em Sorocaba, a partir do empenho dos frades presentes na Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, em Vila Hortência. Foi criada pelo arcebispo emérito Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues no dia 29 de março de 2016 e instalada no dia 10 de abril seguinte, quando com a posse do primeiro pároco, na pessoa do padre Tacilio Ferreira Gomes, CR, transferido da Paróquia de São Lucas, do bairro do Vergueiro, passou ela a ser a segunda da Arquidiocese entregue à administração pastoral da Ordem dos Clérigos Regulares Teatinos.

Quando de sua criação, também foi anexada ao território da Paróquia do Jardim Prestes de Barros a Comunidade de Santa Teresa D'Ávila, situada na praça Frei Achilles Kloekner, em Vila Haro, desmembrada de outra paróquia franciscana, a de Santo Antônio, do bairro da Árvore Grande.

Atualmente, com sete anos de criação, a Paróquia se estrutura dentro de um amplo leque de ministérios, pastorais e movimentos, merecendo destaque algumas obras que ajudam as pessoas em dificuldades, como o Clube de Mães, com ensino de artesanato e pintura em panos; o Projeto 'Nossa Senhora da Pureza', que visa confeccionar enxovais de bebês para serem doados para mamães grávidas que não têm condições de fazer ou adquiri-lo; Promoção Humana, que assiste mais de 30 famílias todos os meses com cestas básicas, café da manhã e direção espiritual no dia da entrega; Projeto 'Cozinhando com Amor', que a cada 15 dias distribui sessenta marmitas a irmãos

em situação de rua; e um projeto que empresta por três meses cadeiras de rodas e banho, muletas e bengalas aos que necessitam por um tempo destes objetos para recuperação da saúde.

O padre Tacílio, que por anos foi também o prepósito provincial da Província Teatina Paulo VI do Brasil, deixou a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, do Jardim Prestes de Barros, em 2022, para assumir novos trabalhos missionários em Portugal, a pedido da Ordem, foi substituído pelo padre Alison Vieira da Silva, CR, empossado no dia 16 de agosto daquele ano pelo arcebispo Dom Julio Endi Akamine e que vem dando continuidade aos trabalhos iniciados por seu antecessor.

ÁREA NORTE

14 Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, de Vila Angélica

Vila Angélica é sede da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida desde o dia 11 de outubro de 1962 (mesmo dia do início, em Roma, do Concílio Ecumênico Vaticano II), quando foi criada pelo bispo diocesano Dom José Carlos Aguirre ao empossar seu primeiro pároco, o padre Adolfo Testa. Agora, tem como pároco, desde os primeiros dias de 2022, o padre Willian Fantim Coimbra, que com a ajuda de dois diáconos permanentes, Antônio Devidé Filho e Osvaldo Furtado, presta assistência pastoral a ela e a outras duas Comunidades que presentemente também integram seu território canônico, Cristo Libertador, em Vila Carol, e Imaculado Coração de Maria, no Jardim Planalto.

A primeira capela em honra de Nossa Senhora Aparecida foi construída na região de Vila Angélica por volta de 1944. Em 15 de maio de 1955, tendo como capelão o padre Adolfo Testa, foi dada a benção à primitiva a igreja, em área na avenida Ipanema, quase confluência com a avenida Angélica, e inaugurado ali um monumento em honra à Virgem Imaculada, ali presente até hoje na entrada principal da nova Matriz, que teve sua pedra fundamental lançada no dia da Padroeira, 12 de outubro, em 1995 e concluída em meados de agosto de 1997, quando no dia 17 foi dedicada perpetuamente ao Senhor, na festa da Assunção de Maria, pelo arcebispo Dom José Lambert.

Depois do padre Adolfo Testa, também passaram pela Paróquia, como titulares, os padres Jayme Rodrigues de Almeida Filho, Paulo Bazzo, Raimundo Lipski, Alfieri Eduardo Bompani, José Ernani Angelini, Luís Carlos da Silva, José Fernando Mietto, Mário José Miranda, Adelar Piccin e Rodolfo Gasparini Morbiolo.

As Comunidades

A Comunidade Cristo Libertador, por outro lado, teve início no ano de 1965, com um pequeno grupo de pessoas que se reuniam para cursos bíblicos nas casas. Sentiu-se, então a necessidade de construir uma igreja na região de Vila Carol. Em 1977, deu-se início à construção, com uma missa campal e bênção da pedra fundamental. Passados os anos, no dia 11 de agosto de 2023, após realizada necessária reforma interna do templo, este foi dedicado à Santíssima Trindade, durante celebração eucarística presidida pelo arcebispo metropolitano, Dom Julio Endi Akamine.

Já a Comunidade da Imaculado Coração de Maria, no Jardim Planalto, foi fundada a 24 de maio de 1989 e ganhou esse padroado mediante votação feita entre as pessoas do bairro. A missa de bênção da pedra fundamental foi celebrada no dia 18 de agosto de 1991 na Igreja Matriz e assentada no terreno reservado pela Comunidade no dia 31. A construção teve início, porém, somente em março de 1995, com a nova igreja tendo sua inauguração no dia 21 de junho de 1998.

15 Paróquia de São Luiz Gonzaga, de Vila Barão

A caminhada histórica da Paróquia de São Luiz Gonzaga, de Vila Barão, canonicamente erigida em 1968, por decreto assinado no dia 4 de fevereiro pelo bispo coadjutor e administrador apostólico da Diocese à época, Dom José Melhado Campos, na realidade começa na década de 1930, assinalando-se que a 4 de julho de 1937 era lançada no bairro pedra fundamental para a construção, mesmo que em área de propriedade particular, de primitiva Capela dedicada ao 'santo patrono dos seminaristas e da juventude'. Nesta época, Vila Barão via iniciado seu povoamento e contava com aproximadamente mil habitantes e, construída, a Capela teve seu espaço utilizado por anos como centro irradiador de espiritualidade para a região. Com essa capela em ruinas, conta-se que, em 2 de dezembro de 1961, surgiu a um grupo de senhoras católicas que por ali já realizavam um trabalho benemerente de promoção social, não obstante a precariedade da área como uma das mais carentes e estigmatizadas da cidade pelo favelamento que a circundava e má fama, a informação de que o sr. Adhemar de Souza Queiroz queria doar o terreno com a capela em ruinas, a princípio sem possibilidade da Diocese assumir essa responsabilidade em vista de outros empenhos pastorais. Esse grupo de

voluntárias, então, uniu-se e assumiu a guarda do espaço, fundando a 'Sociedade Pró-Infância e Juventude', com os próprios moradores realizando em mutirão, com materiais doados por alguns empresários da cidade, a edificação de nova e ampla igreja no local. Paralelamente à construção, foram sendo reforçados outros trabalhos missionários, como catequese e grupos de jovens e da Legião de Maria, assim como projetos sociais, com médicos tendo à frente a dra. Diana Tannos atendendo gratuitamente aos sábados no local e a sra. Christina dos Reis, irmã do cônego Teotônio dos Reis e Cunha, por décadas pároco de Nossa Senhora da Conceição, em Tatuí, liderando ali a fundação de um dos primeiros Clubes de Mães de Sorocaba. Além de iniciativas voltadas principalmente ao acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Até o ano de 1968, a igreja de São Luiz Gonzaga ficou subordinada à Paróquia de São Benedito, de Vila Carvalho. Criada a Paróquia, inicialmente passaram por ali párocos como Monsenhor Antônio Simon Sola e os padres Natal Fachinni e José Maria de Souza. Certo tempo depois, contudo, desencontros administrativos com a entidade social que ali funcionava para o desenvolvimento de projetos de promoção humana, levaram o Bispado a optar temporariamente pela suspensão das atividades paroquiais. Foi com a chegada de padre Emile Lhermitte à Paróquia de São Benedito que, a partir de agosto de 1974, as senhoras foram dele se aproximando e missas pelo bondoso cônego premonstratense voltaram a ser celebradas aos domingos, às 17 horas, em Vila Barão, até a superação dos impasses, a regularização da situação jurídica do local perante a Mitra e a reativação da Paróquia, agora sob a direção novamente de Monsenhor Sola, tendo ele como auxiliar padre Lívio Calliari.

Depois vieram outros párocos a partir já dos anos 80, como os padres Milton Campos Rocha, Alfieri Eduardo Bompani, José Martins da Rocha, João Antônio Medeiros. João Simão Filho, Manoel César de Camargo Júnior, Antônio Carlos Fernandes, Flávio Jorge Miguel Júnior, Edson Roberto Daros e Ricardo Chizzolini. Como vigários paroquiais ali também auxiliaram os padres José Roberto da Guia Azevedo, Antônio Ferreira Barbosa, Wilson Bizoni, Julio César Fernandes, Miguel Ângelo Bayer Meneghelli e Douglas Antônio Oliveira.

Desde o dia 29 de junho de 2018, assumiu a direção da Paróquia o padre Edivaldo Martins Machado, tendo a retaguarda do diácono permanente Cláudio Alves dos Santos.

As Comunidades

O tempo passou desde a instalação da Paróquia de São Luiz Gonzaga, que tem seu Padroeiro lembrado no calendário litúrgico a 21 de junho, a região de Vila Barão foi crescendo e vendo o surgimento de novos conglomerados habitacionais ao seu entorno e chegou a ver anexadas a seu território eclesial mais onze novas capelas - comunidades. Porém, desde 2013, com a chegada a Sorocaba dos Padres Redentoristas e a instalação da Paróquia-Santuário de São Geraldo Majella, em Vila Helena, oito delas foram transferidas para a nova circunscrição eclesiástica.

São Luiz Gonzaga permaneceu, então, apenas com três comunidades, as duas vinculadas primeiramente a seu território, a igreja de Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Nova Esperança, seguida daquela dedicada a Nossa Senhora Assunção, no Jardim Zulmira, mais a Comunidade de Santa Luzia, no Jardim Marize.

16 Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, de Vila Melges

No ano de 1954, o sr. José Melges doou à Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, de Vila Hortência, que até então tinha sob sua custódia a igreja de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, com suas comunidades mais próximas, quatro lotes para a construção de uma nova capela. Na ocasião, percorria o Brasil, sendo recepcionada também na Catedral de Sorocaba, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, trazida de Portugal. Foi, então, que frei Florêncio Hannemann, OFM, que atendia Santa Rita e depois se tornaria seu primeiro pároco, surgeriu-na como Padroeira da nova comunidade que estava nascendo.

A missa de instalação do Cruzeiro foi realizada na casa da esquina das ruas Paes de Linhares e Francisco Loureiro, descendo-se em procissão com a Cruz para o local da futura igreja. O sino foi doado pela antiga Estrada de Ferro Sorocabana (Fepasa), a pedra fundamental foi abençoada pelo bispo Dom José Carlos de Aguirre e a primeira missa celebrada pelo frei Florêncio, com a participação de mais ou menos dez pessoas, entre adultos e crianças. Porém, pronta a pequena Capela a Comunidade foi crescendo, acompanhando o povoamento daqueles lados da cidade, sempre com a assistência dos franciscanos de Santa Rita.

No dia 10 de fevereiro de 1991, na presença do bispo Dom José Lambert, foi instalada a nova Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, tendo como primeiro pároco o padre Adelar Piccin. Em 5 de fevereiro de 1995, com a apresentação à Paróquia como vigário paroquial do padre Benedito de Jesus Halter, este ficou responsável pelo Setor Laranjeiras, que era vinculado à Matriz de Vila Melges e formado por cinco comunidades: Cristo Rei, São Francisco de Assis, São

Gaspar Bertoni, Santa Maria dos Anjos e Santa Cruz, tornando-se ele depois o primeiro pároco com o desmembramento do território de Fátima e a criação, no dia 24 de novembro de 1996, da Paróquia de Cristo Rei, com sua Matriz no Parque Laranjeiras.

Com o correr dos anos, outros padres exerceram seu ministério na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Vila Melges, que celebra sua Padroeira a 13 de maio. O atual pároco é o padre Alex Sandro Kyt, com o auxílio do diácono permanente Lecy Matos Fonseca.

As Comunidades

Presentemente, além da Matriz, a Paróquia de N.S. de Fátima, conta com mais quatro comunidades. A de São Pedro, no bairro do Mineirão, começou ainda no início da década de 1970, com o empenho de dona Maria Eugênia e sua vizinhança, logo recebendo a doação de terreno pelo Dr. Moreira, onde foi construído primeiramente um salão, onde as missas eram celebradas duas vezes no mês, no segundo e quarto domingos, pelo frei José Fritzen, coadjutor em Santa Rita.

Já a Comunidade de Nossa Senhora de Guadalupe, no Jardim Guadalupe, tem suas origens quando o empresário sorocabano Dr. Edson, ao participar de reuniões de trabalho no Japão, ouviu falar muito de Guadalupe, no México. Achou bonito o nome e, chegando de volta, ao lotear o bairro o escolheu, também elegendo a Virgem de Guadalupe como sua Padroeira. A catequese, no começo, era realizada no quintal da dona Magda e depois, com o aumento do grupo, passou a ser feita debaixo das mangueiras, em local próximo ao Presídio, e na 'escolinha', onde hoje é a Escola Estadual "Roque Conceição Martins".

A Comunidade de São Francisco das Chagas, de Vila Gomes/Vila Fiore, por sua vez, começou na Capela de Nossa Senhora Aparecida, que ficava na rua Henrique Fiore, na época conhecida simplesmente como 'igrejinha do turco'. Em 1980, pelo frei Benjamim, pároco de Santa Rita, ao lançar a pedra fundamental para a construção de nova igreja para a Comunidade, em terreno próximo, na rua Olegário Ribeiro, escolheu São Francisco de Assis como seu patrono. Porém, seu nome logo foi alterado para São Francisco das Chagas, por já haver na região outra Comunidade assim denominada, hoje sede da Paróquia de São Francisco de Assis, no Jardim Guaíba.

Por fim, aparece a Comunidade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, do Jardim Brasilândia, que começou por volta de 1985, com as celebrações realizadas na casa dos fiéis, também oficiadas pelos frades da Paróquia de Santa Rita. Mas logo a frequência aumentou tanto que a Comunidade se viu forçada a transferir as celebrações para o pátio da Escola Estadual "Ossis Salvestrini Mendes", na rua Paes de Linhares. Com a doação de um terreno por parte de um franciscano com família na cidade de Porto Feliz, iniciaram-se as obras da igreja do bairro, que recebeu, então, o padroado de Nossa Senhora Mãe dos Homens, em sinal de gratidão aos portofelicenses.

17 Paróquia de Cristo Rei, do Parque das Laranjeiras

A Paróquia de Cristo Rei, do Parque das Laranjeiras, criada canonicamente também pelo arcebispo Dom José Lambert, em 1996, no dia 24 de novembro, Solenidade de Cristo Rei do Universo (o Padroeiro é, assim, comemorado sempre no último domingo de cada ano litúrgico), na realidade teve suas bases lançadas quando, quatro anos depois de instalada, em 1991, a Paróquia de Nossa Senhora de

Fátima, com sua Matriz em Vila Melges, em 5 de fevereiro de 1995 era apresentado como seu vigário paroquial o padre Benedito de Jesus Halter, recebendo do titular, padre Adelar Piccin, durante assembleia paroquial realizada já no dia 9 seguinte, a incumbência de ficar responsável pelo Setor Pastoral Laranjeiras, formado por cinco comunidades: Cristo Rei, São Francisco de Assis (Jardim Guaíba), São Gaspar Bertoni (Parque das Paineiras), Santa Maria dos Anjos (Parque Vitória Régia) e Santa Cruz, tornando-se ele depois seu primeiro pároco com o desmembramento do território de Fátima e a criação. Aliás, quando padre Benedito assumiu o Setor Pastoral Laranjeiras, também com recomendação do próprio Arcebispo de preparar as bases de nova paróquia que abrangeria grande área da Zona Norte, a Capela de Cristo Rei era apenas um salão.

Instalada a Paróquia na Festa de Cristo Rei de 1996, o primeiro pároco, que ali permaneceu até abril de 2001, tratou logo de estruturar o trabalho pastoral em tão vasto territorial canônico, que por sinal chega a 2024 subdividido em outras quatro paróquias (São Gaspar Bertoni, Santa Maria dos Anjos, São Francisco de Assis e São Guilherme). Além de formação bíblica e escolas da fé espalhadas por todos os bairros e comunidades ligadas à Matriz de Cristo Rei, mereciam destaque igualmente os projetos desenvolvidos na área social, como a construção da Casa do Idoso, onde hoje a Paróquia centraliza seu trabalho de promoção humana; a implantação da Creche Menino Jesus, no Jardim Guaíba, e a fundação da rádio comunitária Cultural FM, do Parque das Laranjeiras, e de cooperativa de reciclagem, pouco depois transformada na Coreso como primeiro serviço de coleta seletiva de materiais recicláveis residenciais de Sorocaba, atingindo depois comércios, indústrias e condomínios residenciais e empresariais e até hoje existente na cidade e sempre em contínua expansão.

Vieram-se outros párocos, edificou-se a igreja matriz de Cristo Rei, logo à entrada do Parque das Laranjeiras, nos altos da avenida Itavuvu, e em 2011 ali tomou posse como titular o padre Marivaldo de Oliveira, sucedido pelo padre Sérgio Murilo Scudeler agora em 2024, no bojo das primeiras transferências realizadas na direção de paróquias da Arquidiocese no início deste ano pelo arcebispo Dom Julio Akamine.

18 Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, do bairro Nova Sorocaba

A Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, do bairro Nova Sorocaba, foi uma das primeiras criadas na Zona Norte, junto com a Cristo Rei, do Parque das Laranjeiras, como consequência da vertiginosa expansão imobiliária e populacional experimentada a partir da segunda metade da década de 90 do século passado por aquela enorme região de Sorocaba. Foi instalada em igreja construída a partir de mutirões envolvendo a própria Comunidade local a partir do final dos anos 80, em área situada à alameda Guarujá, praticamente paralela à avenida Ipanema. Sua instalação ocorreu durante solene Concelebração Eucarística presidida pelo arcebispo Dom José Lambert a 28 de fevereiro de 1999 no altar-mor da nova Matriz, ao mesmo tempo em que era oficializada a posse canônica do primeiro pároco, o padre Wilson Bizoni. Seu território foi integralmente desmembrado da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Vila Angélica.

Com o passar dos anos, foram ali também atuaram como titulares da Paróquia, que tem seu Padroeiro celebrado sempre no mês de junho, em data móvel, na sexta-feira da semana seguinte à Feste de Corpus Christi, os padres João Fernando Barreto, até seu falecimento a 20 de junho de 2011, e Claudinei Pantojo, além do diácono

permanente Valdomiro Fogaça, desaparecido em maio de 2018. O padre Evandro Luísa Zanardo Paulim, também chamado carinhosamente como 'padre masterchef', diante de suas habilidades e gosto pela culinária, é o atual titular da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus que, além da Matriz do Nova Sorocaba, agrega duas outras Comunidades da área: Nossa Senhora do Rosário, no Jardim Novo Horizonte, e Santo Expedito, no Jardim Nova Ipanema.

19 Paróquia de Santa Maria dos Anjos, do Parque Vitória Régia

A Paróquia de Santa Maria dos Anjos, criada e instalada por Dom José Lambert no Parque Vitória Régia, em 2 de janeiro de 2005, desmembrada da Paróquia de Cristo Rei e tendo como seu primeiro pároco o padre Aparecido Carlos dos Passos, é outra que acompanhou o desenvolvimento urbano mais recente da Zona Norte, já nos primeiros anos do século XXI e com a instalação inclusive, nos quilômetros finais da avenida Itavuvu e quase encontrando-se com a Rodovia Castello Branco, do promissor Parque Tecnológico de Sorocaba. E em tão pouco tempo também já passou por novo desmembramento, dando origem em 2011 à Paróquia de São Gaspar Bertoni, no Jardim das Paineiras.

Quando de sua ereção canônica, além da Matriz do Parque Vitória Régia, a Paróquia de Santa Maria dos Anjos constituía-se ainda das Comunidades do Imaculado Coração de Maria, Mãe Rainha, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora da Defesa, Sagrado Coração de Jesus, Santa Lúcia Filipinni, São Gaspar Bertoni, Santos Anjos e Santa Catarina de Sena. Após a instalação da Paróquia de São Gaspar Bertoni, permaneceram sob o manto da Matriz de Santa Maria dos Anjos as capelanias do Imaculado Coração de Maria, Mãe Rainha e Nossa Senhora das Graças.

As origens

Missionários igualmente oriundos da Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, à época tendo Santa Maria dos Anjos como padroeira de sua confraria da Ordem Terceira Franciscana, procuravam visitar a região do Vitória Régia para ajudar os moradores a resolverem juridicamente suas questões de assentamento junto à Prefeitura de Sorocaba, lançando também, assim, as bases para a formação da Comunidade Católica do bairro. Isto a, pelo menos, 60 anos atrás, atribuindo logo à patrona dos amigos terciários franciscanos a invocação como padroeira da comunidade nascente, por conseguinte. Da memória das origens, resta no coração dos moradores mais antigos, porém, somente as celebrações eucarísticas realizadas debaixo de um pé de maracujá já nos anos 2000 e a presença marcante do padre Wilson Bizoni, na época anterior ao desmembramento páraco de Cristo Rei.

Foi ainda padre Carlinhos quem instituiu pouco mais de seis meses depois de instalação da Paróquia a novena em honra de Santa Maria dos Anjos, celebrada de 25 de julho até 2 de agosto, Dia do Perdão de Assis, data da franciscana Festa da Indulgência da Porciúncula, em Sorocaba também bastante concorrida junto à Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, em Vila Hortência – ali na Matriz do Vitória Régia a celebração anual também traz, por outro lado, forte referência à missão franciscana que deu nome à Paróquia.

Em 4 de dezembro de 2010, chegaram a Paróquia de Santa Maria dos Anjos os padres Fausto Culbert (páraco) e José Amaro da Silva (vigário paroquial). Padre Rodolfo Gasparini Morbiolo foi empossado por Dom Julio Akamine como terceiro páraco em 6 de janeiro de 2022.

20 Paróquia de São Bento, do Parque São Bento

A Paróquia de São Bento tem suas origens no surgimento do loteamento do Parque São Bento, na Zona Norte, às margens da Rodovia Emerenciano Prestes de Barros, a estrada que interliga o Município e Porto Feliz, tido na época como o maior empreendimento imobiliário dentro de Sorocaba. Ótima topografia e bem projetado para ser verdadeira cidade, com mais de 6.200 lotes (10 por 25) de 250 metros quadrados, mais uma grande área reservada pelos empreendedores para clube poliesportivo, milhares de metros reservados para lazer e áreas institucionais. Tudo isso equivale a 3.246.639,06 metros quadrados, ou seja, 134,15 alqueires de terra paulista. A implantação de infra-estrutura e venda de lotes tiveram início em abril de 1979. No dia 31 de julho de 1983, o Parque São Bento lançava, então, sua pedra fundamental. Estavam presentes no grande acontecimento cerca de 2 mil pessoas representativas dos mais variados setores da comunidade sorocabana e autoridades civis, militares e eclesiásticas. O ponto alto desse dia foi a missa campal ali celebrada sob a presidência do então titular da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, de Vila Angélica, padre José Ernani Angelini. Na terça-feira, 1º de maio de 1984, já ocorria a entrega das chaves simbólicas das primeiras 405 casas. Sorocaba ganhara mais um núcleo residencial, o Parque São Bento.

Com a chegada dos primeiros moradores, deu-se início também à vida pastoral da Comunidade Católica de São Bento, agregada à Paróquia de Vila Angélica. As famílias começaram a rezar o terço do Rosário de Nossa Senhora nas casas, faziam suas reflexões bíblicas, realizavam novenas e, assim, foi se formando um corpo espiritual para o novo núcleo habitacional. Logo viu-se, porém, a

necessidade de se ter um local próprio para a construção da igreja do bairro e abrigar a Comunidade, com suas atividades, o que não tardou muito para tornar-se realidade. Passaram-se os anos e, com a Comunidade desenvolvendo-se sempre mais, em 2 de julho de 2006 o arcebispo Dom Eduardo Benes oficializou a instalação canônica da Paróquia de São Bento, dando posse, ao mesmo tempo, a seu primeiro pároco, padre Reinaldo Barbosa, e também ao padre Evandro Luiz Zanardo Paulim, como vigário paroquial.

A Paróquia de São Bento conta, além da Matriz, com outras nove comunidades atualmente: Santa Teresa de Calcutá (Parque São Bento), Santo Estevão (São Bento ll), Nossa Senhora do Carmo (Jardim Botucatu), São José (Bairro Cruz de Ferro), Bom Jesus do Ipanema (Bairro Bom Jesus), Nossa Senhora Aparecida (Jardim Carandá), Nossa Senhora Auxiliadora (Bairro Altos do Ipanema), Bom Jesus da Cana Verde (bairro rural de Indaiatuba) e Santa Marta (Jardim Santa Marta).

O padre João Alfredo Pires de Campos é o atual titular da Paróquia de São Bento, contando com a colaboração do diácono permanente Pedro Israel Paifer.

21 Paróquia de São Francisco de Assis, do Jardim Guaíba

Foi o arcebispo emérito Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues quem determinou a criação canônica da Paróquia de São Francisco de Assis, com Matriz no Jardim Guaíba. Sua instalação solene aconteceu no dia 20 de dezembro de 2008 pelo então Arcebispo de Sorocaba, desmembrada da Paróquia de Cristo Rei, no Parque das Laranjeiras. De início, somente a própria Comunidade do Jardim

Guaíba constituía a nova Paróquia, porém um ano depois também foram anexadas a seu território as comunidades da Mãe Admirável e de Santo André, ambas oriundas da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, da Vila Melges, com as quais veio o diácono permanente José Paulo Macedo.

O padre Ocelo Domingos Pereira Filho, ordenado sacerdote por Dom Eduardo Benes a 11 de agosto de 2007 e até então vigário da Paróquia de São Benedito e Santa Terezinha, na cidade de Cerquilho, é seu pároco desde sua instalação em 2008.

22 Paróquia de Nossa Senhora Rosa Mística, no Jardim Maria Antônia Prado

A doação de um terreno na altura do número 2.100 da avenida Itavuvu, em 2006, pela Família Betti, para a edificação de uma igreja na região do Jardim Maria Antônia Prado, foi o ponto de partida para a constituição da futura Paróquia consagrada a Nossa Senhora Rosa Mística, conforme desejo, aliás, dos doadores, de há muito, então, propagadores em Sorocaba da devoção a essa conhecida invocação mariana. O lançamento da pedra fundamental para a edificação do novo templo ocorreu no dia 8 de dezembro do mesmo ano, Solenidade da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, na presença e bênçãos de Dom Antônio Maria Mucciolo, então arcebispo emérito de Botucatu e amigo da Família Betti desde os tempos de seu ministério sacerdotal em Sorocaba e paroquiato na Catedral de Nossa Senhora da Ponte. Na mesma ocasião ainda, padre Tadeu Rocha Moraes, pároco da Catedral, já oferecia à nova igreja significativa imagem de Nossa Senhora Rosa Mística, entregue a Monsenhor Mauro Vallini na década de 1980 pelo padre José Kumagawa, pároco

de Jambeiro, município próximo a São José dos Campos, entre Paraibuna e Paraitinga, na região do Vale do Paraíba, numa de suas passagens por Sorocaba para a divulgação da devoção à Roa Mística – essa imagem permanecera por alguns anos venerada em nicho num dos corredores laterais da própria Catedral e depois fora transferida para a igreja de Santa Cruz, junto ao antigo Lar São Vicente de Paulo.

Á época desses acontecimentos, a Comunidade ao entorno do Jardim Maria Antônia Prado mal tinha sido iniciada, num barracão erguido pela Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, de Vila Angélica, durante trezena ali realizada no mês de julho. O projeto arquitetônico da nova igreja ficou a cargo do arquiteto Márcio Pedrico e o projeto do espaço litúrgico era de autoria da Irmã Alaíde Sonda, arquiteta da Congregação das Discípulas do Divino Mestre, cujo carisma é a valorização da arte sacra e litúrgica, à luz, sobretudo, dos documentos do Vaticano II. Através de muitas campanhas e doações, ao longo de anos ela foi sendo erguida então, até que o pároco de Vila Angélica, padre Adelar Piccin, propôs ao arcebispo de Dom Eduardo Benes a criação da nova paróquia. E assim se fez. No dia 8 de setembro de 2010, Festa da Natividade de Maria, foi instalada a nova Paróquia de Nossa Senhora Rosa Mística e provisionado seu primeiro e atual pároco, o próprio padre Adelar Piccin, juntamente com o diácono permanente Esdras Gilberto Lara Melo.

O templo fora erguido, mas estava sem acabamento, sem portas e janelas, sem piso, sem forro, sem altar, sem ambão, sem fonte batismal, sem capela do Santíssimo, quase nada, mas era, mesmo assim, uma casa muito acolhedora, "pois havia nela o povo de Deus, com seu suor e lágrimas", como reconhece padre Adelar, lembrando o artístico mosaico do Cristo Pantocrator, ícone que hoje reluz ao centro

de seu Presbitério – a igreja praticamente concluída internamente foi consagrada na Solenidade da Imaculada Conceição de 2022 por Dom Julio Endi Akamine, embora nova campanha aconteça neste 2024, agora para a colocação de grades e portões.

Nossa Senhora Rosa Mística é celebrada a 13 de julho.

As Comunidades

Quando instalada em 2010, a Paróquia de Nossa Senhora Rosa Mística trouxe consigo da Paróquia de Vila Angélica também as comunidades próximas de São Roque (Jardim Real/Cedrinho), Nossa Senhora de Lourdes e Santo Amaro. Hoje, porém, são somente duas as agregadas, com as duas últimas (Lourdes e Santo Amaro) vinculando-se à Paróquia de São Guilherme depois de sua criação, mas a Rosa Mística recebendo a Comunidade de São José (Jardim Conrado).

23 Paróquia de São Gaspar Bertoni, do Jardim das Paineiras

São Gaspar Bertoni foi o patrono escolhido para a Comunidade com que, na década dos anos 1990, a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, situada na Vila Melges, decidiu expandir-se para a região do Parque das Paineiras, que também começava a crescer a passos largos dentro do 'boom' imobiliário da Zona Norte. Época em que também começaram por ali as primeiras celebrações da Palavra e da Eucaristia, inicialmente na residência do casal Terezinha Alves da Silva-Manoel Pedro Lourenço da Silva.

Com o passar do tempo, a Comunidade foi aumentando e se firmando, começando-se, então, a construção, por meio de mutirão, de sua Capela, no mesmo local onde está situada hoje a Matriz, na

avenida Ataliba Pontes. A escolha do padroado de São Gaspar Bertoni veio consolidar antigo sonho do arcebispo Dom José Lambert, que de há muito ansiava ver uma igreja dentro de sua Arquidiocese dedicada ao fundador e pai de sua família religiosa de origem, a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, popularmente conhecida como Família dos Estigmatinos, que aliás havia sido canonizado anos antes, em 1989, em Roma, pelo Papa São João Paulo II.

Assim, no ano de 1995, na véspera do Natal, a 24 de dezembro, instaura-se a Comunidade de São Gaspar Bertoni, num primeiro momento vinculada à Paróquia de Vila Melges, porém logo depois, em 1996, agregada à nova Paróquia de Cristo Rei, do Parque das Laranjeiras, tendo como pároco o padre Wilson Bizoni, e em 2005, com a instalação da Paróquia de Santa Maria dos Anjos, no Parque Vitória Régia, dela também passando a fazer parte, sob o paroquiato do padre Aparecido Carlos dos Passos. Pouco mais de cinco anos mais tarde, com o padre Fausto Culbert assumindo a Santa Maria dos Anjos, ouvindo o Conselho de Presbíteros a Arquidiocese resolve criar nova circunscrição eclesiástica na área, com o arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues procedendo a instalação canônica da Paróquia de São Gaspar Bertoni no dia 3 de setembro de 2011, empossando também como seu primeiro pároco o padre Aroldo Fernando Turino, e no dia 22 de janeiro do ano seguinte presidindo a missa de dedicação da Igreja Matriz e do seu altar-mor.

O segundo e atual pároco de São Gaspar Bertoni, padre Roberto Vieira, tomou posse a 12 de janeiro de 2014, iniciando, logo em seguida, uma série de reformas e adaptações no templo para melhor

acolher seus fiéis. Hoje, a Paróquia conta, aliás, com três outras comunidades espalhadas por seu território: Sagrado Coração de Jesus, Santos Anjos e Santa Lúcia Filippini.

24 Paróquia-Santuário de São Geraldo Majella, de Vila Helena

A história da Paróquia-Santuário de São Geraldo Majella tem seu marco inicial com a construção e transferência, para Sorocaba, do Seminário Redentorista São Geraldo, Casa de Formação dos Missionários Redentoristas Irmãos. Anexa ao Seminário, em Vila Helena, foi construída também uma ampla igreja conventual, igualmente dedicada a São Geraldo Majella, sagrada no mesmo dia da inauguração do Seminário, a 15 de março de 2012, como pode ver-se com mais detalhes em apêndice deste livro dedicados aos santuários hoje presentes na Arquidiocese. Foi, assim, a partir destas realidades que os Redentoristas ofereceram, desde o início, atendimento aos fiéis da Zona Norte e de outras regiões de Sorocaba e arredores, particularmente às comunidades da Paróquia de São Luís Gonzaga, território dentro do qual a Missão Redentorista se estabelecera.

No ano seguinte, levando em consideração a realidade populacional daquela região, o arcebispo Dom Eduardo Benes, após ter ouvido o padre Ricardo Chizzolini, então pároco de São Luís Gonzaga, o Conselho Arquidiocesano de Presbíteros e o superior provincial dos Missionários Redentoristas, padre Luís Rodrigues Batista, C.Ss.R., optou pelo desmembramento de seis comunidades do então território da Paróquia de Vila Barão: São João Batista (Vila Helena), Nossa Senhora de Fátima (Lopes de Oliveira), Nossa Senhora de Nazaré (Luciana Maria), São Vicente de Paulo (Jardim Betânia), Santa Terezinha, (Ipanema Ville) e Nossa Senhora do Desterro, decretou

a criação da 'quase paróquia' de São Geraldo Majella, no dia 22 de fevereiro. Para isso, acordou-se que a 'quase paróquia' teria como Matriz a própria igreja conventual, sendo designado como administrador paroquial o padre José de Vilas Boas, C.Ss.R, até então titular da Paróquia da Santíssima Trindade, da cidade de Tietê, que assim também retornava ao pastoreio de sacerdotes seculares.

No dia 16 de outubro de 2013, Festa de São Geraldo Majella, com Celebração Eucarística presidida por Dom Eduardo Benes, acontecia, então, a instalação canônica da nova Paróquia. Padre José de Vilas Boas, C.Ss.R., também foi confirmado, na ocasião, como primeiro pároco, permanecendo até 2015. Na sequência, estiveram à frente da São Geraldo os missionários redentoristas padres Pedro Paulo Dal Bó (administrador paroquial – 2015), Hélcio Vicente Testa (2015–2019), José Afonso Savassa (2019–2020) e Luiz Carlos da Cruz (2020–2023).

No dia 14 de outubro de 2023, com missa solene presidida pelo arcebispo Dom Julio Akamine e transmitida pela Rede Aparecida de Comunicação, a Paróquia celebrou seus 10 anos de caminhada, no contexto do centenário da Arquidiocese. O padre Luiz Cláudio Alves de Macedo, C.Ss.R. é o pároco atual), atuando ao lado do diácono permanente Pedro Rodrigues Jacob, que já atuava na Paróquia de São Luís Gonzaga.

25 Paróquia de São Guilherme, do Jardim São Guilherme

A Paróquia de São Guilherme foi criada em fevereiro de 2015, com cerimônia solene de instalação canônica durante missa presidida pelo arcebispo Dom Eduardo Benes, que na mesma oportunidade investia o padre José de Morais, o 'padre Giba', como seu primeiro pároco.

O território da nova circunscrição eclesiástica foi constituído a partir da cessão de comunidades por três outras paróquias da região: a Paróquia de Cristo Rei entregou a Comunidade do próprio Jardim São Guilherme, que já existia há quase vinte anos e vinha sendo assistida como área pastoral específica sob a responsabilidade do padre Isac Isaías Vale, como vigário paroquial do Parque das Laranjeiras, colaborando, inclusive, para com sua organização para se transformar em Paróquia e reformas da igreja se tornar Matriz; a Paróquia de Nossa Senhora Rosa Mística entregou a Comunidade de Nossa Senhora de Lourdes, do Jardim Maria Eugenia, e a Comunidade de Santo Amaro, no bairro do mesmo nome, e a Paróquia de São Bento, por fim, entregou a Comunidade de Nossa Senhora Rosa Mística, do Jardim Flamboyant, que assim vinham unir forças por estarem próximas geograficamente.

A Matriz de São Guilherme, localizada igualmente na área norte, região, aliás, que mais cresceu nos últimos anos, com uma população estimada no Censo de 2022 em 250 mil pessoas, se tornou, igualmente, corredor viário importante para outros bairros e saída da cidade. Cresceu muito o comércio do bairro, tornando-se, ao lado de um importante centro comercial, um desafio para a evangelização, por isso o trabalho pastoral nos anos que se sucederam à criação da Paróquia foi calcado numa proposta de comunhão entre a Matriz e suas comunidades. Além dos grupos de rua, nos setores da Paróquia, as atividades pastorais são intensas, enumerando-se, dentre outros, a presença da devoção à Divina Misericórdia, capelinhas missionárias da Mãe rainha, grupos da RCC (Renovação Carismática Católica) e Apostolado de Oração.

São Guilherme, o Padroeiro da Paróquia, é celebrado pela liturgia da Igreja a 25 de junho e seu pároco atual é o padre Márcio Ferreira, auxiliado pelo diácono permanente Davi Claro de Oliveira.

ÁREA CERRADO

26 Paróquia de São José, do Cerrado

A instalação a 19 de março de 1954 da Paróquia de São José do Cerrado, como passou a ficar conhecida depois de bom tempo, representou para a Igreja de Sorocaba, de um lado, a constituição de uma primeira circunscrição canônica pelos lados da Zona Oeste, além da praça 9 de Julho, com o acelerado crescimento de áreas lindeiras à antiga estrada para Curitiba, transformada a certa altura na avenida General Carneiro, e, de outro, a concretização de antiga aspiração de Dom José Carlos de Aguirre de contar na cidade-sede de seu Bispado também com uma paróquia dedicada a um de seus onomásticos. Na realidade, desde os anos 20 a região do Cerrado já contava com uma capela dedicada a Santa Terezinha, ligada à Paróquia da Catedral e funcionando com diversas associações religiosas inclusive. Surgira a capela por ocasião da celebração das bodas de prata do casal Francisca Nogueira Soares-Major Abílio Soares, que decidira comemorá-la lançando em terras de sua propriedade a pedra fundamental para a construção de uma capela dedicada à 'santinha de Lisieux', com documentos presentes na Cúria apontando já concluída em 1928, trazendo da França sua imagem. Era também o início da expansão imobiliária da Vila Soares, cruzando a avenida Dr. Eugênio Salerno, depois chamada como até hoje simplesmente

bairro de Santa Terezinha. A ponto de em 1949 os fiéis residentes nas cercanias já começarem a pensar mais incisivamente na formação de uma paróquia para o bairro do Cerrado, até providenciando a constituição de uma comissão especial.

Fator decisivo rumo a essa expectativa ocorreria no ano seguinte, com a chegada a Sorocaba, a convite de Dom Aguirre, dos Padres da Consolata, instalando seu Noviciado em residência vizinha justamente da Capela de Santa Terezinha, isto em março de 1950. Aliás, uma procissão levando a imagem de Nossa Senhora da Consolata da Catedral ao bairro no dia 19 daquele mês, Solenidade de São José, marcou a inauguração do Noviciado, com os missionários assumindo vários encargos ministeriais na cidade e na região, um deles justamente a Capelania de Santa Terezinha, ao lado da coadjutoria da Paróquia da Catedral, auxiliando Monsenhor Francisco Antônio Cangro. Instalada provisoriamente na própria Capela de Santa Terezinha do Menino Jesus a nova Paróquia, "enquanto não se construir a Igreja Matriz definitiva em ponto mais central, mais acessível aos fiéis" como escrevera Dom Aguirre no decerto de criação, foi empossado como primeiro pároco o padre Eugênio Bolzonello[43], ficando ainda os Padres da Consolata encarregados de construir a futura Matriz, com a proposta de fazê-lo nos altos da avenida General Carneiro, em terreno próximo ao Hospital Evangélico, aproveitando-se de área ocupada por primitiva capelinha ali existente, do lado direito, em honra de São Roque, demolida juntamente com outra casa vizinha situada no largo de São Roque e adquirida pela Paróquia.

[43] Missionário da Consolata, o padre Eugênio Bolzonello, primeiro titular da Paróquia de São José do Cerrado, tem seu nome perpetuado na praça que circunda a Capela de Santa Terezinha, numa homenagem póstuma de parte da Prefeitura de Sorocaba.

Sucederam o padre Eugênio os missionários consolatas padres Otávio Ocelli (1957-1958) e Vicente Rampino (1958-1960), seguidos pelo padre Natale Moretti, então transferido da Paróquia de Itararé e a quem coube a incumbência de fazer a transição da Paróquia dos Missionários da Consolata para os sacerdotes seculares da Diocese e de preparar o lançamento da pedra fundamental da nova Matriz em 29 de abril de 1962; cônego José Carlos Castanho de Almeida (1964-1965) e padre José Maria de Souza (1965-1968). Já a essa época chamada de Paróquia de São José do Cerrado, para distinguir da Paróquia de São José Operário criada na região de Vila Progresso, e apresentando, então, o maior território paroquial de Sorocaba, indo até as divisas com a Rodovia Raposo Tavares.

Foi nessa realidade que, a 4 de fevereiro de 1968, ali chegava o então cônego Mauro Vallini, empossado como novo pároco pelo bispo coadjutor e administrador apostólico Dom José Melhado Campos dentro da nova Igreja Matriz ainda em construção e por ele concluída interna e externamente, durante o longo período em que ali permaneceu, até abril de 1982, quando aceitou convite de Dom José Lambert para dirigir a Paróquia da Catedral. Dentro do extenso território da Paróquia de São José do Cerrado, estavam então localizadas, ao lado da Matriz popularmente conhecida e chamada simplesmente como 'igreja do padre Mauro', as capelas do Divino, de Santa Terezinha, do Educandário Santo Agostinho, das Irmãs Franciscanos do Coração Imaculado de Maria, e de São Francisco, no bairro do Ipatinga, assim como aquelas ligada ao Mosteiro de Santa Clara, das Monjas Concepcionistas; às Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundação da Madre Santa Paulina, incluindo a Casa Provincial na rua Santa Terezinha e a Casa de Retiros 'São José', e à da Casa Provincial das Irmãs da Providência, no Jardim Novo Mundo.

A padre Mauro, sucederam outros párocos, como padre João Carlos Orsi, que em meados de 1988 afastava-se para viajar a Roma, onde realizaria seu doutorado em Direito Canônico, habilitando-se a assumir a presidência do Tribunal Eclesiástico Inter-Diocesano de Sorocaba; padre Daniel Jansenn, embora como administrador paroquial por pequeno período, com a partida de padre Orsi; padre João Carlos Alampe, então chegando da Diocese de Itapeva para uma primeira experiência pastoral por aqui, a convite de Dom José Lambert; padre Paulo Roberto Gonzales, padre João Alfredo Pires de Campos, padre José Ernani Angelini, padre Fábio Ferreira da Silva e padre Carlos Ferreira Borges Meira. Nas alterações efetuadas no início de 2024 pelo Arcebispado, foi empossado como novo titular da Paróquia de São José do Cerrado o padre Felipe Augusto Bracher Pasquini, continuando como vigário paroquial o padre José Ernani Angelini e diácono permanente, Antônio Sartorelo Neto.

A Paróquia hoje, além da Matriz de São José do Cerrado, conta com as Comunidades de Nossa Senhora do Desterro, no Jardim Simus, com ampla igreja e instalações pastorais logo no início da rua Américo de Figueiredo; Santa Paulina, no bairro de Cidade Jardim, e de Dom Bosco, no Jardim Magnólias.

27 Paróquia do Divino Espírito Santo, do largo do Divino

Das várias paróquias que surgiram na Zona Oeste de Sorocaba a partir da década de 1970, com a expansão urbana também atingindo aqueles lados da cidade, aquela dedicada ao Divino Espírito Santo foi a primeira a ter seu território desmembrado da Paróquia de São José do Cerrado no ano de 1974, por deliberação do bispo dio-

cesano de então, Dom José Melhado Campos, ao dar posse canônica no dia 15 de dezembro ao padre Waldemar Paoleschi, que já vinha assistindo a Comunidade como auxiliar de cônego Mauro Vallini em São José do Cerrado, como seu primeiro pároco.

Historicamente, porém, a Capela do Divino, naquele ano do cinquentenário de criação da Diocese (1974) transformada em Matriz, guardava – e guarda até hoje, preservada, sobretudo, como um dos principais patrimônios históricos arquitetônico-religiosos de Sorocaba, mesmo depois da construção em área fronteiriça, nos anos 1990/2000 de moderna e ampla nova Matriz – recordações tropeiristas que remontam ao século XIX. A edificação surgiu ali, tradicional local de parada de tropeiros vindos dos pampas gaúchos conduzindo suas tropas de muares, antes de adentrarem à cidade para negociações e suas tropas, cruzando o posto de registro alfandegário então instalado junto ao rio Sorocaba, seguirem em direção geralmente à região das minas gerais, na segunda metade dos anos 1800. Foi a 3 de abril de 1854 que Patrício José Ribeiro solicitou da Câmara de Vereadores a cessão de um terreno à beira da estrada daqueles lados do Município para a construção de uma capelinha sob a invocação do Divino Espírito Santo. Em 1877, no dia 21 de janeiro, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, então bispo de São Paulo, concede, agora a Antônio Fernandes Pontes, a autorização canônica para a ereção de tal Capela. E foi o próprio Antônio Fernandes Pontes, português caixeiro do negociante Domingues Gonçalves Bastos estabelecido na rua da Penha, quem tomou a peito a construção da Capela do Divino, recolhendo esmolas junto da população de Sorocaba e dos tropeiros. Mais para frente, ao viajar a sua terra natal, Fernandes Porto trouxe de Portugal, em 1881, a prateada pomba que até hoje ali é venerada como símbolo do Padroeiro. Solene missa campal na

manhã de 24 de julho de 2023 no largo do Divino, defronte à histórica Capela, completamente restaurada ainda recentemente pela Prefeitura, oficiada sob a presidência do atual pároco, padre Paulo Severino Malzoni, comemorou a passagem do 140ª aniversário de sua inauguração. O jornal 'Diário de Sorocaba', de Maneco Januário, que circulou na cidade por alguns anos também no final do século XIX, estampa em sua edição de 22 de junho de 1883, com destaque, a informação de que "Antônio Fernandes Porto, para cumprir um voto, conduzirá no dia 24 a sagrada imagem da Aparecidinha de sua Capela até a Matriz e dali acompanhada dos andores do Divino Espírito Santo, São Benedito e São João, com todas as irmandades e música para a missa de inauguração da Capela do Divino". "Para a conclusão da festa nessa data, haverá uma ladainha, alguns fogos e o balão que deixará o povo assombrado pelo seu tamanho descomunal – 35 palmos de altura".

A experiência pastoral de 'irmãs vigárias' que a Diocese implantou por alguns meses durante o período em que Dom Amaury Castanho, como bispo-auxiliar, trabalhou em Sorocaba ao lado de Dom José Melhado 91976-1979), como forma de amenizar momentânea falta de sacerdotes para prover todas as necessidades da Igreja Particular e em vista, sobretudo, da acentuada expansão urbana, foi testada justamente, como 'projeto piloto', na Paróquia do Divino, com algumas religiosas de Campinas da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado instalando-se na Casa Paroquial do Divino. Outros párocos passaram também por ali, ao correr dos anos, como os padres Benedito de Jesus Halter, Inácio Kriguer, este ali presente quando o bispo Dom José Lambert presidiu a missa do centenário da Capela a 26 de junho de 1983, e José Ernani Angelini.

Estão ainda presentes hoje, no âmbito da Paróquia do Divino, as Comunidades de São Caetano (Jardim São Paulo), Nossa Senhora de Guadalupe (Jardim Guadalajara), Santa Isabel e Divina Misericórdia (Parque Santa Isabel), Nossa Senhora Mãe do Divino Amor (Vila dos Ingleses) e Santo Antônio, à Rodovia Raposo Tavares, Km 109, junto à Escola Estadual "Diógenes Marins", no bairro Ipanema do Meio, além do Mosteiro de Santa Clara, das Monjas Concepcionistas Franciscanas). Diácono permanente, Roberto de Marco Sampaio.

28 Paróquia Santuário de São Judas Tadeu, do bairro do Central Parque

A Paróquia-Santuário de São Judas Tadeu, do bairro do Central Parque, foi a segunda criada na Zona Oeste, a partir da Paróquia de São José do Cerrado e da expansão vertiginosa da região. Toda a caminhada eclesial de sua constituição e atualidade pastoral tem destaque neste livro no apêndice especialmente dedicado aos santuários arquidiocesanos, porém alguns acenos se fazem interessantes e merecem igualmente ser destacados, ao lado da recordação de que a Comunidade Católica local nasceu junto com o início da formação do bairro, na década de 70, e de que muita gente contribuiu para isso, como as sras. Olga de Barros, professora aposentada e por 40 anos catequista, e sua irmã Maria Águeda de Barros, merendeira aposentada, com o incentivo de cônego Mauro Vallini, como pároco de São José do Cerrado. Nas celebrações que se iniciaram nas casas, depois em praça pública e na Escola Infantil do bairro, à medida que novos moradores iam chegando ao conjunto habitacional recém-entregue auxiliava padre Mauro ali primeiramente o padre Daniel Jansenn e, mais tarde, o padre Valdemar Paoleschi, nomeado primeiro pároco do Divino.

Padre Mauro levou também a Irmã Clélia, Irmã Fátima e Irmã Olga, da Congregação das Irmãs Paulina, fundando-se igualmente o primeiro grupo de jovens, na parte superior de um salão comercial cedido pela sra. Ana Fumie Yonashiro, onde eram oferecidas diversas atividades de evangelização e recreação. Nos finais dos anos 70, a Irmã Salete, da Congregação da Providência, assumiu a coordenação dos trabalhos pastorais já existentes na Comunidade. Nessa época que foi construído o primeiro salão e também, na noite de 28 de outubro de 1978, aconteceu o lançamento da pedra fundamental para a construção da primeira igreja, já com a Comunidade dedicada ao Apóstolo-Mártir, 'patrono das causas impossíveis e desesperadoras', escolhido por voto.

Com a chegada do padre Benedito de Jesus Halter à Paróquia do Divino, houve muitas mudanças, tanto no projeto da construção, quanto na pastoral. Dom José Lambert criou a Paróquia de São Judas Tadeu a 5 de janeiro de 1991. Na Festa do Padroeiro de 2010, a 28 de outubro, o arcebispo Dom Eduardo Benes Salles Rodrigues elevou a Paróquia a Santuário Arquidiocesano, confirmando como primeiro reitor o padre Flávio Jorge Miguel Júnior, ali presente à frente da Comunidade desde o início dos anos 2000 e tendo hoje a retaguarda, como vigário paroquial, do padre Wilson Bizoni e do diácono permanente Emerson Aparecido Ruiz. Agregadas ao Santuário-Paróquia estão as Comunidades do Jardim São Marcos, com sua igreja nova e também a primitiva capelinha, transformada em Capela/Centro Social Comunitário, dedicado a São Padre Pio de Pietrelcina, e de São José Maria Escrivá, no bairro Piazza de Roma.

29 Paróquia de Santa Maria Madalena, do Jardim Ouro Fino

Santa Maria Madalena, com Matriz sediada no Parque Ouro Fino, na rua Dr. José Stilitano, foi a terceira paróquia dos altos da Zona Oeste de Sorocaba criada a partir do território canônico da Paróquia de São José do Cerrado, como consequência do acelerado crescimento urbano e demográfico daqueles lados da cidade. Foi a 4 de abril de 1999 que o arcebispo Dom José Lambert instalou oficialmente a nova Paróquia ali no Ouro Fino, estruturada sobre a Comunidade de Santa Maria Madalena, que desde o surgimento daquele núcleo habitacional – e de outros que desde os anos 70/80 foram consolidando-se na vizinhança – recebia assistência dos párocos do Cerrado e de seus cooperadores.

O primeiro pároco foi o padre Carlos César Ribeiro da Costa, seguido do padre Marcos Ribeiro de Carvalho. O arcebispo Dom Julio Akamine esteve no bairro na noite de 18 de julho de 2018, em meio à novena preparatória à festa da Padroeira (celebrada dentro do calendário litúrgico romano a 22 de julho), para proceder a solene dedicação da igreja ali construída em substituição à primeira e pequena capela em honra de Santa Madalena, tendo a seu lado o então pároco Evandro Luiz Zanardo Paulim, que agora já nos anos 2020 permutaria o cargo com o padre Claudinei Pantojo, então na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, no Bairro Nova Sorocaba, e do diácono permanente Francisco José Raimundo.

Presentemente, a Paróquia de Santa Maria Madalena, além da Matriz, conta em sua área de atuação também com as Comunidades de Nossa Senhora de Fátima, no Parque Esmeralda; Santa Edwiges, no Parque Manchester; Divino Espírito Santo, no Wanel Ville II, e do Sagrado Coração de Jesus, no Jardim Ipiranga. Uma observação interessante a ser destacada, todavia, é a de que entre essas quatro

Comunidades agregadas a Santa Madalena talvez a do Sagrado Coração de Jesus seja a mais antiga, vindo desde os anos 70, quando o Ipiranga era ainda conhecido como Jardim Lilu e cercado de uma série de problemas urbanísticos e de falta de infra-estrutura comunitária básica de moradia. Foi, aliás, nesse contexto que a emoção tomou conta de seus iniciadores, na sua grande maioria famílias oriundas da região de Itaporanga, Coronel Macedo, Riversul e outros municípios pobres do Vale do Ribeira, quando na noite de 6 de outubro de 1988 o arcebispo Dom José Lambert esteve no bairro para inaugurar com uma bênção especial a Capela do Sagrado Coração de Jesus. Ao lado de Dom José Lambert, estava o padre Daniel Jansenn, que muitas vezes celebrara na Comunidade a pedido do cônego Mauro Vallini e, agora, há pouco havia sido provisionado como administrador paroquial de São José do Cerrado, com a saída do padre João Carlos Orsi, que viajara a Roma para seu doutoramento em Direito Canônico. Antes disso, as celebrações no Lilu aconteciam quer debaixo das árvores à entrada do loteamento ou no barracão que a Comunidade conseguiu junto à Prefeitura. A fundação católica alemã Adveniat enviou recursos para a construção da igreja.

30 Paróquia de Nossa Senhora Rainha da Paz, do Bairro Julio de Mesquita Filho

A Paróquia de Nossa Senhora Rainha da Paz, criada por Dom José Lambert no início de 2004 e instalada no dia 7 de fevereiro, com a posse de seu primeiro pároco, padre Edivaldo Martins Machado, consolidou a presença da Igreja junto ao Conjunto Habitacional 'Júlio de Mesquita Filho', que inicialmente era conhecido simplesmente como Sorocaba 1 e ainda é assim chamado por muitos moradores. Historicamente, o bairro em si, como núcleo habitacional planejado,

teve seu projeto concluído em 1992, no primeiro governo do prefeito Antônio Carlos Pannunzio, possuindo mais de 1,3 milhão de metros quadrados. Chegou a ser considerado, à época, o maior conjunto habitacional da América Latina. Foram construídas, ao mesmo tempo, 3.506 moradias populares, reservando-se 80 terrenos comerciais e 12 áreas institucionais, com 49 ruas e sete áreas de lazer.

A previsão inicial era de que 14 mil pessoas vivessem ali e, à medida que as primeiras famílias foram chegando a partir da segunda metade da década de 1990, também os católicos foram buscando seus espaços e consolidando a Comunidade, até chegar o momento em que era imprescindível a constituição da Paróquia. A dedicação da Matriz, edificada à rua Luiz Gonzaga Nascimento. Nesses trinta anos ou mais de existência, o Júlio de Mesquita cresceu e hoje tem uma população de mais de 30 mil habitantes.

Pela Paróquia, já passou também por ali o padre Aparecido Carlos dos Passos, o 'padre Carlinhos', hoje na Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e no ano do centenário da Arquidiocese seu titular é o padre Fábio Ferreira da Silva. Conta ela ainda com outras três Comunidades: Santa Bárbara, no jardim do mesmo nome; Nossa Senhora de Fátima, e a histórica São Francisco de Assis, com sua bucólica Capela no bairro do Ipatinga, até os anos 90 mais um dos muitos bairros rurais de Sorocaba e hoje uma verdadeira cidade com seus condomínios residenciais de médio e alto padrão.

31 Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, do Bairro do Campolim/ Jd. América

A Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, abrangendo a região do bairro do Campolim, foi criada pelo arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues em 2010 igualmente em vista do estrondoso desenvolvimento alcançado por aquela região de Sorocaba, até pouco antes da década de 1990 formada de fazendas e chácaras de lazer, ao lado de muitas terras à espera de seu loteamento. Porém, influenciou decisivamente na tomada dessa decisão igualmente o fato da Província de São Paulo da Congregação dos Padres Salesianos estar solicitando à Arquidiocese a restrição de seus trabalhos pastorais em Sorocaba, até então expandido também para as comunidades das Capelas de Nossa Senhora de Fátima, no Jardim América; da Sagrada Família, em Vila Jardini, e de Dom Bosco, no Jardim Magnólias, restringindo-os, assim, à Paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora, no Jardim Paulistano/bairro do Mangal, e ao apostolado de seus sacerdotes junto ao Colégio Salesiano 'São José'.

Sua instalação canônica ocorreu no dia 30 de maio daquele ano, concomitantemente com a posse do primeiro pároco, na pessoa do padre Wilson Roberto da Silva, que permanece ali até hoje, destacando-se em sua ação pastoral, ao lado da completa revitalização interna (inclusive quanto à decoração, à luz de princípios artístico-litúrgicos preconizados em época pós-Concílio Vaticano II, e externa da antiga igreja da avenida Caribe, no Jardim América, recebida das mãos dos Padres Salesianos, revigoramento tanto a nível paroquial, como em termos de cidade e também regional, da devoção materna a Virgem de Fátima, ganhando as celebrações de cada 13 de maio contornos que trazem a Sorocaba as mais gradas tradições religiosas

com que o povo português venera a Mãe Santíssima, a partir da recordação de suas aparições aos videntes pastorinhos em 1917 na Cova da Iria, em Fátima. Como a 'procissão das velas', atraindo milhares e milhares de devotos a cada noite de 13 de maio à praça do Campolim, na avenida Antônio Carlos Cômitre, para a missa em sua homenagem, seguindo-se depois a piedosa procissão até a Matriz de Fátima, nos altos do Jardim América.

A Matriz repaginada foi dedicada ao culto divino já pelo arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine a 4 de maio de 2018. Além da Comunidade do Campolim/Jardim América, a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima conserva em seu território a Comunidade da Sagrada Família, de Vila Jardini, inclusive nesse período com a conclusão de sua nova e mais ampla igreja na rua Visconde do Rio Branco e devoção especial também à virgem mártir Santa Maria Goretti (a Comunidade de Dom Bosco, com sua igreja no Jardim Magnólias, passou para São José do Cerrado), e a Comunidade de São Padre Pio de Pietrelcina, na região dos altos do bairro de Campolim, além da Rodovia Raposo Tavares, projetando-se para o local a construção futura de um grande Santuário – enquanto essa realidade não chega, as missas dominicais ali são celebradas perto do local onde a obra surgirá, utilizando-se da capela anexa à Anspaz, a Associação Nossa Senhora da Paz, ligada à Obra do padre José Sometti, já falecido, sediada em Itapetininga e voltada ao acolhimento e proteção a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, na rua Carlos Eugênio Salerno, próximo ao Esplanada Shopping.

32 Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, no bairro de Aparecidinha

O Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi criado canonicamente pelo arcebispo metropolitano Dom José Lambert a 1º de janeiro de 1992 e instalado no dia 9 de agosto seguinte, juntamente com a entrega das obras de restauração e revitalização realizadas na histórica capela do bairro de Aparecidinha, verdadeira joia da arquitetura religiosa paulista do século XVIII, então completamente descaracterizada pela ação do tempo de um lado e desleixo de outro, e sagração da igreja, assim como a posse de seu primeiro reitor, o padre Tadeu Rocha Moraes, que desde que chegara a Paróquia de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana, que a agregava como uma de suas Comunidades mais afastadas do centro urbano do Município, vinha dedicando especial atenção àquele patrimônio imorredouro da fé católica do povo sorocabano.

Padre Tadeu ainda era o reitor em 2002, embora já pároco da Catedral Metropolitana, quando em 5 de janeiro outro decreto episcopal de Dom José Lambert oficializava, então, a criação da Paróquia-Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, com sua história também resgatada por inteiro neste livro no apêndice elencando os Santuários presentes hoje na Arquidiocese. Instalada a Paróquia-Santuário, o pároco da Catedral deixou a reitoria a seu auxiliar, padre Rubens da Silva Dalmazo, que havia sido ordenado presbítero em 26 de novembro de 2000. Depois por vários anos também passou por ali, como reitor, o padre José Antônio Leite de Oliveira, ocupando a reitoria desde 2019, inclusive coordenando as seculares romarias de 1º de janeiro e do segundo domingo de julho, o padre Ricardo Chizzolini, ao lado do diácono permanente José Antônio Soares Correia.

Agregadas hoje à Paróquia-Santuário de Aparecidinha estão as comunidades de São Sebastião, na estrada do bairro do Mato Dentro; Santo Ivo, no Alto da Boa Vista, junto ao Residencial Vicente de Moraes, no início da avenida 3 de Março, e de Santa Margarida Maria Alacoque, no bairro Iporanga II.

33 Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, no bairro do Éden

Foi também o arcebispo Dom José Lambert quem, a 19 de março de 1992, procedeu a criação e instalação da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, no bairro do Éden, por onde desde então passaram vários párocos residentes, ali exercendo em 2024 seu ministério o padre José Antônio Leite de Oliveira. Porém, a comunidade católica presente naquela região tem citações de sua existência pelo historiador Aluísio de Almeida, pseudônimo literário de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, no século XVIII, como povoamento remanescente de antigas famílias espalhadas pela região desde a chegada dos colonizadores de Sorocaba e que habitavam, então, o setor oeste do chamado arraial do Piragibu, onde surgira a capelinha em honra a Nossa Senhora da Conceição Aparecida e anos mais tarde passou a ser simplesmente conhecido como Aparecidinha.

O Piragibu, contudo, continuou denominando a região onde, caracterizada atualmente pela presença de muitas e grandes indústrias, já na primeira metade do século XX mais gente passou a ocupar, assim, um dos bairros mais antigos de Sorocaba, ocupando parte de terras devolutas do Estado de São Paulo, dando origem ao Éden, a partir da regulamentação da cessão de tais áreas a seus colonos, inclusive muitos imigrantes, por parte do Governo de São Paulo. Já quando da criação da Paróquia do Bom Jesus, no Além-Ponte, em 1926, a região

do Piragibu já figurava como parte integrante de seu trabalho pastoral e de missionariedade, assim prosseguindo quando da chegada dos Padres Franciscanos e depois recebendo assistência específica dos frades da Paróquia de Santa Rita e, com a saída destes de Vila Santana, do padre Tadeu Rocha de Morais nos anos iniciantes de seu paroquiato ali.

A Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, do bairro do Éden, celebra sua Padroeira a 15 de setembro e tem presentemente sob sua jurisdição, com a posterior instalação da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Cajuru do Sul, as comunidades de Santo Expedito, no Jardim dos Pássaros, e de São Vicente de Paulo, no Jardim Iporanga.

34 Paróquia de Nossa Senhora do Povo, do bairro de Brigadeiro Tobias

Situada dentro da Zona Leste, a Paróquia de Nossa Senhora do Povo, do bairro de Brigadeiro Tobias, criada igualmente pelo arcebispo Dom José Lambert, em 1999, às margens da Rodovia Raposo Tavares e atingindo com seu território canônico até as divisas de Sorocaba com o vizinho município de Mairinque, já pertencente à atual Diocese de Osasco, embora relativamente de instalação recente, tem suas raízes históricas como comunidade católica ainda, certamente, nos séculos XVIII e XIX, principalmente este, com registros apontando para fazendas exponenciais na região, como aquela pertencente à família do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que viria a ser considerado depois o principal líder político local durante estes quase quatrocentos anos de história de Sorocaba, por duas vezes presidente da Província de São Paulo (cargo equivalente hoje ao de governador do Estado), fundador da Guarda que deu origem à Polícia Militar do Estado, figura central da Revolução Liberal e que, como se vê, emprestou ainda seu nome ao

lugarejo. Também na segunda metade do século XIX, era Brigadeiro Tobias alicerçada mais ainda em seus primórdios ao ser cortada pelos trilhos da então Companhia de Ferro Sorocabana, acolhendo, inclusive, pequena estação em seu trajeto em direção a São Paulo.

As primeiras informações concretas, porém, em torno da formação por ali de uma comunidade católica só aparecem depois de 1926, com a instalação da Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, na região do Além-Ponte, englobando todo o território à margem esquerda do rio Sorocaba. Tem-se também notícias de que o primeiro pároco do Bom Jesus, padre Francisco Antônio Cangro, numa das primeiras vezes em que foi celebrar missa no lugarejo aventou, inclusive, a possibilidade de formação de comissão de moradores para a construção de uma igreja no centro do bairro de Brigadeiro Tobias que começava a ganhar seus contornos. Mas não foi muito feliz, diante de alguns desentendimentos com as lideranças locais. Já nos anos 1930, contudo, nova comissão surgia para executar a construção da primeira Capela do bairro, nela entronizando-se ao ficar pronta o quadro com o ícone de Nossa Senhora do Povo, até hoje ali venerado, tela realizada em 1930 pelo pintor Edmundo Gagni, especialista no estilo bizantino que o copiou de uma reprodução identificada como sendo do italiano Pinturichio, um dos poucos que ao longo dos séculos conseguiram, com fidelidade, reproduzir a tela original traçada pelo Evangelista São Lucas, o primeiro a retratar a Santíssima Virgem, e conservado na igreja de São Francisco de Montefalco, na Umbria, Itália – certamente, a escolha se deu em vista de que, ainda nos primórdios da colonização de Sorocaba, surgira no final do século XVII não muito dali, na Serra de São Francisco, também uma capela sob a invocação de Nossa Senhora del Populo, na fazenda do bandeirante Paschoal Moreira Cabral, mas que caiu em ruinas logo depois da morte deste (ao contrário da Capela de Nossa Senhora da Penha no alto da Serra, até hoje

existente e preservada), com a imagem sendo trazida para a Matriz de Sorocaba. Outros registros dessa época dão conta da passagem de um dos sucessores imediatos de padre Chiquinho no Bom Jesus, o padre Luiz Castanho de Almeida (o historiador Aluísio de Almeida, hoje patrono da Escola Municipal de Educação Infantil do bairro) por ali, com registros de sua presença para a celebração de missas também no bairro de Inhayba, estação férrea seguinte no trajeto à Capital e até hoje vinculado à Paróquia de Nossa Senhora do Povo.

A chegada dos Padres Franciscanos à Paróquia do Bom Jesus, em 1937, abriu efetivamente caminhos para a consolidação da comunidade católica de Brigadeiro, sobretudo a partir dos anos 1950, quando as celebrações voltaram a ser frequentes, a participação cresceu e começaram a surgir vários movimentos laicais, como o Apostolado da Oração, Liga Católica 'Jesus, Maria e José', Filhas de Maria, Congregados Marianos e Cruzada Eucarística. Em 1955, aconteceram as Missões Redentoristas. As décadas se passaram, as estruturas eclesiais de Brigadeiro solidificaram-se, em novembro de 1987 foi entronizada na futura Matriz também imagem em tamanho natural de Nossa Senhora do Povo (a festa litúrgica da Padroeira é a 10 de novembro) e, em 1998, Dom José Lambert já aventava, incisivamente, a necessidade de criação ali de uma nova paróquia, na dependência, contudo, da Província Franciscana de São Paulo concordar em provê-la, pelo menos por um período de quatro a cinco anos, passando-se ela depois à administração do clero diocesano secular.

Foi a 17 de abril de 1999, então, que o Sr. Arcebispo deu por instalada a Paróquia de Nossa Senhora do Povo, englobando em seu território inicial Vila Astúrias (igreja de São Rafael), Inhayba (Nossa Senhora Imaculada), Jardim Eldorado (Sagrado Coração de Jesus), Serrinha (São Benedito), Tupã (Nossa Senhora Aparecida), Genebra

(Nosso Senhor do Bom Fim), Monte Verde (São Geraldo) e Mato Dentro (São Sebastião), esta última hoje incorporada à Paróquia de Aparecidinha e recebendo em seu lugar a comunidade do condomínio Monte Alpino (São Francisco de Assis), e dando posse canônica a seu primeiro pároco, na pessoa do frei Félix Fegger (e confirmando a seu lado a presença do diácono permanente do bairro João Alves, falecido em 2018), sucedido depois pelo padre José Luiz de Moraes, o 'padre Giba'. O padre Arari dos Santos Amorim, o 'padre Kojak', responde pelo paroquiato de Brigadeiro Tobias praticamente desde sua ordenação sacerdotal por Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues a 15 de março de 2015, anos após enviuvar-se – ele era, até então, diácono permanente da Arquidiocese. Antônio Romão vem há anos prestando serviços diaconais à Paróquia, ao lado agora do colega diácono permanente Márcio Serrano, ordenado na Matriz de Brigadeiro Tobias pelo arcebispo de Sorocaba na noite de 26 de abril de 2024.

35 – Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, do bairro do Cajuru

A Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, do bairro Cajuru do Sul, criada por ato canônico de Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues a 25 de janeiro de 2006, também tem suas origens históricas interligadas à região do Piragibu, mais para os lados da divisa de Sorocaba com o vizinho município de Itu e bem próxima, atualmente, da Rodovia Castello Branco. No passado, também teve a comunidade católica local forte influência pastoral e missionária de parte dos Padres Franciscanos que se instalaram na Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, no bairro de Além-Ponte, e depois dos freis que se sucederam a partir de 1956 no paroquiato de Santa Rita de Cássia, de Vila Santana.

O crescimento urbano do Cajuru motivou seu surgimento, então, com Comunidade Paroquial, desmembrando-se da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, do bairro do Éden. Seu atual pároco é o padre Rubens da Silva Dalmazo, com sede na histórica capela primitiva lindeira à antiga estrada velha interligando Sorocaba a Itu, hoje avenida Paraná, totalmente restaurada, ampliada e embelezada para ser transformada em Matriz. São seis suas comunidades agregadas pelos bairros e condomínios próximos: São Sebastião (Vila Maria dos Prazeres), Santa Clara, São Francisco de Assis, Nossa Senhora da Paz, São João Batista e Santo Antônio Sant'Ana Galvão.

36 Paróquia de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, do Jardim Iguatemi

Com território praticamente todo ele desmembrado da Paróquia de São José Operário, com Matriz em Vila Progresso, a então trigésima-quarta paróquia da cidade de Sorocaba, a Paróquia de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, do Jardim Leocádia/Iguatemi, foi oficialmente instalada pelo arcebispo Dom Eduardo Benes, na noite de 31 de maio de 2013, Solenidade da Visitação de Maria Santíssima a sua prima Isabel, data em que, aliás, a liturgia também celebra a festa em honra a alguns títulos atribuídos à Santa Mãe de Deus, como o de Medianeira de Todas as Graças. Na mesma oportunidade, tomava posse canônica como primeiro pároco da Medianeira o padre Samuel Soares, que por sinal já há algum tempo vinha trabalhando pastoralmente na região, como vigário paroquial de São José Operário, auxiliando o titular, padre Wagner Lopes Ruivo.

A motivação de criação da nova circunscrição paroquial seguia na mesma linha daquela que marcara o surgimento de tantas outras entre o final do século XX e a chegada do Terceiro Milênio,

com a expansão geográfica e demográfica de Sorocaba e de outros municípios que compõem a Arquidiocese, abrangendo as comunidades à esquerda do rio Sorocaba, ficando com São José Operário aquelas à direita do rio. Com a Matriz da rua Araraquara, a Medianeira ainda incorporava, desmembradas da Paróquia de Vila Progresso, as comunidades do Divino Espírito Santo, do Jardim Saira; São João Batista, do Retiro São João; São Judas Tadeu, do Retiro São Judas, e São Tiago, do Ibiti do Paço. Recebeu também a Comunidade de Nossa Senhora de Lourdes, de Vila Rica, com Capela à avenida Engenheiro Carlos Reinaldo Mendes, até então agregada à Paróquia de Santo Antônio, do bairro da Árvore Grande.

Padre Washington Pascoal Ribeiro é o segundo pároco da Medianeira, substituindo o padre Samuel, com quem permutou a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, do bairro Cidade Jardim, em Porto Feliz, por deliberação do Arcebispado.

REGIÃO PASTORAL RAPOSO

37 Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, de Votorantim

A Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, da cidade de Votorantim, foi a segunda criada por Dom José Carlos de Aguirre ao início de seu episcopado de quase cinquenta anos à frente da Diocese de Sorocaba, quando o Município era ainda um simples bairro sorocabano (mais tarde, Distrito Industrial de Sorocaba) e estava agregado à Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, Catedral desde 31 de dezembro de 1924. A primeira fora a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos a 4 de agosto de 1926, abrangendo todo o território à

margem esquerda do rio Sorocaba, conhecido como além-ponte, com Dom Aguirre meses depois, então, a 11 de maio de 1927 assinando o decreto estabelecendo as bases da Paróquia de Votorantim, designando concomitantemente seu primeiro titular, o padre José Zanola, e instalando-a na primitiva capela do bairro (historiadores chegam a apontar a existência de uma outra capelinha anterior a esta, edificada logo no início da povoação do local até então também chamado de 'Fazendinha', com a chegada da Fábrica de Tecidos), dedicada justamente ao Precursor e localizada na área central do núcleo, na região do bairro da Chave e da Barra Funda, bem próxima da portaria da Fábrica de Tecidos Votorantim, e cujo início de sua edificação é apontado por volta de 1917, quando a crescente população sentiu a necessidade de construção de sua igreja católica na própria Vila, em virtude do enorme sacrifício que tinha que fazer a cada vez que se via obrigada a recorrer aos sacramentos, sobretudo casamentos e batizados (tudo tinha de ser realizado em Sorocaba). Para essa construção foi nomeada, inclusive, uma comissão para a escolha do local mais adequado, com a permissão e autorização do sr. Pereira Ignácio, dono da fábrica – inicialmente, aliás, o local escolhido, diante da opinião corrente de que teria que ser um ponto alto, para que de toda Vila se pudesse avistá-la, sendo assim escolhido o morro de eucaliptos atrás das casas do barranco à rua Dr. Bernardino de Campos, abrindo-se uma estrada rumo ao alto do morro e, entre os eucaliptos, uma clareira; não poderia haver ponto melhor para avistar-se a paisagem de toda a vila industrial, inclusive parte de Sorocaba, e num domingo solene de festas lançou-se a pedra fundamental, com missa campal celebrada entre o perfume de eucaliptos, num altar improvisado numa capela armada com bambus e taquaras e coberta de lona por Monsenhor Domingos Magaldi, pároco de Sorocaba. Porém, a igreja nunca foi ali construída,

notando-se depois de rigorosa observação a dificuldade que principalmente pessoas idosas ou com problemas de locomoção teriam para chegar até lá, abandonando-se o projeto em 1918 e construindo-se a sonhada igreja na parte baixa mesmo, próximo à Fábrica. E a Matriz depois ali funcionou até a inauguração da moderna e ampla nova Matriz edificada muitos anos depois à entrada da cidade, hoje praça Padre Luiz Trentini, na avenida 31 de Março, na saída para Sorocaba, passando a igreja velha, mesmo se continuando a ser conhecida pelos votorantinenses simplesmente como 'São João', a agregar a comunidade do centro histórico ou centro velho do Município, formada pelos residentes na região da Chave, sob o padroado de São José, para diferenciar da comunidade da Nova Matriz e também porque era a imagem do pai adotivo do Menino Jesus que sobressaia-se nos nichos laterais ao lado de São João Batista, até ser levada, com suas imagens, bancos, alfaias e demais objetos litúrgicos, pelas águas que com toda a força a derrubaram durante as fortes chuvas que provocaram a grande enchente de 1982 da bacia do rio Sorocaba, atingindo por conseguinte o córrego do Cubatão, que a margeava – e que mais à frente se une ao rio Sorocaba -, naquela madrugada do domingo 6 de fevereiro e que só pode ser comparada a de 1929, com a abertura das comportas da represa de Itupararanga, embora esta não tivesse feito vítimas fatais.

Padre Zanola permaneceu à frente da nova Paróquia até o ano de 1936, quando esta teve que ser anexada a Paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, por um período de quase doze anos, recebendo assistência dos franciscanos freis Conrado Scheviora, Júlio Hansen, Zeno Rohr e Serafim Guilden. Em 1948, assumiram a Paróquia de Votorantim, a chamado de Dom Aguirre, os Padres da Consolata, o Instituto Missões da Consolata (IMC), fundado em 1901 pelo Bem-Aventurado José Allamano (1851-1926) à sombra do Santuário de Nossa

Senhora da Consolata, em Turim, Itália (no Brasil, a Congregação chegara em 1937, iniciando seu trabalho pastoral pela cidade de São Manoel, Diocese de Botucatu), para nela permanecerem até 1971. Foram sucessivamente seus párocos titulares os padres Zeferino Fastro, Lívio Gabrielli, José Monticone, Antônio Maffei e Luiz Trentini [44], que deu início à construção da nova e tão sonhada Matriz.

Em maio de 1971, o cônego Aldo Vannucchi assumiu como primeiro pároco secular na sucessão dos Missionários da Consolata, sucedido a partir de julho de 1973 pelo Monsenhor Antônio Pedro Misiara (em 10 de dezembro de 1976 sagrado na Catedral de Sorocaba bispo para a Diocese de Bragança Paulista, por nomeação do Papa São Paulo VI), que finalmente deu sequência e concluiu a nova Matriz, sagrada na Festa da Imaculada Conceição de 1973, no dia 8 de dezembro. Muitos sacerdotes nestes cinquenta anos sucederam a Monsenhor Misiara na Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, como os padres João Santucci, Mário Donato Sampaio, Benedito de Jesus Halter, Tadeu Rocha Moraes (que pronta e sagrada a Matriz nova, nos mais de dez anos em que ali permaneceu, entre o final de 1978 e 1989, dedicou-se também à edificação de capelas e igrejas nas comunidades que iam surgindo nos bairros e vilas mais distantes do Centro, como consequência direta da expansão imobiliária e populacional de Votorantim), Inácio Kriguer, Paulo Roberto Gonzales e João Carlos Alampe.

[44] Natural de Lasino, província italiana de Trento, onde nasceu a 31 de janeiro de 1914, Luigi Trentini entrou para as Missões Consolata em 1935, com profissão perpetua três anos depois. Ordenado sacerdote a 29 de junho de 1939, no ano seguinte zarpou para o Brasil, acolhido na casa-mãe da Congregação em São Manoel e paroquiado por diversas cidades entregues aos Padres da Consolata, antes de chegar a Votorantim. Transferido para a cidade de Pilar do Sul, Paróquia do Senhor do Bonfim (então Diocese de Sorocaba, hoje Itapetininga), ali faleceu a 10 de setembro de 1972. Seu nome é eternizado em Votorantim com a denominação da praça da nova Matriz que ajudou a construir e que guarda monumento com o seu busto.

O pároco atual da Matriz de São João Batista e da Imaculada Conceição é o padre Marcos Ribeiro de Carvalho, auxiliado pelo diácono permanente Wilson de Almeida Lopes. Porém, seu território não é mais o mesmo nem da fundação da Paróquia em 1927, com o crescimento vertiginoso de Votorantim a partir da década de 1960, principalmente com a emancipação político-administrativa do Município sacramentada a 8 de dezembro de 1963, nem da década de 1980 e primeira metade da de 1990, em vista da instalação de nada menos do que cinco novas paróquias a partir de 1997. Um levantamento da Cúria Diocesana realizado no ano de 1974, cinquenta anos atrás, por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da Diocese, apontava, aliás, que a então única circunscrição eclesiástica de Votorantim contava com 10 comunidades no total: Matriz Nova, com a capela do Ângelo Vial; Matriz Velha; Rio Acima, com as capelas de Vila Garcia, bairro dos Morros, Curtume e Cubatão; Santa Helena e as capelas da Light e Fazenda São Francisco; Votocel e as capelas do Itapeva, Jardim Serrano, Jardim Bandeirantes, Capoavinha e Domini; Vossoroca, com a Vila Cristiano e Santo Antônio; Barra Funda, com Fornazari e Barreiro;; Monte Alegre, Vila Dominguinhos e bairro da Chave.

Atualmente, a paróquia-mãe de Votorantim preserva em sua área canônica apenas as comunidades do Bom Jesus, do Parque Boa Vista; Santo Antônio e Nossa Senhora das Graças.

38 Paróquia de Nossa Senhora Consolata, do bairro do Rio Acima

A Nossa Senhora da Consolata é consagrada a segunda paróquia criada em Votorantim, instalada no bairro do Rio Acima pelo arcebispo Dom José Lambert a 2 de fevereiro de 1997, juntamente

com a investidura de seu primeiro pároco, padre Paulo Severino Malzoni, e do diácono permanente José da Cruz, como cooperador e ali exercendo seu ministério até hoje. A devoção a Nossa Senhora Consolata presente nessa primeira paróquia votorantinense desmembrada da Matriz de São João Batista e da Imaculada Conceição se explica pela presença no Município dos Missionários da Consolata que, trazidos à Diocese em 1948, estiveram por quase um quarto de século à frente da comunidade católica local. Foi, porém, recordam-se muitos, o padre Antônio Maffei, um dos vários missionários da Consolata que por ali passaram, que nos anos 60, logo no pós-Concílio Vaticano II, quando houve alteração nas comemorações litúrgicas de alguns santos, entre eles Santa Filomena, que denominava a Comunidade então existente no Rio Acima, que sugeriu a alteração - na formação da Comunidade de Santa Filomena, da qual se originou a Consolata, entre os anos 1940/1950, estavam alguns congregados marianos da redondeza e seus familiares, que se reuniam na antiga Capelinha do Sagrado Coração de Jesus, no bairro do Cubatão, onde se rezava o terço com frequência e se celebrava missas em datas festivas. Aos poucos, esse pequeno grupo foi migrando para o Rio Acima, que antes era um aglomerado de chácaras, mas no início dos anos 60 começou seu processo de urbanização e a Comunidade sentiu a necessidade de se ter uma igreja própria.

Foi o sr. Pedro Augusto Rangel, depois primeiro prefeito de Votorantim, quem doou a área para a construção da antiga Igrejinha do Rio Acima, junto à futura praça Santa Filomena, depois demolida para dar lugar à atual Matriz, dedicada no ano 2000 também por Dom José Lambert. A princípio, o território paroquial da Consolata era mais extenso, abrangendo os bairros do Centro antigo de Votorantim, do Fornazari, Karafá, Divino, Jardim Archila e Vila Nova

Votorantim, antigo Pro-Morar - depois, algumas comunidades voltaram para a Paroquia de São João Batista e, nesse interim, também foi instalada a Paróquia de São José e, em 2016, a Paróquia de Nossa Senhora da Anunciação e dos Arcanjos, no Jardim São Mateus, permanecendo a Consolata com duas Comunidades, a do Sagrado Coração de Jesus, no bairro do Cubatão, e a de Cristo Rei, na Vila Nova Votorantim, além da Matriz. O padre Carlos Meira foi o segundo pároco, sucedido pelo padre Fábio Ferreira da Silva.

O atual titular da Consolata é o padre Diego dos Santos Ferraz.

39 Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, do bairro da Vossoroca

Do outro lado da cidade, em sua região oeste, no início de 1998 Dom José Lambert houve por bem, em vista do crescimento urbano e populacional de Votorantim, erigir uma nova circunscrição canônica em Votorantim, escolhendo por sede a Matriz de Nossa Senhora Aparecida, no bairro da Vossoroca (Vila Domingues). Foi a Paróquia consagrada à excelsa Padroeira do Brasil e instalada oficialmente no dia 15 de março daquele ano, juntamente com a posse canônica de seu primeiro titular, o padre José Roberto da Guia Azevedo. A dedicação solene do novo templo aconteceu a 27 de abril de 2003.

Alguns outros sacerdotes seculares ali trabalharam pastoralmente nas duas últimas décadas. O pároco atual é o padre Willian de Almeida, que até o início de 2024 vinha contando a seu lado, como vigário paroquial, com os préstimos pastorais do padre Isac Isaías Valle, que ao passar para a emeritude como sacerdote viu provisionado nas funções o padre Carlos Ferreira Borges Meira. Atuam ainda na Paróquia, como diáconos permanentes, os srs. José Laerte Heber e José Alberto de Souza Terra.

Onze comunidades integram ainda a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, do bairro da Vossoroca: São Roque (Bairro Itapeva), Santa Cruz (Vila Amorim), Santa Edwiges, Nossa Senhora Rainha dos Anjos (Jardim Serrano I), Nossa Senhora de Fátima (Parque Jataí), Cura D'Ars (Bairro Santos Dumont), São Vicente (Jardim Karoline), São Lucas (Jardim São Lucas), Capela de Nossa Senhora Aparecida (Vossoroca), Capela de São Benedito (Bairro Itapeva) e Capela de Santa Helena (Agrovila Fazenda São Francisco – bairro de Santa Helena).

40 Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, do Jardim Tatiana

A Paróquia de Nossa Senhora do Carmo foi criada em 1º de janeiro de 2002 por Dom José Lambert e sua instalação se deu no dia 27 seguinte, abrangendo em seu território parte desmembrada da Paróquia de São João Batista e da Imaculada Conceição, de Votorantim, e parte da Paróquia do Divino Espírito Santo, de Sorocaba. Inicialmente, contou, assim, com três comunidades: Matriz do Jardim Tatiana e igreja de São Luís Scrosoppi, no Jardim Novo Mundo, ambas com porções tanto em Votorantim, como em Sorocaba, e Santíssima Trindade (Votorantim). Seu primeiro pároco foi o padre Jair Ramos de Lara, empossado no mesmo dia da instalação da Paróquia. A Comunidade de Nossa Senhora das Graças, no bairro de Ipanema das Pedras (Sorocaba), foi incorporada à Paróquia em 23 de janeiro de 2005.

Além do primeiro pároco, também estiveram à frente da N.S. do Carmo padres Paulo Roberto Gonzales, Luís Gonzaga Pena, Antônio José Albertine e Rubens da Silva Dalmazo. Atualmente, seu pároco é o padre Elton Carlos de Oliveira, empossado em 22 de setembro de 2019, com a assistência do diácono permanente Gerson

Shimming. Além do que a Paróquia contar hoje com mais uma Comunidade, a de Santa Teresinha, na Vila Flora (Votorantim), nascida depois de um período de missão realizado naquele Condomínio em 2017 pelo padre teatino Carlos Magno Ramiro, o 'padre Daguinho', então vigário paroquial de São Lucas, no bairro do Vergueiro, em Sorocaba. Por se tratar de condomínio, a capela ali existente era ecumênica. Posteriormente, padre Rubens Dalmazo, durante seu tempo paroquiato, também passou a celebrar missas uma vez por mês para os católicos ali residentes, até que, a partir de 2021, a Paróquia do Carmo passou a atender aquela comunidade nascente semanalmente.

41 Paróquia de São José, do bairro da Chave

Paróquia de São José, do bairro da Chave. Foi o arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues quem oficializou, a 14 de fevereiro de 2010, a instalação da quinta paróquia de Votorantim. A comunidade católica ali presente, porém, também tem seu passado histórico. O bairro da Chave, na realidade, no passado foi onde a vila e depois distrito industrial de Sorocaba iniciou seu desenvolvimento efetivo, em torno da Fábrica de Tecidos Votorantim (hoje chamada Alpina, ao ser negociada pelo Grupo Votorantim). A primitiva capela, dedicada a São João Batista, estava também ali localizada e foi nessa área que a primeira Matriz surgiu, em estilo neoclássico gótico, ao lado da portaria da Fábrica de Tecidos, sob o patrocínio do próprio Grupo Votorantim, liderado pela Família Pereira Ignácio/Ermírio de Moraes. A Matriz ali permaneceu até os anos 70, quando do término da construção da Nova São João.

Mesmo continuando a ser conhecida como 'São João', a velha igreja passou, então, a sediar a Comunidade de São José, a ser denominada pelos moradores da Chave e adjacências para diferenciá-la

daquela que se formou ao redor da Matriz Nova e também porque a imagem que mais se destacava em seu retábulo principal, depois do Padroeiro de Votorantim, era a do Esposo de Maria Santíssima.

Levada a histórica igreja às margens do córrego do Cubatão, solapada em seus alicerces pelas águas da terrível enchente que atingiu Votorantim e Sorocaba na madrugada do domingo 6 de fevereiro de 1982, que arrastou tudo rio Sorocaba abaixo, incluindo imagens, paramentos, objetos litúrgicos e tudo o mais que a violência das águas encontrou pela frente, a Comunidade de São José passou, então, a se reunir num salão da rua Sorocaba, cedido pelo Sindicato das Indústrias Têxteis, e ali permaneceu enquanto a própria Fábrica de Tecidos Votorantim se encarregava der providenciar a construção de uma nova igreja em suas imediações, não mais no mesmo lugar da antiga, mas a uns duzentos metros da velha São João Batista, na rua Amirtes Luvison, próximo à ponte que interligava o Centro ao bairro da Barra Funda, próximo à avenida Santo Antônio, agora já dedicada a São José e onde Dom Eduardo Benes instalou canonicamente a Paróquia em 2010. A área da igreja derrubada pelas chuvas de 1982 retornou à Fábrica, que hoje a utiliza como estacionamento.

O padre Claudinei Barbosa é o atual titular da Paróquia de São José, do bairro da Chave, tendo a seu lado o diácono permanente Nilson Roberto Leite; o primeiro pároco foi o padre Willian de Almeida, então recém-ordenado por Dom Eduardo, e depois vieram outros, como os padres Fábio e Almir Flávio Scomparim. Pertencem ainda ao seu território eclesiástico as comunidades do Imaculado Coração de Maria, do bairro do Votocel; São Pedro, do bairro do Fornazari; Imaculada Conceição, do bairro do Karafá; Santo Expedito, do Parque São João, e de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, dos bairros da Barra Funda e de Santo Antônio, funcionando junto à Capela do Hospital Santo Antônio.

42 Paróquia de Nossa Senhora Anunciação e dos Arcanjos, do Jardim São Matheus

A criação da sexta e mais nova paróquia de Votorantim, a Paróquia de Nossa Senhora Anunciação e dos Arcanjos, no Jardim São Matheus, praticamente às margens do início da rodovia que interliga o Município à vizinha cidade de Piedade, é marcada também por um notável crescimento espiritual e comunitário ao longo dos anos. Essa trajetória é, assim, outro testemunho do compromisso fervoroso dos fiéis e da inspiração divina que os guiou em sua jornada de fé.

A origem da Paróquia remonta ao tempo em que aquele setor votorantinense fazia parte da Paróquia de Nossa Senhora Consolata, do bairro do Rio Acima. Durante aproximadamente uma década, as comunidades sob a égide da Consolata experimentaram um aumento extraordinário na participação dos seus fiéis, superando em mais de 200% o número de participantes. Esse crescimento notável levou à necessidade de um pastoreio mais próximo e eficaz, capaz de atender às necessidades específicas das diversas comunidades. Foi, então, que após consulta ao Conselho de Presbíteros da Arquidiocese veio a decisão de desmembramento da Paróquia de Nossa Senhora Consolata, dando origem à Paróquia de Nossa Senhora Anunciação e dos Arcanjos em 17 de abril de 2016. Seu primeiro pároco foi o padre Dirceu Sudário de Freitas, que já a vinha acompanhando como vigário paroquial da Consolata e muito estimado em Votorantim. Pouco depois, para melhor servi-la, já no dia 12 de novembro de 2017 Paulo Sebastião Vieira era ordenado diácono permanente, sendo ali provisionado já por Dom Julio Akamine.

Com o desmembramento, passaram a fazer parte da estrutura da nova Paróquia as comunidades de São João Batista, do bairro dos Morros; São Paulo Apóstolo, do Jardim Archila; Santa Mônica, do Jardim Fortaleza, e do Divino Espírito Santo, da Vila Garcia.

A construção da Matriz de Nossa Senhora da Anunciação e dos Arcanjos, localizada na entrada do Jardim São Matheus foi igualmente, por outro lado, um marco na história da Paróquia, que aliás celebra dois Padroeiros: Nossa Senhora da Anunciação a 25 de março e os Santos Arcanjos a 29 de setembro. Com 724 metros quadrados de área construída, o templo foi erguido ao longo de três anos, com um custo total de R$ 800 mil, arrecadados através do dízimo, coletas e eventos paroquiais e comunitários, com capacidade para 350 pessoas sentadas e um mezanino para mais 150 pessoas, com o presbitério revestido com granito e Capela do Santíssimo, além de salas de catequese e reuniões, corredor de acesso e sanitários. O ápice desse empreendimento foi a consagração do seu altar-mor, em Celebração Eucarística presidida pelo arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, com a veneração de relíquia de Santa Rita de Cássia e sua entronização no altar recém-consagrado. Conta também a Paróquia com um Centro Pastoral e Catequético, instalado na antiga capela.

Atualmente, a Paróquia de Nossa Senhora Anunciação e dos Arcanjos é pastoreada pelo padre Rosalvo de Sá Rodrigues de Araújo.

43 Paróquia de Nossa Senhora das Dores, de Araçoiaba da Serra

A história da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, de Araçoiaba da Serra, remonta ao início do século XIX, mais precisamente a 19 de agosto de 1817, data que Dom João VI, então rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, emitiu um alvará régio desmembrando de Sorocaba o território de São João do Ypanema e, através deste, criou a paróquia que tinha por Matriz a capela da Real Fábrica de Ferro de São João do Ypanema. Inicialmente, esta decisão real gerou controvérsias, pois o diretor da Fábrica, o tenente-coronel

Frederico Luiz Varnhagem, apresentou ao governo a inconveniência que esta paróquia iria gerar. Além disso, tinha a revolta dos moradores, pois estes, por decreto real, foram proibidos de exercerem quaisquer culturas ou cortes de madeira no espaço da Real Fábrica, pois tudo era para uso nos fornos. Diante disso, oficiaram a Dom Mateus de Abreu Pereira, bispo de São Paulo, que resolveu consultar os futuros paroquianos quanto à mudança. O povo manifestou o desejo de que fosse transferida para Tatuí, então distrito de Itapetininga. Porém, Dom João VI declarou em 22 de fevereiro de 1820 que a Paróquia estava mantida para o local por ele desejado. Em 23 de maio deste mesmo ano, a criação da Paróquia de São João do Ypanema foi registrada pela Câmara Episcopal de São Paulo, sendo esta data utilizada até hoje para efeitos comemorativos.

Após a criação, a nova Paróquia ainda continuou anexada à Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, de Sorocaba, até o dia 20 de fevereiro de 1821, data em que o padre Gaspar Antônio Malheiros tomou posse como primeiro pároco em Ypanema. Ainda neste ano de 1821, o pároco, estimulado pelos fieis, retomou a ideia de mudança e protocolou o pedido de transferência da sede paroquial para outro lugar. A autorização foi concedida em 3 de maio de 1821.

Passado um tempo, em 1825, como cumprimento de uma promessa feita a Nossa Senhora das Dores, o alferes Bernardino José de Barros começou a construir no bairro de Campo Largo (*a denominação de Araçoiaba da Serra é de 30 de novembro de 1944*) uma capela. O pároco teve, então, a ideia de aproveitar da capelinha, que ficaria servindo de capela-mor da nova Matriz, enquanto que o 'corpo' da igreja seria construído com a ajuda do povo. O sr. Bernardino aceitou a proposta desde que Nossa Senhora das Dores fosse a nova

padroeira da Paróquia. Este acordo feito entre o pároco e o alferes fez com que, posteriormente, ambos recebessem os títulos de fundadores de Araçoiaba da Serra.

Com a autorização recebida em 1º de agosto de 1826, o padre Gaspar procedeu à bênção da nova Matriz no dia 14 de novembro, às 16 horas, sendo no dia seguinte, às 10 horas, transladada da residência do alferes Bernardino José de Barros a imagem de Nossa Senhora das Dores e colocada no altar-mor da igreja, de forma que, a partir de então, a Paróquia ficou denominada como de Nossa Senhora das Dores de Campo Largo.

Passado um século de história, devido ao estado que se encontrava a Matriz o padre Carlos Regattieri resolveu construir uma nova igreja, com a pedra fundamental abençoada por Dom José Carlos de Aguirre, o primeiro bispo da recém-criada Diocese de Sorocaba, no dia 12 de outubro de 1925. Segundo registro feito pelo padre Vicente Hypnarowski, "o novo templo [...] de estylo gothico, magestoso e bello, digna Sé da gloriosa Virgem Santíssima [... tendo uma] esbelta torre de 37 metros [a] apontar aos campo-larguenses o Céo donde a excelsa Padroeira derrama suas graças sobre esta terra abençoada".

A inauguração da nova Matriz, ainda com a obra inacabada, aconteceu em 23 de maio de 1931, na Vigília de Pentecostes, com a Santa Missa que incluiu o Rito da Bênção da Igreja e o translado do Santíssimo Sacramento da Matriz antiga, conhecida atualmente como 'Igrejinha', para a nova Matriz.

Após a inauguração da nova Matriz, mesmo com períodos de interrupções, a obra prosseguiu, sendo que a conclusão aconteceu em 25 de maio de 1936. Desde então, sobretudo no final do século passado, a igreja passou por muitas mudanças, como por exemplo a

retirada dos altares laterais, a troca do forro de madeira, a retirada de belos e grandes lustres, a colocação da imagem de Nossa Senhora das Dores num novo nicho, colocação de pedra nas paredes laterais, construção de ambão e a doação ou venda de imagens, confessionário, objetos litúrgicos, etc. Tais mudanças refletiram na perda do estilo original da Matriz.

Restaurada, a dedicação da Matriz e de seu altar-mor aconteceu em 6 de setembro de 2001, em missa presidida por Dom José Lambert. De outro lado, as mudanças, nestes dois séculos de história, também se deram na dimensão territorial da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, de Araçoiaba da Serra, pois inicialmente, segundo decreto de 10 de março de 1821, o território paroquial iniciava no Ribeirão Itanguá e abarcava todas as terras até o rio Sarapuí, compreendendo, assim, o espaço que, atualmente, inclusive envolve uma parte da zona oeste de Sorocaba (Ouro Fino, Wanel Ville, Central Parque, Júlio de Mesquita e adjacências) e ainda os municípios de Iperó e Capela do Alto. Atualmente, seu território restringe-se ao município-sede, com sua Matriz e suas outras 18 comunidades, urbanas e rurais.

Nestes mais de dois séculos de história, foram 52 sacerdotes provisionados, incluindo párocos (45), administradores paroquiais (3) e vigários ecônomos (4). Atualmente, está à frente da Paróquia o padre João Paulo Cardoso, contando com a coadjutoria dos padres Bruno Aristides Martins e Jair Ramos de Lara (vigários paroquiais) e do diácono permanente Jurandir Roque de Medeiros.

44 Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade, de Piedade

A Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade, elevada a essa dignidade pelo Papa Francisco por decreto pontifício dado em Rom a 12 de setembro de 2023 e solenemente instalada pelo arcebispo metropolitano Dom Julio Endi Akamine no dia 3 de fevereiro deste 2024, em meio às comemorações do ano do centenário de instituição da Arquidiocese de Sorocaba, tem sua história iniciando-se ainda no começo do século XIX, quando algumas famílias vindas de localidades vizinhas estabeleceram-se às margens do rio Pirapora, em sua confluência com o ribeirão dos Cotianos, e onde, entre os anos de 1831 a 1835, um mascate doou a Vicente Garcia, um dos primeiros moradores da várzea, uma imagem da Virgem da Piedade. Logo se apressou ele em construir no local uma Capela, que foi abençoada por Dom Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, então bispo de São Paulo, no dia 20 de maio de 1840, depois marcado como data de fundação do Município. No dia 3 de março de 1847, apenas sete anos após a construção da Capela, em reconhecimento pelo frutuoso vigor espiritual e pastoral que a pequena comunidade de fiéis realizava, ela recebeu seu primeiro reconhecimento, sendo elevada canonicamente à condição de Paróquia ou Freguesia, termo mais comum à época.

A Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, agora Basílica Papal consagrada à Virgem da Piedade, igualmente merece, pela sua dignidade como a primeira erigida dentro da Igreja Particular de Sorocaba, destaque à parte, em outro apêndice específico deste livro, lembrando-se que nestes anos todos foram muitas as comunidades que surgiram ao lado da Matriz, somando-se, em 2008, 47 comunidades, quando foi necessária a criação de uma nova paróquia em Piedade, aquela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, na Vila Olinda.

Presentemente, agora assim Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade, tem ela como primeiro reitor o padre Julio César Fernandes. Os padres Bruno Bressani Navarro e Marcos, de Togni Tassi são os vigários paroquiais, auxiliados pelos diáconos permanentes José Carlos Vieira, Rosário Aparecido Prestes de Oliveira e Walkir Antônio Moraes Agapito. Vinte e seis comunidades, urbanas e rurais, permaneceram ligadas à Basílica Menor, com a criação de uma segunda paróquia em Piedade em 2009, organizadas em cinco setores pastorais: Santa Rita de Cássia, Santo Antônio, Santo Antônio (Bairro dos Mendes), São Jorge, Santa Cruz (Bairro Caetezal), Santa Cruz (Boa Vista), Santa Cruz, São Pedro. São Domingos, Bom Jesus, São Roque (Bairro dos Cavalheiros), São Roque (bairro do Rosário), São Roque, Nossa Senhora Aparecida (Bairro Sarapuí dos Lima), Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, Nossa Senhora das Dores. São João Batista (Piratuba II), São João Batista, Nossa Senhora do Carmo/Santa Genoveva, Bom Pastor, São Francisco de Assis, Santo Expedito (duas), São Paulo Apóstolo e Nossa Senhora Imaculada Conceição.

45 Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, de Piedade

A Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, a segunda a surgir em Piedade diante da expansão territorial urbana e demográfica do Município, foi criada e instalada canonicamente a 19 de junho de 2009 pelo arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, que na mesma Celebração Eucarística realizada naquela noite, dentro justamente da Festa do Padroeiro daquele ano deu posse ao padre Luciano Abes como seu administrador paroquial, para pouco mais de um ano depois, provisiona-lo, a 10 de agosto de 2010, como primeiro pároco, atualmente contando com o auxílio do vigário paroquial padre Diogo Antunes Victor.

Quando de sua criação, a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus recebeu um total de vinte e uma das 47 comunidades, a maioria rurais, que até então formavam o território eclesiástico da agora Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade: além da Matriz na Vila Olinda, passaram a integrar sua área de atuação pastoral, assim, as comunidades do Senhor Bom Jesus (bairro dos Cotianos), São Francisco de Assis (Garcias), Nossa Senhora Desatadora dos Nós (Moreiras), São Luís Gonzaga (Ciriaco), São João Batista (Ortizes), Nossa Senhora Aparecida (Godinhos), Sagrado Coração de Jesus (Piraporinha), Bom Jesus (Gurgel), São Benedito (São Benedito), São Vicente de Paulo (Oliveiras), Santa Cruz (Furnas), Nossa Senhora de Fátima (Vila Moraes), São José (Torres), Nossa Senhora Aparecida (Sarapuí de Cima), Santa Terezinha (Vila Élvio), Santo Antonio (Cáfaro), Nossa Senhora da Conceição e São Miguel Arcanjo (Miguel Russo), Nossa Senhora Aparecida (Reducino), Santa Cruz (Rio do Peixe) e Nossa Senhora de Fátima (Ribeirão Bonito).

Destaque-se que a igreja matriz do Sagrado Coração de Jesus se encontra ainda em construção. Suas obras efetivas começaram, aliás, pouco depois da criação e instalação da Paróquia, a 29 de agostos de 2009, quando o arcebispo Dom Eduardo Benes voltou ao bairro para presidir a missa da bênção da pedra fundamental - atualmente, ela se encontra em fase de acabamento. E também que a comunidade da Matriz dispõe ainda em seu raio de abrangência de uma capela histórica, a centenária conhecida popularmente por 'Capela do Jacueiro, que em 2026 completará 150 anos de existência, sendo um dos mais antigos templos católicos existentes em Piedade, assim como importante patrimônio histórico e arquitetônico do Município. Por outro lado, a cidade de Piedade como um todo vem se destacando, nos últimos anos, como um verdadeiro celeiro de vocações

sacerdotais entre seus jovens. A promoção vocacional é uma das principais prioridades pastorais, gerando várias vocações sacerdotais para a Igreja Particular de Sorocaba. Atualmente, da Basílica de Nossa Senhora da Piedade e da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, temos sete seminaristas no processo formativo. Além disso, a Paróquia do Sagrado é uma das paróquias que mais acolhe seminaristas, colaborando para com o Seminário Arquidiocesano 'São Carlos Borromeu' na formação pastoral dos mesmos.

46 Paróquia de São João Batista, de Salto de Pirapora

A Paróquia de São João Batista, de Salto de Pirapora foi a terceira criada canonicamente dentro da cidade-sede do Bispado de Sorocaba pelo seu primeiro titular, Dom José Carlos de Aguirre, isto d 27 de fevereiro de 191. As primeiras haviam sido as do Bom Jesus dos Aflitos, na região do Além-Ponte, em 1926, e de São João Batista, em Votorantim, no ano seguinte. Como primeiro pároco Dom Aguirre provisionou, em Salto de Pirapora, também um missionário da Consolata, Congregação que há pouco também passara a responder pela Paróquia de Votorantim, na pessoa do padre Boaventura Manara.

As raízes católicas de Salto de Pirapora, transformado em Município somente com a emancipação político-administrativa daquele bairro bem afastado à época do centro urbano de Sorocaba por plebiscito realizado a 30 de dezembro de 1953, seguida a 1º de janeiro de 1955 pela posse de seu primeiro prefeito, Agenor Leme dos Santos, são, porém, bem mais antigas, podendo até serem retroagidas à segunda metade do século XVIII, com registros históricos apontando que o ilustre sorocabano Salvador de Oliveira Lemos, o

'Sarutaiá', mandara em 1763 construir ali, em terras a ele pertencentes, pequena capela em taipa de pilão em honra a Nossa Senhora das Dores, tendo a festa de São João Batista como a mais esperada pelos habitantes da região. Passados os anos, em 1802 Sarutaiá morre e deixa como pedido testamentário que todos acendessem uma fogueira em honra a São João Batista todo dia 24 de junho.

Já no alvorecer do século XX, lavradores e operários das caieiras (fornos de cal) das redondezas, comandados por Antônio Maximiano Fidélis, mais conhecido como 'Antônio Fogueteiro', e Felício Lencione, no dia 24 de junho de 1906, apesar de virarem alvo de piadas para os companheiros, pois ninguém acreditava que levassem a ideia adiante, rezaram a primeira prece no local e demarcaram o lugar que seria a sede de um futuro município. Reuniram-se nas vizinhanças das primeiras casas ainda não alinhadas que ali surgiam e festejaram São João com fogueiras, mastro e a reza ao ar livre, não faltando a Santa Cruz. O promotor da reza era justamente o 'fogueteiro', ajudado pelo negociante Antônio Góes, sendo a sua venda (comércio) o ponto de reunião, como em toda parte. Carpiram para os folguedos exatamente um terreno onde hoje está a Igreja Matriz e levantaram um mastro com uma bandeira do Santo Precursor. 'Fogueteiro' dizia, entre risos e zombarias dos mercadores e outros presentes, "aqui ainda vai ser uma cidade". Ele é que estava certo. No ano seguinte, foi construída uma primeira capela local por João de Góis, que ainda ofertou à pequenina igreja uma imagem de São João Batista que, desde então, ficou como Padroeiro de Salto de Pirapora – aliás, algumas fontes defendem que, mesmo já em ruinas, a primitiva capelinha em taipa de pilão de Sarutaiá só desapareceu por completo depois de concluída a edificação desta.

No dia 6 de outubro de 1907, o padre Luiz Sicluna celebrou a primeira missa na nova Capela, que automaticamente passou a receber assistência de sacerdotes que trabalhavam junto à Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, Catedral a partir de 1925. Anos depois, o próprio padre Luiz Sicluna reuniu novamente os moradores do lugarejo e construiu no local a Matriz, a mesma até os dias de hoje. Foi em 1922 que se organizou essa comissão para construir a futura Igreja Matriz, executando-se a empreitada seguindo a planta do padre Luiz Sicluna, também renomado arquiteto sacro.

Cerca de doze párocos e auxiliares já passaram pela Paróquia de São João Batista desde sua instalação em 1951, sendo destes o padre Francisco Augusto Castelhano (falecido a 13 de junho de 2023, aos 91 anos de idade) o que por mais tempo ali permaneceu. O atual pároco de Salto de Pirapora é o padre José Edmilson Santos Silva, tendo a seu lado o diácono permanente Claudiney Alves. Além do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, no bairro do Itinga, próximo à divisa do município de Salto de Pirapora e Sorocaba e do câmpus local da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), que também aparece elencado em apêndice dedicado aos Santuários Arquidiocesanos, conta a Paróquia de São João Batista com mais estas comunidades, ao lado da Matriz: Nossa Senhora Aparecida, no bairro da Barra; São Roque, no bairro Piraporinha; Nossa Senhora Imaculada Conceição, no bairro Campo Largo; Sagrada Família, no Portal do Pirapora; São José, no bairro Jacurupava; São Francisco de Assis, no bairro Arco-Íris; Santa Rita de Cássia, na Fazendinha; Nossa Senhora das Graças, no Parque Pirapora; São Judas Tadeu, no bairro Quintas do Pirapora; São Vicente de Paulo, no Jardim Maria Clara; Nossa Senhora de Fátima, no Jardim Paulistano, e São Manoel, no Recanto São Manoel I.

47 Paróquia de Santa Catarina de Alexandria, de Tapiraí

Nas origens da Paróquia de Santa Catarina de Alexandria, do município de Tapiraí, canonicamente criada e instalada pelo primeiro bispo de Sorocaba, Dom José Carlos de Aguirre, a 28 de janeiro de 1961, estão os missionários da Sociedade do Verbo Divino, os verbitas, que na região de Registro fincaram seus primeiros laços com o Brasil. Retrocedendo um pouco no tempo, vamos para a década de 1930, quando a região da Serra do Paranapiacaba onde depois surgiria um novo município era propriedade da família do Coronel João Rosa que, querendo vender suas terras, iniciou sua fragmentação, sob a orientação do engenheiro Celso David do Vale, dando-se, assim, a fundação de uma vila, dedicada desde logo a Santa Catarina de Alexandria (virgem e mártir). Em 1932, iniciou-se a preparação para a construção de estrada no trecho Piedade-Juquiá.

Em 1938, foi construída a primeira capela na nova vila, toda em madeira, estilo gótico com duas torres cônicas, inaugurada e abençoada por Dom Aguirre no dia 16 de maio de 1938. Como o padre João Batista da Palma, então pároco de Piedade) manifestara a Dom Aguirre a sua dificuldade em assistir esta capela, pelo fato de a maioria de seus moradores ser constituída de japoneses e não compreender ele a língua destes colonos, o Sr. Bispo recorreu aos verbitas, sendo então designado o padre Albino Roseu, SVD, que por motivos de saúde também não pode ali permanecer, ficando acordado com o padre Guilherme Hoevel, SVD, que além de ser missionário verbita natural da Alemanha havia trabalhado numa região do Japão, tendo grande conhecimento e fluência na língua japonesa.

Nesse mesmo ano de 1938 o Distrito de Santa Catarina foi criado, anexo ao município de Piedade, sendo necessário, porém, trocar seu nome, pelo fato de já haver um estado dedicado a Santa Catarina no País. Foi assim que a escolha recaiu sobre o topônimo 'Tapiraí', devido à grande presença de antas na Serra. Em agosto de 1949, foi lançada a pedra fundamental da futura Matriz, dando-se início à construção de novo templo em alvenaria. Sua conclusão, contudo, só ocorreria em 1954, em vista de constantes paralisações como consequência da falta de recursos financeiros, sendo inaugurada em 29 de março daquele ano por Dom Aguirre, na presença dos padres verbitas Guilherme Hoevel, Jerônimo Onuma e Jayme Jakules e também do padre Jorge Musizziano, então já titular da Paróquia, hoje Basílica Menor de Nossa Senhora da Piedade.

Quando da criação canônica da Paróquia de Santa Catarina de Alexandria no início de 1961, no mesmo dia Dom José Carlos de Aguirre provisionou como seu primeiro pároco o padre Guilherme Hoevel, SVD, que ali permaneceu até a data de sua morte, em 24 de maio de 1976. Sucederam-no outros párocos e vigários auxiliares, como o próprio padre Jorge Musizzano, entre a morte do padre Guilherme e janeiro do ano seguinte, acumulando com Piedade; os verbitas padres Agostinho Nagayama e Miguel Hirata e, a partir de 1991, os padres diocesanos Inácio Kriguer, Benedito Jesus Halter, José Luiz de Moraes, Jair Ramos de Lara, Dirceu Sudário de Freitas, Marcos Alexandre Marques Barreto, Santo Cândido e Felipe Augusto Bracher Pasquini, de 29 de agosto de 2014 – 24/11/2015, até fevereiro de 2024, quando tomou posse na Paróquia de São José do Cerrado, em Sorocaba, assumindo a titularidade da Paróquia de Santa Catarina de Alexandria, que foi crescendo conforme a chegada dos migrantes e emigrantes vindos de todos os estados e do Japão principalmente, o

padre Marivaldo de Oliveira. Nessa caminhada de mais de sessenta anos da Paróquia de Tapiraí, aliás, foi sendo necessária a criação de outras comunidades anexas à Matriz, com a construção de novas capelas no Distrito do Rio Turvo (São João Batista), no Bairro Comercial (Santa Isabel da Hungria), no Bairro do Chá (fechada na década de 1990, quando a Cooperativa de Chá foi desativada, com a saída das famílias do local), Bairro do Monos (Nossa Senhora Aparecida), e a mais nova no Bairro Rio Bonito (São José). Ainda há uma capela particular, a ser doada para a Paróquia, no Bairro do Alecrim, a Capela de Santo Antônio do Alecrim).

Segundo o último Censo de 2022, em Tapiraí de uma população de pouco mais de 7 mil habitantes são quase 4 mil católicos em Tapiraí. A festa da Padroeira, Santa Catarina de Alexandria, ocorre a 25 de novembro.

REGIÃO PASTORAL CASTELLO

48 Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de Porto Feliz

A Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, da cidade de Porto Feliz, é a segunda mais antiga da Arquidiocese de Sorocaba (a primeira é a própria Paróquia da Catedral de Nossa Senhora da Ponte, de Sorocaba). Foi criada canonicamente pelo então bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Antônio de Guadalupe, a 9 de março de 1728, juntamente com a provisão de seu primeiro vigário, padre Felipe de Campos Bicudo, que ali permaneceu até 1747, lançando as bases para a construção da nova Matriz, monumento histórico maior

do Município, que no ano 2000 comemorou com ricas solenidades litúrgicas a passagem do 250º aniversário de sua inauguração, ocorrida a 9 de outubro de 1750.

Porto Feliz nasceu à margem esquerda do rio Tietê, em um lugar que os indígenas nativos chamavam de 'Araritaguaba' (termo tupi que significa 'lugar da pedra de arara', através da junção dos termos 'arara' ('arara'), itá ('pedra') e aba ('lugar')). O mais antigo registro conhecido do local é de 1693 e refere-se a uma fazenda de Antônio Cardoso Pimentel que originou o povoado. Foi um decreto de 13 de outubro de 1797 que elevou o povoado à categoria de Vila e mudou seu nome para Porto Feliz, recordando a felicidade dos moradores ao presenciarem a partida e chegada junto ao porto ali existente das monções organizadas pelos bandeirantes da região. Também a Matriz inaugurada em 1750 fora construída à base de taipa de pilão, muito comum no século XVIII, em substituição à primeira capelinha de Araritaguaba que, porém, era dedicada a Nossa Senhora da Penha. Algumas versões marcam essa mudança, como a de que a esplendorosa imagem da Senhora Mãe dos Homens chegou ao lugarejo e aguardava a partida de uma Monção para ser levada para alguma outra freguesia, porém no dia da partida ficou tão pesada que não foi possível conduzi-la até o batelão. Logo entenderam que era seu desejo permanecer por ali. Outra versão afirma que a imagem foi enviada especialmente para a igreja nova e maior que estava sendo construída e também para ser a nova Padroeira de Araritaguaba. Ou ainda que a mudança repentina da invocação é atribuída à influência do frei carmelita Angelo de Siqueira que andava por lá também.

Quando da inauguração da Matriz já era pároco o padre Francisco de Campos. Ao longo das décadas e séculos, a imponente construção, considerada hoje um dos principais exemplares representativos da arte sacra colonial paulista, passou por muitas e grandes restaurações, reformas e adaptações litúrgicas, sem, contudo, em nada alterar suas linhas arquitetônicas originais. Tanto seus altares laterais, como o altar-mor, em cujo retábulo se preservam a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens e também, acima de seu nicho, dentro de uma proteção de vidro, a primitiva representação iconográfica de Nossa Senhora da Penha, exemplar em terracota de valor histórico inestimável, abrem igualmente espaço para acolher imagens que retratam a arte e a cultura cristãs preservadas ao longo do templo. No início do século XX, azulejos portugueses revestiram, aliás, as capelas laterais, retratando a história de Porto Feliz e da própria Matriz, enquanto já nos anos 50 do século passado a igreja também ganhava belos afrescos retratando mistérios marcantes da vida de Maria Santíssima, como a 'Anunciação', 'Nascimento do Menino-Deus', 'Pentecostes' e 'A Assunção', obras do magistral artista plástico ítalo-sorocabano Bruno de Giusti, que anos antes também havia decorado a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Ponte.

O padre Aparecido Carlos dos Passos é o atual titular da Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, de Porto Feliz, que em sua caminhada histórica já teve à sua frente mais de 50 sacerdotes, entre párocos e vigários paroquiais, os mais recentes os padres Isac Isaías Vale e Antônio Carlos Fernandes como titulares. O diácono permanente Sílvio Buzzo é quem atualmente ali atua ao lado do padre Carlinhos.

49 Paróquia de São João Batista, do Jardim Elisa (Porto Feliz)

Foi o cônego Humberto Ghizzi, então pároco de Nossa Senhora Mãe dos Homens, quem lançou as bases para a formação de uma segunda paróquia na cidade de Porto Feliz, mais de 250 anos depois da instalação de freguesia no então simples povoado de Araritaguaba. Era o dia 4 de dezembro de 1977 quando foi nomeada a primeira diretoria para a construção da futura Matriz, de antemão dedicada a São João Batista e tendo como presidente o sr. Luiz Alcalá, prefeito municipal da época. A pedra fundamental foi lançada a 18 de junho de 1978 e, dois dias depois, as obras já foram iniciadas em regime de mutirão. Neste mesmo dia, houve pela primeira vez, à noite, a oração do Santo Terço no local e, em junho do ano seguinte, acontecia ali, no Jardim Santa Elisa, a primeira festa em honra do Padroeira, quando o cônego Humberto Ghizzi presidia a celebração da primeira missa.

Alguns anos depois, pronta a igreja, em 1988 começou-se a construção de uma casa paroquial e, em 5 de dezembro de 1990, o então bispo diocesano Dom José Lambert assinava decreto estabelecendo a criação de nova Paróquia em solo portofelicense, estabelecendo como sede a Comunidade de São João Batista e oficializando-se solenemente sua instalação a 1º de janeiro de 1991, juntamente com a posse do padre Jorge Luiz Machado, o 'padre Jorginho', como seu primeiro pároco. Mais para frente, em 12 de abril de 1998, também Dom José Lambert, agora arcebispo de Sorocaba, ali presidia a ordenação houve a ordenação diaconal do sr. Rôney Diana Pires, desde então trabalhando ali pastoralmente como diácono permanente.

Um tempo depois, a 12 de janeiro de 2000, a Congregação Religiosa dos Irmãos Pobres de São Francisco de Assis estabelece vínculo com a Arquidiocese de Sorocaba e, numa missa presidida

por Dom José Lambert, é empossado como novo pároco de São João Batista o frei Eugênio Milani, CFP, tendo como coadjutor o frei Geraldo Merísio, CFP.

Em 13 de janeiro de 2022, após 22 anos de apostolado, a Congregação Franciscana deixa a Arquidiocese, como arcebispo Dom Julio Endi Akamine empossando o padre Fernando Baptistute, do clero secular, como terceiro titular da Paróquia de São João Batista, que é composta ainda por oito comunidades, quatro urbanas - São Francisco de Assis (Jardim Martelli), Nossa Senhora da Ponte (Vista Alegre), Santa Cruz (Residencial Jandira Alcalá) e São Frei Galvão (Altos do Jequitibá) – e quatro rurais: São José (Capoava), Santa Rita (Belos), São Roque (Tanquinho) e Nossa Senhora Aparecida (Registro).

50 Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, do bairro Cidade Jardim (Porto Feliz)

A expansão urbana e populacional do Município em direção a bairros novos, antes considerados periferia, motivaram o arcebispo Dom José Lambert a promover, a 5 de janeiro de 2001, a instalação de um terceiro território eclesiástico independente em Porto Feliz, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, sediada no bairro de Cidade Jardim. Como primeiro pároco provisionou, então, o padre Jorge Luiz Machado, já bastante familiarizado com a área, desmembrada em grande parte da Paróquia de São João Batista, do Jardim Santa Elisa, da qual estivera à frente por bons anos, até que a 12 de janeiro de 2000 foi entregue aos cuidados da Congregação Religiosa dos Irmãos Pobres de São Francisco de Assis. Sucederam-no os padres Carlos A. da Silva e Washington Ribeiro, até a chegada do pároco atual, padre Samuel Soares, já às voltas com os preparativos para a celebração do Jubileu de Prata Paroquial no início de 2026.

Muitas comunidades urbanas e rurais de Porto Feliz também integram a pastoral da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: Santa Cruz (Bairro Avecuia do Alto), Santa Rita de Cássia, São José e São Bento (Bairro Nova Bandeirantes), Nossa Senhora de Fátima (Bairro da Glória), Nossa Senhora das Dores (Barreiro Rico), Santa Clara (Sítio Santa Clara – Bairro Tabarro), Nossa Senhora Aparecida (Bairro Gramadinho), Nossa Senhora da Conceição (Bairro Gramado), Nossa Senhora da Penha (Fazenda Jupira), São Francisco de Assis (Bairro Ponte Queimada), Nossa Senhora Rosa Mística (Jardim Brasil II), Santo Expedito (Bairro Bambú), São José (Caic Setor I), Nossa Senhora Aparecida (Bairro Campo Largo), Santa Rita de Cássia (Tabarro), São João Batista, São Vicente de Paulo (Bairro Palmital), Nossa Senhora Aparecida (Haras Portela), São José (Fazenda Val Paraíso), Santo Antônio, São Roque, São Miguel Arcanjo (Condomínio Portal dos Bandeirantes I e II), São João Paulo II e Beata Madre Teresa de Calcutá (Jardim Bela Vista), Santa Teresinha do Menino Jesus (Jardim São Bento), Santa Luzia (Morada do Sol), São Judas Tadeu (Bairro Bambú) e Santa Rita de Cássia (Condomínio Campo Real).

Auxilia o pároco o diácono permanente Valmir Aparecido de Oliveira.

51 Paróquia da Santíssima Trindade, de Tietê

Fica na cidade de Tietê a terceira paróquia mais antiga integrante da atual configuração da centenária Igreja Particular de Sorocaba, consagrada à Santíssima Trindade. Foi criada no dia 3 de agosto de 1811, por um alvará de Dom João, então príncipe regente

de Portugal, em época que a Corte ainda estava sediada no Rio de Janeiro, fugida das invasões napoleônicas, na então nova Freguesia de Pirapora do Curuçá. Foi em princípios do século XIX que os primeiros moradores do bairro Mandissununga, João de Oliveira, Vicente Ramos do Amaral, Alfares José Antônio Pais e Pedro Vaz de Almeida, e mais alguns pequenos lavradores do bairro Pilões, atraídos pela fertilidade das terras, formaram um primeiro arraial na parte que hoje compreende a rua Capitão João Batista Nutrini (antiga rua do Porto Geral), do atual prédio do Fórum da Comarca de Tietê até o rio, em local que desde o século XVIII servia como o primeiro e mais importante porto de reabastecimento e descanso para os bandeirantes que saiam em monções de Araritaguaba (Porto Feliz), e no ano de 1809 dirigiram-se ao bispo de São Paulo, Dom Matheus de Abreu Pereira, com uma representação pela criação de uma freguesia no povoado nascente. Diziam os peticionários ao prelado que "tendo eles, grave necessidade de que se faça Freguesia (termo então usado para paróquia à época, recorde-se, n.a.) aquele bairro, por estar distante da Vila mais de quatro léguas, Porto Feliz, por cuja causa se lhes faz muito penosa toda administração dos sacramentos, tem posto os meios para que se faça freguesia, e logo que consigam querem merecer de V.Excia.Revdma. a nomeação de vigário colado, na pessoa do padre Alexandre de Faria Barros". O bispo, então, informou favoravelmente ao regente de Portugal o requerido pelos moradores de Pirapora. Dois anos mais tarde, o futuro Dom João VI como rei de Portugal, com a morte da mãe, a Rainha Dona Maria, então interditada por loucura, assinou a provisão pretendida.

Em 17 de setembro de 1812, o Bispo deu confirmação e execução canônica ao decreto real, nomeando primeiro vigário colado da Freguesia de Pirapora do Curuçá o padre Manuel Paulino Ayres.

Como não havia ainda uma igreja, os atos do culto divino celebravam-se numa casa situada fora do alinhamento, na rua Porto Geral, onde, aliás, tomou posse o primeiro pároco, a 12 de outubro de 1812, até se concluir a construção da Igreja Matriz iniciada em 1814 e concluída em 1816.

Essa primeira Matriz da Santíssima Trindade, na realidade uma primeira igrejinha de taipa, sem forro e assoalho, estava situada no alto da rua Porto Geral, onde hoje se encontra o edifício do Paço Municipal. Foi só em 1858 que uma comissão escolheu com o pároco o local para a construção da nova igreja, um terreno bem no centro do já município de Tietê (foi em 8 de março de 1842 que a Freguesia da Santíssima Trindade de Pirapora do Curuçá virou município, mas o nome original perdurou até 1867, quando foi mudado para Tietê), junto ao então largo dos Curros, depois largo General Osório ou simplesmente da Matriz, e que apresentava inúmeras vantagens, entre eles receber os raios solares em todas as estações climáticas do ano. A pedra fundamental, porém, só foi lançada em 23 de março de 1881, já sob o paroquiato do padre Gaudênio Antônio de Campos, com as obras parando algum tempo depois, para só serem reiniciadas em 1892, com a chegada do cônego Agnello José de Moraes. Uma construção sólida e elegante, já feita com alicerces de pedra e cimento, paredes em alvenaria de tijolos e cobertura com telhas francesas, novidade para a época, com 27 janelas e quatro portas, além da porta principal.

A sagração do novo templo ocorreu a 1º de julho de 1904, com as obras civis concluídas sob o paroquiato então do padre Vicente Lettieri, que na sequência, em março de 1907, assiste jubiloso a bênção da capela-mor e de seu altar em meio à grande cerimônia

religiosa. No ano de 1912, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário inaugura o altar lateral de sua Patrona e, em 1922, é adquirido um novo sino, para dez anos depois, em 1932, padre João Alberto Bacili, um dos primeiros ordenados por Dom José Carlos de Aguirre na nova Diocese, iniciar ampliação lateral da igreja, entregue três anos depois, seguida de implantação também da gruta e altar do Calvário, em colaboração com a Pia União das Filhas de Maria. Substitui padre Bacilli, de abril de 1945 a janeiro de 1958, padre Antônio Simon Sola.

Foram quase quarenta párocos na Santíssima Trindade nesses mais de 210 anos de história, alguns com longos períodos de vicariato, como mais recentemente o padre Emílio Grando, que ali permaneceu de 31 de janeiro de 1962 a 28 de abril de 2001. E também a participação efetiva na vida da Paróquia dos Padres Redentoristas, que ali chegaram em 1936 para a instalação de uma casa de estudo e formação de seus futuros religiosos consagrados, o Seminário de Santa Terezinha. Inclusive, por algum tempo, já nos anos 2000, aceitando pedido do arcebispo Dom José Lambert o Capítulo Provincial dos Redentoristas concordou em assumir a direção da Paróquia, primeiramente com o padre José Antônio Dal Bó Giovanetti, CSsR, filho de família tieteense empossado em 2001 e, em 2005, lidera a realização de complexa restauração de toda a histórica Matriz da Santíssima Trindade, que também guarda em seu interior preciosas telas sacras, a maioria com assinatura de Bruno de Giusti, e em seguida com o padre José de Vilas Boas, CSsR, que ali permanece até 2012, com a vinda dos redentoristas para Sorocaba, para a fundação do Seminário da Congregação e Paróquia-Santuário de São Geraldo Majella, da qual foi o primeiro pároco-reitor, na Zona Norte, na Vila Helena.

Dirige atualmente a Paróquia da Santíssima Trindade, em Tietê, o padre Antônio Carlos Fernandes, o 'padre Toninho', que substitui o padre Santo Cândido, que ali esteve por alguns anos depois da saída dos redentoristas e, atualmente, é o reitor do Seminário Arquidiocesano 'São Carlos Borromeu', tendo ao seu lado, como vigário paroquial o padre Lucas Monteiro Nunes e o auxílio dos diáconos permanentes Alexandre Antônio Cato Filho e Ari Antônio Cestarioli. Suas comunidades são, ao lado da Matriz, as de São Benedito e Bom Jesus, ambas também no Centro; São Roque (Bairro São Roque), São Miguel Arcanjo (Altos do Tietê), São Judas Tadeu (Jardim da Serra), São Francisco de Assis (Bairro Cohab), Santo Expedito (Bairro Emílio Gardenal), Santa Cruz (Bairro Santa Cruz), São Cristóvão (Barra Funda), Nossa Senhora de Fátima (Bairro Bela Vista), Nossa Senhora do Rosário (Bairro do Rosário), Santa Catarina de Alexandria (Bairro Cruz das Almas), Santo Antônio (Bairro Cruz das Almas), Santa Edwiges (Bairro Mandissununga) e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Santa Maria).

Complemente-se, por outro lado, que são tradicionalíssimas, em Tietê, as festas religiosas em honra a São Benedito - uma das maiores festas populares religioso-folclóricas do País, incluída no Calendário Turístico da Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo e que ocorre no último final de semana de setembro – e a do Divino Espírito Santo, realizada no último sábado do ano, com o habitual encontro das canoas (batelões) da Irmandade do Divino, no rio Tietê.

52 Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, do Bairro Bela Vista (Tietê)

O arcebispo Dom José Lambert, concomitantemente no ano 2001, com a aceitação por parte da Província de São Paulo da Congregação Missionária do Santíssimo Redentor de seu apelo pastoral para que os Padres Redentoristas assumissem a direção da Paróquia da Santíssima Trindade, em vista também da expansão territorial e, sobretudo, populacional verificada no município de Tietê na virada do milênio, ouvido o Conselho Presbiteral da Arquidiocese optou pela criação ali de uma nova paróquia, na região do bairro Bela Vista, com sede na igreja de Nossa Senhora Aparecida. Sua instalação ocorreu no dia 29 de abril de 2001, juntamente com a posse de seu primeiro padre, ninguém menos que o estimado padre Emílio Grando, que estava na titularidade da Paróquia da Santíssima Trindade desde 1962 e dela se retirava com a chegada dos redentoristas para administrá-la por um tempo.

Rapidamente padre Emílio Grando foi, então, estruturando a nova Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, com cuja Comunidade, porém, já era por demais de familiarizado, por também ela estar agregada à Santíssima Trindade que dirigira por praticamente quatro décadas consecutivas. A grande novidade ocorreu a partir de 5 de julho de 2005 quando, com a chegada de Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues à Arquidiocese de Sorocaba, o arcebispo emérito Dom José Lambert, seu amigo inseparável nas horas de lazer para esporádicas escapadelas para pescarias nos rios de Mato Grosso, pediu para residir com ela na Casa Paroquial da Bela Vista. Inclusive, transformando-se numa espécie de 'vigário paroquial' sem provisão de Nossa Senhora Aparecida, até que repentino mal-estar após presidir

a missa dominical vespertina das 19h30 de 25 de fevereiro de 2007 na Matriz o levasse na tarde do dia seguinte, já internado no Hospital Modelo (Santa Edwiges), de Sorocaba.

Padre Emilio Grando (1929, natural de Cerquilho), formado na escola de fé apostólica de Dom Aguirre nos bancos do Seminário Menor 'São Carlos Borromeu', faleceu em 27 de outubro de 2013, sendo substituído pelo padre Valdir Machia Serafim, que desde sua ordenação a 20 de janeiro de 2007 ali atuava como vigário paroquial e ajudou a socorrer Dom José Lambert no fatídico domingo. Recebe auxílio dos diáconos permanentes Luiz Santarosa e Claudinei de Souza na Aparecida de Tietê, que abrange ainda as comunidades de Comunidade São Pedro (Bairro São Pedro), São Vicente de Paulo (Bairro Cornélio Pires), Santa Rita de Cássia (Jardim Bonanza), Santo Antônio (Bairro Zambianco), Santa Cruz (Bairro Sete Fogões), São Roque (Bairro Bom Retiro), Santa Cruz (Bairro Canal Torto), Santa Luzia (Bairro Sapopemba), São Paulo Apóstolo (Bairro Povo Feliz), São José (Bairro São José), São Sebastião (Bairro Ribeirão Fundo), Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Bairro Conceição), São João Batista (Bairro São João), Nossa Senhora Mãe dos Homens (Bairro Garcia), Sagrado Coração de Jesus (Bairro).

53 Paróquia de São José, de Cerquilho

Imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, contando com a contribuição de outros povos, estão na base da formação de Cerquilho (nome de origem espanhola, que quer dizer 'cercado' ou 'cerquinho'), um cercado de pau a pique que servia de pousada aos tropeiros que por ali passavam, rumo às feiras de muares em Sorocaba, e da própria Paróquia de São José em 1914, mesmo ano em que o lugarejo

foi elevado à condição de Vila – distrito de Tietê, sua emancipação político-administrativa ocorreu através de lei estadual de 24 de dezembro de 1948, com a instalação do Município a 3 de abril de 1949.

Foi em meados de 1913 que os católicos de Cerquilho organizaram uma comissão, com o objetivo de trabalhar pela criação da Paróquia oficializada em 16 de junho de 1914 por Dom Lúcio Antunes de Souza, então bispo de Botucatu, com a separação da igreja dedicada a São José do território da freguesia tieteense da Santíssima Trindade. Na mesma data, Dom Lúcio nomeia o padre José Joaquim Castanheira de Figueiredo como primeiro pároco da Freguesia de São José de Cerquilho. A solenidade de instalação da Paróquia deu-se já no dia 26 seguinte, às 9 horas, com missa cantada, que contou com a presença de autoridades da época e presidida pelo próprio padre José Joaquim.

Com o passar dos anos e o contínuo e sensível aumento da população local, a Matriz não tinha mais capacidade para conter os fiéis e parte deles tinha de assistir a missa postada do lado de fora. Outro inconveniente era o fato de a igreja estar construída muito próxima dos trilhos da Estrada de Ferro, o que perturbava as funções religiosas, devido ao grande tráfego de trens. A proposta de construção da nova Matriz foi logo acolhida com entusiasmo pelos paroquianos e, em 16 de junho de 1946, cerca de 200 pessoas compareceram a uma reunião para a discussão do assunto e todos concordaram com a urgência da construção de um novo templo. Houve, porém, algumas divergências sobre o local em que a nova Matriz deveria ser erguida, na parte alta ou na parte baixa. A opinião, quase que unânime, foi para que prevalecesse a parte alta e o local escolhido foi frente à rua Siqueira Campos, hoje praça Presidente Kennedy. Procedeu-se, então, a formação de diversas comissões e belo projeto foi executado pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, especialista em arte sacra

e liturgia que deixou trabalhos significativos espalhados por praticamente todo o País, com destaque principalmente para a Basílica Nacional de Aparecida, no Vale do Paraíba, e na região para a Catedral de Nossa Senhora dos Prazeres, em Itapetininga, e o Santuário do Bom Jesus, na cidade de Conchas - e neto do notável artista plástico Benedito Calixto, autor de telas de reconhecido mérito para a historiografia paulista e também para a própria arte sacra, como os murais presente na igreja matriz de São João Batista, na cidade de Bocaina.

A bênção da pedra fundamental, se deu em um domingo, 6 de julho de 1947, quando solene procissão saiu da antiga Matriz e se dirigiu até o terreno da nova, levando junto com a pedra um estojo de metal contendo o original da ata que registrou a acontecimento, depositado a alguns metros abaixo de onde se localizaria o altar-mor. Esta ata contém a assinatura de Dom José Carlos de Aguirre, o bispo de Sorocaba à época, padre Carlos Regattieri, cônego José Ribeiro Viana, padre João de Moraes e dos membros das diversas comissões paroquiais. Iniciou-se, então, intenso e prolongado trabalho para angariar fundos para a construção.

A inauguração festiva da nova Matriz se deu na Solenidade da Imaculada Conceição em 8 de dezembro de 1953, com missa na parte da manhã e, à tarde, solene procissão, com o canto do Te Deum.

No ano de 2000, após uma grande reforma, a igreja foi dedicada no dia 8 de dezembro, em uma missa solene presidida por Dom José Lambert. Após nova restauração e pintura, comemorou-se entusiasticamente o jubileu dos 100 anos de criação da Paróquia, quando foram celebradas, durante um ano (2013-2014), missas mensais em preparação ao grande dia do Centenário, a 16 de junho de 2014, com missa e procissão, precedidas ainda de solene novena.

A Paróquia de São José, de Cerquilho, é hoje composta, além da Matriz, por estas comunidades e capelas rurais: Santa Cruz, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito, São Brás, Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio, Nosso Senhor do Bom Jesus e São Pedro. O padre Thiago Queiroz Alves está à frente da Paróquia, sendo o padre Dirceu Sudário de Freitas o vigário paroquial, auxiliados pelos diáconos permanentes Antônio Carlos Grecchi e Jair Francisco Gomes Júnior.

54 Paróquia de São Benedito e Santa Terezinha, do Bairro Nova Cerquilho

Pouco menos de noventa anos depois da criação da Paróquia de São José, o arcebispo metropolitano de Sorocaba, Dom José Lambert, houve por bem decidir-se pela criação de uma segunda jurisdição canônica em Cerquilho, acompanhando, assim, o crescimento territorial e demográfico do Município, também conhecido como 'Cidade das Rosas', diante da beleza de seus jardins e potencial econômico calcado em forte industrialização. Foi escolhido para sediar a nova Paróquia, instalada a 1º de outubro daquele ano, em meio às festividades religiosas em honra de seus dois co-padroeiros, o bairro Nova Cerquilho.

Além da Matriz, a Paróquia de São Benedito e de Santa Terezinha engloba as capelas de Nossa Senhora Aparecida, Santa Maria (Usina) e Santo Antônio, assim como as comunidades Cristo Libertador, Nossa Senhora do Carmo, Santa Luzia e de São João Batista. Seu atual pároco é o padre José Amaro da Silva, com a assistência do diácono permanente Adilson Ramos Morais.

55 Paróquia de São Roque, de Boituva

A Paróquia de São Roque, do município de Boituva, foi criada pelo primeiro bispo diocesano de Botucatu, Dom Lúcio Antunes de Souza, a 16 de março de 1916, porém a devoção ao considerado também 'santo protetor contra as pestes e as doenças malignas' por ali já era bem presente na segunda metade do século XIX, quando a formação do núcleo começou a ser consolidada, como parte do processo de mudança da economia do Estado de São Paulo para a produção de café e implantação da malha ferroviária para sua exportação desta mercadoria, inclusive com a doação de área para que a Estrada de Ferro Sorocabana construísse, em 1882, a Estação Ferroviária. Era, então, bastante comum encontrar-se capelinhas e oratórios familiares em devoção a São Roque por Boituva. Mas a certeza de que este seria, de fato, o Padroeiro aconteceu somente em 1900, quando o vilarejo em 1906 transformado em distrito de Porto Feliz passava por um surto assustador de febre amarela e um comerciante, Antônio Pereira Ignácio, fez promessa a São Roque de que se a doença sumisse, ele ergueria uma capela como sinal de gratidão. Um ano depois, em 1901, diante da diminuição do número de casos da doença, Pereira Ignácio cumpriu sua promessa e construiu uma capela 4x4 metros na atual rua São Roque. Na capela, como símbolo do ocorrido, foi entronizada a imagem do Santo, que após 43 anos foi transferida para o altar-mor da Igreja Matriz.

Anos mais tarde, em 1915, reuniu-se na primitiva capela grande número de boituvenses, dispostos a lutar pela instalação de uma paróquia em Boituva. Contudo, Dom Lúcio Antunes de Souza definiu algumas condições para que o pleito fosse atendido pela autoridade eclesiástica. A principal delas que o templo fosse ampliado e junto à fu-

tura Matriz construída uma casa paroquial. As providências não tardaram. E, em março de 1916, estava oficialmente instalada a Paróquia de São Roque, que compreendia a Igreja Matriz e a Capela de Santa Cruz.

Atualmente, após mais de 100 anos de história da primeira paróquia de Boituva, sua Matriz guarda, inclusive, cerca de 20 obras do artista ítalo-sorocabano Bruno de Giusti. Entre elas, as mais importantes são as telas de Melquisedec, os Discípulos de Emaús na Ceia e São João Batista, assim como o painel de madeira da glorificação de São Roque.

O atual titular da Paróquia de São Roque, de Boituva, é o padre Edson Roberto Daros, sendo o padre José Brasílio de Oliveira o vigário paroquial. Conta ela ainda com a assistência de dois diáconos permanentes, Antônio José Dias da Silveira e Almir Melaré, e possui em seu território, além da Matriz, mais seis comunidades urbanas e sete rurais.

56 Paróquia de São Francisco de Assis, do Bairro Di Lorenzi (Boituva)

A 2 de fevereiro de 2002, quando a liturgia da Igreja celebrava a Solenidade da Apresentação do Menino-Deus ao Templo, o arcebispo metropolitano de Sorocaba, Dom José Lambert, oficializou a instalação canônica da Paróquia de São Francisco de Assis, que era a segunda, assim, criada em Boituva. Isto em vista da vertiginosa expansão urbana e populacional também verificada no Município a partir dos últimos anos da década de 1970, sobretudo com a chegada de dezenas de novas indústrias e implantação de um número infinito de condomínios residenciais, muitos deles de veraneio, com a Rodovia Presidente Castello Branco rasgando Boituva de fora a fora e encurtando distâncias com a capital do Estado.

A nova circunscrição paroquial com sede em Matriz no Bairro Di Lorenzi, abrangendo região mais à esquerda da Rodovia Castello Branco, procurava, por outro lado, contrabalancear a movimentação eclesial e sacramental em torno da centenária Paróquia de São Roque, mesmo se a princípio, como até os dias atuais, ainda centralizando muito de seus serviços pastorais, litúrgicos e administrativos no Centro, na Capela de Nossa Senhora Aparecida, enquanto as obras de construção da igreja matriz de São Francisco de Assis, no bairro Di Lorenzi, entram em sua fase final de acabamento, sob a orientação e supervisão de seu pároco, padre José Roberto da Guia Azevedo.

Compõem a Paróquia de São Francisco de Assis, de Boituva, ao lado da Matriz de São Francisco de Assis, no Di Lorenzi, e da Capela de Nossa Senhora Aparecida, no Centro, as comunidades de Nossa Senhora de Fátima (Bairro Campo de Boituva), São Pedro e São Paulo (Bairro Recanto Maravilha II), Santo Antônio (Parque das Árvores), São Benedito (Bairro Caçapava), Santa Cruz (Sítio Grande), Santa Adélia (Bairro Santa Adélia), Santa Paulina (Condomínio Vitassay), São José do Pinhal (Bairro Pinhal), São José (Bairro Águia da Castelo), Santo Expedito (Jardim das Palmeiras) e Santa Edwiges (Jardim Egídio Labrocini).

57 Paróquia de Santo Antônio, de Iperó

Independentemente de antigas questões históricas vinculando-a também à criação da Freguesia de São João do Ypanema por Dom João VI, rei de Portugal, em 1817, presente nas origens da instalação também, posteriormente, da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, do Campo Largo (Araçoiaba da Serra), o fato é que o bispo coadjutor e administrador apostólico 'sede plena' da então Diocese de Sorocaba, Dom José Melhado Campos, foi quem, a 23 de junho

de 1967, oficializou a criação da Paróquia de Santo Antônio, de Iperó – que dois anos antes, em 21 de março de 1965, havia conseguido sua emancipação político-administrativa como Município, deixando de pertencer como vila e distrito a Boituva.

O povoado, na realidade, desde o início do século XIX recebia forte influência do desenvolvimento presente na região com a instalação da Real Fábrica de Ferro de São João do Ypanema, porém foi em 1927, com a construção da Estrada de Ferro Sorocabana que trouxe dezenas de famílias de operários ferroviários para as terras mais baixas (e menos valorizadas) do atual município de Iperó, doadas por fazendeiros locais, que se alterou profundamente a geografia humana e igualmente religiosa do território. Inclusive, à época o núcleo ferroviário de Iperó era batizado simplesmente como Vila de Santo Antônio - somente no início dos anos 1960 iniciou-se um movimento popular, liderado por comerciantes e integrantes da comunidade católica da Vila de Santo Antônio em favor da emancipação junto a Boituva.

Um primeiro registro histórico enquanto comunidade católica, por outro lado, data de 1943, quando foi realizada a primeira festa em honra e louvor a Santo Antônio. Os quase 25 anos seguintes trazem informações de que eram os padres de Boituva que assistiam os iperoenses, embora já nos anos 1960 aparecesse a figura memorável do padre Antônio Calixto[45], sacerdote salvatoriano que passara

[45] Padre Antônio Calixto Martins era natural de Jaraguá do Sul, no interior de Santa Catarina, onde nasceu a 11 de novembro de 1928, influenciado pelos pais foi encaminhado ao Seminário dos Padres Salvatorianos, na cidade de Videira, completando seus estudos em Jundiaí e São Paulo. Ordenado sacerdote em 1955 em Santo Amaro, pelo bispo sorocabano Dom Paulo Rolim Loureiro, então auxiliar de São Paulo, trabalhou em muitas comunidades de sua Congregação Religiosa de origem, como na periferia pobre de Fortaleza (Ceará), Vassouras, interior do Rio de Janeiro, Jundiaí e também esteve no Seminário Salvatoriano, em Conchas a primeira vez entre 1957-1958.

a residir no Seminário que sua Congregação Religiosa mantinha na vizinha cidade e, vez por outra, ali estava entre amigos para celebrar na Capela de Iperó. Convidado por Dom José Melhado, aceitou a incumbência de assumir as responsabilidades de titular da nova Paróquia de Santo Antônio, de Iperó, empossado na mesma data de sua criação e instalação.

Padre Calixto, permaneceria em Iperó por praticamente 50 anos como pároco e depois vigário paroquial, com a chegada nos anos 90 do padre Inácio Kriguer, até sua morte a 14 de junho de 2015. Ao lado de padre Calixto, em 1996 padre Inácio começou a construção da nova Matriz, pronta depois de quatro anos e dedicada ao culto divino a 6 de janeiro de 2000 pelo arcebispo Dom José Lambert.

O padre Rafael Paulino de Moraes é, desde 2021, o titular da Paróquia de Iperó, auxiliado pelo diácono permanente João Batista Ferreira. Também já passaram por ali os padres Milton de Campos Rocha, Santo Cândido, José Luiz de Moraes, Edivaldo Martins Machado, Carlos Eduardo de Moraes, Aparecido Carlos dos Passos e Isac Isaías Valle. São, além da Matriz de Santo Antônio, mais dez comunidades, cinco em regiões urbanas de Iperó e cinco em bairros rurais (Nossa Senhora Aparecida, na Bela Vista; Santa Cruz, no Jardim Joseli; Cristo Rei, no Jardim Vitorino; Santa Rita, uma no Centro e outra no Corumbá; São Judas Tadeu, na Vila Santo Antônio; São Roque, no bairro de Bacaetava; Nossa Senhora de Fátima, na Fazenda Ipanema, e São Roque, no Morro), além daquela sediada junto à Capela de São Jorge, no distrito de George Oétterer, que tem como copadroeira Santa Teresinha e que chegou a ser criada como paróquia a título de experiência pastoral, mas voltou a ser incorporada à Paróquia de Santo Antônio em 2021.

Mais recentemente, no dia 19 de março de 2023, depois de quase três meses de fechamento, a Matriz foi reaberta, com seu presbitério completamente reconfigurado. Durante a missa solene, houve também a entronização da relíquia de primeiro grau ('*massa corporis*') do Padroeiro, reverenciado com missas votivas todas as terças-feiras e, no dia 13 de cada mês, com traslado, exposição, veneração, missa e bênção solene com a relíquia.

58 Paróquia do Senhor Bom Jesus e de São Roque, de Jumirim

Jumirim é o mais novo - e o menor e mais longínquo da sede episcopal – município integrante da Arquidiocese de Sorocaba. Antigo distrito de Tietê, conseguiu sua emancipação político-administrativa depois de plebiscito realizado em maio de 1995, com o então governador do Estado, Mário Covas, oficializando sua instalação em dezembro seguinte. O arcebispo Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues oficializou a criação canônica e instalação da Paróquia do Senhor Bom Jesus e de São Roque a 6 de janeiro de 2011, provisionando como seus párocos os padres Willian de Almeida e José Amaro, então recém-ordenados e que aceitaram com alegria e desprendimento o desafio, assumido paralelamente ao paroquiato na Comunidade de São José, na vizinha cidade de Cerquilho.

Historicamente, estão na base da solidificação da comunidade católica de Jumirim – que se iniciou tendo como base econômica a agropecuária, a partir de uma fazenda chamada Barreiro, pertencente ao português Manoel Novaes, que cedeu área para a construção de uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana, dando origem ao vilarejo, que no início do século XX ganhou vida renovada com a chegada de imigrantes italianos e espanhóis também, e hoje tem nas olarias e

cerâmicas sua principal sustentação - os Padres Redentoristas e, a partir dos anos 1960, o padre Emílio Grando, como titular da Paróquia da Santíssima Trindade, de Tietê. Já no final do século XVIII havia duas capelas no lugarejo, a do Senhor do Bom Jesus, situada em área próxima ao local onde hoje está a Prefeitura, e a de Nossa Senhora Aparecida, onde está a praça central de Jumirim, construída décadas depois pela devoção dos moradores e onde se reuniam para a reza do terço, novenas e missas a cada seis meses ou mais. Mais adiante, os fiéis decidiram por construir uma igreja maior, com o aumento do número de habitantes, localizando-a no meio do caminho entre as duas capelas, para agradar a todos, dedicando-a ao Bom Jesus. Já o co-padroeiro São Roque surgiu diante da devoção dos pecuaristas da região, que ofertavam animais à Igreja por sua intercessão durante práticas devocionais realizadas no mês de agosto, para pedir proteção contra a peste.

A imagem do Padroeiro Bom Jesus, venerada na Matriz, foi trazida de trem para Jumirim em 1920 e colocada na Capela para ser abençoada no dia 6 de agosto. As missas mensais e a catequese regular começaram na década de 1930, com a chegada dos Missionários Redentoristas e fundação do Seminário Santa Teresinha em Tietê – as missas sempre no quarto domingo e a Catequese aos domingos com as religiosas da Congregação da Providência, presentes no Educandário Rosa Mística, também de Tietê.

Por outro lado, a construção da nova igreja, Matriz desde 2011, começou em 1941 e estava concluída no ano seguinte, deixando-se para ser inaugura durante a Festa do Bom Jesus durante a Festa do Bom Jesus, então realizada na segunda quinzena de dezembro. No domingo 19, antecedendo as cerimônias, uma procissão levou as duas imagens que estavam nas antigas capelas, a de Nossa Senhora Aparecida

conduzida pelas mulheres e a de São Roque pelos homens. A missa sole foi oficiada pelo padre redentorista Isac Lorena, tendo como concelebrante o cônego Alberto Bacili, então vigário da Paróquia de Tietê.

O titular da Paróquia do Senhor Bom Jesus e de São Roque, presentemente, é o padre Miguel Ângelo Bayer Meneghelli e o crescimento de Jumirim, com a instalação do Município e a chegada do Terceiro Milênio, já motivou nestes anos 2000 o surgimento de três novas comunidades ali, junto às capelas de Nossa Senhora das Graças, para atender as áreas rurais, no bairro de Água da Pedra; Santo Antônio, no bairro Entre Rios, e mais recentemente, depois da realização de novas Missões Redentoristas em 2010, a de Nossa Senhora Aparecida, no bairro Morada do Sol.

CENTENÁRIO
ARQUIDIOCESE
DE SOROCABA
1924-2024



ARQUIDIOCESE de SOROCABA

ISBN: 978-65-89550-22-8